COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



OSEIAS

John L. Mackay



EMANUENCE DIGITAL

AVISO:

Este módulo foi construído para uso pessoal.

PROIBIDA A VENDA DO MESMO.

Caso você tenha condições financeiras para comprar o livro impresso, pedimos que abençoe o autor adquirindo a versão em questão.

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO

OSEIAS

John L. Mackay

Comentários do Antigo Testamento - Oseias © 2015, Editora Cultura Cristã.
Título original em inglês *Hosea Mentor Commentary* © 2012, John Mackay.
Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd.
Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2015 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial
Antônio Coine
Augustus Nicodemus Gomes Lopes
Cláudio Marra (*Presidente*)
Heber Carlos de Campos Jr.
Misael Batista do Nascimento

Produção Editorial
Tradução
João Artur dos Santos
Revisão
Claudete Água

Tarcízio José de Freitas Carvalho
Ulisses Horta Simões
Valdeci da Silva Santos

Filipe Delage
Sandra Couto

Editoração
Assisnet Design Gráfico

Capa
Magno Paganelli

M153c Mackay, John L.

Comentários do Antigo Testamento – Oseias / John L. Mackay; raduzido por João Artur dos Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2015

432 p.: 14,0 × 21,0 cm

Tradução de *Hosea*

ISBN 978-85-7622-539-3

1. Comentário 2. Estudo bíblico 3. Exegese I. Título

CDU 2-277

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
1. Os profetas de Israel
2. O fim do reino do norte
3. O profeta e seu ministério
4. Composição e estilo
5. Temas teológicos

COMENTÁRIO
I. Um casamento desfeito (1.1–3.5)
II. Esperando pelo arrependimento (4.1–6.3)
III. O povo sem memória (6.4–11.11)
IV. A resolução final (11.12–14.9)

Abreviaturas
Obras citadas

INTRODUÇÃO

Oseias é um livro sobre o amor divino confrontando a perfídia e os erros. O profeta foi enviado a ministrar para um povo espiritualmente endurecido e desviado que havia virado as costas para Deus. Mas a graciosa maravilha mostrada nesse livro é que o SENHOR não respondeu de acordo com as atitudes e ações do povo abandonando-os como eles o haviam abandonado. O poder restaurador e perpétuo do seu amor é registrado em termos de duas histórias que espelham a si mesmas. Uma narrativa (encontrada nos capítulos 1 e 3) mostra como o SENHOR mandou que o

casamento de Oseias refletisse o seu relacionamento com Israel. Nós aprendemos, algum tempo depois, que quando a esposa do profeta o abandona, ele foi instruído a dar todos os passos para trazê-la de volta. Assim, o próprio Oseias vivenciou a dor de ter uma esposa infiel. Consequentemente, quando ele falou à nação não o fez de maneira neutra, em termos abstratos, mas com o calor e a sabedoria daquele que conhecia a angústia de um coração ferido e a dificuldade de recuperar aquela que havia se desencaminhado por vontade própria.

A ênfase mais importante do livro, no entanto, está na segunda história registrada nele, mostrando a relação do SENHOR com seu povo infiel. Eles haviam sido atraídos pela riqueza material e pela cultura pagã e religião dos povos ao seu redor. Uma das tarefas de Oseias era alertar o povo sobre a gravidade da sua má conduta e assim apelar para que eles retornassem arrependidos. Se isso não acontecesse, seria inevitável o juízo de Deus sobre eles e isso é explicado em detalhes vívidos para induzi-los a uma renovação do compromisso – uma mudança no coração que não aconteceu nos tempos de Oseias.

Porém, os castigos que Deus enviaria por causa da transgressão e obstinação do povo não são o fim da história, pois o SENHOR não é volúvel como o povo. Seu amor é um amor de compromisso. Apesar do pecado do povo, o SENHOR recusou-se a abandoná-los definitivamente. "Como eu poderia desistir de vocês?" (11.8). Por outro lado, ele também não lançou mão de um amor fraco que aceita um meio-termo em face de um comportamento intransigente e desviado. "Eu cuidarei dele" (14.8) é a garantia de um amor que perdurará em meio a uma prolongada e dolorosa disciplina para alcançar a mudança espiritual que é necessária para a restauração harmoniosa do relacionamento e a entrada numa era de satisfação eterna (1.10–11; 2.23; 14.3–8).

Nesta introdução serão fornecidos detalhes adicionais sobre o contexto da situação do reino do norte de Israel e sobre como Oseias agiu na sua função de profeta ali. Alguns leitores talvez queiram começar diretamente pela explicação. Se isso for feito, deve ser reservado algum tempo no futuro para retornar à Introdução, pois ela fornece um aprofundamento a respeito de vários temas que são recorrentes ao longo de toda a profecia.

1. OS PROFETAS DE ISRAEL

A divisão do reino davídico depois da morte de Salomão em 931 a.C. não foi apenas uma questão política. Ela estava diretamente ligada à vida religiosa das dez tribos do norte que compunham o novo reino de Israel. Para diferenciar seu regime do de Judá e para impedir que os cidadãos descessem ao sul, ao Templo de Jerusalém para adorar, o rei do novo estado, Jeroboão I, estabeleceu algumas mudanças no culto no norte. Ele erigiu dois altares na fronteira do seu domínio, um em Dã no norte e outro em Betel no sul e colocou um bezerro de ouro em cada um deles (cf. comentário sobre 8.5). Ele trocou as datas das festas religiosas (1Rs 12.33) e instituiu um novo sacerdócio (1Rs 12.21; 13.33–34). Essas inovações eram uma quebra das ordenanças do pacto mosaico, ainda que o rei e o povo professassem adorar o SENHOR. Mas a religião oficial do norte havia se tornado sincrética, uma mistura das práticas judaicas genuínas com as práticas de Canaã. Essa exposição das tribos do norte às influências pagãs levou o reino de Israel a uma história de contínuos desvios e rebelião contra o SENHOR.

O SENHOR, entretanto, não abandonou o povo do norte. Ele usou os profetas como seus mensageiros. Por meio do ministério deles, Deus continuou a advertir os israelitas acerca da conduta transviada do povo. Inicialmente, os profetas buscaram a reforma dessa situação no norte falando diretamente com o rei (cf. 1Rs 13.1–10; 14.1–18), mas a crescente irresponsabilidade real levou o SENHOR a orientar os seus mensageiros a falar diretamente ao povo.

Essa mudança fica mais evidente depois de 860 a.C. quando Elias dramaticamente interveio na situação do norte. Os reis da dinastia de Onri (885–841 a.C.) aproveitaram todas as oportunidades para promover Israel como um poder internacional e foram bem-sucedidos em atingir o sucesso econômico e militar do seu reino. Porém, isso foi alcançado por meio da aliança com os fenícios de Tiro, que introduziram um perigo religioso ainda maior para Israel – não apenas o sincretismo de Jeroboão I, mas devoção aberta a Baal, o deus dos cananeus (cf. comentário sobre 2.5). Elias foi chamado para se opor às suas políticas e a disputa no monte Carmelo entre os baalins e a verdadeira devoção a Yahweh marca uma transição importante no movimento profético. Embora o rei e sua corte estivessem presentes, o apelo foi basicamente do profeta ao povo, ignorando o rei. Elias se aproximou do povo e disse: “Até quando vocês coxearão [possivelmente hesitarão] entre duas opiniões? Se o SENHOR é

Deus, sigam-no; se é Baal, sigam-no" (1Rs 18.21). Nessa ocasião o povo finalmente respondeu positivamente, mas na dinastia seguinte – a de Jeú, que foi de 841 a.C. a 753 a.C. – o povo não se converteu ao verdadeiro Yahweismo, mas às práticas sincréticas de Jeroboão I (2Rs 10.31). Por isso, quando Oseias iniciou o seu ministério nos últimos dias de dinastia de Jeú ele precisou enfrentar uma terra que estava confusa quanto à sua religião. A religião do estado continuava a afirmar a sua aliança com o SENHOR, mas a sua prática revelava outra coisa. Além do mais, a situação não era estática. Havia um movimento contínuo de conformismo às práticas e aos pensamentos pagãos.

Antes de deixarmos a era a Elias e Eliseu, é importante observar que não há uma profecia de Elias e uma profecia de Eliseu da mesma maneira como temos a profecia de Oseias e a profecia de Isaías. Os profetas anteriores ao século 9° não deixaram nenhum registro direto. As mensagens que eles foram divinamente instruídos a anunciar foram em sua maior parte dirigidas a pessoas e em situações específicas e elas foram transmitidas com vistas a causar uma mudança imediata de comportamento. Como os profetas posteriores se dirigiram ao povo como um todo, era mais adequado que houvesse um registro público da mensagem deles, para que se tornasse mais amplamente conhecida numa época em que a população estava se tornando cada vez mais alfabetizada (Scanlin 1978).

Além disso, por volta do século 8°, a nação já estava bastante envolvida com a apostasia e o juízo parecia estar inexoravelmente próximo. A mensagem dada a esses profetas olhava para além da catástrofe eminente, para a restauração que o SENHOR traria. Cada vez mais essa mensagem tratava daquele que viria, aquele que seria bem-sucedido naquilo que os reis antes dele não haviam conseguido. À medida que a mensagem dos profetas evoluiu do chamado dos seus contemporâneos à fidelidade ao pacto para a descrição de como o SENHOR ministraria para o remanescente fiel depois do juízo, do mesmo modo também tornou-se mais importante que a mensagem profética fosse preservada por escrito para as gerações futuras. Isso possibilitaria que eles discernissem a mão do SENHOR agindo na história de sua nação. As advertências anteriores não foram ameaças vazias, mas foram cumpridas com todas as suas duras consequências. Mesmo assim, ela abriu a porta para a esperança de que Deus cumpriria as

promessas feitas por meio dos profetas e traria a bênção verdadeira e completa para a nação.

2. O FIM DO REINO DO NORTE

Não há qualquer afirmação explícita sobre a data do início ou do fim do ministério de Oseias. No entanto, a sua mensagem inicial registrada em 1.2–5 sugere que a dinastia de Jeú ainda reinava sobre Israel e isso está de acordo com a menção de Jeroboão II em 1.1. As datas para os reis de Judá e Israel continuam a ser objeto de controvérsia, mas uma vez que a obra de Edwin R. Thiele tem se mostrado robusta e amplamente consistente com a Escritura, uma versão desse esquema de datação com pequenas modificações será adotada aqui. Com base nele, o ministério de Oseias pode ser considerado como tendo se iniciado por volta de 755 a.C., vários anos antes da morte de Jeroboão.

Quanto a determinar quando o ministério de Oseias terminou, pode ser que o Salmã que ele menciona em 10.14 seja Salmaneser V (727–722 a.C.) sob cujo reinado Samaria caiu. Igualmente, a descrição em 12.1 se encaixa bem com as intrigas diplomáticas do reinado turbulento de Oseias (732–723 a.C.). Porém, embora a queda de Samaria e o exílio do povo sejam claramente prenunciados nessa profecia, não há nenhuma indicação clara de que tenha ocorrido, e o livro não exige que Oseias estivesse vivo para testemunhar o colapso da cidade. Consequentemente, o livro pode ter alcançado a sua presente forma antes de 722 a.C. Os cenários vislumbrados por comentaristas anteriores (até mesmo do período patrístico) apresentam o profeta fugindo para Judá e lá escrevendo as suas memórias, mas isso provavelmente se originou da menção de Ezequias em 1.1 e da pressuposição de que isso aponte para o fato de Oseias estar vivo depois da ascensão de Ezequias em 715 a.C. Contudo, evidências persuasivas indicam a corregência entre Ezequias e seu pai iniciando em 729 a.C. e com base nisso é mais plausível aceitar que o ministério de Oseias tenha terminado na primeira parte do reinado de Ezequias (quando ele era corregente, isto é, um consorte subalterno de seu pai) e antes da queda de Samaria (McFall 1991:33–34).

Essa discussão indica claramente a impossibilidade que temos de estabelecer com alto grau de confiança e precisão as datas do início ou do fim do ministério de Oseias. De igual modo, é incerta a datação de passagens particulares na profecia. No entanto, a inexistência de dados

cronológicos claros não deve ser mal compreendida. Não devemos crer que o que Oseias tinha para dizer tivesse um significado tão geral que as circunstâncias do seu tempo fossem irrelevantes ou secundárias para a interpretação do texto. Longe disso. A mensagem de Oseias está diretamente ligada às condições da sua época a aos incidentes que ocorreram naquele tempo. Porém, informação específica sobre o que estava acontecendo já estava disponível aos seus contemporâneos; o profeta não precisou dar-lhes maiores informações; o que ele poderia e deveria fazer era confiar na avaliação divina dos movimentos e acontecimentos.

Para entender a mensagem original do profeta e aplicá-la a nós mesmos ou a outros no futuro é melhor edificar do modo mais completo que conseguirmos um quadro do pano de fundo em que suas palavras foram pronunciadas. Nossa incapacidade de ligar toda e qualquer referência precisamente não retira o valor de conhecer as circunstâncias gerais em curso. Para alcançar isso, será útil considerar o ministério de Oseias como tendo ocorrido durante três fases, que por vezes se sobrepõem, no período que levou ao fim do reino do norte.

(a) Um período de prosperidade

Quando Oseias foi chamado para ser profeta no fim do reinado de Jeroboão II, o reino do norte havia desfrutado de um período de grande prosperidade econômica devido à sua influência política na região, chegando próximo do nível salomônico. Essa bênção havia sido divinamente prometida por meio do profeta Jonas. Em 2Reis 14.25 lemos sobre Jeroboão que “restabeleceu ele os limites de Israel, desde Lebo-Hamate até o mar de Arabá, segundo a palavra do SENHOR, o Deus de Israel, que ele falou pelo seu servo Jonas, o filho de Amitai, o profeta, o qual era de Gate-Hefer”. Sua zona de influência, portanto, se estendia de Arã central (Síria) até o mar Morto. A ausência de agressões externas e a consequente libertação do pagamento de tributo para poderes estrangeiros deixou Israel livre para desfrutar um superávit gerado pela fertilidade agrícola (2.5,8; 12.8; Am 3.15; 5.11), bem como por receber tributo dos povos vizinhos e de lucrar com as rotas internacionais de comércio que cruzavam seu território. Entretanto, a prosperidade de Israel não os levou a serem fiéis ao SENHOR. Em vez disso, ela acelerou a tendência de adoração a Baal (2.11,13; 4.11,13; 8.13; Am 2.7–8; 5.21–24) e isso foi

acompanhado por um falso sentido de segurança baseado no prestigio militar (cf. 5.5) e nas defesas nacionais (cf. 8.14).

Uma das características positivas desse período foram as relativamente boas relações mantidas com o reino menor do sul, o reino de Judá, sob o reinado de Uzias. Também lá o povo vivenciava um tempo de prosperidade e segurança.

Quando Oseias iniciou seu ministério profético, devemos, portanto, vê-lo como uma voz crítica impopular. Falar de um desastre eminente e de juízo num período de expansão e crescimento era remar contra a correnteza do seu tempo, particularmente entre a elite e os influentes da terra ("Certamente eu me tornei rico"; 12.8). Eles estavam desfrutando da riqueza e do prestígio do reino expandido e não responderam favoravelmente ao desafio para mudarem suas atitudes complacentes.

Oseias, no entanto, não estava sozinho na sua crítica da situação no reino do norte de Israel. Alguns anos antes o SENHOR enviara o profeta Amós do reino do sul, de Judá, para advertir o norte do erro dos seus caminhos. Amós se concentrou particularmente na injustiça e na irresponsabilidade social dos governantes do norte, enquanto a preocupação principal de Oseias era ligar a injustiça e os atos opressivos deles à infidelidade religiosa.

Apesar da agitação social e política que viria sobre o norte, na sua raiz o seu problema era religioso. O progresso econômico inflou a autoconfiança dos líderes da nação e eles se tornaram gananciosos e autoindulgentes. Consequentemente, viraram as costas para Deus, uma atitude que agravou a ira dele contra eles. O sucesso econômico e social era acompanhado pela pobreza e pela injustiça na terra, ao contrário do que exigia a aliança. A diferença entre o rico e o pobre tinha se tornado de tal modo grande que os pobres foram reduzidos à posição de trabalhadores forçados/escravos e as classes mais altas adotando um estilo de vida crescentemente esbanjador. Os ricos estavam prontos para usar a sua nova riqueza de maneira impiedosa, para corromper os vereditos nas cortes: "eles vendem os justos por prata e o necessitado por um par de sandálias" (Am 2.6); "vocês que transformam a justiça em absinto e deitam por terra a justiça" (Am 5.7); "pisam sobre o pobre… recebem suborno e desviam os necessitados no portão" (Am 5.11–12). Os políticos de Israel esperaram encontrar uma maneira de manter o prestígio da nação por meio de uma série de alianças com os poderes estrangeiros, mas essa foi uma política

autocondenatória, pois tratava-se de uma expressão de autoconfiança e rebelião contra Yahweh.

(b) Um período de inquietação interna

Enquanto Jeroboão viveu, ele proveu uma liderança forte o suficiente para manter a coerência política no seu reino. Porém, quando ele morreu em 753 a.C., não houve uma estratégia forte de sucessão e Israel ruiu internamente em partidarismo e disputa.

De fato, seis reis governaram a nação nos 33 anos antes de ela ser eliminada – Zacarias, Salum, Menaém, Pecaías, Peca, Oseias. Mas eles eram indignos da designação de "rei" e o versículo introdutório da profecia nada fala sobre eles (1.1). A maioria desses governantes era de assassinos oportunistas que utilizaram o assassinato como uma arma política, matando seus predecessores para ganhar o trono. Não importa o quanto gastaram com autopromoção ao se cercarem de total pompa real, eles não contribuíram em nada para o bem da terra. Em vez disso, as suas ações enfraqueceram o reino diante dos seus inimigos e apressaram a sua queda. Para as pessoas que cresceram durante os quarenta anos de reinado de Jeroboão essa troca rápida de regimes deve ter sido inquietante e desestabilizadora.

Jeroboão II foi sucedido pelo seu filho Zacarias, mas ele reinou apenas por seis meses. Sua morte marcou o fim de uma dinastia que manteve o poder no norte de Israel desde os tempos da violenta revolta de Jeú cerca de noventa anos antes (2Rs 9–10). Salum, o assassino de Zacarias, reinou apenas um mês antes de ele mesmo ser morto por Manaém, que então tomou o trono (2Rs 15.14). Houve, portanto, quatro reis no período de doze meses. Mas a terra não estava enfrentando nenhuma ameaça externa. A instabilidade que ela exibia era gerada por tensões e corrupção internas.

Ao longo do seu reinado de dez anos, Manaém continuou as políticas religiosas aberrantes que tipificavam o norte (2Rs 15.18). Depois da sua morte em 742 a.C. houve outro período de agitação. Embora ele tenha sido sucedido pelo seu filho Pecaías, depois de curto reinado ele mesmo foi assassinado no outono de 740 a.C. ou no verão de 739 a.C. Seu assassino, Peca, havia mantido um regime em Gileade, a leste do rio Jordão, que rivalizava com o de Manaém em Samaria. Esse é o fenômeno que explica

os 25 anos dados ao seu reinado em 2Reis 15.27 (Sobre toda a terra ele reinou apenas oito anos). Pode ter sido a ameaça constante de Peca que induziu Manaém por volta de 740 a.C. a se submeter à Assíria e a pagar ao imperador "mil talentos de prata, para que sua mão estivesse com ele para fortalecer o controle do reino na sua mão" (2Rs 15.19) – embora sem dúvida a força da agressão assíria também tenha tido parte nisso. De qualquer modo, parece que depois da morte de Manaém, Peca entrou num certo tipo de acordo com Pecaías, que se tornou o segundo no comando (2Rs 15.25). Porém, a aliança não durou e logo Peca tomou o trono em Samaria e implementou políticas que eram contra a Assíria, mais alinhadas com Arã (Síria), de quem estivera próximo por muitos anos.

O governo de Peca sobre todo o reino durou apenas oito anos até que ele mesmo caiu vítima de uma conspiração que pôs Oseias, o filho de Elá, no trono em 732 a.C. O nome de Oseias, o último rei de Israel, é na verdade idêntico ao do profeta. Em inglês, uma diferença na grafia foi estabelecida para distinguir as duas pessoas. O nome significa "salvação" (cf. 1.1) – algo que o rei particularmente deixou de fornecer para o seu povo (13.10). Não está claro por que Oseias se revoltou contra os assírios. Possivelmente isso foi estimulado por intriga dos egípcios. Quando Oseias suspendeu o pagamento de tributos, os assírios reagiram violentamente contra a nação problemática e Oseias foi levado prisioneiro.

Várias datas são dadas para a queda de Samaria, incluindo 722 a.C. e 721 a.C. e mais recentemente 723 a.C. (Young, R. C. 2004). Isso surgiu não apenas pelas confusas cronologias usadas pelos escribas de Judá durante esse período, mas também por causa das reivindicações feitas pelo imperador assírio Sargão II (722–705 a.C.) que ascendeu ao trono em fins de dezembro de 722 d.C. ou talvez no início de janeiro de 721 a.C. Sargão afirmou que Samaria fora capturada no primeiro ano do seu reinado, mas isso tem sido cada vez mais interpretado como um acréscimo posterior aos anais assírios com intenção política. Em vez disso, a cidade caiu no final do reinado do seu predecessor, embora deva ter havido contínuas operações de limpeza no reino do norte, que a essa altura já havia sido incorporado ao império assírio como a província de Samirina. No segundo ano completo de Sargão no trono assírio (720/719 a.C.) houve uma rebelião organizada no norte pela cidade aramaica de Hamá, mas envolvendo em alguma extensão Damasco, Gaza, Egito e outros povos, incluindo alguns guerreiros remanescente da resistência em Israel. Isso

também deve ter contribuído para a percepção de que Sargão esteve envolvido na captura da cidade.

(c) Um período de agressão externa que acabou no colapso

Os assírios já foram mencionados e suas políticas expansionistas foram indubitavelmente a característica dominante da cena política internacional durante a maior parte do ministério de Oseias. Nos primeiros cinquenta anos do século 8° a.C. a Assíria estava preocupada com a segurança do seu território, especialmente por causa de pressões que estava sofrendo ao norte pelos povos Urartu das montanhas e ao leste pela Média. O direcionamento de sua política para o norte permitiu a grande expansão irrestrita dessa zona de influência de Jeroboão que levou Israel a uma grande prosperidade econômica. E também, em nível mais local, havia a fraqueza dos arameus de Damasco depois da derrota que sofreram em 796 a.C. nas mãos dos assírios sob Adad-Nirari III (811–784 a.C.). Qualquer que fosse o poder militar dos arameus que tivesse restado depois dessa derrota, esse poder foi gasto lutando internamente, num conflito ocorrido especialmente entre as cidades-estados de Hamá e Damasco. Foi possível a Israel (e de certo modo em menor escala a Judá) ocupar a posição de poder que estava vacante na região.

Porém, depois de um extenso período de divisão e enfraquecimento, a sorte do império assírio mudou quando Tiglate-Pileser III usurpou o trono em 745 a.C. Ele também é conhecido como Pul (2Rs 15.19; 1Cr 5.26), um nome real que ele assumiu quando posteriormente tomou o controle direto da Babilônia. As suas políticas foram bem planejadas e impiedosamente postas em prática. Ele organizou o exército assírio numa máquina militar mais efetiva. O seu equipamento e logística estavam muito acima do que os seus inimigos poderiam reunir e o próprio Tiglate-Pileser elaborou uma estratégia de deslocamento com a máxima eficiência. Além disso, as conquistas militares foram acompanhadas por uma administração eficiente do império. Um exército pode destruir uma nação, mas a burocracia pode levá-la à extinção. A ideologia assíria suprimiu as culturas e éticas locais nas províncias do império (que não era tão intrusiva quanto a dos estados vassalos; para mais sobre essa distinção, veja abaixo). Em vez disso, eles promoveram a lealdade aos deuses assírios e ao imperador como o representante deles.

As numerosas campanhas militares vitoriosas de Tiglate-Pileser muito provavelmente tiveram início com a tentativa de interromper o comércio entre seu vizinho do norte Urartu com Arã, mas à medida que as vitórias o fortaleceram, ele desenvolveu uma elaborada política para expandir o controle da Assíria tanto quanto fosse possível. Os governantes locais que rejeitaram, ou se negaram a continuar a se submeter às condições impostas pela Assíria, foram impiedosamente suprimidos. Já fazia algum tempo que a Assíria tinha interesse em controlar a região sírio-palestina não apenas pelos seus recursos naturais (a madeira do Líbano sempre pareceu atraente para a desflorestada Mesopotâmia), mas também por causa das rotas de comércio que cruzavam a área e pelo prêmio que estava além dela – o Egito.

Tiglate-Pileser primeiramente ocupou a região sírio-palestina em 743 a.C. O norte da Síria e a área central ao redor de Hamá se tornaram províncias assírias, mas pareceu bem a Tiglate-Pileser nesse período não anexar a parte sul ao seu território. Ele permitiu que os governantes locais, dentre eles Manaém de Samaria e Rezim de Damasco, continuassem a governar sob a condição de pagarem tributos. Isso marcou o primeiro estágio da política expansionista da Assíria para estender o seu controle sobre a área. Um reino se tornava um estado vassalo/tributário com permissão para manter sua forma tradicional de governo e sua independência nominal, mas tinha que contribuir com somas substanciais para os cofres do império.

No que diz respeito a Israel, sabemos pelo Antigo Testamento (2Rs 15.19–20) e pelos próprios anais de Tiglate-Pileser que Manaém pagou tributo à Assíria (*ANET* 283), talvez numa tentativa desesperada de fortalecer a sua posição interna (cf. a seção *(b)* acima). É interessante observar que quanto aos escassos recursos da nação, sessenta mil proprietários de terras foram forçados a pagar o tributo imposto sobre a terra (2Rs 15.20) e que mais tarde Sargão registrou que 27.290 foram deportados de Samaria e da planície ao seu redor na conquista final do território (*ANET* 285).

Em Israel, Peca assassinou o filho e sucessor de Manaém e tomou o trono em fins de 740 a.C. (2Rs 15.25). Por algum tempo antes disso, Peca havia controlado o território a leste do Jordão e mantinha um relacionamento de amizade com Rezim de Damasco. De fato, muitos supõem que ele era cliente de Rezim e que confiava nele para apoiá-lo.

Juntos, eles formaram o que é conhecido como a aliança siro-efraimita e iniciaram a ameaçar Judá (cf. 2Rs 15.37) na medida em que Rezim procurava se expandir para o sul (cf. 2Rs 16.5–6). Essas políticas expansionistas foram repentinamente interrompidas quando Tiglate-Pileser retornou à região em 734 a.C. Ele primeiramente se deslocou para a região costeira para atacar os filisteus no sudoeste, provavelmente como uma advertência para que os egípcios não interferissem. Por volta dessa época, a guerra siro-efraimita aconteceu, talvez porque Rezim e Peca, ao não terem conseguido obter ajuda de Judá contra a Assíria, decidiram não arriscar ser atacados pela retaguarda e marcharam para o sul para depor Acaz, rei de Judá e instalar um regime solidário em Jerusalém (cf. Is 7). Acaz apelou para ajuda de Tiglate-Pileser e depois de ter pagado tributo aceitou o primeiro estágio do domínio assírio (2Rs 16.8).

Os assírios, então, dirigiram sua atenção para Arã e Israel – eles muito provavelmente teriam feito isso mesmo sem o pedido de proteção de Acaz. Em 733 a.C. a maior parte do reino do norte foi feita vassalo da Assíria com a anexação de Gileade, Galileia e Naftali (2Rs 15.29; *ANET* 283–284). Esse representou o terceiro estágio da dominação no qual o território era reduzido a uma província do império assírio e tinha um governante assírio. Toda a Galileia e a planície de Jezreel se tornaram a província de Megido. A planície na costa sul do Carmelo se tornou a província de Dor. A Transjordânia se tornou a província de Gileade. Muitos dentre a população, principalmente as classes mais altas, foram deportados. O reino de Israel foi reduzido a uma área de aproximadamente um terço do seu tamanho anterior, tornando-se apenas um encrave centrado em Samaria que incluía a planície do território de Efraim.

No ano seguinte (732 a.C.) os assírios completaram a sua conquista de Arã ao destruir Damasco, matando Rezim e deportando os outros líderes para Quir (2Rs 16.9). Ao mesmo tempo, em Samaria Peca foi assassinado por Oseias e Tiglate-Pileser ficou satisfeito em reconhecer Oseias como seu vassalo, mais uma vez mediante o pagamento de um tributo substancial (2Rs 15.30; *ANET* 283–4). O restante do reino persistiu em condição precária por mais de uma década sob essa situação, o segundo estágio da dominação assíria na área: troca de regime com um novo governante nativo, mas com um reino reduzido.

No entanto, a lealdade de Oseias à Assíria era frágil. Embora por algum tempo ele tenha pagado tributo a Salmaneser V (727–722 a.C.), filho e

sucessor de Tiglate-Pileser (2Rs 17.3), Oseias envolveu-se numa intriga política para assegurar a ajuda do Egito (cf. 12.1) e por isso deixou de pagar o tributo anual à Assíria (2Rs 17.4). Os assírios o aprisionaram por sua rebelião e Salmaneser cercou Samaria por três anos antes de tomá-la (2Rs 17.5; 18.9–10). Veja o ponto *(b)* acima para uma discussão sobre precisamente quando a cidade caiu. O restante da terra foi então submetido ao terceiro e final estágio de domínio da Assíria. A região não tinha mais um governante nativo. Seus habitantes foram deportados para a Mesopotâmia (2Rs 17.6) e pessoas de outras nacionalidades foram estabelecidas no seu território (2Rs 17.24), que havia então se tornado a província assíria de Samirina.

3. O PROFETA E SEU MINISTÉRIO

Pouca informação biográfica foi preservada sobre Oseias. Como o seu contemporâneo, Amós, Oseias foi um profeta para o norte de Israel. Amós, porém, era do sul vindo de Tecoa nas terras altas de Judá e para lá retornou depois de um breve ministério no norte (Am 1.1; 7.14–15). As indicações que existem apontam para Oseias como sendo um homem do norte e cujo ministério se estendeu por pelo menos trinta difíceis anos durante um período desafiador e às vezes desastroso para Israel.

O nome do seu pai é registrado como o de outro modo desconhecido Beeri (1.1). Ao identificá-lo com um chefe rubeanita de nome Beeri que foi deportado por Tiglate-Pileser, a tradição rabínica acredita que Oseias veio da tribo de Rúben. Essa ligação é frágil e sem substância.

Davies (1993:14), com base no fato de ter concluído que era necessária a menção da origem do profeta apenas se ele não tivesse vindo da capital, argumenta que Oseias pode ter sido um nativo da cidade de Samaria. Mas, novamente, isso é apenas conjectura, embora a conclusão seja um tanto plausível. Oseias era certamente muito bem versado nas Escrituras, tinha um bom conhecimento das questões políticas da nação e era um perito no uso da língua. Essas características são consistentes com a ideia de um cidadão bem-educado da capital, Samaria, mas isso também carece de provas.

A ocupação de Oseias é desconhecida. R. K. Harrison (1969: 859) menciona – e desqualifica – a sugestão de que ele fosse um padeiro (inferência feita dos detalhes dados em 7.4–8) ou um fazendeiro

(inferência feita pelas inúmeras comparações agrícolas). Do mesmo modo, propostas de que ele era de uma família sacerdotal carece de provas.

Inferências um pouco mais embasadas podem ser feitas da menção de "nosso rei" para se referir ao rei de Israel em 7.5. Embora essas palavras possam ser uma citação irônica do discurso de outros, é totalmente possível que elas reflitam a própria origem do profeta e sua lealdade. Em todo o livro, seu foco é apenas no norte. Ele nada diz sobre Jerusalém e sobre as outras cidades do reino do sul de Judá e há uma única referência à linhagem real de Davi (3.5). Os nomes contemporâneos dos lugares mencionados por Oseias são, com uma exceção, todos no norte ou no leste: Jizreel, Gilgal, Betel, Samaria, Mispá, Tabor, Sitim, Gibeá, Ramá, Gileade, Siquém, Samaria, Baal-Peor, Bete-Arbel. A única exceção é o vale de Acor (2.15) que se estende na fronteira entre Judá e Benjamim (Js 15.7) e, portanto, está tecnicamente dentro da área do reino do sul.

Além disso, o favorecimento que Oseias faz do norte fica igualmente evidente pelo fato de ele mencionar Efraim 37 vezes e Israel 44 vezes, enquanto o nome de Judá aparece apenas quinze vezes. Embora os estudiosos críticos estejam inclinados a ver muitas, senão todas, essas referências a Judá como inserções posteriores de escribas do sul, elas provavelmente testificam que Oseias tinha conhecimento de como as coisas estavam no sul e também uma preocupação pelo desdobramento das promessas da aliança (veja Garrett 1993:3), mas ele dedicou-se à sua missão e tarefa no norte.

A única área da vida do profeta de que temos mais conhecimento é o seu casamento com Gômer (capítulos 1 e 3), embora nesse caso os detalhes também sejam elusivos. Seu ministério profético provavelmente teve início quando ele tinha 20 anos de idade (uma idade em que a maior parte dos homens jovens já estaria casada). Seu chamado tomou a forma de uma ordem divina para que se unisse a "uma esposa de prostituição", uma expressão que tem sido analisada de várias maneiras (cf. 1.2). Os seus três filhos receberam nomes simbólicos, Jezreel, Lo-Ruchama e Lo-Ammi (1.4,6,9) e é evidente que o seu casamento e os nomes dos seus filhos formaram a base da mensagem que ele deveria transmitir a Israel nos primeiros anos do seu ministério.

Além do mais, embora os detalhes não estejam registrados, seu casamento aparentemente sucumbiu com a deserção da sua mulher, a quem ele precisou resgatar de outro homem (3.1–2). Por causa da sua

experiência pessoal durante os anos turbulentos da desintegração do seu casamento, Oseias conseguiu se identificar com a atitude do SENHOR em relação a Israel. Deus pode confrontar amorosamente os erros que ocorriam na terra e, no entanto, também nutrir a esperança para o bem depois do desastre eminente. Na ausência de arrependimento era inevitável que o juízo acontecesse, mas o juízo não seria a última palavra sobre a situação de Israel por causa da contínua fidelidade do SENHOR ao pacto que ele estabeleceu.

Oseias estava tão envolvido na situação da sua própria nação que ele não registra nenhum oráculo acerca de outras terras como fizeram Amós ou Isaías. Como Amós, Oseias estava consciente dos problemas socioeconômicos que resultaram do abandono por parte de Israel dos padrões pactuais (cf. 4.1–2), mas o foco da sua crítica era a concomitante insensibilidade espiritual e a obstinação da comunidade. O povo deixou de valorizar o amor que Deus havia derramado sobre eles e se apoderou indevidamente dos dons dados a eles (2.8). Cegados por um espírito de fascinação, e entregando-se à perversão cananeia (4.12; 5.4), eles trouxeram a condenação sobre si mesmos (7.13; 9.9; 13.6,16).Mesmo assim – apesar de toda a sua provocação e perdição – o SENHOR, por meio de juízo, preparou um meio para o retorno deles (2.14; 11.8–9; 14.4).

O SENHOR chamou Oseias para um ministério difícil e desafiador no qual ele teve que pregar contra o comportamento que prevalecia entre os seus concidadãos. Nunca é fácil ou popular se opor ao consenso da sua época. Contudo, é provavelmente errado ver Oseias como uma figura totalmente isolada. Pouco antes de Oseias, Amós desempenhou um breve ministério profético no norte, até que ele foi ordenado a deixar o território devido à oposição oficial (Am 7.10–17), o que pode muito bem ter acontecido por sua mensagem ter sido apoiada por alguns da comunidade. Afinal de contas, um século antes na história do reino do norte, Elias pensou estar sozinho, mas o SENHOR revelou que havia sete mil que não haviam sucumbido às pressões para adorar Baal (1Rs 19.18). Um remanescente semelhante, sem dúvida alguma, perseverava na resistência ao descaminho da adoração a Baal e mantinha a sua lealdade ao SENHOR nos tempos de Amós e Oseias. Em certa medida, eles formavam um grupo que estava pronto para receber com júbilo a mensagem do profeta.

A percepção de que Oseias não precisava ser uma voz solitária de protesto e advertência é intensificada por evidência arqueológica. Já fomos

claros sobre a extensão da expansão de Jerusalém no reinado de Ezequias para acomodar o influxo de refugiados do norte. Entre aqueles que optaram por fugir para o sul (em vez de para áreas como Edom, ou Moabe, ou até o Egito) estavam aqueles que eram simpatizantes da situação religiosa do sul. Podemos muito bem vislumbrar que alguns dentre esses refugiados estavam entre os que valorizaram o ministério de Oseias e que levaram o registro dele consigo. É igualmente possível traçar a influência de Oseias nos profetas posteriores, como Jeremias, o que aponta para o fato de que o ministério de Oseias continuava a ser apreciado.

4. COMPOSIÇÃO E ESTILO

(a) Os profetas menores

Os últimos doze livros do Antigo Testamento na Bíblia são comumente chamados de Profetas Menores. Essa designação não tem a intenção de diminuir a importância da mensagem que eles transmitiram ou o impacto dos ministérios que descrevem; em vez disso, ele foi cunhado por causa do tamanho dos livros escritos por esses profetas. Mesmo quando combinados, não se tornam maiores do que um dos três profetas maiores: Isaías, Jeremias e Ezequiel. No cânon hebraico, os profetas menores são chamados de "Livro dos Doze", provavelmente porque as suas pequenas obras poderiam ser escritas num único rolo, que seria confortavelmente colocado ao lado daqueles dos três profetas maiores.

O primeiro lugar dentre os Doze foi dado a Oseias. Isso certamente não aconteceu por ele ser mais antigo do que os outros profetas no Livro dos Doze. Os ministérios de Jonas e Amós o precederam e há estudiosos que argumentam que os de Joel e Obadias também. No que concerne à apresentação tradicional do cânon das escrituras, o que é normativo – por ser uma questão de inspiração divina – é o conteúdo dos livros. A ordem em que eles são organizados é geralmente considerada uma questão de conveniência humana em vez de imposição divina.

Mesmo assim, não é sem propósito perguntar por que os escribas antigos organizaram esses livros do modo como o fizeram. Uma evidência pode ser encontrada na Septuaginta (LXX), a tradução grega do Antigo Testamento produzida no século que se seguiu a 250 a.C. Nela os primeiros seis livros dos Doze são encontrados na seguinte ordem: Oseias, Amós, Miqueias, Joel, Obadias e Jonas. Presumivelmente, isso reflete a

tradição encontrada em Alexandria quando a Septuaginta foi traduzida. O arranjo posterior do conteúdo do Livro dos Doze é encontrado nos manuscritos judaicos, que embora retenha a progressão histórica geral, também foi influenciada pela consideração de tamanho dos livros e do conteúdo deles. O fato de Oseias ter sido colocado em primeiro lugar dentre esse primeiro grupo de seis profetas é provavelmente uma questão de tamanho – seus escritos são os mais substanciais, à parte do livro posterior de Zacarias.

(b) Um autor ou muitos?

Muitos dos estudiosos atuais são céticos a respeito do quanto a profecia de Oseias, na sua forma atual, pode ser diretamente relacionada ao profeta que viveu e ministrou durante os últimos anos do reino do norte. Em vez disso, argumenta-se que houve um processo de composição que começou com os refugiados de Israel que migraram para o sul levando consigo várias notas e registros do ministério de Oseias. Grupos de escribas posteriores de Judá olhando para traz, para o ministério do profeta do norte, reuniram e organizaram o material, talvez depois da retirada do exército assírio em 701 a.C. ou possivelmente num período ainda posterior. Os primeiros críticos consideraram muitas passagens como acréscimos posteriores com base na percepção que tinham de que os profetas originalmente apenas pregaram mensagens de juízo e que as passagens positivas foram subsequentemente acrescentadas para equilibrar a sua obra (p. ex., Harper 1905: cliii). Outros argumentaram que as referências a Judá no livro foram contribuições de redatores judeus posteriores pelo fato de a obra do profeta estar originalmente preocupada apenas com o norte. Nessa perspectiva, a estrutura literária do livro não deriva do próprio Oseias e o público primário do texto finalizado era o círculo judaico para o qual esses escribas escreveram.

No entanto, não há evidência conclusiva que apoie os modelos atuais de análise da profecia como uma aglomeração de textos de vários colaboradores. Não sabemos quando e como o livro foi composto. O texto não é intercalado com informações históricas, como as encontradas em Ezequiel e Ageu, nem mesmo contém alusões que podem ser prontamente identificadas com acontecimentos conhecidos por meio de outras fontes. Consequentemente, é impossível apontar cenários detalhados como o pano de fundo da profecia. Mesmo assim, não há nenhuma razão persuasiva

para abandonar a hipótese tradicional, derivada de 1.1, de que tanto o conteúdo do livro como a sua estrutura literária se originaram do próprio profeta e que não há qualquer progressão histórica de um material primário para um material posterior. Isso fornece uma base coerente e razoável para a análise da profecia.

(c) A transmissão do texto

O texto de Oseias originou-se de uma maneira ou de outra no reino do norte, e foi depois levado para Judá onde os escribas repetidamente o copiaram ao longo dos séculos. Andersen e Freedman, que escreveram um comentário importante e extenso sobre Oseias para a série Anchor Bible, afirmaram que Oseias compete com Jó pela distinção de conter o maior número de passagens incompreensíveis entre todos os outros livros na Bíblia Hebraica (1980:66). O veredito deles reflete o estado do texto hebraico (MT) legado a nós pelos massoretas, estudiosos judeus que estiveram ativos do século 7° ao 10° d.C. É especialmente verdadeiro quanto aos capítulos 4 a 14 que, num grande número de passagens, o texto hebraico é difícil de entender na sua forma atual. Algumas dessas incógnitas podem ter estado presentes desde o início, uma vez que o estilo de Oseias é frequentemente elíptico e obscuro. Em outros lugares, pode ser o caso de que alguns escribas do sul lutaram para entender a dicção e gramática nortista de Oseias. As tentativas deliberadas deles de transmitir um texto relevante podem ter introduzido alguns problemas que não estavam originalmente presentes, o que é totalmente diferente das corrupções acidentais que são inerentes ao contínuo processo de cópia dos manuscritos através de um longo período de tempo.

Algumas traduções e fontes antigas podem ajudar a resolver alguns problemas textuais: a Septuaginta grega (LXX, do 3° século a.C. em diante), os Targuns aramaicos (do 5° século d.C., mas refletindo tradições judaicas anteriores), a Peshita siríaca (possivelmente do 2° século em diante) e a Vulgata latina (4° século d.C.). O texto hebraico pré-massorético consistia apenas de consoantes às quais o leitor tinha que acrescentar as vogais para reconstituir o texto. Essas versões em outras línguas registram como os tradutores leram o texto (consoantes e vogais) e todas elas antecedem o texto massorético atual (com a adição de vogais). Eles podem, portanto, fornecer vislumbres do texto hebraico que os tradutores tinham diante de si quando trabalharam e também quanto ao

significado conferido ao texto. Na maioria das passagens, a Septuaginta apoia a leitura do texto massorético.

Os massoretas não acrescentaram apenas vogais ao que antes era apenas um texto consonantal, mas também indicaram o que hoje podemos considerar serem as sentenças e os parágrafos. A existência desses marcadores de parágrafos nos ajuda a entender como os massoretas analisaram a estrutura do texto. Os nossos capítulos e versículos têm sua origem bem mais recentemente, mas em geral os versículos refletem a estrutura de sentenças do texto massorético. Há três lugares em que a divisão de versículos na nossa versão contemporânea diverge do texto massorético.

1.10–11 (MT 2.1–2) e 2.1–23 (MT 2.3–25)
11.12 (MT 12.1) e 12.1–14 (MT 12.2–15)
13.16 (MT 14.1) e 14.1–9 (MT 14.2–10)

Essas variações são a causa justificada de confusão quando a referência é feita às obras baseadas no texto hebraico. Neste comentário, os números dos versículos do texto massorético não serão utilizados.

Ao tentar compreender o texto de Oseias, os tradutores o retificam em vários níveis. Neste comentário adota-se o ponto de vista de que se for possível encontrar algum sentido no texto hebraico seria necessária uma extraordinária evidência (e não apenas uma predileção erudita para sustentar uma nova teoria) para permitir qualquer mudança. A tradução de certa forma engessada apresentada aqui procura permanecer o mais próxima possível do texto massorético permitida pela nossa língua e pelo bom-senso. Onde outras palavras forem necessárias para a tradução devido às exigências da nossa língua e do estilo, estas serão identificadas entre colchetes. Essas medidas são adotadas para ajudar aqueles que não estão acostumados com o hebraico a acompanhar a discussão tanto quanto possível, mas também para permitir que seja facilmente feita uma conexão entre os comentários e qualquer tradução moderna que o leitor prefira usar.

Também é importante observar que Oseias é citado em vários lugares no Novo Testamento e nenhuma compreensão do profeta pode ser completa sem a consequente relação com a explicação dela. As passagens citadas são: 1.10 em Romanos 9.26; 2.23 em Romanos 9.25; 6.6 em Mateus 9.13; 10.8 em Lucas 23.30; 11.1 em Mateus 2.15; e 13.14 em 1Coríntios 15.55.

(d) Estruturado ou desconjuntado?

Depois de termos considerado o texto de Oseias, é pertinente examinarmos as suas características literárias. Se alguém estuda o livro sob a hipótese de que muitas mãos contribuíram para que ele ficasse na forma que o temos hoje, então chegaremos com facilidade à mesma conclusão de Jerônimo, de que o estilo de Oseias é *commaticus*, isto é, desconjuntado e escrito em pequenas seções que não apresentam uma estrutura de conexões discernível que unifique o material numa composição bem trabalhada. Os comentaristas normalmente concordam que os capítulos 1 a 3, que se concentram no casamento do profeta, possuem uma coerência temática e que, portanto, formam uma única seção. Um consenso semelhante prevalece em relação ao que é dito dos capítulos 4 a 14, cuja análise dos estudiosos tem definido entre quatorze e trinta seções amplamente independentes.

No entanto, considerando a habilidade com que Oseias manipula as palavras (veja-se *(f)* abaixo), é pouco provável que ele não tenha se importado com a estrutura geral da sua profecia. Podemos ter alguma ideia de como ele organizou o seu material examinando a estrutura do material biográfico dos capítulos 1 a 3, que são aceitos como uma única seção literária. Nesses capítulos é possível detectar uma estrutura envelope, ou quiasmo, um esquema literário bastante comum no Antigo Oriente Próximo. As seções exteriores (1.2–2.1; 3.1–5) têm um tema semelhante, que nesse caso é a apresentação da informação a respeito do casamento do próprio profeta, que envolvem a seção central (2.2–23), na qual o foco muda para o relacionamento do SENHOR com Israel. Como era costumeiro num material organizado em estrutura quiástica (que pode conter mais de três seções) é na seção central que está o foco temático.

Além disso, o padrão quiástico não é a única estrutura evidente na primeira divisão do livro. Dentro de cada seção há uma progressão da mensagem de condenação e juízo (1.2–9; 2.2–13; 3.1) para restauração e bênção (1.10–2.1; 2.14–23; 3.2–5). Wyrtzen argumentou habilmente que a forma de apresentação do profeta reforça a sua mensagem central: “uma confrontação divina restauradora intensamente pessoal com Israel” (1984:315). Reconhecer que essa estrutura é apropriada para o tema do livro fornece uma ajuda importante para a compreensão de como as várias partes do conteúdo de Oseias estão conectadas. Do mesmo modo, isso evidencia a obra da mão de um editor (e quem melhor para fazer isso do

que o próprio Oseias?) organizando o material do livro; a análise estrutural mina as tentativas críticas de reordenar o material da profecia e atribuir uma data mais recente a algumas passagens, como aquelas que contêm a perspectiva de restauração futura.

Deixando os capítulos 1 a 3, uma progressão literária semelhante das mensagens de condenação para as de bênção pode ser empregada na análise do restante do livro. O material positivo contendo as promessas divinas encontradas em 11.10–11 e 14.4–8 funciona como seções de conclusão da profecia. A fórmula "declara o SENHOR", embora seja comum no discurso profético é raramente usada em Oseias (cf. 2.13) e por isso sua ocorrência em 11.11 é também um marco importante de quebra do material. Entretanto, a interpretação de 6.1–3 é mais controversa. A detecção nessa passagem de uma declaração positiva, embora ainda não realizada, sugere que depois da divisão inicial, que consiste dos capítulos 1 a 3, três outros blocos de material podem ser identificados (4.1–6.3; 6.4–11.11; 11.12–14.9), cada um deles iniciando com a exposição da transgressão do povo e uma advertência acerca do juízo iminente, mas depois seguindo para fornecer um vislumbre conclusivo do propósito do SENHOR na obra de salvação.

(e) Prosa ou poesia?

Os profetas do Antigo Testamento, em maior ou menor medida, empregaram as convenções da poesia semítica para dar forma à sua mensagem. Não está inteiramente claro por que eles faziam isso. Possivelmente, dois fatores estavam em ação. Uma apresentação poética podia conferir maior respeitabilidade à fala deles, o que refletiria a origem divina da sua mensagem. Em vez de dar a impressão de inventividade ou artificialidade, que alguns associam à expressão poética, o uso da poesia era considerado o indicativo de uma fala precisa e elevada. Outra consideração que deve ser feita diz respeito à sua memorabilidade. Embora a cultura dos dias de Oseias normalmente usasse documentos escritos para transmitir os registros importantes para a posteridade, a maior parte da comunicação era oral. Um discurso estruturado levaria a uma disseminação mais acurada.

A principal técnica empregada pelos poetas semíticos é a de um pensamento cuidadosamente equilibrado (*paralelismo*), em que a segunda parte de uma unidade poética reexpressa o pensamento da primeira parte,

normalmente de maneira sinônima, ou com algumas variações significativas. Oseias apresenta caracteristicamente uma preferência por paralelismo sinonímico, comumente apresentado numa unidade de duas partes, muito embora unidades de três partes possam ocorrer, em geral para iniciar ou concluir uma passagem (Wolff 1974:xxiv). A tradução segue a convenção de representar cada unidade poética hebraica em dois ou três versos da poesia, como é comum, com o segundo ou terceiro verso endentado. Tem sempre se provado impossível preservar em todos os casos a sequência de palavras do texto original para que a divisão dos versos na tradução siga a estrutura hebraica, embora isso tenha sido feito sempre que possível.

Uma vez que não há uma linha divisória clara entre a poesia e prosa emotiva – e os profetas usavam ambas – há visões divergentes a respeito de em que categoria classificar algumas passagens. Isso afeta particularmente os capítulos 1 a 3 de Oseias. As traduções normalmente concordam que a seção central (2.2–22) foi escrita em poesia, embora a REB apresente 2.18–22 como prosa, enquanto a RSV, a NRSV e a ESV assumam 2.16–20 como prosa. Contudo, há divergências mais significativas em relação à linguagem da primeira e da última seções. Como os capítulos 1 a 3 são identificados como sendo predominantemente uma narrativa, entende-se que eles estão apropriadamente em prosa. Com a exceção da REB, que considera as falas do capítulo 3 como poesia, as traduções preferem identificá-las como prosa. A estrutura do capítulo 1 é geralmente apresentada em prosa e a NRSV, a ESV e a NVI seguem isso como regra geral, enquanto outras traduções identificam poesia nessas falas, em sua totalidade na HCSB e na NKJV, e parcialmente na REB e na NASB.

Essas diferenças de apresentação são significativas? Alguns dos primeiros críticos tendiam a considerar as passagens poéticas genuínas e as passagens em prosa como inserções de um redator posterior. Outros consideram que a narrativa dos capítulos 1 e 3 requer uma apresentação em prosa, enquanto as ordens divinas do capítulo 2 seriam mais apropriadamente colocadas em formato poético. A identificação precisa do ponto em que a prosa se torna poesia é algo tão subjetivo que parece inapropriado identificar as falas proféticas e divinas nesses capítulos como se houvesse alguma diferença fundamental entre eles e como se todos tivessem sido apresentados como poesia. Esse ponto de vista é sustentado

por um grande número de estudiosos. Por exemplo, "a forma literária dessa seção [3.1–4] é distintivamente poética. Em nenhuma outra parte do livro o paralelismo é mais acentuado, ou mais perfeito" (Harper 1905:215).

(f) Linguagem metafórica

Oseias é um mestre no uso das palavras e o SENHOR usou essa sua aptidão para assegurar que sua mensagem fosse apresentada a Israel de uma maneira memorável e chamativa, o que era necessário por causa da espiritualidade embotada daqueles a quem ela era dirigida. O profeta emprega muitos recursos retóricos para esse fim, incluindo a surpreendente justaposição de pensamento (p. ex., 1.10; 3.1; 4.1; 6.4), a repetição de palavra e conceitos-chave, perguntas retóricas (p. ex., 2.22; 6.4), homofonia (um jogo de palavras com sons semelhantes, mas não idênticos; como, p. ex., 4.16; 8.9; 9.15), citação de provérbios (p. ex., 4.11,14) e o emprego de outros modos de discurso de sabedoria (p. ex., 14.9), bem como recursos menos comuns como pseudossorites (p. ex., 8.7).

A técnica favorita de Oseias é o emprego de metáforas e símiles para prender a atenção e induzir o pensamento, e ele faz isso mais vezes que outros autores da Escritura. Às vezes, Oseias toma uma metáfora e a explora em detalhe (a mulher adúltera, 2.2–13; ou Deus como um pai amoroso, 11.1–4). Outras vezes, há um efeito caleidoscópico em que uma imagem forte é rapidamente trocada por outra (5.11–15; 7.4–12; 13.3,15; 14.5–7). Avaliar o sentido de uma comparação que o profeta está fazendo leva os ouvintes a olharem o mundo da perspectiva do profeta – que é, obviamente, a perspectiva de Deus – e assim romper com as pressuposições que eles haviam adotado das pressuposições pagãs das culturas ao seu redor. O uso da linguagem metafórica também induz o público do profeta a verificar a sua própria conduta e perspectiva sob um novo ângulo e possivelmente desenvolver uma atitude menos complacente a respeito de si mesmos.

Indubitavelmente, as comparações mais provocativas são aquelas que ele emprega para o SENHOR e Israel. O SENHOR é descrito como marido (2.2), pai (11.1–4), médico (6.1; 7.1; 11.3; 14.4), pastor (4.16; 13.6), passarinheiro (7.12). Há ainda algumas metáforas mais incomuns e perturbadoras para Deus: leão (5.14; 13.7), leopardo (13.7), urso (13.8), orvalho (14.5), um cipreste perene (14.8), uma traça (5.12) e podridão

(5.12). Por outro lado, Israel aparece como uma esposa (2.2–13,19–20), um filho (11.1–4), uma pessoa doente (5.13; 6.1; 7.1; 14.4), um rebanho (4.16; 13.6), uma pomba (7.11), uma revoada de pássaros (7.12; 9.11; 11.11) – essas figuras são em grande parte a contrapartida à descrição do SENHOR. Israel também é comparado a uma jumenta domada (10.11), bem como a uma vaca rebelde (4.16), uma videira (10.1; 14.7), suas uvas (9.10), o vinho do Líbano (14.5), a floresta do Líbano (14.5–6), uma oliveira (14.6), uma mãe em trabalho de parto, bem como um filho ainda não nascido (13.13). Israel é como um pão mal assado (7.8), um arco desajustado (7.16), a nuvem da manhã e o orvalho da madrugada (6.4; 13.3), uma planta seca (9.16), palha ao vento (13.3), fumaça que sai de uma abertura (13.3). Essa variedade de imagens manteria a atenção das pessoas a despeito do quanto elas tivessem se tornado indiferentes em relação à religião.

5. TEMAS TEOLÓGICOS

Como os outros profetas, Oseias não inovou na teologia. Não há dúvidas que sua mensagem foi apresentada dramática e vividamente, mas o seu objetivo não era introduzir novos conceitos ou ensinamentos à fé de Israel. Seu objetivo, em vez disso, era libertar o povo das noções corruptas que eles haviam adotado do pensamento cananeu e reestabelecer uma fé pactual robusta. O pacto recebeu a sua expressão dos tratados internacionais em que os imperadores do Oriente Próximo ditavam os termos pelos quais eles submetiam uma nação ao seu reino ou a colocavam debaixo da sua proteção. Para continuar a desfrutar do favor do imperador, um subordinado ou vassalo tinha que observar perpetuamente os termos do pacto. Do mesmo modo, no Sinai o Senhor, como rei de Israel, constituiu a nação como a sua possessão particular (Êx 19.5–9) e estabeleceu os termos em que seu relacionamento estava fundamentado, termos esses que daquele momento em diante eles estavam obrigados a aderir para que a harmonia fosse mantida entre as partes no pacto. Por isso, o pacto trata essencialmente dos relacionamentos, do vínculo interpessoal que o SENHOR soberanamente estabeleceu entre ele e o povo que ele escolheu. Como porta-vozes do pacto, ou aliança, do SENHOR, os profetas, portanto, estavam reapresentando o que o SENHOR exigia do seu povo e o que ele havia se comprometido a fazer por ele. O relacionamento tinha

dois lados e as obrigações que foram divinamente estabelecidas e se aplicavam a ambas as partes.

Oseias menciona explicitamente o pacto do SENHOR apenas em três ocasiões (2.18; 6.7; 8.1), mas a realidade do Sinai permeia toda a sua obra. Ele tem, por exemplo, uma preferência pelo título "SENHOR" em relação a "Deus" para descrever a deidade (veja sobre 1.7). SENHOR é o nome pactual de Deus (veja sobre 1.9), mas também um nome pessoal, uma característica que é infelizmente obscurecida pelo que se convencionou empregar nas traduções e que também não é mais esclarecida pela transliteração do título como Yahweh. Contudo, a inadequação da tradução não deveria obscurecer a dimensão pessoal do nome e as conotações de familiaridade e intimidade que estão implícitas na fórmula pactual "Eu sou o SENHOR, teu Deus, desde a terra do Egito" (12.9; 13.4). Ele instituiu o relacionamento e determinou a sua estrutura e esses termos foram registrados nas Escrituras que o povo possuía.

É uma das marcas da orientação pactual do pensamento de Oseias que a sua mensagem esteja permeada de referências da Escritura. A avaliação da erudição crítica diverge nesse ponto, pois ela tende a favorecer uma data alguns séculos depois de Oseias para a finalização das Escrituras do Antigo Testamento da forma que o temos hoje. Em vez disso, as reconstruções críticas preferem falar sobre as tradições orais a que Oseias teve acesso, mas que ainda não estavam escritas. Porém, não há nenhuma razão para deixar de lado a visão de que, embora o povo tivesse que ser ensinado oralmente pelos sacerdotes e embora as pessoas também obtivessem conhecimento que era transmitido dentro do círculo familiar, a nação possuía um registro escrito da revelação divina. Ele estava no centro da adoração desde que Moisés colocou o Decálogo na arca (Êx 26.16; 40.20), na qual também foi colocado o Livro da Lei (Dt 31.26). O corpo crescente de material canônico continuou a ser um ponto fixo de referência para a vida da nação. É evidente que o próprio Oseias estava intimamente familiarizado com os cinco livros de Moisés, bem como os registros posteriores. Ainda mais significativo é o fato de ele ter assumido sem hesitar que aqueles a quem ele se dirigia também estavam familiarizados com esses escritos divinamente inspirados, e ele usa isso de duas maneiras importantes: para ressaltar a importância da lei divina para a nação e para lembrá-los das lições que sua história lhes havia ensinado.

(a) A lei divina

O pacto (ou aliança) estabelece o programa do ministério de Oseias. Assim como havia duas partes na aliança – o SENHOR e Israel –, do mesmo modo a mensagem do profeta tem dois temas principais: a atitude do SENHOR para com Israel e a atitude de Israel para com o SENHOR. Considerando primeiramente o último, Oseias se esforça para ressaltar o quanto a conduta de Israel divergia daquela que deveria ser.

Não havia dúvida quanto ao ideal que Israel deveria ter observado. Quando o SENHOR escolheu o povo como o seu próprio povo, ele deixou bastante claro para eles que a obediência à sua voz e a aderência ao seu pacto eram necessárias para que eles cumprissem o seu destino (Êx 19.5–6). Isso não foi expresso apenas em termos gerais, deixando que o povo descobrisse por si mesmo os detalhes de como eles deveriam conduzir as suas vidas apropriadamente. Assim como as ordenanças mais gerais do Decálogo (Êx 20.1–17; Dt 5.6–21), há muitas estipulações específicas encontradas em todo o Pentateuco. Elas não consistiam uma opção de estilo de vida ou conselhos prudentes que eles poderiam adotar na medida em que achassem apropriado. Eram mandamentos, requerimentos não negociáveis que o Senhor do pacto exigia que o seu povo obedecesse. Além disso, como estavam escritas (8.12), essas leis divinas foram permanentemente preservadas e estavam acessíveis à nação como um todo. Eles não poderiam alegar ignorância do que haviam herdado.

Porém, "Israel havia se esquecido do seu Criador" (8.14) e tratava os preceitos da sua lei como "algo estranho" ou estrangeiro (8.12). Eles haviam se esquecido da lei dele (4.6). Como Adão (6.7), eles transgrediram a aliança (8.1), não apenas na fidelidade geral que deviam ao SENHOR, mas em aspectos específicos da sua lei (4.1–2). Eles foram, portanto, condenados pelo seu pecado e a sua iniquidade e a corrupção da sua conduta resultará na punição divina (9.9).

Isso não deveria ser uma surpresa para Israel, pois os termos da aliança sempre foram muito claros. Ser o povo da aliança do SENHOR não era algo fácil. Moisés colocou diante de Israel a escolha entre "a vida e a morte, a bênção e a maldição" e instou-os a "escolher a vida" (Dt 30.19) por meio da obediência aos mandamentos do SENHOR. Há perigos, bem como benefícios, num grande privilégio espiritual, pois "àquele a quem muito foi dado, dele muito será exigido" (Lc 12.48). Se os termos da aliança fossem praticados haveria o gozo das grandes bênçãos. Mas o lado

sombrio da aliança indica que se os seus termos fossem abandonados, a maldição da aliança quebrada seria executada.

Stuart (1987:xxxi–xli), apoiando-se principalmente em Levítico 26 e Deuteronômio 28–32, calculou que, embora houvesse dez tipos de bênçãos pactuais, havia 27 modalidades diferentes de aplicação da maldição pactual. Oseias se apoia extensiva e repetidamente nos castigos ameaçados pela desobediência. A disciplina do SENHOR e a correção viriam sobre os desobedientes (5.2b, 9a comparado a Lv 26.18,28). A queda ocorreria no contexto da imposição divina da derrota (4.5; 5.5b comparado a Lv 26.37). A espada que executa vingança pela aliança destruirá (11.6; 13.16 comparado a Lv 26.25,33;Dt 32.24). Os animais selvagens iriam assolar a terra (2.12c; 5.14; 13.7–8 comparado a Lv 26.22; Dt 32.24).O alimento não os satisfaria (4.10 comparado a Lv 26.26) e a colheita deles seria arruinada (2.9; 9.2 comparado a Lv 26.20,26; Dt 28.28–40). Haveria esterilidade do ventre (9.11,14,16 comparado a Dt 28.18) e a sua população diminuiria (9.13,16 comparado a Dt 28.62). O inimigo viria como um abutre (8.1 comparado a Dt 28.49), e os possuiria (8.3 comparado a Lv 26.36) e a nação vagaria entre as nações (9.17 comparado a Dt 28.41,64).

Talvez, ao serem lembrados dos horrores que vivenciariam na terra quando o SENHOR agisse contra eles, pudesse servir de advertência para o povo acerca do perigo que eles corriam e, assim, os moveria a agirem apropriadamente antes que fosse tarde demais.

(b) A importância da História

Outra consequência da orientação pactual de Oseias é o lugar que ele reserva para os dados históricos quando apresenta a sua mensagem profética. Isso vem do fato de que o SENHOR como Deus da aliança não apenas estabeleceu o padrão para o seu povo, mas também se comprometeu a monitorar a situação e intervir caso algo acontecesse de errado. Deus não é uma deidade distante e desinteressada. Ele é o Deus da História que está ativamente controlando o que acontece. Ele não era apenas "o SENHOR, seu Deus", mas o tem sido "desde a terra do Egito" (12.9; 13.4; cf. 12.13). "Eu sou SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (Êx 20.2) estabelece o fato histórico que fundamenta o direito de Deus de governá-los e é do mesmo modo o principal motivo para a devoção fiel ao Deus da salvação deles.

Há ainda muitas outras passagens nas quais Oseias utiliza seu conhecimento das narrativas do Êxodo e da subsequente peregrinação pelo deserto (2.3, 14–15; 11.1; 12.9,13; 13.5). Ele usa o "Egito" como o resumo da opressão da qual eles escaparam (8.13; 9.3; 11.5). Baseando-se em Números 25.1–5, no que aconteceu em Baal-Peor, ele mostra que logo no início Israel manifestou sua propensão a se envolver com o culto pagão (9.10). Isso não é mero tradicionalismo. Tudo apontava para a declaração permanente de que o SENHOR os tinha como vassalos que lhe deviam lealdade. Eles haviam sido escolhidos por ele e foram cuidados desde o princípio. O SENHOR era verdadeiramente o "primeiro marido" de Israel (2.7) e disso eles nunca poderiam fugir.

Além do mais, o escopo da familiaridade de Oseias com as Escrituras existentes não estava limitado aos quarenta anos de libertação e peregrinação no deserto. Ele mostra conhecimento da narrativa da criação na maneira como descreve os animais em 2.18. "A referência a uma série de animais em 2.18, seguindo a ordem da criação, é um retorno à harmonia que havia na criação" (Rooker 1993:52). Uma alusão semelhante é encontrada em 4.3 e em ambas as passagens há provavelmente ecos da narrativa do dilúvio em Gênesis.

Oseias não hesita em lembrar os seus ouvintes do impacto da conduta de Adão (6.7) e também mostra em 1.10 familiaridade com os termos da aliança abraâmica (Gn 22.17). O seu uso mais extensivo de Gênesis é encontrado, contudo, nas lições que ele tira da história do patriarca Jacó (12.3–4,12). Incidentalmente ele faz isso de uma maneira que, nesse caso, mais uma vez, pressupõe que seus ouvintes eram intimamente familiarizados com o texto no formato canônico.

No que diz respeito às partes mais recentes do Antigo Testamento, Oseias faz menção do vale de Acor (Js 7.26). Ele também faz referência aos "dias de Gibeá" (9.9; 10.9) aludindo aos incidentes depravados e trágicos registrados no fim do livro de Juízes. O uso de Jezreel em 1.4–5 relembrando os acontecimentos que são descritos em 2Reis 9.14–37 é outro exemplo do emprego que Oseias faz de fatos conhecidos com vistas a estabelecer um ponto de partida para interagir com seu público. Há um chamado para se lembrarem da bondade do SENHOR no passado, mas também da própria infidelidade do povo. Israel ainda mantinha o orgulho pela sua história, que eles haviam filtrado pela sua percepção presente. A repetição dos erros nacionais do passado e a rapidez com que Israel

abandonou a fidelidade pactual foram apontadas com a intenção de romper a bolha da autoconfiança arrogante (cf. 13.6) e gerar neles uma reavaliação de sua conduta.

(c) Infidelidade espiritual

A afirmação mais séria que Oseias faz sobre a conduta de Israel é a quebra dos primeiros dois mandamentos por ter adorado outros deuses (cf. 3.1; Êx 20.3) e o uso dos ídolos (cf. 8.5–6; Êx 20.4). Israel não precisava do estímulo das outras nações para fazer isso (cf. o bezerro de ouro em Êx 32.1–10), mas a exposição à sedução dos outros deuses se intensificou quando o povo se estabeleceu em Canaã e conheceu a adoração a Baal, que havia predominado naquela terra por séculos desde antes de Israel ter ido para o Egito, nunca tendo se preocupado em deixar essa prática.

O culto cananeu praticava uma religião natural que não tinha um conteúdo moral, mas que focava nos ciclos climáticos e na agricultura. Baal era proeminentemente o deus da fertilidade, que enviava a chuva no tempo apropriado para assegurar uma colheita abundante. As comunidades cananeias orientadas pela agricultura se esforçavam, portanto, para agradá-lo para assegurar que ele tivesse uma boa disposição em relação a elas. Como o deus que deu e sustentava a vida, a sua adoração era frequentemente associada com a prostituição sagrada (cf. 4.14), o que, como uma maneira mágica de impressionar, era vista como uma lembrança da capacidade de Baal (a palavra significa marido e também senhor, cf. 2.16–17) de tornar a terra fértil. Essa adoração lasciva e sensual era uma armadilha para o lado vil da natureza de Israel. Além disso, tendo saído do deserto como criadores de gado e de ovelhas, ao se estabelecer como um povo agrícola em Canaã, eles tinham a tarefa de distinguir a tecnologia dessa atividade (como, p. ex., a manutenção de terraços nos lados das montanhas) das práticas religiosas e culturais em que ela estava inserida. Os seus vizinhos cananeus teriam argumentado que uma colheita bem-sucedida dependia das técnicas agrícolas apropriadas *e* da adoração ao deus da terra de maneira aceitável. Esse modo de pensar estava inserido na cultura do antigo Oriente Próximo e por isso, antes de o povo entrar na terra, Israel havia sido advertido contra a conformação às crenças e práticas dos cananeus (Lv 18.24–30; Dt 7.1–5).

Contudo, Israel repetidamente sucumbiu à pressão de participar na adoração a Baal. Foi o reino do norte que liderou essa prática. Com o seu

repúdio a Jerusalém e à adoração no Templo lá, uma porta se abriu para a assimilação de outras ideias religiosas. Durante boa parte da história do norte a forma mais comum de religião era sincrética, o que deve ser distinguido do programa aberto de adoração a Baal promovido por Acabe sob a influência de sua rainha fenícia Jezabel. O sincretismo representava o perfil politicamente correto daqueles dias, em que tudo era permitido, exceto fidelidade exclusiva ao SENHOR. Não é que eles repudiassem completamente o SENHOR. Israel clamava adorá-lo (2.8). É certo que havia bezerros de ouro em Dã e Betel, mas eles não poderiam mencionar o precedente de Arão a esse respeito e não estavam eles usando essas imagens para adorar o SENHOR?

O sincretismo, no entanto, muito embora fosse menos ofensivo, igualmente corrompia a fidelidade de Israel ao SENHOR da maneira que Jezabel buscava fazer. Não apenas porque o uso de imagens materiais estava proibido. Havia também o efeito corruptor da concepção que Israel tinha do SENHOR pela constante associação dele com um objeto físico. A percepção que eles tinham da distinção entre o criador e a criatura foi embotada e daí em diante era fácil perder de vista a singularidade do SENHOR. Essa singularidade era o fator determinante no uso da aliança como uma metáfora dominante na religião israelita. Os soberanos do mundo antigo não permitiam que os seus súditos fizessem negócios com os seus rivais. Essa violação da sua majestade e do seu direito de soberania era uma traição aberta e merecia uma rápida punição. De igual modo o SENHOR era único ("não há nenhum outro além dele"; Dt 4.35). Ele exigia fidelidade exclusiva e o afeto permanente do seu povo. Qualquer coisa menos do que isso deixava de considerar quem ele é. Foi por isso que a aliança nunca se tornou popular como uma metáfora religiosa entre as religiões politeístas ao redor de Israel. A visão de mundo deles era tal que havia muitos deuses que poderiam exigir a adoração e o serviço daqueles que habitavam nos seus territórios.

Quando Israel adotou esse modo de pensar, a sua credibilidade como uma das partes na aliança com o SENHOR ficou em frangalhos. Oseias, no entanto, vai além dessa violação dos direitos do SENHOR como o rei da aliança para explorar as implicações do SENHOR como o cônjuge de Israel. Embora essa concepção se fundamente nas muitas expressões antigas da fé de Israel (veja sobre 1.2), o seu uso não se desenvolveu tanto quanto a metáfora do reinado, provavelmente porque ela era passível de ser mal

compreendida nos termos cananeus, isto é, de um modo rudimentarmente físico, em que os adoradores eram em certa medida divinizados e a transcendência de Deus era comprometida. O desenvolvimento dessa metáfora foi provavelmente inibido pela tolerância à poligamia, um conceito que eliminava a compreensão da singularidade do vínculo que o SENHOR instituiu com o seu povo. Oseias é, portanto, levado a reforçar a linguagem de marido, esposa, casamento e noivado, pois ela inescapavelmente representa a dimensão pessoal desse relacionamento. A infidelidade pactual não era apenas a quebra das obrigações solenes para com um rei distante. Era uma ingratidão flagrante e uma injúria pessoal ao seu esposo. O uso que Oseias faz dos termos "prostituição" e "adultério" enfatiza a natureza repugnante da traição de Israel e do sofrimento que eles causaram ao SENHOR.

(d) O compromisso do SENHOR

Havia duas partes na aliança e a apresentação de Oseias estaria lamentavelmente incompleta se tivesse ignorado o papel do SENHOR nesse relacionamento. Fica sempre evidente que foi por iniciativa do amor divino que Israel recebeu um *status* especial. "Quando Israel era um jovem, eu o amei" (11.1) nos apresenta o ato fundamental e constitutivo da graça de Deus. Esse ato é inexplicável no sentido de que nunca é dito o motivo para a existência e o exercício do amor divino. "Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer" (Êx 33.19) e além dessa tela brilhante da benevolência divina a visão humana não pode penetrar. Nada mais pode ser dito além de que o amor do SENHOR existe por sua iniciativa: ele nos amou primeiro (cf. 1Jo 4.10).

A eleição divina do povo não foi apenas uma questão de dádiva inicial de amor; ela também é manifesta no contínuo cuidado e proteção. O SENHOR ordenou as circunstâncias da nação, lidando gentilmente com ela na sua juventude (11.3) e continuando a atraí-la para si "com laços de amor" (11.4). No tempo do êxodo ele os tirou do Egito por meio de Moisés (12.13) e proveu para eles à medida que vagaram pelo deserto (13.5). Ele, então, lhes deu a sua própria terra como residência (9.3), onde ele continuou a derramar copiosamente a fartura sobre Israel (2.8). Quando a nação deixou de responder à sua bondade e transgrediu a aliança, o

SENHOR lidou com eles com longanimidade, enviando as advertências proféticas quanto à sua conduta (12.10).

E então, por meio de Oseias, o SENHOR estava enviando a sua advertência final ao povo. A punição pelo seu mau comportamento não poderia ser contida por mais tempo. O SENHOR não estava impondo o castigo com facilidade, mas de coração pesaroso. Pela intensidade emocional de 11.8–9 temos um vislumbre da tensão causada pela reação do amor divino ao pecado humano. Além do mais, Oseias mostra que a intervenção do amor divino é sustentada pela santidade divina e não (como se poderia esperar), oposta a ela. Ele é o Santo (11.9) que é diferente da sua criação e exaltado em pureza acima dela e da falibilidade dela. No entanto, ele não se aliena da condição da humanidade, nem está indiferente ao sofrimento que o pecado dela trouxe como sua consequência. Seu amor se recusa a ser extinto pela rejeição e seu compromisso não pode ser modificado pela intransigência do seu povo.

O juízo era inevitável, mas sua imposição seria equilibrada e instrumentalizada pelo ato de um amor restaurador. O povo era incapaz de remediar a sua própria situação; no entanto, embora o julgamento não pudesse ser evitado, o SENHOR o usaria para trazer à existência uma nova situação em que os ídolos seriam expurgados do meio deles e o povo ansiaria por um relacionamento restaurado com o SENHOR. Ele agiria como o médico que poderia curar a apostasia espiritual do povo (14.4) e recolocá-los debaixo do seu favor.

(e) A natureza do casamento de Oseias

A natureza do casamento de Oseias tem sido motivo de muita controvérsia. É útil dividir a pesquisa em duas grandes áreas: a natureza dos acontecimentos relatados nos capítulos 1 a 3 e o caráter de Gômer. Esse último assunto será retomado na discussão de 1.2; por ora, a atenção se concentrará no tipo de relato que Oseias apresenta.

Num certo nível, as diferenças sobre a natureza dos acontecimentos registrados não afetam o ensino desses capítulos. O foco está no amor do SENHOR por Israel e na sua determinação de demonstrar esse amor a despeito da má conduta da nação (3.1), mas a ordem para que ele se casasse com uma pessoa que era sexualmente promíscua, provavelmente uma prostituta, tem feito com que muitos se sintam desconfortáveis.

Embora sempre haja aqueles que argumentam em favor da historicidade do casamento de Oseias, através dos séculos muitos intérpretes consideraram que a ordem do SENHOR para se casar com uma "esposa de prostituições" (1.2) levanta muitas questões de cunho moral a ponto de postularem que uma interpretação amenizada dessa história deve ser buscada. Como o SENHOR, que havia proibido os seus sacerdotes de se casar com uma prostituta (Lv 21.7,14) iria aviltar o seu profeta ao requerer que ele fizesse isso? O comentário de Calvino tem sido costumeiramente citado a esse respeito.

> E ainda não nos parece consistentemente razoável que o Senhor tornasse gratuitamente o seu profeta desprezível; pois como poderia ele esperar ser recebido pelo público ao comparecer diante deles depois de ter trazido sobre si mesmo tal desgraça? Se ele tivesse casado uma mulher tal como essa descrita aqui, ele deveria se esconder pelo resto de sua vida e não assumir um ofício profético. (Calvino 1986:44)

Além do mais, essa união parece envolver uma clara violação dos padrões da aliança (Êx 20.14) e no Antigo Testamento o adultério é repetidamente condenado (2Sm 11.1–5; Pv 2.16–19) e severamente punido (Lv 20.10; Dt 22.23–24). Como poderia o SENHOR ter ordenado ao seu profeta a entrar num relacionamento tão comprometedor? Como poderia um profeta que investiu contra a imoralidade sexual ter sido ordenado a se envolver num relacionamento tão escandaloso?

No século 19 Patrick Fairbairn, que desempenhou um papel importante no desenvolvimento da posição conservadora moderna acerca da profecia, chegou a afirmar que todas as ações proféticas eram simbólicas a menos que elas fossem expressamente identificadas como reais (1964:116–120). Ele, portanto, considerava a história do casamento como uma mera ilustração. O renomado teólogo conservador Edward J. Young é conhecido por ter mudado a concepção que tinha sobre a questão. No seu livro *Introduction to the Old Testament*, primeiramente publicado em 1949, ele escreveu: "Na companhia de muitos estudiosos da Bíblia, este escritor tem cada vez mais se convencido de que todo o episódio tem um significado simbólico. Toda a mensagem foi revelada ao profeta, e o profeta relatou essa revelação para o povo. … Essa interpretação simbólica, obviamente, não deixa de ter dificuldades, mas parece ser a correta" (1984:253). Contudo, falando cerca de uma década depois, ele reconheceu que essa sua visão havia pendido para outra direção. "Agora parece que todos os

conservadores adotam a visão de que ela [a história] ocorreu em visão. Eu sustentei essa posição, mas no momento quero dizer francamente que não estou tão certo de que isso está correto. Apesar de todas as objeções que podem ser levantadas contra a visão literal, pode ser que ela tenha sido intencionada" (Young, E. J. 1965:65).

Há, no entanto, muitas passagens em que um profeta é divinamente orientado a se envolver numa atividade surpreendente. Isaías andou por Jerusalém por três anos nu e de pés descalços (Is 20.2–3). Jeremias escondeu a sua roupa de baixo perto do riacho até que ela apodrecesse (Jr 13.1–7) e ele também quebrou um jarro de barro (Jr 19.10). Quanto a Ezequiel, as suas atividades têm atraído muitos comentários adversos (cf. Ez 4–5). Porém, todas essas foram ações simbólicas que materializavam vividamente a mensagem que deveria ser transmitida pelo profeta. Elas foram designadas para atrair a atenção daqueles a quem elas eram inicialmente endereçadas e para levar graficamente a eles a enormidade da sua conduta e o perigo da situação. Alegoria ou visão poderiam ter transmitido a mesma mensagem, mas o elemento imaginário ou artificial dessa técnica teria diminuído o seu impacto.

O casamento de Oseias não é uma narrativa ficcional, criada para contar uma fábula, mas um relato de incidentes da vida real, tão factuais quanto a própria má conduta de Israel. O contexto não indica que Gômer e os seus filhos sejam outra coisa que não figuras históricas e está longe de ser claro que pressupor uma base alegórica ou visionária da passagem elimina os problemas morais. O mandamento divino numa visão ou numa ilustração deve ser compreendido de modo diferente daqueles dados na vida real? Além do mais, logo se torna claro que Oseias não foi ordenado a fazer qualquer coisa com respeito a Gômer que o próprio SENHOR não havia feito em relação a Israel. É sobre esse ponto que toda a ênfase recai. Por meio do casamento de Oseias, o SENHOR apelou ao seu povo que reconhecesse o quanto haviam comprometido o seu relacionamento com ele e apelou para que respondessem apropriadamente.

O casamento foi divinamente intencionado com objetivo de instituir um vínculo permanente e exclusivo entre um homem e uma mulher (Gn 2.24), e assim, ele é igualmente um relacionamento de aliança (Pv 2.17; Ez 16.8; Ml 2.14; conforme o ponto *5 (c)* acima). Dessa maneira, as circunstâncias do casamento de Oseias ilustram vividamente o próprio relacionamento do SENHOR com Israel. Em vez do relacionamento íntimo e harmonioso de

comunhão que poderia ter existido entre as partes dessa união, a infidelidade aconteceu. A infidelidade marital, que é a acusação que é em última análise feita a Gômer, a esposa de Oseias (3.1), é equiparada à apostasia de Israel quando o povo adotou as ideias cananeias de adoração e colocou Yahweh no mesmo nível dos deuses cananeus. O comportamento inconsequente do povo quebrou o vínculo de aliança/casamento e esse tipo de situação não poderia ser tolerado. O SENHOR puniria a desobediência deles e, no entanto, isso seria feito com amor. Ele não abandonaria o seu compromisso e, por meio da disciplina corretiva, conduziria Israel ao arrependimento e os restabeleceria à posição de desfrutar do seu favor.

(f) A restauração de Israel

Fica claro no capítulo 3 que Oseias estava consciente da intenção do SENHOR de tratar Israel de maneira paralela àquela que o próprio profeta foi instruído a impor a Gômer. Primeiramente haveria um período de isolação e privação durante o qual Israel seria induzido a abandonar a sua fascinação pela adoração pagã e retornar em fidelidade ao SENHOR (3.4). Isso foi em certa medida alcançado por meio da conquista da terra pelos assírios e pela subsequente deportação do povo. Como uma entidade política, o reino do norte foi varrido do mapa.

Mais adiante na profecia, Oseias revela que ele também está consciente de que um destino semelhante aguarda Judá. O reino do sul se tornará igualmente objeto da queixa divina (12.2), fará com que o SENHOR fique perplexo com a sua conduta (6.4), tropeçará (5.5), será devastado pelo juízo do SENHOR (5.14) e ceifado na colheita divina (6.11). Além disso, o profeta também foi informado de que a ordem dos acontecimentos envolvendo Judá não era idêntica à dos acontecimentos em Israel, pois Judá vivenciaria por um tempo o alívio divino (1.7). Contudo, quando o tempo da restauração chegasse, tanto os remanescentes do norte quanto os do sul participariam dele (1.11).

As passagens em que as visões concedidas a Oseias se estendem para além do tempo do juízo eminente para o tempo da restauração do povo de Deus permanecem uma fonte de dificuldade para os intérpretes. Uma das abordagens afirma que essas promessas de prosperidade futura foram condicionadas à resposta apropriada à mensagem entregue pelos profetas e que se o arrependimento não acontecesse, as promessas seriam

prescritas. Não devemos, portanto, conferir uma importância permanente a elas. Isso, porém, é negar a mensagem que Oseias apresenta. Embora o juízo seja justamente imposto ao povo transviado, não será permitido que a desobediência deles anule os propósitos de Deus. Ele irá chamá-los e eles irão (11.10–11).

Num certo nível, as promessas de restauração foram cumpridas quando os exilados retornaram a Judá depois do exílio babilônico. "Em Jerusalém moraram alguns dos filhos de Judá e alguns dos filhos de Benjamim e alguns dos filhos de Efraim e Manassés" (1Cr 9.3), de modo que havia repatriados tanto do norte como do sul na cidade restaurada. Porém, a realidade da vida na província persa de Yehud dificilmente corresponde ao escopo e à grandeza do anúncio feito por Deus a respeito da restauração do povo. Deveria haver mais.

Assim como em todas as promessas da Escritura deve-se esperar "mais" em Cristo. À parte dele, o propósito de Deus nunca alcança a sua consumação. A questão que permanece é como esse fim se dará. Há aqueles que sustentam a visão de que as predições do Antigo Testamento acerca da restauração do povo à sua terra e o subsequente crescimento em número (encontrado em Os 1.10–11; 11.10–11) ainda aguarda o seu cumprimento literal num tempo futuro no Israel étnico. Mas quando Paulo examinou a questão do futuro que aguarda os descendentes de sangue de Abraão, ele não falou em termos de uma terra restaurada ou cidade e de um grande crescimento populacional, embora ele tenha revelado que um destino importante ainda está reservado para eles (Rm 11.26). Embora a ascensão dos gentios dentro da igreja cristã possa ter dado a impressão de que os judeus não tinham mais um lugar no propósito divino (e essa impressão seria reforçada pela devastadora destruição de Jerusalém em 70 d.C.), Deus não desistiu do seu antigo povo. Paulo afirma isso usando duas figuras ilustrativas: um pedaço de massa (Rm 11.16) e a oliveira (Rm 11.17–21). Cada figura incorpora uma entidade unificada: *um* pedaço de massa, *uma* oliveira. A incorporação nessa entidade unificada, a igreja de Jesus Cristo, na qual a entrada é possível apenas pela fé no único Salvador, é o prospecto oferecido pelo apóstolo para os seus concidadãos segundo a carne, bem como para os crentes gentios que não estão mais "alienados da comunidade de Israel", mas participam plena e igualmente das "alianças da promessa" (Ef 2.12). Essa visão se harmoniza com a declaração do próprio Cristo: "Eu tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. Devo

trazê-las também, e elas ouviram a minha voz. Então, haverá um só rebanho e um só pastor" (Jo 10.16). Isso está, obviamente, alinhado com a visão de Oseias da "uma cabeça" para o povo repatriado (1.11) restaurado sob o messias davídico (3.5).

As visões concedidas a um profeta como Oseias eram apresentadas em termos da realidade conhecida e visível do povo de Deus no seu tempo. Os símbolos externos da verdade de Deus nos tempos do Antigo Testamento se cumprem agora de outros modos que preservam e ampliam a verdade que eles sempre transmitiram. A adoração não estava mais restrita ao Templo de Jerusalém. O Templo agora se torna real onde quer que o povo de Deus se reúna para adorar: o Senhor está no meio deles. A igreja de Deus não é mais identificada localmente em termos de uma entidade geopolítica. As sombras do passado, as instruções rudimentares apropriadas a uma era anterior a Cristo, não se aplicam mais, mas as verdades subjacentes se cumpriram – e ainda mais. Tanto judeus como gentios estão unidos numa única igreja de Cristo, onde é evidente a profundidade das riquezas da sabedoria e do conhecimento da salvação de Deus (Rm 11.33). A parede hostil de separação (Ef 2.14), que foi derrubada por Cristo, não será restabelecida num período futuro de exclusiva bênção nacional.

COMENTÁRIO

I. UM CASAMENTO DESFEITO (1.1–3.5)

ESBOÇO

A. A família do profeta (1.1–2.1)
   1. Introdução (1.1)
   2. Gômer (1.2–3)
   3. Jezreel: a bênção revertida (1.4–5)
   4. Lo-Ruchama: a compaixão retirada (1.6–7)
   5. Lo-Ammi: a total alienação (1.8–9)

6. Restauração (1.10–2.1)

B. O SENHOR e Israel (2.2–23)
   1. O comportamento indigno de Israel (2.2–13)
   2. A iniciativa de amor (2.14–23)

C. O amor restaurador (3.1–5)
   1. A restauração da esposa de Oseias (3.1–3)
   2. A restauração de Israel (3.4–5)

O relato de Oseias do seu ministério profético inicia com o seu casamento. O profeta registra como Deus ordenou que ele se casasse com uma mulher de caráter duvidoso (1.2) e como filhos nasceram e lhes foram dados nomes simbólicos (1.3–8). Posteriormente ele revela que a sua vida familiar foi destruída por causa da infidelidade da sua esposa (3.1), mas mesmo então, de acordo com as instruções divinas, ele a resgatou e fez tudo o que era possível para restabelecer seu relacionamento com ela (3.2–3). Por trás desse esboço, Oseias é reticente sobre o quanto essa experiência deve ter sido dolorosa e turbulenta para ele. Esse silêncio tem aberto a porta para que haja muita especulação – que tem se provado inevitavelmente inconclusiva. No entanto, não há dúvida de que tanto no que diz respeito à intenção de Deus em arranjar esse casamento, quanto no que diz respeito à lógica de Oseias por iniciar os seus registros proféticos dessa maneira, seu casamento com Gômer serviu a um propósito útil: ele atraiu a atenção dos seus contemporâneos e também das gerações posteriores.

Ainda assim, embora nosso interesse seja naturalmente estimulado pelas circunstâncias conjugais incomuns do profeta, não devemos nos deixar ser desviados do cerne da mensagem do profeta. Além do mais, Oseias foge desse tema para direcionar o foco do leitor para além de si mesmo. Esse parece ser o motivo por que os primeiros capítulos do livro fornecem tão pouca informação pessoal. De fato, depois dos primeiros versículos, Oseias não mais menciona a si mesmo ou Gômer pelo nome. Isso porque não é o mensageiro ou a sua história familiar que são de importância primária. O relacionamento de Oseias com Gômer foi projetado para refletir o relacionamento entre o SENHOR e o seu povo, Israel. Guiado pelo Espírito Santo, o profeta fornece apenas os detalhes necessários de sua própria tragédia doméstica para iluminar a história central, mas não para substituí-la. O que é de importância fundamental é a

avaliação que o SENHOR faz da sua própria união com o seu povo. Eles pecaram de maneira séria e insistente, e consequentemente o terrível juízo da nação era iminente. Em última análise, o casamento que havia sido quebrado não foi o de Oseias e Gômer, mas o do SENHOR e Israel. Contudo, a despeito de tudo o que aconteceu de errado, a visão do profeta repetidamente aponta para a restauração que ocorrerá por causa do compromisso de amor do SENHOR, que não abandonará o seu povo. Essa conclusão estabelece e proclama o veredito final sobre o destino do povo de Deus, que é de modo soberano e irrevogável determinado pela sua graça e sua compaixão.

Oseias dá expressão literária à centralidade do relacionamento do SENHOR com Israel no modo como organiza o material nessa divisão do livro. Os capítulos 1 a 3 têm uma estrutura quiástica simples de três partes (envelope ou cruzamento) em que as duas seções externas, A (1.1–2.1) e C (3.1–5) fornecem a mescla de informações sobre as circunstâncias pessoais de Oseias e a mensagem que o SENHOR desejava transmitir por meio delas. No entanto, na seção central, B (2.2–23), os detalhes do casamento de Oseias desaparecem quase que completamente como pano de fundo e o tema dominante se torna o relacionamento entre o SENHOR e o povo da aliança. Além do mais, cada uma dessas três seções tem um arranjo interno semelhante. Três vezes há um movimento do comportamento pecaminoso do povo e do juízo que virá sobre eles (1.2–9; 2.2–13; 3.1) para a amorosa iniciativa divina que, apesar do desvio espiritual de Israel, efetuará a restauração da nação (1.10–2.1; 2.14–23; 3.2–5). Assim, parece claro que o propósito primordial dessa divisão do livro não é nos familiarizar com os detalhes da vida de Oseias, mas revelar a maneira como o SENHOR preparou a redenção do seu povo apesar da rebelião dele.

No que diz respeito à data da composição desses capítulos, fica evidente que o que é registrado aqui foi posto na sua forma atual algum depois dos acontecimentos descritos. “O início” (1.2) indica que as comunicações subsequentes do SENHOR com Oseias eram conhecidas quando esses versículos foram escritos. Não é possível dar uma resposta definitiva quanto à questão de quem foi responsável por colocar as memórias de Oseias na forma atual. A tendência da erudição moderna se inclina para redatores ou grupos de redatores em datas variadas. Não há, no entanto, nada no texto que elimine a simples hipótese de que foi o próprio profeta

que preparou o registro da sua vida e do seu ministério na forma como o temos hoje.

As mensagens dos capítulos 1 a 3 refletem o período de prosperidade nacional no reino do norte de Israel, o que se encaixa bem com o que sabemos sobre os últimos dias do reinado de Jeroboão. Uma vez que os acontecimentos registrados aqui exigem pelo menos cinco anos, mas muito provavelmente duraram cerca de dez anos, o registro cobriria o que ocorreu entre a metade da década de 750 e 740 a.C., isto é, entre os últimos anos do reinado de Jeroboão e a ressurgência da Assíria sob Tiglate-Pileser (veja *Introdução*, p. 16).

A. A FAMÍLIA DO PROFETA (1.1–2.1)

Depois do cabeçalho inicial (1.1), somos apresentados à esposa de Oseias e aos seus filhos. A sua história familiar incorpora a mensagem de livro todo e, na verdade, a história do reino do norte de Israel. Ao designar uma esposa de caráter questionável para Oseias, o SENHOR usou o profeta para dar uma vívida ilustração da infidelidade do povo a ele mesmo (1.2). Os nomes dos três filhos do profeta pressagiam o juízo que inevitavelmente está vindo sobre a terra (1.4–9). No entanto, quando tudo parece se encaminhar para um desastre irreparável, uma mensagem de esperança e salvação repentinamente irrompe nessa cena sinistra (1.10–2.1). Essa mudança não se origina de nenhuma reparação que Oseias e a sua família pretendam fazer, ou que a nação planeje alcançar. A lição dominante dessa seção é a do propósito controlador do SENHOR, que resgatará e restaurará soberanamente o seu povo. A grande reversão é fruto da graça restauradora.

Não há razão para duvidar de que o relato na terceira pessoa dessa seção pode ser remontado ao próprio profeta. Na sua forma presente ele vem de um período subsequente aos acontecimentos descritos (cf. 1.2), mas é provável que o próprio Oseias tivesse mantido os registros do seu ministério desde os primeiros dias. Para uma discussão sobre a natureza histórica do relato, veja a *Introdução*, p. 36 e sobre a decisão de considerar certos versículos nessa seção como poesia, veja a argumentação na *Introdução*, p. 26.

(1) Introdução (1.1)

1.1 A palavra do SENHOR que veio a Oseias, filho de Beeri, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel.

Esse versículo conduz a atenção do leitor para os elementos que são importantes para o entendimento correto do livro: o documento que se segue é um registro do ministério profético, e a sua importância requer que ele seja interpretado contra o pano de fundo da própria época do profeta.

Oseias difere de Isaías (Is 1.1), Ezequiel (Ez 1.1) ou mesmo do seu contemporâneo Amós (Am 1.1), ao não mencionar a ocorrência de sua primeira visão. Ele simplesmente fala ***da palavra do SENHOR*** (cf. Jr 1.2; Mq 1.1), que se refere ao conteúdo do que, como um porta-voz do SENHOR, ele foi comissionado a proclamar. Embora Oseias tenha pregado várias mensagens ao longo dos anos, o seu ministério foi integralmente relacionado e composto como uma declaração organizada vinda do SENHOR. A palavra ***veio*** se refere ao que teve origem fora do próprio Oseias e foi divinamente revelado à consciência interior do profeta. Desse modo, o que se segue não é uma análise humana ou um comentário social originados de uma pessoa que avalia o destino de sua nação; ao contrário, essa é a declaração de um profeta cuja mensagem foi diretamente revelada a ele por Deus.

O próprio nome do profeta, Oseias, é uma forma reduzida de Hosaías (cf. Ne 12.32; Jr 42.1; 43.2), que significa "o SENHOR salvou" ou "SENHOR, salva!". Seu significado é, portanto, parecido com o do nome Josué ("o SENHOR salvou") e, na verdade, Oseias era o nome de Josué até que Moisés o trocou (Nm 13.16). ***Filho de Beeri*** (literalmente "minha fonte" ou "meu poço") indica a sua descendência, mas a identidade do seu pai ou a interpretação do seu nome não tem qualquer relevância para a compreensão do livro. A existência do nome Beeri é atestada em Gênesis 26.34 e também em fontes extrabíblicas. O patronímico serve para distinguir o profeta de outros com o mesmo nome, em especial Oseias, o rei de Israel (2Rs 15.30; veja-se a *Introdução*, p. 18). Não há nada que possa ser dito sobre a vida anterior do profeta, mas não resta dúvida que ele era do norte (veja-se *Introdução* p. 19).

Nos dias de equivale a "durante o reinado de" e os nomes dos reis indicam o contexto histórico do ministério de Oseias, que se estendeu de antes da morte de Jeroboão em 753 a.C. até a ascensão de Ezequias em 729 a.C. A lista começa mencionando quatro ***reis de Judá*** (para mais

detalhes sobre eles, veja a *Introdução*, p. 13). Essa sequência corresponde àquela encontrada em Isaías 1.1, mas esse último profeta foi chamado no fim do reinado de Uzias, por volta de 539 a.C. (Is 6.1) e viveu muito mais anos que Oseias. Além do mais, os reis de Judá são mencionados primeiro, uma característica que pode refletir certa medida de aprovação de Oseias aos monarcas do sul, e sua expectativa de que a salvação viesse por meio da casa de Davi (cf. 3.5). Igualmente, Jeroboão é o único rei israelita mencionado, e isso pode ser uma maneira de expressar dúvida quanto à legitimidade dos seus sucessores (cf. 8.4), embora isso dificilmente se aplicasse a Zacarias, filho de Jeroboão e seu herdeiro. Mais provavelmente, ele ignora o nome dos outros por serem homens sem importância, que não mereciam o título de rei, especialmente porque muitos deles assassinaram o seu predecessor para ascender ao trono. Para maiores informações sobre a visão de Oseias sobre o ofício real veja sobre 1.11; 3.5; e 7.3–7; e para o seu interesse por Judá veja sobre 1.7.

Alguns estudiosos críticos argumentam que esse versículo introdutório foi acrescentado posteriormente por escribas que preservaram os oráculos de Oseias depois da queda do reino do norte. Como o público a que eram destinados estava no sul, os escribas acrescentaram a informação que era relevante para eles. Conquanto isso possa explicar por que os reis de Judá são mencionados primeiro, ainda é provável que essa organização venha do próprio Oseias. Seu conhecimento da história do povo da aliança e seu comprometimento com a fé revelada por meio de Moisés é consonante com a aceitação da linhagem real do sul como os verdadeiros sucessores de Davi e como aqueles por meio de quem o SENHOR realizaria os feitos que ele havia se comprometido a fazer na aliança davídica. Essa perspectiva é reforçada pelo fato de os últimos reis de Israel não serem mencionados (cf. Harrison 1969:860).

Jeroboão, no entanto, não poderia ser desconsiderado. Ele é designado aqui como ***filho de Joás*** (também conhecido como Jeoacáz; cf. as edições norte-americanas da NIV e da NLT), para distingui-lo de Jeroboão I, o primeiro rei do separatista reino do norte, que era "filho de Nebate" (1Rs 12.2). Jeroboão II foi uma figura importante na história do norte e, sob seu governo, Israel se tornou um considerável poder local. O território foi retomado (2Rs 14.25) e a terra desfrutou de segurança econômica e prosperidade. No entanto, essa fartura foi acompanhada de apostasia religiosa, e esse cenário fornece o pano de fundo para o período inicial do

ministério de Oseias, durante os últimos anos do reinado de Jeroboão. Depois da morte dele, a terra foi lançada num caos interno, com uma série de reinados curtos durante os quais nenhum monarca de grande importância surgiu, certamente ninguém que pudesse efetivamente combater os perigos que ameaçavam a terra. Durante esses tempos atribulados no reino do norte, o ministério de Oseias forneceu a palavra do SENHOR e o seu chamado ao arrependimento como o modo de evitar o desastre futuro.

REFLEXÃO

- Quando Paulo ressaltou a relevância dos acontecimentos que tiveram lugar muito antes do tempo de Oseias, ele escreveu: "Essas coisas aconteceram como exemplos para nós, para que não desejemos coisas más como eles também desejaram" (1Co 10.6), e o mesmo tipo de interpretação se aplica aqui. A palavra do SENHOR não foi expressa em observações teológicas gerais, mas de uma forma diretamente relacionada ao contexto histórico específico dos dias do profeta. A preservação dessa mensagem séculos depois desse tempo indica que nela estão verdades que têm significado duradouro. O epílogo do livro volta a esse ponto (14.9). O leitor é desafiado a discernir como Deus trabalhou em ocasiões no passado e a aplicar às circunstâncias diferentes das eras posteriores as lições ensinadas pelo registro inspirado dos acontecimentos anteriores. Essa abordagem é válida por causa do caráter imutável de Deus e o ensinamento contido nela é necessário por causa da contínua pecaminosidade da humanidade.

(2) Gômer (1.2–3)

Antes do início do ministério de Oseias não há nada acerca do casamento como uma metáfora para o relacionamento do SENHOR com Israel e, portanto, não há qualquer identificação explícita dele como o marido do seu povo. Contudo, são dadas algumas indicações de que essa é uma analogia apropriada, de modo que a apresentação de Oseias não é totalmente inovadora. Por exemplo, expressões como "cometendo prostituição com seus deuses" (Êx 34.15) em relação à infidelidade espiritual do povo, derivam a sua força da aceitação tácita de uma

semelhança entre o vínculo da aliança e o do casamento. A norma da Escritura para o casamento é apresentada em Gênesis 2.23–24 como uma união que tem prioridade sobre outros relacionamentos humanos, mesmo aqueles que existem naturalmente e tem o seu próprio fundamento ("Portanto, um homem deve deixar seu pai e sua mãe"), e que implica um compromisso exclusivo e permanente ("o homem deverá… se apegar firmemente à sua esposa"). As quebras desse compromisso não são toleradas ("Não cometerás adultério", Êx 20.14). Do mesmo modo, o SENHOR desejou forjar uma união com o seu povo em que eles considerariam todas as outras alianças secundárias em relação à que tinham com ele. Então, ele exigiu que eles renunciassem a qualquer ligação espiritual que fosse inconsistente com a primazia, a singularidade e a perpetuidade do seu direito sobre eles. Assim como a metáfora da aliança refletia os tratados internacionais do mundo antigo e exigiam a fidelidade irrestrita de Israel ao SENHOR como o seu rei soberano, do mesmo modo a metáfora do casamento acrescentou uma dimensão de intimidade à descrição da união pactual, enfatizando que o SENHOR tem ciúme do seu relacionamento com o seu povo e não estava disposto a dividir a sua devoção com um terceiro elemento (Dt 32.21). A união entre Deus e Israel criada por esse vínculo intensificou o sentido de traição envolvido na infidelidade do povo. Não foi a simples quebra de um contrato, mas a traição que causou uma ofensa pessoal.

1.2 O início do [que] o SENHOR falou por intermédio de Oseias.
E o SENHOR disse a Oseias,
"Vá, tome para você uma esposa de prostituições
e filhos de prostituições,
pois a terra está cometendo grande prostituição
[desviando-se] do SENHOR".

Em vez de ser tratada como uma cláusula introdutória temporal ("quando o SENHOR inicialmente falou …", ESV), ***o início do que o SENHOR falou por intermédio de Oseias*** deve ser tomado como um subtítulo que cobre 1.2b–2.1. É improvável que ele compreenda toda a divisão do livro que vai até o capítulo 3, pois todas as evidências indicam que, durante o período em que os acontecimentos dos primeiros três capítulos ocorreram, Oseias se envolveu em outro ministério, que pode ter sido então incorporado aos capítulos subsequentes. Antes, essa expressão indica que o chamado de Oseias para ser profeta tomou a forma de um

mandamento divino para se casar, depois do que o SENHOR passou a se comunicar com o seu mensageiro em várias ocasiões. Oseias era evidentemente solteiro quando recebeu essa ordem e, de acordo com os costumes sociais da época, seria próprio concebê-lo com cerca de 20 anos de idade.

O conciso relato não procura informar a respeito das circunstâncias exatas do profeta ou da comunidade quando essa mensagem foi transmitida. O que importava era o que o SENHOR falaria com o seu povo que estava desviado e que eles teriam que lidar com o desafio que a sua mensagem fez a respeito da conduta pessoal e nacional do povo. Além do mais, se esse relato foi preparado por Oseias para ser transmitido no reino do sul e para que fosse preservado lá, então ele também confrontaria Judá quanto a sua atitude em relação ao SENHOR e como ele lidaria com eles.

É importante observar que "o SENHOR falou *por intermédio* de Oseias", e não "a" Oseias, ou "sobre" Oseias. Embora a preposição possa ser usada para indicar uma ação compartilhada "com" outro, a expressão idiomática "falar em/por meio de" (*dibber bə*) designa Oseias como o canal por meio de quem o SENHOR se comunicaria com os outros. A mesma expressão é empregada no questionamento indignado de Arão e Miriam, "É apenas com Moisés/por meio de Moisés que o SENHOR tem falado? Ele não tem falado também conosco/por meio de nós?" (Nm 12.2; Cf. 1Rs 22.28). O casamento de Oseias e os nomes que ele deu aos seus filhos não foram primariamente questões pessoais, ou familiares, mas concebidos como um meio de falar com a comunidade como um todo. O subtítulo, portanto, enfatiza a legitimação divina da conduta chocante de Oseias e, consequentemente, do seu ministério – algo que era sem dúvida necessário à luz das instruções que ele recebeu.

Segue-se então a primeira das quatro ordens divinas (cf. 1.4,6,9), cada uma das quais é implementada pelo profeta e acompanhada por uma explicação que aponta para a sua importância para toda a nação.

Vá, tome para você uma esposa/"mulher" é uma fórmula para o casamento, como em Gênesis 4.19, "E Lameque tomou para si duas esposas/mulheres" (cf. Gn 6.2; 11.29; 24.67; Êx 6.20). Na verdade, o termo "tome" em si mesmo pode ser usado para a escolha de uma noiva (cf. Gn 24.3; Êx 34.16; Lv 21.13). Portanto, está claro que Oseias é ordenado a se casar.

O que causa uma dificuldade considerável é a descrição que é feita de sua noiva, "uma mulher de *zᵊnûnîm'*, uma forma plural incomum para a qual muitas traduções já foram propostas: prostituições, meretrícios, promiscuidades, fornicações, infidelidades. Esse é um termo feio, abrasivo e acusativo que não deve ser diminuído ou amenizado. Sua conotação pejorativa e condenatória é claramente evidente quando usado juntamente com "feitiçarias" para descrever a conduta da notória rainha israelita Jezabel (2Rs 9.22). O verbo associado *zānâ* quase sempre tem o gênero feminino e indica comportamento sexual ilícito extraconjugal. Geralmente ele envolve alguma forma de pagamento e normalmente atrairia opróbrio e condenação social. Os termos derivados da mesma raiz também são usados metaforicamente em conexão com outros tipos de conduta infiel, particularmente quando Israel viola o vínculo pactual com o SENHOR (cf. Lv 20.6; Dt 31.16; Jz 2.17). Muitas opiniões têm sido apresentadas quanto ao significado exato da expressão "uma mulher de *zᵊnûnîm*" como aplicada a Gômer.

Uma maneira de abordar a questão é observar o que Oseias não diz. Alguns comentaristas supõem que Gômer seja descrita como uma mulher cuja conduta sexual imoral estava ligada ao culto cananeu da fertilidade. No entanto, há uma palavra hebraica específica para a "prostituta cultual", que na verdade é empregada por Oseias em 4.14. Por isso, o fato de evitar o uso do termo em conexão com Gômer pode ser tomado como um indicador substancialmente conclusivo de que a conduta imprópria dela tem outra explicação. Igualmente não se deve ver a prostituição de Gômer como o mero envolvimento na adoração de Baal. Não há dúvidas de que isso era comum nos dias de Oseias. Essa é na verdade um das acusações feitas contra todo o povo (cf. 4.12,15,18; 9.1). Contudo, se o termo não significa nada além de que Gômer fosse uma mulher israelita típica dos seus dias, "então, o drama e a angústia desses capítulos seria incompreensível" (Anderson 1975:427). Que Gômer era filha de sua própria geração e que deve ter participado em aberrações religiosas e na infidelidade do norte é irrelevante. Em vez de assumir que esse é um caso em que a conduta real e o uso metafórico se sobrepõem, é preferível assumir que está sendo feita uma comparação entre a infidelidade *conjugal* de Gômer a Oseias e a infidelidade *religiosa* de Israel ao SENHOR.

Além do mais, quanto a isso Oseias não faz uso dos termos amenos "adultério" ou "adúltera". No Antigo Testamento, o "adultério" é uma

relação sexual voluntária entre uma mulher *casada* e qualquer homem que não fosse seu marido. É assim que Oseias usa o termo em 4.13 e 4.14, onde são as "suas noras", isto é, mulheres casadas, que cometem adultério. A alegação de adultério seria inapropriada se Gômer ainda fosse solteira, mas ela é feita mais tarde (3.1).

De certo modo, um tanto surpreendente é o fato de que aqui, como em outros lugares, Oseias não aplica a Gômer o termo comum para "prostituta" (*zônâ*), que é derivado de uma raiz que está sob discussão (p. ex., *ʾiššâ zônâ*, "uma mulher, uma prostituta", Lv 21.7–14). Portanto, Gômer não é diretamente descrita como alguém que ganha sua vida oferecendo sexo em troca de compensação financeira. Em vez disso, é empregado o plural de um substantivo associado. Conquanto essa possa ser apenas uma expressão sinônima, é muito mais provável que a intenção seja a de uma ênfase específica. O plural de um substantivo pode subentender certo tipo de ação repetida, ou pode ser o plural de uma abstração que descreve o caráter de uma pessoa. Expressões semelhantes, tais como "homem de sangues" (2Sm 16.7) e "mulher de brigas" (Pv 21.9; 25.24; 27.15), são encontradas em outros lugares no Antigo Testamento, mas é duvidoso que elas descrevam a constituição de uma pessoa à parte das ações externas às quais elas dão origem. De modo significativo, Oseias usa a expressão "espírito de prostituições" em 4.12 e 5.4 para especificar uma propensão interior à infidelidade, o que é revelado pela simples observação do comportamento. Portanto, é mais provável que Gômer seja apresentada como alguém que, muito embora não seja uma prostituta profissional, é notória pelo seu comportamento promíscuo.

Surge, portanto, uma questão sobre quando esse traço de caráter primeiramente se manifestou na conduta de Gômer. Normalmente, devido ao desejo de abrandar possíveis problemas éticos, os comentaristas propõem que essa descrição de Gômer expressa a avaliação retrospectiva que ele faz dela. Gômer era casta quando eles se casaram, e foi só algum tempo depois que ele descobriu a verdade a respeito dela. No entanto, esse tipo de uso proléptico parece ser um expediente adotado sem que qualquer elemento do texto forneça um ponto de apoio. Não é dito que Deus dirige Oseias a Gômer pessoalmente. Antes, ele deu ao profeta uma descrição generalizada do tipo de mulher com quem ele deveria se casar e deixou a escolha por conta do próprio profeta. Uma vez que Oseias não poderia fazer uma psicanálise, a disposição interior de Gômer deve ter sido

evidenciada pela sua conduta. Além do mais, o casamento de Oseias era um elemento do simbolismo profético, intencionado para falar aos seus contemporâneos (veja-se a *Introdução*, p. 39). Para que eles tivessem plena consciência do significado, o comportamento de Gômer deve ter sido escandaloso desde o começo.

Pode ser objetado, porém, que essa conclusão compromete o paralelo entre o casamento de Oseias e a união do SENHOR com Israel, porque quando Oseias olha para trás, para o início da história do povo, ele detecta um estágio inicial de relacionamento positivo (2.14–15; 9.10; 10.1,11), como posteriormente Jeremias também faria (Jr 2.2). Contudo, sempre foi reconhecido que Israel teve um passado idólatra, tanto antes de Abraão deixar Ur quanto durante o período no Egito. As palavras de Josué são bem conhecidas: "Removam os deuses a que seus pais serviram além do rio [Eufrates] e no Egito e sirvam ao SENHOR" (Js 24.14). Embora o incidente do bezerro de ouro em Êxodo 32 revele o quanto o compromisso de Israel com o SENHOR era superficial, pode-se argumentar que houve um período curto de promessa e potencial quando o povo fez seu juramento solene diante do SENHOR (cf. Êx 24.3,7). Mesmo assim, o foco principal dessa passagem é que, por causa da infidelidade de Israel, o seu relacionamento não progrediu como deveria. Consequentemente, a situação do profeta refletia a situação do SENHOR com relação a Israel, pois ele havia feito uma aliança com o povo sabendo muito bem os problemas e as dificuldades que esse relacionamento poderia gerar devido ao caráter do povo, e Oseias igualmente sabia que a conduta transviada de Gômer se comparava à de Israel. Quando alguém desafiasse o profeta a respeito da esposa que ele havia escolhido, ele poderia prontamente responder que eles estavam olhando para o espelho da sua própria relação com o SENHOR – e isso seria apoiado pelo uso religioso anterior de "comete prostituições". Os modos transviados de Gômer e seu comportamento corrompido – volúvel nos relacionamentos, instável nos seus compromissos e com personalidade mutável e extravagante – eram a viva representação da infidelidade de Israel no seu relacionamento com o SENHOR.

Os filhos de Gômer são descritos como ***filhos de prostituições***, o que em si mesmo pode descrevê-los como tendo nascido da conduta imoral de sua mãe, embora isso não seja verdade acerca do seu primeiro filho (1.3) e não precisa ser assim no que diz respeito aos outros dois filhos (1.6,8).

Na verdade, por haver apenas um verbo, essa frase tem sido tomada até mesmo como uma referência a filhos já nascidos de um relacionamento promíscuo anterior ao casamento, os quais Oseias deveria adotar (McComiskey 1992:15–16), mas é mais provável que haja aqui mais um exemplo da figura de linguagem conhecida como zeugma. Nesse modo comprimido de expressão, um único verbo governa dois objetos, mas com sentidos diferentes. Oseias é ordenado a tomar/obter uma mulher e num sentido um tanto diferente a adquirir uma família. Além do mais, foi predito que os filhos herdariam os traços de caráter da mãe, cuja conduta impactaria negativamente a deles.

Pois introduz a segunda e mais significativa parte do versículo. O profeta deveria realizar esse ato pouco comum como advertência aos seus contemporâneos da violação por parte deles dos termos da aliança com o SENHOR. Isso mostra que desde o começo Gômer e seus filhos foram divinamente designados como tendo um significado simbólico para a nação. ***A terra*** pode muito bem ser uma referência aos reinos tanto do norte quando do sul; funciona como uma metonímia para o povo associado com a terra, que, num sentido coletivo, ocupa a terra como destinatários do favor do SENHOR e da bênção da aliança (cf. 9.3). ***Comete grande prostituição*** (um infinitivo absoluto precedendo um verbo finito) é uma frase enfática indicando que o povo desprezava completamente o seu relacionamento privilegiado com o SENHOR e agia em flagrante promiscuidade (cf. Êx 34.15–16, onde a raiz de *zānâ* ocorre três vezes em conexão com a atração imprópria pelos deuses cananeus em conjunção com o termo "depois"). [***Desviandose] do SENHOR*** (literalmente "de diante do SENHOR" cf. 2.5; Nm 14.43; Dt 7.4; Js 22.16) indica um repúdio à autoridade e à liderança dele.[7] Aqui o foco não está na deidade que o povo toma como objeto de sua devoção imprópria, mas na pura insensatez da insensatez nacional de se rebelar contra o SENHOR, o seu benfeitor pactual, e colocar sua confiança em outra coisa.

A explicação dada aqui sem dúvida alguma não apenas diminui o considerável desafio pessoal do profeta em responder às instruções dadas a ele. O foco do livro não está no que a obediência custou a Oseias, e ele se cala quanto a quaisquer dúvidas que possa ter tido. Mesmo assim, a estranheza do seu chamado teria sido diminuída quando ele foi informado de que o seu padrão de vida seria o instrumento para transmitir a mensagem do SENHOR ao seu povo. Isso também lhe forneceria uma

resposta caso alguns dos seus contemporâneos escarnecessem dele por causa da esposa que ele havia escolhido.

> 1.3 Então ele foi e tomou Gômer, filha de Diblaim; e ela concebeu e deu a ele um filho.

Em ***ele foi e tomou***, a repetição dos verbos "foi" e "tomou" do mandamento divino de 1.2 indica que Oseias fez exatamente o que o SENHOR ordenara. Não há qualquer indicação de demora ou objeção. ***Tomou*** nesse versículo não é acompanhado pela palavra "mulher"/"esposa", mas a ideia do versículo anterior é transportada e é usada para registrar o casamento legítimo. A Gômer é atribuído um papel completamente passivo, assim como Israel na sua eleição pelo SENHOR.

Várias tentativas têm sido feitas para determinar o significado dos nomes ***Gômer*** e ***Diblaim***, mas nenhum resultado conclusivo foi obtido. Gômer ocorre como um nome masculino em Gênesis 10.2 e pode estar relacionado a uma forma mais extensa, Gemarias ("O SENHOR realizou" Jr 29.3; 36.10). No entanto, a opacidade desses nomes em contraste com aqueles que logo em seguida serão dados aos filhos é um forte indicativo de que, nesse caso, Gômer é uma pessoa real que tinha esse nome mesmo antes de Oseias se casar com ela, e que Diblaim era o nome do seu pai e não um lugar (como Diblataim em Moabe, cf. Nm 33.46; Jr 48.22). Disso conclui-se que o ***filho*** mencionado também é uma pessoa real. É importante que ***a ele*** é explicitamente mencionado para indicar que Oseias era o pai. As opiniões diferem quanto ao peso que deve ser atribuído à sua omissão quanto aos filhos que nasceram depois. Isso pode ser simplesmente explicado pela natureza resumida do relato.

REFLEXÃO

- A linguagem "de prostituições" enfatiza a horrenda e repulsiva natureza da infidelidade religiosa, bem como o modo em que ela se intromete no imaculado relacionamento que o povo de Deus deveria ter com ele e o perturba. Paulo quer que aqueles que se beneficiam do seu ministério demonstrem "devoção pura e sincera a Cristo" (2Co 11.3) de acordo com o próprio objetivo de Cristo de "apresentar a igreja a si mesmo em esplendor, sem mancha ou ruga ou qualquer outra coisa, para que ela seja santa e inculpável" (Ef 5.27) e pronta para cumprir o seu papel como noiva do cordeiro (Ap

19.7). Qualquer outra situação deve ser rejeitada e qualquer culpa pecaminosa que já existe deve ser purificada "pelo lavar com água por meio da palavra" (Ef 5.26). Já que o propósito último de Cristo é apresentar o seu povo puro e inculpável no seu reino celestial, a esse mesmo objetivo deve ser dada a mais alta prioridade no presente.

- "Filhos de prostituições" (1.2) aponta para o legado espiritual que é transmitido pelos pais aos seus filhos. Embora cada geração seja influenciada tanto para o melhor quando para o pior pelas gerações que a precederam, o impacto é sentido com maior intensidade do círculo familiar (cf. Êx 20.5–6). Essa não é uma simples questão de pais pródigos incapazes de deixarem uma herança material para os seus filhos. A consequência última é aquela vivenciada por aqueles que não recebem o ensino no círculo familiar de pais que temem o SENHOR (cf. Dt 4.9–10; 6.7).

(3) Jezreel: a bênção revertida (1.4–5)

Dar aos filhos de um profeta nomes simbolicamente significativos é algo que também ocorreu posteriormente no século 8° a.C. com os dois filhos de Isaías, Shear-jashub ("Um remanescente voltará", Is 7.3) e Maher-shalal-hash-baz ("Rápido é o saque; ligeira é a pilhagem", Is 8.3). Esses nomes não foram dados com a intenção de dar alguma informação sobre a personalidade das pessoas envolvidas. Os filhos foram, na verdade, instrumentos usados por Deus para atrair o interesse do povo e transmitir a eles advertência quanto à sua conduta e quanto ao legado que estavam deixando para as gerações seguintes.

1.4 E o SENHOR disse a ele,
"Chame o seu nome Jezreel,
pois ainda um pouco
e eu conduzirei o derramamento de sangue de Jezreel
sobre a casa de Jeú
e eu farei cessar o reinado da casa de Israel".

A narrativa é concisa, não perdendo tempo com detalhes contextuais antes de seguir para a segunda ordem divina, que naturalmente veio logo depois do nascimento do filho de Oseias. ***Chame*** é um imperativo singular masculino dirigido ao profeta. ***Jezreel*** ("Que Deus semeie"/"torne

frutífero"; Cf. 2.21–23) pode ser usado como um nome pessoal (1Cr 4.3), mas ele descreve em especial uma cidade que estava situada num vale de mesmo nome no território norte da tribo de Issacar (Js 17.16) e que no tempo de Acabe se tornou a capital de inverno dos reis israelitas. Em si mesmo, o nome originalmente possuía conotações muito positivas (cf. 1.11; 2.22), porque essa área estava no coração da prosperidade agrícola do reino do norte e o próprio vale fazia parte de uma rota de comércio internacional que ia do Egito a Damasco e também à Mesopotâmia. Além disso, uma vez que Jezreel (*yizr^{e}ʿe'l*) tem um som semelhante ao de Israel (*yiśrāʾēl*) é fácil ligar os dois, de modo que está implícita a ideia de que a sorte de Jezreel estabeleceria um precedente para o reino do norte de modo geral. Nesse versículo, o significado original de Jezreel é revertido para torná-lo um símbolo do pecado que envolvia o regime de Israel naquele momento, que era impiedosamente cometido para promover os seus próprios interesses de qualquer maneira que fosse possível.

Pois introduz a razão pela qual o SENHOR escolheu o nome, que põe o foco nas suas implicações negativas, anulando o sentido da terra em que o SENHOR havia semeado com abundância e apontando para o juízo que viria sobre o pecado do povo. ***Ainda um pouco*** indica que não demoraria muito antes que as circunstâncias mudassem (cf. Is 10.25; 29.17; Jr 51.33; Ag 2.6). O que está em vista aqui é a intervenção divina revertendo a prosperidade desfrutada por Israel no momento e impondo a eles a punição que mereciam. Pode até ser que a referência ligue o tempo que uma criança leva para crescer e o período de tempo que se passará antes que a profecia se cumprisse. Isso colocaria o início do ministério de Oseias nos últimos dias do reinado de Jeroboão II, depois de cuja morte a sorte da terra decaiu rapidamente, iniciando com o assassinato de Zacarias, filho de Jeroboão e seu sucessor, apenas seis meses depois que ele começou a reinar (2Rs 15.10).

Eu conduzirei emprega uma das raízes mais versáteis da língua hebraica (*pāqad*), que basicamente indica a atenção que um superior dá à situação ou à ação de um inferior. A tradução costumeira "visitar" não tem a intenção de retratar uma conversa agradável em frente a uma lareira, mas indica uma inspeção que pode envolver um censo, imposição de taxação de impostos, designar para um cargo, reunir tropas, estender proteção, ou recompensar o diligente bem como penalizar o ofensor (Cf. 2.13; 4.9,14; 8.13; 9.9; 12.2). A nuance exata do verbo depende do seu contexto.

É feita uma menção aqui ao ***derramamento de sangue de Jezreel***, literalmente "os sangues de Jezreel", cujo termo plural indica provavelmente sangue derramado de maneira violenta (cf. 4.2; Gn 4.10, 11; Sl 5.6; 9.12). Isso ocorria regularmente no vale de Jezreel que, por ser uma importante rota de comércio, tinha importância estratégica e foi o local de várias batalhas. "Sangues" também transmite a ideia de "culpa de sangue" que é fruto da morte de um inocente (12.14; Êx 22.1; 2Sm 21.1). A conexão posterior com ***a casa de Jeú*** aponta para o que aconteceu em Jezreel quando Jeú pôs fim à dinastia de Onri quando matou Jorão, empilhando as cabeças dos setenta filhos de Acabe na entrada da cidade e massacrando os seguidores de Acabe (2Rs 9.21–10.10).

Tradicionalmente, a expressão idiomática "responsabilizar *alguém* por *algo*" tem sido considerada uma indicação de que o SENHOR enviaria retribuição sobre os transgressores, adequando a punição à ofensa. Contudo, embora essa interpretação da expressão seja adequada em outros lugares, ela não parece apropriada nesse caso (cf. igualmente "designarei sobre eles quatro tipos [de punição]", Jr 15.3). O relato em 2Reis 10 não indica que a ação de Jeú foi vista desfavoravelmente pelo SENHOR, mesmo que ele tivesse ido além do que havia sido permitido. Em vez disso, o golpe foi iniciado com a bênção do SENHOR conforme havia sido anunciado por intermédio de Eliseu (2Rs 9.1–10), e recebeu o elogio do SENHOR: "E o SENHOR disse a Jeú, 'Porque você fez bem em executar o que é justo diante dos meus olhos – de acordo com tudo o que estava no meu coração você fez à casa de Acabe – os seus filhos da quarta geração se assentarão no trono de Israel" (2Rs 10.30). Oseias não está predizendo que a dinastia de Jéu cessaria por causa da maneira como ele tomou o poder, mas por causa do que ele havia feito com esse poder.

A frase "responsabilizar alguém por algo" é usada aqui no sentido de que o SENHOR imporia sobre a casa de Jeú um fim semelhante ao fim que ele tinha sido instrumental para trazer sobre o regime anterior. "As palavras do profeta são irônicas. A dinastia de Jeú subiu ao poder em decorrência de um golpe sanguinário em Jezreel. Ela encontraria o seu fim de uma maneira assustadoramente semelhante" (McComiskey 1993:101). Por quê? Sua dinastia não tinha aprendido a lição na derrubada de Acabe. Em vez disso, Jeú promoveu o sincretismo na adoração que havia sido promovida pelos reis do norte antes dele (2Rs 10.29,31) e essa prática foi continuada pelos outros membros da sua dinastia que foram condenados

por isso: Jeú (2Rs 10.30–31), Jeoacaz (2Rs 13.2), Jeoás (2Rs 13.11), Jeroboão (2Rs 14.24). O mesmo veredito foi pronunciado sobre o reinado de seis meses de Zacarias (2Rs 15.9). A lealdade deles ao SENHOR que havia sido comprometida resultaria na derrubada deles com violência, o que equivaleria ao que foi originalmente feito por Jeú.

De fato, quando o SENHOR reavaliou a situação do reino do norte, a amplitude da sua sentença se estenderia para além da dinastia de Jeú. ***Eu farei cessar o reino da casa de Israel*** não é simplesmente a reafirmação da sentença judicial do verso anterior. "Casa de Israel" inclui mais do que a dinastia que estava no poder. O termo ocorre primeiramente em Êxodo 16.31 em referência a todo o povo da aliança (cf. Êx 40.38; Lv 10.6; 17.10), embora mais tarde ele seja usado apenas para o reino do norte (cf. 1Rs 12.21; 20.31; Am 5.1,3–4; 6.1,14; 9.9). Combinado aqui com "reino"/"domínio real" aponta para o fim da existência de um estado independente. Destituído do seu rei, o reino não mais existirá como uma entidade política. Isso possivelmente evoca a sentença implícita na leitura negativa de Jezreel, "o SENHOR semeia". Em vista aqui não está a distribuição da semente para uma boa colheita, mas a distribuição do povo diante dos seus inimigos, culminando em juízo e deportação da terra. Em Zacarias 10.9 "Eu os semearei entre os povos" pode ser uma referência à dispersão durante e depois do exílio.

1.5 "E acontecerá naquele dia
que eu quebrarei o arco de Israel
no vale de Jezreel."

Naquele dia cobre um período de tempo além da morte de Zacarias, que marca a extinção da dinastia de Jeú, incluindo os acontecimentos posteriores à sua queda. Embora "naquele dia" seja uma referência a um período quando o SENHOR torna óbvio o seu controle sobre a história humana, é improvável que essa expressão tenha aqui um sentido escatológico ligado a uma irrupção do último dia do SENHOR.

O ***arco*** é uma típica arma de guerra (cf. 1.7; 2.18; Sl 46.9; 76.3; Jr 49.35; 51.56; Zc 9.10; 10.4). Quando ele for quebrado, toda a força militar de Israel será devastada. Embora a nação confiasse na força militar e nas alianças estratégicas para a sua preservação, quando o SENHOR executasse o seu juízo sobre eles a futilidade dos seus esforços seria completamente exposta. Levou cerca de trinta anos para que o sentido do nome da criança

fosse totalmente compreendido, mas a queda de Samaria e a remoção do povo mostrou que aquela ameaça não havia sido vã.

No vale de Jezreel inicia e conclui os versículos 4 e 5 repetindo "Jezreel" como um padrão inclusivo. O vale é formado pela parte leste da planície que é conhecida pelo nome de Esdrelon (a forma grega do nome Jezreel), que tinha 16 quilômetros de largura e se situava entre as colinas da baixa Galileia ao norte e as montanhas de Samaria ao sul. Ele se estendia na direção nordeste, do vale do Jordão ao monte Carmelo na costa do Mediterrâneo. É possível que o termo seja usado de uma maneira geral para se referir a todo aquele vale-planície. Como era propício ao deslocamento de unidades de carruagem, ele foi o cenário de muitos encontros militares. Não há qualquer registro sobre qualquer batalha ali no período em que os assírios dominavam aquela terra. Mesmo assim, o cumprimento dessa profecia pode estar associado com os acontecimentos de 733 a.C., quando a Galileia se tornou uma província assíria (cf. Wolff 1974:19–20).

REFLEXÃO

- Embora os monarcas terrenos possam considerar a si mesmos como estando no controle das coisas, é o SENHOR que é verdadeiramente soberano, o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19.16). É ele que "remove e estabelece reis" (Dn 2.21), pois "o altíssimo domina o reino dos homens e o dá a quem ele quer" (Dn 4.17). Quando ele resolve encerrar uma dinastia, seu veredito é final.
- O juízo do SENHOR não é arbitrário. O reino do norte buscou segurança no poderio militar (cf. 8.14) e, portanto, nada mais próprio que a sua queda acontecesse por meio de uma derrota militar, quebrando o arco de Israel (1.5).

(4) Lo-Ruchama: a compaixão retirada (1.6–7)

Não há nenhuma indicação de quanto tempo se passou antes do nascimento do segundo filho de Gômer, e nem é determinado quanto tempo se passaria entre a atribuição do nome à criança e o acontecimento dos eventos preditos pelo seu nome. A ausência dessa informação indica provavelmente que a longanimidade do SENHOR havia se esgotado no momento do nascimento dela. Se é assim, ela deve ter nascido durante os

acontecimentos posteriores ao assassinato de Zacarias (752 a.C.), quando o reino começou a ruir internamente.

> 1.6 E ela concebeu novamente e deu à luz uma filha, e ele disse a ele,
> "Chame-a Não-Mostrei-Compaixão
> pois eu não mais terei compaixão da casa de Israel,
> pois vou me levantar inteiramente com respeito a eles".

Quando Gômer dá à luz o segundo filho, não é explicitamente dito que Oseias é o pai dessa menina. A omissão de "a ele", que estava presente em 1.3, pode ser atribuída à natureza abreviada da narrativa, na qual, por exemplo, a frase "o SENHOR disse a Oseias" (1.4) se torna simplesmente ***ele disse a ele***. Que o relato se torna progressivamente mais conciso está claro pela ausência de "novamente" em 1.8. Por isso, a intenção talvez seja que a afirmação de que Oseias é o pai no versículo anterior tenha sido transportada para esse. Não há qualquer ênfase na ideia de que a criança seja ilegítima, como também não há nada implícito sobre a disposição pessoal de Oseias em relação a ela.

O foco da narrativa está na terceira ordem divina em relação ao nome inventado que o profeta deve dar à menina. A expressão verbal "mostrar compaixão" é derivada de um substantivo que significa "ventre" e "abdômen", indicando uma atitude calorosa e terna que emana de uma profunda ligação emocional, uma resposta afetiva positiva e uma ação em relação ao necessitado. Embora ele seja normalmente considerado um termo para "amor materno" (cf. Is 49.15), é também usado para homens (cf. Sl 103.13). Essa compaixão caracteriza a disposição favorável do SENHOR em relação ao seu povo (cf. Êx 33.19; Dt 13.18; Is 54.7).

Contudo, a criança recebe aqui o nome de ***Não-Mostrei-Compaixão*** (Lo-Ruchama "não [é] demonstrada compaixão a ela"). Esse nome surpreendente não é uma indicação de que Oseias tivesse se recusado a tratá-la com amor e afeição, mas é um nome-emblema que tem o objetivo de atrair a atenção da comunidade e transmitir a eles o que os aguardava. À primeira vista, essa parece ser uma mensagem mais passiva e, portanto, menos ameaçadora, mais do que o desastre externo indicado pelo nome de Jezreel, mas na realidade ele é espiritualmente mais sinistro. O que está em vista não é simplesmente que o povo será espalhado pelo juízo, mas que o SENHOR não mais o vê com afeição e misericórdia. Antes disso, ele havia agido com longanimidade diante do desvio da nação e dos seus reis

(cf. com respeito a Jeú, 2Rs 10.30; com respeito a Jeoacaz, 2Rs 13.4; com respeito a Joás, 2Rs 13.23; e com respeito a Jeroboão, 2Rs 14.25–27). Mas esses dias terminariam para ***a casa de Israel***, o que à luz do contraste encontrado no versículo seguinte é uma referência específica ao reino do norte (cf. 1.4). O SENHOR não toleraria mais a desobediência deles; em vez disso, em juízo, ele retiraria deles os privilégios da aliança e os privaria do seu cuidado paternal e sua supervisão.

A tradução do último verso do versículo dada acima foi deliberadamente deixada propositalmente truncada para indicar a dificuldade de determinar o seu sentido. O verbo "levantar" ou "erguer" no último verso do versículo pode ser entendido de dois modos. (1) Em 14.2 Oseias o emprega juntamente com "iniquidade" (*'āwōn*) significando a remoção da culpa e da sua punição (cf. Js 24.19; Sl 32.5; 85.3; Mq 7.18) e o próprio verbo sozinho pode significar "perdoar" (cf. Gn 18.24,26; Nm 14.19; Sl 99.8; Is 2.9). A conjunção ***pois*** (*k*') que a introduz, iniciaria, então, uma cláusula de consequência "de modo que não devo absolutamente perdoá-los" (cf. NIV, NRSV, ESV). Uma abordagem mais viável seria tomar a negativa no verso anterior como tendo uma dupla função (isto é, sua força negativa é carregada do primeiro para o segundo verbo: "pois eu certamente não os perdoarei") e compreendendo-a como uma razão adicional, implicando a contrapartida negativa do caráter do SENHOR que foi revelado na passagem-chave, Êxodo 34.6–7: "mostrando compaixão… perdoando iniquidade" (Fensham 1984:75).

(2) No entanto, um sentido mais provável é possível quando se observa que em 5.14 Oseias usa o mesmo verbo no sentido de "levar à força" com respeito à deportação do povo (cf. AV, NKJV, HCSB). ***Vou me levantar inteiramente com respeito a eles*** apresentaria, portanto, a evidência que fundamenta o fato de o SENHOR retirar a sua compaixão: ele exilará o seu povo. Possivelmente, depois da negativa anterior, a conjunção introdutória *k*' recebe então um sentido adversativo, "antes" ou "em vez de". A descontinuação da compaixão divina não conduz a uma ausência da providência, mas à imposição de uma terrível punição: "em vez disso, eu os levarei completamente à força".

1.7 "Porém, quanto à casa de Judá, eu terei compaixão,
e os salvarei pelo SENHOR, Deus deles;
mas não os salvarei pelo arco ou pela espada
pela guerra, por cavalos ou por cavaleiros."

O ***porém*** que inicia o versículo traduz um uso adversativo da conjunção hebraica "e". ***Casa de Judá*** indica as pessoas do reino do sul, não apenas a dinastia governante (cf. 1.4). Contudo, a maioria dos comentaristas modernos vê a menção a Judá (1.1,7,11; 4.15; 5.5,10–14; 6.4,11; 8.14; 10.11; 11.12; 12.2) ou a Davi (3.5) como uma indicação do interesse de editores posteriores do sul e, portanto, uma intrusão no texto de Oseias. No entanto, a frequência com que essas referências ocorrem está mais ligada ao grau de interesse que os profetas que ministraram em ambos os reinos tinham sobre os assuntos do outro. Isso é ilustrada na maneira com que Elias, o temível profeta do norte, construiu um altar de doze pedras no Carmelo (1Rs 18.31) e dessa maneira demonstrou o seu foco contínuo na unidade das doze tribos, mesmo que o seu ministério mais imediato fosse no norte. Qualquer que fosse a tensão existente entre o norte e o sul, as pessoas dos dois reinos permaneciam irmanadas (cf. 2Cr 28.9–11) o que, pelo menos em alguma medida, era o reconhecimento de um único Deus. Não que Oseias desculpasse o pecado de Judá (5.5,10) ou o iminente juízo (5.12,14). Além do mais, ele contempla o norte e o sul unindo-se harmoniosamente (1.11). Nessa passagem, Oseias é mais bem compreendido se for considerado como profetizando a libertação de Jerusalém na invasão assíria em 701 a.C.

Deve ser acrescentado que a mensagem de Oseias aqui não estava destituída de um significado imediato para os seus contemporâneos, pois a essa altura Judá, sob o governo de Uzias, demonstrava uma atitude mais responsável em relação à aliança. Judá desfrutaria da salvação não por fazer melhor uso da força militar ou política que o reino do norte, mas pela intervenção divina. Assim, a comparação do profeta instiga os seus compatriotas a aprender com o sul e abandonar as suas políticas suicidas retornando ao SENHOR e aclamando-o como "Deus deles" (cf. 14.3; Am 2.13–16). Nenhuma razão é dada para o anúncio divino de que ***terei compaixão*** (cf. 1.6). A ênfase está na ação soberana e efetiva do SENHOR como o único que pode garantir o meio de libertação. ***Eu os salvarei*** vem da mesma raiz do nome de Oseias e indica a concessão de alívio das tribulações de qualquer tipo. ***Pelo SENHOR, Deus deles*** (cf. 12.6; Is 10.22) indica os meios empregados para efetuar o livramento de Judá. É pela instrumentalidade do próprio Deus que essa preservação será efetuada. O contexto pactual dessa mensagem influencia a preferência de Oseias pelo nome "o SENHOR" (Yahweh), o nome pessoal e pactual de Deus, que ele

emprega 45 vezes. Ele se refere ao verdadeiro Deus como *Elohim*, "Deus", 24 vezes e apenas em cinco dessas ocasiões o adjetivo pessoal não está presente. Na verdade, dezenove das referências de Oseias a *Elohim* ocorre num contexto pactual mais amplo. É de dentro desse relacionamento iniciado e mantido pelo poder e força divina que a libertação verdadeiramente virá.

Em contraste, a segunda parte do versículo estabelece os meios de libertação que o SENHOR empregará. ***Arco*** (cf. 1.5) e ***espada*** eram as principais armas de combate, mas o SENHOR era capaz de agir sem eles. ***Guerra*** pode indicar guerrear em geral, ou nessa lista de recursos militares pode indicar outros implementos diversos de guerra. Embora a cavalaria montada, em cavalos individuais em contraste com as carruagens, tivesse sido desenvolvida pelos assírios no fim do século 8°, provavelmente aqui ao falar de ***cavalos*** Oseias não tem em mente nada além das unidades de carruagem que haviam se tornado comuns em Israel a partir do período da divisão do reino. ***Cavaleiros*** pode designar tanto os condutores das carruagens quanto os conjuntos de cavalos sob o controle deles. Uma vez que o SENHOR não usará esses meios, não teria sentido para ambos os reinos empregar seus recursos para acumular esse tipo de armamento.

REFLEXÃO

- Ambos os reinos demonstraram deficiência no exercício de sua confiança no SENHOR como o Rei da aliança que os defenderia por serem o seu povo. Era mais fácil – mas infelizmente errado – confiar em recursos visíveis que eles podiam acumular para si mesmos. No entanto, "nenhum rei é salvo pelo seu grande exército; um guerreiro não é libertado pela sua grande força; o cavalo [de guerra] é uma falsa esperança para a salvação e pelo seu grande poder ele não consegue salvar" (Sl 33.16–17; cf. Sl 20.7; 44.3,6; 147.10–11). Contra essas forças, que eram "grandes" em termos humanos, o povo da aliança deveria confiar na grandeza do SENHOR, que sendo homem de guerra exercitou o seu poder para garantir a vitória do povo sobre o seu inimigo (cf. Êx 15.1–3). A lição não era fácil de aprender. Foi necessária a chegada do inimigo Senaqueribe da Assíria diante dos portões de Jerusalém para que o piedoso rei Ezequias realmente compreendesse que "com ele [Senaqueribe] está o braço de carne, mas conosco está o SENHOR, nosso Deus, para nos

ajudar e lutar nossas batalhas" (2Cr 32.8). Embora o cristianismo não se empenhe mais em conflitos militares usando armas de carne (cf. 2Co 10.4), ainda é preciso ter fé para confiar na intervenção e no poder divinos e para evitar mecanismos e estratégias mundanas na luta da fé.

(5) Lo-Ammi: a total alienação (1.8–9)

Há alguma indicação do lapso de tempo que se passou antes do nascimento do terceiro filho, um segundo menino. Em termos dos acontecimentos que afetaram o reino do norte, isso provavelmente nos leva ao início do período em que a pressão da Assíria começou a ser sentida na Síria e na Palestina depois da ascensão de Tiglate-Pileser.

1.8 E ela desmamou Não-Mostrei-Compaixão; e ela concebeu e deu à luz um filho.

Embora a narrativa seja concisa, ***ela desmamou*** (o que não se encontra em 1.6) indica a passagem de tempo, provavelmente dois ou três anos, depois dos quais outra criança nasceu. Aqui, mais uma vez, não é dito se esse filho era de Oseias, mas não há base suficiente para assumir que Gômer havia se tornado abertamente infiel a Oseias nessa época. Certamente Oseias ainda age como o pai da criança ao dar um nome a ela. A natureza paciente de Oseias era um exemplo vivo para o povo da longanimidade do SENHOR para com eles.

1.9 E ele disse,
"Chame o seu nome Não-Meu-Povo,
pois vocês não [são] meu povo,
e eu [sou] Eu-Não-Sou para vocês".

Pela quarta vez o Senhor dá instruções ao profeta. Como nas duas ocasiões anteriores, ele revela qual deve ser o nome da criança e provavelmente também revela um surpreendente novo nome para si mesmo. Os três negativos no versículo intensificam a natureza sombria do que é dito. Oseias deve chamar o seu filho ***Não-Meu-Povo*** (*Lo-Ammi*). Essa não deve ser considerada uma declaração de que o profeta não reconhece ser o pai da criança. O texto deixa isso em aberto. Porém, ela é sem dúvida um testemunho profético da percepção do Senhor de que o seu relacionamento com o povo está quebrado. "Meu povo" era uma expressão

de parentesco e que é um resumo verbal do vínculo da aliança, e resume a posição privilegiada de Israel. "Então tomarei vocês como um povo para mim mesmo e serei o Deus de vocês" (Êx 6.7; cf. Gn 17.7–8; Lv 26.12). Porém, nesse momento o comportamento deles havia violado o vínculo pactual, e o menino deveria ter um nome simbólico que o fazia ser a expressão viva da separação entre o povo e o seu Deus.

Pois introduz a razão da atribuição desse nome. Ela reflete o que já aconteceu quando Israel efetivamente se separou de Deus, rejeitando a aliança. Aqui encontramos o SENHOR falando diretamente com o povo pela primeira vez. É característico do modo de falar de Oseias que há um alto grau de identificação entre o SENHOR e o profeta, de modo que a fala de um funde-se à fala do outro.

O que está em vista não é um lapso momentâneo de conduta por parte de Israel, mas uma característica estabelecida da sua disposição interior e da sua conduta. ***Vocês não são meu povo*** nega os termos do antigo relacionamento de aliança. Correspondendo a isso, há uma declaração do papel de Deus: "e Eu não *'ehyeh* para vocês". A palavra *'ehyeh* pode ser identificada como um verbo, o que permitiria a tradução "e eu [sou aquele que] não é para vocês", ou "Eu de minha parte não sou de vocês", com a omissão do termo "Deus", que é esperado como sendo paralelo a "meu povo" na primeira parte da confirmação do vínculo da aliança ("Deus" é acrescentado aqui na NIV e ESV). É mais provável, no entanto, que aqui ocorra uma reflexão direta sobre o nome pactual do SENHOR (Yahweh), pelo qual ele havia se revelado a Moisés e ao povo: "Eu sou (com a forma verbal *´ehyeh* funcionando como um substantivo) me enviou a vocês" (Êx 3.14). ***Eu [sou] Eu-Não-Sou para vocês*** é uma expressão cuidadosamente nuançada, em que o SENHOR atribui a si mesmo um nome negativo "Não-*Eyheh*" ou "Eu-Não-Sou", correspondendo aos nomes negativos que foram dados aos filhos de Oseias. Isso reverte a declaração da aliança "Eu os tomarei para serem meu povo e eu serei o Deus de vocês" (Êx 6.7). Uma vez que ele não quer ser mais o Deus da aliança, eles não deveriam esperar a provisão, o apoio e a defesa dele. (Contudo, devemos observar que esse terrível nome será em seguida revogado da mesma maneira como os nomes que haviam sido dados aos filhos de Oseias, cf. 2.23).

É difícil determinar o caráter e a extensão da quebra do relacionamento: será que ele deve ser equiparado a uma separação conjugal, em que os benefícios do casamento são suspensos, ou a um divórcio, em que ocorre

uma anulação definitiva e irrevogável do vínculo? Muito provavelmente, apesar da linguagem bastante semelhante, o SENHOR não estava abandonando os propósitos que havia planejado alcançar por meio de Israel, mas estava declarando que a desobediência e a falta de arrependimento deles indicava que o cumprimento desse propósito seria alcançado por meio da retirada da proteção pactual e pela vinda do juízo sobre eles, e não por evitá-lo. Para uma discussão mais aprofundada desse ponto, veja sobre 2.2.

REFLEXÃO

- O nome do terceiro filho de Oseias simboliza o último estágio da retirada do favor do SENHOR. O povo havia desprezado a posição privilegiada que tinha diante dos olhos do SENHOR. Eles pecaram repetidamente, se recusaram obstinadamente a responder às súplicas do SENHOR, o que levou à revogação dos privilégios da bênção pactual. Eles se tornaram como Caim, que se tornou "um fugitivo e peregrino na terra" (Gn 4.12), que se escondeu da face do SENHOR (Gn 4.14). Mas, mesmo debaixo dessa condição sombria e desfavorável, o SENHOR não os abandonou completamente (cf. 11.8–9). A desobediência eliminou todos os sinais de amor paternal, mas não poderia anular o tácito relacionamento instituído pela graça divina.

(6) Restauração (1.10–2.1)

Supreendentemente, a mensagem do SENHOR não era unicamente sobre o desastre iminente. Conquanto a aliança em si fosse inviolável, o desfrute de suas bênçãos por uma pessoa ou uma geração estava condicionado à obediência permanente. Para aqueles que se rebelaram contra seus requerimentos e se recusaram a arrepender-se, a expectativa do futuro era terrível, pois o santo Deus imporia sobre eles as suas justas sanções por causa da desobediência deles. Mas o que viria depois disso? Poderia, por acaso, haver futuro depois do impacto desolador do juízo divino?

Resta alguma dúvida sobre se nessa apresentação pública inicial da mensagem de castigo iminente Oseias abranda o seu impacto ao justapor a esperança de uma restauração final. A necessidade premente era advertir o seu público sobre o perigo que eles corriam e chamá-los ao

arrependimento. Dessa perspectiva, a sequência dos oráculos do profeta é primeiramente um recurso literário que data da compilação de Oseias como um registro permanente para uma geração que, pelo menos em parte, já havia vivenciado o juízo divino. Mas mesmo assim, desde o início da atividade de Oseias havia um remanescente fiel no norte que necessitava de encorajamento para perseverar em meio ao desastre que os atingiria e à sua comunidade. Esse oráculo da grande reviravolta no destino da nação era, portanto, um aspecto do início do ministério do profeta Oseias, embora essa mensagem fosse principalmente destinada àqueles que permaneceram fiéis no reino do norte.

A mudança de tema nesse ponto é combinada com uma mudança em quem fala, já que não é mais a voz do SENHOR que é ouvida, como em 1.6–7,9, mas a de Oseias relatando o que foi revelado a ele sobre o tempo da bênção futura. Essa quebra temática é percebida na divisão de capítulos em hebraico, em que o capítulo 2 começa depois de 1.9, de modo que o número de versículos do capítulo 2 em hebraico é duas vezes maior do que nas traduções para a nossa língua. Contudo, 1.10–2.1 deve ser associado com o capítulo 1 em vez de com o capítulo 2. A repetição dos nomes dos filhos em 2.1 constitui uma ligação com o que precede, mesmo que seja apenas por contraste. O padrão de um tempo de juízo seguido pela restauração constitui a estrutura literária e teológica básica de Oseias.

No entanto, conquanto as palavras sobre a restauração da prosperidade do povo sejam indubitavelmente fastidiosas no que é pretendido, elas parecem ser expressas num tom de certo modo mais impessoal do que nas passagens paralelas subsequentes (cf. 2.14–23; 11.9; 14.4–5). Mais à frente, Oseias coloca maior ênfase na iniciativa e no envolvimento divinos. É pertinente deduzir que a percepção do profeta sobre a extensão do amor e da graça divinas no que estava para acontecer foi se aprofundando ao longo dos anos do seu ministério. Certamente não se deve entender a incorporação dessa passagem como sendo o produto de editores posteriores que reinterpretaram o ministério de Oseias para uma situação posterior. Não é necessário supor que os profetas estiveram sempre sem uma mensagem de salvação. A possibilidade de salvação era inerente a qualquer chamado ao arrependimento, em especial quando a condenação do próprio povo era anunciada como um recurso para induzi-lo, se de alguma maneira isso fosse possível, a uma mudança de coração. De modo semelhante, as bênçãos que seriam desfrutadas num relacionamento

renovado com o SENHOR, também poderiam agir no sentido de induzir uma mudança no coração. No entanto, se não houvesse uma resposta apropriada a elas, o SENHOR poderia abandonar e deserdar uma geração – ou mais de uma – devido à desobediência, mas o *seu* compromisso pactual permaneceria de pé e ele agiria, quando considerasse apropriado, para garantir o seu cumprimento. Embora uma geração incrédula exaurisse a paciência do SENHOR e trouxesse sobre si o seu juízo, ainda haveria esperança de uma reversão do destino do povo, não fundamentada nas conquistas humanas ou no seu poder de atração, mas na graça e no compromisso divinos. Esse grande revés incorpora a grande obra de amor que se recusa a permitir que o pecado e a rebelião tenham a última palavra sobre o destino do povo de Deus.

Assim, essa transformação levará ao fim da punição divina e permitirá a renovação das bênçãos pactuais. Isso incluirá o aumento em termos numéricos (1.10a), a restauração e o aumento da comunhão espiritual (1.10b), uma reintegração harmoniosa dos irmãos que foram alienados (1.11a), uma liderança unificada e nova fecundidade (1.11b). A fórmula reversa de 2.1 revoga a sentença judicial simbolizada nos nomes dos filhos do profeta e mostra o povo interagindo amavelmente ao reconhecer sua unidade com o Senhor, posição esta que é derivada da provisão misericordiosa e benigna dele.

Contudo, ainda resta a questão sobre como essa profecia é cumprida. O próprio Antigo Testamento registra de várias maneiras que houve um restabelecimento das relações entre o norte e o sul depois da queda de Samaria. Nos dias de Ezequias foi feito um convite aos que foram deixados no norte e ele foi aceito por alguns (2Cr 30.10–11,18). Há também indicações de que havia refugiados do norte que residiam no sul (2Cr 31.6). Mais tarde Josias também tomou o norte para dentro da esfera de ação de suas políticas religiosas (2Cr 34.6), o que encontrou certa aceitação daqueles que haviam vivido lá (2Cr 34.9). Durante o exílio pode muito bem ter ocorrido certa fusão entre as pessoas do reino dividido. Inegavelmente, a comunidade restaurada pensava de si mesma como incorporando todo o Israel, como quando Esdras chegou a Jerusalém e ofereceu "doze touros por todo Israel" (Ed 8.35).

Depois do exílio, as pessoas que viviam em Judá e Jerusalém estavam unidas a ponto de não viverem mais em estados separados, mas havia o problema permanente do pequeno número dos que retornaram (Ne 7.4), de

modo que a situação deles dificilmente poderia ser considerada como o cumprimento pleno das promessas que foram feitas aqui. As opiniões divergem sobre quando esse cumprimento seria verdadeiramente alcançado. À luz da apropriação dessas promessas pelo Novo Testamento à igreja de Jesus Cristo ao incorporar judeus e gentios igualmente (cf. Rm 9.25–26; 1Pe 2.10), a visão apresentada aqui é que o seu significado pleno será alcançado espiritualmente na herança celestial do povo de Deus. Veja mais na *Introdução*, p. 41.

1.10 E o número dos filhos de Israel será como a areia do mar,
que não pode ser medida e não pode ser contada;
e será que no lugar que foi dito a eles,
"Vocês não [são] meu povo",
será dito a eles, "[Vocês são] filhos do Deus vivo".

O profeta descreve a revelação que lhe foi dada do que a soberana intervenção de Deus restauraria quanto à posição e ao número do povo da aliança. ***Como a areia do mar*** deliberadamente ecoa as promessas da aliança abraâmica ("Eu certamente farei a sua semente tão numerosa quanto…. a areia da praia"; Gn 22.17). Outras promessas de uma descendência incontável incluem Gênesis 13.16; 16.5; 32.12. Essas promessas são reafirmadas aqui e seu cumprimento é predito para o período posterior à punição. A metáfora aponta para o grande número envolvido, ***que não pode ser medida*** quanto ao peso e ***não pode ser contada*** por um censo. Consciente do papel simbólico desempenhado pelos seus próprios filhos, Oseias usa ***filhos de Israel***/"israelitas", a expressão tradicional para toda a nação, vistos como aqueles em união de aliança (ou pactual) com o SENHOR. Essa expressão aparece primeiramente em Êxodo 3.10, com o plural do substantivo "filho" referindo-se, como normalmente acontece, à descendência tanto do sexo masculino quanto feminino. Em 1.11 (e também em 3.1,4–5 e 4.1) o termo é especificamente usado apenas para as pessoas do norte, e parece que esse é o caso aqui também. No entanto, o foco original no público de Oseias no seu *status* pactual é estendido para todos que reivindicam estar num relacionamento espiritual semelhante com Deus. Na verdade, a promessa é feita de modo assim tão amplo no versículo seguinte.

A matança na terra por causa das incursões assírias e também das disputas internas ocorridas nos últimos anos do reino do norte (e também

a subsequente deportação de muitos dos seus habitantes) teriam feito com que essa promessa parecesse ainda mais distante por volta do fim do ministério de Oseias. O que está em vista é uma renovação do destino da nação numa escala salomônica: "E o seu servo está no meio do seu povo, a quem o senhor escolheu, um grande povo, que não pode ser numerado ou contado quanto à sua grandeza" (1Rs 3.8). É apenas por meio do comprometimento divino com o relacionamento pactual e a intervenção divina em poder que poderá mudar a condição do povo de um modo assim tão efetivo.

Foi predito que a sorte deles seria restabelecida por meio de um relacionamento transformado com Deus. O crescimento em número implica restauração da importância política, mas mais significativamente haveria restauração espiritual. ***No lugar*** aponta para uma localidade geográfica, claramente a terra da promessa onde a maldição havia sido pronunciada sobre eles por causa da desobediência. No mesmo lugar em que Deus uma vez os havia deserdado ao declarar ***vocês não são meu povo*** (cf. 1.9) essa maldição da aliança será revertida. De fato, o que será restaurado a eles será superior ao que foi retirado. Poderia se esperar que a eles seria novamente atribuída a designação "meu povo", mas numa significativa extensão desse privilégio, eles serão chamados ***filhos do Deus vivo***, retomando o uso de "filhos" no primeiro verso. Não mais a sombra da adoração a Baal traria escuridão sobre a terra; o nome "filhos de prostituições" será abandonado como obsoleto. "Deus vivo" emprega a expressão genérica para deidade (*'ēl*) e diferencia o SENHOR dos deuses das crenças pagãs como aquele que é verdadeiramente vivo e ativo (Js 3.10; Jr 10.10; cf. expressões semelhantes em Dt 5.26; Dn 6.20,26). Ele é a fonte primária de toda a existência e aquele que pode verdadeiramente conceder vida a outros (Sl 42.2). Ser designado por esse título, portanto, indica que a eles foi divinamente dada vida verdadeira, algo que requer uma celebração jubilosa (cf. Sl 84.2; Rm 9.26).

1.11 E os filhos de Judá serão reunidos
e os filhos de Israel juntamente,
e eles estabelecerão para si um líder
e eles virão da terra,
pois grande [será] o dia de Jezreel.

O tema ***filhos***/"crianças" continua num segundo lembrete do comprometimento do SENHOR com Judá e também com Israel (cf. 1.7). É predito que as comunidades divididas do norte e do sul ***serão reunidas … juntamente*** (cf. Is 11.13; Ez 37.22). As amargas tensões e animosidades serão relegadas ao passado, e eles agirão em harmonia quando ***estabelecerão para si um líder*** (cf. Ez 37.15–17). "Um líder"/"cabeça" (cf. Sl 18.43) evita o termo "rei", e há alguns comentaristas que tomam isso como evidência de que Oseias perpetua uma atitude de hostilidade em relação à existência de haver um rei em Israel, pois isso comprometeria a soberania singular do SENHOR sobre o povo. A recusa de Gideão de se tornar rei (Jz 8.23) e a oposição de Samuel ao pedido de um rei (1Sm 8.10–18) são citados como exemplos desse antagonismo. Não há dúvida de que o povo poderia pedir um rei pelos motivos errados, mas sempre houve provisão para esse tipo de pedido (Dt 17.14–20). Assim, quando Oseias relembrou os seus ouvintes das erros dos seus reis (cf. 7.3–7; 10.3), ele não estava sendo intrinsecamente antimonarquista. Ele se opunha ao fato de que esses reis não se conformavam às normas da instituição pactual. Mesmo uma passagem como 8.4 se refere aos erros da monarquia e não ao princípio. Portanto, conquanto Oseias evite o termo "rei" aqui, isso pode ser por causa das associações negativas derivadas dos muitos governantes incompetentes no norte durante os últimos anos do governo independente, ou, se essa visão foi conferida a ele num estágio anterior, ela pode refletir a rebelião por meio da qual o reino do norte alcançou sua existência separada. Certamente ele pode falar positivamente sobre a monarquia (cf. 3.5). Na verdade, embora não haja qualquer identificação específica aqui desse líder como um monarca da linhagem davídica, essa é inevitavelmente a conclusão a que se chega da descrição completa em 3.5. A perspectiva em vista é essencialmente messiânica. Agindo de acordo com a provisão que o SENHOR fez para eles, o povo alcançará não somente um alinhamento político temporário, mas a grande unidade do reino espiritual (Ef 4.4–6).

O que resultará da unidade recuperada deles é a esperança do que será então obtido. ***Eles virão da terra*** parece descrever o retorno do exílio e da dispersão, revertendo o juízo de exílio encontrado no último verso de 1.6. "A terra" refere-se aos lugares para onde foram dispersos, embora em outro lugar "a terra" sem qualquer outra qualificação indica a terra da promessa. Há alguns que tomam a expressão "da terra" como equivalente

a outro mundo (Andersen, et al. 1980:208–209), e a imagem é de uma ressurreição nacional semelhante à de Ezequiel 37.1–14. Porém, à luz da metáfora agrícola implícita no "semear" de Jezreel (cf. 1.4), é mais provável que o povo seja visto como uma safra que o SENHOR fará crescer na terra da promessa (o verbo é usado desse modo em 10.8 e em outros lugares no Antigo Testamento) de modo que ***grande será o dia de Jezreel***. Esse primeiro nome simbólico que pressagia o juízo terá seu significado transformado e sua ameaça eliminada, assim como os outros nomes são revertidos no versículo seguinte. Não mais Jezreel (*yiśra'e'l*) ameaça uma catástrofe (1.4–5), mas como o restaurado "Israel" (*yiśrā'ēl*) será ampliado e revigorado pelo poder divino. "Grande" transmite a ideia de renome e de um crescimento incomparável na medida em que o SENHOR semeia prosperidade (2.22–23). Isso não significa que o iminente juízo imediato sobre a casa real e sobre a terra seriam evitados, mas que depois da experiência que eles tivessem enfrentado, emergeria um tempo do favor de Deus que não desiste da sua promessa e do seu propósito.

2.1 Diga a seus irmãos, "Meu Povo",
e às suas irmãs, "Mostrei Compaixão".

Os termos no plural ***irmãos*** e especialmente ***irmãs*** indica que mais do que a família de Oseias está em vista aqui. ***Diga*** é uma ordem no plural que presumivelmente foi dada pelo profeta em visão a grupos dentro do povo restaurado que eram instruídos a anunciar a reversão do significado dos dois outros nomes simbólicos também. As palavras que eles deveriam pronunciar não são meramente uma expressão das suas próprias aspirações, mas numa descrição da harmonia a ser desfrutada pela comunidade restaurada, eles deveriam repetir a mensagem recebida do SENHOR, que mais uma vez concedeu ao seu povo o *status* espiritual e as bênçãos resumidas nesses nomes. O elemento negativo encontrado em Lo-Ammi (1.9) e Lo-Ruchama (1.6) é retirado para indicar a mensagem positiva do relacionamento restaurado com Deus, ***Meu Povo***, e a restauração do favor divino, ***Mostrei Compaixão***. A troca de nomes, que tradicionalmente estava associada com *status* pactual transformado (cf. Gn 17.5,15; 32.28) marca a restauração do povo caído, porque o SENHOR não havia abandonado o seu compromisso com eles.

REFLEXÃO

- Tanto Pedro (1Pe 2.10) quanto Paulo (Rm 9.25–26) interpretam as profecias de 1.10 e 2.1 como tendo sido plenamente cumpridas na incorporação dos gentios entre aqueles que estão incluídos no escopo delas. Essa não é uma imposição sobre a antiga promessa, mas um esclarecimento das implicações que sempre estiveram presentes. A aliança de Deus com Abraão foi estabelecida como a base sobre a qual as bênçãos espirituais iriam se estender para além dos descendentes étnicos do patriarca a "todas as famílias da terra" (Gn 12.3; 22.18; 26.4; 28.14). Qualquer que tenha sido a medida do cumprimento dessa profecia alcançada no período do retorno do exílio da Babilônia, ela foi completamente obliterada pelo número de judeus e gentios que foram levados para a igreja de Jesus Cristo, que é o "único líder" (1.11) a ser conhecido naquele dia (Dn 7.13–14; Ap 11.15).
- "No lugar" (1.10) pode sugerir que ainda pode haver algum cumprimento local da promessa no que diz respeito aos judeus, mas isso muito provavelmente confunde os diferentes horizontes de tempos nos quais o múltiplo cumprimento das profecias do Antigo Testamento ocorre. Essas não são interpretações arbitrárias do texto, mas o desenvolvimento orgânico e natural das riquezas das promessas de Deus, que podem ser comparadas ao crescimento e desenvolvimento de uma única flor até que ela chegue à plena floração.
- A promessa de ser "filhos do Deus vivo" (1.10) é alcançada apenas por meio da adoção em Cristo. "Vejam que grande amor o Pai nos tem concedido, que podemos ser chamados filhos de Deus; e o somos (1Jo 3.1; cf. Jo 1.12–13). O imenso privilégio espiritual de ser um membro da família do Pai é ainda aumentado pelo fato de ele ser o "Deus vivo". Esse título o distingue das entidades sem vida e ineficazes aos quais os devotos dos ídolos estão escravizados (cf. At 14.15; 2Co 6.16; 1Ts 1.9), mas também contém em si o inerente potencial de um relacionamento vital com ele (cf. 2Co 3.3; 1Tm 3.15; Hb 9.14).
- O ministério num período de iminente cataclismo deve satisfazer a dois requerimentos. Deve haver uma urgência em advertir a respeito dos riscos que aquela geração está enfrentando, e uma insistência na necessidade de arrependimento individual da rebelião espiritual. Há

igualmente a necessidade de ministrar aos crentes que estão lutando para suportar as circunstâncias perigosas e desorientadoras que os confrontam. “Cuidado para que ninguém o desencaminhe” (Mt 24.4; cf. Mt 24.24). Há bênção no cumprimento consciencioso dos deveres em tempos tão atribulados (Mt 24.46). Igualmente, encorajamento pode ser derivado da antecipação da gloriosa resolução das questões emaranhadas desta vida quando o Salvador retornar (Mt 25.31).

B. O SENHOR E ISRAEL (2.2–23)

Em muitas traduções para a nossa língua, essa seção central dos capítulos 1 a 3 é formalmente distinguida do material que a cerca ao ser impressa em versos poéticos, em vez de em prosa (cf. *Introdução*, p. 27). No entanto, até mesmo à parte da análise de estilo, é evidente que há uma quebra temática na profecia depois de 2.1, porque a retratação de um tempo de bênção em 1.10–2.1 dá lugar a cenas de tensão, alienação e censura em 2.2–13. Então, ocorre a mesma rápida alternância entre juízo e restauração que forma a estrutura de 1.1–2.1, pois 2.14–23 apresenta uma imagem maravilhosamente positiva da maneira em que o SENHOR resolverá os problemas que afetam o relacionamento pactual entre ele e o seu povo, restaurando-os de modo que eles desfrutem do favor dele.

As circunstâncias pessoais de Oseias haviam amplamente recuado para o segundo plano pela conclusão da seção anterior, e isso prevalece também ao longo de toda essa seção. Há um elemento de continuidade com o relato anterior no sentido de que metáforas familiares ainda são empregadas, mas essa característica não é suficientemente proeminente para permitir chamar essa seção de “um relato da experiência familiar de Oseias entrelaçada com a experiência de Yahweh e seu povo” (Andersen, et al. 1980:218). O foco está novamente diretamente no SENHOR, que é ele quem fala nessa passagem e que descreve o seu relacionamento com o seu povo em termos de um casamento tumultuado com uma esposa infiel. As próprias dificuldades pessoais do profeta com Gômer (que são elaboradas no capítulo 3) conferem um caráter mordaz e de cunho pessoal à mensagem transmitida por Oseias, mas ele não desenvolve esse aspecto da situação.

(1) O comportamento indigno de Israel (2.2–13)

Nesses versículos o próprio SENHOR fala, e a nação é metaforicamente descrita como a esposa do Senhor e como a mãe dos cidadãos. Em primeiro lugar, o SENHOR afirma a sua queixa contra o comportamento dela (2.2–5) e depois adverte sobre a ação que ele tem necessariamente que tomar contra ela caso ela persista na sua insensatez (2.6–13). Contudo, é notável que ele não fala *a* Israel, mas *sobre* ela como se fosse uma terceira parte. Isso reflete o grau de alienação que existe entre o SENHOR e seu povo: as partes da aliança não estão mais conversando entre si.

Há outra consequência derivada do fato de o monólogo divino não ser diretamente dirigido à nação e de não confrontá-la diretamente acerca dos seus erros, mas, em vez disso, os cidadãos da terra são chamados a agir como seus filhos. Essa abordagem oblíqua conclama os israelitas individualmente a se separarem da comunidade da qual eram parte e a ver as coisas mais objetivamente, na verdade da perspectiva do SENHOR. É sempre mais fácil ver os erros dos outros, como Natã notavelmente ilustrou no caso do pecado de Davi (2Sm 12.1–15). Uma crítica do comportamento nacional é uma abordagem que não traz confrontação imediata, e por isso podemos reconhecer mais prontamente a sua validade quando o ouvinte adota a postura de espectador e não pensa em si mesmo como parte da sociedade que está sendo examinada. Desse modo, o povo pode ser induzido a ser mais crítico acerca do consenso nacional e desse modo se tornar mais disposto a se desassociar dele. O propósito da mensagem do SENHOR não era a mera descrição, mas uma mudança pessoal na aparência e no comportamento por meio do arrependimento.

O texto é dirigido a Israel quando eles ainda desfrutavam de um tempo de prosperidade material sob o governo de Jeroboão II. A nação, no entanto, estava sendo advertida de que esse período chegaria rapidamente ao fim porque eles haviam deixado de reconhecer o Senhor como a verdadeira fonte da sua prosperidade e usado de modo errado as bênçãos dadas por ele. O raciocínio por trás dessa passagem pode ser comparado ao convite feito mais tarde a Judá pelo SENHOR para que chegassem a um acordo sobre a disputa que atrapalhava o relacionamento entre eles, "Venha agora e vamos arrazoar juntos", o SENHOR continua dizendo. "Embora os seus pecados sejam como escarlata, brancos como a neve, eles podem se tornar; embora sejam vermelhos como carmesim, como a lã eles podem se tornar" (Is 1.18).

(a) Um apelo ao arrependimento nacional (2.2–5)

É difícil determinar a situação específica que é assumida nesses versículos. Muitos detectaram aqui a descrição do procedimento formal de divórcio. Por exemplo, Wyrtzen argumenta que o que é apresentado em 2.2–13 é o fim do relacionamento conjugal por causa da infidelidade da esposa. Ele argumenta que a terminologia de 2.2 "é estranha se ela pretende apenas transmitir uma separação conjugal, mas não um divórcio. … Na passagem da salvação (Os 2.14–23) a reunião não é simbolizada como a restauração do casamento anterior, o pacto mosaico, mas como o início de um novo casamento embora com o mesmo parceiro anterior" (1984:320). A linguagem de noivado certamente sugere um começo radicalmente diferente.

Contudo, totalmente à parte dos problemas que a abordagem de Wyrtzen encontra acerca da proibição divina de recasamento ("seu marido anterior, que a mandou embora, não tem permissão para tomá-la novamente para ser sua esposa"; Dt 24.4), os profetas em outros lugares não veem o SENHOR como se divorciando do seu povo. Na verdade, mesmo quando o povo pensava que havia sido abandonado pelo SENHOR, ele lhes fez um desafio "Onde está a certidão de divórcio da sua mãe a quem eu mandei embora?" (Is 50.1). Essa negação do divórcio mesmo nas circunstâncias do exílio parecem refletir a atitude expressada aqui também.

Mesmo nessa passagem há claras indicações de que a irrevogável dissolução do casamento não está em vista. Se os versos iniciais de 2.2 anunciam um divórcio, então seria de esperar que o marido não tivesse mais qualquer interesse pelo comportamento de sua esposa, de quem se separou, mas os versos finais do versículo expressam o desejo de que ela mude o seu comportamento para melhor. Conquanto 2.3–5 possam ser interpretados como a punição vergonhosa imposta a uma esposa adúltera, esses versículos não falam da punição de pena de morte que era exigida pela lei para o adultério (Lv 20.10; Dt 22.22). Mais importante ainda, seria anômalo que um homem divorciado fosse apresentado em 2.6 como ainda estando tentando influenciar a conduta futura da sua esposa. Parece, portanto, que a analogia de um procedimento formal de divórcio não consegue explicar todos os elementos desse texto.

A preocupação do SENHOR é retomar. Essa é, na verdade, a descrição de um relacionamento desestruturado, mas parece ser um relacionamento

que ainda não alcançou a quebra irremediável, pois o SENHOR não desiste e faz planos para o futuro que não indicam novo casamento, mas a restauração do relacionamento suspenso. Afinal de contas, em 3.1 Oseias não é chamado a "casar novamente" mas a "amar novamente".

Parece haver aqui uma analogia com uma companhia de eletricidade quando ela interrompe o fornecimendo de energia elétrica de uma casa. Uma coisa é a companhia interromper o fornecimento e desconectar o medidor, e outra é retirar o cabo de força que liga a casa à central de fornecimento e declarar que a companhia nunca mais o reinstalará. É o primeiro caso que ilustra o que o SENHOR faz quando lida com seu povo, retribuindo e corrigindo o desligamento devido a uma má conduta flagrante, mas não o total abandono.

2.2 Pleiteiem com a mãe de vocês, pleiteiem –
pois não [é] ela minha esposa
e eu não [sou] marido dela? –
e que ela elimine as suas prostituições da sua face,
e seus adultérios de entre os seus seios.

Embora o termo ***pleiteiem*** (*r'b*; cf. 4.1,4; 12.2) prefigure uma situação em que uma das partes tem uma queixa contra a outra, não é necessariamente o caso que os procedimentos formais de uma corte estejam em vista. Uma queixa pode ser solucionada ao se confrontar a outra parte e induzi-la por meio de argumento e discussão a reconhecer o seu erro e dar início à ação apropriada para corrigir a situação, sem que seja necessário recorrer a uma intervenção judicial. Levar a discussão para um árbitro de fora pode muito bem ocorrer como o último passo num processo em que todas as tentativas anteriores de reconciliação não deram resultado. (Observe a sequência em Dt 25.1–3, em que um *r'b* em dt 25.1–3, em que um *r'b* não resolvido acaba diante dos juízes.) O que é retratado nesse caso são os procedimentos informais em que um grupo não identificado de pessoas (veja os plurais "pleiteiem" e "a mãe de vocês") são instados a acatar a queixa do SENHOR contra a sua esposa e a confrontá-la a respeito da própria conduta na esperança de que isso leve a uma mudança no coração dela.

O papel de apresentar a queixa do SENHOR era normalmente conferido aos profetas, mas aqui ele é atribuído a um grupo cuja identidade pode ser inferida da expressão ***a*** mãe ***de vocês***, que é também identificada como a

minha esposa por quem fala. Uma vez que o versículo seguinte deixa claro que é a voz do SENHOR que está sendo ouvida, a mulher mencionada representa a nação considerada coletivamente como a mãe dos seus cidadãos, enquanto "filhos"/"crianças" (2.4) refletem a posição das pessoas que são chamadas a se levantar contra a nação como um todo, muito embora o reconhecimento da maldade nacional os implique também.

Se "pleiteiem com" for entendido como "fazer acusações contra" (cf. NKJV, NLT), então ***pois*** pode ser traduzido como "que" e apresenta a substância das alegações contra a nação. Contudo, a estrutura do versículo é mais bem compreendida quando se entende "pois" como apresentando a razão pela qual o SENHOR conclama esse grupo a pleitear com a nação como uma entidade. A tradução óbvia do segundo e do terceiro verso é "pois ela não [é] minha esposa e eu não [sou] marido dela". Embora alguns comentaristas tenham identificado aqui uma fórmula de divórcio que seria pronunciada pelo marido, cuja esposa não tem outra opção a não ser aquiescer ao que ele diz, é mais provável que essas palavras apresentem o resultado prático se ela persistir com a mesma atitude e que o chamado para "pleitear" tem o propósito de evitar esse resultado.

No entanto, há outra abordagem a essa expressão que é mais satisfatória do que as interpretadas acima, que é tomar as palavras como uma pergunta retórica sem marcadores: **pois não [**é**] ela minha esposa, e eu não [sou] marido dela?** Originalmente, o ponto de interrogação teria transmitido um aumento da entonação da voz de quem fala. Não é difícil ouvir Oseias, que se deliciava com um jogo de palavras e com o uso de recursos retóricos, pronunciar essas palavras ironicamente ou com uma inflexão de questionamento negativo. As perguntas sem o marcador no Antigo Testamento são mais comuns em conversas – que é de fato o que temos aqui. Essa abordagem foi adotada pela NEB: "Não é ela minha esposa e eu seu marido?" Essa posição foi recentemente revivida por Liang (2009), que aparentemente não conhece a tradução da NEB. A pergunta retórica (cf. 6.4) naturalmente esperaria como resposta "Sim, de fato ela é", e assim forneceria a base adequada para o clamor para que ela mude a sua atitude e evite os desastres que de outro modo viriam sobre ela.

Que ela elimine é uma cláusula de propósito que retrata o efeito desejado da intervenção que o SENHOR está pleiteando. Ele compara Israel a uma esposa cuja conduta tem sido libertina, mas que ele ainda deseja que

mude as suas atitudes e que viva em obediência a ele. ***Prostituições*** e ***adultérios*** estão no plural, o último ocorrendo apenas aqui. O primeiro termo se refere à imoralidade sexual em geral (cf. 1.2), enquanto o adultério se refere especificamente à violação do vínculo do matrimônio (cf. 3.1). Como em 1.2, o plural pode indicar o quão frequentemente ela agia dessa maneira, ou quão característica essa conduta havia se tornado nela. Alternativamente, dadas as duas referências ao seu corpo em ***da sua face*** e de ***entre os seus seios***, esses plurais podem se referir aos vários cosméticos com que as prostitutas habitualmente adornavam o rosto e às joias que usavam no pescoço (cf. 2.13; Jr 4.30; Ct 1.13). De qualquer modo, a menção da sua face indica a descarada falta de constrangimento com que ela agia (cf. Jr 3.3) e a menção aos seus seios indica igualmente a falta de vergonha da sua conduta. Será apenas se ela renunciar a esse tipo de comportamento que o caminho da reconciliação será aberto.

A analogia da esposa infiel se refere, em última instância, sem dúvida, a Israel e a sua má conduta. O significado espiritual das alegações feitas contra ela é explicitado em 2.5,8,12–13.

> 2.3 para que eu não a deixe nua,
> e a faça como no dia em que ela nasceu,
> e a estabeleça como o deserto
> e a coloque como terra seca
> e a mate de sede;

Para que não introduz uma série de cinco cláusulas que aumentam em intensidade para descrever as consequências que a Israel inconstante sofrerá se ela rejeitar as propostas que o SENHOR fez e não corrigir os seus caminhos. ***A deixe nua*** é o mesmo verbo que foi usado quando José foi despido à força de suas roupas (Gn 37.23). Israel havia começado um comportamento de ostentação vulgar, não fazendo qualquer esforço para esconder sua conduta, e por isso sua punição seria o aumento da sua vergonha que iria além do que ela teria desejado. A exposição pública era parte da punição da Assíria para as meretrizes que quebrassem a lei e algo semelhante pode ter ocorrido em Israel (cf. Ez 16.37; 23.10; veja também Jr 13.26–27; Na 3.5–6). “Alimento, roupas e intimidade conjugal” (Êx 21.10) eram listados como os três direitos que deveriam ser concedidos a uma concubina israelita ou segunda esposa. Aqui o SENHOR retira os benefícios que uma esposa normalmente receberia do seu marido, porque

ela não está mais se comportando como uma verdadeira esposa deveria se comportar.

E a faça como no dia em que ela nasceu forma um paralelo óbvio com "a deixe nua", recém-nascida e ainda não vestida. "Faça" pode transmitir a ideia de "expor" ou "exibir" como em "Ele fez de mim um provérbio para o povo e eu sou aquele em cuja face cuspiram" (Jó 17.6). Isso retrata tanto vergonhosa punição (cf. Mc 1.11) quanto extrema necessidade (Jó 22.6; 24.7,10; Am 2.16) para a esposa infiel.

A segunda parte do versículo desenvolve a imagem do "dia em que ela nasceu" ao considerar as circunstâncias nas quais a nação de Israel veio a existir. ***Como*** é provavelmente usado num sentido comprimido equivalente a "como em". Em vez de indicar um período em que seca assolava a terra, ***o deserto*** (cf. 2.14) e ***terra seca*** remetem à jornada depois da saída do Egito. Por isso a nação que virou as costas à aliança (ou ao pacto), vivenciaria a reversão das bênçãos da aliança e sofreria mais uma vez as mesmas dificuldades e privações (cf. Jr 2.6 para uma descrição daqueles dias, mas agora sem a presença do SENHOR para ajudá-los). Ela sofreu sede lá (cf. Êx 17.1–7; Nm 20.2–13), e os termos amplamente sinônimos ***estabeleça*** e ***coloque*** apontam para a ação decisiva do SENHOR caso ela continue a rejeitá-lo. Ele tomaria ***dela***, ou seja, do povo, tudo o que eles tinham e os deixaria suportar a maldição da quebra da aliança. "Porque vocês não serviram ao SENHOR seu Deus com gozo e alegria de coração por causa da abundância de tudo, vocês servirão aos seus inimigos a quem o SENHOR enviará contra vocês com fome e com sede, em nudez e escassez de tudo" (Dt 28.47–48). Embora ***mate*** possa sugerir morte pela sede de alguma parte da nação, mais provavelmente o que é intencionado aqui é o grande sofrimento que será imposto a eles.

> 2.4 [para que] também aos filhos dela eu não mostre compaixão, pois eles [são] filhos de prostituições.

A força de "para que" no início de 2.3 é trazida para esse versículo também, mas com a diferença de que o que está em vista agora é o impacto individual, e não o geral, da recusa do povo de se arrepender e corrigir seus caminhos. O que vem sobre a "mãe" deles, a nação como um todo e as suas instituições, inevitavelmente afeta ***os filhos dela***, as pessoas que compõem a nação (cf. 2.2). Embora a Escritura claramente ensine a responsabilidade de cada ser humano de voltar-se para o SENHOR e

assegurar o seu destino eterno pela confiança nele (cf. Ez 18.4), ela do mesmo modo revela a dimensão social da humanidade, organizada em famílias, comunidades, nações e na verdade como uma única entidade racial. Nenhum indivíduo pode se abstrair dos vínculos que genérica e socialmente os ligam aos outros. Uma comunidade não pode ser julgada por Deus sem que cada membro dela também vivencie as consequências temporais do juízo divino, independentemente da maneira em que eles individualmente se comportaram (observe a provisão descriminatória do SENHOR para com Ebede-Meleque e Baruque, Jr 39.16–18; 45.5). ***Eu não mostre compaixão*** (cf. 1.6) descreve o SENHOR retendo a sua provisão e proteção, expondo todos ao rigor do seu castigo, seja por meio de calamidades naturais como fome ou por meio das vicissitudes da guerra e da invasão inimiga.

Aqui, no entanto, o SENHOR vai além de delinear as consequências da interconexão social da humanidade; ele também acrescenta ***pois eles são filhos de prostituições***. Uma expressão semelhante já havia sido usada em 1.2, em que o comportamento repetidamente desviado de sua mãe não apenas mancha a reputação da sua descendência, mas também a influencia para o mal. "Os filhos dela" no verso anterior já havia indicado que o SENHOR, que aqui fala no papel do esposo da nação, não os reconhece como seus verdadeiros filhos. Pela sua inclinação e participação, eles todos são cúmplices na culpa de sua mãe e, por isso, é justo que todos eles compartilhem do destino dela.

> 2.5 Porque a mãe deles cometeu prostituição;
> aquela que os concebeu agiu vergonhosamente,
> pois ela tem dito, "Deixe-me ir atrás dos meus amantes,
> que estão [me] dando meu pão e minha água,
> minha lã e meu linho, meu óleo e minhas bebidas".

Porque introduz uma explicação da expressão "filhos de prostituições" no fim do versículo anterior. O caráter dos filhos foi moldado pelo comportamento da ***mãe deles*** (a nação), que ***cometeu prostituições*** (cf. 1.2), que é mais especificamente identificada na segunda parte do versículo. ***Agiu vergonhosamente*** descreve a atitude descarada que desafia todo decoro. ***Aquela que os concebeu*** atribui à nação como um todo a responsabilidade não apenas pela existência dos seus cidadãos, mas também pelo caráter demonstrado por eles. As pessoas e o povo

trouxeram, como comunidade, a desgraça sobre si mesmos pelos seus próprios pecados.

Pois no início do terceiro verso apresenta a evidência que substancia as alegações contra Israel. O recurso de personificar a nação é usado para ressaltar a motivação interior da sua conduta. Essa é a primeira de três breves falas desse tipo nesse capítulo (também em 2.7,12), que representam vividamente o espírito da comunidade em vez de reivindicar reproduzir os sentimentos que eles realmente exprimiram. Isso apresenta o desvio de conduta como algo que não foi acidental ou uma aberração momentânea, mas como uma escolha deliberada de adotar o comportamento e a religião dos cananeus com o objetivo de desfrutar da prosperidade atribuída à adoração dos seus deuses. A tradução do presente perfeito ***tem dito*** (em vez de simplesmente "disse") indica que a atitude iniciada no passado ainda continua.

Meus amantes são "aqueles que eu amo" (cf. Jr 2.25; Ez 16.37) em vez de "aqueles que estão me amando". Essa é uma disposição contínua e o plural descreve as várias manifestações locais do deus Baal, que era o deus cananeu da fertilidade (cf. 2.8,13). É improvável que o termo se refira primariamente aos bezerros de Dan e Betel (cf. 8.5), ou, nesse contexto, às nações estrangeiras (Cf. Jr 22.22; Lm 1.2; Ez 16.33), porque isso não se enquadra na situação do reinado de Jeroboão quando Israel ainda estava forte e não dependia de alianças com as nações ao seu redor. Em vez disso, Israel estava fascinada pelos baalins aos quais ela abertamente atribuía a prosperidade agrícola da terra, e aos quais ela se dedicava (cf. a declaração das mulheres em Jr 44.15–19).

Ir atrás (cf. 2.13) descreve o desejo interior traduzido na tentativa ardente de buscar companhia e satisfação. A expressão idiomática é empregada para descrever o compromisso com o SENHOR (Dt 13.5; 1Rs 14.8) ou com os falsos deuses (Dt 4.3; 6.14). A metáfora subjacente é semelhante àquela usada em "de antes" em 1.2 (cf. 11.10). ***Estão me dando*** é uma expressão no particípio, que é reminiscente de um hino no particípio em que o louvor era devido ao SENHOR (cf. Sl 136.25). Isso era o que as nações ao redor acreditavam, e Israel havia adotado a cosmovisão delas.

O repetido pronome ***meu*** dos últimos dois versos indica o foco materialista dos pensamentos de Israel. Ela não apenas confundia a fonte desses benefícios, mas os via como essenciais para a sua vida e como seus

por direito. Três pares de mercadorias são listadas. ***Pão*** era o alimento básico da terra, e água não era apenas para o consumo humano, mas para as plantações e para os animais também (Dt 9.9, 1Rs 18.13). Sem ela toda a economia agrícola entraria em colapso. A ***lã*** e o ***linho*** eram materiais para o vestuário. O primeiro era de origem pastoril, enquanto o segundo vinha de uma planta que era cultivada por causa das suas fibras. Óleo era óleo de oliva, usado de muitas maneiras, para cozinhar, para iluminação, como cosmético, medicinalmente e nos rituais; especialmente, era um produto importante no comércio (cf. 2.8; 12.1). ***Bebidas*** não são necessariamente bebidas alcoólicas, mas transmite a ideia de líquidos revigorantes diversos (cf. Sl 102.9; Pv 3.8). Oseias não está se opondo à atribuição incorreta de Israel da fonte dessas bênçãos ao advogar total proibição do uso delas. Esses são benefícios vindos de Deus e devem ser usados, porém com gratidão ao único verdadeiro "Deus que abundantemente nos provê com todas as coisas para o nosso desfrute" (1Tm 6.17).

A descrição da situação religiosa de Israel que é dada nesse versículo pode ser descrita como uma "baalização", ou seja, a atribuição de todo o bem-estar da nação aos deuses cananeus de modo a marginalizar e efetivamente negar o poder do SENHOR (veja-se *Introdução*, p. 35). É improvável que isso envolvesse o total abandono da adoração ao SENHOR (cf. 2.11,16). Esse desafio foi contrariado na época de Elias, mas a influência cananeia não foi extirpada da terra e por isso permaneceu como um dos mais importantes fatores do pensamento e da prática religiosas do norte. Nominalmente e formalmente, eles adoravam o SENHOR, mas na realidade a ideologia deles havia sido tão adulterada pelas ideias cananeias que era Baal quem eles estavam adorando.

REFLEXÃO

- O uso de "mãe" (2.2) e "filhos" (2.4) para se referir aos diferentes aspectos da vida do reino do norte ressalta a difícil questão sobre qual deve ser o comportamento individual quando a sociedade como um todo não respeita mais Deus e sua palavra e quando a vida da nação não observa mais as normas divinas. Embora haja situações em que o silêncio possa ser apropriado (cf. 4.4; Am 5.13), o papel profético conferido à igreja e em especial aos seus líderes requer que advertências apropriadas sejam feitas a respeito do veredito de Deus

quanto à conduta pecaminosa (Ez 3.18–21). Porém, esse apelo não deve ser feito num espírito sombrio ou hipócrita, mas de maneira digna daquele que reivindica falar em favor de Cristo (cf. Jo 17.18; 2Co 5.20).

- "Ela não é minha esposa e eu não sou seu marido?" (2.2). A mutualidade que deveria estruturar e sustentar o vínculo do matrimônio precisa ser ativada por ambas as partes. "Num casamento, o cônjuge deve retribuir o amor do outro e, como ressalta o profeta, Deus busca o amor do seu povo. O simples uso dessa imagem [de uma noiva e uma esposa] contém uma exigência implícita de amor, uma exigência que em sua maior parte não é satisfeita" (Morris 1981:60).
- O pecado de Israel foi o sincretismo, quando a sua visão religiosa era um amálgama do que o SENHOR havia revelado e os conceitos adulterados dos povos pagãos ao seu redor. O fato de ela ser retratada como uma adúltera (2.2) sugere que Israel não havia repudiado totalmente o seu relacionamento com o SENHOR, mas que estava apenas procurando enganá-lo (e em certa medida a si mesma) a respeito de com quem ela estava verdadeiramente comprometida. Porém, é impossível combinar lealdade ao SENHOR e aos outros deuses porque a singularidade do SENHOR não deixa espaço para qualquer meio-termo. "O SENHOR é Deus; não há outro além dele" (Dt 4.35). Além do mais, o Senhor exige um comprometimento absoluto e constante com ele. "Vocês não terão outros deuses diante de mim" (Dt 20.3). A exclusividade do cristianismo não é derivada da intolerância contra pessoas, classes sociais ou grupos étnicos particulares – o convite do evangelho é feito sinceramente e sem discriminação – mas de sua exigência de que uma escolha deve ser feita (cf. Js 24.15; 1Rs 18.21).

(b) Desvio frustrado (2.6–7)

A conduta aberrante de Israel provocou inevitavelmente uma resposta do SENHOR, mas ele não os destruiu imediatamente em juízo. Em vez disso, na sua longanimidade ele tomou medidas menos severas contra o seu povo transviado para frustrar as ambições mal concebidas e evitar uma maior deterioração do comportamento deles, bem como atraí-los de volta para si.

2.6 Portanto, estou prestes a cercar
o seu caminho com espinheiros,
e vou construir um muro ao redor dela
de modo que ela não encontrará os seus caminhos.

Portanto (*lākēn*) com frequência apresenta o veredito divino a respeito da conduta do povo, mas aqui o que está em vista não é tanto a punição, mas medidas preventivas que o SENHOR está ***prestes a*** impor sobre ela,[28] porque ele decidiu restringir o comportamento dela.

Embora ***cercar*** seja usado positivamente em Jó 1.10 para descrever uma barreira para proteger contra ataque externo, o que está em vista aqui é algo para refrear a propensão que Israel tem para se desviar. A imagem é a de uma extensão do versículo anterior em que o povo está determinado a ir atrás dos baalins, presumivelmente para participar de peregrinações aos lugares sagrados onde esses deuses eram adorados. Em vez disso, o Senhor irá evitar que Israel se desvie para quaisquer direção do agrado deles por meio dos ***espinheiros*** da sua providência. Um espinheiro era um arbusto baixo e com espinhos, normalmente plantado em fileira no alto dos muros de pedra para evitar que os animais tanto fugissem do campo quanto entrassem nele (cf. King 1988:123). Israel seria tratado como um animal cuja vontade instintiva de vaguear, tanto saindo do campo no qual ele havia sido colocado como entrando num campo proibido longe do qual ele está sendo reunido, vai ser restringida. O SENHOR diz, ***vou construir um muro ao redor dela*** (literalmente, "muro um muro"), novamente, não para protegê-la dos outros, mas dela mesma. O caminho que ela em rebelião escolheu para si mesma será efetivamente bloqueado por um muro de pedras construído pelo SENHOR, de modo ***que ela não encontrará os seus caminhos***. Essa ação não é punitiva, mas preventiva. Em sua fidelidade amorosa ao seu povo, o SENHOR primeiramente procura restringir a insensatez e mantê-lo no *seu* caminho, o caminho que ele quer que eles sigam.

2.7 E ela vai seguir os seus amantes, mas não os alcançará;
e ela os buscará, mas não [os] encontrará.
E ela dirá, "Deixem-me ir
e retornar para o meu primeiro marido,
pois [era] melhor para mim antes do que [é] agora.

Os primeiros dois versos são uma imagem paralela da frustração que o SENHOR imporá sobre o povo para discipliná-los e conclamá-los a retornar para ele. ***Seus amantes*** ainda são os baalins (cf. 2.5) e ***seguir*** e ***buscará*** mostra que o desejo dela de adorá-los permanece tão forte como nunca. "Vai seguir" é a linguagem do caçador e, embora seja usada com frequência em contextos negativos, pode indicar uma aspiração ardente por algo que é legítimo (cf. 6.3; Sl 34.14; 38.20; Pv 15.9). "Buscará" é usado em outros lugares para descrever a devoção religiosa ao SENHOR e o desejo de comunhão com ele (cf. 5.6). Porém, Israel não será bem-sucedida no cumprimento dos seus planos, porque o SENHOR porá empecilhos no seu caminho. O absoluto ***não os encontrará*** pode indicar que ela não consegue localizar não apenas aqueles que ela buscava, mas também qualquer outra fonte de satisfação. Sua conduta é totalmente fútil e seu procedimento desinformado resulta em não encontrar absolutamente nada. Embora seja possível interpretar esse e o versículo anterior como antecipando o cerco a Samaria e a deportação do povo de Israel do seu território, em vista aqui estava provavelmente a deterioração da situação interna na terra mesmo antes da agressão assíria.

A segunda parte do versículo está relacionada com o que irá acontecer quando Israel se encontrar incapaz de obter segurança e prosperidade por meio da devoção aos baalins. À medida que a disciplina restauradora do SENHOR começa a exercer um impacto, sua esposa infiel reconhecerá, em certa medida, a realidade da sua situação. Novamente (cf. 2.5), um vislumbre da atitude dela é fornecido pela apresentação do que é imaginado que ***ela dirá. Deixem-me ir*** ecoa a sua declaração anterior em 2.5, mas agora há uma distinção marcante na sua decisão de para onde ela decide ir – não para os falsos deuses, mas para ***meu primeiro marido***/"homem" (*ʾš*, cf. 2.16). "Primeiro" não é usado em contraste com "segundo", como se ela estivesse dizendo que Baal era seu segundo marido. O relacionamento dela com Baal era ilegítimo do começo ao fim. "Primeiro", no sentido de "original", volta à sua união inicial com o SENHOR.

Retornar (*šûb*) é basicamente um verbo de movimento, que é usado numa variedade de sentidos. O verbo ocorre 22 vezes em Oseias, de modo mais significativo para descrever um retorno espiritual (cf. 5.4). No entanto, não parece que a situação descrita aqui seja de arrependimento genuíno. O estímulo para a sua mudança de atitude é a sua percepção de

que ***era melhor para mim antes do que é agora***. "Antes" aponta para todo o tempo em que eles podiam dizer que serviam ao SENHOR, os dias de obediência e fidelidade à aliança, que certamente incluía o período no deserto, quando Israel desfrutou da provisão do SENHOR, apesar das dificuldades das circunstâncias. O argumento dela parece estar mais do que um pouco manchado por autointeresse materialista. Se os baalins não estavam fornecendo o que ela esperava, então talvez fosse melhor para ela tentar novamente o SENHOR (cf. "Eu estava melhor com ele", NEB). Não há qualquer expressão de fidelidade ao SENHOR, ou pesar pelas suas ações. Mesmo assim, em certa medida, a disciplina do SENHOR frustrando seus planos causou um impacto. Ela não está mais cegamente comprometida com os baalins e foi levada a fazer uma reavaliação da sua conduta, embora de uma maneira egocêntrica. Uma consciência espiritual mais profunda ainda é exigida.

REFLEXÃO

- Quando o povo do SENHOR se desvia espiritualmente, ele pode discipliná-los pelo uso de tribulações e dificuldades como advertência de que eles estão fora do caminho que leva para ele mesmo e que se aliaram àqueles que se rebelaram contra ele. Opor-se ao SENHOR leva ao sofrimento e à frustração. "É duro para você chutar os aguilhões" (At 26.14). "O bom entendimento obtém o favor, mas o caminho do traiçoeiro é difícil" (Pv 13.15). As barreiras no caminho que a própria pessoa escolheu para si podem ser um sinal da preocupação divina no sentido de que Deus incentiva um desviado a reavaliar a sua conduta e retorne em arrependimento. "Quando vocês estiverem em tribulação e todas essas coisas vierem sobre vocês, nos últimos dias vocês retornarão para o SENHOR, o Deus de vocês e obedecerão à voz dele" (Dt 4.30).
- Nos volumes sobre os Profetas Menores com os quais ele colaborou para a série *The expositor's Bible* de 1899, George Adam Smith desenvolveu uma sugestão de Jerônimo e intitulou os seus comentários sobre Oseias 1–3 de "A história da esposa pródiga". Essa foi uma alusão evidente à parábola encontrada em Lucas 15.11–32, mas embora as calamidades que caíram sobre o filho perdido o levaram a reconsiderar a sua situação e retornar, o

surpreendente resultado da história de Israel mostra que nenhuma reação parecida ocorreria no seu caso.

(c) A deslealdade punida (2.8–13)

Israel não chegou a avaliar o quanto era séria a sua situação, e assim não chegou a pronunciar as palavras de 2.7, ou algo parecido. Uma vez que o arrependimento, não importa o quão deficiente pudesse ser, ainda era algo muito distante, outra acusação foi feita contra a esposa transviada do SENHOR – que ela não reconhece a verdadeira fonte da sua prosperidade (2.8). Consequentemente, como um segundo estágio no programa de recuperação do SENHOR, ele retirará os benefícios que já havia concedido à nação (2.9) e a expõe à vergonha (2.10), à falta de alegria (2.11) e à ruina final (2.12–13). "O amor nunca é ríspido, mas pode ser severo" (Morris 1981:18).

2.8 Mas quanto a ela, ela não sabe que eu [sou aquele que] deu a ela
o cereal e o vinho novo e o óleo de oliva,
e prata eu multipliquei para ela
e ouro [que] eles ofereceram a Baal.

Mas quanto a ela muda o foco novamente para a atitude de Israel, que está longe da que deveria caracterizar um leal seguidor devotado ao SENHOR. O foco está no fato de que ***ela não sabe***. "Sabe" é um termo-chave em Oseias (cf. 2.20; 4.1,6; 5.3–4; 6.3,6; 13.4–5) e inclui não apenas possuir informação sobre Deus, mas o reconhecimento do que ele tem feito, expressado em ação de graças, obediência e verdadeira intimidade. Israel não estava mais vivendo como uma das partes na aliança do SENHOR, mas em vez disso havia adotado um entendimento pervertido a respeito dele e do mundo que era derivado da ideologia cananeia, em que os baalins, os deuses da fertilidade, eram adorados porque eram concebidos como a fonte de cada bênção material. Qualquer que fosse a percepção que o povo tinha do seu relacionamento com o SENHOR, o fato de estarem enfeitiçados por tudo o que era cananeu os havia cegado para o fato de que eles estavam vivendo num mundo criado pelo SENHOR e que ele continuava a controlar (cf. Jr 5.24). Esse bloqueio mental e espiritual, no entanto, não alterava a realidade da situação. ***Eu [sou aquele que]*** reflete o uso enfático do pronome da primeira pessoa do singular "eu", de modo que a declaração é virtualmente equivalente a "eu e apenas eu" e

não aqueles que têm sido incorretamente identificados como aqueles que concedem essas bênçãos (cf. 4.6; 5.3,14; 7.15; 12.10; 13.5; 14.8).

Não há dúvida que os salmos de Davi continuavam a ser cantados no culto do reino do norte. Com os seus lábios, eles proclamavam que o SENHOR satisfaz o desejo de todos os seres vivos com a sua abundante provisão (cf. Sl 145.16), mas estas haviam se tornado meras palavras que não refletiam mais o que eles na verdade pensavam.

Os produtos agrícolas eram bênçãos de Deus de que eles desfrutavam, fruto de sua bondade como o Senhor pactual deles. O povo estava em "uma terra da qual o SENHOR seu Deus cuida" e para a qual ele prometeu que daria "chuva na sua estação própria, as primeiras e as últimas chuvas, para que vocês possam recolher os cereais e o seu vinho e o seu óleo. E eu darei erva no campo para os seus animais e vocês comerão e ficarão fartos" (Dt 11.12,14–15; cf. Dt 7.13). As primeiras três bênçãos nesse versículo são diferentes daquelas encontradas em 2.5. Aqui a referência é a um produto recém-colhido, fresco, recentemente dado por Deus e ainda não processado. ***Cereal*** consiste em grãos recolhidos de uma variedade de cultivos, principalmente trigo, mas também cevada, painço e espelta. Esses cereais crescem nos vales. Vinhas e olivais são encontrados nas encostas das montanhas. ***Vinho novo*** provavelmente aponta para o suco fresco da uva prensada. Não está claro em que medida houve fermentação, se é que houve (cf. 4.11). O óleo de oliva é um termo diferente para o que é encontrado em 2.5, e provavelmente diz respeito ao óleo de azeitonas recém-prensadas. As oliveiras não cresciam no Egito e na Mesopotâmia, e por isso seu óleo era uma valiosa mercadoria de exportação. O produto dessas árvores formava a base da riqueza e da prosperidade nacional de Israel.

Da sua abundância agrícola saía o sucesso comercial. O SENHOR também acrescentou ***prata e ouro*** aos seus recursos nacionais, produtos que não eram naturalmente encontrados em Canaã, mas que Israel adquiriu por meio do comércio com as outras nações. ***Multipliquei***/"fiz muito" (cf. 10.1) indica que o SENHOR não restringia a sua provisão, de modo que a riqueza deles havia crescido substancialmente.

No entanto, a insensibilidade espiritual de Israel podia ser avaliada pelo fato de que eles não somente fizeram mal uso desses recursos, mas também abusaram deles. O sujeito plural ***eles*** na última cláusula do versículo vai além da metáfora de Israel como a esposa do Senhor para fazer uma clara

referência às pessoas que compunham a comunidade. Ocorre aqui também a primeira referência explícita a Baal, o deus cananeu. Para o sentido desse termo, veja sobre 2.16.

Os preciosos metais que Deus havia dado aos israelitas ***eles ofereceram a Baal***, literalmente "fizeram para Baal". Embora tenha sido sugerido que isso envolve converter os metais em estátuas do deus (cf. Ez 16.17–18), a expressão "fazer para" Deus (ou um deus) é idiomática e significa dar algo em dedicação ou sacrifício. Por exemplo, em Êxodo 10.25 Moisés pede a Faraó animais "para que os tomemos para fazer ao SENHOR nosso Deus", o que na verdade significava oferecê-los em sacrifício a ele (cf. esse uso de "fazer" como "sacrifício" em 2Rs 17.32; 2Cr 24.7). Então, na sua perversão, Israel não apenas omitiu seu agradecimento ao SENHOR pela bondade dele, mas eles o insultaram profundamente ao agradecer a outro deus e ao dedicar as dádivas que haviam recebido a outra deidade.

2.9 Portanto, eu retornarei e retirarei meu cereal no devido tempo
e meu vinho novo na sua estação,
e eu removerei minha lã e meu linho
[intencionados] para cobrir a nudez dela.

Portanto mais uma vez (2.6) introduz o veredito do SENHOR nessas circunstâncias, quando ele decide punir Israel de maneira apropriada pela sua perversa confusão quanto à fonte das suas bênçãos. Ele também diz ***retornarei*** (cf. 2.7). A ideia pode apenas ser que esse envolvimento renovado do SENHOR com o seu povo depois de um tempo em que ele os havia deixado a seus próprios recursos para expor a inadequação e insensatez dos caminhos deles. Porém, adicionalmente, "retornarei" pode expressar a reversão de uma ação, "eu tomarei de volta" (cf. ESV).

Quando o SENHOR fizer isso, ele diz ***retirarei*** as dádivas que foram mal entendidas e mal usadas (cf. 9.2). As quatro ocorrências de ***meu*** enfatizam a fonte de onde esses produtos verdadeiramente tinham vindo e se opõe à atitude incorreta do povo que os considerava como de direito adquirido e intrinsecamente deles (cf. "*meu* cereal" etc. em 2.5). ***Cereal*** e ***vinho novo*** também estão presentes na lista do versículo anterior. ***No devido tempo*** e ***na sua estação*** mostra que a safra desses produtos seria perdida justamente no tempo em que deveriam ser colhidos, os grão de maio a junho e as uvas de julho a setembro. O pano de fundo disso pode ser uma seca que impediria as plantações de amadurecer, mas isso também poderia ocorrer

por meio da ação destrutiva dos inimigos. Os exércitos normalmente iam à guerra no final da primavera, de modo que suas tropas podiam pilhar como um meio de estocar provisões e também infligir o máximo dano à economia da terra que estavam invadindo. Isso também se aplicaria à ***lã*** e ao ***linho*** (termos tomados da descrição de 2.5). Os cordeiros jovens eram comidos pelos exércitos inimigos e os campos de linho eram destruídos.

Porém, esse não é o resultado apenas da devastação humana. Exércitos invasores eram os instrumentos por meio dos quais o SENHOR imporia pela força as maldições pela quebra da aliança (cf. Dt 28.18). ***Removerei*** pode se referir a retirar algo que é firmemente segurado por outra pessoa (cf. 2.10; "resgatar", 5.14). ***Meu*** novamente afirma que esses produtos são por direito do SENHOR. A sua ação de retirá-los traria vergonha e desgraça sobre o povo. ***Para cobrir a nudez dela*** mostra que, sem a provisão que o SENHOR fez para as suas necessidades, Israel seria total e vergonhosamente exposta sem as suas roupas (cf. Ez 16.8).

2.10 Então agora eu exporei a vergonha dela diante dos olhos dos seus amantes,
e ninguém a tirará da minha mão.

A cláusula introdutória "então agora" não significa, como normalmente significaria, a introdução de um novo assunto ou a fase seguinte num cenário em desenvolvimento, mas em vez disso ela elabora sobre o que Deus decidiu que iria acontecer. ***Eu exporei a vergonha dela*** é uma ameaça de que ela seria despida de todas as suas roupas (cf. 2.3 e Dt 28.48 citado ali). A palavra "vergonha" (*nablût*) ocorre apenas aqui e pode ser um trocadilho que alude à insensatez ou estupidez (como na verdade o termo é entendido na Vulgata). Ela se relaciona com palavras que descrevem luxúria, lascívia ou conduta imodesta e por isso uma é apresentada como uma punição apropriada para a outra. Esse tipo de exposição é visto como uma fonte de total desgraça para uma pessoa (cf. Lv 20.17; 1Sm 20.30; Is 20.4; 47.3; Lm 1.8; Ez 16.35; Na 3.5) e aplicada metaforicamente a uma nação que é descrita como sem recursos para sustentar a sua população ou manter uma defesa adequada contra agressores externos (cf. Gn 42.9). Pode até haver uma sugestão adicional sobre como isso ocorrerá, uma vez que o verbo "expor" tem também o sentido associado de "exilar". A vergonha da nação será vista quando eles marcharem nus e cativos para o exílio. Ela então será exposta ao ridículo

e desprezo ***diante dos olhos dos seus amantes***. Como em 2.5,7 os amantes são os baalins, que são apresentados como espectadores impotentes da humilhação deles.

Ninguém a tirará da minha mão expressa a finalidade da intervenção do SENHOR. "Tirará" é o mesmo termo usado nos versículos anteriores, mas agora o processo é invertido. Em vista estão possíveis tentativas de outros – especialmente dos baalins – de desenredar Israel dessa situação terrível e vergonhosa. Eles serão ineficientes porque não há poder maior do que o do SENHOR, e por isso ninguém é capaz de livrá-la das mãos dele (cf. 5.14). Em última análise, ele é aquele que determina o destino dela. Ele não revogará o seu decreto e ele possui o poder para impor isso.

2.11 E eu farei cessar toda a alegria dela,
suas festas, suas luas novas e seus sábados,
e todas as suas festas instituídas.

As ações do SENHOR contra Israel também atingirão as suas celebrações religiosas, que desempenhavam um papel central na sua vida nacional. Embora essas celebrações conferissem a ela ***alegria***, elas eram detestáveis ao SENHOR. Ele declara ***eu farei cessar*** (cf. 1.4) essas observâncias cerimoniais, porque, embora elas tenham sido divinamente instituídas como ocasiões em que louvor deveria ser dado ao SENHOR pela sua bondade (cf. Nm 10.10; Sl 12.8), elas haviam sido corrompidas pela assimilação do paganismo materialista de Canaã. É significativo o fato de que em Israel ainda ocorressem ***festas***, os eventos anuais que podiam ser acompanhados pela peregrinação a Jerusalém (cf. Êx 34.22–23; Dt 16.16–17); ***luas novas***, que é o tempo do regozijo associado com o início de cada mês (cf. 1Sm 20.5; Am 8.5); e os ***sábados*** regulares (cf. Êx 23.12; 34.21). Esses três termos ocorrem juntos como um modo-padrão de se referir a todas as festas religiosas (cf. 1Cr 23.31; 2Cr 2.4; 8.13; 31.3; Ne 10.33; Ez 45.17). Há um trágico eco entre "farei cessar" (*hišbatt'*) e "seus sábados" (*šabbattāh*). Essas ordenanças da lei mosaica haviam sido mantidas no norte depois da sua separação de Jerusalém, mas elas eram apenas o cumprimento formal sem a substância verdadeira. Aqui igualmente a repetição do adjetivo possessivo é empregado para reforçar o argumento. ***Suas*** indica o elemento de desejo que está implícito na adoração: o SENHOR não as reconhecerá mais como as "as festas instituídas pelo SENHOR… minhas festas instituídas" (Lv 23.2), verdadeiramente

dedicadas a ele. Por terem recebido elementos pagãos, ***todas as suas festas*** se tornaram inaceitáveis ao SENHOR, e por isso elas seriam abolidas.

2.12 E eu devastarei suas vinhas e suas figueiras
[sobre as quais] ela disse:
"Elas são a minha recompensa,
que os meus amantes me deram".
Mas eu as estabelecerei como um cerrado
e os animais selvagens as comerão.

A ira do SENHOR também será demonstrada no seu tratamento dos recursos agrícolas da terra, cuja fertilidade estava estreitamente ligada a Baal no pensamento cananeu. O SENHOR afirma quem realmente estava no controle. ***Eu devastarei*** anuncia uma severa destruição das ***suas vinhas e suas figueiras***, que são símbolos da prosperidade e satisfação de Israel (cf. 1Rs 5.5; Jr 5.17; Jl 2.22; Mq 4.4; Zc 3.10). O povo não se assentaria mais à sombra de uma figueira; as uvas e os figos não seriam mais colhidos no outono, que era seguido pela Festa das Primícias/Cabanas. Não é declarado como o SENHOR faria isso, mas é evidente que não está em vista uma estação adversa, mas contínua desolação.

O que é tornado abundantemente claro aqui é o motivo de essa mudança acontecer. "*Suas* vinhas e *suas* figueiras" é a continuação da sequência envolvendo "sua" no versículo anterior. Israel tinha uma crença errada sobre quem era o dono desses recursos. ***Ela disse*** (cf. 2.5, 7) revela como ela continuava pensando que eles eram inalienavelmente seus. De fato, a visão que ela tinha era ainda pior porque atribuía a sua produção aos baalins aos quais ela adorava: ***elas são a minha recompensa que os meus amantes me deram***. "Recompensa" ocorre apenas aqui e provavelmente é um jogo de palavras com "figueira", que tem um som semelhante. Ela é derivada de uma raiz verbal (cf. 8.9–10) que indica o pagamento pela prestação de serviços. Seus "amantes" se refere novamente aos baalins (cf. 2.5) a quem ela professava fidelidade e devoção e, de acordo com a ideologia cananeia, ela os considerava como tendo abençoado-a com a produção da terra.

O SENHOR, contudo, tinha uma perspectiva diferente da questão, e por isso ele ***estabeleceria*** à parte aquilo que ela considerava um troféu dado pelos seus amantes em recompensa pelo seu serviço devotado. A catástrofe econômica exigiria que Israel fizesse uma completa reavaliação do seu estilo de vida e da sua fidelidade. O Senhor ***as*** reduziria, isto é, as vinhas

e os pomares da nação, a um cerrado, grandes moitas não cultivadas e emaranhadas que lutavam por espaço com as ervas daninhas para conseguirem sobreviver – um sinal de desolação (cf. Is 5.6; 7.23; Mq 3.12). As frutas que seriam produzidas ***animais selvagens as comerão***, porque sem ninguém para cultivar as plantas ou reparar as cercas, elas seriam abandonadas à depredação dos animais saqueadores. "Comer" como verbo geralmente se refere ao consumo físico de alimento pelo homem ou por animais, mas o termo também pode ter uma conotação negativa e se referir a atividade destrutiva, caso em que a tradução "devorar" é mais apropriada (cf. 7.7). Parece haver aqui mais do que mera destruição da lavoura; há também devastação e despovoamento causados pela invasão inimiga.

> 2.13 E eu a farei responder pelos dias dos baalins
> aos quais ela queimaria incenso,
> e ela se adornou com seu anel e suas joias,
> e foi atrás dos seus amantes, mas a mim ela esqueceu,
> declara o SENHOR.

E eu a farei responder descreve uma avaliação e retribuição que um superior faz das ações do seu subordinado (cf. 1.4). A prestação de contas que Deus instiga aqui leva à punição dos atos infiéis de sua esposa. ***Os dias de baalins*** aponta para as ocasiões de suas festas estabelecidas (2.11) que ela havia contaminado pelo seu sincretismo, efetivamente dedicando-as à adoração de Baal. O termo plural "baalins" (também usado em 2.17; 11.2) aponta para a multiplicidade de manifestações locais da deidade. A menção às deusas cananeias é evitada pois ela não se enquadra na metáfora de marido/esposa.

Ela queimaria incenso é a tradução de um verbo que basicamente significa "enviar um sacrifício para cima na fumaça". Embora a raiz possa ser usada tendo uma oferta específica como seu objeto (cf. Lv 1.9) ou em conexão com atividade cúltica em geral (cf. 2Cr 25.14), porque palavras como "incenso" e "altar do incenso" são derivadas dela, é mais adequado entendê-la como se referindo à queima do incenso, a menos que o contexto indique outra coisa.

Israel não se poupou na adoração desses falsos deuses. A menção aos adornos nos remete de volta a 2.5. ***Seu anel*** se refere a um ornamento usado no nariz (Gn 24.47; Is 3.21) ou nas orelhas (Gn 35.4; Êx 32.2–3),

que poderia ser feito de ouro (cf. Êx 35.22). ***Suas joias*** indica um item finamente trabalhado, que poderia compor parte do seu vestido para adorar os ídolos. Ela com certeza ***foi atrás dos seus amantes*** (cf. 2.5) numa devoção apaixonada aos deuses pagãos. A declaração curta e enfática ***mas a mim ela esqueceu*** indica que a perspectiva dela era totalmente oposta ao conhecimento devotado e familiar do SENHOR que ela deveria ter nutrido (cf. 2.20; 6.6; Jr 18.15). Desse modo, a prática do povo incorporava a rejeição de tudo o que o SENHOR havia feito por eles, deixava de reconhecer o direito que ele tinha à lealdade deles e uma determinação de viver como se Deus não existisse. A grave afirmação ***declara o SENHOR*** marca um pronunciamento autoritativo e determinativo que enfatiza a gravidade da ofensa e o perigo da posição em que isso havia levado o povo. Conquanto essa seja uma expressão comum nos outros profetas, ela é raramente usada por Oseias (também em 2.16,21; 11.11). Aqui, como em 11.11, ela ocorre no fim da fala e serve para marcar o fim da subseção.

REFLEXÃO

- "Ela não sabe" (2.8) não se refere a uma mudança do dia para a noite na percepção religiosa de Israel, mas o resultado de um processo gradual, porém mortal, de decadência. Aqueles que o maligno cativa para fazerem a sua vontade (cf. 2Tm 2.26), ele primeiramente os dessensibiliza à verdade e depois ilude com afirmações falsas sobre um estilo de vida alternativo, que é promovido como glamoroso e satisfatório. A restauração é possível. O caminho estabelecido para o ministério cristão nessas circunstâncias é o de corrigir com mansidão aqueles que se desviaram do caminho correto da verdade com o objetivo de restaurar a consciência deles para uma renovada apreciação pela verdade (cf. 2Tm 2.24–26). No entanto, o próprio Deus pode empregar remédios mais amargos para desestabilizar o relacionamento complacente do seu povo desviado com os poderes das trevas.
- A gravidade do pecado vem, em primeiro lugar, do fato de ele levar à privação das bênçãos, a exposição à desgraça, ou ao risco de punição. A odiosidade do pecado se origina do insulto que é feito a Deus e da profunda ingratidão à bondade que ele demonstra. É esse elemento pessoal de afronta que acrescenta paixão à declaração, "mas a mim ela esqueceu" (2.13).

- “A mim ela esqueceu” não indica um esquecimento do nome de Deus, ou um esquecimento da história da maneira como Deus lidou com seu povo. Ela pode coexistir mesmo diante da contínua participação na adoração religiosa. O que isso indica é a falta de genuína fidelidade espiritual. A Escritura é tratada meramente como literatura, apreciada pelas suas qualidades estéticas, sem que se ouça Deus falar nela e sem uma inclinação interior para observar as suas ordens morais. O distanciamento de coração de Deus leva a uma amnésia prática, de modo que os mandamentos de Deus não moldam a conduta e não determinam os alvos para os quais nossa vida está direcionada.
- A mão de Deus é raramente reconhecida nos negócios ou na economia. Os lucros das empresas e o crescimento econômico nacional são igualmente atribuídos ao empreendedorismo perspicaz e a hábil implementação de políticas governamentais. Contudo, ambos estão sujeitos a acontecimentos que estão além do controle humano, e ambos podem ser minados internamente pela ganância e pela complacência. O governo divino da prosperidade material é afetado for forças morais inerentes e pela intervenção providencial que responsabiliza os homens pelos dias em que Deus é esquecido (2.13). Permanece tão verdadeiro hoje quanto nos dias de Oseias que Deus frustra o avanço econômico de pessoas e nações para forçá-las a reavaliar suas prioridades e darem prioridade à prosperidade espiritual. “Mas busquem em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas também serão concedidas a vocês” (Mt 6.33).

(2) A iniciativa de amor (2.14–23)

De um modo que lembra a mudança que ocorreu em 1.10–2.1, aqui irrompe nas cenas desoladoras da traiçoeira obsessão de Israel pelos deuses de Canãa a luz da soberana restauração do SENHOR sobre seu povo. Apenas por meio de sua misericordiosa iniciativa é que o relacionamento exclusivo de Deus com Israel pode ser colocado numa base correta e sua comunhão restabelecida. Os componentes da sua bênção são ressaltados pela repetição de “naquele dia” (2.16,18,21). A apresentação quádrupla mostra que a intervenção divina envolve um período de treinamento para o seu povo no deserto (2.14–15), erradicação de tudo o que havia sido sido

contaminado pela adoração a Baal (2.16–17), a segurança da terra por meio da restauração da proteção do SENHOR daqueles que ele toma para si (2.18–20) e as bênçãos todo-inclusivas da renovação da aliança (2.21–23).

(a) Um novo êxodo (2.14–15)

2.14 Portanto, estou prestes a atraí-la
e levá-la [para] o deserto
e falar bondosamente com ela

Depois da exposição antecedente da conduta desviada de Israel, uma terceira repetição de ***portanto*** (cf. 2.6,9) nos leva a antecipar um anúncio da iminente destruição. Em vez disso, há uma surpreendente e inesperada revelação da iniciativa do SENHOR de abençoar e restaurar sua esposa transviada. A apresentação paradoxal de Oseias enfatiza que de uma perspectiva humana não há base para que essa ação seja logicamente inferida. Isso é totalmente inexplicável e inteiramente imerecido. Não há qualquer indício de que essa restauração aconteceria por causa dos desejos e dos esforços de Israel. Tudo isso é atribuído ao contínuo compromisso da graça e do amor divinos que são demonstrados pelo soberano SENHOR quando ele reivindica o seu povo (cf. a fala divina em 11.8–11; 14.4–8).

Estou prestes a aponta para a iminente intervenção divina. ***Atraíla*** é uma linguagem de persuasão, engodo e até mesmo sedução (cf. Jz 14.15; 16.5; 1Rs 22.20; Jr 20.7; Ez 14.9). A persistente conduta errada de Israel tornou abundantemente claro que ela não tem desejo de retornar, mas o SENHOR não permitirá que essa situação continue. Ele agirá de modo irresistível e intenso para vencer a relutância e evocar uma resposta dela.

Além do mais, a intenção do SENHOR é ***levá-la para o deserto***. Mas para qual deserto? À luz do versículo seguinte, a referência é obviamente àquele entre o Sinai e o Egito, mas ele é usado como uma metáfora para explicar como o SENHOR vai agir nessas circunstâncias. O deserto não é uma imagem de opressão, como aquela vivenciada no Egito e aquela que eles vivenciariam novamente quando a terra deles fosse subjugada pela Assíria (cf. 11.6). Na verdade, a referência ao deserto não é primariamente uma referência a um local físico e geográfico. Ela fala, em vez disso, das condições espirituais que o SENHOR recriará. Eles serão moldados do mesmo modo como ele tornou a sua vontade conhecida do povo no Sinai e os testou para provar a lealdade de coração deles (Dt 8.2–5). Isso havia

sido necessário particularmente à luz da excessiva influência que o Egito havia exercido no coração deles (cf. Nm 11.4–5) bem como as concepções corrompidas sobre Deus que eles mantinham (cf. Êx 32.1–4). Circunstâncias paralelas a essa se repetiram quando a fertilidade agrícola e a riqueza desfrutadas em Samaria corromperam a vida nacional e o entendimento religioso deles foi adulterado. Havia novamente a necessidade de um tempo no deserto para disciplina e purificação, quando eles seriam separados do ambiente paganizado dos bosques de Baal de Canaã e forçados a sobreviver confiando conscientemente no SENHOR e na sua provisão providencial, atentando novamente para a sua palavra e reconsagrando-se ao seu serviço. Isso prevaleceria onde quer que o povo estivesse espalhado depois que os assírios invadissem a terra deles.

O SENHOR irá ***falar bondosamente com ela***, isto é, "falar ao coração dela" (Gn 34.3), pronunciando palavras ternas e de encorajamento (Jz 19.3; Gn 50.21; Is 40.1) para consolá-la. A imagem do "coração" é recorrente em Oseias (cf. 4.11; 7.6,11,14; 10.2; 11.12; 13.6,8). O que é procurado aqui é a mudança interior na qual o povo responda ao apelo interior de Deus e mais uma vez adote uma atitude de dependência dele independentemente da situação exterior que estiver prevalecendo.

2.15 E eu darei a ela suas vinhas de lá,
e o vale de Acor como uma porta de esperança;
e lá ela responderá como [nos] dias da sua mocidade
e como [no] dia da sua saída da terra do Egito.

O SENHOR torna ainda mais claro o seu programa de reforma espiritual e instrução de Israel dizendo quanto mais ***eu darei a ela*** quando ela sair ***de lá***, ou seja, do deserto, indicando um novo estágio nessa recapitulação da sua experiência espiritual. As ***vinhas*** eram uma das características da terra de Canaã que inicialmente haviam chamado a atenção de Israel (cf. os cachos de uva do vale de Escol em Números; 13.23). De fato, as plantações de uva nas encostas das montanhas era uma notável característica da terra que a distinguia do deserto.

No entanto, recordar o ***vale de Acor*** ("problema") age como um lembrete de que nem tudo avançou tranquilamente naquela primeira jornada. Geograficamente, Acor estava localizada ao norte de Jericó, no território da tribo de Judá, perto da fronteira com o território de Benjamim (cf. Js 15.7), mas aqui é o seu significado espiritual que é o mais

importante. Depois da entrada de Israel na terra, esse foi o lugar em que Acã trouxe maldição sobre a comunidade por causa da sua cobiça (Js 7.26). O paralelo não será plenamente explorado porque, nessa segunda entrada na terra da promessa, em mais um caso em que o significado dos nomes serão revertidos (cf. 1.10–2.1), o que era um lugar de homens maus será transformado em ***uma porta de esperança*** (cf. Is 65.10). Uma "porta" pode se referir à entrada num território (Mq 5.6) e por isso o termo se encaixava com o vale de Acor, que é por onde se acessava a planície central da Palestina. Porém, a "esperança" preconizada aqui é a de uma ansiosa antecipação do gozo da íntima comunhão com Deus. Acor não será mais lembrado como o lugar em que o pecado levou a um conflito entre o SENHOR e seu povo, mas como o ponto de acesso ao território para que eles "tenham vida e a tenham plenamente" (Jo 10.10, NVI). Para que isso acontecesse, eles deveriam renunciar à sua ânsia materialista pelos abundantes recursos da terra e à ilusão de que essas bênçãos haviam sido dadas a eles pelos baalins.

E lá provavelmente retoma o ponto em que o verso anterior terminou, na entrada da terra da promessa. Não mais Israel entenderá ou atribuirá erradamente tudo o que o SENHOR faz em seu favor. Há certa medida de incerteza quanto à característica dominante da reação dela porque a raiz do verbo empregado aqui tem uma variedade de significados, incluindo ***responder*** e "cantar" (NIV). Como é frequentemente o caso em Oseias, ele provavelmente pretendeu transmitir ambas as ideias, embora com prioridade a primeira. O que é esperado de Israel é uma resposta genuína e jubilosa ao modo como o SENHOR lida com ela, prestando cuidadosa atenção à situação em que eles foram colocados, um sentido semelhante ao de 2.21–22, onde a mesma palavra é usada cinco vezes. "Responderá" pode muito bem relembrar a devoção voluntária manifestada no Sinai. "E todo o povo respondeu a uma só voz e disse, 'todas as palavras que o SENHOR tem falado nós cumpriremos' " (Êx 24.3) e "nós obedeceremos" (Êx 24.7).

Nos dias da sua mocidade olha para trás, para o período imediatamente posterior ao êxodo (cf. 11.1) como um tempo positivo. Oseias estava ciente de que nem tudo havia sido perfeitamente bom no deserto. Por exemplo, ele menciona Baal-Peor em 9.10. Porém, esse foi um tempo de intimidade, em que o relacionamento entre o SENHOR e seu povo escolhido se desenvolveu na medida em que eles aprenderam a agradá-lo. Jeremias

mais tarde faria uma reflexão semelhante sobre esse período e registra a avaliação que o SENHOR faz dele: "Eu me lembro da devoção da sua mocidade, do amor do seu noivado, seguindo-me no deserto numa terra não semeada. Israel [era] santidade ao SENHOR, as primícias da sua colheita" (Jr 2.2–3; cf. 31.2; Ez 20.10–38). ***No dia da sua saída da terra do Egito*** relembra o mesmo período da perspectiva de um passado sombrio e tenebroso, do qual o Senhor os havia libertado (cf. 11.1; 12.9,13; 13.4). Conquanto Israel tivesse então cometido muitos erros, de um modo geral ela estivera numa curva de aprendizado, marcada por progresso vacilante. Quanto a isso, era diferente do período posterior quando a adoração a Baal se tornou endêmica entre o povo.

REFLEXÃO

- Depois de uma doença grave, é necessário um período de recuperação. O mesmo é verdade espiritualmente: a recuperação leva tempo. Além do mais, o paralelo entre essas duas situações se estende também à natureza do que deve ser reconquistado para que haja essa recuperação. Depois de um período prolongado de enfraquecimento físico ou incapacidade, uma pessoa precisa aprender novamente a desempenhar as tarefas normais da vida cotidiana. Do mesmo modo, a reabilitação espiritual não consiste em ter novas experiências, mas retornar com uma profundidade maior de entendimento e de intensidade às antigas práticas, que sempre foram as práticas verdadeiras. "Assim diz o SENHOR, 'Ponham-se ao lado [dos] caminhos e vejam, E perguntem pelos antigos caminhos onde [está] o bom caminho e andem nele! E vocês encontrarão descanso para si mesmos' " (Jr 6.16).
- "Uma porta de esperança" (2.15) testifica do poder transformador de Deus. Quando o seu povo aprende as lições espirituais que ele está ensinando por meio da sua intervenção providencial na vida deles, ele dá oportunidade para o progresso espiritual, o que não deve ser desprezado. Quando os pecados do passado são identificados e repudiados, os erros do passado não serão repetidos, e até mesmo a experiência de derrota será usada como a base para um avanço confiante. Permanece a necessidade de perceber as portas que ele abre e estar disposto a se beneficiar da orientação que ele dá (cf. At 14.27; 1Co 16.9; 2Cr 2.12).

(b) O abandono de Baal (2.16–17)

O relacionamento que o SENHOR restaura com Israel como sua esposa será purificado de qualquer base para confusão (2.16) e de qualquer possibilidade de que eles voltem aos costumes ímpios do passado (2.17). Haverá uma clara separação de tudo que estiver associado à adoração de Baal.

> 2.16 E será naquele dia, declara o SENHOR,
> que você me chamará "Meu marido"
> e não me chamará mais "Meu senhor".

Naquele dia funciona como um indiciador de unidade nessa seção (cf. 2.18,21), apontando para o tempo em que o SENHOR restaurará Israel a uma obediente comunhão consigo (cf. 3.5; 11.10–11; 14.4–7). Sua promessa é acompanhada pela marca de autenticidade ***declara o SENHOR*** (cf. 2.13), que fornece uma garantia inequívoca do seu cumprimento.

Uma característica marcante nesse versículo é que o SENHOR agora se dirige diretamente a Israel. Com exceção de 2.8a, ele manteve uma postura distante de Israel ao longo de todo esse versículo, pleiteando com ela por meio de terceiros e falando sobre ela na terceira pessoa. Agora os dias de separação acabaram. Depois da verdadeira resposta da esposa (2.15), os cônjuges estão novamente falando um com o outro.

Algum cuidado, porém, precisará ser tomado quanto à linguagem que a esposa usará ao falar do SENHOR. O termo *ba'al* pode ser usado para se referir a qualquer superior, seja um marido, proprietário ou senhor. Ele era comumente usado como a descrição de uma deidade e foi originalmente usado para o próprio Yahweh como senhor e soberano sobre tudo o que criou e também para o seu papel no relacionamento particular da aliança que ele instituiu com Israel ("Foi ele quem nos fez, e nós somos dele"; Sl 100.3). Nomes como Esbaal ("homem do Senhor"; 1Cr 8.33), Meribe-Baal (possivelmente "O Senhor me defende", 1Cr 8.34) ou Beeliada ("o Senhor conhece", 1Cr 14.7), não refletiam devoção a Baal, mesmo que posteriormente os escribas os tenham entendido dessa maneira (cf. 2.17). Contudo, quando a frequente referência ao termo *ba'al* se tornou Baal, o deus cananeu da tempestade e da fertilidade, e as suas muitas manifestações locais, isso se tornou uma fonte de confusão, pois a mesma palavra era usada para o SENHOR – uma confusão que sem dúvida foi explorada pelos proponentes da religião estatal sincretista do reino do

norte para incentivar a ideia de que o SENHOR poderia ser adorado como uma das muitas manifestações de Baal. Para evitar qualquer possibilidade de confundir os dois, em vez de *Baali*, ***meu senhor***, é declarado que o povo deveria dizer *Ishi,* ***meu marido*** (*’’š* cf. 2.7). Há também ternura e intimidade nesse último termo (cf. Gn 2.23–24; Is 54.5), mas mesmo assim é provável que o ponto principal seja a rejeição de qualquer engano incitado pelo culto a Baal. ***Não me chamará*** mostra que havia alguns que estavam verdadeiramente fazendo isso, concebendo o único verdadeiro Deus de um modo corrompido pela ideologia cananeia.

2.17 E eu eliminarei os nomes dos baalins da sua boca,
e eles não mais serão lembrados pelo seu nome.

Revertendo de novo para a linguagem da terceira pessoa, o SENHOR declara a sua decisão de eliminar ***os nomes dos baalins***. “Nomes” indica os vários epítetos usados para descrever o deus e também o nome dado a alguns lugares como Baal-Gade (Js 11.17), Baal-Hazor (2Sm 13.23), ou Baal-Peor (9.10; Dt 4.3). ***Da sua boca*** indica que a fala de Israel será purificada de mencionar esse deus ou lugar. De modo especial, isso prenuncia a eliminação da adoração de Baal dentre o povo, de modo que não haverá ocasião para mencionar esse deus.

Além do mais, a visão daqueles que haviam se esquecido do SENHOR (2.13) na sua busca pelos baalins será de tal maneira transformada que os baalins ***não mais serão lembrados pelo seu nome*** e a conduta do povo se conformaria aos padrões da aliança (“e o nome dos outros deuses não encontrará ocasião para serem lembrados: não será ouvido na sua boca”; Êx 23.13; cf. Dt 12.3). “Lembrar” pode ser usado em contextos cúlticos, por exemplo, “em todo lugar em que faço com que meu nome seja lembrado”/‘invocado’ ” (Êx 20.24), ou “no nome do Senhor nós seremos induzidos a lembrar /‘confiar’ ” (Sl 20.7; cf. 1Cr 16.4; Is 26.18) e desse modo a menção a Baal é particularmente banida do culto de Israel. O substantivo singular “nome” aponta para o deus Baal à parte dos epítetos e designações locais que eram usados para distinguir as várias manifestações de Baal em diferentes altares. Talvez a ênfase em “nomes” e “nome” sugira que tudo o que realmente existia era apenas o som da palavra com nenhuma realidade correspondente a ela por trás. Assim, não restará qualquer traço dessa devoção desviada e totalmente vazia do passado deles.

REFLEXÃO

- As palavras e o modo como as usamos são importantes, porque elas moldam e expressam a nossa percepção da realidade. As palavras podem fornecer um modo orwelliano de controle de pensamento que as autoridades terrenas podem usar para modificar e controlar as respostas e atitudes. Num nível individual, o cristão deve evitar todo uso impróprio e adulterado da linguagem (Ef 5.3–4,29), especialmente a linguagem relacionada a Deus (Êx 20.7; Tg 5.12). Em 2.16 temos um exemplo de uma palavra que muda de significado ao longo do tempo. É importante que monitoremos nossos padrões de fala para detectar palavras que, embora estejamos familiarizados e nos sintamos comportáveis com elas, não mais transmitem aos outros exatamente o mesmo sentido. Quando uma palavra é usada com sentidos diferentes em círculos religiosos, a confusão impera e fica fácil adorar um falso deus que nós próprios idealizamos.
- A comunhão com Deus envolve um processo cada vez mais profundo de santificação por meio da qual o crente se dissocia da conduta fútil do seu passado e se renova interiormente em verdadeira santidade e justiça (cf. Rm 12; Ef 4.17–23). Esse processo é evidente na fala porque "da abundância do coração a boca fala" (Mt 12.34). Mas isso não envolve apenas uma fala filtrada que se conforma às exigências de Deus, mas uma mudança interior em que as antigas práticas adulteradas "não serão mais lembradas" (2.17) porque o foco total, intenso e interior em Cristo e na apreciação da sua graça e amor fiel não deixam espaço para pensamento ou afeição por qualquer outro.
- A menção aos baalins (2.17) tende a fazer com que a mensagem de Oseias pareça remota e desconectada do público atual, assim como as referências do Novo Testamento à idolatria podem ser ignoradas como sendo de pouca importância. No entanto, a explicação de Paulo de que aquele que é cobiçoso é idólatra (Ef 5.5; Cl 3.5) aponta para o que realmente está envolvido. Os baalins (e a idolatria) são manifestações particulares de uma perversão arraigada no coração humano caído que concentra as suas afeições e desejos em qualquer outra coisa que não Deus. Quando a humanidade inventa deuses para si mesma ela projeta as suas aspirações caídas nos seus ídolos, obtendo sanção religiosa para o seu pecado e reforçando o seu estilo

de vida corrompido. Os deuses modernos em qualquer disfarce filosófico, político ou econômico em que eles se apresentem, distorcem o entendimento de uma nação acerca do que é verdadeiro e são obstáculos que bloqueiam o caminho para a verdadeira satisfação. De fato, eles são fontes garantidas de grande desapontamento quando Deus intervém para fazer juízo sobre o que deu errado.

(c) Segurança e noivado (2.18–20)

Outro vislumbre do que o SENHOR concederá ao seu povo restaurado é expresso nos termos de aliança (2.18) e de noivado (2.19–20). A devastação pelos animais selvagens (2.12) será revertida para assegurar que as pessoas sejam libertas da ameaça externa, e elas sejam levadas a um relacionamento eterno com o SENHOR.

2.18 E eu farei uma aliança para eles naquele dia
com os animais selvagens e os pássaros do céu
e com os répteis no solo,
e arco e espada e guerra
eu quebrarei da terra
e farei com que eles se deitem em segurança.

Naquele dia reflete o período da restauração de Israel que foi primeiramente mencionado em 2.16. Essa é uma descrição da libertação da ameaça exterior que foi obtida por meio da reversão da maldição da aliança (cf. 2.12). Animais ferozes não irão mais pilhar suas lavouras, possivelmente depois de uma invasão estrangeira (cf. 2.12; Is 11.6–9; 35.9; 65.25; Ez 34.25,28). Além do mais, nenhuma invasão militar ocorrerá porque o SENHOR diz ***quebrarei*** eliminando ***da terra*** essas armas (cf. 1.7; Sl 46.9; 76.3; Is 3.25; 21.15). Consequentemente, a área que havia sido com frequência envolvida pela ***guerra*** seria libertada dela. Desse modo, o SENHOR divino, soberano e protetor deles diz a respeito do seu povo, ***farei com que eles se deitem em segurança***. Essa imagem de descanso e repouso vai além da ausência de distúrbio para incluir total bem-estar e o desfrute ininterrupto de todas as bênçãos da aliança. Em Levítico 25.18–19 “segurança”/“proteção” é considerado principalmente como ausência de fome (cf. Is 14.30), enquanto no capítulo seguinte a imagem é ampliada para incluir a ausência de agressão inimiga e do ataque

das feras selvagens (Lv 25.5–8). A provisão do SENHOR não é limitada ou indiferente.

Além do mais, Deus promete fazer ***uma aliança,*** isto é, "cortar" uma aliança, que é a linguagem usual para a formação/inauguração de uma aliança (cf. Jr 34.18). ***Para eles*** indica que as pessoas são beneficiárias dessa aliança e não diretamente partes dela. Em vez disso, o SENHOR impõe a sua vontade sobre ***os animais selvagens e os pássaros no céu e com os répteis no solo***, termos que vêm do relato da criação (cf. Gn 1.21,24,30). A situação lembra o pacto noáico (Gn 9.9–10; cf. Ez 34.25) e indica um recomeço harmonioso da ordem do mundo que prevalecia no Éden antes da irrupção do pecado (cf. Is 11.6–9). Isso fornece o cenário para as futuras intervenções espirituais do SENHOR com seu povo, antecipando a plena revelação da "nova aliança" (Jr 31.31–34) e da "aliança de paz" (Ez 34.25–31; 37.26–28).

2.19 E eu a tomarei como esposa para mim para sempre,
e eu a tomarei como esposa para mim em retidão,
e em justiça e amor fiel e em compaixão.
2.20 E eu a tomarei como esposa para mim em fidelidade,
e você conhecerá o SENHOR.

Mas não é apenas uma aliança com o reino material que o SENHOR tem em vista. Retomando o pensamento de 2.16 ele usa a linguagem formal do noivado e não fala sobre Israel ("eles" em 2.18), mas aqui novamente diretamente a ela ("você", feminino singular; cf. 2.16), pessoalmente e calorosamente. A ternura e sinceridade da sua abordagem são também transmitidas pelo uso da metáfora do casamento para descrever esse relacionamento.

Nos tempos de Oseias, o noivado resultava de uma série convencional de negociações que levavam a um acordo entre os pais da noiva (ou o representante deles) e o pretendente quanto ao valor adequado da noiva. Quando isso estivesse arranjado, a mulher era reconhecida como irrevogavelmente comprometida com aquele que seria seu marido, mesmo que o casamento não fosse formalizado até algum tempo depois. Depois desse passo, ficava faltando apenas a coabitação entre eles (cf. Dt 20.7). ***Eu a tomarei como esposa para mim*** aponta para o estabelecimento de um novo e imaculado relacionamento que ainda não foi plenamente consumado. Porém, ***para sempre*** mostra que esse vínculo tem uma

finalidade e não será revogado. A situação não é vista como a modificação ou reversão de um casamento previamente imaginado entre o SENHOR e Israel. Consequentemente, o que é descrito não é um novo casamento de parceiros formalmente divorciados; a metáfora é usada para estabelecer sem dúvida alguma um novo relacionamento, iniciando sem acusações ou recriminações acerca dos erros anteriores (cf. Vos 1975:293). Além do mais, o uso da linguagem de noivado também permite a existência de um período entre o noivado e a consumação do casamento.

A tripla repetição de ***eu a tomarei como esposa para mim*** indica a intensidade do compromisso do SENHOR nesse relacionamento e não três ações sucessivas. Conquanto não haja uma ligação explícita com a aliança, os termos nos quais a descrição é expressa são todos pactuais. ***Para sempre*** lembra que as estipulações do pacto eram esperadas que durassem perpetuamente. No passado, isso não havia acontecido, mas a iniciativa do SENHOR garantiria que as coisas se encaminhassem de maneira diferente no futuro. Depois disso, cinco termos são usados para estabelecer a natureza do relacionamento que foi iniciado; juntos eles retratam o verdadeiro e duradouro compromisso de cada aspecto do vínculo pactual. Essas qualidades são primeiramente do SENHOR, mas ele as confere à sua noiva e, portanto, impregna todo o relacionamento com elas.

Retidão descreve uma conduta que não se desvia de uma norma. Yahweh se compromete a ser verdadeiro a tudo que o seu papel na aliança requer dele, e dessa maneira também deve agir a outra parte da aliança. Isso é enfatizado nos salmos paralelos 111 e 112, que retratam em termos semelhantes a retidão do SENHOR e a retidão da pessoa que o teme. A retidão não é uma questão de um cumprimento estrito do dever, mas um exercício da misericordiosa e terna compaixão que dura para sempre (compare especialmente Sl 111.3–4 e Sl 112.3–4).

A ***justiça*** está relacionada à equidade de Deus em tomar decisões e administrar questões, não apenas no âmbito secular, mas de todos os aspectos das estipulações da aliança. Aqui mais uma vez isso é o que também é exigido do povo: que as decisões das pessoas sejam justas e que elas as tomem refletindo o padrão divino. “Deixem a justiça correr como as águas e a retidão como uma torrente contínua” (Am 5.24).

Amor fiel (*hesed*) é a lealdade pactual que está preparada para ir além dos termos estritos do relacionamento no seu desejo de promover os interesses da outra parte. No Antigo Testamento, ele é normalmente

empregado para o amor eterno do SENHOR pelo seu povo, mas a aliança não foi dada para ser unilateral em sua operação. A outra parte na aliança com o SENHOR deveria retribuir com o mesmo nível de compromisso, mas o triste disso é que eles raramente fizeram assim (cf. 4.1; 6.4,6).

Compaixão ecoa o nome da filha de Oseias (1.6–7; 2.1) e descreve a profunda e terna preocupação de Deus pelo seu povo e que é exigido que eles demonstrem a outros. "Andem em amor, assim como Cristo nos amou e se deu por nós" (Ef 5.2).

A repetição do verbo ***eu a tomarei como esposa***, estabelece a ***fidelidade*** de algum modo como uma categoria própria. É uma questão de confiança e consistência que deve permear as características anteriores. O compromisso do SENHOR não irá e não poderá variar de intensidade ou quanto ao seu objetivo e o ideal é que o compromisso do povo também não varie. Na medida em que eles refletirem o caráter do próprio Deus, o relacionamento deles com ele será realizado.

A consumação desse noivado se encontra na experiência da noiva: ***e você conhecerá o SENHOR***. "Conhecer" é usado para a intimidade do casamento (Gn 4.1; Nm 31.17; 1Rs 1.4) e fornece uma culminação apropriada para esse arranjo divinamente instituído no qual a noiva é dotada com a aptidão de refletir o caráter do seu marido e assim ser levada a um relacionamento mais íntimo com ele. Isso reverte e dispersa os anteriores "ela não conhece" (2.8) e "a mim ela esqueceu" (2.13). O conhecimento é um tema usado extensivamente no restante da profecia (cf. 4.1; 6.3).

REFLEXÃO

- Quando o SENHOR restaura a sua criação caída, ele fornece um ambiente apropriado para o seu povo viver e também se assegura que eles estejam aptos para viver nesse novo ambiente. A terra em que Israel desfrutou comunhão com o SENHOR foi em certa medida restaurada a eles no retorno do exílio, mas a plenitude do que está descrito aqui aguarda a vinda do Messias cuja obra é a única base para assegurar a harmonia descrita aqui (cf. Is 11.6–9; 55.13; 65.25). Quando ele vier uma segunda vez, inaugurará o seu reino eterno por meio de uma cerimônia de casamento com sua noiva, com a qual ele está comprometido há muito tempo (cf. Ap 19.6–9).

- No que diz respeito à cidade santa, a nova Jerusalém, "nada impuro entrará nela, nem ninguém que faça o que é detestável ou falso" (Ap 21.27) e por isso Cristo capacitou e preparou a sua noiva por meio do ministério do Espírito Santo. As qualidades descritas em 2.19–20 são mediadas pelo Espírito em todos aqueles em quem ele implanta a nova vida. Conquanto o novo nascimento seja, como implica a metáfora, uma questão de momento, tornar-se proficiente nas aptidões que o Espírito concede exige uma vida inteira de treinamento. "Se vivemos pelo Espírito, andemos igualmente pelo Espírito" (Gl 5.25). Porém, a tarefa de "aperfeiçoar a santidade no temor de Deus" (2Co 7.1) é algo que o Deus da paz assegurará que será levada à perfeição, de modo que todos os que estão em Cristo serão mantidos inculpáveis na sua vinda (cf. 1Ts 5.23).

(d) A restauração da harmonia (2.21–23)

Com frequência, os detalhes dessa seção parecem um tanto obscuros; porém, ela deixa de lado a metáfora do relacionamento conjugal e desenvolve a imagem da segurança total e final prometida em 2.18. O que está para vir é um tempo em que a concessão abundante e graciosa das bênçãos do SENHOR sobre o seu povo estarão indisputavelmente presentes, e é vista como descendo do alto (2.21–22). O uso repetido de "responder" provavelmente indica que isso acontece como resposta de oração. "É uma bela imagem da harmonia entre as esferas física e espiritual; Jezreel (isto é, Israel), pede que suas plantas germinem; elas clamam à terra pela sua seiva; a terra suplica aos céus por chuva; os céus imploram à palavra divina para que abra as seus depósitos; e Jehovah responde com amor fiel" (Cheyne 1884:56). Há paralelos na descrição da abundância agrícola em Amós 9.13–15 e Joel 3.18, mas aqui há a dimensão adicional da oração respondida. Por fim, o SENHOR restabelece o seu povo a uma posição de favor e eles com gratidão o reconhecem (2.23).

2.21 E será nesse dia que eu responderei,
declara o Senhor.
Eu responderei aos céus,
E eles de sua parte responderão à terra.

Declara o SENHOR liga-se com 2.16 como o faz a referência ao tempo de restauração ***naquele dia*** (também em 2.18). Esse é outro aspecto do

prospecto definitivo do que o SENHOR tem preparado para o seu povo, mas é apresentado por meio de uma linguagem altamente figurada. ***Eu responderei*** estabelece a reação do SENHOR à maneira como o povo o reconheceu, ou maneira como eles estão conduzindo suas vidas em obediente imitação dele ou pela oração que fazem a ele. Contudo, o que é descrito aqui é uma sequência de ações responsivas e isso é traçado dos céus para a terra de modo a enfatizar a soberania do SENHOR e a sua iniciativa em tudo o que acontece. As necessidades encontradas embaixo são respondidas pelas ações de cima (cf. 14.8; Sl 20.1,6). Tudo que é necessário para que a bênção seja concedida é que ele pronuncie a palavra.

Os céus que foram impedidos de mandar a chuva sobre a terra são agora divinamente autorizados a cumprir o seu propósito natural, e nessa cena de harmonia cósmica eles reagem às necessidades da terra abaixo enviando chuva. O impedimento havia sido causado pelo pecado do povo, e quando isso foi resolvido e o verdadeiro relacionamento com o SENHOR foi restaurado, o canal para as bênçãos divinas é aberto. Embora a mesma palavra hebraica tenha o sentido de "a terra" e "o planeta terra" (cf. 4.1), quando ela ocorre juntamente com "os céus", ***planeta terra*** é a sua tradução apropriada. Essa transformação ocorrerá numa escala cósmica.

> 2.22 E a terra responderá ao cereal
> e ao vinho novo e ao óleo de oliva,
> e eles responderão a Jezreel.

Traçando a cadeia de causação até a fonte da necessidade, ***o planeta terra*** (menos provavelmente "a terra") demonstrará fertilidade renovada quanto ao ***cereal e ao vinho novo e ao*** óleo de oliva (cf. 2.8). Essa é uma referência geral a todos os produtos agrícolas que eram a base da economia de Israel (cf. Dt 12.17; 14.23; 2Cr 32.28; Jr 31.12). Sob o governo beneficente de Deus, da terra brotará copiosa provisão para satisfazer às necessidades do momento. Os dias de recorrer a Baal para a fertilidade acabaram.

A menção de ***Jezreel*** novamente aplica-se à Israel restaurada (cf. 1.11), que será a beneficiária da riqueza da terra quando "Deus semear" não juízo, mas bênção. Em termos do desenvolvimento do tema da profecia, Jezreel também aponta para trás, para o nome do primeiro filho de Oseias, e assim ao desastre que o SENHOR havia predito que traria sobre o povo (1.5). Isso abre o caminho para a reversão do significado de outros nomes

no versículo seguinte e também para a continuação da consideração das circunstâncias da família de Oseias no capítulo seguinte.

> 2.23 E eu a semearei para mim na terra,
> e eu mostrarei compaixão a Não-Mostrei-Compaixão,
> e eu direi a Não-Meu-Povo, "vocês [são] meu povo",
> e ele dirá "[O senhor é] meu Deus".

E eu a semearei é um trocadilho com Jezreel, "Deus semeará" (cf. 1.4). A referência não é mais negativa; ela agora reflete o número e a prosperidade material do povo (cf. 1.11). O pronome feminino oblíquo ***a*** se refere à nação nos termos do seu noivado com o SENHOR, um conceito que encontra a sua consumação na noiva de Cristo (Ef 5.22–33). ***Na terra*** é outra vez ambíguo, muito provavelmente o intencionado seja "na terra/território", mas "planeta terra" em 2.21 é a contraparte de "céu" e nesse contexto não há qualquer menção específica do retorno do exílio que "a terra" exigiria. Essa é muito provavelmente a aplicação de uma promessa gentílica do pacto abraâmico (Gn 12.3). A semeadura do povo de Deus aponta para um aumento maciço em número que estava associado com a reunião dos gentios.

A reflexão sobre a reversão do significado sinistro de Jezreel leva à afirmação de que os outros dois nomes de maldição também serão revogados.O SENHOR ***mostrará compaixão*** para com ***Não-Mostrei-Compaixão*** (cf. 1.6–7; 2.1) e também restabelecerá ***Não-Meu-Povo*** (cf. 1.8–9; 2.1). Esse ato final de libertação evoca uma resposta daquele que era anteriormente conhecido como Não-Meu-Povo. ***E ele dirá "O Senhor é meu Deus"***. O masculino é novamente usado porque Lo-Ammi era um menino. Aqui as promessas mútuas de um relacionamento renovado substituem as palavras anteriores de alienação e reprovação. As duas partes reafirmam novamente os termos dos vínculos que os unem num compromisso mútuo, perpétuo e solene.

REFLEXÃO

- Conquanto o profeta estivesse inicialmente se dirigindo ao povo do reino do norte de Israel, a visão dada a ele foi moldada por Deus para refletir a totalidade da sua provisão redentora. Embora a linguagem fosse derivada da revelação típica que foi dada naquele estágio de revelação do plano divino, a realidade final seria maior e mais

extensa. O modo como o SENHOR lida com Israel (seja com as tribos do norte ou o povo da aliança como um todo) prefigura o que seria alcançado por meio daquele que era a imagem máxima de tudo o que Israel deveria ter sido. Por meio da sua identificação com "Não-Meu-Povo" ele se tornou "Não-Meu-Filho" ("Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?"; Mt 27.46) e "se humilhou ao se tornar obediente a ponto de morrer, mesmo a morte numa cruz" (Fp 2.8). Nesse sofrimento ele assumiu uma culpa que não era sua e sofreu a punição por ela para que a misericórdia divina pudesse ser estendida sem que a justiça divina fosse comprometida.

- Cristo também derrubou "a parede hostil de separação" entre judeus e o gentios (Ef 2.14) para "criar para si um novo homem em lugar de dois" (Ef 2.15), e com base nisso tanto Paulo (Rm 9.25) quanto Pedro (1Pe 2.10) não hesitaram em ver o cumprimento de 2.23 na bênção da unidade obtida na igreja dos tempos do Novo Testamento. Vamos nos assegurar de que, como indivíduos, nós respondamos pela fé com reverente submissão: "O Senhor é meu Deus".

C. O AMOR RESTAURADOR (3.1–5)

Para completar o efeito estrutura da primeira divisão do livro, uma referência adicional é então feita às circunstâncias matrimoniais de Oseias, equilibrando as informações dadas no capítulo 1 (cf. p. 47). Essa mudança foi, em parte, preparada pela continuação e reversão dos nomes dos filhos no fim do capítulo 2. Tanto quando estar integrado nessa estrutura quiástica (de cruzamento) dos capítulos 1–3, o capítulo 3 compartilha o mesmo padrão literário interno das seções anteriores no sentido de que há um movimento de julgamento para salvação. Aqui o julgamento é já evidente pelas circunstâncias abjetas nas quais Gômer é encontrada, e muito maior atenção é dada ao modo como a restauração será efetuada, primeiramente em Gômer em 3.1–3 e depois em Israel 3.4–5.

Mas será que a mulher sem nome nesse capítulo deve ser identificada com Gômer? Além do mais, embora a organização literária desses capítulos esteja bastante clara, isso em si não exige que os incidentes subjacentes sejam sequenciais. Então, outra pergunta pode ser feita. Os acontecimentos do capítulo 3 ocorreram depois dos acontecimentos do capítulo 1, ou eles são a mesma história contada de outro ponto de vista?

Tem sido observado que essa seção é autobiográfica, enquanto o capítulo 1 é uma biografia, escrita na terceira pessoa. Isso tem levado à especulação por parte dos estudiosos de que os capítulos 1 e 3 foram editados juntos a partir de um grande número de fontes. Se esse fosse o caso, então "novamente" em 3.1 pode não estar relacionado ao capítulo 1, mas é uma característica de uma fonte diferente mais antiga que foi inadvertidamente mantida, e que está relacionada à estrutura dessa fonte. No entanto, isso é implausível tanto pela consideração das subsequentes edições redacionais que desempenharam um papel fundamental na composição do livro quanto no que diz respeito à falta de habilidade literária demonstrada pelo fato de ter deixado essa alusão desconectada. Um forte argumento pode ser apresentado para demonstrar que a profecia foi composta pelo próprio Oseias, que aqui incorpora o material de um relato que ele havia escrito numa data anterior nessa estrutura literária final cuidadosamente arranjada. Se esse for o caso, qualquer que seja o sentido preciso que seja atribuído a "novamente" em 3.1, é exigido um entendimento sequencial desses acontecimentos, embora a cronologia envolvida seja obscura.

Além do mais, embora alguns comentaristas argumentem que aqui é feita uma menção a uma segunda mulher (cf. Stuart 1987:64–69), a introdução de uma personagem adicional na simbologia das ações do profeta discorda claramente do ponto principal que está sendo ilustrado. A vida de Oseias foi divinamente moldada para espelhar o modo como o SENHOR lida com Israel. Uma vez que só há um povo de Deus, introduzir outra mulher na vida de Oseias distorceria a mensagem retratada no seu casamento e minaria a eficácia da sua apresentação. A descrição "adúltera" (isto é, aquela que é infiel no casamento) reforça a identificação dessa mulher como Gômer.

Mesmo assim, ainda há muito que permanece obscuro. Embora alguns tenham tentado obter informação sobre Gômer de 2.2–22, o foco aqui está claramente em Israel como a esposa do SENHOR, e é arriscado tentar reconstruir qualquer coisa sobre a vida de Gômer com base nessas seções. Devemos reconhecer que simplesmente não somos informados sobre o que houve com ela no intervalo entre os capítulos 1 e 3.

Embora Gômer tenha sido caracterizada como uma "esposa de prostituições" (1.2), até esse ponto não há nada explicitamente registrado sobre a natureza do seu comportamento repreensível. É uma questão em

debate se a conduta dela começou a se degenerar abertamente depois do nascimento do primeiro filho, ou se depois do seu terceiro filho. Aqui, contudo, ela é caracterizada como "uma adúltera" (3.1) que abandonou seu marido. Ela pode ainda estar vivendo com outro homem, mas o fato de que Oseias teve que comprá-la de volta (3.2) indica provavelmente que a sua situação havia piorado muito, chegando ao ponto de ela ter-se vendido à escravidão. Porém, assim como no capítulo 1, é uma característica intencional da narrativa que apenas alguns detalhes sejam fornecidos sobre o profeta e sua esposa. O tema principal é o custoso amor redentor exibido por Oseias como uma descrição notável do modo como o SENHOR lida com a sua esposa infiel, Israel.

(1) A restauração da esposa de Oseias (3.1–3)

Do ponto alto da restauração futura, o capítulo 3 abruptamente retorna à realidade que confronta Oseias – e o SENHOR. Algumas informações são fornecidas sobre a relação conturbada entre o profeta e sua esposa, mas o ponto principal da narrativa é a iniciativa de Oseias, de acordo com as instruções de Deus, de amá-la mais uma vez (3.1), de resgatá-la (3.2) e de assegurar a sua completa restauração (3.3). Tudo isso retrata como o SENHOR irá agir para solucionar o relacionamento rompido entre ele mesmo e Israel.

> 3.1 E o SENHOR me disse:
> "Vá novamente, ame uma mulher,
> amada de um amigo e uma adúltera,
> assim como Senhor ama os filhos de Israel
> embora eles continuem a se voltar para outros deuses
> e [sejam] amantes de bolos de passas".

Novamente está posicionado de modo ambíguo, e por isso não é possível decidir em termos gramaticais se a ideia é "o SENHOR me disse novamente: 'Vá, ame'…" ou "***e o SENHOR me disse: 'Vá novamente, ame'***", assim como ele já havia feito quando se casou com ela pela primeira vez (1.2–3). A maior parte das traduções para a nossa língua prefere a última tradução (a NRSV sendo uma notável exceção), mas em ambos os casos a descrição é de um estágio subsequente no casamento de Oseias. A expressão indefinida "uma mulher" não se refere a outra mulher, mas corresponde à expressão indefinida original "uma mulher/esposa" de

1.2, possivelmente com o sentido de "uma mulher desse tipo". Por causa de sua conduta incorreta ela havia abdicado do seu direito de ser designada "sua esposa". "Vá" é usado como uma expressão idiomática para indicar um chamado à ação, que é depois mais precisamente especificado no segundo imperativo "ame".

"Ame" (*ʾāhēb*) tem um amplo espectro de significados, sendo usado tanto como apego emocional a uma pessoa e também, como no que diz respeito aos "bolos de passas" no fim do versículo, no sentido de gosto por um objeto (cf. *NIDOTTE* 1:227–299 e também a primeira *Reflexão* abaixo). Embora Oseias retrate o amor de Deus em termos do amor de um pai por um filho (11.1,4), a comparação que é dominante é a do amor de um homem pela sua esposa (cf. 9.15). O amor abre uma nova porta nos relacionamentos interpessoais enquanto fecha outras, ou pelo menos, diminui a importância de alguns (cf. "deixará" Gn 2.24) e confere dominância exclusiva a um novo relacionamento central (cf. "unirá a/segurar firmemente" em Gn 2.24). As qualidades dessa união são positivas, afetuosas e ternas. Embora o amor permaneça não correspondido, ele sempre busca reciprocidade e não é plenamente consumado sem ele. O amor tem uma qualidade duradoura que não se permite ser desviado pelas circunstâncias exteriores, e que persiste apesar das ansiedades e das emoções dolorosas interiores. "As muitas águas não podem apagar o amor e os rios não o podem arrastar. Se um homem fosse oferecer toda a riqueza da sua casa pelo amor, seria totalmente desprezado" (Ct 8.7). Então, Oseias é chamado a demostrar sua permanente ligação com Gômer apesar da provocação do comportamento dela em relação a ele. Mais uma vez, ele deve cuidar dela e agir de maneira a assegurar uma resposta apropriada da parte dela.

A expressão ***amada de um amigo*** pode ser entendida de diversas maneiras, porque o termo "amigo", "companheiro", "próximo" tem amplo significado. "Sem expressar um relacionamento legal particular [ele] significa aquelas pessoas com quem se tem contato e com quem a pessoa precisa conviver por causas das circunstâncias da vida" (*HALOT* 3:1254). A amplitude dos significados associados a esse termo pode ser vista em Jeremias 3, onde ele é primeiro usado para amantes, "Vocês cometeram prostituição com muitos amigos" (Jr 3.1), mas depois no sentido de marido, "Em vez disso, [como] uma esposa traiçoeira [vai] do seu amigo, assim vocês foram traiçoeiros comigo, ó casa de Israel" (Jr 3.20). A

interpretação preferida por Calvino, seguindo o erudito judeu medieval Rashi, é que "amigo" se refere ao marido de Gômer, isto é, o próprio Oseias (cf. "amada pelo seu marido", NASB; Calvino 1986:123). Apesar de ele continuar a amá-la, ela aumentou a vileza da sua conduta ao se tornar uma adúltera. Isso certamente se encaixa no sentido da passagem e no sentido paralelo do relacionamento entre Israel e o SENHOR.

Contudo, é mais provável que "amada de um amigo" e "adúltera" expressem dois aspectos do relacionamento ilícito de Gômer, usando o eufemismo "amigo" (talvez o conceito atual de "companheiro" apreenda algo que está em vista) para retratar o amante de Gômer, que está vivendo um relacionamento adúltero com ele. Então, há três personagens: o profeta, Gômer e o amante. Eles correspondem às três partes no relacionamento que está sendo ilustrado: o SENHOR, Israel e Baal. Assim como Gômer se voltou para outro homem, do mesmo modo Israel havia se voltado para outros deuses. É significativo que o termo ***adúltera*** seja usado aqui (cf. 4.2), porque ele reforça a percepção de que Gômer está em vista. O termo está no particípio, que não descreve um lapso temporário, mas uma conduta habitual que deliberadamente e persistentemente viola o vínculo do casamento. A narrativa dá a clara impressão de que a conduta de Gômer não era uma novidade para Oseias pelo modo como o SENHOR deu as instruções a ele.

Se o mundo de Oseias foi virado de cabeça para baixo pela ordem inicial de Deus para se casar com uma "mulher de prostituições", aqui ele é chamado para uma tarefa ainda mais difícil, que é deixar de lado a ofensa que havia sofrido por causa da infidelidade da sua esposa e também o seu senso de dignidade pessoal e direito e que ele, a parte lesada, vá buscá-la. Porém, Oseias não deveria pautar a sua conduta de acordo com as noções humanas do que seja apropriado, mas segundo o padrão que o próprio Deus mostra: ***ame… assim como o SENHOR ama os filhos de Israel***. O amor do SENHOR é a sua inexplicável ligação com Israel, que brotou do interior do ser divino quando ele colocou o seu coração neles (cf. Dt 7.7; 10.15). Seu amor por eles formava a base da eleição deles para ser o seu povo (cf. Dt 4.37; 10.15), aqueles que ele protegeria, aqueles para quem ele proveria e aqueles de quem ele exigiria exclusiva lealdade em troca. Uma vez que o SENHOR se comprometeu com eles por meio de uma aliança, seu amor por eles permanecia constante e inviolável (mas observe 9.15 quanto à contínua provisão beneficente desse amor e sua aprovação

da conduta deles), buscando sempre trazer de volta para si o povo que ele escolheu para ser seu (cf. 1.10).

O amor de Deus persistia apesar de dois fenômenos em contrário, o primeiro dos quais é apresentado em ***embora eles continuem a se voltar para outros deuses***. O particípio indica a contínua ação deles de "se voltar" para essas deidades, pois eles as adoram e orientam as suas vidas com o etos dos devotos delas. Depois do uso repetido de Baal e de baalins no capítulo 2, "outros deuses" aqui aponta deliberadamente para o primeiro mandamento: "Vocês não terão outros deuses diante de mim" (Êx 20.3). Por isso, é a despeito da afronta do desprezo ao primeiro mandamento da aliança que o SENHOR mostra o seu amor quando não desiste da sua determinação de agir para o bem deles.

A extensão da insensatez de Israel e do abismo entre o compromisso divino e o envolvimento humano na situação é ainda mais ressaltada pelo comportamento do povo que ***amam bolos de passas***. Isso se refere a bolos prensados de uvas-passas, que eram considerados uma iguaria (cf. 2Sm 6.19). Pode ser que eles fossem levados como oferenda aos deuses pagãos e que talvez parte fosse devolvida ao adorador para que a comesse, possivelmente na expectativa de que teria o seu desempenho sexual aumentado (o que talvez seja aludido em Ct 2.5). A figura de linguagem conhecida como metonímia é usada para identificar essa ação como uma típica expressão das práticas perversas dos altares ilícitos, às quais Israel estava viciada. Trata-se de uma exposição sarcástica do quão pouco era necessário para afastar Israel do SENHOR: uma oferta trivial para satisfazer o apetite deles era suficiente para motivá-los a um comportamento inconstante e traiçoeiro.

> 3.2 Então eu a comprei para mim por quinze [siclos de] prata e um ômer de cevada e um leteque de cevada.

Oseias registra sua obediência imediata e inquestionável à orientação divina (cf. 1.3), mas a curta narrativa não nos revela toda a história. Se 3.1 é o registro tudo o que o SENHOR disse nessa ocasião, então, à luz do seu conhecimento de suas próprias circunstâncias, Oseias precisa traduzir o mandamento divino em passos práticos para chegar ao cumprimento dele. Seu amor deveria ser manifestado em ação que incorporava a sua ligação e o seu compromisso. E o que ele tinha que fazer era custoso. Foi assim que o profeta foi levado a compreender o que um amor tal como aquele do

SENHOR por Israel acarretava. Não é declarado se Oseias foi estimulado por esse amor à parte do padrão divino ordenado a ele.

Eu a comprei para mim. Aqui novamente não há registro dos sentimentos de Oseias, mas apenas a simples declaração da ação tomada por ele. A melhor explicação do por que isso era necessário parece ser que Gômer havia sido reduzida à escravidão, por causa de dívida e do fato de ela ter se tornado a concubina de algum homem, de quem a sua libertação seria efetivada apenas por meio de compra. Oseias pode ter tido que reembolsar o amante dela pela despesas que ele teve quando comprou Gômer. A natureza complexa do pagamento numa narrativa que tem tão poucos detalhes adicionais, sugere que isso é de alguma importância. O fato de que Oseias teve que chegar ao valor final mesclando a forma de pagamento indica a dificuldade de reunir os recursos suficientes para o pagamento. Tem sido sugerido que o valor combinado era de 30 siclos de prata, a compensação paga pela perda de um escravo (Êx 21.32), mas o cálculo é incerto. Um Ômer era uma medida seca usada para grãos, algo em torno de 48 galões (220 litros) e um ***leteque*** (encontrado apenas aqui) é geralmente considerado como sendo a metade de um ômer. Embora a ***cevada*** fosse um produto agrícola importante, ela era menos valiosa do que o trigo. Portanto, o amor e os recursos de Oseias foram testados ao limite pela obediência dele a Deus, e dessa maneira o profeta conquistou a libertação da sua esposa da situação degradante na qual ela mesma havia se colocado.

3.3 E eu disse a ela:
"Por muitos dias você ficará como minha.
Você não vai cometer prostituição
e não será de nenhum homem;
assim eu também [serei] para você".

Esse versículo apresenta um papel elevado para o profeta. As restrições que ele impõe não são apresentadas como uma ordem divina, mas algo surgido de sua percepção pessoal do que era apropriado nas circunstâncias. O entendimento de Oseias do amor segundo o padrão do amor do SENHOR se assemelha a apresentação do amor que Moisés faz em Deuteronômio. "Amarás o SENHOR teu Deus e guardarás continuamente as suas ordenanças, seus estatutos, seus juízos e seus mandamentos" (Dt 11.1; cf. Dt 30.16), mas se esse amor não for traduzido em obediência, então a ira

do SENHOR seria provocada (cf. Dt 32.21) e "a ira do SENHOR se acenderá contra vocês" (Dt 11.17; cf. Dt 30.17–18).

Assim, ao mostrar um amor que exige pureza e busca o afeto recíproco, Oseias estabelece os termos nos quais Gômer se tornaria novamente sua esposa. Muitos detalhes se tornam claros apenas à luz do arranjo paralelo que o profeta sabia que o SENHOR imporia a Israel (3.4–5). ***Muitos dias*** aponta para um longo, mas limitado, período de tempo. É difícil estabelecer a força do verbo ***você ficará***. Não é apenas que Gômer deveria ficar "com" o profeta, mas que ela deve permanecer fiel a ele. A ideia pode ser a de "sentar-se quieta" (como em Is 30.7 e Jr 8.14), em vez de se ocupar com as frenéticas atividades com que ela havia recentemente se ocupado, e assim isso seria uma disciplina para ela retornar à sua posição anterior de esposa. (Essa interpretação é reforçada pelo paralelo em 3.4, um período de privação para Israel.) ***Como minha*** (literalmente, "para mim") indica posse, especialmente separada como de Oseias. Durante esse período, a atividade de Gômer se resumiria a erradicar e refrear sua tendência à promiscuidade. ***Cometerá prostituição*** é uma expressão ampla que indica comportamento sexual inaceitável (cf. 1.2). ***Você não será de nenhum homem*** proíbe intimidade com qualquer homem, incluindo o próprio Oseias. Para a expressão hebraica, compare com Rute 1.12. ***Assim eu também serei para você***. Oseias igualmente não teria nenhuma relação íntima com ela, nem iniciaria um relacionamento com nenhuma outra mulher. Conquanto Oseias proveria para Gômer, não haveria uma plena restauração do relacionamento matrimonial durante esse longo período probatório.

REFLEXÃO

- Uma vez que Oseias é contido no uso que ele faz da palavra "amor", é notável que em 3.1 ele a empregue com quatro sentidos diferentes. O uso teológico fundamental é "como o SENHOR ama", descrevendo uma afeição constante, que exige apego e propensão a perdoar, o que Deus demonstra voluntariamente e soberanamente ao seu povo (veja abaixo). Isso estabelece o padrão que deve moldar todas as relações humanas e assim dá conteúdo ao requerimento imposto a Oseias: "ame uma mulher". Infelizmente, nossas emoções pecaminosas prontamente deixam de lado as normas divinas e se expressam de uma maneira que Deus proibiu. Isso é visto em "amada de um

amigo" (entendido como se referindo a outro homem e não ao profeta), que é uma descrição eufemística de um relacionamento que viola os vínculos da ordenança do casamento (cf. Gn 2.24; Êx 20.14). Além do mais, o efeito degradante do pecado é claramente evidenciado no comportamento incongruente a que ele conduz: "amantes de bolos de uvas-passas". Em si mesmo, isso parece algo inocente, que faz parte do desfrute de todas as coisas que Deus nos deu (cf. 1Tm 6.17). Porém, associado ao culto pagão ou mesmo quando é motivado pela imediata gratificação física, ele foi degradado por ter se tornado parte da estratégia maligna de Satanás de induzir a humanidade a pecar. O que era bom é tornado ilusório quando é revestido da sedução que sobrepuja as emoções, faz esquecer o temor do Senhor e toma cativos aqueles que suprimiram suas faculdades racionais ao ignorar as regras de Deus em suas vidas (cf. Gn 3.6; 1Jo 2.16). O verdadeiro amor se conforma aos padrões e exigências de Deus.

- Oseias agiu de acordo com o padrão exigido: "assim como o SENHOR ama os filhos de Israel" (3.1), mas nem mesmo o profeta havia até então compreendido todo o custo do amor de Deus. "Neste amor é [evidente], não que nós amamos a Deus, mas que ele nos amou e enviou o seu Filho para [ser] a propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.10). A medida do amor restaurador de Deus é o amor sacrificial e altruísta de Cristo pela sua igreja, estabelecendo um relacionamento eterno e íntimo com ela. O seu amor é um amor comprometido, a despeito dos caminhos errados da outra parte nesse relacionamento (cf. Ef 5.22–23). "Jesus Cristo, que se tornou encarnado, estava presente e atuante em seu estado pré-encarnado. Foi ele que chamou Oseias para servir como seu agente profético e assim Oseias agiu como 'o messias/mediador secundário' " (Van Groningen 2003:59).
- "Muitos dias" (3.3) reflete o fato de que o amor do SENHOR pelo seu povo não é uma aceitação descompromissada de tudo que eles fazem ou desejam, mas um ardor comprometido que deseja vê-los purificados de toda injustiça e levando uma vida em fiel obediência a ele. Não importa quanto tempo isso leve, ele está disposto a punir ou a trabalhar a santidade neles ao expurgar tudo que a contamine e até que chegue ao resultado que ele deseja (cf. Ml 3.2–4). Embora

ele aja em amor, o Deus que não muda não pode comprometer os seus padrões imutáveis. Ele não está disposto a tomar um caminho mais fácil para uma vida pacífica. “Não sejam orgulhosos, mas temam. Se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará vocês” (Rm 11.20–21). Em vez disso, ele labora em amor para alcançar o alvo que ele tem para o seu povo, de que eles tenham perfeita união e harmonia com ele mesmo (cf. 2Pe 1.3–11).

(2) A restauração de Israel (3.4–5)

Oseias agora deixa o seu próprio casamento de lado e passa a considerar o relacionamento do SENHOR com Israel. Ele mostra que a disciplina do SENHOR sobre eles exigirá que passem por um período de existência mínima como nação sem um rei e como pessoas sem acesso expiatório a Deus. Esse castigo, imposto pelo SENHOR pela sua preocupação amorosa pelo seu povo, foi concebido para erradicar as más influências do meio deles, para induzi-los a uma mudança espiritual verdadeira dos seus pensamentos e hábitos e para alcançar total restauração que é descrita em termos messiânicos.

3.4 Pois, [por] muitos dias os filhos de Israel ficarão,
sem um rei e sem um líder,
e sem sacrifício e sem a pedra permanente,
e sem éfode e terafim.

Pois liga essa descrição com as ações de Oseias, que simbolicamente refletiam a maneira como o SENHOR trataria o seu povo. Eles também ***ficar***ão, isto é, existirão de uma maneira restrita, ***por muitos dias*** (cf. 3.3). Porém, não há qualquer informação sobre onde eles viveriam, se no exílio ou na terra da promessa.

Os filhos de Israel (cf. 1.10) descreve o povo nos termos do relacionamento pactual deles com Deus. Para o profeta e seus contemporâneos, aqueles que estão especialmente em vista são as dez tribos do norte, mas as tribos do sul as estavam seguindo no que dizia respeito à infidelidade ao SENHOR e uma consequência semelhante as atingiria. A descrição não é de aniquilação, mas de privação e abstinência. O que eles usaram mal e gastaram prodigamente será, por causa do juízo do SENHOR, retirado deles de todos os modos.

A quíntupla repetição de ***sem*** (*ʾên* "não existência de") indica um período de intensa carência tanto de coesão política quanto de observância religiosa. Há três pares de itens. ***Rei*** e ***líder*** (cf. 7.3) estão associados à nacionalidade e ao governo civil efetivo. Israel será forçada a existir sem as marcas que legitimam a sua identidade e coesão como uma força política, possivelmente porque aqueles que mantinham esses cargos haviam agido tão frequentemente em rebeldia ao SENHOR. Oseias não pensa na monarquia como má em si mesma. Era o abuso do cargo que seria corrigido dessa maneira.

Os dois itens seguintes são de importância religiosa. O ***sacrifício*** desempenhava um papel importante na adoração antiga. Do mesmo modo, não é proibido como algo inerentemente ilegal, mas é predito que as circunstâncias do povo seriam tais que eles não teriam oportunidade ou recursos para participar do ritual sacrificial, quer os sacrifícios fossem oferecidos ao SENHOR ou aos deuses de Canaã. A ***pedra permanente*** se refere a uma coluna memorial como aquelas encontradas nos tempos antigos (Gn 28.18,22; 31.13; Êx 24.4). Contudo, ela foi sendo progressivamentge identificada como um aspecto do culto pagão e seu uso foi proibido em Israel (10.1; Êx 23.24; 34.13; Lv 26.1; Dt 7.5; 12.3; 16.22). É significativo que o termo seja cuidadosamente evitado em conexão com a edificação de pedras memoriais em Josué 24.26 e 1Samuel 7.12, embora ela descreva o monumento de Absalão em 2Samuel 18.18. Parece ser a intenção apresentar um sentido comprometido aqui, de modo que os dois itens reflitam a natureza misturada da adoração do norte. Durante o período em questão, Israel não terá permissão para participar plenamente na adoração do SENHOR, e também não participaria na adoração pagã.

O terceiro par de itens está ligado a vários aspectos do culto, e a ausência de um sexto "sem" sugere que esse par deve ser visto em combinação, possivelmente em conexão com a busca de informação sobre o futuro. O éfode era parte da vestimenta do sumo sacerdote (cf. Êx 28.4) e sobre ele estava o peitoral com os bolsos que continham o Urim e o Tumim usados para consultar o SENHOR (cf. 1Sm 30.7–8). A sua ausência indicaria a ausência do sacerdócio ou, pelo menos, a ausência de alguém que pudesse conduzir o ritual de acordo com a lei. No entanto, o termo "éfode" era também usado para outro objeto ou vestimenta associada com culto ilegítimo (Jz 8.27; 17.5; 18.14–20) e isso é mais provavelmente o sentido intencionado aqui. ***Terafim*** é normalmente entendido como deuses

domésticos (Gn 31.19,34; 1Sm 19.13,16). Possivelmente 1Samuel mostra que eles tinham um formato humano e eles estão intimamente ligados ao éfode idólatra em Juízes 17 e 18 (cf. também 2Rs 23.24). Assim, a menção a esse par de objetos cúlticos aponta possivelmente para a suspensão de todas as práticas cultuais corrompidas em Israel. O que é previsto é um período de subsistência mínima, que purificará a psique coletiva do povo de toda propensão a se envolver nas práticas erradas do passado.

> 3.5 Depois disso os filhos de Israel retornarão e buscarão
> o SENHOR, Deus deles, e Davi rei deles,
> e eles temerão o SENHOR
> e sua bondade no fim dos dias.

Depois disso significa que o duro período de privação chegará ao fim. Isso não levará a um retorno à atitude rebelde deles, mas a uma renovação da verdadeira devoção ao SENHOR. Mas uma vez (cf. 3.4) os ***filhos de Israel*** vê o povo na sua condição de comunidade da aliança. O sentido da palavra traduzida como ***retornarão*** é incerto. Quando o verbo *šûb*, "retornar", é ligado (como aqui) a um verbo que imediatamente o segue, ele com frequência funciona como um termo auxiliar indicando a retomada de uma ação anterior (cf. 11.9) e esse sentido é apropriado aqui, "mais uma vez busca". Contudo, um sentido mais forte é mais provável. Embora o termo indique que o castigo deles seria acompanhado pela dispersão deles da terra, de modo que "retornará" aponte para um retorno do exílio (cf. 1.6), a ideia de um retorno espiritual de ter apostatado do SENHOR se encaixa adequadamente na mensagem de Oseias como um todo (cf. 5.4; 6.1; 12.6; 14.1–2). ***Buscarão*** transmite uma ansiedade devotada de consultar o SENHOR e conformar-se à sua vontade – exatamente a resposta que ele está esperando (5.15). A ânsia anterior deles pela adoração dos ídolos (2.7) será revertida por meio da disciplina da privação, e em arrependimento eles desejarão mais uma vez a comunhão com o SENHOR, a quem eles reconhecerão como ***Deus deles***.

É provavelmente um exemplo de zeugma (cf. 1.2) que ***Davi rei deles*** ocorra como um segundo objeto a ser "buscado", porque esse verbo não é usado em nenhum outro lugar para buscar um rei (mas observe que em Jr 30.9 a combinação "servem ao SENHOR e a Davi" é encontrada). Contudo, esse é um uso apropriado uma vez que, ao buscar o Senhor o povo reconhecerá que tem que concordar com as orientações dele no tocante à

constituição deles. Como a casa de Davi havia permanecido no controle apenas no sul, "Davi rei deles" pressupõe uma reunificação dos dois reinos. Assim a antiga divisão será encerrada e haverá uma renovada harmonia (cf. 1.11). O que está em vista, porém, é mais do que a reunião de um povo dividido sob a "casa de Davi". A ênfase em "Davi rei deles" é a expressão messiânica mais clara na profecia de Oseias. Para esse uso de "Davi", compare Jeremias 30.9 com Ezequiel 34.23–24. A expressão antecipa o aparecimento de um personagem específico que funcionará verdadeiramente como o rei devidamente designado pelo SENHOR, cujo governo seria divinamente estabelecido para suprir o que havia estado anteriormente faltando na vida do povo.

A atitude de Israel em relação ao SENHOR será completamente transformada. ***Eles temerão o SENHOR*** descreve uma atitude correta de reverente admiração e cuidadosa obediência, mas essa frase não emprega o termo hebraico mais comum para "temor" (cf. 10.3). Esse sinônimo basicamente indica "tremer" ou "arrepiar-se" de intensa emoção, seja de alegria ou de terror. Aqui ela é acompanhada da preposição "para" que leva a algumas traduções como "virão em admiração" ou "virão tremendo" (cf. Mq 1.16). Embora a ideia de um retorno do exílio possa possivelmente estar no pano de fundo, é mais provável que a ideia seja a de uma reunião para cultuar. ***Sua bondade*** está ligado a "temor" por um zeugma (cf. 1.2). Embora "bondade" possa se referir ao caráter inerente de Deus (Sl 25.7), aqui ela descreve as consequências externas da disposição interior de Deus como reveladas na totalidade da bênção da aliança que o SENHOR estende para o seu povo (Sl 27.13; 31.19). "E eles virão e cantarão no alto de Sião, e eles fluirão [como ribeiros] para a bondade do SENHOR – por causa dos cereais e do vinho novo e por causa do óleo e por causa do rebanho novo… meu povo será satisfeito com a minha bondade, declara o SENHOR" (Jr 31.12,14). ***No fim dos dias*** se refere a um tempo distante quando o processo de disciplina e recuperação estiver totalmente terminado e equilibra o "muitos dias" do início de 3.4. Ela também indica o mesmo período de tempo como "depois" no início do versículo (Willis 1979:64).

REFLEXÃO

- A política dos assírios, e depois deles a dos babilônios, era privar os povos que eles conquistavam da sua identidade nacional deportando-os da sua terra de origem e os incorporando a povos

indiferenciados espalhados por todo o império. Essas pessoas dispersas e desorientadas não teriam mais lealdades locais para comprometer a total dependência delas da autoridade central para sua existência e bem-estar. Outros grupos de pessoas não sobreviveram a esse tratamento e desapareceram das páginas da História à medida que seus descendentes iam sendo assimilados numa única massa amorfa do império. Não foi assim com os filhos de Israel. Não há dúvida que muitos descendentes se ligaram pelo casamento com outros povos, mas um remanescente étnico separado foi preservado. Durante e depois do exílio, o povo do norte e do sul fundiram-se e passaram a ser conhecidos pelo termo "judeu", que era derivado do nome de Judá, a tribo dominante no sul. Os judeus foram preservados em meio a muitas vicissitudes nacionais desde os dias de Oseias até os dias de hoje e a sua contínua existência testifica da veracidade da Escritura e da contínua fidelidade de Deus em evitar que eles fossem assimilados e aniquilados.

- É uma noção errada supor que a reversão da sorte dos judeus ocorrerá à parte do seu retorno e da busca de Davi como seu rei (3.5). É Jesus o Messias que é o verdadeiro Filho de Davi. Ele é o Libertador que virá de Sião e banirá a impiedade de Jacó (Rm 11.26). Qualquer que seja a medida de reconhecimento nacional e de desenvolvimento que o povo judeu tenha alcançado, ela não pode ser comparada à plenitude e à aceitação profetizadas para eles até que reconheçam Jesus como o seu Messias. A sentença de privação permanecerá até que o véu que está sobre o coração deles seja removido (2Co 3.14–15) e Cristo seja reconhecido e confessado como o cumprimento das promessas da Escritura.

II. ESPERANDO PELO ARREPENDIMENTO (4.1–6.3)

ESBOÇO

A. Degeneração religiosa (4.1–19)

1. Acusação da terra (4.1–3)
2. Uma comunidade sem o verdadeiro conhecimento (4.4–6)
3. Uma comunidade sem satisfação (4.7–10)
4. Adoração vil (4.11–14)
5. Uma advertência a Judá (4.15–19)

B. Caos interno (5.1–14)
1. Liderança deficiente (5.1–7)
2. Guerras e belicismo (5.8–14)

C. Penitência? (5.15–6.3)
1. A retirada do SENHOR (5.15)
2. Uma exortação ao retorno (6.1–3)

O casamento de Oseias, que figurou de modo tão proeminente na mensagem dos capítulos 1–3, permanece como pano de fundo no restante da profecia, embora continue a haver referências à nação como uma mãe com filhos (cf. 4.5) e ao pecado do povo como prostituição espiritual (a última delas ocorrendo em 9.1). No entanto, Oseias ainda tinha que lutar com o problema de se dirigir a um público hostil e não receptivo. E então, em vez de as ações simbólicas serem usadas para atrair e manter a atenção das pessoas, um grande número de símiles e metáforas vívidas é empregado para tornar a mensagem memorável.

É difícil precisar quando exatamente, no seu ministério, os ditos de Oseias reunidos nos capítulos 4–14 foram originalmente pronunciados. Há claras indicações de que o seu casamento ocorreu nos últimos anos de Jeroboão II, antes de a nação se ver envolvida em disputas e brigas e antes de ela enfrentar a forte pressão da Assíria e, por isso, os capítulos 1–3 podem ser aproximadamente localizados na década de 755–745 a.C. É provável que o material encontrado em 4.1–5.7 seja derivado do mesmo período, antes que a agressão assíria viesse a dominar as questões da nação. A Assíria é mencionada pela primeira vez em 5.13 e por isso 5.8–14.9 deve ser datado de 745 a.C. Os comentaristas têm tentado identificar certas alusões feitas nesses últimos capítulos, mas nenhuma foi estabelecida com suficiente grau de certeza. Talvez haja base suficiente para mostrar uma ordem cronológica geral, com os últimos capítulos crescentemente refletindo as condições turbulentas da década de 730 a.C. e depois a confusão e a conspiração no reinado de Oseias.

Há três modos de entender a estrutura dos capítulos 4–11. (1) O restante da profecia talvez consista de oráculos de juízo amplamente desconectados, com certos elementos mais claros entremeados, mas sem que o registro tenha sido organizado em termos de qualquer sequência específica. (2) Outra abordagem é demonstrada nos capítulos 4–14 duas visões gerais do destino de Israel, cada uma das quais se inicia com a tragédia do momento e o juízo iminente (4.1–11.7; 11.12–13.16) e termina com a restauração futura, vislumbrada pela primeira vez em 11.8–11 e depois tornada mais clara em 14.1–9. Essa é uma repetição do padrão temático encontrado nos primeiros três capítulos. Desse modo, os capítulos 4–11 são tomados como o conjunto central dos ditos proféticos, levados a um final pela afirmação "declara o SENHOR" (11.11). (3) No entanto, também é possível subdividir os capítulos centrais, dependendo da visão que se tenha do siginificado de 6.1–3. Se esse oráculo for interpretado positivamente, então os capítulos 4–14 contêm três divisões, cada uma progredindo da condenação presente por meio de um juízo iminente para um cenário positivo no futuro – e esse é o esboço adotado aqui. Pode-se ainda argumentar, como em Laetsch 1956:41 e Kaiser 1985:48, que as três divisões correspondem a três alegações feitas contra Israel em 4.1: falta de conhecimento (4.2–3); falta de amor fiel (6.4–11.11); e falta de fidelidade (11.12–14.9). Essa interpretação, porém, está menos seguramente estabelecida.

A atual divisão da profecia (4.1–6.3) pode ser prontamente analisada como possuindo uma estrutura tripla. Em 4.1–9 o profeta acomoda a queixa do SENHOR contra as práticas religiosas da terra, enquanto em 5.1–14 ele se preocupa com as disputas internas que caracterizam o reino do norte e retrata os juízos do SENHOR como logo vindo sobre eles. A seção final (5.15–6.3) pode ser interpretada em termos mais positivos, pois aponta para o povo o caminho para escapar do perigo em que eles estavam. Aqui o profeta insiste com eles para que retornem ao SENHOR em arrependimento. Porém, não há qualquer indicação de que eles responderam a essa mensagem, nem nos é dada nenhuma indicação de que eles responderiam. Na verdade, a divisão seguinte do livro reverte a uma grave intimação da rejeição divina e indica que mais do que o conselho e a exortação de Oseias seriam necessários para mudar a situação.

A. DEGENERAÇÃO RELIGIOSA (4.1–19)

O início de uma nova seção do registro profético é marcado por uma mudança da descrição do futuro de Israel na terceira pessoa (3.4–5) para o discurso direto, dirigindo-se ao povo na segunda pessoa, acompanhado por uma mudança no tema, da restauração para a condenação da sua conduta atual, com uma distinta convocação introdutória: "Ouçam a palavra do SENHOR" (4.1). Uma invocação semelhante para "ouvir" em 5.1 indica o início da seção seguinte.

Nessa seção o foco primário, embora não exclusivo (4.15), é no declínio religioso do reino do norte. O incessante desvio da fidelidade deles ao SENHOR havia trazido em sua esteira trágicas consequências para a terra. Os pecados de omissão e comissão encontrados em 4.1–2 são elaborados em passagens subsequentes nessa divisão do livro. Contudo, até a convocação à guerra em 5.8 não há qualquer indicação das crises políticas e da tensão internacional que ocorreriam posteriormente. Assim, uma vez que o capítulo 4 é anterior à ressurgência assíria a partir de 745 a.C., ele provavelmente é de uma data anterior a essa. As condições políticas estáveis e a economia próspera sugerem fortemente os dias finais do reinado de Jeroboão II antes de 753 a.C.

No entanto, não pode ser dito que o reinado de Jeroboão estivesse livre de problemas. A riqueza estava concentrada nas mãos de poucos que abusavam de sua posição para explorar os seus compatriotas. O desejo de prosperidade pessoal abafava a preocupação com os menos favorecidos na terra. Esse declínio das atitudes sociais e da justiça surgiram do declínio religioso da nação. Uma das características das acusações feitas nessa seção diz respeito ao papel dos sacerdotes e dos profetas nesse processo. Conquanto eles sejam criticados por terem tomado a iniciativa de abandonar os padrões pactuais, não há qualquer sugestão de que o povo tivesse relutado em seguir o exemplo deles. Na verdade, o inverso parece ser o caso. Os líderes religiosos estavam apenas fornecendo o que o povo queria ouvir. "Tal povo, tal sacerdote" (4.9) resume a situação espiritual recíproca que arrastaram ambos mais profundamente para dentro de um espiral de apostasia e conflito.

(1) Acusação da terra (4.1–3)

A expressão "litígio pactual" foi usada para descrever essa e outras passagens semelhantes em outras profecias (p. ex., Is 1.2–3; Jr 2.12; Mq 6.1–2). O cenário que está em vista é que o profeta, como mensageiro do

SENHOR, estabeleceu legalmente contra o povo um processo formal, apontando como a conduta deles havia ofendido o seu Soberano e anunciando a eles o castigo que viria sobre a nação se eles permanecessem intransigentes. Nesse processo, o SENHOR estava atuando tanto como querelante quanto como juiz.

Contudo, há algumas dificuldades nesse entendimento da passagem. O termo "litígio" (ou "processo") é em si mesmo de certo modo impróprio, no sentido de que ele subtende duas partes levando uma questão perante um juiz independente para que seja resolvida – o que dificilmente é o caso quando o SENHOR está envolvido. Além do mais, não há o registro da fala da defesa e do anúncio de um veredito a respeito da disputa. Em vez disso, o que há aqui é uma das partes de um acordo (que nesse caso é a aliança ou o pacto entre o SENHOR e Israel), notificando a outra parte de uma acusação contra a sua conduta, buscando convencê-la de que ela está errada e instando-a a agir para reparar a situação. Uma maneira de ver esses versículos é tomá-los como um exemplo de como Oseias, de sua parte, procurou cumprir a ordem registrada em 2.2 para pleitear com a nação. Como o agente legal do SENHOR, ele insiste com o povo para que reconheça que eles não haviam cumprido suas obrigações, e que o que eles já estavam vivenciando era apenas a antecipação de um mal muito maior que viria caso não se corrigissem.

> 4.1 Ouçam a palavra do SENHOR, filhos de Israel,
> porque o SENHOR tem uma queixa contra aqueles que
> habitam na terra,
> que não há fidelidade
> e não há amor fiel
> e não há conhecimento de Deus na terra.

O chamado inicial alerta o povo para a gravidade das questões que são apresentadas a eles. A mensagem não é nada menos que ***a palavra do SENHOR*** (cf. 1.1), retransmitida a eles por meio do profeta (cf. Nm 12.6; 1Rs 22.19; 2Rs 7.1). Possivelmente, "palavra" aqui também carregue consigo a conotação das dez palavras dos requerimentos do SENHOR da aliança (cf. Êx 34.28; Dt 4.13). Com frequência, os profetas assumiam a aliança como a base sobre a qual eles exigiam que fossem ouvidos pelo povo (cf. Is 1.10; Am 4.1; Mq 6.1). Oseias, igualmente, não contendeu com Israel com base em novas exigências sendo impostas a eles pela

primeira vez, mas em termos das bem conhecidas ordenanças da aliança sinaítica.

Filhos de Israel/"crianças de Israel" (fazendo uma ligação com os capítulos anteriores; cf. 1.10) é uma designação para a totalidade da nação, particularmente no seu relacionamento pactual com o SENHOR. À luz de 4.15, onde Israel é distinguido de Judá, é apropriado assumir que a referência aqui é especificamente ao povo do reino do norte sob a perspectiva do seu relacionamento religioso com o SENHOR.

Embora o termo traduzido como "terra" seja ambíguo, pois ele também pode ter o sentido de "o planeta terra" (cf. 2.21–23), está claro que ***aqueles que habitam na terra*** designa a comunidade da aliança como os destinatários do direito divinamente adquirido de habitar na terra da promessa e desfrutar de todas as bênçãos dessa situação. Uma vez que o arrendamento deles da terra tenha sido concedido pelo Soberano a quem o território ainda pertencia por direito, o povo tinha de assegurar que o comportamento deles na propriedade do Senhor estivesse de acordo com os termos da concessão que ele lhes deu (cf. Nm 35.33–34). Consequentemente, eles agora precisavam atentar para o que estava sendo dito ***porque*** a conduta deles era tal que ***o SENHOR tem uma queixa***/"acusação" (*r'b* cf. 2.2) contra eles de terem violado os termos do arrendamento. A base da disputa é expressa negativamente no restante do versículo e positivamente em 4.2. O juízo a ser imposto (ou possivelmente a ação que já estava sendo tomada contra eles) é declarada em 4.3.

O senhor havia detectado três graves aberrações no comportamento da comunidade. A vida da nação havia degenerado e se desintegrado e o caráter absoluto das primeiras duas alegações provavelmente indica uma deficiência na conduta deles tanto no que dizia respeito ao SENHOR quanto aos outros membros da comunidade. A tripla repetição enfática do ***não*** (*ʾên* cf. "sem" em 3.4) retrata o quanto a religião deles havia se tornado vazia. Embora o povo ainda se considerasse como sendo fiéis adoradores do SENHOR, a conduta deles era gritantemente diferente da percepção que eles tinham.

Embora a palavra ***fidelidade*** também possa ser traduzida como "verdade" (AV, NKJV, HCSB), ela não deve ser entendida primariamente no sentido de exatidão proposicional, mas de uma veracidade e integridade pessoais.[4] Essa confiabilidade em palavra e conduta é característica daqueles que cuidam para que sua fala transmita a verdade e que cumprem

os compromissos que assumiram. Sem fidelidade na vida pública e privada, os vínculos que unem indivíduos na sociedade são quebrados e uma nação se torna internamente instável e susceptível ao colapso. Um substantivo parecido é usado em 2.20 para descrever a natureza do compromisso do SENHOR com Israel e o que, por implicação, ele espera dela. Porém, isso não aconteceu. Assim, a fidelidade é apresentada aqui com um negativo para sustentar a acusação de infidelidade a Deus e a falta de confiança mútua.

Amor fiel (*ḥesed* cf. 2.19) se refere ao comprometimento mútuo que deveria caracterizar as partes numa aliança – uma disposição interior que deve ser evidenciada por ação exterior apropriada. Fundamentalmente, um amor fiel deveria moldar o relacionamento entre o SENHOR e o seu povo, mas o seu escopo é mais amplo do que isso. O comprometimento de fidelidade mútua dos membros da comunidade da aliança ao SENHOR criava um vínculo espiritual de irmandade entre eles e isso deveria se manifestar numa reciprocidade carinhosa e amorosa. A maneira como o SENHOR havia agido com eles estabeleceu o padrão para a conduta deles. O amor fiel era essencialmente uma reação compassiva que era motivada pela necessidade sentida e que se recusa a ser reduzida a uma rígida e mecânica aderência a um conjunto de normas. Porém, em Israel, as normas da aliança foram completamente desconsideradas e os ditames do amor suprimidos. Eles não tinham um amor fiel pelo SENHOR (cf. 6.6) e isso levou a uma degeneração da conduta deles nos relacionamentos mútuos.

Aprofundando um pouco mais, essa inadequação do comportamento do povo é identificada como tendo a sua raiz na ausência do ***conhecimento de Deus***, que é outro tema significativo em Oseias (veja 2.20; 6.6; 14.9). O fato de ser "Deus" (e não Yahweh, o nome pessoal do SENHOR na aliança) o nome empregado aqui pode muito bem indicar que o povo demonstrava ignorância da verdade fundamental religiosa quanto ao caráter e soberania dele. Além do mais, "conhecer" é usado como parte do vocabulário dos tratados internacionais antigos que são usados na Escritura para ilustrar a aliança de Deus com o seu povo, e nesse contexto "conhecer" aponta para o reconhecimento pessoal dos direitos do Soberano. Quaisquer que sejam as reivindicações de Israel acerca do seu relacionamento com Deus (cf. 8.2), elas não podiam ser sustentadas pela sua conduta, porque o verdadeiro reconhecimento de coração resultaria em padrões de comportamento que são agradáveis a ele. Além disso,

“conhecer” em hebraico também possui o sentido de relacionamento pessoal e íntimo (cf. 2.20). O povo não tinha um apego vívido a Deus, e a situação havia se tornado ainda pior pelo fato de isso é o que prevalecia ***na terra*** que o SENHOR havia dado a eles como herança pela condição deles como seus vassalos pactuais.

> 4.2 Jurando e mentindo e assassinando
> e roubando e cometendo adultério:
> eles irromperam,
> e o derramamento de sangue chegou ao derramamento de sangue.

Não existe isso de vácuo espiritual: se as virtudes estiverem ausentes, então elas serão substituídas por vícios. Oseias lista de modo resumido cinco mandamentos que representam ordens pactuais que estavam sendo ignoradas pela comunidade. Os últimos três termos são precisamente aqueles usados no Decálogo, embora a ordem varie (3, 9, 6, 8, 7 sendo a ordem dos mandamentos em Êx 20 que são citados aqui). De fato, a evidência da quebra dessas ordenanças da aliança aponta para a total rejeição do pacto (cf. Tg 2.10). Os eruditos críticos, evidentemente, prontamente afirmam que essa é a evidência de uma forma antiga do Decálogo que existia nos tempos de Oseias, mas ao longo de sua profecia, Oseias mostra um conhecimento detalhado dos cinco livros de Moisés que mina as reconstruções críticas (cf. 12.3–6). Além do mais, ele toma como certo que os seus contemporâneos também tinham conhecimento do conteúdo desses livros, que poderiam ser invocados como um padrão da verdade. Ademais, com base no conhecimento que seu público tinha do Decálogo, é provável que Oseias tenha trocado a ordem da sequência para refletir o tema a respeito do estado desorganizado da sociedade ao seu redor. A forma de apresentação não é um embelezamento arbitrário do texto, mas foi intencionalmente esquematizado para reforçar a mensagem.

A rejeição das normas da aliança havia levado a uma ampla deterioração da conduta pública. ***Jurando*** se refere particularmente a fazer falsos juramentos (cf. Êx 20.7), associando indignamente o nome do SENHOR aos atos profanos deles (cf. 10.4; Êx 21.17,20; Jz 17.2) e provavelmente também de modo malévolo (isto é, de um modo contrário à aliança) invocando o nome de Yahweh para pedir aos céus que mandasse calamidade uns para os outros. Assim, mesmo quando eles demonstravam

exteriormente agir piedosamente, estavam na verdade aviltando o nome que professavam. ***Mentindo*** é dar falso testemunho para enganar os outros ou defraudar outrem de seus direitos legais (7.3; 9.2; 10.13; 11.12; Êx 20.16). ***Assassinando*** é tirar a vida humana sem consideração pelos processos legais (6.9; Êx 20.13). ***Roubando*** tem a ver com tomar para si o que pertence aos outros (7.1; Êx 20.15). ***Cometendo adultério*** (cf. 3.1; 4.13–14; 7.4) indica violar os vínculos do casamento (Êx 20.14). Nesse contexto, essa não é primariamente uma referência à apostasia espiritual de Israel, mas à decadência da vida matrimonial na comunidade, que não mais reconhecia os padrões do SENHOR como relevantes para a conduta pessoal deles. O modo *staccato* em que essas ofensas são listadas as apresenta vividamente e a sequência desordenada sugere a falta de coerência social que prevalecia. Oseias mostra um espelho aos seus concidadãos e insiste com eles para que reconheçam a desintegração da terra deles, e explica que eles estão num processo de implosão como sociedade por terem deixado de observar, tanto individual como coletivamente, os limites que o SENHOR havia ordenado para uma vida leal e coesa na terra que pertence a ele.

As cinco violações da aliança foram afirmadas abruptamente, ferindo a autoconfiança de Israel. Não é claro como essas transgressões se relacionam com o verbo seguinte, ***eles irromperam***. As ofensas podem formar o sujeito do verbo (cf. GNB, NJPS, NRSV, HCSB) e mostrar que essas violações haviam se disseminado na comunidade. Alternativamente, "eles" pode se referir ao povo como um todo (cf. NASB, NIV, ESV), em cujo caso a acusação é que em toda a sociedade havia uma disseminada quebra de todos os constrangimentos. Mais provavelmente, é uma referência prospectiva ao ***derramamento de sangue*** do último verso, que descreve atos de assassinatos, de modo que os dois versos focalizam num sério aspecto do caos na terra. ***Chegava*** sugere que tão logo um incidente ocorria e já outro o seguia no que parece ser uma sucessão ininterrupta – e isso ainda não acabou. Diferentemente da primeira parte do versículo, onde há uma desconexa séria de ofensas, os últimos dois versos mostram uma conexão, mas uma conexão extremamente ameaçadora.

4.3 Por causa disso a terra chora,
e todos os que habitam nela definham,
com os animais selvagens e com as aves dos céus –
e até mesmo os peixes do mar são retirados.

Embora as formas verbais nesse versículo possam se referir ao presente (p. ex., NIV, ESV) ou ao futuro (p. ex., LXX, AV), ***por causa disso*** (*ʿal-kēn*) geralmente difere de "portanto" (*lākēn* cf. 2.6) no sentido de que aponta para uma situação que já aconteceu, em vez de um estado futuro que é a consequência iminente de uma conduta anterior e, por isso, os verbos são traduzidos como se referissem a uma calamidade que já existia. ***A terra chora*** é um exemplo da personificação que serve para ressaltar a intensidade e a totalidade da situação difícil que está sendo descrita. Observe que ***todos os que habitam nela*** ecoa "aqueles que habitam na terra" (4.1) e agrupa esses versículos como uma seção distinta. ***Definham*** ou "murcham" também sugere uma seca. Os verbos "chorar" e "definhar" frequentemente ocorrem juntos (cf. Is 24.4; Jr 14.2; Lm 2.8) e refletem a interconexão entre a humanidade e seu ambiente. Não são apenas as pessoas que estão pesarosas, mas todo o reino da natureza foi engolfado por essa catástrofe.

Num nível, uma seca severa havia drenado a vitalidade do povo (cf. Jl 1.10–12,17), mas isso não deve ser considerado como meramente um desastre natural. Ela havia sido imposta pelo SENHOR por causa do seu descontentamento com a conduta desviada do povo e como um meio de discipliná-los e restaurá-los (para a seca como uma das maldições da aliança, cf. Lv 26.19; Dt 28.22–24). ***São retirados*** aponta para morte. "Mar" em hebraico pode ser usado para se referir às grandes porções de água na terra, que surpreendentemente (observe ***e mesmo***) serão também adversamente afetadas. No entanto, ***os peixes do mar*** pode ser parte de uma expressão hiperbólica indicando uma reversão da criação (DeRoche 1981), um juízo maior do que o dilúvio noáico. De fato, a descrição reflete negativamente a imagem de uma renovação da aliança apresentada em 2.20, pois as mesmas esferas que foram abençoadas são aqui surpreendidas pelas consequências do abandono por parte dos seres humanos da ordem divina.

Toda essa descrição está baseada na interrelação de cada aspecto da existência do mundo. A humanidade foi originalmente designada como governante da criação de Deus e a sua queda impactou todo o reino confiado a ela (cf. Gn 3.17–18), exatamente como o erro de um monarca traz sérias implicações para o bem-estar de todos os seus súditos. De modo semelhante, Israel, como o povo redimido de Deus, foi encarregado de um papel especial como mordomo da terra da promessa, o que aponta para o

que foi perdido no Éden e prefigura o que seria retomado desse momento em diante. Se eles deixassem de orientar as suas vidas de acordo com as normas de Deus, o impacto dessa rebelião se estenderia sobre tudo o que Deus havia colocado sob eles.

REFLEXÃO

- Hoje, o público é mais preocupado com a qualidade da apresentação que um palestrante faz a ele do que com a qualidade da sua resposta pessoal a essa apresentação. Porém, o convite profético para ouvir (4.1) está focado na necessidade dos ouvintes de responderem adequadamente por causa da origem da mensagem apresentada a eles. "Cuidado, então, com o modo como vocês ouvem" (Lc 8.18). Ignorar uma advertência enviada por Deus é atrair desastre para si mesmo.
- O relacionamento pactual tem implicações que deveriam estruturar cada aspecto da vida pessoal. Aqueles que são filhos da luz são instados a considerar valioso o que agrada ao SENHOR (Ef 5.10). A verdadeira sabedoria aceita os padrões dele, e o amor genuíno se deleita em agir imitando-o (Ef 5.1–2).
- Quando uma nação é destituída de padrões morais baseados na lei moral de Deus, ela não tem mais um conjunto de normas para orientar a sua conduta e por isso entra num mundo de confusão ética e desintegração social. Normas de conduta que se baseiam somente na opinião da maioria são essencialmente transigentes e não têm uma base sólida; são o produto da sabedoria e dos preconceitos da percepção humana imperfeita. O relativismo ético esposado hoje na civilização ocidental tem sobrevivido por algum tempo porque é herdeiro de um passado cristão, exatamente como a vida no reino do norte foi por algum tempo parcialmente iluminada pelos padrões da aliança. Mas o capital de um legado espiritual desse tipo é logo exaurido se não houver uma ressurgência do reconhecimento pessoal de Deus e de um coração comprometido com ele.
- Uma vez que a criação de Deus é uma única realidade interconectada (cf. 4.3), as preocupações com o meio ambiente tem um lugar legítimo e necessário na cosmovisão cristã. Isso não é baseado numa percepção panteísta que deifica a terra, nem surge de uma preocupação com a sobrevivência da raça. O ambientalismo cristão

está baseado no mandato da criação para dominar e sujeitar os recursos da terra para o bem da humanidade e para a glória do Criador (cf. Gn 1.28). A humanidade, como o regente designado por Deus no seu reino (cf. Sl 8.5–8), responderá a ele pelo modo com que ela cumpre a sua responsabilidade. É esse reconhecimento da soberania de Deus que foi perdido na rebelião pecaminosa da humanidade. É apenas por meio da total realização do programa redentor de Deus que o reino da criação será liberto das tendências opressivas e exploradoras da humanidade caída (cf. Rm 8.18–22).

(2) Uma comunidade sem o verdadeiro conhecimento (4.4–6)

A análise retórica de DeRoche (1983:187) forneceu uma boa base para delimitar 4.4–6 como uma unidade dentro desse capítulo ao identificar a repetição de cinco palavras-chave em cada par de versos: "contender" (4.4), "tropeçar" (4.5a), "destruir" (4.5c), "rejeitar" (4.6b,c) e "esquecer" (4.6d,e). Essa característica literária estabelece a adequabilidade de esses versos serem considerados juntos, mas, em si, ela não esclarece qual é o tema deles.

Muitos comentaristas e traduções modernas (cf. REB, NRSV, ESV, HCBS) veem esses versículos como uma condenação do sacerdócio no reino do norte, porque o ensino e a liderança inadequados deles haviam levado a uma deficiência sistêmica da parte do povo, que havia consequentemente sido privado do verdadeiro conhecimento. Embora esteja claro que a profecia, que em 4.1–3 é claramente sobre Israel como um todo, passa em certo ponto a focalizar os sacerdotes, e a identificação dessa mudança como ocorrendo em 4.7 (em vez de em 4.4) evita a necessidade de corrigir os versículos anteriores no interesse da clareza. Assim, aqui Deus continua a falar com seu povo transviado. Ele reprova o espírito contencioso dele (4.4) e adverte quanto ao desastre iminente (4.5). A causa-raiz da sua queda é a sua rejeição do verdadeiro conhecimento, que consiste numa contínua lealdade a Deus como evidenciada no fiel cumprimento dos seus mandamentos (4.6).

4.4 Porém, que nenhum homem contenda, e que nenhum homem reprove,
mas o seu povo é como aqueles que contendem com um sacerdote.

As traduções desse versículo diferem por causa da variedade dos modos em que o tema geral é compreendido. “Porém, a humanidade não deve acusar, nem cabe a ela provar uma causa” (REB) é uma tradução que adota a posição de Pusey de que Deus tem uma disputa com o seu povo, que ele tomou em suas próprias mãos e que é inadequado que qualquer outro interfira (Pusey 1885:1:47). Alternativamente, o que é ressaltado pode ser o quanto é inadequado haver mútua reprovação uma vez que todos são culpados (cf. NLT), ou ainda, quão inútil seria qualquer esforço para reprovar uma sociedade que é tão moralmente corrupta (Keil 1977:51–52). Mais provavelmente, contudo, a queixa divina contra a nação, que havia ultrapassado todos os limites pela sua impiedade (4.2), é ampliada para incluir o espírito descontente e rebelde daqueles que estavam sempre brigando e se envolvendo em disputas entre famílias.

Porém (*ʾak*) pode em alguns casos funcionar de modo afirmativo (“certamente”), mas aqui ele parece ser restritivo. Apesar das condições que prevaleciam, seria impróprio uma pessoa ***contender***/“apresentar uma queixa”, ou seja, notificar o seu próximo de uma queixa que ele tenha contra a sua conduta (cf. 4.1) ou ***reprovar***, isto é, confrontar outro acerca dos seus erros com vistas a corrigi-lo, embora essa atitude estivesse de acordo com as estipulações da aliança, “Vocês repreenderão o seu vizinho” (Lv 19.17). Contudo, o contexto mudou. A possibilidade de reprimenda na aliança assume que ambas as partes aceitam as normas do SENHOR como base para o seu modo de viver. Porém, numa sociedade desordenada que não reconhece limites para a sua conduta, essa repreensão não gera arrependimento, mas mais antagonismo que não traz benefício algum. Amós já havia transmitido um conselho semelhante: “Portanto, nesses dias, quem for prudente ficará em silêncio, pois esse é um tempo mau” (Am 5.13).

Isso leva à afirmação do segundo verso que amplia a razão pela qual essa ação deveria ser evitada, ***mas o seu povo é como aqueles que contendem com um sacerdote*** (cf. NIV, NASB, NKJV). “Seu povo”, em vez de “meu povo”, serve para distanciar o SENHOR da sociedade israelita que se recusa a se submeter a qualquer autoridade religiosa ou moral superior. Isso reflete na estipulação de Deuteronômio 17.12: “[Quanto] ao homem, que age com insolência de modo a não dar ouvidos ao sacerdote, que está ali para servir o SENHOR, seu Deus, ou ao juiz, esse homem morrerá e, desse modo, vocês purgarão o mal de Israel”. A anárquica arrogância do

povo os expunha à morte pela sua rejeição da verdadeira autoridade, tão certamente quanto uma pessoa que se recusava a aceitar o veredito dos tribunais da terra era condenado à morte. Contudo, a disputa deles não era com qualquer tribunal humano, mas com o próprio SENHOR e ele agiria decisivamente na situação.

Uma dificuldade que surge em conexão com essa interpretação é certificar-se quanto a quem o pronome "seu" (singular) se aplica. Conquanto seja possível entendê-lo como referindo-se coletivamente aos israelitas, muitos acham isso estranho. Eles também consideram que a expressão como um todo é obscura, e por isso oferecem traduções como "Com você é a minha contenda, ó sacerdote" que coloca o foco da seção nos sacerdotes coletivamente, ou possivelmente num sumo sacerdote específico do norte. Não há evidência textual para apoiar as mudanças requeridas por essa abordagem, e é difícil estabelecer uma ligação entre os dois versos do versículo sem mudanças adicionais (DeRoche 1983:188).

4.5a,b E você tropeçará de dia
e um profeta também tropeçará com você de noite.

Como o povo havia rejeitado as advertências do SENHOR, eles não deveriam esperar nada além de juízo sobre si. ***Tropeçarão*** não indica uma mera perda de equilíbrio, mas um grande desastre, potencialmente fatal, que acontece com aqueles que abandonam os caminhos de Deus (cf. 5.5; 14.1,9). Há três estágios num tropeço: colisão com um objeto quando a pessoa está se movimentando; desequilíbrio e sensação de insegurança como resultado; e possivelmente cair prostrado no chão ("tropeça e cai"; p. ex., Jr 46.6). O tropeço é um precursor da destruição total (cf. Sl 27.2; Jr 50.32), e aqui ele não somente afirma que o povo como um todo ("você" continua a ser singular) agirá pecaminosamente, mas que a sua conduta maligna trará inevitavelmente o castigo divino. ***De dia*** e ***de noite*** constitui uma expressão distribuída que indica que o desastre será ininterrupto, ocorrendo tanto na escuridão, quando o tropeço pode ser esperado, como também durante o dia, em vez de sugerir que alguns sofrerão durante o dia e outros sofrerão à noite.

A menção de ***um profeta*** aqui tem causado dificuldade. A referência é a figuras proféticas que não são verdadeiros porta-vozes do SENHOR (cf. 9.7), mas profetas "que ensinam mentiras" (Is 9.15). O culto a Baal também tinha os seus profetas, que alegavam falar em nome de deus (cf.

"450 profetas de Baal e quatrocentos profetas de Aserá", 1Rs 18.19), e por isso a adoração comprometida do norte estava associada àqueles que falsamente reivindicavam falar em nome do SENHOR (cf. 1Rs 22.6,11). A descrição que Miqueias faz da conduta de um grupo semelhante em Jerusalém (Mq 3.5–7,11) fornece um pano de fundo para se pressupor que esses profetas do norte também eram cuidadosos em manter *status quo* e proclamar oráculos que o povo queria ouvir. O conselho deles era completamente destituído de qualquer introvisão a respeito da situação espiritual da nação e, por isso, eles não forneciam qualquer orientação genuína sobre como o povo deveria se comportar ou o que os aguardava no futuro. Oseias procura deixar claro que nem os profetas nem o povo deveriam pensar que aqueles que assumiram por si mesmos a função de aconselhar a nação seriam poupados do desastre que viria.

4.5 E eu destruirei a sua mãe –
4.6 meu povo foi destruído pela falta de conhecimento.

A ameaça é claramente pronunciada pelo SENHOR e não por Oseias. Mas quem é ***sua mãe***? Conquanto alguns daqueles que interpretam essas palavras como tendo sido ditas para um sacerdote principal argumentem que a referência é à mãe dele, isso parece muito forçado. Esse argumento está totalmente distante da natureza geral das acusações que o profeta está apresentando. Oseias já havia usado a terminologia de "mãe" (2.2,5) para se referir à nação como um todo, e essa interpretação é reforçada aqui pelo fala divina acerca do "meu povo" (cf. 4,8,12) na coluna paralela.

Meu povo (*ʿamm'*) repercute o nome do filho de Oseias e o seu emprego contrasta com o uso dissociativo de "seu povo" em 4.4. ***O conhecimento*** que eles não têm é o conhecimento que já foi apontado como estando ausente em 4.1. Esse é claramente o verdadeiro conhecimento de Deus, baseado no reconhecimento pessoal dele e que leva a agir de conformidade com a sua vontade revelada.

Eu destruirei é uma ameaça a respeito do que Deus irá fazer, e o verbo aponta para um fim de um modo que é quase sempre violento. No entanto, ***foi destruído*** transmite um sentido um tanto diferente: a falta de integridade espiritual e de fidelidade deles corroeu a coesividade da sociedade israelita que já havia se voltado para ela mesma de uma maneira autodestrutiva.

4.6b–e Já que você mesmo rejeitou o conhecimento,

eu o rejeito como um sacerdote para mim.
e [uma vez que] você se esqueceu da lei do seu Deus,
eu me esquecerei dos seus filhos – eu, por minha vez.

Embora a repetição de "conhecimento" ligue os primeiros dois versos de 4.6, o padrão principal dos últimos dois pares é fornecido pela repetição de "rejeitar" e "esquecer". Nesses dois pares, o verso inicial continua a ser uma afirmação da ofensa do povo, e é seguida no segundo verso pela punição correspondente. O verbo repetido ressalta o modo em que a punição é adequada à transgressão. ***Você mesmo*** (que é o "meu povo" do verso anterior) claramente aponta para a atitude pessoal como a causa da quebra do relacionamento. ***Rejeito*** é um termo forte que indica se afastar de algo ou alguém com desprezo e repugnância. O ***conhecimento*** claramente se refere ao "conhecimento do Senhor" (4.1), do seu caráter e dos seus mandamentos, como mediados principalmente pela autorrevelação de Deus a Moisés. Assim, essa falta de conhecimento não era culpa de Deus, mas deles. Eles haviam negligenciado e desprezado a revelação dada a eles e não desistiriam dos pecados introduzidos por Jeroboão I. Isso levou a mais do que decadência interna (4.6a): ocasionou a retirada do privilégio divino. ***Eu o rejeito como um sacerdote para mim***. Havia sido a essência do *status* pactual de Israel que eles eram "um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êx 19.6; Is 61.6), mas quando seus sacerdotes negligenciam fazer o que Deus exige, ele revoga esse *status*. Esse princípio havia sido adotado antes quando Deus revogou o seu reconhecimento de Saul como rei (cf. 1Sm 15.26).

A imagem da rejeição mútua é reforçada por outra de mútuo esquecimento. Israel se ***esqueceu da lei do seu Deus***, isto é, do ensino que havia sido dado a eles quanto à conduta que ele aprovava. À luz da citação que Oseias faz do decálogo em 4.2, isso é coerente com uma referência ao Pentateuco. (Para ***esquecer***, veja sobre 2.13.) O último e enfático ***Eu, por minha vez*** (cf. 2.8) equilibra o "você mesmo" do par anterior e enfatiza a dimensão pessoal da interação. Aqueles que desconsideraram os requerimentos do seu Soberano não estão apenas rejeitando uma série de normas, mas estão rejeitando o Rei, cuja vontade essas leis expressam. Eles haviam quebrado o seu relacionamento com o SENHOR e não mais desfrutariam do seu favor. O esquecimento por parte de Deus dos seus ***filhos***/"crianças" (cf. 1.10) aponta para a retirada da proteção e das bênçãos de Deus e assim para todas as consequências que decorrem disso.

Por isso, as ações deles trariam repercussões para o bem-estar das gerações subsequentes às quais eles transmitiram um legado de rebelião e alienação (cf. Êx 20.5).

REFLEXÃO

- Contender com um sacerdote (4.4) é sintomático da rejeição de toda autoridade. A humanidade caída recusa-se a reconhecer suas restrições externas, sejam diretamente impostas por Deus ou mediadas a ele pela estrutura da família (cf. Êx 20.12) ou do governo civil (cf. Rm 13.1–6). Toda essa conduta rebelde é produzida pela mesma rebelião interior. "Não insultarás a Deus, nem amaldiçoarás um governante do povo" (Êx 22.28). Aqueles que desprezam a autoridade agem de uma maneira ousada e obstinada que mina a conduta justa (cf. 2Pe 2.10) e que afirma a prevalência última da escolha pessoal e dos desejos corruptos da nossa natureza pecaminosa. Deus conclama o seu povo a se separar desses padrões comportamentais errados. Quando Cristo é reconhecido como o "o cabeça sobre todo poder e autoridade" (Cl 2.10), então deve haver um respeitoso reconhecimento de toda autoridade que procede dele e exercida de acordo com os seus mandamentos, tanto na esfera civil (cf. Tt 3.1) quanto na vida da igreja (Hb 13.7,17).
- Rejeitar "o conhecimento" (4.6) não é uma questão de familiaridade com os fatos ou com a doutrina. O conhecimento da verdade é essencialmente uma questão de encontro pessoal com Deus e submissão a ele. Aqueles que odeiam o conhecimento são aqueles que escolhem não temer o SENHOR (cf. Pv 1.29; 2.5–8). O verdadeiro conhecimento é aquele que é concedido pela iluminação divina "a luz do conhecimento de Deus diante da face de Jesus Cristo" (2Co 4.6). É algo dinâmico com o qual o crente pode ser "cheio" (Cl 1.9) e no qual ele deve "crescer" (Cl 1.10), "ser renovado" (Cl 3.10), e ter "plena certeza de entendimento" (Cl 2.2). Essa profunda compreensão e percepção leva ao "conhecimento da verdade que está de acordo com a piedade" (Tt 1.1) e fornece uma defesa contra o empobrecimento e a ruína vivenciadas por aqueles que pensam que podem viver à parte do conhecimento que somente Deus pode dar.

- O esquecimento da lei de Deus (4.6) prepara o palco para todo tipo de iniquidade. Quando uma pessoa ou uma comunidade não mais reconhece os limites divinamente estabelecidos para o seu comportamento, o pecado prolifera. “Todo aquele que pratica o pecado, também pratica a ilegalidade: pecado é ilegalidade” (1Jo 3.4). Além do mais, essa não é uma situação estática, pois aqueles que se apresentam como escravos do pecado são igualmente escravizados à “ilegalidade que leva à ilegalidade” (Rm 6.19, ESV). O não reconhecimento das normas é uma condição agressiva que não termina até que chegue à sua conclusão fatal (cf. Tg 1.14–15). Além disso, Cristo imaginou um futuro em que essa conduta terá repercussão sobre outros: “Porque a ilegalidade aumentará, o amor de muitos esfriará” (Mt 24.12). A única solução é permanecer firme na afirmação e prática do padrão de conduta humana divinamente revelado. Essa retidão leva à santidade que está associada com o dom gratuito de Deus que é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor (Rm 6.23).

(3) Uma comunidade sem satisfação (4.7–10)

A estrutura e o tema dessa seção não estão imediatamente óbvios, pois as referências pronominais no singular (4.9) e no plural (4.7,8,10) não são claramente identificáveis. Novamente, DeRoche (1983:193–198) propôs uma análise literária para ajudar a esclarecer a situação ao identificar uma estrutura quiástica centrada em 4.9. Embora essa não seja tão convincente quanto a sua abordagem da seção anterior, ela pode ser adotada com algumas modificações. O quiasmo consistiria de (a) 4.7 que equilibra (a’) 4.10c e se refere a toda a comunidade; enquanto (b) 4.8 e (b’) 4.10a,b focalizaria nos sacerdotes com o verbo “comer”, formando uma ligação entre esses dois pares. O centro do quiasmo (c) 4.9, então, conteria a mensagem da seção, a de que não haveria diferença entre o modo como o SENHOR lida com os sacerdotes e o modo como ele lida com a comunidade como um todo.

> 4.7 Quanto mais eles aumentaram, mais eles pecaram contra mim;
> a glória deles eu transformarei em vergonha.

Sob a hipótese de que o versículo anterior descreve os sacerdotes, ***eles*** é a continuação do mesmo tema. Contudo, o antecedente natural de “eles”

é “seus filhos” no fim de 4.6. Essa não é uma referência aos descendentes dos sacerdotes, mas aos filhos de toda a nação. Essa identificação de “eles” está de acordo com a análise quiástica mencionada anteriormente, ou seja, que esse versículo tem em vista todo o povo de Israel e assim corresponde à conclusão de 4.10.

Quanto mais eles aumentaram (literalmente “conforme tornaram-se muitos/grandes”, uma forma-padrão de apresentar uma comparação) indica principalmente o aumento em número, mas no mundo antigo, se as condições naturais fossem favoráveis, o crescimento populacional também implicava expansão nacional, econômica e territorial. Para a raiz de “ser muito” veja sobre 10.1. Israel havia desfrutado do crescimento numérico, prosperidade e prestígio nacional durante o reinado de Jeroboão II. No entanto, essa bênção pactual não havia sido devidamente apreciada, e em vez de levá-los a uma grata obediência, ela levou a um aumento da conduta rebelde do povo que ***pecaram contra mim*** ao atribuir essa abundância aos deuses cananeus que eles veneravam e não ao SENHOR (cf. 2.5,12).

O SENHOR, portanto, agirá com juízo. ***Eu transformarei*** aponta para uma reversão divinamente imposta das circunstâncias deles. ***A glória deles*** é improvável que seja uma referência ao próprio SENHOR, e é, antes disso, uma referência sarcástica ao motivo do orgulho deles, seu aumento numérico (cf. 9.11), junto com tudo o que isso representava. O SENHOR mostrará quem realmente está no controle dos acontecimentos quando acabar com a expansão e a riqueza deles (cf. 2.9–12), e substituí-las por ***vergonha***. “Vergonha” não reflete primariamente uma resposta emocional subjetiva de sentir-se envergonhado, mas a imposição de um castigo que é vergonhoso. A reviravolta nas circunstâncias nacionais e finalmente a sua derrota, matança e captura que eles vivenciarão significa que eles não conseguiriam mais aumentar em número (cf. 9.11–14,16). Além disso, essa mudança divinamente causada revelaria a impotência dos deuses cananeus em quem eles confiavam como a fonte do seu crescimento e prosperidade.

4.8 O pecado do meu povo eles comem,
e para a iniquidade deles, eles [cada um] elevam sua alma.

Esse versículo constitui a seção (b) do poema quiástico (veja os comentários introdutórios acima), que lida com a conduta corrupta dos sacerdotes. Podemos obter um vislumbre da motivação do sacerdócio no

reino do norte nesse tempo pela interação entre o profeta Amós e Amazias, o sacerdote de Betel, que ocorreu logo depois do tempo do ministério de Oseias (Am 7.10–17). Amazias servia no altar erigido e mantido pelos reis de Israel e nos parece ser uma figura do governo oficial que estava mais comprometida com a preservação do *status quo* e da sua própria carreira. Ele não tinha qualquer preocupação pela verdade, mas apenas com uma vida tranquila e via Amós como alguém movido por motivos mercenários, tanto quanto ele mesmo era. Depois de ele informar o rei Jeroboão sobre Amós, ele advertiu o profeta a fugir para Judá, não pelo desejo de salvar a vida dele, mas como uma solução politicamente conveniente para um problema incômodo. A sua oposição a Amós levou à promulgação de oráculo de juízo severo contra ele e sua família. Amazias fornece discernimento sobre a qualidade do sacerdócio nos tempos de Oseias.

O pano de fundo dessa acusação deve ser encontrado no fato de que os sacerdotes tinham permissão divina para ***comer*** porções de muitos sacrifícios (cf. Lv 24.9). O ***pecado*** do povo é provavelmente uma referência às suas "ofertas pelo pecado", uma vez que a mesma palavra descreve tanto ofensa quanto o sacrifício oferecido para expiá-la. Além do mais, embora ***a iniquidade***/"culpa" ***deles*** (cf. 7.1) não seja usada em outros lugares para se referir a ofertas pela culpa, esse pode ser o caso aqui. Pecado e iniquidade são igualmente mencionados juntos por Oseias em 8.13; 9.9; 13.12. Essas ofertas deveriam ser feitas quando Israel se reunisse para adoração. Consequentemente, se o sacerdote não tivesse uma motivação espiritual, eles poderiam facilmente desenvolver um interesse em manter um grande número de sacrifícios. Mais provavelmente, isso era uma consequência da religiosidade de Israel que continuava sacrificando sem uma lealdade interior ao SENHOR (cf. 6.6), em vez de fazê-lo pela convicção do seu pecado e o desejo de ser perdoado. Mesmo assim, o que importava para os sacerdotes era o número de ofertas (e, portanto, o tamanho de sua própria renda) e esse interesse distorcido significava que eles não diriam ou não fariam nada para corrigir a situação moral na terra.

Eles [Cada um] elevam a sua alma, portanto, os retrata como colocando o seu desejo em algo (cf. Dt 24.15; Pv 19.18; Sl 86.4). O uso do singular "dele" junto com o verbo no plural "eles elevam" é uma expressão idiomática de força distributiva, o que é indicado pelo acréscimo de "cada um". Motivados por considerações materialistas e mercenárias, os sacerdotes não eram motivados a repreender o pecado. Um sacerdócio

decadente foi condenado pela sua preocupação com o ganho pessoal e não pela reforma espiritual daqueles cujo bem-estar eles supostamente deveriam promover. Numa situação como essa, de corrupção da liderança religiosa, é possível detectar certo grau de abrandamento da culpa da comunidade pelo uso que o SENHOR faz de ***meu povo*** (cf. 4.6). A despeito de tudo o que estava errado na conduta do povo, eles haviam sido privados da instrução e advertência que deveriam ter recebido.

4.9 E será: tal povo, tal sacerdote.
Eu farei com que ele responda pelos seus caminhos,
e eu retribuirei a ele pelos seus feitos.

Esse versículo contém um tríade que forma o centro do quiasmo (c). Ele começa com um adágio, ***tal povo, tal sacerdote***, que aponta para a relação mútua entre os dois grupos, nenhum dos quais estava sem culpa na infidelidade religiosa que prevalecia na terra. Se os sacerdotes se comportavam com ganância inescrupulosa (4.8), como se poderia esperar que o povo a quem eles deveriam fornecer orientação religiosa fosse se comportar de maneira diferente? Além do mais, um povo espiritualmente degradado tem a liderança que merece: não uma liderança que desafie os seus erros, mas uma que é cúmplice neles.

A mudança para o singular no segundo e no terceiro versos do versículo pode ser apenas um recurso estilístico para acentuar a porção central do quiasmo, o que nesse caso indica que os pronomes singulares oblíquos e o possessivo nesses versos têm, de igual modo, o mesmo sujeito dos plurais que ocorrem antes e depois. Contudo, essa mudança provavelmente também serve para modificar o foco temático, deixando claro que ninguém, seja leigo ou sacerdote, será poupado do escrutínio divino. Os ***caminhos*** que cada um deles pessoalmente escolheu serão examinados pelo padrão que o SENHOR estabeleceu, e do mesmo modo os ***feitos***, especialmente aqueles que eram contrários ao que o Rei da aliança havia estabelecido, seriam inspecionados. Quando o Senhor afirma que ***eu farei com que ele responda*** pelo seu comportamento, não há dúvida de que seu escrutínio resultará em punição (cf. 1.4; 2.13). Isso será feito de acordo com a estrita justiça, de modo que ***retribuirei*** indica aplicar sobre eles as consequências das suas próprias ações (cf. 2.12, 14).

4.10 Eles comerão, mas não ficarão satisfeitos;
eles incentivaram a prostituição, mas eles não se manifestarão,

pois [é] o SENHOR que eles abandonaram deixando de ter
consideração por ele.

A troca para um sujeito plural no início do versículo indica outra mudança no foco. Em termos da estrutura quiástica da seção (b'), aqueles em vista aqui são novamente os sacerdotes, como em 4.8, e isso nesse contexto é adicionalmente indicado pela repetição de "comer". ***Eles comerão*** leva à aplicação da maldição da aliança da frustração sendo imposta aos sacerdotes: ***mas não ficarão satisfeitos*** (cf. Lv 26.26). Comer e sentir-se satisfeito com o fruto da terra era um dos sinais da bênção da aliança (cf. Dt 8.10,12; 11.15), mas isso só aconteceria se houvesse verdadeira fidelidade ao SENHOR. ***Eles incentivaram a prostituição*** (seja literal, espiritual ou ambas) pode ter levado à expectativa de que eles cresceriam numericamente, mas, com uma irônica reflexão sobre 4.2, é declarado que ***eles não se manifestarão***, isto é, não haverá aumento numérico que tornasse necessária a expansão das suas vilas e cidades para acomodar seus descendentes.

O verso final desse versículo completa a estrutura quiástica que foi proposta (a') ao mudar o foco para o comportamento do povo (veja a introdução a esta seção). ***Eles abandonaram*** indica um ato de afastamento do SENHOR e uma renúncia à aliança. Essa apostasia trouxe tormentos para Israel ao longo de toda a sua história (Dt 29.25; Jz 2.12; Jr 22.9; 1Sm 8.8; 1Rs 11.33). Esse é o único uso do verbo por Oseias, presumivelmente porque ele tem um sentido muito próximo do seu modo usual de expressão "cometer prostituição". Aqui, no entanto, ele pode ter usado essa variação porque ela traz em si a conotação da maneira em que o SENHOR reagiria: "Vocês me abandonaram; por isso, eu agora os abandono" (2Cr 12.5; cf. Dt 31.16–17).

O final desse versículo é uma fonte de permanente perplexidade textual. Literalmente ele diz, "pois o SENHOR eles têm abandonado manter". Seria natural esperar um objeto depois do infinitivo final e isso é normalmente feito transferindo a primeira palavra do versículo seguinte para o sentido de "manter prostituição" (cf. RSV). Essa expressão, porém, é tão estranha e incomum em hebraico quando o é na nossa língua e, além disso, "prostituição" se encaixa melhor com o tema de 4.12–14 do que com os versículos antecedentes. Outra abordagem é ler os dois versículos juntos e/ou transferir "manter" para o versículo seguinte (cf. NIV, ESV). Pode ser que "manter" seja usado absolutamente (Oseias o emprega nesse sentido

em 12.13), ou, mais provavelmente, que ele seja usado com o sentido de ***ter consideração*** (cf. "aqueles que têm consideração pelos ídolos inúteis"; Sl 31.6). O sentido de "devotar-se a" nesse verbo pode ser uma característica do vocabulário nortista de Oseias. Assim, os problemas que assediavam o reino têm isto na sua raiz: a apostasia do povo que não mais tinha qualquer consideração genuína pelo SENHOR e pelos seus caminhos.

REFLEXÃO

- O aumento numérico e em riqueza raramente leva a um crescimento da espiritualidade. Em vez disso, a prosperidade material cega as pessoas e as comunidades quanto à verdadeira condição espiritual delas. Eles são levados a concluir a respeito a si mesmos como faziam crentes da igreja de Laodiceia, "sou rico, adquiri riquezas, e não preciso de mais nada" (Ap 3.17) ou como o rico tolo que disse para si mesmo "alma, você tem muitos bens estocados por muitos anos: relaxe, coma, beba e seja feliz" (Lc 12.19). Essa autoavaliação superficial será revelada como "inútil no dia da ira, mas a justiça livra da morte" (Pv 11.4).
- Os líderes religiosos devem sempre se lembrar que eles não respondem, primariamente, ao seu rebanho, mas ao supremo Pastor. É com a avaliação que ele faz da conduta deles que eles devem se preocupar, e é pela recompensa da imarcescível coroa de glória que ele confere que eles devem ter consideração (cf. 1Pe 5.4). Objetivando serem aprovados por ele, eles não devem ser movidos pelo ganho vergonhoso, nem pela dominação, mas, antes, por terem uma conduta exemplar (1Pe 5.2–3). Eles devem sempre estar atentos para o que o Senhor Jesus disse: "É maior bênção dar do que receber" (At 20.35) e assim eles devem imitar a autonegação vista no próprio Salvador (cf. Fl 2.5–11).

(4) Adoração vil (4.11–14)

Essa seção contém uma série de acusações sobre a natureza vil da adoração israelita: adivinhação (4.12a), culto idólatra (4.12b–13), promiscuidade sexual (4.14). Não há pronunciamentos explícitos de juízo. Toda a seção é emoldurada por ditos proverbiais no início (4.11) e no fim (4.14a), que apontam para o comportamento insensato daqueles que agem

dessa maneira. De fato, é possível que esses dois versos formassem originalmente um único ditado. O oráculo central (4.12–14b) deve ser considerado como uma fala divina.

4.11 Prostituição e vinho e vinho novo *tira* o coração.

O dito proverbial lista três itens que são considerados um único (e por isso há um verbo no singular). Na forma original do provérbio, ***prostituição*** provavelmente indicava prostituição física, mas considerando a descrição profética que segue o provérbio, essa expressão é usada nesse caso com sentido de infidelidade espiritual. De fato, McComiskey (1992:66) argumenta que a forma *z^{e}nût* é sempre usada com sentido metafórico de infidelidade a Deus tanto na esfera nacional (Ez 23.27) quando na esfera religiosa (Nm 14.33; Jr 3.2,9). ***Vinho novo*** já foi mencionado por Oseias como parte da provisão do SENHOR ao seu povo, provisão esta que eles incorretamente atribuíam a Baal (2.8,9,22). É provável que esse vinho fosse consumido como parte das festas da colheita em que Baal era honrado. Vinho novo geralmente se refere a vinho recém-fabricado ou até mesmo ao suco de uvas recém-prensadas (cf. Pv 3.10; Is 65.8) enquanto o ***vinho*** passava por um longo período de fermentação. Juntos, esse potente coquetel de indulgência sexual e álcool ***tira o coração***, em que "o coração" refere-se à capacidade individual de reagir de maneira emocionalmente sensível (cf. 7.11; 10.2). Em nível físico, eles eram destituídos de entendimento e juízo são, mas a participação no culto a Baal retirava deles mais que isso, pois eles perdiam a habilidade de ver claramente a realidade do SENHOR, a provisão em favor deles e as exigências que ele faz a eles. Quando as pessoas têm suas faculdades cauterizadas desse modo, elas se tornam abertas a todo de tipo de outros comportamentos degradantes.

4.12 Meu povo pede [conselho] à sua árvore,
e sua vara os informa,
pois um espírito de prostituições [os] fez vaguear,
e eles cometeram prostituição longe do seu Deus.

O ***meu povo*** inicial (cf. 4.6) ressalta a incongruência do povo do SENHOR, que deveria dar o exemplo, estando com tão pouco discernimento que pedia [***conselho***] à ***sua*** árvore. Há provavelmente um jogo de palavras implícito aqui entre "conselho" (*ʿēṣâ*) e a palavra de som semelhante

"árvore" (*ʿēṣ*), à qual os israelitas erroneamente recorriam para buscar orientação. "Árvore" deve se referir a alguma árvore sacra semelhante aos pilares de madeira que eram erigidos para representar a deusa Aserá em lugares sagrados de Canaã (cf. "pedra e madeira/árvore"; Jr 3.9), ou ela pode ser uma referência irônica mais geral a um ídolo feito de madeira (cf. NIV). ***Sua vara*** indica um pequeno pedaço de madeira semelhante a um cajado. Ele era girado e jogado no chão para que a direção em que parasse fosse entendida como um sinal divino para ***os informar*** sobre como deveriam proceder (cf. Ez 21.21). A confiança nessas técnicas de adivinhação mostrava o quando o povo de Deus havia esquecido que somente ele conhece o futuro e que eles deveriam consultar somente a ele para orientação (cf. Dt 18.1–14). Na sua insensatez, eles haviam tomado uma vara em que eles fisicamente se apoiavam para caminhar como um guia espiritual – e essa não é uma receita para uma conduta espiritualmente equilibrada.

Pois introduz a razão para esse comportamento grosseiro e per-verso; a lealdade do povo não era mais ao SENHOR. ***Longe do seu Deus***, literalmente "de sob o seu Deus" (cf. "povos subjugados sob mim"; Sl 18.47; compare também com 1.2), aponta para o fato de que eles repudiaram a autoridade dele sobre eles e em vez disso foram induzidos a ***vaguear***. Esse não é tanto um vagabundear fútil e sem direção, mas uma ação deliberada ofensiva daqueles que rejeitaram o único verdadeiro foco da vida e por isso haviam perdido a direção espiritual (cf. Pv 7.25). A desorientação deles havia sido ocasionada por ***um espírito de prostituições*** (cf. 1.2), que os mantinha presos. Essa é a descrição de uma disposição interior que os leva a identificar outros deuses e modos de vida como atrativos e os dispõem a seguir os deuses das nações, em vez de permanecerem fiéis ao SENHOR. A inclinação do coração deles é logo traduzida numa rebelião externa. ***Eles cometeram prostituiç***ão ao participar do culto de Baal e violando a integridade do seu voto de fidelidade somente ao SENHOR.

4.13 No topo das montanhas eles sacrificam,
e nas colinas eles queimam incenso –
debaixo de um carvalho, de um álamo, ou de um terebinto,
pois a sua sombra é agradável.
Por causa disso, as suas filhas cometerão prostituição,
e as suas noras cometerão adultério.

O culto a Baal era celebrado em lugares elevados, originalmente próximos dos topos das montanhas, onde os adoradores eram considerados como estando mais próximos dos deuses (cf. Is 57.7). Posteriormente, "lugares altos" pode ser uma referência a lugares artificialmente elevados em localidades mais acessíveis. Lá, aqueles que participavam do culto cananeu se ocupavam de duas atividades principais: eles ***sacrificavam*** e ***queimavam incenso*** (cf. 2.13).

Muitos lugares sagrados eram cercados por bosques (cf. Dt 12.2; Is 57.5; Jr 3.6; Ez 6.13). Das três árvores mencionadas, o ***carvalho*** e o ***terebinto*** (sendo esta última uma grande e frondosa árvore que não é identificada com clareza) forneciam bastante sombra. O álamo deve provavelmente ser identificado nesse cenário de alto de montanhas com o estoraque, que tem folhas brancas e cachos de flores brancas que contribuía com beleza e perfume para a cena (King 1988:22). Não está claro se Oseias está meramente registrando a razão para a escolha desses lugares como sendo o alívio do calor do sol escaldante, ou se ele está sugerindo ironicamente que essa sombra era a única coisa agradável que podia ser esperada lá. Há provavelmente também um jogo de palavras com "sob": aqueles que fogem de debaixo da autoridade divina (cf. "longe de" em 4.12) são encontrados, em vez disso, debaixo de árvores. ***Sua*** sugere que as árvores formam uma cerca protetora ao redor do lugar sagrado. ***Sombra*** normalmente expressa a proteção espiritual conferida aos que estão perto de Deus (cf. Sl 36.7; 121.5), mas agora tudo o que eles têm garantido é meramente o alívio físico do clarão ofuscante do sol. Mesmo assim, ***agradável*** mostra que o culto a Baal tinha uma atração estética que apelava aos sentidos. O lugar sagrado era atrativamente fresco, a queima de incenso proveria uma fragrância agradável e havia carne de alguns sacrifícios para comer.

Por causa disso (cf. 4.3) se refere à totalidade da adoração deles e apresenta não um castigo divinamente imposto, mas as consequências inerentes de a pessoa se entregar ao culto a Baal nos altares cananeus. O plural ***suas*** (isto é, "verdadeiramente suas") enfatiza como a conduta deles repercute nos seus próprios círculos familiares. Suas ***filhas*** e ***noras*** haviam sido apanhadas na armadilha das práticas do culto lascivo e não haviam preservado a pureza. Para ***cometerão prostituição*** e ***cometerão adultério*** veja sobre 2.2. Observe que é a respeito das noras, mulheres casadas, que

é dito cometerem adultério. O flerte com as práticas depravadas do culto a Baal havia corroído a santidade dos votos matrimoniais delas.

> 4.14 Eu não responsabilizarei suas filhas pelo fato de elas cometerem prostituição,
> ou suas noras pelo fato de elas cometerem adultério,
> pois os próprios [homens] se desviam com prostitutas,
> e oferecem sacrifício com prostitutas cultuais –
> de fato, um povo que não entende será pisoteado.

O veredito aguardado é surpreendentemente suspenso. O SENHOR diz: ***não responsabilizarei*** e, portanto, não punirá (cf. 4.9) o repetido e contínuo desvio delas. Uma vez que o contexto não nos fornece qualquer indicativo de perdão ou aceitação, pode ser que essa seja uma declaração relativa e, portanto, não absoluta: isto é, o SENHOR declara que não é sobre elas que a ira dele e a sua punição recairão primariamente.

A razão para o comedimento divino é introduzida por ***pois***, que mostra o indicador divino apontado para ***os próprios homens*** (literalmente "eles", um pronome masculino plural). É a perfídia deles que estabeleceu o exemplo corrupto para outros seguirem. Eles ***se desviam***, isto é, quietamente se separam do seu grupo para que possam praticar atividade sexual ***com prostitutas***, provavelmente prostitutas comuns, e ainda mais, ***eles oferecem sacrifícios com prostitutas cultuais***, literalmente, "as santas", que ofereciam seus serviços como parte do culto da fertilidade praticado nos altares de Baal. Partes dos sacrifícios oferecidos poderiam ser recuperadas pelo adorador para consumo. A imagem é a de um banquete acompanhado de orgia sexual (cf. Dt 23.17; Am 2.7). Essa imagem não é necessariamente a de um altar explicitamente de Baal. Parece que essas práticas haviam ostensivamente invadido os lugares nos quais Yahweh deveria ser adorado.

O provérbio final (cf. 4.11) retoma o tema da insensatez de uma sociedade que se envolve com esse tipo de comportamento. A referência ao ***povo*** pode muito bem relembrar os versículos 6 e 9. ***Entende*** era uma das marcas da sabedoria que os profetas de Israel deveriam buscar inculcar no povo (cf. 14.9; Pv 1.6), porém, a conduta do povo mostrava que eles estavam completamente destituídos de discernimento espiritual. Seu destino, portanto, era ser ***pisoteado***. Não conhecemos o verdadeiro sentido desse verbo (que ocorre, além daqui, apenas em Pv 10.8,10), o que faz com que os tradutores precisem fazer um exercício de conjuntura

informada. Porém, a experiência relatada aqui é de um tipo que não seria bem-vinda.

REFLEXÃO

- Isaías refletiu de maneira extensiva e sardônica sobre a cegueira espiritual daqueles que adoram pedaços de madeira (Is 44.9–20). Quando uma geração ou uma pessoa se tornam espiritualmente insensíveis, elas se voltam para todos os tipos de expedientes em busca de direção para a sua vida, enquanto rejeitam a única e duradoura fonte de luz que é o próprio Deus e a sua palavra. Cegados pelo deus deste mundo (cf. 2Co 4.4), elas perdem a direção espiritual e, em vez de confiarem em Deus, afundam em flagrante imoralidade (cf. Ef 4.17–19; 1Ts 4.5).
- O encanto dos bosques nos quais Baal era adorado (4.13) é um exemplo de como são doces as pílulas de rebelião que Satanás induz a humanidade a engolir. Eva "viu que a árvore era boa para comer e que ela era agradável aos olhos" (Gn 3.6). A mulher loucura diz que "água roubada é doce e pão comido em segredo é agradável" (Pv 9.17).

(5) Uma advertência a Judá (4.15–19)

O comportamento descrito nessa seção é o mesmo que em 4.11–14, mas a questão é vista no nível do povo da aliança como um todo. O reino do sul (Judá) não estava a essa altura tão imerso nas práticas pagãs quanto Israel no norte, e Oseias os exorta a não se tornarem contaminados pela assimilação das práticas do norte, que era mais próspero. Sua linguagem é contundentemente sarcástica numa tentativa de penetrar a insensibilidade dos seus próprios concidadãos e adverti-los quanto à insensatez da conduta deles.

4.15 Embora você, Israel, esteja cometendo prostituição,
não permita que Judá torne-se culpado.
E não entre em Gilgal,
e não suba a Bete-Áven
e não jure, porque o SENHOR vive.

Os críticos desconfiam desses dois primeiros versos por causa da menção de Judá e do ponto de vista deles de que o ministério de Oseias foi restrito ao norte (cf. 1.7). Mas essa advertência é feita de um modo oblíquo. Conquanto ela seja ostensivamente dirigida a ***Israel*** como uma entidade (***você*** é masculino singular), era o reino de ***Judá*** no sul que na verdade estava sendo advertido a não seguir os caminhos do norte. Possivelmente Oseias tenha colocado a questão desse modo para provocar o povo do norte ao apresentá-los como uma fonte potencial de contaminação para os seus vizinhos do sul. Uma conexão verbal é feita com os versículos anteriores por meio de ***cometendo prostituição***, que repete a acusação de imoralidade sexual e de apostasia (4.11–12). ***Torne-se culpado*** (*ʾašam*) pode indicar executar uma ação que infringe os padrões divinos e desse modo fazendo com que uma pessoa ou uma nação se tornem passíveis de serem punidas (cf. 5.15; 13.1). É menos provável aqui indicar o sofrimento pelo castigo imposto pelo SENHOR por causa da sua transgressão.

Na segunda parte do versículo, as ordens estão no plural e devem ser direcionadas aos peregrinos de ambos os lados da nação dividida que se dirigiam aos lugares sagrados reverenciados pelo povo tanto do norte quanto do sul. Tanto Amós (4.4; 5.5) quanto Oseias (cf. 5.8; 10.5) mencionam Gigal e Betel como lugares que devem ser evitados. Embora outros lugares recebam o mesmo o nome, a Gilgal que está em vista aqui era aquela onde os israelitas haviam acampado pela primeira vez depois de cruzarem o Jordão (Js 4.19–20; 5.9). Esse lugar não foi conclusivamente identificado, mas ele se situava entre Jericó e o Jordão. Ele ficou sendo o lugar do santuário (Js 9.23,27) antes de ser transferido para Betel. Depois da queda de Siló, Gilgal ganhou proeminência novamente (1Sm 7.16; 1Sm 11.14–15). Com a divisão do reino, a linha exata de demarcação entre os reinos do norte e do sul que atravessava o território de Benjamim foi uma fonte de contínua disputa, mas parece que nesse momento crítico Gilgal estava situado exatamente dentro do território do reino de Israel. Oseias considerava Gilgal como um centro de influências perniciosas (9.15), especialmente ligado à adoração de touros ali (12.11) e, como Amós (Am 5.5), ele previu que apenas a destruição erradicaria essa influência (12.11).

Bete-Áven (“casa de conduta maligna/impiedosa”, cf. Am 5.5) é uma deformação deliberada e sarcástica de Betel (“casa de Deus”), que

celebrava a visão que Jacó teve da presença e da proteção divinas (Gn 28.10–22). Havia uma cidade com esse nome perto de Betel ("Bete-Áven, a leste de Betel"; Js 7.2; cf. Js 18.12; 1Sm 13.5; 14.23), e talvez o nome fosse tão adequado espiritualmente que os profetas o empregavam de modo Mais amplo. mais provavelmente, Oseias adotou o nome do dito de Amós: "Betel se tornará nada/desastre (*ʾāwen*)" (Am 5.5). Se o comportamento ímpio mencionado aqui é idolatria, então "casa de Deus" de fato havia se degenerado em "a casa do ídolo".

Betel estava situada cerca de 16 quilômetros a norte de Jerusalém e era o principal santuário do reino do norte (cf. Am 7). Ela havia igualmente sido um lugar importante na história do povo de Deus (Gn 28.11–18; 36.13). A caricatura do seu nome expressa a visão de Oseias do altar que Jeroboão I erigiu lá para rivalizar com o Templo de Jerusalém (1Rs 12.29–33). ***Subir*** reflete o fato de que Betel estava situado a mais de 800 metros de altitude. Ela estava, como Gilgal, situada na zona de fronteira entre os dois reinos.

Não jure exorta a que eles evitem o hábito de usar o nome do Senhor inconsequentemente ao assumir compromissos que não pretendiam cumprir (cf. 4.2). ***Porque o Senhor vive*** era comumente usado como um juramento (p. ex., Rt 3.13; 1Sm 14.39; Jr 38.16). Jeremias 4.2 também insiste para que eles voltem ao modo correto de fazer um juramento, mas o cerne da censura é que os juramentos estavam sendo usados para apoiar afirmações e promessas que não tinham substância.

4.16 Porque assim como uma vaca teimosa
Israel é teimosa.
Agora o SENHOR os pastoreará
como um cordeiro num amplo [pasto].

Porque introduz a razão pela qual o profeta está fazendo essa advertência. Depois de mencionar Betel com o seu touro, Oseias talvez tenha se sentido inclinado a descrever Israel como uma vaca. A criação de animais domésticos era uma das principais atividades econômicas de Israel, e Oseias usa duas símiles retiradas desse contexto para enfatizar a natureza voluntária da rebelião de Israel. Israel é ***como uma vaca teimosa*** (uma imagem semelhante é encontrada em 10.11), obstinadamente se recusando a obedecer às ordens do seu dono. "Teimosa" relembra a descrição do filho teimoso e rebelde que não obedece aos seus pais (Dt

21.18–21; cf. 9.15; Is 1.23; Jr 5.23). Pode ser que haja um duplo jogo de palavras aqui: vaca (*pārâ*) soa semelhante a Efraim (*ʾprayim*) e "teimosa" (*sārar*) não soa muito diferente de Israel (*yiśrāʾēl*). Ela não será conduzida ao lugar que o seu dono quer que ela vá e, portanto, não poderá desfrutar do que ele daria a ela.

A segunda metade desse versículo pode ser lida como uma pergunta retórica sem pontuação (cf. 2.2), "Então, será que agora o SENHOR os pastoreará como um cordeiro num amplo pasto?" (cf. NIV, ESV) indicando que uma vaca teimosa não deveria esperar as bênçãos que se destinam à que é obediente. Conquanto essa perspectiva tenha a vantagem de manter o sentido positivo normalmente associado com "amplo" (cf. Sl 31.8; 118.5; Is 30.23), é mais provável que esses versos contenham um sarcasmo ácido com o introdutório ***agora*** expressando um elemento de frustração. A metáfora de um pastor é normalmente empregada para o governo do SENHOR do seu povo, mas se eles quisessem se beneficiar desse governo, deveriam agir como ovelhas e atender aos seus comandos e aos seus desejos. Seu comportamento insubmisso indica que a imagem adquire um significado negativo, e o ***SENHOR os pastoreará***, mas apenas no sentido de que a provisão dele os conduzirá a serem deportados para o ***amplo pasto*** da Mesopotâmia, para que eles percebessem quão pouco há para se desfrutar nesses lugares espaçosos.

4.17 Efraim se juntou aos ídolos:
Deixe-o sozinho!

Essa é a primeira das 36 ocorrências em que Oseias usa ***Efraim*** para se referir de algum modo ao reino do norte. Efraim era a tribo dominante no norte e o seu território tradicional formava o coração do reino. ***Se juntou aos ídolos*** pode sugerir que o povo havia politicamente "se aliado" às nações idólatras. Mais provavelmente, a ideia é a de "fascinado pelos ídolos", que apontaria para uma condição semelhante àquela causada pelo espírito de prostituição (4.12). Efraim havia sido enganado e o povo havia perdido a capacidade de pensar corretamente. "Ídolos" se refere a objetos que foram fabricados e moldados (cf. 8.4) e como tal eles são meramente invenções e produtos humanos. Portanto, as pessoas de Judá são ordenadas como um grupo (o imperativo é singular): ***deixe-o sozinho.*** As palavras não o atingiriam, e aqueles que procurassem estabelecer um diálogo com ele seriam expostos aos seus caminhos perniciosos e poderiam ser

corrompidos por eles. Essa advertência foi feita em reconhecimento do que o próprio SENHOR faria: a punição de Efraim era iminente.

4.18 A bebida deles acabou;
eles continuamente incentivam a prostituição;
os governantes deles amavam intensamente a vergonha.

A imagem é do povo do norte tendo se banqueteado até que ***a bebida deles*** (provavelmente uma cerveja feita de cereal fermentado; cf. Is 1.22) ***acabou***. O verbo "acabou" tem uma ideia de finalidade que sugere que esse não é apenas o término temporário da provisão feita para um banquete, mas o término completo de suas orgias. O mesmo verbo é encontrado em "Portanto, eles agora irão para o exílio como a cabeça daqueles que vão para o exílio, e a celebração daqueles que se alongam *acabará*" (Am 6.7). Em seu estado inebriado e confuso, eles ***continuamente incentivam a prostituição***. Embora as palavras possam descrever o comportamento físico dos habitantes do norte, é o estado espiritual deles que é o foco primário aqui.

Em ***governantes deles***, "deles" é literalmente "dela", mantendo a associação da imagem feminina de uma vaca em conexão com Israel (cf. 4.19). "Governantes" é literalmente "escudos", o que pode possivelmente vê-los como aqueles que são responsáveis pela proteção da comunidade. Eles ***amavam intensamente a vergonha***, uma referência à adoração de Baal, pela qual eles estavam enfeitiçados.

4.19 Um vento os envolveu em suas asas,
e eles ficarão envergonhados por causa dos seus sacrifícios.

Os, o sujeito do primeiro verbo, é literalmente "a", provavelmente uma referência a Israel/Efraim como a bezerra de 4.16 e, portanto, equivalente a um plural "eles". ***Um vento*** envolve um jogo de palavras com duas referências da palavra hebraica (*rûaḥ*), que também pode ser traduzida como "um espírito". "Vento" é mais provavelmente a referência primária por causa de ***asas*** que se segue (cf. Sl 18.10; 104.3). ***Os envolveu*** pode indicar uma cobertura protetora ("asas" tem com frequência conotações de proteção; cf. Rt 2.12; Sl 17.8; 36.7), mas "vento" provavelmente tem implicações do espírito de prostituição (4.12), e indica uma influência superpoderosa que os tomou e limitou a sua liberdade de ação, de modo que eles estão sendo carregados incapacitados para a sua destruição. É

improvável que a ideia aqui seja especificamente a de vento do juízo divino levando-os para um destino ainda não revelado – uma ameaça velada de exílio? Em vez disso, a descrição é de uma nação que, por participar de adoração falsa – particularmente a oferta de ***sacrifícios*** (cf. 4.13), havia se tornado irremediavelmente enredada num comportamento contrário ao que deveria. A teimosa persistência deles na apostasia criou uma sequência de acontecimentos que não se encerrarão até que fiquem ***envergonhados***, ou seja, desapontados quanto ao resultado que eles desejavam e expostos à amargas consequências da sua infidelidade quando o SENHOR agir em juízo contra eles.

REFLEXÃO

- "Deixe-o sozinho!" (4.17) não deve ser confundido como abandono da nação rebelde por parte do SENHOR (cf. 5.6,15). Esse é um conselho prudente a Judá que, muito embora não esteja num estado tão avançado de afastamento do Senhor (cf. 1.7; 6.11), ainda era fraco em sua devoção. Um contato maior com o norte aceleraria o declínio espiritual de Judá. "Deixe-os só; eles são guias cegos. E se o cego guiar o cego, ambos cairão num buraco" (Mt 15.14). O poder contaminador do pecado (cf. 1Co 5.6) é tal que Paulo aconselhou à igreja de Corinto: "Não se enganem: 'a má companhia arruína o bom caráter' " (1Co 15.33).
- A menção a Gilgal e Betel (4.15) nos lembra que lugares com passado ilustre podem se tornar corruptos e insalubres. Conquanto mantenhamos uma boa lembrança do que eles foram no passado e demos graças pelo que aconteceu ali, nossa atual associação com esses lugares deve reconhecer suas circunstâncias mudadas. Eles são um perigo em potencial não apenas para a nossa própria saúde espiritual, mas também para a mensagem que comunicaríamos a outros ao frequentarmos esses lugares.

B. CAOS INTERNO (5.1–14)

(1) Liderança deficiente (5.1–7)

Conquanto muitos comentaristas divirjam quanto ao significado desses versículos, a maioria deles reconhece que eles constituem uma unidade

separada na profecia, contendo um chamado introdutório para a atenção e um marcador massorético de parágrafo no fim. Embora essa passagem lide com os temas semelhantes aos das seções anteriores, a imagem do rei é introduzida em 5.1 e isso antecipa as críticas subsequentes à Israel, que focalizam na liderança corrupta, bem como na sua apostasia. Nesse ponto, entretanto, apesar da menção do rei, o foco ainda está especialmente na corrupção da vida espiritual da nação.

O pano de fundo dessa seção são os dias atribulados depois da morte de Jeroboão II.

5.1 Ouçam isto, ó sacerdotes,
e preste atenção, ó casa de Israel,
e escute, ó casa do rei,
porque o juízo [é] para vocês:
porque vocês têm sido uma armadilha para Mizpá
e uma rede estendida sobre o Tabor.

Ouçam (cf. 4.1), ***preste atenção*** e ***escute*** são três sinônimos que são combinados para enfatizar que os destinatários dessa mensagem precisam se concentrar no que está sendo dito a eles. Os imperativos também servem para marcar essa como uma nova seção, com ***isto*** se referindo ao que se segue. ***Sacerdotes*** elabora sobre a referência e eles em 4.9, porque o cerne dos problemas de Israel é um relacionamento impróprio e desintegrado com o SENHOR. O sacerdócio espúrio estabelecido por Jeroboão I (1Rs 12.31) considerava-se como estando servindo o SENHOR, mas eles já de início haviam adotado algumas inovações copiadas das práticas cananeias. ***Casa de Israel*** é muito provavelmente uma referência ao reino do norte como um todo (cf. 1.4), em distinção à ***casa do rei***, que seria uma referência à classe administrativa no norte (cf. "governantes" em 4.18), incluindo o próprio monarca, outros membros da família real, conselheiros e oficiais menores. O povo é listado entre os dois – influenciado por ambos, mas em nenhum dos casos influenciado para o bem. Não é possível determinar quem estava no trono quando essa mensagem foi inicialmente proclamada.

A repetição de ***porque*** (cf. 5.3–4,7) é uma característica de menor importância nessa passagem, que ressalta a natureza racional da avaliação do SENHOR. Aqui ele apresenta o motivo pelo qual eles deveriam ouvir, embora isso seja deliberadamente expresso de um modo que pode ter dois sentidos. Pode transmitir o pensamento (semelhante ao de Mq 3.1) de que

"o direito de julgar foi confiado a vocês", em que "vocês" se refere aos administradores reais e provavelmente também os sacerdotes, que pela lei mosaica formavam a corte de apelo para casos legais em geral (cf. Dt 17.9). Se for entendido como uma referência ao modo em que a justiça era aplicada, isso seria inevitavelmente uma fonte de surpresa: será que Oseias havia se tornado uma figura do estado, reconhecendo as responsabilidades daqueles que estavam no governo e, portanto, legitimando o regime com suas políticas, religiosa e outras? Porém, essa possibilidade é excluída assim que sugerida. A menção imediata de dois incidentes notórios deixa claro que a mensagem do profeta, de fato, se centra no ***juízo*** que é a retribuição divina aos planos e à conduta do regime. Oseias foi chamado para lembrar a todos esses envolvidos que não há como escapar do exame que o SENHOR faz acerca do modo como eles se conduzem, e que o seu veredito sobre eles é de condenação.

A segunda ocorrência de ***porque*** apresenta a justificativa para a avaliação negativa que o SENHOR fez da conduta deles. ***Mizpá*** ("torre de vigia") é provavelmente o povoamento importante que havia sido associado a Betel e Gilgal no circuito de Samuel como juiz (1Sm 7.16), e, assim, ela estava localizada na fronteira sul de Israel no território de Benjamim. McComiskey (1992:75) coloca Mizpá em Gileade, uma alta montanha ao leste do Jordão (Jz 10.17; 11.18,11), mas essa referência distante parece improvável. ***Tabor*** era um monte importante perto da planície de Jezreel na fronteira entre Zebulom e Issacar, ou o que é menos provável (***sobre o*** se aplica melhor a um monte), uma cidade levítica que tinha o mesmo nome no território de Zebulom (1Cr 6.77), embora também exista uma área próxima a Betel que era chamada Tabor (1Sm 10.3).

Armadilhas (9.8) e o termo mais amplo ***rede*** eram meios para caçar passarinhos (cf. 7.12; Sl 124.7, 8; 140.5; Is 8.14). Esses termos retratam o povo como sendo facilmente capturado pela astúcia tanto dos sacerdotes quando dos políticos, que agiam em conjunto, já que o culto no norte era patrocinado pelo estado (cf. Am 7.10–11).

Contudo, a falta de informação torna difícil a compreensão do motivo pelo qual essas localidades em particular são mencionadas em conexão com a culpabilidade dos governantes de Israel. Na profecia de Oseias, é com frequência feita alusão a acontecimentos do passado do povo. Se esse é o caso aqui, o chamado feito por Samuel em Mizpa para que a comunidade retornasse ao SENHOR (1Sm 7.3–6) e a batalha no Tabor, que

aconteceu nos dias de Débora e Baraque (Jz 4.6,12–16) são incidentes que podem ser relevantes. No entanto, mesmo que esses episódios incluam certas características negativas (a necessidade de arrependimento e o fato de certas tribos não terem ajudado Baraque), a sua importância geral é positiva e isso não se encaixa nessa passagem, que estabelece base para condenação. Isso torna mais provável que os ouvintes originais de Oseias deveriam ter reconhecido os recentes escândalos que haviam acontecido nesses dois lugares. Além do mais, King observa que "Como em muitos outros lugares, estatuetas de Astarote, a deusa cananeia da fertilidade, foram encontradas em Mizpá; Oseias pode estar aludindo aos cultos de fertilidade que aconteciam ali" (1988:49). Se esse for o caso, a sua escolha de localidades não foi baseada em acontecimentos específicos, mas no que tipicamente ocorria lá, escolhendo localidades no norte e no sul para representar o impacto nacional de políticas erradas promovidas pelo rei e por sua corte. Ao incentivar o populacho a buscar esses lugares para participar dos ritos degenerados que lá aconteciam, a liderança de Israel estava armando uma cilada para o povo induzindo-os a uma conduta que traria o juízo do SENHOR sobre ele mesmo.

5.2 E aqueles que se desviaram se afundaram [na] matança
mas eu [serei] castigo para todos eles.

Esse versículo está estreitamente ligado ao anterior e o seu primeiro verso é muito provavelmente uma afirmação mais literal do que Oseias acabou de apresentar metaforicamente. Infelizmente, ***aqueles que se desviam*** é em si mesmo um termo obscuro, mas ele pode estar relacionado ao comportamento infiel (cf. esposa infiel em Nm 5.12; devoção a religiosidade falsa no Sl 40.4; comportamento a ser evitado em Pv 4.15). Ele não parece descrever a rebelião contra os governantes de Israel, mas sim os rebeldes contra os governantes, tantos políticos quanto religiosos, que se desviaram da fidelidade de coração ao SENHOR. Eles ***se afundaram em matança***, isto é, eles se envolveram profundamente com ela, presumivelmente por meio de políticas que trouxeram morte ao povo, não apenas por um desvio infeliz, mas por causa de uma disposição de longa data para agir dessa maneira (cf. 9.9; Is 31.6). Já foi sugerido que a referência é à imposição de sacrifício infantil sobre o povo relutante, mas embora essa hipótese tenha alguma plausibilidade, as evidências são escassas (cf. Andersen, et al. 1980:380). Mais provavelmente o que está

em vista é a perda de vida no turbilhão de acontecimentos que foram desencadeados na nação depois da morte de Jeroboão, o que pode ser visto, por exemplo, na brutalidade de Menaém contra Tifsa (2Rs 15.16).

O SENHOR afirma que ele será ***castigo***, correção que tanto instrui quanto disciplina (cf. "correção", 5.9; o verbo associado é encontrado em 7.12,15; 10.10). Isso se estenderá a ***todos*** que se comportaram dessa maneira desonrosa e inescrupulosa, não apenas os líderes. Por meio dessa ação, o SENHOR pretende chamá-los à razão e pôr um fim na anarquia prevalecente. Não parece que o SENHOR está afirmando que será imposta nesse estágio a devastação que ocorreria em breve pelas mãos dos assírios, mas, antes, esse revés ocorreria pela retirada da prosperidade que eles estavam desfrutando e por meio da seca e da fome (cf. 2.9; 4.3).

> 5.3 Eu mesmo conheço Efraim,
> e Israel não está escondido de mim,
> mas agora, Efraim, você incentivou a prostituição,
> Israel se tornou imundo.

O dito divino no versículo 3 e o comentário profético no versículo 4 formam uma única unidade literária emoldurada por "conhecer" no primeiro e no último verso e também pela repetição do conceito de "prostituição". Há um contraste entre o conhecimento que o SENHOR tem do povo (5.3) e a falta de conhecimento que o povo tem dele (5.4). O enfático ***eu mesmo*** (cf. 2.8) estabelece decisivamente a consciência do SENHOR e, assim, defende a sua ação da alegação de que é arbitrária e infundada. Seu veredito é baseado em firme evidência, porque eles não podem esconder a sua má conduta dele. ***Conheço*** nesse caso não transmite qualquer implicação de aprovação ou intimidade (cf. 2.20).

Embora ***Efraim*** (cf. 4.17), a principal tribo do norte, possa funcionar aqui simplesmente como um sinônimo de ***Israel***, o reino do norte, o que é intencionado pode ser uma distinção entre os regimes rivais de Menaém no oeste e Peca no leste (que serão discutidos mais extensamente em 5.5). Nenhum dos dois regimes ficará isento de escrutínio – ou julgamento. ***Não está escondido*** repete a ideia do primeiro verso numa forma negativa para enfatizar que nenhuma área escapou da inspeção do SENHOR. Conquanto a tradução "Eu tenho cuidado de Efraim e não tenho negligenciado Israel" (REB) enfatize uma implicação do conhecimento do SENHOR, ela ressalta

o fato de que o escrutínio divino, mesmo o mais profundo, não é conduzido apenas com o propósito de encontrar elementos para crítica (cf. Sl 139).

Mas ("pois", *k*') não apresenta a razão para as afirmações seguintes; em vez disso, depois da negativa, apresenta um contraste. O povo do SENHOR deve estar consciente que "seus olhos veem, suas pálpebras examinam os filhos dos homens" (Sl 11.4; cf. Sl 33.13–15; 34.7), e por isso deveriam se conduzir apropriadamente. ***Agora***, entretanto, o procedimento culpável deles está exposto, e Efraim é confrontado com a acusação: ***você incentivou a prostituição***, porque a nobreza e os sacerdotes do norte haviam promovido o culto a Baal (cf. 1.2). ***Israel se tornou imundo*** emprega um termo cúltico que em primeira instância indica um estado de impureza cerimonial externa. Isso impedia que uma pessoa se aproximasse do santuário e assim do Deus que estava ali (cf. Lv 15.31), e também aponta para uma poluição moral (cf. Nm 35.33–34; Is 6.5; Ez 14.11), particularmente aquela associada à idolatria (cf. Lv 18.21; 19.31). A poluição moral, e não ritual, consistia a barreira fundamental que os impedia de serem aceitos por Deus (cf. 6.10; 9.3–4). Se Efraim se refere à tribo, então a ideia pode ser a de que ela levou o restante da nação a adotar a ideologia cananeia e as suas práticas. O mais provável é que os dois componentes da descrição sejam distribuídos, de modo que ambas as partes da terra são acusadas de promoverem crenças e condutas estrangeiras e de serem impuras aos olhos de Deus.

> 5.4 Os seus feitos não permitem que eles
> retornem ao seu Deus,
> pois um espírito de prostituições [está] no meio deles,
> mas ao SENHOR eles não conhecem.

Desse ponto até o fim da seção em 5.7, o próprio profeta fala, com o discernimento que o Senhor lhe deu, sobre as circunstâncias trágicas em que o povo havia caído, e as comenta. ***Os seus feitos*** (cf. 4.9; 7.2; 9.15; 12.2) pode se referir à boas e más ações, embora aqui Oseias use o termo para resumir tudo o que tem acontecido de errado no norte, particularmente a fascinação deles pelo culto a Baal. A raiz de ***retornem*** é usada com uma variedade de sentidos, mas nesse caso o que está em vista é o retorno espiritual para Deus (cf. 2.7; 3.5; 7.10; 12.7; 14.1–2). "Permitem" (ou no negativo como aqui "não permitem") é um uso reconhecidamente comum do verbo "dar". Num certo nível, foi dado a eles

a oportunidade de retornarem arrependidos ao SENHOR, mas em outro nível o legado dos anos e gerações anteriores havia moldado o pensamento do povo, diminuindo a sensibilidade espiritual deles e envolvendo-os nas práticas de Canaã. O resultado desastroso foi que eles estavam praticamente incapacitados de agir para o próprio bem deles. Para uma descrição semelhante de incapacidade espiritual do povo, veja 11.7.

A incapacidade deles de retornar é comprovada pela revelação de que ***um espírito de prostituiç***ões (cf. 4.12) ***está no meio deles***. A nação estava coletivamente viciada nos aparentes prazeres e benefícios do culto de Baal e estavam impotentes para se libertarem dessa disposição de mente comunal. Na verdade, eles não tinham qualquer desejo de fazer isso porque o fato de terem se entregado repetidamente a esse comportamento os havia dessensibilizado, e eles não conseguiam perceber o quanto o estilo de vida que estavam adotando era abominável aos olhos de Deus. Eles não sentiam qualquer mal-estar interior a respeito dessa conduta e a consideravam normal – tratava-se apenas da maneira como as pessoas pensavam e agiam. Mas como resultado, ***o SENHOR eles não conhecem***, uma frase que remete ao primeiro verso de 5.4. O povo da aliança não estava agindo mais como tal porque não havia um desejo interior de reconhecer as reivindicações do SENHOR sobre eles (cf. 4.1). As suas ações externas eram simplesmente o fruto de um coração alienado de Deus.

> 5.5 E o orgulho de Israel testificará contra ele,
> e Israel e Efraim tropeçarão na sua própria iniquidade,
> Judá igualmente tropeçará com eles.

O ***e*** inicial indica que o que segue é a consequência de Israel estar impotente nas garras do pecado. ***O orgulho de Israel*** é um espírito autossuficiente e arrogante que os levou a abandonar sua fidelidade ao SENHOR e sua confiança nele para o seu bem-estar (cf. 7.10). Essa foi uma resposta distorcida ao seu crescimento populacional, prosperidade econômica, façanhas militares e cegueira espiritual. ***Testificará*** confere um ar legal ao que é dito. Evidências para substanciar as alegações estão sendo reunidas e elas são encontradas principalmente na conduta e nos propósitos dos acusados. O sentido de "testificar" parece um tanto diferente em 7.10, onde o testemunho é constituído pela evidente desintegração de toda boa sorte externa que Israel havia anteriormente desfrutado. Aqui o espírito de arrogância com o qual eles se revelam contra

Yahweh é registrado contra eles. ***Contra ele*** (literalmente "na sua face") mostra que não são necessárias outras testemunhas para comprovar esse evidente desvio de conduta.

A disposição de mente autônoma que eles demonstravam acarretaria a queda do reino do norte. Conquanto seja possível argumentar que ***Israel e Efraim*** constituam um único sujeito (Israel, até mesmo Efraim; cf. 5.3) em vez de duas designações, há base para diferenciar entre esses nomes. Certamente em 13.1, "Ele [Efraim] foi aquele que se exaltou em Israel", uma distinção é feita entre a tribo dominante, Efraim, e o restante da nação. Isso é o que provavelmente também prevalece aqui e pode muito bem refletir os reinados rivais de Peca e Menaém (veja *Introdução*, p. 15). Eles ***tropeçarão*** (cf. 4.5) ***na sua própria iniquidade*** (cf. 7.1). Oseias usa "tropeçar" em 4.5; 5.5; 14.1; 14.9 (seis vezes no total) para indicar as consequências do julgamento pelo pecado, em vez de um ato pecaminoso em si mesmo. Isso pode ser um desenvolvimento da ideia da vingança que o SENHOR fará "no tempo em que o pé deles escorregar" (Dt 32.35).

Além do mais, a descrição feita pelo profeta se estende para Judá (cf. 1.7). Evidentemente, Oseias havia percebido que a situação do reino do sul havia se deteriorado desde a advertência feita em 4.5. Ele ***igualmente tropeçará com eles*** (um perfeito profético do que certamente aconteceria). Essa afirmação é com frequência considerada um acréscimo feito por um redator do sul procurando aplicar a mensagem do profeta às circunstâncias posteriores da sua própria época. No entanto, o mesmo espírito de autoconfiança já estava evidente no sul, e até mesmo sem supor que Oseias havia fugido para Judá depois da queda de Samaria, não há razão para negar que ele estivesse preocupado com o seu destino tanto quanto com o destino de Israel. "Igualmente" pode muito bem funcionar como um indicador textual de uma observação que não fazia parte da sua mensagem inicial ao norte (cf. 6.11a), mas que Oseias incluiu posteriormente quando escreveu esse registro do seu ministério.

> 5.6 Com os seus rebanhos e suas manadas eles irão
> procurar o SENHOR,
> mas não [o] encontrarão –
> ele se retirou deles.

A imagem é de pessoas (talvez Judá tanto quanto Israel) se preparando para fazer muitos sacrifícios ao SENHOR. Os verbos imperfeitos "irão" e

"encontrarão" podem ter um sentido frequentativo presente: "eles continuam indo" e "eles continuam não o encontrando". Formalmente, não havia falta de religião na terra. Muitos sacrifícios custosos eram oferecidos, e muitos quilômetros eram percorridos em peregrinações aos santuários (cf. Am 5.4–5). Tudo isso era feito porque o povo havia adotado a perspectiva de Canaã de que um grande número de sacrifícios aplacaria a deidade e tornaria suas súplicas efetivas. Eles ***procuram o SENHOR***, ostensivamente desejando saber a sua vontade e desfrutar da comunhão da sua presença por meio do sacrifício (cf. 3.5; 5.15; 7.10). No entanto, trata-se de um esforço inútil, porque não há um envolvimento do coração com ele. Não havia uma consciência da singularidade dele e por isso eles iriam do mesmo modo adorar a Baal. Além do mais, o povo do norte não ia aos altares autorizados, mas àqueles que haviam sido instituídos em rebelião contra o Templo de Jerusalém. Assim, desde o início a adoração deles era inválida, porque não era aquela prescrita pelo SENHOR. Acima de tudo, o coração deles era desleal: eles estavam vivendo em rebelião; haviam se aliado a um modo ímpio de pensamento; haviam adotado a convicção enganosa de que suas práticas sincréticas trariam bênçãos. Para um desenvolvimento mais profundo de "procurar", veja em 5.15.

Não é, portanto, de admirar que seus esforços religiosos não trarão resultados (cf. 2.7). ***Eles não o encontrarão***, independentemente da abundância de riqueza material que apresentem e do grande número de sacrifícios que ofereçam. O coração deles está distante; eles não oferecem a si mesmos. Consequentemente, o SENHOR não estaria presente para eles. ***Ele se retirou deles***, um ato de separação semelhante a despir-se e deixar de lado as roupas (cf. 3.3; 5.15; Dt 25.9–10). O SENHOR os deixa à sua própria sorte e para vivenciarem as consequências de suas próprias decisões.

> 5.7 Para com o SENHOR eles agiram de maneira traiçoeira,
> pois eles deram à luz filhos estranhos.
> Agora uma lua nova os devorará com seu patrimônio dividido.

Agiram de maneira traiçoeira descreve a infidelidade deles ao SENHOR (cf. Jr 5.11). Eles vestiram ou cobriram a sua verdadeira atitude com dissimulação plausível, professando servir o SENHOR, mas estando enfeitiçados por Baal (cf. 2.8; 10.1). Como resultado, eles defraudavam o SENHOR daquilo que por direito era dele: o serviço obediente deles. ***Pois***

indica que a evidência para substanciar a acusação de traição está no fato de que eles ***deram à luz filhos***/"crianças"***estranhos***. "Estranhos" sugere que eles eram ilegítimos, não o fruto de uma união verdadeira (cf. 1.2; 2.4), mas que se originaram de um relacionamento fora do círculo familiar regular. A referência não é ao ato físico do parto, mas à degradação espiritual de toda uma geração causada pela influência maligna de pais apóstatas sobre seus filhos. Seus filhos foram criados sem consideração pelo SENHOR e sem o exemplo positivo de pais que respeitavam a aliança dele, e por isso a estrutura religiosa e social da comunidade estava rompida.

Agora aponta para a triste conclusão de tudo isso, mas a linguagem não é clara. "Uma lua nova" pode indicar simplesmente um período de um mês, e o sujeito do verbo "devorar" pode ser o próprio SENHOR, de modo que o que é previsto é logo, em apenas um mês (reforçando o sentido temporal do "agora" inicial), o SENHOR os retiraria do território ancestral deles. Um tanto mais provável é a visão de que uma ***lua nova*** seja uma referência às festas religiosas associadas com o início de um novo mês lunar, embora o foco não seja a celebração autorizada pelo SENHOR, mas a sua contraparte corrompida do norte. Essa celebração mensal seria então a representação de toda a sua adoração religiosa, que era considerada pelo povo o meio de ser aceito por Deus e alcançar o alívio das dificuldades enfrentadas por eles. Oseias profetiza que o resultado seria o exato oposto. Toda a adoração maligna ***devorará***/"comerá" (para esse sentido do verbo veja em 7.7) tanto a eles mesmos quanto ***o seu patrimônio dividido*** ("suas porções"), isto é, o território designado para cada família quando a terra foi dividida entre as tribos. Longe de garantir a sua segurança, a sua religião rebelde e vil os levaria à ruina. A perspectiva é a da invasão do seu território no norte pela Assíria, o que no final levaria à total subjugação e consequente anexação.

REFLEXÃO

- "Seus feitos não permitem que eles retornem" (5.4) ilustra o espírito endurecido de uma pessoa ou comunidade que se entrega de maneira persistente a uma conduta pecaminosa. Aqueles que foram escravizados pelo pecado têm a consciência cauterizada (1Tm 4.2), o que os torna incapazes de apreciarem a enormidade do seu erro, de modo que eles "se apegam à ilusão" e "se recusam a retornar" (Jr

8.5). A única maneira de sair dessa situação é por meio da libertação divina, que livra da escravidão do pecado (cf. Jo 8.32; Rm 6.18), e pela transformação divina, pela qual Deus cria um novo coração e põe um novo espírito em nós (cf. Sl 51.10; Jr 31.33–34; Ez 36.26; 11.19–20).

- A proliferação de sacrifícios e a observância de cerimônias religiosas devem ser avaliadas pelo padrão de que "obedecer é melhor do que sacrificar" (1Sm 15.22). Isso não quer dizer que o sacrifício fosse em si mesmo errado, pois ele, na verdade, foi estabelecido por ordenança divina e essa ordenança permaneceu válida durante todo o período do Antigo Testamento. No entanto, a lei ritual foi dada ao povo como um meio de expressar a genuína lealdade do coração. Sem um comprometimento interior, a mera presença no santuário e a participação nas observâncias rituais era simplesmente um embuste. Era necessária fidelidade pactual evidenciada numa vida obediente às ordenanças de Deus para conferir verdadeiro sentido e significado à adoração estabelecida no tabernáculo e no templo.

(2) Guerras e beicismo (5.8–14)

Aqui, novamente, um marcador massorético e um imperativo introdutório indicam o início de uma nova seção. Nesse ponto há também uma transição temática para as metáforas militares e o escopo da profecia se expande para incluir o caos político e a instabilidade dos regimes nos últimos anos do reino do norte. As novas características nessa seção incluem a tensão e as escaramuças na fronteira entre Israel e Judá (5.8,10) e adicionalmente há também a primeira menção à Assíria (5.13). Essa é a Assíria de Tiglate-Pileser III, que subiu ao poder em 745 a.C. (veja *Introdução*, p. 16,17). No entanto, a ideia fundamental da seção anterior não é esquecida. Os problemas que são enfrentados eram, na sua raiz, espirituais. A atenção não é dirigida às particularidades da conduta errada deles, mas, em vez disso, a fala direta de Deus, que é encontrada ao longo de toda essa seção, adverte o norte e o sul igualmente sobre a gravidade das desgraças que estão para cair sobre eles, e declara que elas foram impostas pelo próprio SENHOR.

Embora os oráculos pareçam ter se originado em situações específicas, não temos mais informação contextual suficiente para determinar com

exatidão quais foram elas. O detalhe de Efraim enviar tributo para a Assíria (5.13) tem sido ligado com frequência ao pagamento feito pelo rei Oseias depois da morte de Peca em 732 a.C. (cf. a discussão da tese de Alt, abaixo). Contudo, circunstâncias ocorridas uma década antes fornecem um pano de fundo mais plausível na submissão de Menaém por volta de 743 a.C. (2Rs 15.19). Igualmente, a evidência de um atrito entre Judá e Israel (5.10) não precisa necessariamente ser relacionada aos acontecimentos da guerra siro-efraimita (cf. p. 18), mas a problemas anteriores ocorridos durante o reinado de Menaém. Conquanto a sequência e a datação dos acontecimentos nesse período seja tão confusa a ponto de tornar impossível fazer uma alusão com certeza, uma perspectiva cronológica mais ampla do ministério de Oseias também favorece uma data anterior.

Essa passagem começa com um dramático chamado para que as forças de defesa sejam reunidas por causa da ameaça de invasão (5.8–9). Então, torna-se claro que o SENHOR está por trás desse acontecimento por causa do seu juízo desfavorável acerca do comportamento tanto de Judá quanto de Israel (5.10–11). Embora o seu veredito tenha sido severo, o anúncio dele pretendia chocar tanto o norte quando sul para que houvesse uma tomada de consciência quanto à gravidade da situação, particularmente a insensatez de tentar buscar soluções numa aliança com a Assíria (5.12–14).

5.8 Soe uma corneta em Gibeá,
um trompete em Ramá!
Levante um grito [em] Bete-Áven,
"Atrás de você, Benjamim!"

Uma quebra pode ser com certeza identificada nesse ponto, quando a cena muda das celebrações religiosas vazias para a tensão militar. Mesmo assim, há uma ambiguidade em potencial no modo como esse versículo inicia. A ordem ***Soe uma corneta*** poderia muito ser a indicação de uma festa religiosa, como em "Soe a corneta na lua nova, na lua cheia, no nosso dia de festa" (Sl 81.3). Embora a referência à "lua nova" em 5.7 sugira que essas palavras podem ter sido inicialmente ouvidas como se fosse uma convocação, logo se torna claro que a corneta funciona como uma alerta militar para reunir a milícia local e para advertir a população a respeito de um ataque iminente. Em épocas de conflito era normal que aqueles que trabalhavam no campo deixassem suas plantações para pegar em armas.

Esses conscritos formavam o maior contingente dos exércitos nesse período.

As ordens que são dadas estão no plural, pois várias pessoas, possivelmente os vigias de todas as cidades mencionadas, são chamados a soar uma ***corneta*** de carneiro, um instrumento com uma amplitude musical limitada, ou um ***trompete***, feito de metal. Uma vez que ambos esses instrumentos podiam indicar perigo, seu uso inesperado poderia causar medo entre os cidadãos (cf. Am 3.6). A expressão ***levante um grito*** não deixa claro que tipo de grito é esse, mas um "grito de guerra"/"alarme" parece provável (cf. 1Sm 17.20; 2Cr 13.15), possivelmente para reunir os que tinham idade militar para a batalha.

São mencionados três lugares. Os dois primeiros estavam no território tradicional da tribo de Benjamim (cf. Js 18.28). O lugar preciso de ***Gibeá*** (cf. 9.9; 10.9) é objeto de discussão. Anteriormente ele era normalmente identificado sendo Tel el-Fûl, uma localidade 5 quilômetros ao norte de Jerusalém, mas mais recentemente Jaba´, 9 quilômetros a noroeste de Jerusalém, tem sido preferido (*ABD* 2:1007–08). ***Ramá*** estava provavelmente situada 7 quilômetros ao norte de Jerusalém. ***Bete-Áven*** já havia sido usada por Oseias como uma designação jocosa para Betel, por causa da sua negligência quanto ao culto (cf. 4.15), mas ela estava situada no território de Efraim. Muito provavelmente a referência aqui é à verdadeira Bete-Áven, localizada ao norte de Gibeá (Jaba´) e, portanto, 10 quilômetros ao norte de Jerusalém. Com base nisso, todas as três cidades estavam localizadas no território de Benjamim.

As palavras, ***atrás de você, Benjamim*** são prontamente entendidas como uma advertência a respeito de uma ameaça insuspeita na retaguarda. No entanto, as mesmas palavras são igualmente encontradas em Juízes 5.14, onde elas sugerem que certas tribos seguiriam Benjamim na batalha (cf. "Lidera, ó Benjamim", NIV), mas isso parece implausível aqui porque a tribo de Benjamim não possuía força militar suficiente para assumir o papel de liderança numa campanha contra o sul.

Há dois cenários em que essas palavras podem ser tomadas como incorporando uma advertência. (1) Em 1919, Albrecht Alt propôs que Gibeá (Tel el-Fûr), Ramá e Bete-Áven (Betel) representavam a linha de ataque das tropas de Judá que buscavam retomar o território na zona fronteiriça ao norte de Jerusalém (cf. Wolff 1974:111–112; Hubbard 1989:118–122). Essa área teria sido ocupada pelas forças israelitas durante

a guerra siro-efraimita. É, contudo, improvável que, mesmo que Samaria tivesse sido enfraquecida, Acaz tivesse feito alguma coisa para invadir o assentamento imposto pela Assíria na área depois de 732 a.C.

(2) Um incidente anterior parece ser uma conjectura mais plausível. Depois da divisão do reino com a morte de Salomão, a tribo de Benjamim permaneceu com o reino do sul (1Rs 12.21), mas uma vez que o seu território estava situado entre Israel e Judá, ele se tornou na verdade uma zona de escaramuças entre os dois, ficando sob o controle de um reino ou de outro segundo a prosperidade deles variasse. É de modo geral suposto que desde o início do século 8° Benjamim estava sob o controle de Israel, quando foi perdido por Amazias, rei de Judá, depois de ter precipitadamente desafiado Jeoás à batalha (cf. 2Rs 14.8–14). Se esse for o caso, então as palavras de Oseias podem ser entendidas como vindas do tempo de Menaém e para advertir que Judá, aproveitando-se da fraqueza e instabilidade prevalecente no norte (cf. 5.10), estava tentando retomar o território perdido.

5.9 Efraim se tornará uma desolação
no dia da correção;
entre as tribos de Israel
eu faço conhecido o que é certo.

Nessa seção, ***Efraim*** é distinguido de Judá e, por isso, aqui pela primeira vez uma advertência acerca do juízo iminente é primeiramente feita ao reino do norte. ***Desolação*** descreve a consternação que ocorreria com a devastação total da terra. ***Correção*** na expressão "dia da correção" (cf. Is 37.3) está associada a um verbo que significa "repreender", "punir" (cf. 4.4) e se refere à reprimenda e disciplina pactual pelo SENHOR (cf. Lv 26.18,28; Sl 50.8,21). Portanto, Efraim aqui não está sendo ameaçado com um juízo final aniquilador por meio da invasão assíria, mas com o início do processo de castigo divino. A situação deles ainda não é vista como inteiramente sem possibilidade de recuperação. Ainda será possível que aqueles que são punidos venham a reconhecer os seus erros e se arrependam. No entanto, se eles não se arrependerem, o SENHOR inevitavelmente passará a impor mais medidas punitivas (contrastar 5.12 com 5.14).

A antiga expressão ***as tribos de Israel*** alude ao estado anterior unido do povo da aliança. Assim, estão em vista todas as doze tribos (não apenas

as tribos do reino do norte) e isso está ligado à condenação da conduta de Judá que se segue. A imagem é da nação reunida como um só povo e toda ela sendo confrontada com a declaração ***eu faço conhecido*** (ou possivelmente o perfeito performático "Eu, por meio deste, torno conhecido"). Ninguém deveria se surpreender com o que iria acontecer porque isso é certo. As maldições da quebra da aliança haviam sido parte do que o senhor havia revelado desde os tempos de Moisés (cf. Lv 26.14–39; Dt 27.15–26; 28.15–68) e agora, por meio do profeta, ele declarou a sua intenção de impor essas sanções progressivamente sobre aqueles que violaram os compromissos pactuais.

5.10 Os líderes de Judá se tornaram
como aqueles que movem um marco de território;
sobre eles eu derramarei
como água a minha indignação.

A fala do SENHOR nos versículos que restam nessa seção pode ser analisada como consistindo de três estrofes (5.10; 5.11–12; 5.13–14), em que cada acusação contra o povo da aliança é seguida por uma ameaça divina expressa na primeira pessoa usando linguagem metafórica (cf. Good 1966:276–277). Nesse versículo, os dois primeiros versos constituem a acusação e os outros dois a ameaça resultante. Aqui ***os líderes de Judá*** (cf. 7.3) são ressaltados para repreensão. As classes governantes na terra (tanto no seu direito próprio, ou em nome de toda a população) são acusadas de se comportarem ***como aqueles que movem um marco de território***. Esse comportamento estava incluído nas lista de maldições solenes pronunciadas no monte Ebal: "Maldito seja qualquer um que mover o marco do limite do seu vizinho" (Dt 27.17; cf. Dt 19.14). Quando pessoas inescrupulosas tentavam aumentar o tamanho da propriedade que lhes havia sido destinada na divisão da terra, o seu avanço sobre a herança do seu vizinho violava a disposição de Deus das suas dádivas ao seu povo da aliança.

Mas qual é o propósito dessa acusação? Conquanto isso possa ser uma acusação de que os poderosos de Judá estavam se apropriando da terra dos seus irmãos menos influentes, Oseias não está preocupado com a justiça social dentro da comunidade (norte ou sul) nesse estágio da profecia. ***Como*** indica o uso de uma símile que estende a maldição contra uma pessoa em Deuteronômio a um nível internacional. A liderança de Judá é

acusada de anexar o território de Benjamim. Como foi argumentado acima (cf. 5.8), é implausível localizar esse acontecimento na década de 730 a.C. Uma década antes, no entanto, fornece um pano de fundo mais apropriado. O fato de serem vários líderes que são implicados nesse ato, e não o rei, indica uma ação não oficial realizada por aqueles que se aproveitaram da confusão interna em Israel para avançar sobre o território benjamita para aumentar os seus próprios territórios.

Qualquer que seja a natureza específica da conduta errada deles, o SENHOR desaprovou e foi levado à ***indignação*** (cf. 13.11), um termo que se refere a algo que transborda ou passa por cima. ***Como água*** não pretende transmitir uma imagem de um pequeno derramamento de um pote usado para carregar água, mas de uma inundação repentina, copiosa, que carrega tudo o que encontra pela frente (cf. Is 8.7–8). Desse mesmo modo impetuoso o inimigo carregará de Judá sua riqueza e seus recursos. ***Eu derramarei*** indica que o início iminente dessa torrente sobre o comportamento desviado da liderança de Judá será causado pelo SENHOR. Embora a descrição seja de um juízo severo, é um juízo que ainda não inclui a predição da queda total de Judá. Isso pode terse cumprido na guerra siro-efraimita (cf. 2Cr 28.5–7 e especialmente a declaração profética "o SENHOR, Deus de seus pais, estava irado contra Judá" em 2Cr 28.9) ou um pouco mais tarde por meio do tributo que a Assíria impôs a Judá (cf. 2Cr 28.20–21).

> 5.11 Efraim [está] oprimido, esmagado [em] julgamento, porque ele estava ávido para andar atrás da imundice.

Os versículos 11 e 12 podem ser lidos juntos como uma descrição do reino do norte (5.11) seguida da ação divina contra eles (5.12). Aqui não é o desvio de ***Efraim*** que está sendo retratado, mas as consequências que já se seguiram a ele. Embora a ausência de um verbo finito permita uma tradução no futuro (cf. NLT), o particípio passivo geralmente descreve uma condição existente. Além do mais, conquanto os particípios não especifiquem quem produziu esse estado de coisas, não há dúvida que é o veredito do SENHOR que foi imposto ao reino do norte. ***Oprimido*** (cf. "explorar" 12.7) e ***esmagado*** podem ser usados em relação ao desgoverno interno e à exploração (cf. Am 4.1), mas isso seria intensificado quando eles também tivessem que lidar com a tirania e crueldade de agressores estrangeiros (cf. 2Rs 15.19–20).

Porque apresenta a razão para o veredito do SENHOR para o desvio do povo que ***estava ávido para andar atrás da imundice***. "Andar atrás" sugere devoção religiosa (2.5,13) e "ávido" reflete a determinação da comunidade em perseverar nesse curso de ação que ela mesma escolheu. Contudo, não está claro qual objetivo eles estão perseguindo. O substantivo hebraico (*ṣaw*) ocorre além daqui apenas em Isaías 28.10,13, onde ele pode ser entendido tanto como um "preceito" quanto como o som de zombaria. Nessa passagem, três opções foram propostas: (1) "preceito" como em Isaías 28, tomado no sentido de uma mera ordem humana, aqui os éditos reais que estabeleceram o culto alternativo no norte; (2) "imundice" (Vulgata, ESV), uma referência desdenhosa a uma deidade pagã; (3) como uma forma corrompida de um substantivo "vazio" ou "vaidade", também usado para descrever um ídolo (cf. Sl 31.7; Jr 18.15). Está claro que, independentemente do sentido adotado para esse substantivo, a raiz do desvio de Efraim é a falsa adoração dos bezerros de ouro.

5.12 Porém, eu [sou] como uma traça para Efraim,
e como a decomposição para a casa de Judá.

Deixando a situação que prevalecia em Efraim, o SENHOR emprega duas notáveis símiles para si mesmo descrevendo-se como o verdadeiro adversário do que estava acontecendo na terra. Ambas as comparações indicam que haverá um desenvolvimento na intensidade da sua ação. Isso talvez não seja percebido absolutamente no presente, ou desconsiderado como sem importância, mas o SENHOR agirá sem falta ou concessão para impor a sua punição a menos que eles se arrependam.

Em cláusulas desse tipo o suplemento verbal requerido na tradução fica a juízo do tradutor, sendo que as versões-padrão adotam o tempo presente ou futuro. Em vez de ***traça*** alguns identificam o sentido homônimo "vermes" (NRSV), ou o "pus" de uma ferida aberta, como sendo os sentidos que mais se alinham com o paralelismo e também com o contexto militar estabelecido pelos imperativos introdutórios; mas "traça" é atestado em outros lugares como um sentido desse termo (Jó 13.28; Is 51.8). A traça de roupa era uma das maiores pragas do mundo antigo, silenciosamente e continuamente devorando as vestes. Com um suplemento no tempo presente, a referência é ao que o SENHOR já fez. As tensões que já haviam aparecido na terra haviam feito com que ela se desintegrasse internamente.

Porém, os buracos que apareceram nas vestes de Efraim aumentariam em número e tamanho quando a Assíria anexasse a maior parte do seu território – e finalmente não sobraria nenhuma roupa.

Não apenas o norte vivenciaria o castigo do SENHOR. Numa imagem de deterioração gradual, progressiva e inevitável, o SENHOR se compara à ***decomposição***, que pode se referir a um ataque externo por uma infecção bacteriana, ou pode ser uma devastação interna (cf. "decomposição/apodrecimento dos seus ossos"; Pv 12.4). Isso pode muito bem ser a descrição do que aconteceu no reinado de Jotão, com os ataques a Judá de Arão e de Peca (2Rs 15.37), possivelmente iniciados no tempo em que ele dominava apenas Gileade. Esses ataques foram intensificados no início do reinado de Acaz (2Cr 28.5–8,17–18).

5.13 E Efraim viu a sua doença;
e Judá a sua ferida;
então, Efraim foi para Assíria
e mandou para o rei de Jarebe.
Mas ele é incapaz de curar vocês
e ele não sarará sua ferida.

Esse versículo e o seguinte também formam um par. ***Doença*** é uma palavra para enfermidade em geral, embora possa se referir a uma ferida. Uma ***ferida*** era um ferimento aberto e infectado que exsudava pus (Jr 30.13). Assim, havia ali uma condição enfraquecedora que era uma ameaça potencial à vida e que requeria atenção imediata. Isso era tão óbvio que ambos os reinos reconheciam a sua condição debilitada, mas nenhum deles se dirigiu ao lugar certo para buscar a cura. Em vez de retornar em arrependimento a Deus, ***Efraim foi para a Assíria***. A frase indica a aceitação da posição de vassalo e provavelmente indica o pagamento feito por Menaém a Tiglate-Pileser na sua primeira campanha na Síria-Palestina em 743 a.C. Então, "Para que a sua mão esteja com ele para fortalecer o seu domínio sobre reino debaixo da sua mão" (2Rs 15.19) pode envolver mais do que o reconhecimento de Menaém pela Assíria como seu vassalo. Isso provavelmente indica que havia outras ameaças ao seu regime, possivelmente de Peca em Gileade.

A frase ***mandou para o rei de Jarebe*** contém duas dificuldades: a identidade do sujeito do verbo e a identidade do rei de Jarebe. O tratamento semelhante de Efraim e de Judá nos versos anteriores tem levado alguns comentaristas a concluir que o sujeito singular de "mandou" é Judá, em

referência à ação de Acaz (2Rs 16.7–9), embora uma possibilidade até mesmo anterior também exista (cf. p. 17). No entanto, é mais provável que Oseias esteja descrevendo apenas o que Efraim fez em 743 a.C. ***Mandou*** seria uma referência à primeira vez que Tiglate-Pileser foi procurado para ajuda com um presente apropriado – a Assíria não fornecia qualquer ajuda de graça.

Não existe qualquer registro de um rei Jarebe. Talvez Jarebe deva ser traduzido como "ele contenderá" e visto como uma sinistra referência ao belicoso rei da Assíria. Contudo, uma hipótese mais viável é dividir novamente as consoantes de *melek yārēb*, "rei Jarebe", e ler "Grande Rei" (*malki rāb*, em que o adjetivo é o mesmo usado para salomão no aramaico de Ed 5.11) que poderia ser uma expressão comum no norte para se referir ao imperador assírio. O domínio do Grande Rei se estenderia a reinos dominados por figuras menos importantes, que também eram conhecidos como "reis" pelos seus súditos e, portanto, havia a necessidade de um epíteto para distinguir um imperador.

Mas ele é um contraste enfático, que ressalta a discrepância entre as alegações incorporadas pelo título de Tiglate-Pileser e o que ele de fato poderia fazer com respeito à ***ferida***. É a mesma palavra usada anteriormente no versículo, mas agora ela descreve a condição de Israel. A metáfora implica um profundo abcesso que precisa ser limpo, que representa a condição da terra, especialmente a espiritualidade. Isso estava além da capacidade de qualquer médico humano ou monarca ***curar*** ou ***sarar*** (essa segunda palavra ocorre somente aqui, mas o seu sentido é estabelecido pelo paralelismo com "curar"). A mudança da terceira pessoa para o discurso direto, visto em ***vocês***, é um característica estilística reconhecida da língua hebraica (cf. 6.5; GKC §114p). O pronome está no plural e se refere às pessoas no público de Oseias. Qualquer que fosse a panaceia que eles pensassem que a Assíria tivesse era uma ilusão. A afirmação de que qualquer expediente humano seria incapaz de solucionar a fraqueza do regime ou de lidar com os problemas criados pela delinquência do coração das pessoas prepara o caminho para 6.1.

5.14 Pois eu [serei] como leão para Efraim
e como um leão jovem para a casa de Judá.
Eu, eu mesmo, [sou aquele que] despedaçará e irá [embora];
eu levarei à força e não [haverá] quem possa salvar.

Pois introduz a razão pela qual os apelos à Assíria seriam ineficazes. Embora Tiglate-Pileser fosse um poderoso monarca, mesmo assim ele era apenas um instrumento nas mãos de Deus. As questões de Israel estavam debaixo do governo soberano do SENHOR e enquanto eles continuassem a desafiá-lo, eles se encontrariam confrontados pelo seu poder e determinação de puni-los.

O acréscimo de ***serei*** é sugerido pelos verbos posteriores no versículo. Chegará um tempo em que o Senhor evoluirá da sua política de disciplina gradual do povo (5.12) para uma ação mais repentina e feroz ***como leão*** e ***como um leão jovem*** (cf. Pv 30.30). Dois outros termos para leão são usados em referência a Deus em 11.10 e 13.8. Um leão jovem não deve ser considerado um filhote de leão. Embora não completamente crescido, ele já era forte o suficiente para caçar sua presa. Os relevos que adornavam as paredes dos palácios do rei da Assíria normalmente retratavam-os mostrando a sua força e coragem caçando leões, mas o SENHOR é o leão que ninguém pode vencer. Agora não mais os dois reinos enfrentariam o lento declínio causado pelas traças e degradação; em vez disso, eles serão confrontados com a ferocidade de um ataque repentino.

Em ***Eu, eu mesmo, [sou aquele que]*** o uso enfático de "eu" é fortalecido pela repetição do pronome. Não pode haver confusão sobre quem realmente está no controle do cenário da política internacional. Nenhum dos dois reinos deve estar tão associado com a ameaça visível representada pelo rei da Assíria e se esquecer do fato de que o que virá sobre eles é imposto por ninguém menos do que o próprio SENHOR, que como o rei da aliança controla todas as coisas relacionadas ao seu povo transviado e ingrato (cf. Lv 26.22; Dt 32.24). Ele ***despedaçaráe irá embora***. O resultado é apresentado com o prospecto de desgraça: um ataque selvagem seguido pelo abandono. Mais do que isso, ***eu carregarei para fora***/"levantarei" repete o uso do verbo encontrado em 1.5 com respeito à deportação de Israel da sua terra. Não está em vista aqui apenas o enfraquecimento por um ataque devastador, mas o exílio porque os SENHOR os carregará para fora da terra. ***Não haverá quem possa salvar***. "Salvar" é o mesmo verbo "remover" (2.9). Não haverá quem poderá libertá-los com eficácia das garras do leão divino (cf. 2.10) que carregou a presa estropiada para fora da terra.

Essa profecia foi cumprida em duas ocasiões quando o SENHOR agiu por meio da instrumentalidade dos assírios e, em ambos os episódios, os

habitantes do reino do norte foram retirados à força da sua terra. Foi registrado acerca da invasão de 733 a.C. que Tiglate-Pileser "deportou o povo para Assíria" (2Rs 15.29) e uma nova remoção ocorreu depois da queda de Samaria, quando o rei da Assíria "deportou os israelitas para a Assíria" (2Rs 17.6). Pensar apenas na primeira dessas deportações faz diferença na interpretação do texto que se segue (veja abaixo), mas, de fato, a predição antecipa ambos os acontecimentos.

REFLEXÃO

- Tensão e guerra costumeiramente caracterizavam o relacionamento entre os dois reinos que ostensivamente adoravam o mesmo Deus. Essa rivalidade mutuamente destrutiva não ficou confinada ao povo de Deus no tempo do Antigo Testamento, mas ainda continua a prejudicar e enfraquecer a igreja (cf. 1Co 6.1–8). Paulo adverte os gálatas "se vocês continuam a morder e devorar uns aos outros, tenham cuidado para não serem consumidos uns pelos outros" (Gl 5.15). O amor fraternal é a marca do verdadeiro cristianismo, porque aquele que não ama o seu irmão ainda anda nas trevas (cf. 1Jo 2.9–11). E é imperativo manter essa atitude espiritual (cf. Hb 13.1; 1Pe 1.22) e isso só pode ser alcançado pelo reconhecimento dele como o requerimento básico do próprio SENHOR e a característica intrínseca da semelhança a ele (Jo 13.34).
- Nessa passagem há uma progressão da intensidade na queixa divina. Quando a admoestação mais branda de 5.12 não alcança o seu objetivo, uma punição severa toma o seu lugar quando o SENHOR avança contra o seu povo como um leão. Há uma constante necessidade de entender a disciplina dos filhos pelo Pai e respeitar as advertências que ele faz antes que a situação se deteriore ainda mais (cf. Hb 12.5–11). Nesse período, o rei Acaz fornece um exemplo de alguém que interpretou mal as admoestações de Deus. "No tempo da sua angústia, ele tornou-se ainda mais infiel ao SENHOR (2Cr 28.22; cf. Is 7.11–13). Ignorar os problemas graves não os resolve; isso pode, na verdade, levar a uma catástrofe mais intensa. Precisamos de que nos seja dada uma percepção espiritual para vermos nossa situação como ela verdadeiramente é.
- Se soubéssemos da comparação de Deus com uma traça ou com a decomposição e não conhecêssemos 5.12, concluiríamos que essa

poderia muito ser a elaboração de um teólogo de vanguarda. No entanto, essa linguagem incomum e surpreendente nos lembra que as palavras humanas nunca podem representar apropriadamente a realidade divina e, por isso, é importante lembrar que Deus despedaça as noções confortáveis que temos a respeito do seu caráter (cf. Hb 12.29).

- Judá também descobriria mediante amarga experiência que as tentativas de buscar uma solução humana para um problema espiritual estão destinadas a fracassar (cf. 5.13). Quando Acaz pediu a ajuda da Assíria e pagou tributo a ela, Tiglate-Pileser "veio contra ele e o feriu em vez de o fortalecer" (2Cr 28.20). O triste veredito sobre a diplomacia de Acaz foi que "ela não o ajudou" (2Cr 28.21). Isso serve como uma advertência tanto para as pessoas como para as comunidades da inadequação das soluções buscadas para os problemas da vida que não levam em conta a dimensão divina e não recomendam um relacionamento reto com Deus (cf. Jr 2.13; 17.13; Lk 12.20–21). O erro é normalmente pensar que os nossos problemas surgem das circunstâncias econômicas e de ameaças externas. Nossos problemas normalmente surgem do que nós somos, especialmente em relação a Deus – e a esse respeito apenas ele é capaz de fornecer uma solução.

C. PENITÊNCIA? (5.15–6.3)

Com frequência Oseias estrutura o seu material sem uma clara demarcação das divisões e, por isso, se torna extremamente difícil decidir exatamente onde um tema termina e outro começa. "Não haverá quem possa salvar" (5.14) confere uma nota de finalidade. Se fosse meramente a deportação de 733 a.C. que estava em vista em 5.14, então essa seção deve ser entendida como a apresentação de um prospecto gracioso para evitar o juízo se apenas o remanescente deixado em Samaria respondesse à disciplina divina com arrependimento. No entanto, a forte imagem de um leão carregando a carcaça da sua presa (5.14) não deixa qualquer espaço para a ideia de uma sobrevivência nacional, e a percepção da nação como morta é reforçada por "reviver" (6.2), que tem em vista uma revivificação em vez da recuperação de uma doença séria. O período do tempo da visão de Oseias nessa seção deve ser entendida como sendo depois da queda de Samaria, quando a nação como um todo estava no exílio. No entanto,

mesmo então há o prospecto de alívio além da imposição do castigo. Isso apresenta o tema do arrependimento que deveria acontecer quando o impacto da disciplina divina se tornasse efetiva.

Além do mais, a interpretação dessa seção varia de acordo com o significado atribuído a 6.1–3. Conquanto esses versículos sejam relativamente otimistas quanto ao tom, há um debate sobre se eles retratam o profeta conclamando o povo a imitá-lo numa oração de arrependimento, ou se eles registram a tentativa inconsequente do povo de resolver o problema buscando a renovação do seu relacionamento com Deus. A última interpretação se ajusta melhor no contexto da última década do reino do norte do que a última perspectiva adotada aqui.

(1) A retirada do SENHOR (5.15)

Nesse versículo de transição ocorre novamente o tema da retirada do Senhor de entre o povo causando uma ausência da sua bênção (2.9; 3.3–4; 5.6). No entanto, isso agora se torna mais devastador do que a simples perda da colheita ou o vazio espiritual quando a nação praticava o culto. Eles estavam cativos numa terra estranha, privados das bênçãos da identidade nacional e sendo explorados. A retirada divina não era, obviamente, absoluta: Deus não havia desistido de governar os céus e a terra. É apenas um modo de falar para indicar que ele punitivamente retiraria o seu favor. Isso levou inevitavelmente a um aumento das dificuldades e do sofrimento do povo, mas no meio deles e por meio dessa privação e miséria, Deus ainda estava agindo. Seu controle moldou os acontecimentos para induzi-los a uma maior consciência espiritual.

> 5.15 Eu vou [embora]; deixe-me voltar para o meu lugar
> até que eles reconheçam a sua culpa e busquem a minha face.
> Na sua aflição eles sinceramente procurarão por mim.

Eu vou embora retoma o "Eu… sou aquele que … irá embora" do versículo anterior, mas isso em si mesmo não implica que o versículo deva ser tomado apenas com o antecedente. Como uma afirmação de transição, ela também possui uma ligação com o que se segue. Depois do ataque feroz vivenciado por Israel, haverá um período de tempo em que o SENHOR os abandonará para que eles caiam em si a respeito da situação em que se encontram (3.4). A ideia principal é expressada pelo segundo verbo, ***deixe-me voltar para o meu lugar*** (com "voltar" [*šûb*] antecipando 6.1),

possivelmente para o Templo de Jerusalém (não os corruptos lugares sagrados do norte), mas mais provavelmente nesse oráculo destinado ao reino do norte, Deus retornará ao seu trono celeste, do qual o Templo era apenas uma extensão terrena (cf. Is 26.21; Jr 7.12; Mq 1.3). A metáfora do versículo anterior talvez continue a ser sentida: depois do ataque, o leão volta para a sua toca.

Depois, à distância (cf. Sl 14.2; Is 18.4) Deus os observará, sem intervir nem para o bem nem para o mal enquanto ele aguarda o resultado esperado, que é ***até que eles reconheçam a sua culpa*** (*ʾāšam*). Esse verbo com frequência tem o sentido de "sofrer a penalidade devida pelo crime" (cf. 10.2; 13.16). Nesse caso, há aqui uma predição de que depois da imposição do castigo o povo recuperará a consciência espiritual e assim eles buscarão restabelecer um relacionamento íntimo com o SENHOR. No entanto, a maioria das traduções entende esse verbo como envolvendo uma admissão de culpa, presumivelmente porque isso seria um precursor de ***busquem a minha face*** (cf. 3.5; 5.6; cf. Sl 24.6; 27.8), desejando verdadeiramente uma renovada comunhão com o SENHOR nos termos dele. Esse uso do termo ocorre nas regulamentações para a oferta pela culpa quando uma pessoa que "pecou e tem consciência da sua culpa" (Lv 6.4) é orientada a como encontrar o perdão por meio da compensação daqueles que ela defraudou e também por meio do oferecimento do sacrifício estabelecido na lei.

Na sua aflição, angústia causada pelas circunstâncias adversas, é uma expressão emprestada de Deuteronômio para definir a característica básica do programa pactual de recuperação espiritual. Moisés imaginou que por causa da sua rebelião o povo seria banido da sua terra e iria para o exílio entre as nações. Ele, então, predisse "E ali vocês buscarão o SENHOR, o Deus de vocês, e o encontrarão, se o buscarem de todo o coração e de toda a alma. *Na sua aflição*, e quando todas essas coisas acontecerem com vocês nos últimos dias, vocês retornarão para o SENHOR, o Deus de vocês, e obedecerão à voz dele" (Dt 4.29–30). ***Sinceramente me buscarão*** (cf. Jó 24.5; Pv 1.28) não são as mesmas palavras de 5.6, mas transmite o tema da necessidade de uma abordagem correta ao SENHOR. Isso indica que eles iniciarão uma busca completa e com plena disposição para renovar o seu relacionamento com Deus (cf. Sl 63.1; 78.34; Is 26.9). Não há indicação de quando isso acontecerá, se depois do exílio ou sob o governo messiânico (3.5).

REFLEXÃO

- O último estágio da ação do SENHOR em relação ao seu povo ocorre quando ele os abandona às suas próprias escolhas para que eles vivenciem as plenas consequências da sua rebeldia e obstinada recusa de responder às suas misericordiosas ofertas. "Mas o meu povo não escutou a minha voz; Israel não se submeteria a mim. Por isso, eu os entreguei ao seu coração teimoso, para seguirem seus próprios planos" (Sl 81.11–12; cf. Ez 20.39). É possível que um processo disciplinar semelhante estivesse em vista quando Paulo entregou Himeneu e Alexandre "para Satanás, para que eles aprendam a não blasfemar" (1Tm 1.20).
- Ao lidar com o seu povo, o SENHOR estabelece um limite no derramamento da sua ira (Is 54.8). A sua disciplina atinge o seu propósito quando o pecador retorna para Deus arrependido por causa da severidade do que ele impôs a eles. "Ó, SENHOR, na aflição eles te buscaram; eles derramaram uma [oração] sussurrada [quando] o teu castigo estava sobre eles" (Is 26.16; cf. Sl 50.15; 78.34; Is 26.9). Um notável exemplo no Antigo Testamento de alguém que foi levado pela aflição a se humilhar diante do SENHOR é Manassés (2Cr 33.12–13).

(2) Uma exortação ao retorno (6.1–3)

Se as palavras de 6.1–3 forem entendidas como um relato da exortação que o povo fez a si mesmo, pergunta que naturalmente surge disso é se essas palavras são verdadeiras ou não. A rejeição de Efraim e de Judá em 6.4 sugere para muitos que essa fala, que deve ser atribuída ao público de Oseias, é imperfeita e inadequada. A deficiência mais importante é frequentemente identificada como uma falta de confissão de pecado ou contrição pelos erros deles, e uma comparação não favorável é feita com 14.1–3. Embora o povo soubesse que eles estavam sofrendo, e assim buscassem o alívio no SENHOR, é argumentado que eles ainda não haviam compreendido a gravidade da ofensa e que, portanto, iam com um espírito um tanto irreverente e superficial (como a nuvem da manhã ou o orvalho mencionados em 6.4), esperando que o SENHOR mudasse a sua disposição a respeito deles tão prontamente e automaticamente como um dia amanhece e as estações mudam (cf. GNB). Essa atitude presunçosa

explicaria, então, a exasperada rejeição do SENHOR da resposta superficial deles em 6.4–6.

Por outro lado, conquanto a leitura da passagem como um resposta inadequada seja uma abordagem plausível, muitas características dos versículos anteriores ressoam nessa exortação, e isso sugere que esse não era um curso de ação que o povo havia formulado, mas uma proposta que o profeta havia feito a eles que, à luz da sua mensagem, eles deveriam se conduzir dessa maneira. Uma abordagem semelhante, mas menos provável, é a encontrada na NRSV, que segue a Septuaginta (e também a Peshita e o Targum; veja *Introdução*, p. 24) que apresenta "dizendo" entre 5.15 e 6.1 para indicar que essas palavras são a expressão direta da reação que o SENHOR está esperando do seu povo. Em qualquer uma dessas interpretações, as palavras expressam genuínos sentimentos de arrependimento com as quais as pessoas estão sinceramente exortando umas às outras a buscarem o SENHOR. Se essa abordagem havia sido adotada antes que Samaria tivesse sido finalmente dominada, a catástrofe teria sido evitada, mas o conselho do profeta caiu em ouvidos surdos. A única possibilidade que havia para a sua implementação seria então depois da imposição do juízo.

Além do mais, se for adotada a análise de que em todo o livro de Oseias há uma repetida progressão temática da acusação passando para o castigo e passando para a futura bênção (veja *Introdução*, p. 25), então essa divisão da profecia se encerraria com uma nota positiva, muito embora ela ainda não alcance as alturas vistas em outros lugares. Nesse entendimento, a rejeição da conduta do povo pelo SENHOR como registrada em 6.4–6 não ocorre por causa da insinceridade do que foi dito em 6.1–3, mas por causa do fato de que essas palavras, ou palavras semelhantes a essas, nunca foram ditas. Portanto, considerando tudo isso, é mais apropriado assumir esses versículos como incorporando um exemplo proposto por Oseias para o povo, mas que não foi imediatamente adotado por eles.

6.1 "Venham e retornemos para o SENHOR,
pois [é] ele [quem] nos dilacerou, de modo que ele possa nos curar,
ele nos golpeou de modo que ele possa nos enfaixar."

Venham é o mesmo verbo de "Efraim foi para Assíria" (5.13), e usado na *ida* do SENHOR para o seu lugar (5.15), mas aqui a exortação tem como

seu resultado esperado que ***retornemos para o SENHOR*** (cf. 14.1). A única solução para a situação deles está nas mãos daquele que a havia imposto. Além do mais, embora o SENHOR tenha deixado o seu povo, essa foi a reação dele ao fato de eles terem antes disso deixado o SENHOR e "retornar"/"voltar-se" (*šûb*, cf. 2.7; 14.1) aponta para o arrependimento que eles devem demonstrar ao SENHOR se eles querem desfrutar novamente de comunhão com ele. O uso do nome pessoal do SENHOR e não o termo mais geral Deus, claramente orienta os pensamentos deles dos ídolos pagãos para o verdadeiro e vivo Rei da aliança. Eles estão sendo exortados a colocar as suas esperanças acerca do futuro em estarem num relacionamento correto com ele, de modo que a compaixão e o comprometimento de Deus em relação a eles – e não a própria competência e o senso de valor deles – determinem seu destino.

Pois introduz a motivo pelo qual esse curso de ação deve ser adotado. O enfático ***ele*** mostra para o povo que eles deveriam reconhecer a capacidade do SENHOR de intervir nas suas circunstâncias e o efetivo controle que ele tinha sobre eles. ***Nos dilacerou*** é o mesmo verbo que descreve o ataque do SENHOR como um leão (5.14) e o tempo passado indica que essa experiência já havia ocorrido no tempo que essas palavras seriam pronunciadas. Eles deveriam reconhecer que a calamidade que se abateu sobre a sua nação foi enviada por Deus com um propósito. ***Curar*** indica o tratamento que SENHOR pode fornecer, um remédio que não poderia ser encontrado nos recursos terrenos, tais como o imperador da Assíria (5.13). O golpe indicado por ***golpeou*** pode ter sido fatal (cf. Êx 2.12) ou não (cf. Êx 2.11,13). Ele é unido aqui a ***enfaixar***, que é feito para cuidar de um ferimento (cf. Is 61.1; Ez 30.21) e isso sugere um ferimento grave, mas não fatal. ***Nos*** identifica o profeta com o povo no que é um apelo terno e compassivo. Oseias reconhece que o SENHOR impôs a maldição da aliança sobre o povo quando os castigou com golpes severos, mas ***de modo que*** mostra que o seu objetivo havia sido o de que por meio desse processo eles poderiam ser restaurados. Apesar de tudo o que eles haviam sofrido, ainda há o potencial da sua graça reviver e restabelecer o vínculo da aliança se apenas eles responderem às suas súplicas e o reconhecerem.

6.2 "Eles nos reviverá depois de dois dias;
no terceiro dia ele nos levantará,
e nós viveremos diante dele."

Embora ***reviverá*** possa transmitir a ideia de preservação da vida daquele que está fraco ou doente (cf. Jz 15.19; Is 38.9) e então a nação seria vista como estando a ponto de morrer, o termo também é usado para restaurar à vida alguém que morreu (cf. 1Rs 17.22; 2Rs 13.21). Isso é mais apropriado nesse contexto, em que o leão atacou a sua presa, carregou-a para a sua caverna e não há quem a possa resgatar (5.14). Não há necessidade de dizer que a situação aqui é irrecuperável. Aqui, contudo, Oseias coloca diante do povo um prospecto que se estende para além do que humanamente pareceria final, e invoca um período ainda mais distante de renovação. Alguns estudiosos interpretam isso à luz da ênfase na ressurreição dos mortos no ciclo agrícola sazonal que era o foco dos cultos de fertilidade cananeus, porém essa hipótese parece improvável num profeta que era tão anticananeu quanto Oseias. Muitos tomam isso como a recuperação da saúde depois de uma doença grave, mas isso também deixa de fazer justiça à finalidade da descrição anterior. A abordagem mais satisfatória é que essa é uma linguagem pactual. "Vida" é o desfrute do favor do Soberano da aliança e "morte" é a retirada do seu favor. A nação como tal morre quando, por causa do seu pecado, o SENHOR se retira dela e se recusa a tratá-la como se fosse sua. Mas esse não precisa ser o fim da história. O que acontece a seguir depende da ação do soberano que foi ofendido (Wijngaards 1967) e aqui o Deus da aliança é aquele que declarou, "Eu [sou aquele] que mata e faço viver; eu firo e [sou aquele que] que cura" (Dt 32.39). É nessa afirmação que eles são exortados a colocar a fé.

Depois de dois dias antecipa o que acontecerá ***no terceiro dia***. Esse recurso retórico não está necessariamente estabelecendo um cronograma preciso, mas usando um paralelismo poético duplo para expressar a ideia de um curto período de tempo, que não é diferente do nosso "em dois ou três dias", indicando a rapidez do término de um episódio. ***Ele nos levantará*** se refere ao restabelecimento do vigor e da vitalidade da nação quando o SENHOR fizer brilhar a luz do seu semblante sobre eles e conferir nova vida a eles.

E nós viveremos diante dele. O resultado da ação do SENHOR ao erguê-los do túmulo em que a nação se encontra será a restauração do que é a verdadeira vida, desfrute da bênção e do relacionamento pactual (Dt 8.1; 16.20; 30.18; Am 5.14). "Diante dele" é literalmente "na sua face" e pode ser que o seu sentido literal seja, pelo menos em parte, pretendido de modo

a refletir o desejo de que eles "busquem a minha face" (5.15). Ela certamente contém a ideia de viver em harmonia com a vontade dele e o desfrute das suas bênçãos (cf. Gn 17.18; At 23.1).

A oração que Oseias está aqui ensinando ao povo faz com que surjam duas perguntas. (1) Isso reflete uma crença na vida depois da morte para as pessoas? (2) Como "no terceiro dia" se relaciona com a ressurreição de Jesus?

(1) Embora muitos estudiosos questionem a existência de uma crença na ressurreição pessoal em Israel nos dias de Oseias, essa visão ainda está longe de estar provada. A linguagem de uma "ressurreição" nacional é certamente mais acessível se houver antes crença na ressurreição pessoal, e há muitas passagens no Antigo Testamento que apontam para uma existência *post mortem* (p. ex., Jó 14.7–14; 19.23–27; Sl 16.9–10; 17.14–15; 49.14–15; 73.24; Pv 12.28) (cf. Kaiser 1978:180–181). Mesmo assim, embora a vida depois da morte fosse antecipada como uma provisão de Deus para o seu povo como pessoas e, assim, fornecia uma base para essa descrição da restauração da vida pactual para a nação ressuscitada, é improvável que o profeta esteja aqui diretamente ensinando acerca do destino das pessoas. Tanto ele quanto os seus contemporâneos teriam compreendido as suas palavras como indicando uma experiência coletiva, em vez de individual.

(2) No entanto, essa perspectiva é expandida significativamente no ensino do Novo Testamento. Oseias 6.2 é com frequência considerada ser a passagem referida por Paulo quando ele cita o testemunho antigo acerca da essência da fé cristã: "ele foi ressuscitado no terceiro dia de acordo com as Escrituras" (1Co 15.4). A conexão entre a citação de Paulo e essa passagem é muito controvertida, mas se a frase "de acordo com as Escrituras" simplesmente qualifica o lapso de tempo "no terceiro dia" e não for tomada com a cláusula como um todo referindo-se à ressurreição, então não há qualquer outra passagem com a qual essa alusão possa ser prontamente ligada.

É provável que "no terceiro dia" reflita um tema encontrado ao longo de todo o Antigo Testamento. Deus apareceu a Israel no monte Sinai no terceiro dia (Êx 19.10–16). O terceiro dia é apresentado como o dia crucial para a tomada de uma decisão (1Rs 12.12; Et 4.16; 5.1), de cura e sacrifício (Lv 7.17–18; 19.6–7; Nm 19.12,19–20). Foi também o dia da recuperação de Ezequias (2Rs 20.8) e da libertação de Jonas (Jn 1.17).

Além do mais, Jesus repetidamente enfatiza a sua ressurreição no terceiro dia: "o Filho do Homem… será ressuscitado no terceiro dia" (Mt 17.22–23; cf. Mt 12.40; Mc 8.31; 10.34; Jo 2.19–22). Em particular, ela é documentada como parte do seu ensino depois de ressurreto aos discípulos de que, "o Cristo deveria sofrer e no terceiro dia ressuscitaria dos mortos" (Lc 24.46; cf. também Lc 24.21,27). "Se essa passagem de Oseias é de fato o que está na base desse ensino, então uma predição que ostensivamente dizia respeito à restauração de *Israel* foi agora aplicada por Jesus a sua *própria* ressurreição" (Walker 2000:107). Como uma característica essencial da continuidade entre o modo como o SENHOR lida com Israel e com Aquele que se identificou com Israel e veio como aquele que carregaria o pecado deles, o horizonte último da passagem é, então, de fato, a ressurreição individual de todos os que estão em Cristo e que assim são incorporados ao novo Israel do povo de Deus.

6.3 "E conheçamos – nos esforcemos para conhecer o SENHOR.
Tão certo quanto a alva [é] a sua vinda,
e ele virá como chuva para nós –
como chuva da primavera [que] rega a terra."

E conheçamos apresenta uma exortação que se segue logicamente da expressão anterior de esperança. "Conheçamos" é usado no mesmo sentido comum em Oseias de um reconhecimento fiel do Rei da aliança (cf. 4.1; Jr 31.34). Talvez ele ressoe e reverta a condição descrita em 5.4. ***Nos esforcemos*** indica uma "procura" entusiasmada e incessante do SENHOR, bem como uma admissão de que o alvo ainda não foi alcançado e que ele requer propósito e esforço para ser bem-sucedido. Isso contrasta com a procura dos baalins anteriormente (2.7) e não é uma questão de mera sobrevivência, mas de harmonia e comunhão espiritual, que é alcançada coletivamente com base no arrependimento e restauração pessoal.

Eles são assegurados de que serão bem-sucedidos em seus esforços porque o caráter do SENHOR não muda. A expressão ***a sua vinda*** emprega o termo que descreve o levantar do sol (Sl 19.6) e aponta para algo que é tão regular e certo quanto ***a alva*** (cf. Is 58.8; Ml 4.2). Aqui ela reflete a intervenção do SENHOR na História quando ele impõe a sua vontade sobre todas as coisas na terra. A sua vinda traz benefícios na sua esteira. ***Chuva*** é um termo geral para chuva, e a metáfora combina as ideias de regularidade e refrigério (cf. Dt 32.2). É essa última ideia que é

especialmente ressaltada por ***como a chuva da primavera***, que cai entre março e abril, amadurecendo as plantações e assegurando uma colheita abundante (cf. Jl 2.23). O desejo de chuva aqui reflete possivelmente a seca que a terra estava vivenciando (2.12; 4.3) e o uso desses fenômenos agrícolas e naturais é uma rejeição virtual do ponto de vista do culto cananeu. O gozo das bênçãos é o resultado quando há verdadeira submissão ao único Rei da aliança.

REFLEXÃO

- Um dos motivos por que o povo do norte desconsiderou a mensagem de Oseias e não fez uso imediato desse modelo de oração que ele apresentou a eles foi a confiança de que eles poderiam enfrentar tudo sozinhos desenvolvendo estratégias que os ajudassem a aliviar as suas aflições (5.13). Outro aspecto da recusa deles foi que não consideravam que o chamado para "retornar" (6.1) se aplicava a eles, pois eles não reconheciam que haviam verdadeiramente deixado o SENHOR. Eles haviam se esquecido do que envolvia um relacionamento reto com Deus e, na sua cegueira espiritual, eles se tornaram insensíveis ao fato de que haviam se afastado tanto de Deus, que não conseguiam ver a necessidade de se arrepender e retornar. É apenas por meio da verdadeira sabedoria concedida por Deus que a vara do seu castigo e quem a aponta são verdadeiramente percebidos (cf. Mq 6.9). Então, a consciência da separação de Deus induz a um verdadeiro arrependimento (cf. 1Rs 8.47; Jr 31.19; Ez 18.28; Lc 15.17).
- Quando o povo se torna consciente da sua necessidade, o seu desejo de um verdadeiro relacionamento com o SENHOR é expresso em termos de conhecê-lo (6.3). Isso vai muito além do mero conhecimento do seu caráter e dos seus propósitos revelados na Escritura para incluir uma resposta fiel e sem reservas a essa informação. Com zelo piedoso, eles decidem não desistir do propósito que estabeleceram para si mesmos de cumprimento constante do relacionamento pactual (cf. Jr 31.34). Agora fica claro que essa intimidade com Deus não pode ser alcançada à parte de Jesus Cristo. "Esta é a vida eterna, que eles te conheçam, o único verdadeiro Deus, e Jesus Cristo que tu enviaste" (Jo 17.3; cf. Ef 3.19). Essa afirmação encorpora uma importante ligação entre as

plenas implicações escriturísticas de “conhecer” e o gozo da vida na nova criação. Conquanto no tempo presente esse conhecimento seja parcial, ele será completado no céu, quando tudo o que foi conquistado por meio da ressurreição de Cristo for completa e permanentemente realizado (cf. Is 11.9; 1Co 13.12; 1Jo 3.2).

III. O POVO SEM MEMÓRIA (6.4–11.11)

ESBOÇO

A. O problema enfrentado pelo SENHOR (6.4–6)
B. Transgressão doméstica (6.7–7.7)
   1. Traição e ultraje (6.7–11a)
   2. Restauração frustrada (6.11b–7.2)
   3. O forno quente (7.3–7)
C. Problemas externos (7.8–16)
   1. O pães mal-assados (7.8)
   2. Cabelos brancos (7.9–10)
   3. A pomba ingênua (7.11–13)
   4. O arco defeituoso (7.14–16)
D. Colhendo o redemoinho (8.1–14)
   1. A aliança quebrada (8.1–3)
   2. Liderança espúria (8.4a)
   3. O bezerro de Samaria (8.4b–6)
   4. Alianças ímpias (8.7–10)
   5. Adoração ilícita (8.11–13)
   6. O veredito divino (8.14)
E. Dias de prestar contas, não de se regozijar (9.1–9)
   1. Festas abandonadas (9.1–6)
   2. Desorientação profética (9.7–9)
F. Esperanças frustradas (9.10–10.15)
   1. Uvas no deserto (9.10–17)
   2. Uma vide luxuriante (10.1–8)
   3. Uma bezerra domada (10.9–15)

G. Restauração (11.1–11)
   1. Um pai se lembra (11.1–4)
   2. A imposição da punição (11.5–7)
   3. Relutância divina (11.8–9)
   4. Vislumbre da restauração (11.10–11)

Conquanto a inserção de um cabeçalho temático importante nesse ponto possa ser considerado como indevidamente interrompendo o fluxo do material do profeta, se 6.1–3 foi corretamente identificado como tendo um tom essencialmente positivo, então, aqui o texto dá um passo atrás e volta a tratar da dura realidade espiritual marcada pela inconstância e cegueira que houve na terra durante todo o período do ministério de Oseias. Essa divisão do livro é emoldurada pelas perguntas em 6.4 e 11.8, em que o SENHOR expressa pasmo pela superficialidade inconstante e total intransigência do povo.

Além do mais, a divisão possui a estrutura que é uma característica reconhecível do modo como o profeta organizou seu material, progredindo da exposição do desvio ao anunciar uma punição iminente para o vislumbre final do alívio e bênção divinamente concedidos (veja *Introdução*, p. 26). Quando Oseias está lutando com a tarefa de convencer a nação sobre o quanto eles haviam se desviado, o seu tema principal era indubitavelmente a conduta aberrante deles e as suas consequências. Depois de a vaga resposta que eles deram ter sido ressaltada nos versículos 6.4–6, há um exame detalhado sobre como isso havia levado a um julgamento errado e a uma administração incorreta das questões internas da terra (6.7–7.7) e também dos seus negócios externos (7.8–16). Tanto em 8.1–4 quanto 9.1–9, os infortúnios da nação são retratados como sendo decorrências da violação da aliança, o que invariavelmente incorre em condenação e traz catástrofe. Uma vez que Israel repetidamente havia deixado de viver à altura dos privilégios que lhe haviam sido dados por Deus, eles não poderiam esperar outra coisa que não um desastre devastador (9.10–10.15). O único outro cenário alternativo seria o de uma intervenção misericordiosa do SENHOR. Como Pai do povo que ele havia chamado para si mesmo, ele não permitiria que o julgamento tivesse a última palavra sobre a existência da nação. No entanto, é apenas depois de impor a eles os castigos associados com a quebra da aliança que ele, a despeito da rebelião deles, lhes daria alívio (11.1–11).

A análise do modo como o SENHOR lida com o reino do norte é um estudo de caso para se compreender como ele interage com aqueles que, independentemente da geração, desprezam a sua palavra e sua bondade. Tanto quanto nos fornecer vislumbres dos acontecimentos particulares daquele período histórico, essa análise nos revela princípios espirituais fundamentais do modo como o SENHOR lida com todos aqueles que deixam de apreciar "as riquezas da sua bondade, longanimidade e paciência, não percebendo que a bondade de Deus o está levando ao arrependimento" (Rm 2.4). Uma vez que Deus não muda, e uma vez que nossa atitude em relação a ele ainda está sujeita à nossa natureza caída e reações pecaminosas, há lições aqui de relevância permanente. De modo supremo, há a maravilha do amor de Deus brilhando sobre uma tela de tão grandes insensatez, ingratidão e perversidade humanas.

A. O PROBLEMA ENFRENTADO PELO SENHOR (6.4–6)

Essa seção é uma passagem de ligação no sentido de que ela resulta da exortação ao arrependimento devoto na passagem anterior (6.1–3). É significativo que não haja qualquer registro de que o povo daquele tempo tenha agido com base nas recomendações do profeta. Em vez disso, é claro que qualquer boas resoluções que Efraim ou Judá fizeram foram efêmeras. Assim, antes de seguir em frente para relatar a resposta graciosa de Deus ao povo contrito e penitente, o profeta teve que retornar mais uma vez à sua tarefa de apontar a complacência espiritual dos seus contemporâneos. Ela transmite o desapontamento do SENHOR com o fato de eles terem sido incapazes de cumprirem suas promessas (6.4), a despeito das advertências proféticas sobre o resultado desse comportamento e a despeito da imposição divina de julgamento (6.5). Até mesmo sob o ministério de Oseias o povo se recusava a ver além de uma religião baseada em aparência externa e desempenho ritual e, por isso, não conseguia se comprometer de coração com o SENHOR.

6.4 O que devo fazer com você, Efraim?
O que devo fazer com você, Judá?
O amor fiel de vocês [é] como uma nuvem matutina,
e como o orvalho [que] cedo se vai.

Há uma transição sem marcadores entre a fala do povo no versículo anterior e a fala do SENHOR a eles aqui, uma transição semelhante àquelas

encontrada em outros lugares (p. ex., 1.10; 3.1; 4.1). Oseias não explicita como o povo respondeu à sua exortação (6.1–3), mas o contexto sugere que, no máximo, eles concordaram com o que ele havia dito soara como muito bom, mas se mostraram incapazes de seguir aquelas exortações urgentes que haviam recebido. Consequentemente, o SENHOR responde enfatizando a perversidade da falta de resposta deles à sua mensagem urgente. Ele faz perguntas retóricas (cf. 8.5), que não são destinadas a extrair informação, como se quem fala não estivesse interessado nas respostas que devem ser dadas, mas que são na verdade um recurso para uma apresentação forçada de um ponto de vista. Por isso, a tradução dos verbos requer mais do que um futuro simples, "O que farei com você?", que poderia transmitir a noção de que Deus está perdido quanto a como agir em seguida em relação à conduta deles. Em vez disso, a pergunta repetida ***o que devo fazer com você?*** tem a intenção de transmitir a eles o quão longe Deus havia ido em sua longanimidade com a obstinação deles, bem como alertá-los quanto à terrível situação na qual eles haviam se colocado. Esse interrogatório carregado de emoção antecipa uma passagem como 11.8–9 em que Deus novamente faz perguntas, embora, nesse caso, ele fale consigo mesmo, quanto ao que ele deve fazer com as duas nações rebeldes. Tanto ***Efraim***, no norte, quando ***Judá*** (cf. 1.7) no sul, não demonstraram qualquer entendimento da situação difícil na qual se encontravam. Não houve arrependimento nem retorno ao SENHOR, apesar da paciência com que ele lidou com eles.

Vocês no plural inclui tanto Efraim quanto Judá. ***Amor fiel*** (*ḥesed* cf. 4.1) acarreta uma demonstração por um ato exterior da preensão interior que a aliança tomou do coração. No entanto, a conduta do povo carecia da qualidade essencial da perseverança, porque na verdade eles não tinham verdadeiro amor pelo próprio SENHOR. Deve ter havido protestos ocasionais de boas intenções, mas eles não estavam fundamentados numa disposição interior de fidelidade ao SENHOR que pudesse ser evidenciada por ações consistentes quando eles o adoravam, e também por uma conduta consistente em relação aos outros membros da comunidade da aliança. As palavras solenes de compromisso ("Tudo o que o SENHOR falou cumpriremos e obedeceremos", Êx 24.7) logo se dissiparam como a ***nuvem matutina*** quando o calor do dia começa a se intensificar (cf. 13.3). ***Como o orvalho [que] logo se vai*** refere-se à costa do Mediterrâneo onde, no verão, a umidade para sustentar a vegetação depende amplamente no

orvalho da noite que é trazido pelos ventos que vêm do mar. A comparação com "orvalho" inicia aqui um minitema na profecia que é mais desenvolvido em 13.3 e 14.5. Aqui essas imagens baseadas na natureza são aplicadas às respostas passageiras dos dois reinos, norte e sul. Para que seja considerada genuína, a lealdade deve ser contínua. Ela não deve se desvanecer tão rapidamente quanto eles viam o orvalho se dissipar assim que o sol aparecia.

> 6.5 Por causa disso eu [os] tenho rachado por meio dos profetas,
> eu os tenho matado pelas palavras da minha boca,
> e seus julgamentos [são] luz [que] sai.

O SENHOR muda o seu discurso deixando de falar ao povo e passando a falar sobre eles – uma característica aceitável do estilo hebraico (cf. 5.13). Ele testifica acerca das repetidas advertências que havia feito ao povo. ***Por causa disso*** (cf. 4.3), ou seja, do compromisso superficial e da desobediência direta deles, o SENHOR havia sido incapaz de abençoá-los como ele mesmo gostaria e teve, em vez disso, que admoestar as pessoas com relação à infidelidade delas. ***Os profetas*** eram os instrumentos que o SENHOR usava para advertir acerca do julgamento que viria sobre aqueles que descuidavam da sua obrigação para com a aliança (cf. 12.10,13). "No entanto, o SENHOR advertiu Judá e Israel por meio de todos os profetas e dos videntes… mas eles não escutaram" (2Rs 17.13–14; cf. Am 2.12).

O povo recebeu mais do que apenas advertência verbal. A gravidade da repetição dos seus erros exigia a imposição de um castigo sobre a nação para imprimir neles o quão flagrantemente eles haviam transgredido e para induzi-los ao arrependimento. ***Rachado*** é um verbo usado para cortar madeira com machado (cf. Is 10.15) ou para cavar cisternas na rocha (cf. Is 5.2). A mensagem do profeta era efetivamente as ***palavras da minha boca***: ele retransmitia o que Deus revelava a ele. O anúncio da palavra que expressa o veredito do soberano e todo-poderoso Deus tanto antecipava o que iria acontecer quanto iniciava o processo de implementação da sentença pela transgressão. ***Eu os tenho matado*** aponta para o amargo resultado da intransigência deles em face às advertências proféticas.

Em ***seus julgamentos*** o pronome é singular, considerando o povo como um só, e a referência é a todas as ocasiões em que o SENHOR havia anunciado seu veredito contra eles (cf. "os julgamentos sobre vocês", NASB). Alternativamente, as consoantes hebraicas podem ser redivididas

de maneira que a última letra da primeira palavra seja lida no início da segunda palavra. Depois de ajustar as vogais, essa troca possibilitaria a leitura "Meu julgamento como luz irá adiante" (cf. NVI, NRSV, ESV, HCSB) e isso estaria de acordo com o modo como as traduções antigas (LXX, Peshitta e Targum) entenderam esse verso. "Luz" é então tomado como uma referência a "raios" (cf. Jó 36.32; 37.11) ou talvez ao nascer do sol para ser coerente com a ideia de julgamento. Ambas as leituras do texto enfatizam que Deus agiu de modo inequívoco contra eles. ***Sai*** ecoa a linguagem de 6.3, porém como a variação de que a ***luz*** não é uma palavra de bênção pactual (cf. Sl 97.11) que procede do SENHOR; em vez disso, ela é seu rigoroso, claro e inescapável veredito sobre a conduta deles.

6.6 Pois [é] amor fiel que eu quero e não sacrifício,
e conhecimento de Deus em vez de ofertas queimadas.

Pois retoma o tema de 6.4 e mostra por que o julgamento do SENHOR, embora severo, não era sem razão. O que consistentemente faltava na disposição do povo era a orientação básica do coração para um ***amor fiel*** (*ḥesed* cf. 6.4) que é o que Deus ***quer***/"considera aceitável". ***Não sacrifício*** não é pretendido como uma absoluta rejeição do sistema sacrifical do Antigo Testamento: Oseias inquestionavelmente reconhece a ordem divina para ele. Além do mais, ambos os versos do versículo mostram claramente que a adoração sacrificial ao SENHOR estava sendo praticada em ambos os reinos. Assim, o versículo não trata da adoração das deidades pagãs, mas sobre como se aproximar do único verdadeiro Deus de uma maneira aceitável a ele.

No entanto, o SENHOR nunca havia pretendido que o sacrifício se tornasse um ritual que existiria por direito próprio, porque isso levaria a que ele fosse visto como uma maneira de manipular Deus, algo muito próximo da ideologia pagã e equivalente à magia. Para que o sacrifício ao SENHOR fosse aceitável, ele deveria ser acompanhado de uma atitude reta de coração e expressar isso. Essa fidelidade interior seria demonstrada não num ritual de desempenho mecânico, mas primariamente em obediência aos mandamentos de Deus (cf. 1Sm 15.22–23). Apenas sobre essa base eles se tornariam aptos a oferecer sacrifício no santuário de uma maneira que fosse aceitável no seu mais alto e apropriado sentido (cf. Sl 51.17; Is 1.11; Mq 1.10). Então, o que é declarado aqui é que os sacrifícios e a

execução de rituais religiosos por parte deles não poderiam compensar a ausência de um genuíno apego a Deus.

Conhecimento de Deus resume um tema que aparece com frequência em Oseias. Juntamente com a falta de um "amor fiel" a ausência de conhecimento forma a substância da queixa divina em 4.1 e a obtenção dele era o propósito da proposta profética em 6.3. ***Em vez de*** é o uso privativo da preposição "a partir de". Novamente, é importante perceber que a expressão idiomática indica valor relativo aos olhos de Deus e não dispensa o item menos favorecido como algo sem qualquer valor (cf. Lc 14.26). As ***ofertas queimadas*** foram instituídas como a forma básica de sacrifício (Lv 1), porém, elas deveriam ser oferecidas no contexto da fidelidade pactual. Independentemente do quanto eles fossem cuidadosos com relação à observação dos rituais, a adoração deles só seria autêntica se dessem prioridade ao reconhecimento do direito de soberania do SENHOR por meio da obediência a ele em cada aspecto das suas vidas.

REFLEXÃO

- As perguntas divinas em 6.4 (e também em 11.8) não devem ser interpretadas de maneira incorreta como expressões de pasmo diante da conduta humana não esperada ou dúvida sobre o que Deus deveria fazer a seguir. Deus sabe tanto como a humanidade irá se comportar quanto como ele mesmo agirá e dominará as questões da terra de modo que ele pode verdadeiramente dizer: "Meu conselho permanecerá, e eu executarei todo o meu propósito" (Is 46.10; cf. Sl 33.11; Pv 19.21). Porém, não se deve supor que o seu governo da humanidade é severo e insensível, ou que ele não está preocupado com o resultado das nossas ações. Essas perguntas são recursos retóricos que transmitem um sentido de sua preocupação compassiva com a extensão da insensatez da espiritualidade recalcitrante deles. Ao conceder bênçãos a eles, Deus os havia exposto aos seus estímulos a uma conduta correta; ao adverti-los, ele os havia informado do resultado se eles persistissem na sua obstinada rebelião. Com pesar pela cegueira deles, Deus apela para que eles vejam a situação como ele a vê e esse apelo continua quando o evangelho é apresentado por aqueles que "são embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o apelo por meio de nós.

Imploramos a vocês em nome de Cristo: reconciliem-se com Deus" (2Co 5.20).

- "Uma nuvem matutina" e "o orvalho" (6.4) captam vividamente a transitoriedade de grande parte da experiência religiosa. Estar dominado por um apelo emocional prognostica um bom futuro, mas em si mesmo isso não é suficiente. Um compromisso genuíno com Deus deve capturar o coração para evitar uma resposta superficial e momentânea. "Eu vou, senhor" é de pouco valor se o resultado prova ser "mas ele não foi" (Mt 21.30). De fato, a culpa é aumentada por uma boa resolução que não é seguida até o fim. O que pode ter sido um pecado de ignorância se torna um pecado pela ignorância culpável. Além do mais, as repetidas promessas de obediência frequentemente quebradas agem no sentido de aumentar a dureza e a infecundidade espirituais (cf. Mc 4.13–20).
- Jesus cita duas vezes "Eu quero misericórdia e não sacrifício" (refletindo a tradução da Septuaginta de Os 6.6) para estabelecer o etos do seu reino no qual a verdadeira preocupação interior pelos outros tem precedência sobre a mera expressão formal de devoção. Em Mateus 9.13, o seu foco é no amor de Deus que alcança aqueles que precisam de perdão. Como o médico divino, Jesus se aproxima daqueles que estão moralmente doentes para curá-los, enquanto os fariseus estão obstinadamente apegados à suas noções de correção e decoro religioso e por isso estão incapacitados para ações que são grandemente necessárias. Em Mateus 12.7, ele condena a rígida insistência dos fariseus da versão deles da lei do sábado contra as necessidades humanitárias daqueles que estão famintos. Isso não foi para menosprezar o sábado, pois "o Filho do Homem é senhor do sábado" (Mt 12.8), mas para enfatizar a necessidade de prioridades apropriadas que fluem do amor compassivo pelos outros. A lição a ser aprendida ainda se aplica quando uma comunidade cristã que usa suas tradições como um obstáculo para a integração com outros e ignora as necessidades deles. Uma herança espiritual deve ser usada corretamente, pois, se ela não for aperfeiçoada, trará grande condenação.

B. TRANSGRESSÃO DOMÉSTICA (6.7–7.7)

(1) Traição e ultraje (6.7–11a)

Essa seção segue de perto a que a precede. O tema básico da fala do SENHOR é que o comportamento do povo está em desacordo com o que ele deseja (6.6). À parte das palavras finais de 6.11a, o foco está na situação interna do reino do norte. Um catálogo de pecados do povo, tanto em geral (6.7) quanto com evidências específicas (6.8–9), é seguido por uma ampla condenação deles por causa da maneira abominável que se conduziam (6.10). Há, então, uma breve extensão do que havia sido dito para mostrar que as advertências também se aplicam a Judá (6.11a).

> 6.7 Mas eles [são aqueles que] como Adão transgrediram uma aliança;
> ali eles agiram traiçoeiramente contra mim.

O sujeito do versículo é identificado apenas como ***eles***, mas os nomes dos lugares citados em 6.8–9 indicam que é primariamente os cidadãos do reino do norte que estão em vista. ***Mas*** indica que o comportamento deles havia sido contrário ao comportamento que agrada a Deus, já que, em vez de obedecer à estrutura e às obrigações da aliança, eles haviam pisado em cima dessas obrigações e assim ***transgrediram uma aliança*** (cf. 8.1). O verbo transmite a ideia de ultrapassar um limite ou uma fronteira e o tempo passado indica que isso já havia acontecido.

A expressão ***como Adão*** tem sido uma contínua fonte de dificuldade para os intérpretes. A Septuaginta entendeu "Adão" como o substantivo comum "homem" e traduziu "mas eles são como um homem que transgride uma aliança" (cf. também AV). No entanto, isso não faz justiça ao fato de que "transgrediram" é um verbo na forma plural.

Um problema observado com essa antiga interpretação de que a comparação aqui é com a rebelião de Adão em Genesis 3, é a ausência no restante do Antigo Testamento de uma referência explícita a uma aliança entre Deus e Adão. Além do mais, à luz do ***ali*** no segundo verso do versículo e aos nomes de lugares mencionados nos versículos seguintes (Gileade, 6.8; Siquém 6.9), a opção preferida dos comentaristas mais recentes tem sido corrigir o texto para que se leia "em Adão" (cf. NRSV, TNIV), que é identificado como uma localidade no vale do Jordão mencionada em Josué 3.17, possivelmente perto da confluência do Jaboque com o Jordão. Uma situação como essa no território de Gileade se encaixaria com a referência no versículo seguinte.

Porém, conquanto seja com frequência afirmado que "ali" requeira um lugar a ser designado no contexto, também é possível que a palavra possa

funcionar na poesia como uma partícula exclamatória equivalente a "Vejam!" (cf. Sl 14.5; 36.12; 48.7; 66.5; Sf 1.14). Nesse caso, a necessidade de identificar uma localidade em "como Adão" é enfraquecida. Em vez disso, a referência seria à situação daqueles que violaram a aliança. E também, uma ofensa específica, muito provavelmente uma ofensa da nação como um todo em desafio às exigências da aliança, que tivesse sido cometida em Adão permanece conjectural.

A analogia com a queda é apropriada por causa da extensão e gravidade da rebelião e da ofensa do reino do norte. Israel havia deixado totalmente as obrigações impostas a eles na aliança mosaica e havia colocado em risco todo o relacionamento deles com Deus.

É improvável que a ***aliança*** mencionada tenha sido um tratado feito entre Israel e uma nação estrangeira. Mesmo que Israel tivesse firmado o seu compromisso com um tratado desse tipo usando o nome do SENHOR, dificilmente teria sido "traição" aos olhos de Oseias ter quebrado uma aliança estrangeira que ele teria condenado em primeiro lugar. O que está em vista é uma aliança entre o SENHOR e o seu povo, algo que é tornado mais claro em 8.1. Essa aliança corresponde primariamente ao acordo instituído no Sinai por meio de Moisés. Possivelmente ***transgrediram uma aliança*** aponta para as ofensas que violaram os termos da aliança, mas que não a anularam totalmente no sentido de que ainda existe a possibilidade de correção do caminho deles. ***Agiram traiçoeiramente*** é o mesmo verbo que é usado em 5.7 e pode muito bem aludir a alguma quebra específica da fidelidade à aliança durante os levantes políticos que destruíram a terra naquela época.

6.8 Gileade [é] uma cidade daqueles que operam iniquidade,
enganosa por causa do derramamento de sangue.

Gileade era o território das tribos de Rúben e Gade, uma região montanhosa no lado leste do rio Jordão, situada entre o rio Yarmuk ao norte e a cidade de Hesbom ao sul. Uma vez que Gileade não era o nome de ***uma cidade***, a referência pode ser a Ramote-Gileade, a principal cidade na área (cf. Js 20.8; Jz 10.17; 12.7). Sua população é descrita em termos gerais como ***daqueles que operam iniquidade***, uma expressão no particípio indicando que eles caracteristicamente estavam envolvidos em iniquidades, o que então é mais especificamente identificado como se

envolver em ***derramamento de sangue***, isto é, assassinato. ***Enganosa***, um adjetivo que qualifica a "cidade", vem de uma raiz que significa "pegar pelo calcanhar" e que Oseias usa para descrever o comportamento de Jacó (12.3). Aqui ele pode ter sido empregado metaforicamente no sentido de um terreno desigual que faz com que os pés do viajante tropecem. Alternativamente, a expressão pode ter conjurado a imagem de um terreno acidentado em que o caminho pode ser identificado por pegadas com manchas de sangue. Não sabemos que tipo de assassinato ou morte havia sido cometido pelos gileaditas, mas é claro que Oseias está se referindo a um acontecimento recente. Talvez o pano de fundo dessas palavras deva ser encontrado no golpe de Peca contra Pecaías, em que é feita menção de cinquenta homens de Gileade (2Rs 15.25; cf. Mays 1969:101).

6.9 E como alguém de um bando de ladrões que estaria à espreita,
[assim faz] um grupo de sacerdotes;
eles matam no caminho para Siquém,
pois eles cometem ultraje.

Novamente nesse versículo não há nenhuma informação sobre o incidente que Oseias tem em mente, mas mesmo assim não há dúvida de que o que está sendo descrito é um terra que, assolada por tumulto e traição, está à beira de um colapso interno. ***Siquém***, que fica entre Samaria e Betel, tinha um passado memorável. Esse foi o lugar da assembleia da renovação da aliança com Josué (Js 24) e tem até mesmo ligações mais antigas com os patriarcas (Gn 12.6–7; 33.18–20). Ela era também uma tradicional cidade levítica e um lugar de refúgio (Js 21.20–21); e foi o lugar da importante convocação na divisão do reino (1Rs 12.1). No entanto, não é a própria Siquém que é o alvo da condenação de Oseias. ***No caminho para Siquém*** é expresso de um modo um tanto incomum, possivelmente "na estrada, no caminho para Siquém", mas não fica claro a direção da viagem nem os negócios daqueles que são atacados.

A comparação com alguém que faz parte ***de um bando de ladrões*** retrata uma pessoa esperando para emboscar um infeliz viajante. Mas o banditismo é na verdade executado pelo ***grupo de sacerdotes***. Provavelmente isso não é uma alusão às atividades deles no santuário, mas a um plano específico de assassinato de alguém que estava viajando para ***Siquém***. Contudo, o verbo "assassinar" é intensivo e característico. Talvez os sacerdotes apoiassem um partido nas sucessivas guerras na terra e

agissem de modo sorrateiro para atacar de surpresa e assassinar aqueles que se opunham ao ponto de vista deles.

Ultraje é um termo forte para má conduta sexual escandalosa, geralmente com implicações de atos deliberadamente planejados. Certamente esse é o caso na expressão "cometem ultraje" (Jz 20.6; Ez 16.43; 22.9; 23.48; cf. Lv 18.17; 19.29; 20.14). Nessa passagem, no entanto, não sabemos qual é a natureza precisa do crime em vista. Mesmo que ele fosse um crime religioso, não teria necessariamente a ver com a idolatria. Porém, era certamente algo cuja natureza havia ocasionado rápida reação divina. ***Cometem*** está no perfeito e pode indicar uma ação no passado, enquanto ***matam*** é uma forma imperfeita, indicando que esse tipo de comportamento ainda estava ocorrendo. Possivelmente esses verbos não se refiram a exatamente a mesma coisa.

6.10 Na casa de Israel eu vi algo horrível:
lá a prostituição de Efraim [está];
Israel se tornou imundo.
6.11a Judá também – ele já estabeleceu uma ceifa para você.

Os pronomes na primeira pessoa em 6.4–7 claramente indicam fala divina, e isso também é verdadeiro quanto a 6.11a. É provável, portanto, que apenas 6.11a seja uma fala profética, como é indicado pela referência ao SENHOR na terceira pessoa, e que em 6.10 ***eu vi*** enfatize que o próprio SENHOR (não o profeta) estivesse ciente do que estava acontecendo na terra (cf. 5.3). São mencionadas três entidades. A ***casa de Israel*** pode muito bem ser uma referência ao reino do norte como um todo (cf. 5.1), uma vez que o verso seguinte faz menção a ***lá***/"naquele lugar". ***Efraim*** seria, então, o território a oeste do Jordão, que era controlado por Pecaías, enquanto ***Israel***, se isso for uma referência a uma entidade separada e não a uma referência paralela a Efraim, seria a terra à leste do Jordão controlada por Peca (cf. 5.5).

Para onde quer que ele olhe, o veredito do SENHOR sobre o que ele percebe é que ele vê ***algo horrível*** (cf. Jr 18.13), que causa desgosto e repulsa. Isso provavelmente se refere aos altares de Dã e Betel (cf. 8.5). ***Prostituição***, referindo-se à infidelidade religiosa na terra (cf. 4.11), é localizada especificamente (***lá***, ou talvez "Vejam!", cf. 6.7) na tribo central de Efraim, mas de lá ela se espalhou para contaminar todo o reino. ***Se tornou imundo*** (cf. 5.3) não aponta somente para a profanação do

cerimonial, mas à corrupção moral. A degeneração moral de uma nação que repudiou a aliança tirou de Israel os seus benefícios e, por isso, eles só poderiam esperar a punição divina.

A primeira parte de 6.11 é muitas vezes tomada como um acréscimo feito por redatores de Judá, quando eles tentaram aplicar a mensagem do profeta às suas próprias circunstâncias num tempo posterior (cf. 1.7). No entanto, esse pensamento só tem apelo para aqueles que já pressupõem de início que o texto passou por um longo processo de redação. Não há qualquer argumento convincente para rejeitar a ideia de que Oseias, mesmo sendo um profeta do norte, estivesse preocupado com a situação no sul tanto quanto com a da sua terra. ***Judá também*** (cf. 5.5) indica o comentário adicional de Oseias de que lá também a aliança estava igualmente sendo violada. ***Estabeleceu uma ceifa para você*** usa uma imagem potencialmente ambígua porque "ceifa" tem muitas associações positivas (cf. Dt 28.4; 30.9; Sl 4.7; Is 9.3), mas aqui ela aponta para um tempo de juízo iminente (cf. Is 18.5; Jr 51.33; Jl 3.13; Am 8.2), que afetará tanto o norte quanto o sul. Não há qualquer dúvida de que ***ele*** é o responsável pela ordenação desse acontecimento.

REFLEXÃO

- No mundo antigo, as alianças eram juramentos solenemente formalizados que foram instituídos para regular a perpetuidade dos relacionamentos entre as partes na aliança. Assim, as disposições pactuais de Deus são designadas para serem "eternas" (cf. Gn 9.16; 17.7; Is 24.5; 55.3; Jr 32.40). Se for verdade que "mesmo uma aliança feita pelo homem, depois que ela é ratificada, ninguém a pode anular ou acrescentar a ela" (Gl 3.15), quanto mais abominável seria a conduta daqueles que quebram o compromisso que eles assumiram não apenas diante de Deus, mas com o próprio Deus. "Traição" (cf. 6.7) intensifica a ofensa deles ao sugerir que eles enganosamente mantêm uma aparência de fidelidade enquanto secretamente violam os termos do acordo.
- O procedimento incorreto dos sacerdotes no caminho para Siquém (6.9) é infelizmente um exemplo de muitos daqueles que têm um cargo ou ensinam na igreja de Deus e que subsequentemente agem de maneira contrária ao ensino que afirmavam adotar, trazendo, desse modo, grande dano à causa que eles antes promoviam. Judas

é o exemplo máximo de alguém que foi contado entre os Doze e desfrutou de contato pessoal e íntimo com o próprio SENHOR – mas que mesmo assim o traiu (cf. At 1.16–17). Aqueles que estão em posição de autoridade estão especialmente vulneráveis à tentação. "Que aquele que pensa estar em pé cuide para que não caia" (1Co 10.12; cf. Gl 6.1).

(2) Restauração frustrada (6.11b–7.2)

Embora seja possível entender essa seção como fazendo observações gerais sobre como a insensibilidade espiritual e a perversidade de Israel os havia impedido de desfrutar as plenas bênçãos que o SENHOR concederia a eles, parece que, à primeira vista, que essa passagem reflete um estágio específico nas tentativas do SENHOR de trazer o povo de volta para si. No início do século 8° a.C. Israel passava por um período de intensa pressão externa, particularmente por causa dos arameus de Damasco e seus vizinhos do norte, mas a situação mudou no reinado de Jeroboão II, quando a terra passou a desfrutar de prosperidade e expansão territorial (cf. *Introdução*, p. 12). Apesar do fato de que Jeroboão continuou a fazer o que era mal aos olhos do SENHOR, esse período de bênção não foi mero acaso, mas aconteceu segundo a palavra do SENHOR, Deus de Israel, que ele falou por meio do seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta, que era de Gate-Hefer. Pois o SENHOR viu o sofrimento de Israel, [que era] muito amargo, não havendo escravo ou livre, e que não havia quem ajudasse Israel. Mas o SENHOR ainda não havia dito que apagaria o nome de Israel de debaixo dos céus e assim ele os salvou por meio de Jeroboão, filho de Joás (2Rs 14.25–27).

Alívio da opressão e prosperidade foram concedidos para induzir Israel a corrigir seus caminhos por meio da gratidão, mas eles não responderam a esse desafio. Em vez disso, o desfrute das circunstâncias materiais favoráveis serviu apenas para revelar o quanto o pecado e a perversidade deles estavam enraizados.

6.11b Quando eu restaurar a sorte do meu povo,
7.1 quando eu curar Israel,
então a iniquidade de Efraim será revelada,
até mesmo os atos ímpios de Samaria,
pois eles praticaram o engano,
e um ladrão entra,

um bando saqueou na rua.

É de modo geral concordado que a última parte de 6.11 deveria ser ligada com o que segue. Os dois primeiros versos estabelecem o programa divino para esse período. Deus desejava ver Israel prosperando espiritualmente e, tendo tentado fazer com que eles se conscientizassem por meio da adversidade, ele depois concedeu a eles um período de alívio e prosperidade para induzi-los a retornar para ele em gratidão. Embora a expressão ***restaurar a sorte*** possa indicar um retorno do cativeiro (p. ex., em Jr 29.14), esse é um termo mais amplo que aquele (cf. Jó 42.10; *NIDOTTE* 4:58–59) e é uma expressão profética comum para a renovação nacional em geral (cf. Jr 33.11; Jl 3.1; Am 9.14). A construção hebraica ***quando*** seguida de um infinitivo não deixa claro se essa restauração já aconteceu, se é presente ou se é futura; isso é determinado pelo verbo finito que segue indicando que essa sequência havia ocorrido várias vezes. O SENHOR agiu com preocupação amorosa para o bem do ***meu povo***, uma descrição positiva deles como seus parceiros no vínculo da aliança (cf. 2.23). ***Curar*** relembra a descrição de 5.13 e 6.1 e retrata o SENHOR intencionando mais do que simplesmente iniciar uma recuperação da condição econômica e política deles. Essa restauração deveria igualmente ser espiritual, mas para que isso acontecesse precisava haver um arrependimento genuíno da parte deles (14.4).

No entanto, a melhoria das condições externas no norte não alcançou o impacto desejado (cf. 12.7–8). Segurança e abundância apenas serviram para ***revelar*** o problema fundamental ao expor a ***iniquidade de Efraim*** (cf. 6.10). "Iniquidade" (*ʿāwōn*) aponta para um desvio corrupto dos padrões estabelecidos no pacto mosaico (cf. 4.8; 5.5; 8.13; 9.7,9; 12.8; 13.12; 14.1–2), fosse um ato errado em si mesmo, a culpa por tê-lo cometido, ou até mesmo a punição imposta como uma consequência. O paralelismo com ***os atos ímpios de Samaria***, a capital, sugere que primariamente são atos de injustiça que estão em vista aqui. De passagens como Amós 5.10–12 e 8.4–6, fica claro que a riqueza que fluiu para a terra estava concentrada nas mãos de poucos que abusavam da sua posição e riqueza para explorar seus compatriotas e obter ainda mais poder e riqueza.

Pois introduz a evidência que o SENHOR cita para substanciar as suas alegações. Eles ***praticaram o engano*** no passado e no presente. "Engano" inclui falar mentiras (Pv 17.4), dar falso testemunho sob juramento (Êx 20.16) e quebra de fé em geral (Sl 7.14). Descreve uma sociedade

desestruturada em que não se pode confiar no compromisso pessoal. A terra estava permeada por tentativas de crescimento pessoal sem consideração pelos interesses ou sofrimento dos outros. A verdade, se fosse inconveniente, era simplesmente ignorada. Em particular, as atitudes gananciosas de Efraim são reveladas pela prevalência do roubo. A menção a ***um ladrão*** sugere uma alta taxa de criminalidade em geral. Ela pode ser uma referência ao roubo em 6.9 e estar associada aos sacerdotes em particular, mas dada a degeneração daquela época, ela provavelmente não deve indicar qualquer ato específico. ***Entra*** aponta para uma ação que ocorre repetidamente durante um período de tempo. ***Um bando*** é a forma singular da palavra traduzida como "ladrões" em 6.9, mas aqui novamente não se deve assumir mais do que uma terra em que a lei e a ordem se quebraram, e o povo não encontra segurança nem em casa nem nas ruas.

7.2 E eles não estavam dizendo para o coração deles
que eu me lembro de todo o mal deles.
Agora seus feitos os cercaram;
eles compareceram diante da minha face.

A desordem civil e o colapso da sociedade são produzidos pela falta de consciência espiritual. ***Eles não estão dizendo para o coração deles*** é uma descrição de insensibilidade e incompreensão interior. Trata-se de um lembrete para os homens de que, como seres morais, eles devem avaliar interiormente o próprio comportamento. Na verdade, os contemporâneos de Oseias não negavam a existência do SENHOR; eles apenas o ignoravam na sua vida diária. Totalmente negligentes quanto ao escrutínio divino de suas ações e motivações, eles não tinham consciência da própria conduta. Isso é ateísmo prático, que não se preocupa com o fato de que ***eu me lembro de todo o mal deles***, repetindo a palavra encontrada em 7.1, agora porém não como "atos malignos", mas como "mal" no sentido abstrato. Mesmo assim, "todo" enfatiza a minúcia do exame divino: nada escapa a ele. Além do mais, "eu me lembro" envolve mais do que um mero ato mental de lembrar: medidas apropriadas serão inevitavelmente implementadas (cf. 8.13; 9.9).

Agora (cf. 2.10; 5.7; 8.13; 10.2; 13.2) aponta para a situação sinistra que prevalece. Embora eles não tenham consciência do que aconteceu, o SENHOR certamente tem. ***Seus feitos*** (cf. 4.9), todas as suas más ações, são comparadas com um exército acampado ao redor deles, de modo que eles

os ***cercaram*** e eles não têm espaço para manobra. Além do mais, as ações rebeldes deles ***compareceram diante da minha face*** (cf. Sl 90.8). O soberano juiz tem todas as evidências diante de si, e ele inevitavelmente agirá contra eles. Esse é o resultado da incompreensão do povo da bondade de Deus e da obstinada recusa deles a se arrependerem.

REFLEXÃO

- Conquanto "lembrar" possa simplesmente se referir a lembranças de acontecimentos e situações passadas (p. ex., Sl 137.8), essa consciência e atenção renovada é com frequência associada com a tomada das medidas apropriadas. "Lembre-se do dia de sábado" (Êx 20.8) é imediatamente esclarecido por "para o manter santo" (cf. "observe o dia de sábado" em Dt 5.12). Quando todos os confins da terra "se lembram" do SENHOR, eles se voltam para ele em arrependimento e adoração (Sl 22.27). Se Deus for o sujeito do verbo "lembrar" a ênfase inevitavelmente cai na intervenção divina, pois aquele que é onisciente nunca estará insconsciente quanto aos acontecimentos e aos relacionamentos. Por exemplo, quando é registrado que "Deus se lembrou de Noé" (Gn 8.1), isso não quer dizer que por um tempo ele havia ficado sem o conhecimento das circunstâncias e necessidades, mas que o tempo certo para a ação divina havia chegado (cf. Êx 2.24). O fato de Deus se lembrar do seu povo significa que ele derrama bênçãos sobre ele (Sl 115.12; 136.23). No entanto, o fato de que Deus se lembra do pecado (cf. 7.2) significa que a sua longanimidade se exauriu e que sua intervenção é iminente, seja retirando as bênçãos que ele concede ou impondo castigo. "Agora ele se lembrará da iniquidade deles e punirá seus pecados" (Jr 14.10) e isso deve ensinar a eles que ele não está indiferente em relação a como eles estão procedendo. De modo contrário, o fato de Deus não se lembrar dos pecados é um ato de perdão gracioso em que, conquanto não possa ser dito que os fatos em questão sejam completamente apagados do registro divino, não há mais qualquer ameaça de que a pena correspondente a eles seja imposta e a compaixão divina prevalece (cf. Sl 79.8–9).

(3) O forno quente (7.3–7)

O último versículo dessa seção deixa bastante óbvio que o que está sendo descrito aqui é a agitação política que havia em Samaria, a capital do reino do norte. Conquanto não tenhamos informação suficiente para determinar precisamente o incidente em vista nessa passagem, um relato relativamente mais coerente pode ser construído do que no caso das alusões feitas em 6.7–10. A passagem trata do golpe de estado no qual os cortesãos obtiveram sucesso na sua trama contra o regime, mas a identidade do rei permanece uma questão de conjectura. Afinal de contas, havia acontecido quatro assassinatos reais nos últimos anos do reinado. Possivelmente a ocasião aqui seja a conspiração do rei Oseias contra o ferrenho inimigo dos assírios, Peca, em 732 a.C. (2Rs 15.30; posição de May 1969:104–105), mas o próprio Peca havia sucedido Pecaías por meio de uma conspiração e há o fato adicional de que ele havia sido membro da corte de Pecaías, provavelmente seu conselheiro ou chefe militar (2Rs 15.25). Uma conspiração de alguém de dentro do governo parece se encaixar nos detalhes da passagem. De qualquer modo, o foco não está nas circunstâncias específicas de uma conspiração em particular. Conquanto haja alguns elementos obscuros na metáfora do forno do padeiro, a imagem transmite a ideia do forno quente em que as classes poderosas de Samaria viviam com as suas constantes intrigas, enquanto a nação saía de uma crise para mergulhar em outra. O uso de "nossa" em 7.5 indica que essa seção é uma descrição profética, possivelmente até o último verso de 7.7, quando "a mim" ocorre na queixa divina contra o povo.

7.3 Por sua maldade, eles agradam um rei,
e pelas suas mentiras, os seus líderes.

Sua maldade fornece uma ligação temática com a seção anterior (7.2; cf. também "atos malignos de Samaria" em 7.1), mas não está claro se esse versículo é a continuação da acusação geral da nação ou se ele relata um incidente específico – e se for assim, se o rei mencionado é aquele que é favorecido pelos traidores ou aquele que eles destronaram. Enquanto ***um rei*** possa ser um termo geral no singular para se referir a vários diferentes governantes de Israel, a passagem como um todo é mais bem compreendida como se movendo de uma imagem específica para uma revisão conclusiva geral em 7.7. A palavra "rei" ocorre novamente nos versículos 5 e 7 e (juntamente com "forno") unifica a passagem. ***Líderes***, tradicionalmente traduzido como "príncipes" (também em 7.5), não são

necessariamente os membros da dinastia, mas compreende os administradores da corte real, aqueles que implementam as suas medidas e controlam a vida civil e militar do país.

Além do rei e dos líderes, há ainda um terceiro grupo no versículo, indicado por ***sua*** e ***suas***. Se "sua" tivesse sido explicitamente identificado, isso reduziria consideravelmente o número de possíveis interpretações da passagem. Identificar "eles" com o povo em geral apoia a visão de que esse é um resumo inicial do versículo que trata do declínio nos padrões da administração pública e da justiça na terra. No entanto, ler esse versículo como parte da história que se segue faz com que o "eles" indique conspiradores não identificados. Alguns comentaristas estão certos de que mais do que isso pode ser dito acerca deles. "*Sua*, *suas* e *seus* apontam uniformemente para os sacerdotes que estão no centro da conspiração" (Hubbard 1989:132). Isso, no entanto, parece ir além do que o texto permite. Embora "um rei" aqui possa ser o novo rei que ***eles agradam***, ou seja, aqueles que tramaram o golpe e abriram o caminho para a sua ascensão, uma posição mais plausível é ler 7.3 à luz de 7.5. Isso implica que o rei que os líderes maus ***agradam*** e os líderes que são do mesmo modo enganados a se alegrarem com o regime atual são enganados a uma falsa sensação de segurança por meio das táticas enganosas dos conspiradores. Da evidência de 7.5 é provável que entre os administradores reais estivessem alguns daqueles que tramaram contra o rei e que ludibriaram os seus companheiros.

> 7.4 Todos eles são adúlteros,
> como um forno aquecido por um padeiro;
> ele deixa de alimentar [o fogo],
> [e] de amassar a massa até que esteja levedada.

Conquanto ***todos eles*** possa ainda ser a referência geral ao povo iniciada em 7.2, é mais provável que "eles" indique os conspiradores, que são denunciados como ***adúlteros***. Embora isso possa apontar para um desvio sexual (cf. 3.1; 4.14), um uso metafórico condiz mais com o contexto. Talvez, o que é supreendente em Oseias, o desvio que está em vista não seja religioso, mas a traição daqueles que haviam jurado lealdade ao rei, que estava no poder enquanto ao mesmo tempo tramavam ativamente para derrubar o regime existente e estabelecer um rival no trono. A acusação de traição e perfídia indicada pelo termo adultério (da

raiz *nāʾap*) abre o caminho para o desenvolvimento do tema de um padeiro (da raiz *ʾāpâ*) – e além disso as consoantes acrescentadas nesse jogo de palavras também são constituintes do nome Efraim (*ʾeprayim*).

Interpretações diferentes são feitas acerca do significado da sí-mile, ***como um forno aquecido por um padeiro***. Fazer pães era normalmente uma tarefa feminina, mas nesse caso o termo "padeiro" é masculino, dando a ideia de um padeiro profissional. Consequentemente, o forno não é um pequeno forno portátil, mas um grande e permanente, que é feito de tijolos de barro num formato oval semelhante a uma colmeia. O fogo era aceso no chão do forno e depois, quando toda a estrutura estivesse suficientemente quente, as cinzas eram removidas, a abertura no alto era fechada e os pães achatados feitos com a massa eram colocados na base e nos lados do forno para que assassem pelo calor residual.

O ponto de comparação é incorporado nos versos finais do versículo. Fazer pães não era uma tarefa que era feita por impulso. Ela requeria o pré-aquecimento do forno e também, depois de toda a mistura ter sido amassada com o fermento, deixá-la crescer. É provável que isso ocorresse durante a noite. Ela certamente requeria várias horas. Na preparação do pão, portanto, chega o momento em que o padeiro ***deixa de alimentar*** (literalmente "inflamar" ou "manter alerta") ***o fogo e de amassar a massa*** enquanto espera pelo tempo apropriado para continuar a sua tarefa. De igual modo os conspiradores. Por um tempo, eles não pareciam estar fazendo nada externamente, porém estavam aguardando o momento. Fosse o ressentimento ou a ambição que estivesse alimentando a fúria deles, sua aparente calma exterior escondia um fogo intenso no interior, pronto para se inflamar quando a oportunidade para a ação se apresentasse.

> 7.5 No dia do nosso rei
> líderes [o] deixaram doente com o brilho do vinho;
> ele estendeu a sua mão com os zombadores.

Nesse versículo a imagem do padeiro dá lugar a uma fala direta. ***No dia do nosso rei*** pode se referir a uma celebração de aniversário, ou mais provavelmente ao aniversário da sua coroação. Conquanto essa frase em si mesma seja uma expressão israelita comum para esse tipo de ocasião, está claro que o uso de "nosso rei" indica a identidade nortista de Oseias. Naquela que deveria ser uma ocasião para regozijo e festividade, especialmente para a corte real, os conspiradores colocaram seu plano em

ação. ***Líderes [o] tornaram doente com o brilho do vinho***, ou possivelmente "envenenamento do vinho" (NJPS). À luz de 7.3 nem todos os líderes estavam envolvidos no golpe, mas aqueles que estavam se certificaram de que o rei ficasse bêbado – e presumivelmente também a comitiva dele. A cláusula também pode ser traduzida como "líderes ficaram doentes com o brilho do vinho" (cf. Is 28.7–8). Isso aponta para o fato de os conspiradores terem antecipado a bebedeira da celebração e usado isso para dar ocasião a um golpe bem-sucedido.

O último verso do versículo mostra que o monarca estava completamente desprevenido: ***ele estendeu a sua mão com os zombadores***. Isso significa mais do que estar confuso pelo vinho e se juntar e eles em sua pândega. Ela descreve uma ação de convite cordial: afinal de contas, eles não eram seus cortesãos que celebravam o seu reinado? O termo ***zombadores*** é usado em outros lugares para aqueles que não reconhecem a Deus e são incapazes de aprender (Pv 9.8; 15.12). Aqui ele é o comentário do profeta sobre a verdadeira atitude dos conspiradores: eles desprezavam o rei e secretamente escarneciam dele e das suas políticas.

> 7.6 Pois eles se aproximaram com corações [quentes] como um
> forno em sua armadilha.
> A noite inteira o padeiro deles dormiu;
> pela manhã ele [estava] queimando como um fogo em
> labaredas.

Ele se aproximaram indica que eles começaram a executar o plano. Presumivelmente eles se aproximaram do rei para assassiná-lo, embora isso nunca seja dito. O que preocupa Oseias é a atitude interior deles, ***com corações quentes como um forno***. Eles estavam consumidos de intensa emoção enquanto executavam o plano que haviam tramado. ***Sua armadilha*** aponta para o fato de que eles atacaram de surpresa o rei e sua comitiva quando estavam entorpecidos como resultado do banquete.

A noite inteira o padeiro deles dormiu possivelmente se refere ao aquecimento do forno em 7.4. O padeiro seria uma referência à obsessão dos conspiradores que foi devidamente suprimida até o momento certo. Outra possibilidade é que "o padeiro deles" seja uma referência ao cabeça da conspiração, que esperou até o momento em que julgou certo para dar a ordem para atacar. Porém, a maioria das traduções corrige o texto para

que se leia "a ira deles" dormiu. ***Pela manhã ele estava queimando como um fogo em labaredas*** e, assim, inflamados pela sua decisão, eles levaram o plano à sua conclusão.

> 7.7 Todos eles estão quentes como um forno,
> E eles devoraram seus juízes.
> Todos os reis deles caíram;
> não há ninguém dentre eles que esteja clamando a mim.

Todos eles (cf. 7.4) provavelmente muda um tanto o foco dos conspiradores dos versículos anteriores para toda a liderança em Samaria. Eles estavam também ***quentes como um forno***, consumidos por intensa emoção e furiosamente concentrados em executar as suas tramas sem se importar com quem fosse ou qualquer que fosse a oposição. Como resultado, ***eles devoraram seus juízes***. "Juízes" não se refere meramente aos oficiais da corte; a tarefa deles incluía a administração geral de todas as questões na terra (cf. 13.10). Desse período, evidência de expurgo dos funcionários que acompanhava a mudança de regime pode ser vista nos Óstracos de Samaria, uma coleção de 66 inscrições em cacos de cerâmica de recibos por vinho de qualidade e de trigo recebidos na capital, provavelmente como pagamento de impostos. Um conjunto de óstraco parece vir do período do reinado de Menaém e os outros de seis ou sete anos depois, do reinado de Peca em Samaria, depois do assassinato de Pecaías. Os destinatários desses textos eram os oficiais reais e é significativo o fato de que não haja repetição de nomes nos dois grupos. Estudiosos especulam que não houve sobreviventes do regime de Menaém quando Peca liquidou com eles, assim como havia feito com Pecaías. Também é interessante que alguns dos nomes registrados nos óstracos são compostos e empregam Yahweh, enquanto outros empregam Baal como elemento teofórico, provavelmente refletindo a natureza sincrética das alianças religiosas na terra.

Todos os reis deles caíram. Tanto reis quanto oficiais igualmente foram vítimas da intensa revolução política ocorrida no norte à medida que a nação implodiu. A terra ficou sem qualquer resposta coordenada às crises nas quais foi mergulhada.

Depois da descrição da situação de conspiração no norte há uma breve e enfática conclusão. O SENHOR revela por que as condições na terra haviam se degenerado tanto: ***não há ninguém dentre eles que esteja***

clamando a mim. Isso fala de uma ausência persistente. "Eles" pode se referir aos sucessivos reis do norte, mas o contexto sugere que seja a liderança da terra que está em vista. Eles defendiam fazer as coisas do seu próprio modo e usavam um expediente após outro enquanto evitavam a única e verdadeira fonte de alívio. ***Clamando*** implica buscar ajuda (cf. Pv 21.13; Is 58.9), e apenas o SENHOR poderia fornecê-la de modo a chegar a um resultado bem-sucedido.

REFLEXÃO

- A Escritura valoriza altamente o bom governo de um país e o apresenta como um dos temas-chave para oração (cf. 1Tm 2.1). Quando os governantes não cumprem as suas responsabilidades, os resultados podem ser terríveis. "Ai de você, ó terra, quando o seu rei é uma criança e os seus oficiais se banqueteiam pela manhã! Quão abençoada você é, ó terra, quando o seu rei é filho de nobre nascimento e os seus oficiais festejam no tempo próprio, pela força e não pela bebedeira" (Ec 10.16–17). Ocupar um cargo elevado expõe a pessoa à tentações cada vez maiores, bem como à oportunidades de entregar-se às suas fraquezas. Particularmente, a Escritura soa um alerta com relação ao consumo excessivo de álcool. "Não é para os reis, ó Lemuel, não é para os reis o tomar vinho, ou para os governantes beber bebida forte, para que eles não bebam e esqueçam o que foi decretado e pervertam os direitos de todos os aflitos" (Pv 31.4–5). Mas essa advertência não se restringe aos governantes. "O vinho é um zombador, bebida forte um briguento e quem quer que seja desencaminhado por ela não é sábio" (Pv 20.1).
- Quando o SENHOR tristemente observa que ninguém clama por ele, o que está em vista é uma oração para apresentar uma necessidade, buscando a intervenção divina para resolver a situação deles. "Clame a mim no dia da tribulação; eu o livrarei e você me glorificará" (Sl 50.15). Contudo, o povo não mais reconhecia a soberania do SENHOR sobre eles ou a capacidade dele de tirá-los de suas dificuldades. Os formadores de opinião em Samaria estavam tão cheios de si mesmos e certos dos seus planos, e tão acostumados a ignorar a dimensão espiritual da vida, que a oração ao SENHOR não fazia absolutamente parte do programa deles. Em todo o reino, a influência perniciosa da adoração a Baal havia minado a fé do povo

no SENHOR e a piedade deles de modo tal que na terra não havia oração. Esse ateísmo prático era o resultado da anarquia nacional e da degeneração social.

C. PROBLEMAS EXTERNOS (7.8–16)

Nessa seção Oseias muda o seu foco, deixando a política interna de Israel para tratar da desajeitada e ineficiente política externa do norte. Ele usa uma série de metáforas retiradas da vida cotidiana para caricaturar a incompetência dos oficiais do governo e para mostrar a debilidade e o impacto desastroso da infidelidade ao SENHOR na vida da nação. Não era necessário mais do que senso comum para perceber que os esforços da diplomacia internacional estavam destinados ao fracasso em face da agressão assíria. No entanto, foi necessário o discernimento dado a Oseias como profeta para perceber que a verdadeira crise enfrentada pelo norte era a recusa do povo em reconhecer o SENHOR que os havia privado da força e da proteção que eles tão desesperadamente requeriam.

(1) O pães mal-assados (7.8)

Oseias era adepto do uso de cenas familiares para transmitir sua mensagem. Aqui ele apresenta outra metáfora retirada da preparação do alimento. O foco não está mais no forno do padeiro, mas no que era produzido nele. O pão que está mal-assado é impróprio para o consumo. Assim também Efraim, com as suas políticas de concessão, havia perdido a sua verdadeira identidade e se tornado impróprio para o seu propósito, ou seja, para servir ao SENHOR e dar testemunho dele entre as nações.

7.8 Efraim – entre os povos ele está se misturando;
Efraim se tornou como um pão que não foi virado.

Efraim é usado aqui para se referir ao reino do norte como um todo. O "Efraim" introdutório é um exemplo de colocação em primeiro lugar na sentença para ênfase (*casus pendens*, cf. Joüon §156a), em que um substantivo aparece separado da estrutura gramatical da cláusula, mas introduz o seu tema (cf. 9.11,13; 12.8; 14.8). Havia dois aspectos na política internacional do norte. O primeiro é demonstrado especialmente no verbo em: ***entre os povos ele está se misturando***. "Misturar" também ocorre em passagens que descrevem a mistura do trigo com óleo nas

preparações para o sacrifício (cf. Êx 29.2; Lv 2.4–5; Nm 7.13; 28.5). Aqui ele desenvolve uma ideia sugerida por um padeiro misturando os ingredientes para fazer o pão. Isso não se refere à futura dispersão de Efraim entre as nações, quando eles serão deportados da sua terra, mas ao resultado da sua presente propensão a negar que eles eram um povo singularmente separado pelo SENHOR para servi-lo (cf. Lv 20.24,26) e destinado a habitar à parte (cf. Nm 23.9). Ao se conformar às práticas dos povos ao seu redor e confiar nas alianças feitas com eles para assegurar sua segurança, Israel deliberadamente abandonou o seu papel distintivo como povo governado pelo SENHOR, dedicado ao seu serviço e que em resposta é sustentado e defendido por ele. Eles haviam se tornado iguais aos outros povos.

A repetição de ***Efraim*** retoma o nome mencionado separadamente no verso anterior e aponta para o segundo aspecto relacionado da situação: a nação que foi propositalmente abandonada pelo SENHOR já ***se tornou*** própria apenas para a rejeição. Isso é retratado na metáfora do ***pão que não foi virado***. Um pedaço achatado circular de massa era colocado num dos lados pré-aquecidos do forno (cf. 7.4). Se por descuido a massa não fosse virada, um dos lados seria queimado e se tornaria impróprio para comer, enquanto o outro lado estaria virtualmente cru, não assado. Esse desenvolvimento desequilibrado não fornece uma imagem de algo que não é apenas parcialmente utilizável, mas de algo que é irrecuperavelmente impróprio para uso.

REFLEXÃO

- Israel "se misturou entre as nações e aprendeu a fazer como elas faziam" (Sl 106.35) e trouxe sobre si o juízo de Deus. Era uma insensatez tão grande naquele tempo quanto ainda o é hoje supor que alguém pode servir a dois senhores. A fidelidade a Deus e a Mamom (riqueza terrena) é impossível (Mt 6.24). A tentativa de Israel de fazer isso estava, portanto, inevitavelmente destinada ao fracasso e serve ainda hoje como uma advertência para que se evite qualquer choque semelhante de lealdades. Embora ainda esteja no mundo e, portanto, não em posição de separar-se completamente dos ímpios (cf. 1Co 5.10), a comunidade cristã deve manter uma santa separação e assim mostrar que eles são filhos e filhas do Deus todo-poderoso (cf. 1Co 10.21; 2Co 6.14–18). Quando uma pessoa crente

ou uma igreja compromete a sua fidelidade às normas reveladas de Deus e busca segurança e sucesso por meio do emprego de estratégias mundanas, a insensatez do mal-assado Efraim se repete.

(2) Cabelos brancos (7.9–10)

Oseias agora usa uma metáfora retirada do início do processo de envelhecimento. Ele imagina alguém que está inconsciente da mudança que está ocorrendo em si mesmo e que, consequentemente, se torna incapaz de envelhecer graciosamente. Ao continuar a se comportar de uma maneira que havia sido possível num estágio anterior (talvez no tempo de Jeroboão II), a nação estava tentando fazer mais do que podia no momento. Ao exceder-se e negligenciar o seu Deus, ela estava destinada a falhar desastrosamente por causa da sua falta de autoconsciência.

7.9 Estrangeiros devoraram a sua força,
mas ele mesmo não sabe [disso];
também cabelos brancos crescem nele,
mas ele mesmo não sabe [disso].

A repetição da observação ***mas ele mesmo não sabe disso*** enfatiza o quão completamente eles haviam deixado de compreender o declínio que havia ocorrido com a vitalidade e capacidade nacionais. Eles não reconheciam a devastadora extensão da fraqueza política daquele momento e por isso se comportavam como se ainda tivessem uma influência significativa no cenário internacional. ***Estrangeiros***, o que compreende os exércitos da Assíria, ***devoraram a sua força***. "Devorar/comer" provavelmente não é a continuação da imagem anterior do pão mal-assado (que não podia ser comido), mas olha para a ocorrência do mesmo verbo em 7.7. Não são apenas os governantes da terra que estão desaparecendo; a nação como um todo havia sido corroída. "Sugam sua força" (nvi) transmite bem o sentido, mas deixa de alertar para a conexão com o uso do mesmo verbo em 7.7. Com o incansável avanço assírio em direção ao sul da década posterior a 745 a.C., os recursos econômicos que haviam sido acumulados nos prósperos anos de Jeroboão II foram destruídos pela invasão e dissipados pelas duras exigências de impostos, e grandes partes do território deles haviam sido anexadas (2Rs 15.19–20,29). Outros eram capazes de ver claramente como isso havia afetado o *status* e força de Israel, mas o povo em si estava cego para isso.

Também indica que a segunda parte do versículo é uma intensificação da imagem da primeira. ***Cabelos brancos crescem nele*** pode se referir tanto ao mofo que aparece no pão, ou mais provavelmente, uma vez que o mofo pode ser claramente visto, aos sinais da idade que se tornam visíveis aos outros, embora a própria pessoa permaneça inconsciente da aparência atual dos seus cabelos. Em outros contextos, os cabelos brancos são vistos como veneráveis (cf. Lv 19.32; Pv 16.31; 20.29), mas isso não constitui uma objeção conclusiva à segunda interpretação. Embora o povo não fosse mais o que um dia eles haviam sido, eles não atualizaram a visão que tinham de si mesmos. A decrepitude e até a morte estavam se aproximando, mas a nação estava cega quanto à inexorável invasão que sofreriam.

> 7.10 E o orgulho de Israel testificará contra ele,
> mas eles não retornaram para o SENHOR, Deus deles,
> e eles não o buscaram em tudo isso.

Anteriormente Oseias havia resumido a situação que aguardava o povo nos mesmos termos: ***o orgulho de Israel testificará contra ele*** (cf. 5.5). Aqui novamente o "orgulho de Israel" não é o SENHOR, mas a confiança presunçosa nos seus próprios recursos – economicamente, politicamente e intelectualmente. O resultado de suas políticas já havia indicado claramente a sua inadequação e continuaria a indicar.

Mas apesar dos óbvios sinais de declínio e do descontentamento divino, a comunidade não havia aprendido a lição espiritual. ***Eles não retornaram para o SENHOR, Deus deles*** em arrependimento (cf. 3.5; 5.4; 6.1). A reversão da sua boa sorte material foi planejada para induzi-los a considerar quem eles realmente eram e onde estava a sua verdadeira fonte de prosperidade. No entanto, na arrogância da sua autoconfiança, eles não pensavam sobre si mesmos como necessitando aprender quaisquer lições e muito menos retornar ao SENHOR humildemente. ***Eles não o buscaram em tudo isso***. Embora tenham sido feitas muitas advertências a eles e calamidades cada vez maiores os afligissem, mesmo assim eles não perceberam a necessidade de se voltar para a única fonte de assistência (cf. 13.4,9). "Buscar a Deus" incorpora um aspecto significativo de uma resposta positiva à ação providencial dele para com uma pessoa ou uma nação, desejando comunhão espiritual com ele e conhecimento mais profundo da sua vontade (cf. 3.5; 5.6,15; 10.12).

REFLEXÃO

- É insensatez olhar-se num espelho e ao sair de diante dele se esquecer da própria aparência (cf. Tg 1.24). A conduta de Efraim havia se degenerado um estágio além – ele nem mesmo se olhava no espelho – e assim ele estava em negação quanto aos golpes que já havia sofrido e a atual fraqueza da sua condição (cf. Pv 23.35; Is 42.25; Ap 3.17). A única solução para essa falta de consciência é um contínuo autoexame à luz da Escritura (cf. Jó 13.23; Sl 77.6; Lm 3.40; 2Co 13.5). Continua a ser uma incumbência da igreja se autoexaminar para ver se há "cabelos brancos", para que não seja inconscientemente enganada pelos seus adversários, humanos e demoníacos, e comprometa o seu testemunho ao se conformar aos padrões culturais de comportamento que imperam no momento (cf. 2Co 11.1–3; 1Jo 2.15). É muito fácil para a igreja ser meramente uma fachada ao mesmo tempo em que se ilude de que está servindo ao SENHOR. É muito fácil para uma pessoa sucumbir às pressões e adotar as práticas sociais comuns do seu tempo e, dessa maneira, afastar-se do SENHOR.

(3) A pomba ingênua (7.11–13)

7.11 E Efraim se tornou como uma pomba,
facilmente enganada, sem entendimento:
eles clamaram ao Egito,
eles foram para a Assíria.

As pessoas são agora comparadas a uma pomba, que é vista como estando tão familiarizada com os seres humanos que confiam neles prontamente. ***Facilmente enganada*** se refere ao simples fato de alguém ser facilmente levado a seguir um curso de ação (para um uso mais positivo do termo, cf. "atrair" em 2.14). Não é necessário muito para induzir os simplórios a adotarem um curso de ação autodestrutivo, porque eles são ***sem entendimento*** (literalmente "coração", cf. 4.11), sem inteligência e percepção para analisar essas estratégias com qualquer profundidade.

Essa deficiência em Israel se torna evidente na incompetência política que os seus governantes demonstravam ao saltarem freneticamente de um curso de ação extremo para outro. ***Eles clamaram ao Egito*** por ajuda e ao fazer isso mostraram que haviam se recusado a clamar a Deus (7.7). O

Egito, nessa época, estava sofrendo com a divisão interna e o enfraquecimento e, conquanto eles pudessem incitar a rebeldia dos estados menos importantes na região da Síria-Palestina como um meio de frustrar o expansionismo da Assíria, eles mesmos não tinham recursos suficientes para intervir decisivamente na situação aqui considerada. Depois de buscar ajuda no sul, Efraim se dirigiu para o norte e ***foram para a Assíria***, novamente deixando de se voltar para o SENHOR. A Assíria não forneceria a eles uma assistência genuína; ela estava voltada para os seus próprios objetivos. Para os acontecimentos históricos que correspondem a essas acusações, veja *Introdução* p. 17.

> 7.12 À medida que eles forem, eu estenderei a minha rede sobre eles;
> como um pássaro do céu os farei descer;
> eu os castigarei de acordo com a mensagem [dada] à
> congregação deles.

Um pronunciamento divino de juízo iminente desenvolve ainda mais a imagem relativa à ave de 7.11 (cf. 9.11; 11.11 para o desenvolvimento desse minitema). O SENHOR agora ameaça Efraim com a sua intervenção pessoal para frustrar os planos deles. O povo autoiludido cairá na armadilha e será punido pelo divino caçador de aves. O passarinheiro (cf. 9.8; Sl 91.3; 124.7; Pv 6.5) praticava uma profissão reconhecida no mundo antigo ao caçar pássaros para alimento. Ele usava uma variedade de instrumentos em seu trabalho e aqui é feita menção da rede, enquanto o segundo verso do versículo alude a um arco e flecha.

À medida que ***eles forem***, ou seja, "para onde quer que eles forem" (cf. NKJV, REB) é o sentido em vez de "quando eles forem". Quer eles se voltem para o norte ou para o sul em busca de ajuda, Deus declara que ele agirá como um passarinheiro: ***eu estenderei a minha rede sobre eles*** (cf. 5.1). Desse modo, qualquer pássaro que esteja comendo ou descansando no chão seria pego debaixo dela e ficaria preso. A ação de estender (*ʹeprôš*) é apropriada para lidar com Efraim (*ʾeprayim*). ***Eu os farei descer*** provavelmente se refere a atirar um flecha nos pássaros em voo de modo que, mortos ou apenas feridos, eles caiam no chão. Uma vez que os israelitas deram as costas para o SENHOR, ele frustrará as alternativas nas quais eles estavam colocando as suas esperanças.

O terceiro verso resume o impacto dos primeiros dois versos: ***Eu os castigarei*** (cf. 5.2; 7.15). Essa ameaça ainda inclui a possibilidade de

aprendizado por meio da imposição de uma punição disciplinar. O significado da frase adicional, ***de acordo com a mensagem [dada] à congregação deles***, é obscuro. Ela pode estar relacionada com a recitação da mensagem da aliança nas congregações religiosas do norte (cf. Dt 30.9–13), advertindo-os acerca das maldições que viriam sobre os transgressores, mas podemos perguntar a respeito do grau em que essa prescrição foi verdadeiramente observada. Além do mais, "congregação deles" sugere uma assembleia pública convocada pelos governantes do norte e a "mensagem" ou "relatório" não é o termo comum para a palavra divina, mas antes sugere notícias trazidas por um mensageiro. Possivelmente o que está sendo dito aqui é que as notícias sobre o modo como seus planos foram frustrados seriam anunciadas nesse ajuntamento público, e isso tornaria evidente que uma calamidade ainda maior era iminente. A frase pode possivelmente estar relacionada com a recepção de informação de que o rei Oseias não havia sido bem-sucedido nos seus esforços diplomáticos com o Egito para garantir assistência militar (2Rs 17.4), com a inevitável consequência de ter sido deixado sem ajuda para enfrentar o poder das represálias assírias.

7.13 Ai deles! Porque eles se afastaram de mim.
Devastação para eles! Porque eles se rebelaram contra mim.
Mas eu [sou aquele que] os resgataria;
no entanto, eles, por sua vez, falaram mentiras contra mim.

O SENHOR denuncia a insensatez deles com ***Ai deles!*** (implicando que as práticas ímpias deles teriam consequências fatais; cf. 9.12) e com ***Devastação para eles!*** O segundo termo (cf. 9.6; 10.14; 12.1) se refere mais especificamente ao colapso das estruturas sociais e econômicas da nação (cf. Is 13.6; 16.4; 22.4; Jr 48.3; Am 5.9).

Os três elementos na acusação contra Efraim refletem o desvio religioso subjacente da nação. (1) ***Eles se afastaram***. Conquanto o verbo possa se referir ao bater das asas de um pássaro (Is 10.14), o que é descrito aqui é uma evasão deliberada da outra parte, isto é, o fato de ter se afastado de Deus em rebelião. ***De mim*** mostra que a tragédia em Efraim é fundamentalmente espiritual. Eles não buscaram a presença do SENHOR e a comunhão com ele, mas foram por caminhos que eles mesmos escolheram (cf. 2.5,7). Oseias irá refletir adicionalmente sobre o resultado desse afastamento em 9.17. (2) ***Eles se rebelaram***, isto é, eles se

revoltaram contra a autoridade de direito que ele tinha sobre eles. Não se tratava apenas de uma questão de insurreição contra os assírios que os dominavam, a quem eles foram forçados a prometer lealdade. A verdadeira rebelião era a recusa deles de reconhecer a suserania do SENHOR sobre o seu povo. Em vez disso, eles colocaram seus próprios planos e seu estilo de vida no lugar daqueles que ele exigia. As escolhas deles não haviam sido neutras, mas ***contra mim***. Aqui novamente é enfatizado como na raiz dos problemas que eles enfrentavam estava o repúdio deles do relacionamento da aliança com Deus. (3) No último verso do versículo uma outra acusação é feita: ***falaram mentiras*** (cf. 12.1). Isso vai muito além da desconsideração pela verdade na comunidade (4.2), muito além até mesmo das promessas insinceras de fidelidade ao SENHOR. Ao contrário, isso aponta para as afirmações que promoviam o culto sincretista do norte (2.5–13) e denegriam as provisões da aliança do SENHOR e sua bondade, possivelmente afirmando que ele não proveria (ou não podia prover) como os baalins podiam. ***Contra mim*** novamente enfatiza a natureza pessoal do dano feito no relacionamento deles com o SENHOR.

A rejeição dos israelitas ao SENHOR faz com que sua reação fosse ainda mais surpreendentemente graciosa (cf. 11.8–9). ***Mas eu [sou aquele que]*** ("eu" enfático, cf. 2.8) ***os resgataria***. Ainda há uma possibilidade de escapar do desastre que já havia começado a engolfar a nação. O SENHOR pagaria o preço de livrá-los da catástrofe (*pādâ*, cf. 13.14). No seu amor, ele já havia feito isso antes quando ele "trouxe vocês com uma mão poderosa e os resgatou da casa da escravidão, da mão de Faraó, rei do Egito" (Dt 7.8; cf. Dt 9.26; 13.5; 15.15; 21.8; 24.18). Mas o povo estava acostumado com suas práticas e não respondeu aos apelos para retornar a ele. Assim, os golpes que vieram sobre eles não representam a opção preferida por Deus para o destino nacional deles, mas a consequência da insensatez deles.

REFLEXÃO

- Conquanto haja um lugar para "simplicidade e piedosa sinceridade" (2Co 1.12) na conduta cristã, até mesmo Jesus Cristo recomendou os seus discípulos que fossem "prudentes como as serpentes e inocentes como as pombas" no seu trato com aqueles que reagirem de modo hostil ao evangelho (Mt 10.16; cf. Mt 7.6). Ser amante da

paz e manso não é o mesmo que se permitir ser enganado pelos inescrupulosos e traiçoeiros. A conduta equilibrada que é requerida pode ser alcançada apenas por meio da capacitação do Espírito Santo.

- Aqueles que deixam de cultivar o discernimento espiritual expõem-se à influências que os levam a vaguear e a trazer mal sobre eles mesmos (cf. Is 3.9; Jr 14.10). A recusa de ouvir a verdade resulta no envolvimento em discussões vãs (1Tm 1.6; 2Tm 4.4) e o amor pelo dinheiro faz com que outros se afastem da fé e causem a si mesmos muitas dores (1Tm 6.10). "Aqueles que se apegam a ídolos inúteis são privados da graça que poderia ser deles" (Jn 2.8, NIV). Para se contrapor a essas tendências é necessário crescer na fé e na maturidade espiritual, desejando um maior conhecimento da verdade como um bastião contra o erro. "Dê [instrução] a uma pessoa sábia, e ela se tornará ainda mais sábia; informe uma pessoa justa, e ela irá aprender ainda mais" (Pv 9.9).
- "Resgatar" (7.13) era originalmente um termo comercial que indicava uma transação em que uma quantia estipulada era paga para transferir a posse (cf. a libertação de uma moça escrava, Êx 21.8) e, em muitos contextos religiosos no Antigo Testamento, a ideia de pagamento ainda estava presente (Êx 13.13; 34.20; Nm 18.15–16). No entanto, quando Deus resgata o seu povo, o conceito de pagamento ou preço está ausente e a ênfase está no livramento de uma circunstância aflitiva ou limitadora, como quando Israel foi retirado do Egito onde era escravo. Os salmistas também pedem por livramento do perigo ou da opressão usando esse termo (cf. Sl 25.22; 26.11; 31.5; 119.134). No salmo 130.7–8, a referência é mais especificamente ao resgate do pecado. Para o termo mais específico "redimir", veja sobre 13.14. No Novo Testamento, o custo envolvido no resgate pago para efetuar a salvação está claro. "Vocês foram resgatados dos caminhos fúteis que herdaram dos seus antepassados, não por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro, mas com o sangue precioso de Cristo, como o de um cordeiro sem culpa ou macha" (1Pe 1.18–19).

(4) O arco defeituoso (7.14–16)

7.14 E eles não clamaram a mim em seu coração;

em vez disso, gemem em suas camas:
acerca do cereal e do vinho novo eles se ajuntam;
se voltam contra mim.

O SENHOR descreve as respostas impróprias do povo ao aumento das dificuldades que eles enfrentam. Não há nada de errado em clamar ao SENHOR num tempo da tribulação (8.2), buscando a sua intervenção e alívio. Mas a queixa do SENHOR é que a reação deles não havia sido sincera: ***eles não clamaram a mim em seu coração***, embora eles possam ter feito isso de outros modos. Não havia neles o reconhecimento interior dos direitos do SENHOR ou desejo de obedecer às suas ordenanças.

Eles gemem em suas camas pode ser entendido de duas maneiras. ***Em vez disso*** é a tradução de *k*', normalmente "pois", mas aqui, depois de um negativo, esse termo introduz uma situação contrastante (cf. 5.3). Por eles não reconhecerem o SENHOR de coração, todas as orações que faziam se resumiam a uma expressão de desgosto e desespero, na medida em que são consumidos pelos seus próprios sentimentos e pelas tragédias que haviam se abatido sobre eles. Eles são como crianças petulantes que reclamam que não ganharam o que queriam e que se recusam a aceitar qualquer responsabilidade pessoal pela situação que estava assediando a terra deles. "Em suas camas" se refere às horas do dia, quando eles poderiam passar tempo numa reflexão e meditação sem serem perturbados (cf. Sl 4.4; 16.7).

Uma posição alternativa, mas um tanto menos provável, é considerar essa descrição como sendo de algum ritual pagão, com "suas camas" sendo uma referência a se reclinar numa orgia. Isso se encaixa na seguinte tradução: "por causa do cereal e do vinho novo eles ferem-se a si mesmos" (NRSV, ESV, HCSB).[26] A automutilação era um dos elementos rituais cananeus usados para atrair a atenção dos deuses e para fazer com que as orações a eles se tornassem mais eficazes (cf. 1Rs 18.28). Uma vez que esse comportamento era proibido para os verdadeiros adoradores do SENHOR (Dt 14.1), aqueles que participassem dele incorreriam no desprazer de Deus, porque ***eles se voltaram contra mim***. No nível físico, o verbo "afastar-se/desviar-se" (*sûr*; compare com o sinônimo *šûb*, "virar-se/voltar para trás", 14.1) podem indicar deixar uma estrada em que se andava (Jz 18.3) ou não mais participar de uma atividade (Êx 3.4). Espiritualmente, o termo indica o desvio de um compromisso assumido. Isso foi verdade acerca de Israel depois do êxodo quando o SENHOR queixou-se de que "eles foram ligeiros em se afastar do caminho que eu

ordenei a eles" (Êx 32.8). A mesma inclinação rebelde apareceu uma vez mais tanto na adoração falsa quanto nas alianças estrangeiras feitas pelo norte.

Traduzir o verso seguinte como ***acerca do cereal e do vinho novo eles se ajuntam*** (cf. NIV, NKJV) é, pesando os fatores, a que deve ser preferida. Ela se encaixa com a descrição precedente da imaturidade dos israelitas que é evidenciada não apenas nas reclamações egoístas, mas também no foco materialista da vida deles (cf. 2.5–13). Não havia qualquer dificuldade em ajuntar uma multidão no mercado para comprar suprimentos. Ou esse ajuntamento era mais sinistro no sentido de que era para participar dos ritos pagãos a Baal para assegurar uma colheita farta? Em qualquer dos casos, esse era o comportamento daqueles que "se voltaram contra mim". O SENHOR não estava no centro da vida da nação, cuja conduta era, em vez disso, uma afronta pessoal a ele (cf. 7.13).

7.15 Porém [fui eu] que os treinei;
eu fortaleci os braços deles,
mas contra mim eles planejam o mal.

Porém novamente (cf. 7.13) marca o contraste entre o comportamento rebelde do povo e a provisão que o próprio SENHOR havia feito para eles. Aqui mais uma vez há uma nota tanto sobre a tristeza divina quanto à queixa divina no que dizia respeito à conduta desatenciosa do povo. ***Fui eu que os treinei*** como um pai amoroso que ensina os seus filhos a conhecer e praticar o que é correto (cf. 11.3). "Treinar" é traduzido como "castigar" em 5.2 e 7.12, mas indica todo o processo educativo destinado a criar vigor moral e espiritual.

Eu fortaleci os braços deles se refere aos membros (não armamento) deles, mas provavelmente indique mais do que conceder força física ao corpo. Ela indica prosperidade todo-compreensiva com que o SENHOR havia abençoado os empreendimentos da nação, mas que havia sido mal interpretada e mal usada (cf. 2.8,12). Em vez de se devotarem ao seu benfeitor, ***contra mim eles planejam o mal*** usa a preposição "para mim" como na primeira cláusula de 7.14 num sentido hostil e forma um *inclusion* ao redor desses dois versículos, embora o termo seja usado nessa cláusula para produzir algum contraste enfático. Os atos pecaminosos deles não haviam simplesmente quebrado alguma lei moral abstrata; antes, eles

haviam menosprezado o Deus que os havia tratado misericordiosamente. Esse tipo de comportamento tinha consequências inevitáveis.

> 7.16 Eles continuam a retornar, [mas] não [para aquele que está] nas alturas;
> eles se tornaram como um arco defeituoso.
> Seus líderes cairão pela espada
> por causa da insolência da língua deles.
> Esse [será] o escárnio deles na terra do Egito.

Conquanto ***retornar***/"voltar" fosse exatamente a resposta que era requerida (cf. 3.5; 6.1; 14.1), Efraim persistia em entender isso do modo errado. Eles reorientavam a sua direção, possivelmente buscando renovar as alianças que não haviam sido bem-sucedidas ou rejeitadas, ***mas não para aquele que está nas alturas***[29] (cf. 11.7). Por não terem restabelecido um relacionamento com Deus, o povo era incapaz de conduzir seus próprios negócios efetivamente e eles são comparados a ***um arco defeituoso***, isto é, "um arco traiçoeiro/enganoso" que era incapaz de operar com segurança porque a sua estrutura estava deformada ou sua corda não estava adequadamente esticada. O resultado de usar um arco como esse era imprevisível: seria improvável que a flecha acertasse o alvo e, mais do que isso, empunhar esse arco era um risco diante do avanço do exército inimigo ou da ameaça de um animal selvagem (cf. Sl 78.57). Como o povo não tinha a perspectiva que era obtida por conceder ao SENHOR o seu lugar de direito tanto na vida individual quanto na nacional, suas decisões haviam se tornado erráticas e, assim como as flechas lançadas de um arco defeituoso, elas os deixavam despreparados para se defenderem de um ataque inimigo.

Consequentemente, a liderança da terra seria varrida pelos seus adversários. ***Seus líderes*** (cf. 7.3) ***cairão*** por meio de uma morte violenta, exatamente como aconteceu com os seus reis naqueles anos (cf. 7.7). ***Pela espada*** enfatiza que isso aconteceria num conflito militar. ***Insolência*** é um termo que indica sentimentos de raiva intensa e as ações que resultam dessa fúria interior. Em combinação com ***a língua deles*** ele se refere a fazer comentários depreciativos (cf. 7.13) ou mesmo amaldiçoar a Deus.

Isso será o escárnio deles na terra do Egito. Num certo sentido, essa frase reflete o desprezo com que sua tentativa de fazer um acordo com a Assíria seria vista pelos políticos da casa real no Egito (cf. 7.11). Mas ela transmite mais do que um comentário político astuto e inteligente. Essa é

uma questão de retribuição apropriada que recai sobre aqueles que zombaram do SENHOR e que agora serão zombados. O resultado é duplamente irritante, pois ele ocorre "na terra do Egito". Possivelmente a referência seja aos refugiados que haviam buscado lá um porto seguro (cf. 9.6), mas que não encontrariam ali simpatia em meio à dificuldade em que se encontravam (cf. Ez 36.20). Há também o fato de que foi do Egito que o SENHOR resgatou o seu povo. Ao negligenciá-lo, eles trouxeram sobre si mesmos a condenação de vivenciar o caminho reverso daquele salvamento.

REFLEXÃO

- O verdadeiro arrependimento é um dom de Deus com qual ele concede um conhecimento da verdade e faz com que a pessoa recupere os sentidos espiritualmente (2Tm 2.25–26). A conduta do povo do norte não foi essa, porque eles estavam extremamente absortos em si mesmos. Conquanto eles conseguissem perceber que não estava tudo bem com eles, eles estavam satisfeitos com as ações imperfeitas para remediar a situação. Eles não mostraram gratidão ao SENHOR pela sua bondade (cf. Jr 5.24), reconhecendo que eles o ofenderam e, assim, retornando para ele. Em vez disso, nutriam pensamentos ímpios contra ele. Como Jeremias posteriormente viria a advertir Jerusalém: "lavem o coração de vocês do mal para que possam ser salvos" (Jr 4.14), mas, na sua cegueira, o povo não conseguia enxergar que era necessária da parte deles uma mudança interior. Tudo o que eles lamentavam era a falta de prosperidade externa.

D. COLHENDO O REDEMOINHO (8.1–14)

Tanto essa quanto a seção seguinte (8.1–14 e 9.1–9) têm uma estrutura semelhante, embora aqui quem fala seja o SENHOR, enquanto em 9.1–9 é o profeta que é ouvido. Cada seção começa com um imperativo e uma acusação geral de deslealdade (8.1–3; 9.1–3) e termina com anúncios proporcionais de juízo em 8.13 e 9.9.

Não há um tema que se destaque claramente, mas à medida que a vida da nação é examinada, são feitas repetidas menções ao seu excesso de confiança nos seus próprios recursos e habilidades. A vacuidade da

profissão de fidelidade religiosa feita por Israel (8.2), a frequente destronação de reis (8.4,10), a indecisão da sua política externa (8.9–10) e a sua confiança colocada erradamente no poderio militar (8.14), são combinados para retratar uma nação cuja situação está fora de controle e que está, portanto, caminhando para a destruição. Essa terrível situação surgiu por causa da sua violação da aliança com o SENHOR (8.1), sua idolatria mal concebida (8.4), particularmente no que dizia respeito ao bezerro (8.5–6) e aos sacrifícios mal orientados da sua adoração (8.11–13). Inevitavelmente eles trouxeram sobre si o juízo divino (8.14).

É possível sustentar, com base em 8.8–10, que Oseias transmitiu essa mensagem depois do sucesso militar de Tiglate-Pileser no norte de Israel em 733 a.C. e da ascensão do rei Oseias no ano seguinte (cf. Wolff 1974:137, também *Introdução*, p. 19). Embora não seja possível provar isso, a mensagem de Oseias se encaixa numa situação posterior a uma sublevação, quando o povo estaria refletindo sobre a sua situação à luz dos revezes sofridos nas mãos dos assírios. Não há, contudo, um chamado explícito para voltar ao SENHOR. As pessoas tinham em primeiro lugar que compreender o quanto a conduta delas era pecaminosa.

(1) A aliança quebrada (8.1–3)

O caminho de volta para Deus seria encontrado apenas quando a ameaça externa que a nação sofria fosse interpretada como mais do que simplesmente o resultado de forças políticas internacionais. A situação do povo estava sob o controle do SENHOR, e ele havia decretado esses revezes e desastres para Israel como juízo sobre o seu desvio. As pessoas haviam violado a aliança (8.1), feito promessas vãs de fidelidade (8.3) e rejeitado a provisão do SENHOR para elas (8.3). Essa infidelidade religiosa estava na raiz de todos os seus problemas. Uma árvore que está podre internamente não suportará as fortes rajadas de vento de uma tempestade.

8.1 Na sua boca, uma trombeta!
[Alguém] semelhante a uma águia [está] contra a casa do SENHOR,
Porque eles transgrediram a minha aliança
e se rebelaram contra a minha lei.

A repetição de “minha” nos últimos dois versos do versículo mostram que essa é uma fala divina. ***Na sua boca, uma trombeta!*** emprega uma

metáfora militar na qual um alarme é soado com o propósito de reunir a milícia local por causa de um ataque iminente (cf. 5.8). "Sua" é singular, mas não está claro se o SENHOR emite a ordem para a nação em geral ou para o próprio profeta. Em qualquer dos casos, a situação aqui é de ameaça de um inimigo até então não reconhecido. Isso pode corresponder ao fim da década de 740 a.C. quando a Assíria avançou pela primeira vez contra a Síria-Palestina, ou, o que é mais provável, depois de 733 a.C. quando aparentemente a ameaça de um ataque foi afastada quando o rei Oseias foi reconhecido pelos assírios como o governante do encrave centrado na capital, Samaria.

O inimigo não é explicitamente nomeado, mas ele é ameaçadoramente descrito como ***alguém semelhante a uma águia***, ou um "abutre". A mesma palavra hebraica é usada para essas duas grandes aves de rapina. A imagem de um abutre como um animal que se alimenta de carniça (cf. Pv 30.17), que voa em círculos esperando pela morte da sua presa produz o corolário adequado de que o estado de Israel estava na sua agonia de morte. Mais provavelmente, no entanto, "uma águia" é a ideia intencionada aqui. Sendo um predador que mergulha sobre a sua presa indefesa, ela era uma figura reconhecida de força e velocidade (cf. Jó 9.26; 2Sm 1.23). Isso apontaria para a Assíria, uma vez que a imagem de cabeças e asas de águia aparece com frequência na arte assíria como deidades guardiãs. Contudo, ***contra***/"sobre", soa uma nota negativa de aproximação ameaçadora. Essa imagem provavelmente também aluda a Deuteronômio 28.49, em que, numa descrição das maldições que o SENHOR dispensaria sobre os desobedientes, é dito que "ele trará uma nação contra você de muito longe, mergulhando sobre você como uma águia". Além do mais, ela pode muito bem indicar que a maldição da aliança reverteu o papel protetor do SENHOR, que havia levado o povo sobre "asas de águia" para fora do Egito (Êx 19.4; cf. Dt 32.10–12).

É improvável nesse contexto que ***a casa do SENHOR*** se refira ao Templo de Jerusalém, como é geralmente o caso, ou, quanto a isso, aos lugares da adoração corrompida no reino do norte (cf. 9.4). Esse termo engloba toda a terra da promessa (cf. "casa de Israel", 5.1), ou, melhor, os seus habitantes, que como sendo aqueles que constituem a casa do SENHOR são aqueles referidos como "eles" na segunda parte do versículo. A ameaça que estava sobre eles não havia surgido do nada: "a maldição sem causa não virá" (Pv 26.2, AV). O povo havia abandonado os termos da união que

os ligava ao SENHOR e que dava a eles acesso à sua proteção e a desfrutar do seu favor. A rebelião deles teria que ser punida e revertida, e o SENHOR que controla as questões de todas as nações estava usando os assírios para punir o seu povo desviado. ***Transgrediram a minha aliança*** reflete a linguagem de 6.7, mas aqui é dito especificamente que é a aliança do SENHOR, aquela indubitavelmente inaugurada no Sinai, cujos termos haviam sido violados, de modo que é prerrogativa dele responder a isso. Ele é o verdadeiro suserano, a verdadeira autoridade e o erro não é mais de Adão (ou da humanidade em geral), mas de Israel. Eles ***se rebelaram contra a minha lei*** (cf. 7.13) e essa provocação não poderia ser tolerada. O paralelismo entre os dois últimos versos mostra que a "lei", um termo compreensivo para as ordenanças do rei da aliança, estabelece o comportamento que ele requer dos seus vassalos. Desafiar a sua lei é equivalente a violar a sua aliança. A repetição de "minha" enfatiza o quanto pessoal e diretamente o SENHOR é afetado por essas violações das suas ordenanças.

8.2 A mim eles clamam:
"Meu Deus, nós – Israel – o conhecemos".

O enfático ***a mim*** mostra que o SENHOR continua a falar. ***Eles clamam*** (um verbo imperfeito que indica uma ação contínua) é uma palavra com conteúdo emocional forte, frequentemente indicando um grito por socorro (7.14). Aqui, no entanto, o povo não é representado como se estivesse primariamente interessado na assistência divina, mas sim repudiando as alegações que Oseias havia feito a respeito deles: "não há conhecimento de Deus na terra" (4.1); "o SENHOR eles não conhecem" (5.4). Eles repetidamente protestavam que estavam sendo injustamente condenados porque não eram desleais como o profeta afirmava. Quem poderia negar que eles fossem o povo do SENHOR?

Meu Deus é difícil em vista do pronome "nós" que se segue, mas expressa concisamente a noção que cada pessoa tem de um relacionamento pessoal com Deus (cf. 2.23). O problema exposto aqui não é que eles eram adoradores de Baal. A vitória de Elias havia banido o culto aberto a Baal da terra (1Rs 18.16–40). O que havia substituído essa prática, no entanto, era igualmente mortal, muito embora menos flagrante. Essas pessoas haviam sido iludidas a pensar que elas eram seguidoras fiéis do SENHOR quando não o eram. Elas focalizam no nome pelo qual eram conhecidas.

O título ***Israel***, o povo de Deus, não estabelecia a verdadeira identidade delas? Elas então não podem afirmar: ***nós o conhecemos***? Isso representa uma afirmação pactual de lealdade colocada nos termos do foco consistente de Oseias no "conhecemos", mas rejeitando a acusação dele de que a confissão delas era uma impostura. Essa é a fala daqueles que haviam sofrido uma lavagem cerebral pelo culto sincretista promovido pelas autoridades civis no norte, fazendo-as pensar que eles eram fiéis ao SENHOR e, desse modo, elas não percebiam que sua desobediência idólatra havia drenado a vitalidade da união delas com Deus e colocado em risco o relacionamento delas com ele.

8.3 Israel rejeitou o bem;
um inimigo o perseguirá.

Que o povo estava enganado em sua autoavaliação era revelado pela conduta das pessoas. ***Israel rejeitou o bem*** descreve a atitude delas com relação à aliança e ao rei da aliança. "Rejeitar"/"colocar longe" (*zānaḥ*, cf. 8.5), ecoa "ser promíscua" (*zānâ*, cf. 1.2). Ambas as palavras indicam distanciamento e alienação do SENHOR. "Bem" descreve o que ele daria a elas, a totalidade das bênçãos da aliança (cf. 3.5; Nm 10.24; Dt 3.9,15), mas na sua cegueira espiritual elas haviam rejeitado isso ao não responder à súplica de Moisés para escolher a vida e o bem (Dt 30.15). O desfrute da aliança está condicionado à obediência aos termos da aliança, mas Israel desejava viver da maneira que lhe parecesse melhor, não como o SENHOR havia ordenado. A consequência inevitável seria que ***um inimigo o perseguirá*** (cf. Dt 30.7; 32.30) quando o SENHOR usasse outras nações para castigá-los. Aqueles que desprezam a proteção que o rei da aliança oferece ficam inevitavelmente expostos à hostilidade dos seus adversários.

REFLEXÃO

- É muito trágico estar nas garras de uma autoilusão espiritual. É muito pavorosa a consequência para aquele que está diante do trono de juízo e sente-se no direito de chamar Jesus de "Senhor" e afirma que agiu em seu nome, apenas para receber a resposta "Nunca o conheci. Afaste-se de mim!" (Mt 7.21–23). O que é requerido para ser aceito é fazer a vontade do Pai que está nos céus (Mt 7.21). "Quem quer que diga 'Eu o conheço', mas não cumpre os seus mandamentos é mentiroso e a verdade não está nele" (1Jo 2.4).

- Estar espiritualmente ligado a Deus não é algo que é alcançado por meio da família ou participação na igreja. Reivindicar o nome "Israel" ou descender de Abraão (cf. Jo 8.39–40) não assegura ser aceito por Deus. "Não é aquele que elogia a si mesmo que é aprovado, mas aquele que é elogiado pelo Senhor" (2Co 10.18), e o seu elogio é baseado numa fé comprometida que é evidenciada por levar uma vida semelhante à de Abraão. Professar conhecer a Deus, mas negá-lo com suas ações marca uma pessoa como detestável, desobediente e desqualificada para toda boa obra (Tt 1.16).

(2) Liderança espúria (8.4a)

A apostasia de Israel havia se tornado evidente em duas esferas inter-relacionadas: política e religião. A primeira parte de 8.4 é continuação da acusação do povo pelo SENHOR ao focalizar na inadequação da condução das questões políticas. Ela não envolve uma total rejeição do conceito da monarquia, pois, afinal de contas, ela já havia sido antecipada como uma possibilidade em Deuteronômio 17.14–20 e Oseias fala positivamente acerca do Davi que viria (3.5). O que é repudiado e denunciado é o modo como a situação foi conduzida nos últimos anos do reino do norte.

> 8.4a Eles mesmos fizeram reis, mas que não vieram de mim; eles fizeram líderes, mas eu não [os] conheço.

Eles mesmos aponta para trás, para a nação de 8.3 e afirma que quando eles ***fizeram reis***, estavam agindo por sua própria iniciativa. A dinastia de Jeú foi estabelecida com confirmação profética (cf. 2Rs 10.30), mas isso não foi igualmente verdadeiro acerca das condições caóticas que prevaleceram depois da conspiração que resultou no assassinato de Zacarias (cf. 1.1). Esse golpe e os planos e assassinatos subsequentes foram produto da ambição humana, levados adiante sem a bênção divina. Os usurpadores regicidas não eram verdadeiramente reis "os quais o SENHOR, Deus de vocês, irá escolher" (Dt 17.15), e ***mas que não vieram de mim*** aponta para a necessidade de que um rei legítimo do povo da aliança deva ser divinamente designado, para que ele possa agir como o representante do SENHOR, governando no temor de Deus (cf. 2Sm 23.3). ***Líderes*** provavelmente inclui todos os principais oficiais do estado: os reis e os seus oficiais nomeados. ***Eu não os conheço*** não se refere a mero conhecimento, mas à aprovação dessas pessoas e da fidelidade delas. Ao

confiar na sua própria sabedoria e percepção do que era necessário, o povo havia desconsiderado os protocolos da aliança para a escolha de um rei para governá-los – e o resultado foi desastroso.

REFLEXÃO

- A admoestação profética dos governantes da terra é baseada nos princípios de justiça e equidade que devem se aplicar a qualquer sociedade. "Aja com justiça e retidão, e resgate aquele que foi roubado da mão do opressor. Não faça mal ou violência ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, e não derrame sangue inocente neste lugar" (Jr 22.3). É muito bom ter governantes que punem aqueles que fazem o mal e louvam aqueles que fazem o bem (1Pe 2.14). É uma grande bênção para qualquer terra quando o seu sistema político coloca nos postos de liderança aqueles que conhecem a Deus e defendem os seus padrões éticos. "Quando alguém governa a humanidade com justiça, quando alguém governa no temor de Deus, ele é como a luz da manhã quando o sol se levanta, uma manhã sem nuvens, como a claridade depois da chuva que faz com que a relva brote da terra" (2Sm 23.3–4).
- Por causa do caráter distintivo da constituição de Israel como uma nação teocrática que estava debaixo da aliança mosaica, em que a igreja e o estado estavam integrados, observações sobre os governantes civis também encontram aplicação hoje em termos das questões da igreja de Cristo. Aqueles que estão encarregados de vigiar o rebanho devem fazê-lo de boa vontade com o coração de um pastor (At 20.28; 1Pe 5.2).

(3) O bezerro de Samaria (8.4b–6)

À rebelião política de Israel quanto ao modo como escolhia seus reis, é a seguir acrescentada a condenação das suas práticas religiosas. Essas acusações estão sem dúvida estreitamente ligadas no sentido de que o rei era responsável por conduzir o culto na terra, pois durante toda a existência do reino do norte a religião da nação havia sido controlada pelo estado.

8.4b [Da] sua prata e o seu ouro eles fizeram
ídolos para si mesmos,
de modo que ele será eliminado.

A fabricação de ídolos era o resultado da política religiosa dos reis que não reinavam no temor de Deus. A idolatria na adoração do SENHOR foi originalmente promovida por Jeroboão I e reinstituída pela casa de Jeú (2Rs 10.29). Além disso, embora ***eles fizeram*** seja um termo hebraico totalmente diferente do termo anterior "fez reis", há a sugestão de que eles devem ser ligados como igualmente humanos quanto à origem e igualmente inúteis para a nação. Era inútil para o povo confiar tanto em ídolos quanto em reis para a sua libertação da ameaça que se agigantava causada pelo expansionismo assírio.

A produção de imagens era um desperdício da ***prata*** e do ***ouro*** (cf. 2.8) que o SENHOR havia dado a Israel por meio da expansão do seu território e a consequente prosperidade econômica. Porém, uma vez que eles deixaram de reconhecer a verdadeira fonte de sua riqueza, ***eles fizeram ídolos para si mesmos*** (cf. 8.6, 14) da sua riqueza recém-conquistada. Isso era motivado pelas suas próprias ideias sobre o que era apropriado, e essas ideias infelizmente haviam sido derivadas da cultura que prevalecia na época. O termo usado para "ídolos" os descreve como objetos formados e moldados para um propósito (cf. 4.17). Isso se encaixa na descrição dada aqui: não são seres autoexistentes, mas meros artefatos. A produção deles era uma quebra direta das normas da aliança (Êx 20.4–6) e era também um ato inerentemente irracional totalmente à parte da aliança. O plural "ídolos" pode ser uma referência ao início do reino do norte quando havia bezerros de ouro em Dã e Betel, mas mais provavelmente ele inclui um grande número de outras imagens cívicas e pessoais que foram subsequentemente fabricadas.

De modo que introduz o resultado inevitável desse tipo de atividade. As palavras são ditas de maneira irônica, não por intenção direta daqueles que fabricavam os ídolos, mas como o veredito divino sobre suas ações: ***ele será eliminado***. Embora o povo tenha sido mencionado no plural (correspondendo aos muitos ídolos que eles haviam feito), o singular "ele" provavelmente vê a nação como uma entidade que vivencia a imposição do veredito judicial do seu rei da aliança por causa da violação ultrajante dos seus direitos. A nação não ocupará mais a terra da promessa, mas será desterrada quando o seu suserano aplicar o supremo castigo de expulsar dela aqueles que persistem em desobedecê-lo e haviam maltratado a sua propriedade (cf. Ez 14.13–21).

8.5 Ele rejeitou o seu bezerro, Samaria.

Minha ira está acesa contra eles.
Até quando eles serão incapazes de pureza?

Há incerteza quanto ao significado do primeiro verso desse versículo. Embora o capítulo em grande parte consista de fala divina, parece haver algumas trocas gramaticais de pessoa, o que faz parte do estilo de Oseias (cf. 5.13), de modo que a terceira pessoa ***ele*** se refere ao SENHOR. A característica central desse verso é a repetição do verbo ***rejeitou***/"desprezou" de 8.3. "O jogo de palavras ressalta a correspondência entre a resposta divina e o pecado que a motivou" (Chisholm 1987:45). Assim como Israel havia recusado o bem fornecido pelo SENHOR, de igual modo ele rejeitaria o que eles haviam produzido para si mesmos. Eles haviam colocado a sua confiança no ***seu bezerro***, o símbolo da adoração a Baal. "Seu" está de fato na forma da segunda pessoa feminina singular, presumivelmente uma referência à "cidade" (um substantivo feminino) de Samaria, vista como uma entidade corporativa. Contudo, não há qualquer evidência histórica desse ídolo em Samaria (os bezerros estavam localizados em Dã e Betel, 1Rs 13.32) e por isso a capital foi nomeada por sinédoque (a parte pelo todo de uma entidade) para o reino, ou possivelmente uma metonímia para todo o aparato religioso e político do estado que era governado da capital Samaria. "Seu" indica que o bezerro foi uma intrusão não autorizada no verdadeiro culto ao SENHOR. O fato de que apenas um bezerro é mencionado data esse dito no período do tempo em que Dã não estava mais sob o controle israelita. Não se sabe precisamente quando isso aconteceu, mas Amós fala do "deus de Dã" (Am 8.14), por isso presumivelmente Dã havia sido perdido no avanço dos assírios depois do término do seu ministério.

O bezerro, um animal jovem, era tecnicamente uma peça da mobília cultual que estava associada à presença do deus, que era imaginado como estado em pé ou sentado entronizado nas costas do animal. É questionável, contudo, se a distinção sutil entre o bezerro e o deus era mantida no pensamento popular, e por isso os próprios bezerros passaram a ser venerados. Quando o bezerro de ouro foi feito por Arão, ele foi identificado com um deus ou deuses (Êx 32.4) e esse precedente foi, sem dúvida alguma, parte do que motivou Jeroboão I a reintroduzi-lo (1Rs 12.28). Além disso, ele agradava aos cananeus que continuavam a habitar no seu reino (cf. 1Rs 9.20–21). No entanto, mesmo que os bezerros fossem identificados como tronos para o SENHOR, a introdução deles violava o seu

mandamento explícito e facilitava a adoção mais ampla de uma ideologia sincretista.

Ocorre, então, uma mudança para a fala direta (o que pode ser indicado pela adição de "dizendo" como na NASB, antes do segundo verso do versículo). É a ***ira*** do SENHOR que ***está acesa contra eles***, presumivelmente as pessoas de Samaria, que eram o objeto da sua ira por causa da ligação delas com o bezerro. A gravidade da conduta desviada delas e a recusa obstinada de retornar penitentemente havia deixado o SENHOR sem nenhuma outra opção a não ser agir em juízo contra elas, assim como havia acontecido no incidente do bezerro de ouro no Sinai (Êx 32.10,35).

Até quando? introduz uma pergunta retórica (cf. 6.4; 9.5) que surge do pesar e da perplexidade do SENHOR diante da persistência da contínua conduta errada das pessoas. ***Pureza*** expressa o estado daqueles que são inocentes de culpa cúltica (cf. Sl 26.6; 73.13) e moral (cf. Gn 20.5). Nesses dois quesitos, entretanto, Israel repetidamente havia demonstrado um comportamento impróprio, e por isso não demoraria para que o SENHOR os expulsasse da sua presença.

8.6 Pois de Israel –
mas a respeito dele, um artífice o fez,
e ele não é deus;
pois ele será esmigalhado,
o bezerro de Samaria.

Pois de Israel é um expressão obscura e a sua interpretação tem levado a muitas sugestões. McComiskey (1992:125) argumenta plausivelmente que o último verso de 8.5 é uma interjeição do profeta, e que a sequência de pensamento evolui de "minha ira está acesa contra eles" para "pois [ele é] de Israel". O SENHOR certamente rejeita o bezerro deles como sendo algo inventado e introduzido pelo próprio povo. A sua contínua existência e veneração prova que o povo permanecia alienado do SENHOR e em rebelde rejeição à sua aliança.

O bezerro deles era uma mera maquinação humana, pois ***um artífice o fez***. "Artífice" nesse caso pode indicar aqui um metalurgista (cf. 8.2). "Fez" recorre ao longo de todo o capítulo (fizeram ídolos", 8.4; "seu criador", 8.14). A origem humana de um ídolo significa que ele não tem realidade além do mundo material: ***ele não é deus***, ou simplesmente "ele

não é Deus" (compare o título com "não nas alturas", 7.16). Ao contrariar precisamente a declaração de Jeroboão, "Observe os seus deuses, ó israel, que o tiraram da terra do Egito" (1Rs 12.28), o que por sua vez ecoava as palavras de Arão (Êx 32.8), essa é uma reprovação da confissão de fé do norte sincretista. A não entidade espiritual será exposta como tal, porque ela será ***esmigalhada*** (literalmente "fragmentos ela se tornará") e os pedaços testificarão da impotência desse deus que não existe de se defender contra os ataques do inimigo. E se isso é verdade, que proteção ele poderia fornecer para a nação que clamasse pela sua proteção? ***O bezerro de Samaria***, aquele que era adorado por eles ou promovido pelo regime (cf. 8.5), é colocado no fim da frase para dar a ela um clímax. Apenas um bezerro é mencionado; aquele em Dã não existia mais. Será que esse fato não deveria ter ensinado a eles alguma coisa?

REFLEXÃO

- Com frequência os profetas denunciavam com violência a insensatez de adorar um artefato produzido por um homem (cf. Is 2.8,20; 40.18–20; 44.9–20; Jr 10.1–16). No entanto, Israel se recusava a reconhecer a total incongruência de seres humanos feitos à imagem de Deus se prostrarem diante de uma estátua inerte que eles haviam manufaturado para si mesmos (Rm 1.22–23). A essência da idolatria é substituir Deus por algo que não é Deus (cf. Cl 3.5). A propensão para fazer isso vem da natureza humana caída, porque essa prática nos fornece um deus que podemos controlar. Uma vez que nossa visão espiritual está naturalmente distorcida e obscurecida, a adoção de práticas idólatras também surge da conformação à cultura prevalecente na nossa cultura, buscando aprovação humana em vez da aprovação divina.

(4) Alianças ímpias (8.7–10)

Oseias introduz uma variação na sua acusação da terra ao usar a fala proverbial que tem algumas das características do ensino de sabedoria. Como é frequentemente o caso, o sentido do provérbio não é imediatamente evidente; assim, o ouvinte/leitor deve fazer uma pausa e refletir sobre o que foi dito. Apenas depois da menção da Assíria em 8.9 é

que a mensagem fica clara: as alianças com povos estrangeiros são infrutíferas e destrutivas.

> 8.7 Porque um vento eles semeiam,
> um furacão eles colherão.
> A semente que permanecer não tem espiga;
> ela não produzirá grão.
> Mesmo se eles produzissem [grão],
> os estrangeiros o engoliriam.

Nesse versículo memorável (que é expresso em estilo proverbial que é geralmente associado com os escritos de sabedoria) há dois pensamentos: uma inevitável correspondência entre ação e reação, entre a ação errada e as suas consequências; e também o conceito de intensificação – o resultado fará mais do que refletir o crime original. A palavra introdutória geralmente traduzida como "pois", dá uma explicação do precedente, mas nesse caso ela serve para fazer uma ligação com o que segue e é traduzida como ***porque***. A transição para a imagem agrícola é facilmente feita porque os deuses cananeus eram primariamente deuses da fertilidade. Há uma assonância entre **eles semeiam** (*yizrāʿû*) e **eles colherão** (*yiqṣōrû*), que reforça a mensagem de que as ações inevitavelmente trazem consequências na sua esteira (cf. 8.5; 12.2). O provérbio não tem em vista aquele que semeia *no* vento. Esse deve ser um curso de ação sensato porque a brisa leve ajuda a dispersar a semente que é semeada manualmente. Em vez disso, o que está sendo retratado aqui é a semeadura de vento, uma imagem comum para se referir ao que é sem substância e fugaz, usado particularmente na repetida afirmação de Eclesiastes de que o resultado das atividades humanas é inútil e efêmero (p. ex., 12.1; Pv 11.29; Ec 1.14; 5.16).

A noção de que colhemos o que plantamos é um lugar-comum muito conhecido (cf. Jó 4.8; Pv 22.8; Gl 6.7). Aqui, contudo, o resultado é intensificado: aqueles que semeiam sementes sem valor não apenas não obtêm qualquer resultado, mas obtêm um resultado esmagadoramente negativo. Um ***furacão*** era uma força destrutiva que não podia ser evitada (cf. Sl 83.15). Por isso, o que teve início como uma insensatez irá aumentar como uma bola de neve em suas consequências. O que está em vista aqui são as alianças internacionais para resistir à agressão assíria. Por si mesmos, eles eram incapazes de alcançar os seus objetivos. Mas eles não foram simplesmente malsucedidos. Iludindo a si mesmos quanto à

potencial eficácia dos acordos que haviam feito, os estados menores da Síria-Palestina se aventuraram em rebelião contra a Assíria, apenas para trazerem sobre si mesmos um furacão de represálias e uma repressão ainda maior por parte das invencíveis forças militares do império.

No segundo verso, a situação é exposta ainda mais por meio de outro jogo de palavras, que, de modo incomum no hebraico, envolve uma rima em que ***espiga*** (*ṣemaḥ* literalmente "o que brota") é ecoado por ***grão*** (*qemaḥ*), grão que aguarda ser moído para virar farinha (cf. Is 47.2). Além disso, há ainda uma outra rima entre "comida" e ***permanecer*** (*qāmâ*). O que não foi nivelado pela ventania é incapaz de produzir qualquer coisa que possa ser consumida. As metáforas agrícolas devem ser aplicadas à situação política e militar. Embora eles sejam capazes de organizar algum tipo de força de coalizão, ela seria incapaz de frear ou reverter as incursões assírias.

Ainda mais, ***mesmo se eles produzissem grão*** – o que obviamente não é possível– isso não seria para o benefício de Israel, porque ele seria completamente consumido pelos ***estrangeiros*** (cf. 7.9; o hebraico é *zār'm*, possivelmente com a intenção de rimar com "semeará", *yizrāʿû*, no início do versículo). Se talvez a coalizão não fosse completamente eliminada pelas forças invasoras, ainda haveria a exigência de pagamento de tributo aos assírios, como Menaém (2Rs 15.9) e outros descobriram à própria custa deles. A aliança com a Assíria ou a ocupação por essa nação levaria à drenagem das riquezas da terra, à medida que a estrangulação econômica se apresentasse a eles.

> 8.8 Israel foi engolido.
> Agora eles se tornaram entre as nações
> como um vaso de que ninguém se agrada.

Aqui Oseias mostra como o enigma anterior deve ser entendido. A política externa imprudente de ***Israel***, o reino do norte, não deu resultado e acarretou consequências desastrosas. ***Engolido*** está ligado ao verso anterior, mas aqui ele não indica a safra deles, mas a própria nação que foi devorada pelo inimigo. Wolff (1974:142) associa isso com a anexação assíria da Galileia e Gileade em 733 a.C., embora, também possa se referir a uma perda de influência israelita sobre o território dentro da zona deles no reinado de Menaém.

Agora pode muito bem indicar uma conexão lógica e não temporal, isto é, "então agora, como consequência de eles terem sido devorados" (cf. 8.13) pela agressão assíria, Israel havia perdido a posição que desfrutava ***entre as nações*** no reinado de Jeroboão II. Por causa da sua política internacional imprudente, o território e a prosperidade da terra foram diminuídos, e os povos ao redor os consideravam ineficientes e sem influência. Essa mesma vinheta é posteriormente usada por Jeremias, ***um vaso de que ninguém se agrada*** (cf. Jr 22.28; 48.38), em que a descrição é especificamente a um vaso de barro quebrado e inútil, rejeitado e jogado no monte de lixo local.

> 8.9 Pois eles mesmos subiram à Assíria,
> um jumento selvagem [vive] sozinho, por si mesmo;
> [quanto a Efraim], eles contrataram amantes.

Pois introduz a razão da afirmação anterior sobre Israel e, portanto, isso também se relaciona ou com o pagamento de tributo de Menaém (2Rs 15.19) ou à aceitação pelo rei Oseias de semelhante posição de subordinação (2Rs 17.3). ***Eles mesmos*** enfatiza que o curso de ação no qual embarcaram foi concebido e adotado pela própria iniciativa deles. ***Subiram*** indica uma viagem para o norte, talvez não até a terra natal dos assírios, mas certamente até que eles se encontrassem com a forças assírias enquanto elas marchavam para o sul.

Há um jogo de palavras intencional entre ***jumento selvagem*** (*P^{e}r'*) e ***Efraim*** (*ʾeprayim*), em que as mesmas três consoantes são encontradas numa ordem diferente (cf. também outros jogos de palavras em 13.5 e 14.8). Normalmente, o pensamento é considerado como sendo que eles se comportavam como "um jumento que vaga sozinho" (NIV) e a descrição da infidelidade enfeitiçada de Israel, semelhante àquela de Judá um século depois, que disse: "eu amo estrangeiros e após eles eu irei" (Jr 2.25). No entanto, mais provavelmente a ideia aqui é que a conduta de Efraim é pior do que a de um jumento selvagem. Embora a espécie precisa do animal mencionada permaneça uma questão de conjectura, todas as possibilidades apontam para animais que são naturalmente gregários. "Jumento selvagem", portanto, é usado coletivamente para descrever o comportamento de um rebanho que evita lugares em que há seres humanos, como se torna claro na extensa descrição do seu *habitat* natural e conduta em Jó 39.5–8. Jumentos selvagens que não querem ser pegos e

usados como animais de carga têm a sensibilidade de se manter distantes daqueles que poderiam prendê-los, mas a insensatez de Efraim foi tal que ***eles contrataram amantes***, ou possivelmente "pagaram por casos amorosos". O verbo "contratar" está ligado com o substantivo usado para "contratar" em 2.14 e 9.11. Eles negociaram uma taxa pelo favor de estranhos, mas descobririam que ligações compradas são superficiais. Quando o dinheiro acaba, o relacionamento acaba. Do mesmo modo, a tentativa de Efraim de comprar segurança por meio de alianças políticas não funcionaria. A cooperação não seria apenas ineficaz, mas contraprodutiva por se tornar posteriormente algo totalmente opressivo.

8.10 Embora eles contratem [amantes] entre as nações,
agora eu os ajuntarei.
Eles começarão a diminuir por causa do fardo
de um rei de líderes.

Esse versículo desenvolve o tema do versículo anterior: os expedientes que Efraim tem empregado se mostrarão ineficazes. ***Embora eles contratem amantes entre as nações***, a compra de ajuda não resultará em qualquer benefício no que diz respeito a resistir à vontade de Deus. "Entre as nações" ecoa 8.8. Em ***agora eu os ajuntarei***, o pronome "os" pode se referir às nações (o antecedente imediato), que possivelmente se ajuntariam contra Efraim (cf. Ez 16.37). Porém, mais provavelmente o pronome se refere a Efraim. Contudo, a ideia de eles serem ajuntados para que sejam restaurados ao favor divino (uma expressão comum, cf. Dt 30.3; Jr 31.8,10; Ez 11.17) está totalmente fora de lugar aqui. Em vez disso, a frase é uma indicação ameaçadora da determinação do SENHOR de convocar Efraim para uma assembleia em que a nação será julgada e punida (cf. 9.6; Sl 50.5–7; Ez 22.20; Jl 3.2; Mq 4.12; Sf 3.8).

A segunda parte do versículo é entendida de várias maneiras. Ele expressa um aspecto do juízo iminente, quando Efraim será empobrecido pelo ***fardo*** do tributo exigido dele. ***Um rei de líderes***,/"governantes" (7.3), é provavelmente uma tentativa de traduzir o título real assírio "rei dos reis", isto é, um soberano sobre governantes insignificantes, para os quais o título de "rei" também era usado. Esse é o resultado de ir à Assíria: não uma solução, mas intensificação de problemas.

REFLEXÃO

- A vida é uma série de decisões que variam em importância, mas cada uma delas deve ser tomada à luz da Palavra de Deus (Sl 43.3; 119.105), buscando a direção do Espírito por meio de oração (Sl 143.10; Rm 8.4; Gl 5.16,25), e objetivando a consolidação e o avanço do reino de Cristo ao conformar cada ato à vontade dele (Rm 12.11; Cl 3.23–24). Se essa atitude não estiver presente, a tomada de decisões meramente humanas estarão fadadas a produzir apenas "vento" (8.7), que é incapaz de fornecer satisfação, embora prometa o que é desejado. Nas décadas depois de Oseias, Isaías teve que combater uma cegueira semelhante entre o povo do reino do sul, Judá. "Ai dos filhos teimosos", declara o SENHOR, "que executam um plano, mas não o meu, que fazem uma aliança, mas não por meio do meu Espírito, de modo que eles acrescentam pecado sobre pecado! Que decidiu ir ao Egito sem pedir o meu conselho, para se refugiar na fortaleza de Faraó e para encontrar guarida à sombra no Egito!" (Is 30.1–2).
- Vivemos num universo estruturado. As leis que o Criador impôs ao reino natural são geralmente óbvias, como a lei da gravidade ou os princípios do eletromagnetismo. Estes foram reconhecidos e explorados pela ciência moderna, embora a origem divina deles seja frequentemente negada. Igualmente, Deus impôs uma estrutura moral ao universo. Embora suas leis não operem de modo imediato como as leis físicas, seus princípios são constantes, refletindo o caráter do próprio Deus. A rebelião da humanidade contra Deus obscureceu a percepção humana dessa realidade, e nós constantemente precisamos ser lembrados disso. "Não se enganem: Deus não pode ser zombado, pois o que uma pessoa planta, ela também irá colher. Pois, aquele que planta para a sua própria carne colherá da carne corrupção, mas aquele que planta para o Espírito do Espírito colherá vida eterna" (Gl 6.7–8; cf. 2Co 9.6).

(5) Adoração ilícita (8.11–13)

O uso repetido de "muitos"/"fazer muitos" ao longo dos versículos finais do capítulo intensifica a descrição das cenas de atividade intensa. Da parte de Israel, essa atividade é religiosa, sacrificando (8.11) e preparações militares, construindo cidades fortificadas (8.14); da parte do SENHOR, a atividade é possivelmente dar orientação pactual para o povo

(8.12). Nenhum deles alcança o seu objetivo. O povo não obtém aceitação por parte de Deus nem segurança contra os seus inimigos e Deus não induz o povo a agir de maneira responsável observando os termos da aliança.

8.11 Pois Efraim fez muitos altares para a oferta pelo pecado;
eles se tornaram para ele altares para pecar.

O ***pois*** introdutório parece indicar uma ligação geral em que uma análise mais profunda de suas políticas externas os mostram não como ações erradas isoladas, mas na raiz, produtos da visão religiosa aberrante deles. A ênfase nos altares e sacrifícios retoma temas mencionados antes (cf. 4.8; 5.6). ***Fez muitos*** é repetido em 8.14 e forma um *inclusion* ao redor da seção.

A norma para o povo da aliança era que deveria haver um único santuário onde eles adorariam o único Deus deles (Dt 12.5–7). Ao rejeitar a adoração do Templo de Jerusalém, o reino do norte o substituiu pelos altares dos bezerros em Betel e Dã, e Jeroboão I ainda erigiu templos nos lugares elevados por todo o território (1Rs 12.31). Esses altares sincretistas com seus sacerdotes desacreditados continuaram a se multiplicar. Ostensivamente eles serviam como ***altares para a oferta pelo pecado***. O culto do norte mantinha os ritos e festas do sul, porém os utilizava num contexto religioso significativamente diferente, e assim se desviavam da ortodoxia da lei mosaica não apenas no que diz respeito ao número de altares, mas também no significado associado ao ritual sacrificial. Consequentemente, em vez de aplacar a ira divina, a adoração deles era uma fonte ainda maior de provocação. ***Eles se tornaram para ele altares para pecar***, em que "pecar" retém seu sentido básico de "errar o alvo" (cf. 4.8). A punição por introduzir inovações cultuais condizia com o fato de a adoração deles não conseguir o que era pretendido; de fato, o oferecimento de culto inaceitável aumentava a culpa deles.

8.12 Eu continuei escrevendo para ele dez mil [preceitos] da minha lei;
eles foram considerados como algo estranho.

Essa palavra de queixa divina mostra penetrante discernimento sobre qual deveria ter sido a resposta do povo de Deus, e o quão perversamente eles haviam reagido à provisão instituída para eles. Há um elemento de hipérbole na declaração, ***Eu continuei escrevendo para ele dez mil preceitos na minha lei***, mas ela serve para enfatizar a clareza e

abrangência da orientação divina. Além do mais, o fato de ela ter sido escrita enfatiza sua acessibilidade e permanência. Tudo isso agravava a culpabilidade da conduta de Israel. Apesar dos amplos detalhes que haviam recebido, eles não estavam aplicando as instruções de Deus à vida deles. Na verdade, ***eles foram considerados como algo estranho***. O que deveria ser familiar e valorizado foi considerado estranho e intrusivo (*zār*, cf. 8.7). Num sentido estranhamente invertido do que era próprio e adequado, eles não avaliavam suas alianças com os poderes estrangeiros desse modo, ou outros aspectos do culto, como os ídolos, como sendo estranhos. A percepção deles era altamente seletiva, uma vez que eles viam as ordenanças do SENHOR como antiquadas e sem relevância para eles enquanto, ao mesmo tempo, buscavam melhorar a vida religiosa se conformando às práticas das comunidades estrangeiras ao redor deles que não pertenciam à aliança.

8.13 [Quanto aos] sacrifícios das minhas ofertas
eles continuam sacrificando carne e comendo[-a];
o SENHOR não os aceita.
Agora ele lembrará da iniquidade deles
e punirá os seus pecados:
eles mesmos retornarão para o Egito.

O início do versículo é difícil de entender e isso tem gerado algumas correções. ***Sacrifícios*** (colocado no início para ênfase) e ***sacrificando*** refere-se nesse caso à parte das ofertas que seriam comidas nas refeições comunitárias (ofertas de comunhão, tradicionalmente ofertas pacíficas) com a parte dedicada a Deus. O termo traduzido ***minhas ofertas***, que ocorre apenas aqui, pode ser derivado de uma forma hebraica comum do verbo "amar", com um sentido como "ofertas que eu amo", mas mais provavelmente ela vem de uma raiz que significa "dar" e significa dádivas ou ofertas estipuladas por Deus ou feitas para ele. Ela parece significar que, embora externamente eles sacrificassem de acordo com os requerimentos da lei dada ao povo por Deus, e embora eles estivessem preparados – na verdade ansiosos – para ***comer***[45] a ***carne*** das ofertas de comunhão, não havia apreciação do significado espiritual do sacrifício porque não havia harmonia interior entre eles e Deus. A maior preocupação deles era deleitarem-se com uma refeição requintada, de modo que seus esforços religiosos se resumiam a nada mais do que sentar-se para desfrutar um suntuoso repasto. Eles estavam satisfeitos com o

próprio desempenho, mas ***o SENHOR*** não os aceita, um aspecto essencial do ritual sacrificial (cf. Lv 1.4). Essa é a sua atitude permanente e que não muda, presumivelmente quanto aos sacrifícios ou àqueles que sacrificavam. O comportamento que eles consideravam aceitável, ele considerava detestável – o relacionamento pactual havia sido tensionado até o ponto de ruptura.

Agora aponta para as consequências iminentes da situação (cf. 8.8) no sentido de que o SENHOR assumirá o papel de acusador deles. ***Lembrará*** mostra o SENHOR ativamente relembrando a conduta e as atitudes deles com o objetivo de tomar as medidas apropriadas (cf. 7.2) e é possivelmente uma expressão legal (cf. 9.9). ***Punir*** ("responsabilizar" cf. 1.4) indica o resultado dessa divina inspeção do comportamento deles. O SENHOR está pessoalmente envolvido no exame da atividade religiosa de Israel e é a afronta feita a ele que determinará a consequência para a nação. Para ***iniquidade*** veja sobre 7.1 e para ***pecados*** veja sobre 4.8. Essa punição irá envolver ***eles mesmos*** e eles ***retornarão para o Egito*** (cf. 7.16).

Esse retorno dificilmente pode ser considerado a formação de uma aliança política com o Egito; Oseias já havia sido sarcástico na sua avaliação dessa atitude (cf. 7.11,16). Em vez disso, "Egito" relembra a opressão que os israelitas haviam anteriormente vivenciado lá. Das trezes vezes que o Egito é mencionado na profecia, cinco delas relembram a experiência do êxodo (2.17; 11.1; 12.10,14; 13.4) e outras cinco associam o Egito com a Assíria, como um dos dois maiores poderes daquela época, dos quais o Egito era o mais fraco (7.11; 9.3; 11.5,11; 12.2). Nas outras três ocasiões (7.16; 8.13; 9.6) o tom ainda é ameaçador. O que está sendo retratado aqui é a reversão das bênçãos da aliança (cf. Dt 28.68). O SENHOR que trouxe o seu povo do Egito os destina a voltar para lá (ou para circunstâncias semelhantes de escravidão evocadas pelo termo Egito) como uma consequência do seu pecado e rebelião (cf. 9.3; 11.5). A redenção fornecida pela aliança é totalmente revertida.

REFLEXÃO

- A referência a uma lei escrita (8.12) aponta para a herança pactual de israel. Os monarcas antigos estabeleciam os termos dos tratados com seus subordinados na forma escrita. Não menos do que isso fez o Rei celeste quando deu uma lei escrita por meio de Moisés para que as gerações seguintes não tivessem dúvida sobre o que o

SENHOR requeria. A declaração em 8.12 desafia fortemente as concepções críticas de uma lei escrita como sendo uma inovação posterior na história de Israel.

- Considerar os preceitos divinos como estranhos ou estrangeiros (8.12) é uma característica daqueles que abandonaram o amor que uma vez já tiveram (cf. Ap 2.4). O amor se deleita em agradar aquele que é amado e, portanto, busca constantemente informação sobre o que o amado gosta e do que ele desgosta. É por isso que o salmista amava os mandamentos de Deus (cf. Sl 119:47–48,127), não primariamente como um fim em si mesmo, mas como um meio de conhecer o que o agrada e desse modo estando numa posição de conseguir expressar devoção aceitável a ele. "Se vocês me amam, guardarão os meus mandamentos" (Jo 14.15) não está, portanto, expressando uma associação arbitrária entre amor e obediência, mas uma relação que inevitavelmente surge do apego do amor. Quando o amor pelo Salvador diminui e esfria, então, o que o agrada se torna um objeto de crítica e uma fonte de irritação e não mais uma fonte de prazer.

(6) O veredito divino (8.14)

8.14 Israel se esqueceu do seu Criador,
e edificou palácios,
e Judá construiu muitas cidades fortificadas;
por isso mandarei fogo sobre as cidades deles,
e ele devorará as cidadelas dela.

O fato de que ***Israel se esqueceu*** (cf. 2.13; 13.6) ***do seu Criador*** faz um forte contraste com o modo com que Deus se lembra da conduta de Israel (8.13). "Criador" aqui é uma referência não a Deus como criador da humanidade, mas como aquele que formou a nação – uma nação cuja religião nesse momento estava tão degenerada que tinha um artífice para fabricar ídolos (cf. 8.6). Em Deuteronômio 32.6 Moisés apresentou o SENHOR ao povo como "o pai de vocês que os criou, que fez vocês e os estabeleceu" e a quem, portanto, eles deviam fidelidade ("Foi ele quem nos fez e nós somos dele", Sl 100.3). O fato de eles terem se esquecido do seu criador também implicava rejeição da base sobre a qual eles ocuparam a terra e da origem de todas as bênçãos que haviam desfrutado.

Israel foi tão negligente em relação a tudo o que o SENHOR havia feito por eles que ***edificou palácios***. (A palavra também pode significar "templos", mas isso parece improvável em vista da palavra "cidadelas".) Essas grandes casas eram os produtos da riqueza deles e constituíam a demonstração ostentosa da abundância; elas eram também muito fortificadas. Presumivelmente, isso é um retrospecto histórico que relembra os tempos de Jeroboão II, porém a atitude subjacente de confiança na riqueza e na segurança militar continuava a ser evidente nos acontecimentos que tiveram lugar na década de 730 a.C. Além do mais, assim como toda a nação havia estado envolvida no evento do êxodo do Egito, do mesmo modo ***Judá*** (cf. 1.7) no sul não estava isento das tendências no norte. Sob Uzias/Azarias, eles também vivenciaram expansão territorial e prosperidade material (2Cr 26.1–15) – com os mesmos perigos que os acompanham. Enquanto Efraim havia construído muitos altares (8.11), o sul ***construiu muitas cidades fortificadas***. A política de defesa de Judá não estava fundamentada na confiança no SENHOR como seu protetor, mas envolvia o estabelecimento do posicionamento estratégico de guarnições no seu território. Muito antes da revelação da inutilidade dessa defesa, em 701 a.C. Senaqueribe capturou 46 delas. A menção aos palácios e as cidades fortificadas aqui é uma expressão distributiva, um recurso poético que não quer dizer necessariamente que um reino construiu um único tipo de estrutura, enquanto a atividade de construção no outro era de um tipo diferente. Ambos os reinos estavam ocupados com um extenso programa de construção movidos pelos mesmos motivos, e para nenhum deles o resultado seria aquele que eles desejavam.

Em ordem reversa, o juízo é pronunciado primeiramente sobre Judá: ***eu enviarei fogo sobre as cidades dele***. Aqui novamente há um jogo de palavras com "enviar" (*šālaḥ*), ecoando "esqueceu-se" (*šākaḥ*) e sugerindo a resposta apropriada. Com relação a Israel, ***ele devoraráas cidadelas dela***, ou "fortalezas", possivelmente a seção fortificada de um palácio real. No norte também as medidas militares defensivas que haviam sido tomadas se mostrariam ineficazes. "Devorar" é a tradução do mesmo verbo "comer" em 8.13 (cf. 7.7) e indica a destruição total causada pela conflagração. Ditos envolvendo "fogo" seguidos por "devorar" também são encontrados em Amós 1.4,7,10,14; 2.2, mas isso não indica necessariamente qualquer dependência direta de Oseias desse profeta

anterior. Uma sequência semelhante é encontrada muito antes em Números 16.35; 21.28 e Juízes 9.15. Novamente, embora as descrições sejam distribuídas entre o norte e o sul, elas se aplicam igualmente a ambos.

REFLEXÃO

- As origens são um fator importante na nossa autopercepção. O fato de ter-se esquecido do nosso Criador num sentido criacional, enfraqueceu a percepção da civilização ocidental quanto ao que constitui a verdadeira humanidade. Faz toda a diferença para a nossa avaliação de valor e destino se nos consideramos como sendo bolhas de lodo evoluídas ou aqueles que foram animados pelo sopro de Deus (Gn 2.7) e dotados com o potencial e a responsabilidade de funcionar como aqueles à imagem dele (Gn 1.26). Considerações semelhantes são eficazes quanto a nos esquecermos do nosso Criador em termos de relacionamento espiritual. Os "filhos de Deus" (Rm 8.16; 1Jo 3.1) são aqueles que "ele fez nascer de novo" (1Pe 1.3). Quando eles reconhecem o seu novo relacionamento com ele, então eles são conclamados a "serem imitadores de Deus, como filhos amados" (Ef 5.1) e são "predestinados para serem conforme a imagem do seu filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29). Quando isso é perdido de vista, a vida da fé vacila e se torna "indolente" (Hb 6.12).

E. DIAS DE PRESTAR CONTAS, NÃO DE SE REGOZIJAR (9.1–9)

Essa parte da profecia é um complemento à seção anterior (veja a introdução a 8.1–14) e consiste de um discurso de duas partes feito por Oseias. (Para a quebra depois de 9.9, veja a introdução a 9.10–10.15). Inicialmente (9.1–6) há palavras de advertência profética baseadas na revelação do capítulo anterior. Elas podem ser sido pronunciadas num tempo em que houve uma diminuição das pressões assírias e o povo, baseado no fato de que os seus problemas eram meramente de natureza política, adotaram a visão de que o pior já havia passado. Oseias os adverte contra essa complacência, porque a Assíria era apenas um instrumento nas mãos do SENHOR. A verdadeira preocupação do povo deveria ser o

veredito de Deus sobre eles. A mensagem foi muito provavelmente transmitida no transcurso de uma das festas religiosas e o exílio iminente é descrito como um período em que esse tipo de ritual inevitavelmente cessaria (9.4–5). A seção final (9.7–9) lança luz sobre como o povo reagiu ao ministério de Oseias. Eles foram desviados pelas vozes proféticas de dentro da comunidade, que as asseguraram de que tudo ficaria bem. Oseias, no entanto, reitera que o SENHOR chamaria a nação para que prestasse contas das suas transgressões.

(1) Festas abandonadas (9.1–6)

Já foi proposto plausivelmente que Oseias pronunciou o discurso desses versículos na época de uma festa religiosa, mais provavelmente Sucote, a festa das Cabanas, uma variante que havia sido estabelecida no reino do norte um mês depois da data que o SENHOR havia instituído. "E Jeroboão ordenou uma festa no oitavo mês, no décimo quinto dia do mês, como a festa de Judá e ele sacrificou sobre o altar [*ou* foi ao altar]. Assim ele fez em Betel, para sacrificar aos bezerros que ele havia feito" (1Rs 12.32). Como essa festa era celebrada no fim do verão, depois da colheita das uvas e das azeitonas, ela tinha o propósito de ser um tempo de regozijo e alegria (cf. Lv 23.40; Dt 16.14–15). Oseias reavalia a situação à luz da condenação de Israel por parte do SENHOR, particularmente como foi expressa no capítulo anterior, com o qual há uma série de conexões temáticas e verbais: prostituição (8.9; 9.1); cereais e vinho (8.7; 9.2); iminente opressão e retirada da terra (8.13; 9.3). Então, o regozijo era inapropriado, pois essa festa que celebrava a jornada deles pelo deserto depois do êxodo (Lv 23.43) seria, na verdade, um prelúdio para um retorno para circunstâncias semelhantes.

9.1 Não se regozije, Israel,
com exultação como os povos,
pois você cometeu prostituição ao lado do seu Deus;
você ama a paga da prostituta
ao lado de todas as eiras para os grãos.

Depois do clímax atingido nos últimos versículos do capítulo anterior, uma fala imperativa direta com que o versículo inicia começa a confirmar que esse é o início de uma nova seção (cf. 8.1). A proibição, ***Não se regozije***, sugere que essa mensagem foi originalmente transmitida numa

época em que o povo estava justamente fazendo isso, provavelmente num dia de festa (cf. 2.11), e num contexto como esse ***Israel*** os lembra do *status* deles como povo da aliança. As palavras do profeta devem ter tido um efeito adverso na alegria geral do povo.

A raiz por trás de ***exultação*** não ocorre em vários livros bíblicos (talvez por causa da conotação cananeia), mas onde ela é usada, o regozijo em vista é com frequência diante de Deus e em resposta à sua ação (cf. Sl 21.1; 31.7; 32.11; Is 41.16; 61.10; Jl 1.16; 2.21; Zc 10.7). "Com exultação" é literalmente "para exultação" – uma expressão relativamente difícil. Conquanto muitas traduções tomem essa expressão como mais uma proibição, por exemplo "não estejam jubilosos" (NIV),[48] é preferível tratá-la como um uso intensificado do substantivo, proibindo o regozijo que se degenera em excessos descontrolados ***como os povos***. Nos cultos de fertilidade cananeus e outros, os adoradores estavam predispostos a se entregarem a expressões de fervor sem inibição, mas um padrão de comportamento diferente deveria ser evidenciado na comunidade da aliança. Isso deveria se aplicar particularmente quando eles haviam sido claramente informados de que o SENHOR havia rejeitado a conduta deles como repreensível e que dentro em breve agirá contra eles.

Pois mostra que não importava o quanto a colheita tivesse sido bem-sucedida, a disputa não resolvida entre a nação e Deus havia lançado uma sombra sobre todos os negócios deles. A expressão, ***você cometeu prostituição*** (e ainda continua a fazer isso) ***ao lado do seu Deus***, é incomum no sentido de que o verbo é masculino, presumivelmente indicando que ele é usado metaforicamente aqui. "Cometer prostituição" é a última ocorrência no livro de um termo derivado da raiz *zānâ* (a última ocorrência antes dessa foi em 6.10) para descrever o desvio do comportamento de Israel como o de uma mulher promíscua. A infidelidade do povo havia causado a ruptura do seu relacionamento com aquele que era verdadeiramente o *seu* Deus, de modo que eles não estavam mais vivendo próximo a ele como deveriam estar. Portanto, eles não deveriam mais esperar serem os beneficiários do seu favor.

Você ama uma paga da prostituta (*ʾetnān*, "salário da prostituta", cf. *ʾetnâ*, 2.12). O verbo perfeito tem uma força estativa: eles haviam sido atraídos pelo que pensaram que ganhariam por se devotarem aos deuses cananeus e a atitude deles permanecia a mesma – eles continuavam a ansiar pelo que se entregavam nos altares pagãos. Ao imitar a prática dos

seus vizinhos, eles pensaram que os ***grãos*** (cf. 2.9) haviam sido dados a eles por Baal, que eles aceitavam como a fonte dessa fertilidade agrícola (cf. 2.5). O que está sendo tratado aqui é a prostituição ritual ***em todas as eiras para os grãos***. As eiras eram áreas elevadas para uso da comunidade, normalmente localizadas fora dos portões das cidades, onde elas também forneciam uma área plana para assembleias públicas (cf. 1Rs 22.10). Os lugares altos dos altares de Baal estavam situados em lugares próximos. "Todas" indica que essas práticas corruptas eram comuns por toda a terra.

9.2 A eira e o lagar não os alimentará,
e o vinho novo a decepcionará.

Contra as expectativas que informavam os rituais pagãos, é declarado que ***a eira e o lagar não os alimentar***á. O verbo singular "alimentará" mostra que o sujeito composto expressa, por metonímia, que a produção agrícola é vista como um todo. "Alimentará" é uma metáfora para o pastoreio e se refere à provisão do suprimento necessário. A predição de uma fome generalizada envolve a ausência dos produtos mencionados e isso também os privaria de ocasião para celebração da festa da colheita no outono, uma vez que a fartura de que eles desfrutaram antes seria substituída pela esterilidade como um resultado da maldição divina. O lagar era o lugar onde as uvas eram processadas (como também as azeitonas), cujo suco escorria de um recipiente superior, possivelmente entalhado na rocha, onde elas eram pisadas, e recolhido num recipiente inferior. No primeiro verso, a ênfase pode muito bem estar nas azeitonas, cujo óleo constituía um dos produtos mais básicos comercializados na terra. Estes três produtos – trigo, óleo de oliva e vinho (2.8) – eram usados extensivamente quando a colheita era abundante, mas quanto mais a produção desses itens deixasse de corresponder às expectativas, mais o povo vivenciaria dificuldades.

O reabastecimento do estoque de ***vinho novo*** (cf. 2.8) não aconteceria. O verbo ***decepcionará*** inicialmente significa "negar, manter em segredo, ou iludir", mas ele é também usado no sentido mais amplo de "não acontecer" (cf. Hb 3.17). O pronome feminino ***a*** mostra que o profeta está vendo a nação como uma meretriz ou uma esposa infiel a quem a maldição da quebra da aliança sobrevirá (cf. 2.8–13): uma nação "não deixará para vocês cereal, vinho novo e óleo de oliva, nem o recém-nascido do seu gado ou a cria das suas ovelhas, até que vocês pereçam" (Dt 28.51).

9.3 Eles não habitarão na terra do SENHOR,
e Efraim retornará ao Egito,
e na Assíria eles comerão o que é impuro.

Independentemente do quanto a colheita fosse abundante, o povo não desfrutaria dela, porque eles não estariam lá para isso. Provavelmente a sequência subjacente dos acontecimentos é que a colheita arruinada imposta pelo SENHOR por meio das condições climáticas adversas ou outras condições deixará a terra tão enfraquecida diante dos seus inimigos que eles se tornarão sujeitos a serem invadidos e subsequentemente deportados (cf. Dt 28.38–41). ***Eles não habitarão na terra do SENHOR*** os lembra a quem, em última instância, pertencia a terra: "terra é minha" (Lv 25.23). Como aqueles que haviam comprometido sua lealdade ao SENHOR por se voltarem para o culto a Baal, eles não mais desfrutariam do direito de ocupar a terra. A residência deles na terra estava condicionada à sua permanente fidelidade, porém eles não permaneceram fiéis e por isso ***Efraim retornará ao Egito***. Novamente (cf. 8.13) a referência não é primariamente a uma deportação *física* para o Egito (mas observe 8.6), mas a reimposição deles debaixo de uma condição de opressão e dificuldade que eles haviam enfrentado no Egito antes, porque eles se devotaram às deidades pagãs e não tinham mais permissão para contaminar a terra da promessa. "Não façam nenhuma dessas abominações… para que a terra não os vomite quando vocês a tornarem impura" (Lv 18.26–28).

A cláusula inicial ***na Assíria*** indica que essa é uma parte coordenada do mesmo complexo de acontecimentos e não uma outra maldição que ocorrerá posteriormente. ***Comerão o que é impuro*** se refere a parte das orientações do SENHOR para marcar o povo como separado para ele, e as leis dietéticas de Levítico 11 eram um componente importante delas. Alimento impuro pode muito bem ser tudo o que estava disponível para os estrangeiros deportados, que no exílio não teriam nenhuma oportunidade de observar as suas leis nacionais acerca da purificação ritual (cf. Ez 4.13; Am 7.17; Dn 1). Ter que comer essa comida os estigmatizaria abertamente como alienados de Deus e vivenciando o seu desprazer.

9.4 Eles não derramarão vinho como libação para o SENHOR,
e seus sacrifícios não o agradarão.
[Eles serão] como o pão dos pranteadores para eles;
todos os que o comerem se tornarão impuros

pois seu pão será [apenas] para a vida deles –
ele não entrará na casa do SENHOR.

Embora isso possa descrever uma situação futura na terra da promessa, quando ela vivenciar a colheita arruinada, é provavelmente a continuação da descrição do que ocorreria no exílio onde não haveria qualquer sacrifício. ***Eles não derramarão vinho como libação para o SENHOR***. Libações, ofertas líquidas (cf. Êx 29.38–41; Lv 23.13; Nm 15.1–12), faziam parte, mesmo que uma pequena parte, da adoração autorizada do SENHOR. Nas difíceis circunstâncias do exílio não haveria qualquer oportunidade para ofertas, nem mesmo libações. ***Seus sacrifícios não o agradarão***.“Ser agradável”/“ser aceitável”, faz parte do vocabulário técnico do sacrifício (cf. Jr 6.20; Ml 3.4). A noção, no entanto, não é provavelmente que os sacrifícios deles seriam inaceitáveis porque haviam sido oferecidos de modo impróprio (8.13) ou por serem de má qualidade (cf. Ml 1.8), mas porque não haverá sacrifícios. Seus captores não permitirão que eles ofereçam quaisquer sacrifícios a quem eles consideravam como uma divindade estrangeira.

[Eles serão] como o pão dos pranteadores para eles alude a um ajuntamento para prantear a perda de alguém que faleceu. O pão que era comido nas refeições funerais era considerado ***impuro*** (cf. 9.3) porque o cadáver contaminava a casa e tudo o que entrava em contato com ele, por sete dias (Nm 19.14; também cf. Dt 26.12–15; Ag 2.12–13). A adição de “eles” pode se referir aos sacrifícios (cf. NIV, NRSV), ou mais provavelmente, ao pão deles como equivalente a alimento em geral (RSV).

Seu pão será apenas para a vida deles no sentido de que ele será apenas uma fonte de nutrição física – e provavelmente será escasso. O alimento deles não terá qualquer significado espiritual no sentido de que ***ele n***ão entrará na casa do ***SENHOR***, uma vez que a sua origem o tornaria não idôneo para ser dedicado ao SENHOR. A menção feita por Oseias pode ser ao pão usado como normalmente na adoração no templo (Lv 23.17–18; 24.5–7), mas a menção à casa do SENHOR num contexto nortista é problemática. Também é possível que por “na casa do SENHOR” Oseias esteja se referindo à terra como em 8.1 e 9.15. Nesse caso, seria possível traduzir “ele não entrará na casa do SENHOR” e encontrar aqui uma predição de que ele (isto é, qualquer israelita) se tornaria tão contaminado pelo seu contato com as impurezas pagãs da Assíria que se tornaria cerimonialmente incapaz de retornar para a terra e adorar o SENHOR ali.

9.5 O que vocês farão no dia de uma festa ordenada
ou no dia da festa ao SENHOR?

As duas perguntas retóricas são destinadas a tornar o seu argumento mais claro (cf. 6.4). Oseias leva os seus ouvintes a explorarem o resultado do que ele prediz – um resultado que eles, obviamente, rejeitaram. No exílio eles não poderão celebrar as festas sagradas ao SENHOR. ***Festa ordenada*** e ***festa*** são ambas designações que indicam celebrações instituídas na lei mosaica, embora a última aponte mais especificamente para a alegria associada a essas ocasiões. Aqui a segunda expressão, sendo definida, é mais específica do que a primeira. A "festa de Yahweh" ocorre em Levítico 23.39 e Juízes 21.19 para a festa da colheita que havia sido instituída para ser um período de regozijo, e a expressão apoia a ideia de que esse discurso foi originalmente proferido numa festa como essa. Nos dias difíceis que sobreviriam, a comunidade não poderia se reunir para celebrar essas festas – e certamente não na forma corrompida com que eles estavam acostumados a celebrá-las.

9.6 Porque quando eles tiverem ido por causa da devastação
o Egito os ajuntará,
Mênfis os sepultará;
o tesouro de prata deles –
as ervas daninhas os possuirão,
espinheiros [estarão] nas suas tendas.

Porque introduz dois fatores que impossibilitarão a realização das festas do modo como eles estavam acostumados a celebrá-las: o povo não estará mais na terra; e eles não possuirão mais os recursos (ou o aparato litúrgico) para manter a celebração. ***Quando*** (literalmente "vejam") estabelece o conjunto de circunstâncias que indicam o resultado final: "no caso de eles terem ido embora". Como os assírios estavam avançando pelo sul, nem todos esperaram para serem capturados ou mortos. Muitos refugiados já haviam fugido para Judá e outros os seguiriam. No entanto, outros iriam para o distante Egito ***por causa da*** (ou "para longe da") ***devastação*** (cf. 7.13; 10.14), quando o inimigo pilhasse a terra e escravizasse os seus habitantes. Porém, a fuga não resolverá os problemas deles. O profeta usa dois exemplos de personificação para retratar as circunstâncias que o povo enfrentará. ***O Egito os ajuntará*** (cf. o uso ameaçador de "ajuntar" em 8.10) sugere mais do que "conceder asilo a

eles". Eles os retrata num certo tipo de confinamento ou detenção. O Egito não será um santuário, mas uma prisão – de fato, ele se tornará um cemitério. ***Mênfis***, a ex-capital da terra, estava situada no norte do Egito, no lado oeste do Nilo, cerca de 21 quilômetros ao sul do atual Cairo. Ela era conhecida por ter um grande cemitério que havia sido utilizado por muitos séculos. Aqueles que fugirem para o sul não desfrutarão de liberdade para celebrar as festas ao SENHOR, porque viverão em circunstâncias limitadoras até que morram.

Além disso, eles não mais terão os recursos para manter as suas festas tradicionais. Essa imagem parece indicar refugiados fugindo para o sul e, no caminho, se livrando do ***tesouro de prata deles*** (literalmente "preciosidades relativas à prata deles"). É mais provável que essa menção à parte dos bens deles seja uma sinédoque para toda a sua riqueza, incluindo, mas não exclusivamente, toda a parafernália da sua adoração idólatra. Eles estão tão preocupados em fugir rapidamente que não se deixarão deter pela peso da carga desnecessária. ***Ervas daninhas as possuirão***, crescendo por entre os despojos descartados na beira do caminho. ***Suas tendas*** pode muito bem ser uma referência tradicional às casas deles, agora abandonadas e arruinadas, com apenas os ***espinheiros*** para crescer ali. Se a prata é particularmente um equipamento cúltico, então as tendas podem se referir aos abrigos temporários nos lugares de culto, mas uma cena mais geral é tudo o que é exigido.

REFLEXÃO

- Quem não deseja desfrutar de alegria? É especialmente desconcertante ouvir para não se alegrar (9.1) num tempo de celebração e regozijo. Alguém que traz uma mensagem como essa não seria um estraga-prazer? Dificilmente: se um vulcão está prestes a entrar em erupção, se um artefato explosivo foi detectado, se uma inundação está prestes a cobrir a terra, se um vírus mortal tiver se espalhado. Não importa o quanto a satisfação do momento seja intensa, ela não será verdadeira alegria se não estiver baseada num sólido fundamento, se ela não puder lidar com os obstáculos e problemas da vida – e destes o maior é quando Deus exige um ajuste de contas. Então a insensatez da alegria baseada na prosperidade material ou na exploração dos outros será exposta como uma fraude. "Olhem, [este é] o homem que não faz de Deus o seu refúgio, mas

confia na abundância das suas riquezas e se tornou forte pela destruição que causou" (Sl 52.7; cf. Sl 62.10). Tudo o que essa conduta pode conquistar está limitado a esta vida (cf. Sl 17.14; Lc 16.25), e a alegria derivada dessa conduta se esvai quando é confrontada pela pergunta: "O que você fará quando…?" (9.5; cf. Lc 6.24; 12.20).

(2) Desorientação profética (9.7–9)

O efeito moldura de "punição" (9.7) e "punir" (9.9) indica que esses três versículos formam uma unidade cujo tema geral é a certeza do acerto de contas que será exigido das pessoas por causa do comportamento delas. No entanto, os detalhes do que é descrito estão longe de serem claros. Há duas posições principais: ou Oseias ataca uma imagem profética ou os profetas como um todo na comunidade (cf. 4.5), ou o público acusa Oseias de ser tanto tolo como louco e o profeta refuta a conclusão deles e os acusa de serem uma armadilha para ele, até mesmo no santuário (9.8), e de estarem cometendo um ultraje semelhante àquele que havia acontecido há muitos anos em Gibeá (9.9). Nenhuma dessas interpretações é implausível, embora a primeira seja a mais provável.

9.7 Os dias de punição chegaram;
os dias de retribuição chegaram.
Que Israel saiba [disso]!
O profeta é um tolo!
O homem do Espírito é louco!
Por causa da grandeza da sua iniquidade
e [porque] a hostilidade [é] grande.

O versículo inicia com a repetida afirmação de que o juízo divino é inescapável. ***Punição*** é "visitação", uma inspeção feita por um superior que exige do seu subordinado uma prestação de contas por suas ações (cf. 1.4; 8.13). Em si, a raiz não indica punição, mas, se há qualquer conduta ilegal, então essa seria a consequência inevitável. O modo como a raiz é repetida em 9.9 mostra que a imposição do castigo está em mente aqui. Tanto Yahweh quanto Tiglate-Pileser estão marchando contra Israel. ***Retribuição*** implica a ideia de pagamento completo pelo que havia sido feito. Uma vez que o povo de Israel havia se rebelado contra o seu Soberano divino, ele pode com justiça impor a eles uma punição severa.

Mas essa retribuição é vista como já presente ("dias… chegaram", p. ex., ESV) ou ainda futura ("dias… estão por vir", NIV)? A primeira tradução é certamente a mais comum nas traduções para a língua inglesa, mas um número significativo de comentaristas toma os verbos sendo como perfeitos proféticos ("virão") e entendem a predição de um desastre iminente como a continuação de 9.6. Conquanto isso seja gramaticalmente possível, a repetição deliberada de ***chegaram*** sugere que Oseias está apontando para alguma catástrofe que já atingiu a nação, embora ela ainda não seja final. Além do mais, ***os dias***, em vez de "dia" no singular, aponta provavelmente para todo o período de pressão assíria depois de 745 a.C.

No texto hebraico, o terceiro verso está associado com as palavras anteriores. Se ela for traduzida como "Israel saberá [disso]" (cf. ESV), então "esse sentido é surprendentemente banal para Oseias" (Irvine 1998:646), mesmo quando ela é glosada como "logo Israel saberá disso muito bem" (NLT). Contudo, conhecer e não conhecer constitui um dos temas que Oseias enfatizou ao longo de todo o seu ministério. A expressão assume um significado mais profundo quando traduzida como, ***Que Israel saiba [disso]***. O uso de "saber" sem a menção de um objeto também pode ser encontrado em 7.9a,b; 8.4, e a inferência deve ser deduzida do contexto. A conclamação que o profeta faz a Israel não é para que reconhecessem o fato do seu sofrimento – eles estavam bem cientes disso – mas da origem dele. Eles viram a mão de Tiglate-Pileser em tudo o que havia ocorrido com eles, mas não a mão do SENHOR. O profeta insiste com eles, mesmo nesse estágio avançado, para que fossem além das considerações políticas ou militares e reconhecessem que o que estavam vivenciando era a ação do SENHOR contra a rebelião deles.

A segunda parte do versículo começa sem qualquer indicação de uma mudança de quem fala. A sinalização dessa transição nem sempre ocorre em Oseias e muitos intérpretes assumem que as palavras ***O profeta é um tolo! O homem do Espírito é um louco!*** são na verdade a rejeição de Oseias e da sua interpretação dos fatos (cf. a utilização de aspas na GNB, a reorganização dos últimos versos na NIV e o emprego de ambas as técnicas na NLT). A reação do povo, então, indicaria que eles estão tão certos de si mesmos que simplesmente calariam essa pessoa que apresenta tal mensagem de rejeição a eles, possivelmente interrompendo a festa deles (lendo esses versículos nos termos do mesmo cenário de 9.1–6). Eles caracterizaram o profeta como um "tolo", alguém que fala absurdos (cf.

Pv 10.8). O uso de "o homem do Espírito" como um termo alternativo para "profeta" ocorre apenas aqui. Esse é um termo apropriado para indicar a fonte da mensagem e do ministério do profeta como sendo divinamente originada e autorizada (cf. Nm 11.25; Ez 2.2; 3.24; 13.3). Essa descrição foi empregada para os profetas do norte (Elias, 1Rs 18.12; Micaías, 1Rs 22.21; Eliseu, 2Rs 2.9), porém ela não é usada aqui como um elogio. Em vez disso, eles o caracterizam como sendo "louco", como alguém que é insano e cuja mente não é sã, alguém cuja fala consiste em delírios dementes (cf. 2Rs 9.11; Jr 29.26).

No entanto, nos outros profetas quando há um revezamento com a fala do povo, a ocorrência dessa discussão é marcada por palavras como "vocês dizem" (Ml 1.2) ou "vocês, o povo, dizem" (Ez 33.17). É, portanto, mais provável que seja o próprio profeta que continua a falar aqui e que critica duramente tanto a pessoa que afirma ser um profeta (cf. 4.5), ou, se os singulares são coletivos, toda a classe de profetas desse tipo. Esses profetas seriam pessoas comuns da sociedade que estariam presentes nas festas e que diziam ser dotados com o Espírito (1Rs 22.24), mas promoviam a religião sincretista no norte e apoiavam a propaganda governamental acerca dos acontecimentos que estavam tendo lugar. Assim, eles rejeitavam a mensagem de Oseias e incentivavam as pessoas a não prestarem atenção a ele. Em vez disso, o argumento deles seria o de que essa maré baixa na sorte da nação era apenas temporária e que por fim tudo se resolveria.

Dirigindo-se à pessoa que havia se oposto a ele (ou se for o caso de um singular coletivo, o grupo que estava se opondo a ele), Oseias afirma que ***por causa da grandeza da tua iniquidade, a hostilidade [é] grande***. "Iniquidade" (cf. 7.1) aponta para um desvio dos padrões de comportamento exigidos pelo SENHOR no sentido de que os profetas que se diziam porta-vozes de Deus promoviam as práticas corruptas do norte (cf. 9.8). A rejeição da mensagem do SENHOR que o verdadeiro profeta, Oseias, transmitiu é a culminação dos erros deles. A repetição da raiz ***grande***/"muitos" (usada para número ou extensão, ou ambos), liga o comportamento rebelde dos falsos mensageiros com o comportamento do povo que adotava o ponto de vista que eles ensinavam. ***Hostilidade*** expressa um antagonismo inflexível. O termo é encontrado no Antigo Testamento apenas em Oseias (aqui e no versículo seguinte), mas ele foi usado posteriormente nos Rolos de Qunran para descrever as ações dos

inimigos de Deus. O ministério dos falsos profetas que afirmavam falar no nome do SENHOR, mas que na verdade eram impostores, havia contribuído significativamente para a animosidade espiritual e cegueira de Israel em relação à verdade.

> 9.8 Um vigia [é] Efraim com meu Deus;
> um profeta; uma armadilha de passarinheiro em todos os seus caminhos;
> a hostilidade [está] na casa do seu Deus.

A tradução acima desse versículo mostra que também é difícil entendê-lo e por isso problemático traduzi-lo. Qualquer interpretação dessas palavras, especialmente as do primeiro verso, é tentativa, e por isso os estudiosos têm frequentemente que recorrer a correções no texto para obter um significado satisfatório. Entretanto, a variedade de propostas apresentadas indica que nenhuma delas é convincente.

Um modo de tentar entender esse texto do modo como ele foi transmitido é assumir que Oseias continua a criticar os porta-vozes religiosos do norte e a rejeitar a análise que eles fazem dos acontecimentos, e ele faz isso falando de maneira sarcástica. Isso é algo que ele teria deixado claro para o seu público pelo seu tom de voz, mas que é difícil identificar na escrita. O sarcasmo é dizer algo ostensivamente, enquanto pelo tom de sua voz, a pessoa que fala indica que o significado oposto é que é pretendido. Isso, portanto, pode ser difícil de detectar quando as palavras são escritas. Talvez o sentido do que Oseias disse possa ser corretamente traduzido para a nossa língua pelo uso de pontos de interrogação ou de exclamação. "[Então] Efraim [é] um vigia com meu Deus? [Ele é] um profeta? Uma armadilha de passarinheiro [está] em todos os seus caminhos." Ou "[Então] Efraim [é] um vigia com meu Deus! [Ele é] um profeta! Uma armadilha de passarinheiro [está]em todos os seus caminhos!"

Vigia é usado metaforicamente para um profeta (Jr 6.17; Ez 3.17; 33.7; Mq 7.4). A obrigação do vigia da cidade era estar sempre alerta e soar o alarme quando o perigo se aproximasse e, de modo semelhante, era esperado que o profeta estivesse vigilante para detectar ameaças ao bem-estar espiritual da comunidade e soar a advertência apropriada. Oseias havia cumprido essa tarefa em relação à crise que se aproximava (cf. 5.8; 8.1), mas ele rejeita a ideia de que Efraim e seus portas-vozes proféticos

fossem capazes de agir dessa maneira. ***Com meu Deus*** enfatiza que a fonte da mensagem de Oseias era totalmente distinta de onde quer que os profetas espúrios houvessem derivado a mensagem deles. Jeremias posteriormente registraria o veredito do SENHOR: "Entre os profetas de Samaria vi algo repugnante: eles profetizam por Baal e desviam o meu povo Israel" (Jr 23.13). Assim, pode-se muito bem estender aos contemporâneos de Oseias o veredito dado posteriormente contra os falsos profetas de Jerusalém: "Eles desviam o meu povo pela sua falsidade e pela sua irresponsabilidade" (Jr 23.32). Consequentemente, em "[ele é] profeta!" Oseias sarcasticamente os denuncia como incapazes de falar como falaria um profeta verdadeiro.

Ao falar sobre uma ***armadilha do passarinheiro*** (para "passarinheiro", veja sobre 7.10; para "armadilha", cf. Pv 7.23) Oseias descreve algo que está disfarçado e que tem o propósito de capturar um pássaro para alimentação. O sentido exato desse verso é determinado ou por ele ser tomado como uma única declaração ou como sendo duas, e isso depende de onde os suplementos verbais serão acrescentados na tradução. Mas a "armadilha" aponta para a mensagem transmitida pelos falsos profetas. Seu verdadeiro sentido não é obvio aos que ouvem isso, e por isso eles serão presos e depois mortos como os pássaros descuidados são enganados por um passarinheiro. ***Em todos os seus caminhos*** indica que cada curso de ação tomado por Efraim com base na falsa mensagem enganosa dos profetas se provará mortal.

A casa do seu Deus pode se referir à terra como um todo, mas provavelmente "seu Deus" (ou "seu deus") seja um contraste deliberado com "meu Deus" no primeiro verso. Nos lugares sagrados onde eles se reúnem para adoração há ***hostilidade*** (cf. 9.7). A atitude de Efraim como incentivada pelas suas práticas religiosas é de total oposição à verdade, ao profeta que a apresenta, e assim, a Deus que é verdade e de quem a verdade vem. Oseias está afirmando aqui que há um choque irreconciliável de sistemas religiosos e por isso uma escolha deve ser feita.

9.9 Eles [se] corromperam profundamente,
como nos dias de Gibeá.
Ele se lembrará da iniquidade deles;
ele punirá os pecados deles.

Bem como tendo cometido muitas transgressões (cf. Am 5.12), o povo também as cometeu profundamente. ***Eles se corromperam profundamente*** é literalmente "eles foram fundo" (cf. 5.2), "eles se corromperam/arruinaram", cf. 13.9). A expressão mostra que o desvio deles não era insignificante ou algo passageiro, mas estava enraizado no coração deles. O termo "se corromperam" remete à conduta da geração pré-diluviana (Gn 6.11–13) e ameaça um resultado semelhante.

Mas a retrospectiva histórica feita por Oseias não está focalizada principalmente num acontecimento tão antigo quanto o dilúvio. Embora Gibeá tivesse sido uma base de Saul nos primeiros dias da monarquia e da invasão dos filisteus (1Sm 13.2,15), ***como nos dias de Gibeá*** (cf. 5.8; 10.9) relembra um incidente anterior a esse, durante uma época de declínio na existência de Israel, no período dos Juízes. Em Gibeá, a concubina do levita foi estuprada e assassinada pelos moradores da cidade (Jz 19–21). É digno de nota que a narrativa também descreve tanto o castigo que veio sobre Gibeá (Jz 20) quanto uma dança irreverente na vinha durante a festa anual ao SENHOR em Siló (Jz 21.19) – o que provavelmente não deveria ser muito diferente do que Oseias estava tendo que confrontar nos seus próprios dias. O que Oseias quer dizer aqui é que o comportamento rebelde e escandaloso não era uma novidade, mas refletia propriamente a nação desde há muito tempo, e que esse desvio de conduta endêmico conduzirá inevitavelmente ao castigo por causa do caráter de Deus. Ele pode não agir imediatamente, mas ***ele se lembrará*** (cf. 7.2) da ***iniquidade deles*** (cf. 7.1) e, quando isso acontecer, ele, então, tomará a ação devida. ***Ele punirá os pecados deles***/"os responsabilizará pelos seus pecados" (cf. 8.13; 9.7), quando analisar o comportamento deles e chegar ao veredito apropriado. Afinal de contas, por causa do episódio de Gibeá a tribo de Benjamim foi virtualmente aniquilada pela ordem dada pelo SENHOR (Jz 20.23,28); que penalidade seria aplicada agora?

REFLEXÃO

- Falsas profecias não foram um fenômeno apenas no período do Antigo Testamento. Pessoas que se dizem porta-vozes divinos, mas não são, continuarão a surgir mesmo durante a presente era (cf. Mt 7.15,22; 24.11). O discurso plausível delas e até mesmo o poder de fazer maravilhas que demonstram serão tais que "se possível, enganarão até mesmo os eleitos" (Mt 24.24). Consequentemente, há

um contínua necessidade de “testar os espíritos para ver se eles são de Deus” (1Jo 4.1). Há alguns critérios óbvios que devem ser aplicados, tal como a confrontação da mensagem proclamada com o ensino do evangelho de que Jesus Cristo veio em carne (1Jo 4.2), bem como promover a aceitação de todas as doutrinas do evangelho e a conformidade com o estilo de vida de Cristo. Porém, até mesmo esse escrutínio pode não detectar todos os enganadores, por causa da habilidade com que os falsos mestres disfarçam a sua identidade e propósito (cf. 2Co 11.13–15). Em última instância, o discernimento espiritual é um dom do Espírito Santo que guia a toda verdade (Jo 16.27) tanto a pessoa que é renovada por ele quanto o corpo de Cristo coletivamente, em quem, como templo de Deus, ele habita (1Co 4.16). O Espírito que inspirou as Escrituras continua sua obra auxiliando os crentes para que eles cheguem à correta interpretação da mensagem.

- Oseias não mede palavras ao denunciar falsidade (9.7–8). Hoje, muitas vezes a igreja tem uma falsa percepção do que o verdadeiro amor exige. O relativismo da cultura contemporânea nega a existência da verdade absoluta e defende o inclusivismo e a aceitação de todos os pontos de vista. Ao adotar implicitamente a postura politicamente correta de agradar a todos e não ofender a ninguém, a igreja deixou de verbalizar sua crítica àqueles que negam a verdade e, assim, tem deixado de expor a inadequação dos pontos de vista deles. Cristo, porém, foi direto em sua crítica dos escribas e fariseus (Mt 23) e Paulo se opôs a Pedro face a face por causa da sua conduta (Gl 2.11). Quando questões cruciais estão em jogo, a confrontação e a fala sem rodeios são inevitáveis. De fato, elas são expressões do verdadeiro amor e da preocupação com aqueles que estão sendo desencaminhados eternamente. Neemias foi instrumental para manter a comunidade pós-exílio em Jerusalém no caminho certo por meio da sua direta confrontação daqueles cujas práticas estavam minando o bem-estar da comunidade (Ne 13.8,11,17,25,28).

E. ESPERANÇAS FRUSTRADAS (9.10–10.15)

É geralmente reconhecido que há uma importante quebra temática no material de Oseias depois de 9.9, onde um marcador de seção massorético

está também localizado. Nessa seção o profeta tem pouco conteúdo novo, mas ele reapresenta tópicos que já havia explorado. Oseias emprega aqui novamente a técnica da retrospectiva histórica (cf. 6.7; 9.9), mas agora ele o faz de modo mais extenso ao examinar o desenvolvimento dos propósitos de Deus. Isso é feito amplamente por meio de três imagens – uvas no deserto (9.10–17), uma vide luxuriante (10.1–10) e uma novilha treinada (10.11–15) – que incorporam reflexões nostálgicas sobre o relacionamento de Israel com o SENHOR no passado. Cada imagem incorpora o tema da reversão, com uma promessa anterior dando lugar a uma rebelião e assim levando à tragédia da perda iminente. No entanto, essas seções não estão totalmente sem a menção da esperança (10.12), embora ela espere pleno desenvolvimento na intervenção imprevista da graça divina descrita no capítulo 11. Essa demonstração da graça de Deus brilha mais fortemente por causa da nota sombria dessas três seções anteriores.

(1) Uvas no deserto (9.10–17)

Essa seção começa com o deleite inesperado de Deus com Israel quando eles deixaram o Egito (9.10a, b). Essa apresentação positiva do período no deserto ocorre em outros lugares em Oseias (2.15; 9.13a; 10.1a; 11.1,3–4; 12.9). Porém, essa expectativa inicial não durou muito. Por causa do seu desvio (9.10c) tudo o que restava para o povo era juízo e extinção. As consequências do pecado de Israel no episódio de Baal-Peor são examinadas primeiro (9.10–14) e depois é apresentado o resultado semelhante do comportamento deles em Gilgal (9.15–17). Há um *inclusion* temático em que 9.10 combina com 9.17: da peregrinação no deserto para a peregrinação entre as nações.

A predominância da fala divina nessa seção contrasta com 9.1–9, mas 9.14 e 9.17 mostram a reação pessoal de Oseias à situação, de modo que a profecia se torna quase que uma conversa entre o profeta e o SENHOR. Há um desenvolvimento das imagens agrícolas de plantar e colher de 8.7, e das urtigas e espinhos da desolação (9.6). A comparação pode desenvolver a ideia de fertilidade associada à festa dos Tabernáculos/Cabanas, que é provavelmente o pano de fundo da primeira parte do capítulo 9. O SENHOR é apresentado como um fazendeiro que ansiosamente aguarda a produção do que ele plantou, mas que se frustrou e ficou desanimado com uma

colheita ruim e que, então, tomaria medidas drásticas para lidar com a situação.

9.10 Como uvas no deserto
eu encontrei Israel;
como as primícias de uma figueira no seu início
eu vi os seus pais.
[Mas] eles foram a Baal-Peor,
e dedicaram-se à [“a vergonha”]
e se tornaram abomináveis, [como o] que eles amavam.

O SENHOR fala e apresenta o início do seu relacionamento com Israel como um tempo feliz em que o povo, embora estivesse longe de ter uma conduta perfeita, no entanto respondeu positivamente a ele (cf. Êx 19.8; 24.3,7; Dt 5.27–29; Jr 2.2–3). Além do mais, o próprio Deus se deleitou. ***Uvas no deserto*** é uma imagem de algo inesperado – um deserto é um lugar improvável para uma vinha – mas a surpresa é boa. Talvez a imagem seja a de um oásis, um lugar onde um viajante cansado seria amparado e revigorado até mesmo num ambiente hostil desse tipo. ***Eu encontrei Israel*** contém uma nota de terna recordação. “Ele o encontrou numa terra deserta e no ermo vociferante do deserto; ele o cercou, cuidou dele, o protegeu como a menina do seu olho” (Dt 32.10). Pode ser significativo o fato de que não há qualquer sugestão de que o prazer divino no relacionamento pactual fosse correspondido pelo povo. A discussão subsequente sobre a conduta dos “seus pais” mostra que a menção de Israel nesse caso é uma referência aos primeiros dias da nação, não apenas ao reino do norte.

Primícias de uma figueira também transmite a ideia de uma surpresa agradável (cf. Is 28.4; Jr 24.2; Mq 7.1). ***No seu início*** é normalmente entendido como uma referência aos primeiros figos a amadurecerem no fim de maio (dois meses antes da colheita principal), oriundos de brotos formados na estação anterior, mas ela também pode se referir a uma figueira chegando à maturidade na sua primeira estação frutífera depois de cinco ou seis anos de crescimento inicial. Em qualquer dos casos, os figos seriam um regalo especial. ***Eu vi os seus pais*** relembra o povo sobre como o SENHOR havia tratado os antepassados deles. “Vi” é usado no sentido de “ver de modo favorável” e não meramente “observei”. “Seus” é o único uso nessa passagem da segunda pessoa (talvez para incluir o profeta) e a fala reverte para as referências impessoais na terceira pessoa a Israel, porque a atitude inicial deles não durou. Além disso, essa conexão com as

gerações passadas abre o caminho para a ideia de que os filhos haviam repetido os erros dos seus pais.

[Mas] eles expressa uma grande separação da imagem anterior de deleite. Mesmo naquele período inicial, Israel comprometeu o seu relacionamento com o SENHOR por causa do seu comportamento inexplicável e vergonhoso. O lugar chamado ***Baal-Peor*** ("o Baal de Peor", cf. Nm 25.1–9; veja também os comentários sobre 2.17) é um exemplo de localização geográfica da deidade cananeia Baal numa montanha moabita específica, 20 quilômetros a noroeste de onde o rio Jordão deságua no mar Vermelho. Foi dali que Balaão foi enviado para amaldiçoar Israel (Nm 23.27–28) e foi ali que Israel foi induzido a participar das práticas cananeias pelo envolvimento deles com as mulheres moabitas que "convidaram o povo para o sacrifícios aos seus deuses e o povo comeu e se prostrou diante dos deuses delas. Assim, Israel se ajuntou a Baal de Peor" (Nm 25.2–3a). Eles ***dedicaram-se à "a vergonha"*** descreve a participação num ritual religioso no qual eles professavam sua fidelidade a Baal. "Dedicaram-se" não é uma das expressões empregadas em Números ("uniram-se a"/"atrelaram-se a", Nm 25.3), mas é um verbo semelhante ao que é empregado para a dedicação absoluta dos nazireus (Nm 6.1–21) e também para a separação sacerdotal (Lv 22.2). Esse culto interfé não era um ato neutro ou amoroso, mas uma violação direta do vínculo pactual com o SENHOR (cf. Sl 106.28–29).

"A vergonha" (*habbošet*) é um referência oblíqua a Baal. Posteriormente, isso se tornou uma técnica escribal reconhecida para substituir Baal por esse termo, como um modo de indicar aversão ao deus pagão (cf. Jr 3.24; 11.13), de modo que nomes como Is-Bosete (2Sm 4.8) ou Mefibosete (2Sm 21.8) são reformulações posteriores para evitar formas antigas como Esbaal (1Cr 8.33) que datam de um período anterior quando *ba´al* ainda podia ser usado legitimamente para o próprio SENHOR (cf. 2.16).

Uma vez que a devoção ao SENHOR havia se desvanecido e eles haviam se envolvido em tais infidelidades, a atitude do SENHOR em relação a eles mudou. Eles ***se tornaram abomináveis***/"objetos detestáveis". Esse é um termo de total reprovação por causa da natureza detestável da conduta idólatra deles (cf. Jr 4.1; 7.30; Ez 5.11; 7.20). Não eram apenas os altares ou os ídolos que eram abominados pelo SENHOR, mas aqueles que os adoravam desse modo – e isso levou à morte de 24 mil pessoas (Nm 25.9).

(Oseias está indiretamente ressaltando que a atitude do SENHOR e sua condenação delas no passado não havia se alterado nos anos intervenientes.) ***Como [o que] eles amavam*** aponta para a natureza perniciosa das influências às quais eles haviam se exposto. O paganismo é agressivo e procura subverter a lealdade do povo ao SENHOR. A tolerância pode facilmente ultrapassar o limite e levar à contaminação.

9.11 Efraim – como um pássaro a glória deles voará:
sem nascimento, sem gravidez e sem concepção.

Há uma mudança de foco da conduta no passado para as consequências da infidelidade da presente geração do povo da aliança. A colocação de ***Efraim*** no início é uma característica do estilo de Oseias (cf. 7.8; 9.13; 14.8) para se concentrar no reino do norte do seu tempo. ***A glória deles*** não é uma referência à presença do SENHOR entre eles (cf. Ez 3.23; 8.4) ou a Baal (cf. 10.5), mas ao tamanho da população e a consequente prosperidade da terra (cf. 4.7; Is 5.13). "Glória" estava localizada no extremo oposto do espectro do prestígio social de "vergonha". O povo havia colocado a sua confiança na prosperidade econômica e no crescimento populacional para perpetuar a nação e dar a ela um sólido fundamento para sobrevivência e aumento do prestígio. Porém, ***como um pássaro***, possivelmente um uso coletivo que evoca a imagem de uma revoada de pássaros para todas as direções, que é incapaz de retornar, o crescimento populacional ***voará*** completamente e rapidamente (cf. Pv 23.4–5). Assim, é predito que aqueles que agiram como pássaros (7.11–12) vivenciarão as justas e apropriadas consequências do seu comportamento (mas observe também 11.10–11).

Esse voo da glória deles é expandido por três expressões concisas de negação, em que "sem" representa a preposição hebraica "a partir de" usada no sentido privativo (cf. 6.6). Os planos de Efraim não se concretizarão. A futilidade deles é remontada através de três estágios do processo pelo qual a vida tem início. Assim, haverá uma reversão da fertilidade que eles esperavam receber do culto a Baal porque a intervenção do SENHOR em juízo resultará na morte da comunidade.

9.12 Mesmo que eles criem seus filhos
eu os privarei até que nenhum seja deixado;
pois também [haverá] "ai deles" quando eu me afastar deles!

O desastre da maldição expressa no versículo anterior é intensificado aqui. Não é afirmado que não haverá filhos sobreviventes, mas mesmo que sobrevivam, isso não reverteria a maldição (para esse estilo de argumento veja 8.7; 9.16; 13.15). O colapso que a nação enfrentaria não seria evitado por uma improvável cadeia de acontecimentos. Não haveria escape. ***Mesmo que eles criem seus filhos***/"crianças", o SENHOR diz, ***os privarei até que nenhum seja deixado*** (literalmente, "privá-los de/sem um ser humano"). Esse é o resultado da imposição da maldição pela quebra da aliança (cf. Dt 28.63).

A razão (***pois***) para essa drástica redução na população é afirmado em ***também [haverá] "ai deles" quando eu me afastar deles***. "Ai deles" (cf. 7.13) apresenta uma imagem de pranto em antecipação à catástrofe iminente inescapável que ocorrerá quando Deus retirar a sua presença graciosa de entre eles e não mais os reconhecer como seu povo. Eles se tornarão Lo-Ammi (1.9) e assim a bênção da aliança será retirada deles, particularmente o aumento populacional (Gn 17.6; 35.11).

9.13 Efraim, como eu vi [isso],
[é] com respeito a Tiro plantado numa campina,
mas Efraim deve levar seus filhos para aquele que está chacinando.

Esse versículo tem sido entendido de várias maneiras. (1) Alguns seguem a LXX que utiliza a imagem de caça: "Efraim, como eu vi, entregou os seus filhos para serem caçados"[65] (cf. RSV, NEB, GNB), referindo-se ao risco da guerra na qual a nação havia sido mergulhada. (2) Outra posição é adotada pela Vulgata, que identifica aqui uma referência à cidade de Tiro, "Efraim, como eu vi que Tiro estava baseada em beleza" (cf. NASB, NIV, NKJV), em que Tiro funciona como um símbolo de orgulho, cidade autossuficiente, capaz de resistir à agressão por causa das suas ilhas fortificadas, o que é registrado por Josefo acerca desse período quando ela resistiu a um cerco de cinco anos por Salmaneser V (*Antiquidades* 9.284–87). (3) Uma outra técnica é manter o sentido original da raiz que significa "Tiro" (*ṣôr*), "Efraim plantado sobre uma rocha", que poderia ser uma imagem de infertilidade e falta de produtividade (Teodócio, copta). (4) Ainda um outro sentido pode ser proposta para *ṣôr*, dessa vez baseado numa raiz árabe. "Efraim, como eu vi, era como uma palmeira nova plantada numa campina" (ESV, cf. NRSV). Uma referência a uma árvore

tem o mérito de concordar com o verbo "plantar"/"transplantar", e apontaria para o próspero começo que havia sido concedido a Efraim. (5) Como uma última possibilidade, pode-se mencionar a identificação de uma expressão idiomática específica envolvendo o verbo "ver", no sentido de "selecionar algo para um propósito" (cf. Gn 22.8): "Efraim, quando o escolhi para ser como Tiro, plantado no vale", em que Tiro é a próspera metrópole comercial e Efraim, por ser principalmente localizado no interior do país, é em vez disso descrito como "plantado numa campina" (cf. Keil 1977: 126; McComiskey 1992: 150–152).

A visão mais simples das palavras hebraicas como encontradas no texto massorético (embora não sem suas dificuldades, que inclui uma inesperada menção a Tiro, que não surge do contexto imediato) é ***Efraim, como eu vi [isso], [está] com respeito a Tiro plantado numa campina***. Isso seria uma referência à posição militar estratégica e à localização agriculturalmente produtiva de Efraim, que havia contribuído para a sua prosperidade (cf. a descrição do território designado para as tribos de José, Dt 33.13–17). Ela também pode refletir a extensão na qual o reino do norte fornecia cereais e outros produtos que eram comercializados por meio dos fenícios de Tiro. O mais provável é que a ideia aqui seja a de que Efraim estava muito mais vantajosamente situado do que o próspero poder marítimo de Tiro.

No entanto, apesar da sua boa sorte, esse mesmo ***Efraim*** "deve apresentar", isto é, ***deve levar seus filhos para aquele que está chacinando***. A menção de "filhos" mostra Efraim como um pai, o que se enquadra no tema dos versículos vizinhos. Essa interpretação seria ainda mais persuasiva se eles soubessem de alguma carnificina recente nas imediações de Tiro à medida que a Assíria avançava para o sul. "Chacinando" descreve principalmente a morte violenta de pessoas. Esse termo nunca é usado para sacrifício. Essa é uma ameaça divina indicando que o comportamento deles levará ao extermínio.

9.14 Dê a eles, SENHOR –
o que lhes darias?
Dê a eles um ventre que aborta
e seios secos.

Esse versículo é incomum no sentido de que o profeta que fala por si mesmo, dirigindo-se ao SENHOR em oração. Antes que o apelo inicial, ***Dê a eles, SENHOR*** seja completado, ele é interrompido pela pergunta ***o que***

lhes darias? Isso expressa a incerteza do profeta quanto a como proceder. Ele demostra uma reação emocionalmente carregada que em intensidade se compara à do próprio SENHOR (cf. 6.4; 11.8). Ele não contesta o direito do SENHOR de agir em juízo contra o povo, mas se retrai ante o horror da perspectiva de uma matança indiscriminada causada por uma invasão assíria. Em vez disso, talvez tendo em vista abrandar a pena, ele sugere que o SENHOR imponha a sua punição não por meio de uma invasão inimiga, mas que diretamente ***dê a eles um ventre que aborta e seios secos***. "Abortar" é a repetição da mesma raiz traduzida como "privar" (9.12). O que Oseias está pedindo que venha sobre aqueles que violaram a aliança retoma a ideia de 9.11 e busca uma reversão da bênção de Jacó sobre José, o pai de Efraim, considerando "Shaddai aquele que o abençoará… com bênçãos dos seios e do ventre" (Gn 49.25). Isso ainda é juízo – isso não pode ser evitado – mas menos duro. Seria melhor que Efraim não gerasse mais descendentes do que eles sofrerem nas mãos notoriamente impiedosas e cruéis dos assírios. Além do mais, a maldição da infertilidade seria uma penição apropriada para ser imposta sobre uma nação que havia se dedicado à religião da fertilidade de Baal. Oseias luta para encontrar uma saída entre a submissão à revelação divina e a compaixão pelo seu povo.

9.15 Todo o mal deles [está] em Gilgal;
De fato, ali eu passei a odiar a eles.
Por causa da maldade dos seus atos
eu os desalojarei da minha casa.
Eu não mais os amarei;
todos os seus líderes são teimosos.

Se essa palavra divina veio como uma resposta à intercessão de Oseias, então ela pede ao profeta para considerar novamente tudo o que havia acontecido no passado, e qual era a situação do momento. A referência dos pronomes ***seu*** e ***a eles***, não é específica, mas está claro que é ao povo do norte. ***Gilgal*** é escolhido como típico do comportamento do povo tanto no passado como no presente. Gilgal ("um monte de pedras") é o nome de três, talvez cinco, localidades no Antigo Testamento. Se essa for uma referência a qualquer outra localidade, como a Gilgal ao sul de Siquém, então os acontecimentos implícitos nessa menção não podem mais ser determinados. No entanto, a referência mais provável é a Gilgal na margem leste do Jordão, na direção de Baal-Peor e nas imediações de

Jericó. Esse foi o lugar do primeiro acampamento de Israel depois que eles cruzaram o Jordão, um lugar em que foi feita a rededicação à aliança (Js 4.19–20). Gilgal também foi o lugar em que a monarquia começou quando Saul foi reconhecido como rei (1Sm 11.14–15), uma alusão talvez apoiada pela subsequente menção de líderes. Era ali que ***todo o mal*** que eles praticavam na sua adoração pervertida podia ser abertamente encontrado, e isso era representativo de toda a terra.

O conectivo *k*', geralmente traduzido como "para", não tem uma função causal aqui, e por isso deve ser provavelmente traduzido como um afirmativo ***de fato***. O que pode ser visto em Gilgal explica a reação do SENHOR. ***Ali eu passei a odiá-los***, uma atitude que persiste porque a ***maldade dos seus atos*** permanece a mesma. Para "atos", veja sobre 7.2. "Odiar" cobre uma vasta gama de emoções que vão de uma aversão moderada a uma repulsa total. Nesse contexto, o termo está no final dessa escala, de um modo que não é muito diferente do seu uso em Deuteronômio 22.13 e 24.4, quando um marido rejeita a sua esposa e deseja o divórcio. ***Eu os desalojarei da minha casa*** emprega a analogia de uma esposa infiel que foi expulsa da casa da família. Esse mesmo verbo descreve a expulsão de Agar do acampamento de Abraão (Gn 21.10). A ideia, portanto, é a de que a outra parte com o SENHOR na aliança não terá mais permissão para permanecer na terra, mas será deportado dela. Em Êxodo, o SENHOR prometeu que expulsaria os cananeus da terra (Êx 23.28–30; 33.2; 34.11); agora a bênção será revertida porque os israelitas se tornaram virtualmente cananeus (cf. 12.7).

Para "amor" veja sobre 11.1, e para o comportamento que caracteriza o amor veja sobre 3.1. Ao dizer ***eu não mais os amarei*** Deus não anula o relacionamento básico que em seu amor ele havia instituído entre ele mesmo e a nação. Em vez disso, em face das repetidas provocações do comportamento de Israel, Deus retirará a sua afeição e sua provisão, que seu amor teria estendido a eles. Embora Israel não tivesse retribuído o amor que Deus havia estendido a ela e tivesse, portanto, que ser tratada como Lo-Ruchama (Não-Mostrei-Compaixão, 1.6), a disciplina corretiva do SENHOR funcionaria em amor para recuperá-la e restaurar um relacionamento completamente significativo e satisfatório entre eles.

Oseias emprega novamente o recurso da homofonia, um jogo de palavras baseado na semelhança do som entre ***líderes*** (*śārêhem*; cf. 7.3) e ***teimosos*** (*sōr^{e}r'm*). "Teimoso" não é um termo político (como, por

exemplo, “rebelde”, cf. 7.13), mas um termo apropriado para a conduta individual dentro do círculo familiar (4.16; Dt 21.18,20; Sl 78.8). A liderança política da terra deveria ter incentivado a observância da aliança. O fato de eles não terem feito isso indica que não havia esperança de renovação patrocinada pelo estado. De modo obstinado e rebelde, eles se recusaram a responder aos apelos de Deus porque estavam completamente comprometidos com a adoração sincretista do norte.

9.16 Efraim foi golpeado,
a raiz deles secou;
eles não produzirão fruto.
Mesmo que deem à luz,
eu matarei os queridos do ventre deles.

Na situação que prevalece a punição já havia começado. ***Efraim foi golpeado*** usa uma metáfora de uma árvore golpeada com um machado. Como resultado, ***a raiz deles secou***. A campina bem irrigada de 9.13 não existe mais: a árvore foi derrubada e suas raízes estão secando. Contrariamente à imagem encontrada em Jó 14.7–9 de novos brotos surgindo ao redor do cepo de uma árvore derrubada, esse golpe seria tão devastador que a terra não se recuperaria. Assim, Efraim (*ʾe prayim*), ***não produzirão fruto*** (*p*^{e}*rʾ*). O nome que um dia já havia sido um sinal da esperança (possivelmente “duplamente fértil”, Gn 41.52) tem o seu significado revertido. “Efraim, o ‘duplamente fértil’, … é agora Efraim, o totalmente estéril” (Stuart 1987:154). O crescimento populacional se estagnará (cf. 9.11).

Novamente (cf. 9.12) uma possibilidade que já havia sido rejeitada é novamente explorada: ***mesmo que eles derem à luz***. Esse prospecto, porém, assim que é colocado é esmagado pelo terrível anúncio, ***eu matarei os queridos do ventre deles***. “Queridos” é a mesma palavra usada em 9.6 para a prata de Israel, mas aqui há algo que é verdadeiramente valioso sendo perdido: os filhos deles. Essa é a terrível maldição que atingiria a comunidade desobediente (cf. Dt 28.62).

9.17 Meu Deus os rejeitará,
pois eles não o ouviram,
e eles serão peregrinos entre as nações.

Como em 9.14, Oseias fala pessoalmente e resume a situação que o próprio povo havia trazido para si mesmos. Ele não tenta contestar as

inevitáveis consequências que percebe, e aquiesce completamente à vontade divina. ***Meu Deus*** indica o relacionamento do profeta com o SENHOR, possivelmente distinguindo-se do que havia se tornado o relacionamento da nação. Oseias não tem qualquer dúvida de que Deus ***os rejeitará*** (cf. 4.6) porque, em sua intransigência, ***eles não o ouviram***. Há um jogo com o som dos dois verbos, *šāmaʾ*, "escutar", e *māʾas*, "rejeitar". "Escutar" ou "ouvir" é a resposta que o povo deveria ter dado ao Rei deles (Dt 4.1,30,36; 5.1), ou ao seu mensageiro. Se eles deixaram de agir em obediência às advertências comunicadas a eles, então isso selaria o futuro deles. Por isso, o povo será expulso da terra e eles se tornarão ***peregrinos entre as nações***. Aqueles que se afastaram do SENHOR (7.13) colherão o fruto maduro da sua deserção, sendo destinados a perambular sem fincar raízes, como o rejeitado Caim ("você será um fugitivo e um peregrino", Gn 4.14), e não mais desfrutando da proteção e das bênçãos da aliança. Eles seriam espalhados entre as nações e nem mesmo no meio delas achariam um lugar de descanso para a sola dos seus pés (Dt 28.64–65).

REFLEXÃO

- "Eles se tornaram abomináveis como o que amaram" (9.10) nos adverte quanto aos perigos incitados pelo nosso ambiente espiritual. A exposição à depravação moral apela aos nossos instintos mais básicos. A repetida exposição a ela nos dessensibiliza quanto à sua vileza, amortece a nossa aversão a ela e baixa a nossa guarda contra sermos contaminados por ela. "Não se enganem. 'Más companhias corrompem a boa moral' " (1Co 15.33). O risco se torna maior quando nos expomos propositalmente às brincadeiras com os imorais e apóstatas. "Eles andaram atrás do que não tem valor e se tornaram eles mesmos sem valor" (Jr 2.5). Portanto, devemos prestar muita atenção à advertência: "Detestai o que é mal; apeguem-se ao que é bom" (Rm 12.9). Quando nos apegamos ao que é bom, no entanto, e nos expomos à verdade, a nossa tendência a absorver e refletir o que nos cerca pode ser usado de modo benéfico. Contemplar a glória de Deus promove transformação de glória em glória (2Co 3.18). Pensar sobre o que é puro e verdadeiro, louvando essas virtudes, leva à bênção da presença do Deus da paz (Fp 4.8–9).

- A pausa que Oseias faz na sua oração e a pergunta para reflexão que ele faz (9.14) indicam a dificuldade que ele teve em formular uma petição que fosse apropriada às circunstâncias. Não há qualquer dúvida de que Deus perdoa a transgressão do remanescente da sua herança (cf. Mq 7.18). Ele deseja que nenhum deles pereça (cf. Ez 18.23,32; 2Pe 3.9). Mas a misericórdia já havia sido demonstrada, e a paciência de Deus havia sido mal interpretada como uma tolerância sem limites (cf. Mt 23.37; Jo 5.40). O profeta aceitou o fato de que essa situação não poderia continuar sem uma retribuição (cf. Am 8.2). Estender ainda mais esse tempo de graça não resolveria o problema, uma vez que a propensão pecaminosa do povo havia estado evidente através dos séculos, remontando aos tempos de Baal-Peor. Mesmo assim, Oseias foi corajoso ao pedir que o castigo fosse abrandado no sentido de que o juízo atingisse um número menor de pessoas dentre o povo. Se o SENHOR fizesse com que a taxa de nascimento declinasse, haveria um número menor de pessoas na terra para enfrentar o sofrimento que inevitavelmente viria para elas.
- Embora a profecia de 9.17 aparente, em primeira instância, tratar de Efraim, em vez de Judá, as palavras desse versículo têm normalmente gerado questionamentos sobre se os judeus algum dia perderão o seu *status* de peregrinos entre as nações. Sem dúvida, a penalidade imposta a eles foi severa (e aplicada novamente depois que eles rejeitaram Cristo, cf. Mt 23.38; Rm 11.20–21), mas é contrário ao sentido da mensagem de Oseias assumir que esse resultado é totalmente irreversível. Devemos lembrar da reversão dos nomes no capítulo 2 e a visão no capítulo 14. A intenção do castigo é a recuperação e restauração final. Porém, essa renovação da graça para os judeus não ocorrerá à parte do seu reconhecimento de Cristo e da sua reincorporação na oliveira, da qual eles foram podados. “Eu digo a vocês, que não me verão novamente até que digam: ‘Bem-aventurado é aquele que vem em nome do Senhor’ ” (Mt 23.39; cf. Rm 11.23).

(2) Uma vide luxuriante (10.1–8)

Essa seção novamente inicia olhando para as primeiras fases da história de Israel, não agora para a jornada no deserto depois do êxodo (9.10), mas

para o período em que o povo já estava estabelecido na sua divinamente concedida herança da terra que jorra leite e mel. Em vez de serem comparados a "uvas no deserto" (9.10), nesse estágio, eles haviam se tornado como uma videira espalhada por toda Canaã (cf. Sl 80.8–11; Is 5.1–7; Jr 2.21; Ez 17.5–6). Mais uma vez, contudo, um prospecto inicial favorável é frustrado por não haver ocorrido nenhuma mudança na propensão interior de Israel a rebelar-se contra o SENHOR e envolver-se com as práticas pagãs. Consequentemente, Oseias mais uma vez retrata tudo o que estava errado na terra: adoração idólatra (10.1–2; cf. 8.11–13); juramentos falsos (10.4; cf. 4.2,15); o bezerro de Bete-Áven (10.5; cf. 8.5–6); a iminente derrota pela Assíria (10.6; cf. 9.7); perda do rei deles (10.7; cf. 7.7,16); e desolação tal que até mesmo a adoração idólatra é abandonada (10.8; cf. 9.6).

Van Leeuwen (2003) argumenta que é possível detectar uma estrutura quiástica que arranja essa denúncia do profeta como uma unidade literária:

(a) Prosperidade de Israel, v. 1a
  (b) "muitos" altares e *maṣṣēbôt*, v. 1b–2
    (c) rei(s) impotente julgado(s), v. 3–4
      (d) o bezerro de Betel é deplorado e ridicularizado, v. 5
      (d') a estátua do bezerro é levada para o exílio, v. 6
    (c') O rei de Samaria é arrastado, v. 7
  (b') os lugares altos e altares são destruídos, v. 8a
(a') adversidade e desespero entre os israelitas, v. 8b

Quando um texto é dividido e rotulado com habilidade, corre-se o risco de impor uma estrutura quiástica que o texto não tem. O valor de uma análise desse tipo depende do fato de ela ajudar ou não na interpretação da passagem, e esta parece esclarecer algumas sérias dúvidas na interpretação desses versículos (cf. 10.7–8).

10.1 Israel [era] uma videira luxuriante;
ele produzia frutos para si mesmo.
De acordo com a abundância dos seus frutos,
ele multiplicou os altares;
de acordo com a bondade da sua terra,
eles adornaram colunas de pedra.

A mudança que Oseias faz da descrição imediatamente antecedente do povo andando peregrino entre as nações (9.17) não é sinalizada por

nenhum marcador textual, e assim Oseias surpreende o leitor ao ponderar sobre a razão de as questões de Israel terem se desenvolvido do modo como o foram. Mais uma vez o profeta enfatiza a ideia do início promissor que eles tiveram depois de terem sido estabelecidos na terra. ***Videira***, que é normalmente um substantivo feminino, é tratado aqui como masculino, possivelmente porque o foco de Oseias está no povo de Israel, não na videira com a qual eles são comparados. Portanto, a tradução "ele produzia fruto para si mesmo" em vez de "ela produzia fruto para si mesma".

No entanto, esse foco na autogratificação era contrário ao que o SENHOR desejava. A videira era um símbolo apropriado para Israel não apenas porque ela crescia prolificamente na sua terra e refletia a produtividade agricultural. A videira também funcionava como um lembrete de como o SENHOR havia tido o cuidado de preparar a terra para receber o seu povo, de como ele os havia transplantado como uma videira especialmente selecionada e como ele continuava a protegê-los (cf. Sl 80.8–11; Is 5.1–2; Jr 2.21; Ez 17.10–11). Como o proprietário e zelador da videira, o SENHOR tinha o direito de esperar pela vindima que ela produziria e, considerando todas as vantagens com que ela havia sido tratada, poderia ser esperado que a videira produzisse uma colheita abundante.

Luxuriante significa literalmente "esvaziada". A expressão pode, à primeira vista, dar a ideia de uma videira defeituosa, mas essa ideia é rapidamente corrigida para a imagem de alguém esvaziando-se do seu potencial num crescimento abundante e prolífico. ***Fruto*** aponta para a produção agrícola e prosperidade econômica. ***Ele produzia*** significa literalmente "estabelecer", ou "fixar" fruto nos galhos, e faz isso ***para si mesmo***, para seus próprios objetivos e seu próprio benefício: isso constituía o erro intrínseco da situação deles.

Oseias não afirma – ele já havia feito isso muitas vezes antes – que a afluência que Israel desfrutava vinha do SENHOR. Em vez disso, ele explora o fato de Israel ter usado mal a sua riqueza. A segunda referência ao ***fruto*** marca a mudança da metáfora para a realidade da situação da prosperidade baseada na agricultura de Israel, uma prosperidade que havia atingido novas alturas no reinado de Jeroboão II. Aqui novamente há um jogo de palavras entre ***abundância*** e ***multiplicado***/"tornado abundante", ambas as palavras derivadas da raiz rbb, "ser numeroso". Essa raiz é repetidamente usada em várias formas para expressar a imensa escala em

que tudo estava acontecendo. Ela é usada para os dons do SENHOR em 2.8; 12.10; para o crescimento de Israel em 4.7; e para a rebelião do povo em 8.11,14; 9.7; 10.13; 12.1. O que eles fizeram quando a sua população e a sua produção aumentaram é expresso de uma maneira ambígua. ***Ele multiplicou os altares*** pode indicar mais altares dedicados ao SENHOR, o que teria sido talvez um sinal de devoção maior. É apenas no último verso que se torna claro que o que eles fizeram com a riqueza foi usá-la erradamente para aumentar o número de altares pagãos.

Oseias então reafirma e eleva o grau de acusação. Israel agiu ***de acordo com a bondade da terra***, isto é, de acordo com o que o soberano pactual havia fornecido a eles (cf. 3.5). Porém, por não reconhecer a verdadeira origem do cereal, do vinho e do azeite (2.8), o povo perverteu a sua riqueza ao ***adornar***/"melhorar", as ***colunas de pedra*** (cf. 3.4), que não eram mais memoriais inocentes do passado, mas símbolos paganizados da deidade masculina deles. O aumento do conforto material na terra era correspondido por um correspondente aumento nos gastos com o aparato do culto idólatra. Tanto "altares" quanto "colunas de pedra" fornecem ligações com o versículo seguinte.

> 10.2 O coração deles é enganoso;
> agora eles sofrerão pela própria culpa.
> Ele mesmo quebrará os altares deles;
> ele devastará as suas colunas de pedra.

A afirmação dos primeiros dois versos é enfatizada por estar no centro da referência anterior e das referências seguintes aos "altares" e às "colunas de pedra". O que havia dado errado em Israel era primariamente espiritual. ***O coração deles é enganoso*** apresenta outro termo para a conduta traiçoeira de Israel. Para "coração", veja sobre 4.11. "Enganoso" é uma metáfora retirada de algo que é "liso" ou "escorregadio". Na sua mente e disposição interior eles deliberadamente mantinham uma postura hipócrita e "lisa", em que haviam se convencido de que eram genuínos adoradores do SENHOR e que permaneciam fiéis a ele, mesmo enquanto gastavam toda a riqueza que ele havia dado a eles com o culto cananeu. Eles haviam se iludido com a ideia de que essa conduta não era perversa. ***Agora***, como consequência disso, ***eles sofrerão pela própria culpa*** (*ʾāšam*). O verbo pode indicar tanto a situação de culpa daqueles que

fizeram o mal quanto as consequências que eles terão que enfrentar (cf. 13.16).

Ele mesmo é uma referência a Deus, que agirá contra a proliferação de altares dedicados à adoração de Baal. É improvável que isso seja uma predição do programa de reforma do rei Josias descrito em 2Reis 23.14–15, muito embora ambas as passagens reflitam o ensino de Deuteronômio (cf. Dt 7.5). Deus ***quebrará*** os altares deles. O verbo usado é em outros lugares empregado para a quebra do pescoço dos animais (Êx 13.13; 34.20; Dt 21.4,6; Is 66.3) e aqui ele é uma referência vívida à quebra dos chifres nos cantos dos altares e desse modo profanando-os (cf. Am 3.14). ***Devastará*** (cf. 7.13; 9.6; 10.14) se refere à destruição total de toda a parafernália nesses lugares de culto, dentre as quais as ***colunas de pedra*** (cf. 10.1), que são mencionadas como um item representativo. Essa profecia está relacionada ao anúncio da destruição iminente dos lugares sagrados de Israel e do consequente desamparo deles predito em 3.4.

10.3 Pois agora eles estão dizendo:
"Não temos rei,
pois nós não tememos o SENHOR,
e [quanto ao] rei, o que ele poderia fazer por nós?"

Há incerteza quanto à importância de ***pois agora***. Essa expressão pode apontar para as circunstâncias que prevalecerão no juízo iminente ("então", NIV), com o verbo traduzido no futuro (cf. NRSV, ESV). A ausência de um rei seria então uma reminiscência de uma profecia anterior de Oseias (cf. 3.4) e esse versículo poderia indicar uma esperança de mudança de perspectiva da parte deles. No entanto, é mais provável que as palavras deles sejam ditas num tom de resignação e desilusão. Nesse caso, "pois" iria apenas ligar de um modo geral com os versículos anteriores, na verdade indicando que o que se segue é uma evidência adicional da condição degenerada do povo, que levará à destruição da nação. ***Eles estão dizendo*** toma o aspecto imperfeito do verbo para descrever atitudes existentes e contínuas. Não temos rei não se refere a Deus, mas à situação política deles. Se essas palavras foram ditas por volta de 733 a.C., então, elas refletem uma avaliação popular de que eles não tinham um rei verdadeiro porque o rei Oseias era apenas um fantoche nas mãos da Assíria. Ou, a passagem pode estar relacionada com o que aconteceu nos últimos meses do reino do norte quando o rei Oseias foi

preso pelos assírios antes mesmo de Samaria ter caído, e então era literalmente verdadeiro que eles não tinham rei (2Rs 17.4). É mais provável, no entanto, que esse sentimento apenas reflita a desilusão do período posterior ao tempo de Jeroboão II, quando uma sucessão de assassinatos e regimes frágeis privava quem quer que estivesse no poder de legitimidade e respeito.

Mais significativamente, o povo está sendo percebido como ligando essa reversão da sorte nacional ao fato de que ***nós não tememos o SENHOR***. Eles perceberam que eles o haviam ofendido e que, por causa dessa desobediência, eles não tinham razão para esperar ajuda dele. É apenas aqui que Oseias usa o verbo "temer", uma expressão comum no Antigo Testamento para a verdadeira reverência a Deus, caracterizada por uma respeitosa admiração e submissão à vontade dele, embora uma ideia semelhante possa ser encontrada em 3.5. Depois de vivenciar muitos anos de desordem na terra, o povo se sentiu abandonado pelos seus reis e governantes e se perguntava, ***Quanto ao rei, o que ele poderia fazer por nós?*** Ano após ano os seus líderes haviam se mostrado inadequados para conduzir o povo diante dos desafios que os cercavam e nada que eles pudessem fazer agora evitaria o desastre total (cf. 10.7,15; 13.10). Essa pergunta retórica (cf. 6.4) expressa com vigor a convicção do povo acerca da inutilidade dos seus reis. Na verdade, a expressão é virtualmente uma forma de pseudosorites (cf. 8.7) por causa da afirmação imediatamente anterior de que eles não tinham rei.

10.4 Eles disseram palavras,
juraram falsamente,
fizeram uma aliança.
E a justiça brota como erva venenosa
nos sulcos de um campo.

Considerado em si mesmo, o retrato de 10.4 talvez descreva com ainda maior profundidade o coração enganoso do povo (10.2); porém, apesar da referência singular com que o versículo anterior termina, o conteúdo do versículo indica que o plural ***eles*** focaliza primariamente os reis de Israel nos últimos e tumultuados anos do reino. ***Eles disseram palavras*** (um perfeito durativo), nada mais. As boas promessas não foram acompanhadas pela implementação bem-sucedida. Na verdade, não é uma questão de incapacidade, mas porque eles ***juraram falsamente***, isto é, eles

se comprometeram solenemente a algo vazio e sem substância, que não tinha valor (*šāwʾ*, cf. 12.11). Não foi o caso de o acordo exigir o impossível – manter a Assíria acuada. Os pactos eram sem valor porque não havia intenção de mantê-los caso conseguissem encontrar um modo melhor de sobreviver. Eles ***fizeram uma aliança***, não com o SENHOR, mas com estrangeiros, muito provavelmente o imperador assírio. Ao fazer isso, um rei israelita inevitavelmente comprometeu a sua posição diante do SENHOR, por causa do papel conferido às deidades pagãs na ratificação de acordos como esses, pois elas eram invocadas como testemunhas do acordo. A política dos reis era moldada pela pressão do momento e assim o acordo solene de hoje logo se tornava a política de ontem.

Essa desconsideração pela verdade e pelos juramentos solenes infiltrava-se através da camada superior da sociedade e afetava todos os níveis da administração dela. ***A justiça brota como erva venenosa***. O termo "justiça" (cf. 2.19; 12.6) compreende a ideia de vereditos judiciais apropriados (5.1,11), mas vai bem além disso para a boa ordem que prevalece numa sociedade em que todos os processos administrativos do governo são caracterizados pela equidade e onde a conduta do povo nos seus relacionamentos cotidianos é do mesmo modo marcada pela probidade e pelos bons costumes. O que Oseias tem em vista aqui não é a justiça divina, mas toda a substância moral da terra. ***Brota*** descreve o crescimento de uma planta (cf. 14.5, 7) e ***ervas venenosas*** refere-se a uma planta desconhecida, frequentemente associada ao gosto amargo, embora não tóxico, o absinto (Dt 29.18; Jr 9.15; 23.15; Lm 3.19; Am 6.12). O crescimento e o efeito dessa planta é comparado ao modo maligno e corrupto como as coisas eram administradas na terra (cf. Am 6.12). ***Nos sulcos de um campo*** onde os cereais deveriam estar (cf. 12.11), seria encontrada apenas essa erva nociva, que deveria ser arrancada. Israel havia perdido a visão do verdadeiro propósito que deveria moldar a estrutura da sua vida coletiva.

10.5 Com respeito às bezerras de Bete-Áven,
os moradores de Samaria temerão,
pois o seu povo o pranteará,
e seus sacerdotes se regozijarão com ele –
com a sua glória,
pois ele terá partido dele.

Nesse versículo e no seguinte, Oseias profere uma profecia que descreve a remoção para a Assíria do ídolo na forma de um bezerro de ***Bete-Áven***, seu termo escarninho para Betel (cf. 4.15). Isso está no centro da estrutura quiástica de 10.1–8 e é o seu foco temático principal. ***Bezerras*** é uma palavra no feminino plural e por isso é difícil entender por que ela é empregada em lugar do masculino singular comumente usado para o bezerro. Embora essa possa ser uma forma abstrata plural para designar o culto ao bezerro, ou talvez seja uma variação dessa palavra no norte, é mais provável que esse seja um plural majestático, usado de maneira sarcástica por Oseias: "esse grande bezerro". De fato, o sarcasmo marca esses versículos.

Os moradores é uma forma singular e pode ser um título jocoso para o ídolo. Há seis referências singulares a "ele" no restante do versículo. No entanto, o uso coletivo parece mais provável porque o verbo ***temerão*** está no plural. A menção de ***Samaria*** pode implicar que essa mensagem foi transmitida quando tudo o que restava do reino do norte era a capital e a região ao seu redor. A nação não demonstrará admiração pelo bezerro, mas uma preocupação ansiosa acerca do que acontecerá com o seu tão valioso ídolo – não o tipo de preocupação que se poderia esperar dos que adoravam uma deidade verdadeira.

Pois ressalta o que havia levado a essa situação. ***Seu povo*** provavelmente se refere aos devotos do bezerro em todo o reino do norte. Nesse caso e em ***com ele*** há uma mudança para uma forma masculina singular para se referir ao ídolo. ***Prantearão*** é um perfeito profético que enfatiza a certeza desse resultado. É improvável que essa seja uma referência a qualquer cerimonial cúltico que envolvesse pranto no culto ao bezerro; ela prediz a tristeza de Samaria por causa do seu devastador sentido de perda quando o seu ídolo for levado como espólio de guerra.

Sacerdotes não é o termo comum empregado para os sacerdotes legítimos, mas um termo tomado do fenício e do aramaico, que é usado para se referir aos sacerdotes pagãos (2Rs 23.5; Sf 1.4). A fonte de renda e a carreira deles seriam minadas pela remoção do objeto de sua veneração, mas Oseias sarcasticamente diz que eles ***se regozijarão***, um termo para alegria intensa (cf. "exultação" 9.1), que eles comumente associariam com a adoração do seu ídolo. Não era o que os sacerdotes de tão grande e ilustre deus deveriam fazer? Eles exaltavam ***a sua glória*** ou esplendor. Por que os devotos de tal deus deveriam se calar ou reagir com nada menos do que

júbilo? Porém, há ainda o golpe final: ***ele terá partido***. Essas palavras são um tanto ambíguas. Elas podem significar que, quando o ídolo apreendido for levado embora pelo inimigo, ele não possuirá mais qualquer magnificência e distinção. É mais provável que o verbo "partido" tenha o sentido mais estrito de "ir para o exílio" e assim o último "dele" é uma referência ao próprio povo: "o ídolo deles os terá deixado para ir para o exílio". Há um jogo de palavras com "clamar" (*yāg'lû*) e "ir para o exílio" (*gālâ*). Uma vez que ambas as palavras possuem duas das consoantes de "bezerro" (*ʿeglâ*), o som reforça a adequação e inevitabilidade do resultado.

10.6 Além do mais, ele mesmo será carregado para a Assíria,
um presente para o rei Jarebe.
Efraim receberá vergonha,
e Israel estará envergonhada por causa do seu conselho.

Além do mais acrescenta um conjunto de detalhes adicionais às predições anteriores acerca do juízo do SENHOR e da perda da riqueza e do prestígio da nação. Uma proeminência especial é conferida a ***ele***, ou seja, o bezerro, visto como um objeto que precisava ser carregado – uma ênfase que ressalta a imagem da sua impotência. O ídolo não será mais encontrado na magnificência do seu próprio templo. ***Será carregado*** é frequentemente usado no sentido de "ser tomado como tributo" (12.2; Sl 68.30; Is 18.7). O costume daquele tempo era o de colocar o ídolo da nação conquistada no templo do deus da nação conquistadora como uma indicação da superioridade deste último sobre o primeiro (cf. o episódio da arca no templo do deus Dagom em 1Sm 5.2). O lugar do exílio é claramente afirmado como sendo a ***Assíria***, onde ele servirá como um ***presente***, na verdade tributo, ***ao rei Jarebe***. Para esse nome, veja sobre 5.13. O rei no tempo do ataque a Samaria (e possivelmente também no tempo da sua queda) era Salmaneser V, mas antes que qualquer espólio tivesse chegado à Assíria, Sargão II já estaria no trono (veja *Introdução*, p. 15–16).

Com a exposição da inadequação das suas aspirações e da sua adoração, o povo será levado a perceber a total falsidade da visão que tinham da vida e com isso sentiriam ***vergonha***. ***Por causa do seu conselho*** também pode ser entendido como "por causa da sua madeira" (cf. 4.12; Jr 6.6), porque afinal de contas, o ídolo era apenas isso. A variação nas traduções aponta

para o fato de que é difícil definir qual desses sentidos seria primário na compreensão do público de Oseias. Como o versículo seguinte desenvolve o tema do destino do rei, a principal referência aqui era ao conselho que estava por trás da política da nação como um todo. “Vergonha” e ***estará envergonhada*** não apontam em primeira instância para o sentimento de constrangimento e consternação, mas para as circunstâncias externas de desgraça pública pelo fato de os outros perceberem o insucesso deles.

10.7 [Quanto a] Samaria, seu rei está sendo destruído
como um galho na superfície da água.

Há apenas um verbo nesse versículo, uma forma no particípio de uma raiz que indica “perecer”, “deixar de existir”, “estar arruinado”. No entanto, há dois substantivos não coordenados, Samaria e “seu rei”, que são possíveis sujeitos do verbo e então deve-se empregar algum recurso para definir isso. Traduzir ***[quanto a] Samaria, seu rei está sendo destruído*** é estranho porque não se trata de um simples caso de Samaria não ser a primeira palavra de uma sentença, mas a segunda. Por outro lado, “Samaria está sendo destruída” é uma tradução improvável porque o particípio é uma forma masculina e Samaria é normalmente tratada como um substantivo feminino. Além do mais, alguns comentaristas assumem que “seu rei” não é uma referência ao monarca, mas ao ídolo. O argumento de Van Leeuwen (2003: 374) de que a referência é ao monarca de Israel, porque na estrutura quiástica da passagem isso equilibra a afirmação feita em 10.3, é importante para resolver a questão. Há uma mudança do ídolo, e o tema reverte para o rei que patrocinou a adoração ao ídolo.

A impotência do rei é ressaltada pela símile ***como um galho na superfície da água***. “Galho” pode também sugerir em vez disso “lasca” ou “apara” (ou possivelmente “espuma”, como na Vulgata) e “água” indica a correnteza de um rio. O pedaço de madeira é carregado desamparadamente correnteza abaixo pela força da água. A agitação e a impetuosidade das questões políticas internacionais naquele tempo haviam deixado o rei de Israel sem o controle dos acontecimentos e incapaz de resistir à esmagadora pressão que o carregou, a ele e a nação, para a ruína.

10.8 E os lugares altos de Avén serão eliminados,
o pecado de Israel;
espinho e cardo crescerão,

sobre os seus altares.
E eles dirão às montanhas: “Cubram-nos!”,
e às colinas: “Caiam sobre nós!”

Na análise quiástica de Van Leeuwen, esse versículo é tratado em suas partes (cf. comentários introdutórios a essa seção). A primeira parte, consistindo dos primeiros quatro versos (que também são considerados juntos pelos acentos massoréticos), descreve a devastação que aconteceria com os lugares sagrados frequentados por Israel. ***Eliminados*** é uma palavra forte, implicando que eles serão catastroficamente arruinados e deixados totalmente imprestáveis. A referência em Avén (literalmente “iniquidade”) é a Betel (cf. 4.15; 5.8; 10.5), em vez de a má conduta em geral, e especificamente estão em vista aqui os ***lugares altos*** associados com a adoração cananeia situados nas imediações do templo ali. Oseias não hesita em descrevê-los como ***o pecado de Israel***. Esses eram lugares onde era manifestamente evidente que Israel havia abandonado a adoração verdadeira ao SENHOR, deixado as suas ordenanças e as substituído por um amálgama corrompido de ideias derivadas amplamente das práticas e crenças cananeias.

Espinho e cardo é uma combinação encontrada em Gênesis 3.18 como parte da maldição que se seguiu à queda, e apresenta a má conduta de Israel como sendo de semelhante gravidade e com um semelhante impacto de longo alcance. ***Seus altares***, associados aos vários lugares de culto a Baal, cairão em desuso e serão abandonados, cobertos de ervas daninhas (cf. 9.6).

Os últimos dois versos do versículo correspondem à primeira parte de 10.1, mas não descrevem a prosperidade recente de Israel, mas a reversão das suas circunstâncias quando a devastação e a adversidade os atingir. Quando a terra deles for dominada pelos conquistadores assírios, as pessoas entrarão em desespero e ***dirão às montanhas: “Cubramnos!”, e às colinas: “Caiam sobre nós!”*** Isso prefigura Apocalipse 6.15–16 (cf. Lc 23.30). Numa área que é sismicamente instável, o impacto de um terremoto de grandes proporções e os desmoronamentos que o acompanham seria bem conhecido. Na sua agonia, as pessoas desejarão a morte súbita e a devastação para não terem de suportar os terríveis sofrimentos prolongados que as aguardavam.

REFLEXÃO

- Em João 15, Jesus usa para si a imagem de uma videira. Ao dizer "eu sou a verdadeira videira" (Jo 15.1) ele se apresenta como a plenitude de tudo o que Israel deveria ter sido. É apenas por meio da união com ele que uma pessoa pode ser útil aos olhos de Deus (Jo 15.4–5). No entanto, o Pai é aquele que cultiva, aquele que é responsável pelo envio de Jesus e aquele que aguarda os frutos dos galhos da videira. Se um galho não produzir fruto ele é cortado e mesmo os galhos que produzem frutos estão sujeitos à poda para que tenham a produtividade aumentada (Jo 15.2). Esse processo de disciplina espiritual do SENHOR em relação ao seu povo é essencialmente o mesmo ocorrido no tempo de Oseias e aquele que Paulo afirma ainda estar ocorrendo na igreja. Ele nos lembra que "não é você que sustenta a raiz, mas a raiz que o sustenta" (Rm 11.18) e que nós devemos "perseverar em fé… se Deus não poupou os galhos naturais, também ele não o poupará" (Rm 11.20–21).
- Com frequência evitamos considerar o tema do juízo que virá, mas Oseias não permitiria que os seus contemporâneos fizessem isso, porque isso era o que daria forma ao futuro imediato – e também eterno deles. A relevância da mensagem de um juízo iminente não havia diminuído no tempo do Novo Testamento, "pois devemos todos comparecer diante do trono do julgamento de Cristo" (2Co 5.10). A citação de 10.8 em Apocalipse 6.15–16 (cf. Lc 23.30) mostra que as características do juízo que caíram sobre a nação de Israel antecipam o que prevalecerá no Grande Dia. Isso trará vergonha e confusão (10.6) àqueles que não entregaram a sua vida a Cristo (Rm 9.33; 1Jo 2.28). Ele reverterá a situação desfrutada neste mundo pelos ricos e poderosos que permaneceram impenitentes (10.7), quando eles receberem do SENHOR a justa recompensa pelos seus atos (Lc 6.24; 16.25; Ap 18.9–10; 19.17–21). Isso envolverá a eliminação completa (10.8) de tudo o que se opõe a Cristo e ao seu reino (1Co 15.25). Ele evocará um desejo desesperado pela aniquilação naqueles que não tiverem se reconciliado com o SENHOR (10.8), em vez do desejo de suportar o terrível castigo da separação eterna dele e da total falta de sentido à parte dele (Mt 8.11; 25.30; 2Ts 1.9; Ap 9.6).

(3) Uma bezerra domada (10.9–15)

A estrutura da profecia nesse ponto não é tão clara quanto nas duas seções anteriores. De fato, é difícil saber se os versículos de transição (10.9–10) estão mais associados ao que foi dito antes ou com o que se segue. Pesando as opções, iniciar uma nova seção em 10.9 é favorecido pela fala direta a Israel, formando um tipo de *inclusion* com a menção de Israel em 10.15. Além disso, uma reminiscência histórica adicional acerca de Gibeá (10.9) é introduzida, que também tem o seu equivalente em 10.15 pela menção de outra cidade, Betel. A identificação de uma transição estrutural aqui é também reforçada pelo claro afastamento de uma fala profética direta em 10.10, e a mudança de tópico da dimensão religiosa do comportamento rebelde de Israel para as suas inevitáveis repercussões sobre o destino da nação.

Uma divisão tripla é apropriada (10.9–10; 10.11–12; 10.13–15), com os parágrafos de início e de conclusão focalizando no desvio de Israel e sua demasiada confiança no poder militar, e no castigo que o SENHOR irá trazer sobre eles por meio da invasão inimiga e da guerra. O parágrafo central mostra que a situação de Israel não é fruto da falta de oportunidades ou da dureza divina (10.11a), mas agora uma intervenção é exigida (10.11b). Mesmo assim, a exortação de 10.12 mostra que ainda há oportunidade para que eles corrijam os seus caminhos. Em certa medida, esse chamado a um retorno aos padrões da aliança antecipa o futuro mais positivo descrito no capítulo 11.

(a) Aguardando a punição (10.9–10)

10.9 Desde os dias de Gibeá
Você tem pecado, Israel.
Ali eles permaneceram.
A guerra contra os filhos da iniquidade não os alcançaria em Gibeá?

Um vez que o versículo seguinte é uma fala direta divina, é provavelmente o SENHOR que está falando aqui diretamente a Israel, usando um exemplo de quatro séculos antes para advertir essa geração acerca da gravidade da sua contínua maldade. ***Gibeá*** já foi mencionada em conexão com os incidentes ocorridos em Juízes 19–21 quando toda Israel entrou em guerra contra a tribo de Benjamim por causa do ultraje violento que havia sido perpetrado pelos homens de Gibeá (cf. 5.8; 9.9). ***Desde os***

dias toma esse incidente como o início de um padrão de comportamento que se tornou endêmico desde então. ***Você tem pecado*** vem da mesma raiz de "pecado" (10.8). Repetidamente, embora não necessariamente sempre da mesma maneira, ***Israel***, o povo da aliança, agiu em abominável desafio às normas da aliança, e desse modo ofendeu ao SENHOR. Implícita nessa afirmação há um louvor à longanimidade do SENHOR em tratar com eles de maneira a não tê-los eliminado antes.

Em seguida o SENHOR fala sobre Israel em vez de para eles, mas o tom dessas palavras é incerto. ***Ali*** (isto é, em Gibeá) ***eles permaneceram*** parece indicar que conquanto Israel, supondo que a prosperidade material era o único índice do seu progresso, havia pensado que a nação havia progredido ao longo dos séculos, o veredito do SENHOR era que moral e espiritualmente eles haviam permanecido no mesmo nível dos dias dos juízes. Possivelmente haja uma alusão à recente disputa mutuamente destrutiva conhecida como a guerra siro-efraimita (cf. *Introdução*, p.18). Isso expunha claramente o quanto a fidelidade e a consciência da aliança haviam se corrompido.

Embora não haja um ponto formal de interrogação (por isso a tradução da NKJV), a conclusão do versículo é geralmente considerada como uma pergunta retórica que dramaticamente imagina uma ameaça (cf. 6.4). Haverá ***guerra contra os filhos da iniquidade***, uma frase que aponta para o comportamento vergonhoso do passado sendo repetido nesse momento por aqueles que moralmente permaneceram ***em Gibeá***, ou seja, aqueles que demonstraram uma conduta semelhante àquela que foi testemunhada em Gibeá anos antes. Sendo assim, o SENHOR anuncia uma consequência semelhante para essa geração. Eles também serão reduzidos ao ponto de extinção exatamente como a tribo de Benjamim havia sido (cf. Jz 20.46–48).

10.10 Quando assim me agradar, eu os disciplinarei,
e povos serão reunidos contra eles
quando eles [os] atarem pelas suas duas iniquidades.

O SENHOR afirma que a retribuição virá no tempo que ele escolher. ***Quando assim me agradar*** (literalmente "segundo o meu desejo") indica que o fim da violação da aliança por Israel será determinada segundo a preferência e o controle divinos. ***Eu os disciplinarei*** pode, à primeira vista, indicar uma disciplina com propósito educativo (cf. 5.2), mas mais do que

isso está em vista. A cláusula seguinte torna claro que essa correção será efetuada por meio da instrumentalidade das nações estrangeiras: ***povos serão reunidos contra eles***. O passivo indica que Deus é o agente não especificado que os reunirá, exatamente como Israel anteriormente havia se reunido contra Benjamim. ***Quando eles os atarem*** refere-se a seus inimigos levando os israelitas cativos e os amarrando para levá-los para o exílio e para a escravidão. É segundo a avaliação de Deus, e não das nações, que as ***suas duas iniquidades*** existem, mas é difícil determinar especificamente ao que essa afirmação se refere. O uso de "duas" sugere uma combinação de fatores. Uma possibilidade óbvia é Gibeá no passado e Gibeá no presente, ou talvez o crime duplo de esquecer o SENHOR e voltar-se para os ídolos (cf. Jr 2.13). Menos provável é a ideia de que essa seja uma menção aos dois bezerros, de Dã e de Betel. Embora isso forneça uma ligação com o versículo seguinte, o ídolo em Dã já não estava mais lá nessa última fase do ministério de Oseias.

REFLEXÃO

- "Quando assim me agradar" (10.10) não indica que Deus tem prazer em disciplinar seu povo ou punir pecadores (cf. Ez 28.23,32). "Ele não aflige ou pune prazerosamente [literalmente "do seu coração"] os filhos dos homens" (Lm 3.33). Sua ira não pode ser equiparada ao seu amor. No entanto, sua ira é real e não pode ser evitada. Ela está, no entanto, completamente sob o seu controle. "Quando assim me agradar" mostra a soberana determinação do modo como ele trata o seu povo. Nem eles ou aqueles que foram reunidos contra eles podem postergar ou desviar a punição que ele decidiu aplicar.

(b) Uma bezerra dócil (10.11–12)

É nesse ponto que a sequência de metáforas retiradas da natureza e da agricultura, que havia iniciado com as uvas (9.10) e a videira (10.1), é concluída com a imagem da bezerra domada (10.11).

10.11 Agora Efraim [era] uma bezerra domada,
que amava debulhar,
conquanto eu, de minha parte, não fiz caso da beleza do seu pescoço.
Eu porei arreios em Efraim,

Judá irá arar,
Jacó sulcará para si mesmo.

O introdutório "e" é traduzido como ***agora*** porque, quando seguido por um substantivo em vez de um verbo, ele funciona como um indicativo da transição da fala do SENHOR para uma terceira metáfora para ***Efraim***, o reino do norte. A estrutura temporal da primeira parte do versículo não é especificada, mas as metáforas anteriores sugerem que ela descreve a conduta do povo logo que eles entraram na terra. "Domada" é o oposto de "teimoso" (cf. 4.16) e então ***uma bezerra domada*** indica um animal dócil que aprendeu a como desempenhar várias tarefas e a responder rapidamente às instruções dadas por ele (cf. a imagem oposta em Jr 31.18). O gado era normalmente usado para debulhar o grão andando sobre ele ou, mais provavelmente, movendo o malho que o esmagava. Em qualquer dos casos, o animal que fazia isso desfrutava de certa medida de liberdade. Esse animal fazia essa tarefa sozinho e não levava sobre si jugo e por isso não era obrigado a coordenar seus esforços. Além do mais, ele não era amordaçado e tinha permissão para comer enquanto trabalhava (Dt 25.4). Por isso, é dito que a bezerra ***amava debulhar***. Isso resume a disposição que Israel tinha de servir ao SENHOR na terra que ele havia destinado a eles e para desfrutar dos seus frutos.

Eu, de minha parte, não fiz caso da beleza do seu pescoço pode ser interpretado negativamente como se o SENHOR houvesse desconsiderado a beleza que ele havia visto anteriormente no povo (o verbo é utilizado no sentido de "desconsiderar" em Pv 19.11 e Mq 7.18; cf. McComiskey 1992: 176) e passa a puni-los. É mais provável, no entanto, que o sentido seja que no passado o SENHOR havia poupado Israel de qualquer imposição extra nos seus primeiros anos na terra.

Agora, porém, como revela a segunda parte do versículo, esse tratamento favorável terminaria – e não apenas no norte. ***Eu porei arreios*** é uma referência a preparar o animal para arar a terra. Da agradável tarefa de debulhar, será exigido de Efraim um trabalho mais árduo. Além disso, ***Judá irá arar***. Essa tarefa é quebrar a terra dura com um arado feito de um eixo de madeira e provavelmente uma relha de ferro. Mas por que Judá foi incluído aqui? Provavelmente porque o sul estava igualmente desviando-se dos padrões da aliança sob o reinado de Acaz, embora esse desvio não fosse tão grave quanto no norte. ***Jacó sulcará para si***. Uma placa de madeira com dentes de ferro era arrastada no chão para quebrar os torrões

que haviam ficado da tarefa de arar, ou para cobrir as sementes que foram lançadas no solo. Jacó aqui parece ser usado para se referir às nações do norte e do sul (cf. 12.2). É extremamente pedante tomar isso como significando que Efraim é aquele que sulca e Judá é aquele que ara a terra. A divisão do trabalho é um recurso poético para apresentar a mensagem de que tempos difíceis estavam chegando para o povo que havia deixado de reconhecer a gentileza e a bondade que o SENHOR havia tido para com eles. Não há mais qualquer sugestão de desfrutar dos frutos do trabalho. "Para si" é uma expressão idiomática que indica aquele que se beneficia (ou não) de uma ação. Essa mesma expressão idiomática aparece em 10.12 e ela parece indicar um contraste. A ideia aqui é que para Jacó esse trabalho é tedioso e causa desconforto.

10.12 Semeiem para si mesmos com respeito à justiça;
colham de acordo com a medida do amor fiel;
quebrem para si mesmos a sua terra alqueivada.
Agora [é] tempo de buscar o SENHOR
até que ele venha e chova
justiça para vocês.

Apesar de poder ser dito que embora nesse versículo o SENHOR seja tratado na terceira pessoa, a fala divina ainda continua até o fim do capítulo (cf. 1.2). No entanto, é mais provável que essas palavras transmitam exortações de Oseias para o povo. O fato de que essa mensagem é positiva não implica necessariamente que a sua exortação seria ouvida e que o desastre iminente seria evitado. No entanto, essas coisas tinham que ser ditas mesmo que apenas uns poucos respondessem. Além do mais, quando o desastre viesse, esse registro tornaria claro que a nação o havia desnecessariamente trazido sobre si por causa de sua recusa a se arrepender.

As imagens tiradas da agricultura continuam a ser usadas, mas as pessoas são vistas como fazendeiros, e eles são tratados com três imperativos. ***Semeiem para si mesmos*** está no plural, possivelmente refletindo Efraim e Judá no versículo anterior, ou mostrando a necessidade de que essa advertência seja seguida individualmente. "Para si mesmos" emprega a mesma expressão idiomática que "para si" (10.11), mas aqui a referência é positiva. Esse curso de ação será proveitoso e levará a um resultado favorável. A semeadura que está em vista aqui é o modo de vida deles em geral, que deveria ser moldado e governado pela ***justiça***,

conformidade às normas da aliança (2.19). Se eles semearem de acordo com os padrões do SENHOR, então no tempo certo eles irão ***colher***, não meramente a safra material, mas também a recompensa divina pelo seu comportamento leal ***de acordo com a medida do amor fiel*** (cf. 4.1). A proporcionalidade da resposta do SENHOR é aplicada tanto às suas bênçãos quanto à sua punição. Se a conduta deles for caracterizada pela consideração e compaixão por aqueles que verdadeiramente reconhecem o seu Soberano, então ele responderá com "boa medida, compactada, sacudida, transbordante" (Lc 6.38).

Mesmo assim, não está implícito que a fidelidade à aliança seja uma opção fácil. Ela exige esforço: ***quebrem para si mesmos*** ("no seu próprio interesse") ***sua terra alqueivada***. "Alqueivada" refere-se ao solo que não foi previamente cultivado, ou que foi deixado não lavrado por um longo período de tempo, de modo que para cultivá-lo alguém precisa começar do zero novamente (cf. Jr 4.3). A corrupção na sua vida nacional, tanto política quanto religiosa, havia se tornado como ervas daninhas profundamente enraizadas e que haviam se alastrado e que, portanto, não eram fáceis de serem erradicadas agora. Porém, essa foi a tarefa a que eles mesmos determinaram para si. Apenas por meio de uma ação rigorosa, possivelmente dolorosa, esse solo seria preparado para produzir uma safra de qualidade e uma produção abundante.

A resposta deles não deveria ser apenas conscienciosa, mas imediata. É ***tempo de buscar o SENHOR*** (cf. um verbo sinônimo em 3.5; 5.6). Eles deveriam mais uma vez familiarizar-se com as exigências quanto à conduta, e viver uma vida de devota confiança nele. ***Até que ele venha e chova justiça para vocês*** (cf. Is 45.8) não especifica quando essa experiência de refrigério ocorreria (Jl 2.23). Porém, embora a consequência seja deixada em aberto num futuro não especificado, não deve haver dúvida de que o SENHOR responderá.

Oseias usa dois substantivos da mesma raiz para expressar "justiça" nesse versículo: primeiramente *ṣᵉdāqâ* e depois *ṣedeq*. Há alguma diferença entre eles? Embora os termos com frequência se sobreponham quanto ao significado, uma abordagem é sugerir que em Oseias o segundo é mais teológico quanto à sua orientação, relacionando-se à conduta do povo em relação ao SENHOR, enquanto *ṣᵉdāqâ* está relacionado aos relacionamentos dentro da comunidade da aliança (*NIDOTTE* 3:763). Alternativamente, a variação pode ocorrer aqui porque o segundo exemplo

que está em vista é o resultado da justiça divina. Para aqueles que o buscam, o SENHOR graciosamente concede todas as bênçãos que ele, como Soberano da aliança, pode derramar sobre o seu povo. Em conformidade com as suas promessas, ele protege os que lhe pertencem e provê para eles. Além do mais, "o SENHOR concederá o que é bom, e a nossa terra dará sua colheita. A justiça (ṣedeq) irá diante dele e prepara o caminho para os seus passos" (Sl 85.12–13).

REFLEXÃO

- As instruções dadas para que eles "semeiem", "colham" e "quebrem" (10.12) não estavam isentas de valor porque o povo havia repetidamente se mostrado incapaz de responder dessa maneira. O critério da lei de Deus fornece uma norma imutável para a conduta humana, e nunca é inapropriado exortar as pessoas a estruturar suas vidas de acordo com os padrões do Criador. Mas essas ordens não devem exaurir o conselho que é dado. O reconhecimento das normas divinas e a tentativa de segui-las, se genuinamente e com autocrítica, rapidamente mostrará a qualquer pessoa que tente viver de acordo com elas que somos incapazes de cumpri-las completamente. "Tenho o desejo de fazer o que é excelente, não a habilidade para isso. Pois eu não faço o bem que quero, mas o mal que não quero eu continuo a fazer" (Rm 7.18–19). É com essa consciência que a irrefutabilidade do conselho subsequente – "É tempo de buscar o SENHOR" – torna-se aparente. O que o pecador precisa não é de um coração reciclado ou repaginado, mas de um novo coração, e é apenas pela graça e pela bênção divinas que isso acontece (cf. Ez 11.19; 18.31; 36.26).
- "Quebrem sua terra alqueivada" (10.12) indica que a vida em submissão à vontade de Deus exige esforço e perseverança. A profunda influência que o pecado tem sobre o coração de uma pessoa e o fascínio do mal que predomina por todos os lados requer um esforço intenso, incessante e custoso. "Se alguém quer me seguir, que ele negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me" (Lc 9.23). "Eu me esforço em direção ao alvo do prêmio do supremo chamado de Deus em Jesus Cristo" (Fp 3.14).

(c) Devastação iminente (10.13–15)

10.13a Vocês araram iniquidade,
colheram a injustiça,
comeram o fruto das mentiras.

Em contraste com o que virá com a obediência, Oseias conclama Efraim a uma autoavaliação realista ao afirmar claramente a natureza da conduta deles e as suas consequências. ***Vocês araram iniquidade***. Semear e lavrar normalmente ocorriam juntos na antiga agricultura. A semente era lançada primeiro no solo duro e em seguida coberta pela terra que era lavrada. "Iniquidade" é o oposto de justiça e descreve um comportamento violento contrário à justiça e às normas da aliança. Essa conduta malconcebida e rebelde é comparada a semear algo que no devido tempo resultará numa safra: ***colheram injustiça***. Esse termo também aponta para maldade perpetrada por meios violentos (cf. 10.9) e, por isso, o que eles haviam feito serve apenas para produzir mais do mesmo. ***Comeram o fruto das mentiras***. Ou seja, eles haviam sido tomados pela distorção do ensino de Deus que era promovido pelo ponto de vista sincrético dos tempos (para "mentiras", cf. 7.3 e 11.12) e, embora o culto a Baal houvesse prometido muito, o resultado não seria prosperidade, mas circunstâncias difíceis, algumas das quais eles já estavam suportando.

10.13b Porque você confiou no [seu] próprio caminho,
no grande número dos seus guerreiros,
10.14 então um tumulto acontecerá entre o seu povo,
e todas as suas fortalezas serão devastadas,
como a devastação de Salmã [em] Bete-Arbel no dia da batalha –
uma mãe esmagada com seus filhos.

A razão para a calamidade que estava sobre eles é aqui claramente revelada. A última cláusula em 10.13 deve provavelmente ser considerada com o que segue em 10.14 (cf. ESV, NIV), uma proposta que é apoiada pela troca de "vocês" para "você" nesse ponto e mantida em 10.14. Conquanto o pronome singular possa se referir à nação como um todo, ele é provavelmente uma referência ao último rei israelita, Oseias, e as políticas que ele implementou. ***Você confiou no seu próprio caminho*** em vez de no caminho que o SENHOR havia estabelecido como apropriado para o povo da aliança e o seu rei. A segurança nacional estava fundamentada em estratégias mundanas e não na confiança no Rei divino. A estratégia deles

focalizava em medidas militares: ***no grande número de seus guerreiros*** (cf. Sl 33.16–17). "Grande número" é uma outra ocorrência da raiz *rbb* (cf. 4.7; 8.11; 10.1). "Guerreiros" eram soldados treinados e não os menos confiáveis conscritos recrutados de entre a população como um todo. Havia grandes esperanças quanto ao sucesso desses guerreiros na batalha (cf. Am 6.13).

Porém, é predito que alguns desenvolvimentos confundirão as expectativas deles. Haverá certamente ***um tumulto***, um termo que descreve, em primeira instância, o estrondo de águas e depois o alarido dos exércitos se enfrentando no campo de batalha (cf. Am 2.2). Contudo, o fato surpreendente nessa situação é que ***virá entre o seu povo***. Isso quer dizer que, apesar de todas as medidas defensivas que eles haviam instituído, o inimigo havia feito avanços importantes no território deles. ***Todas as suas fortalezas serão devastadas*** (para o verbo, cf. 7.13; 10.2). "Fortalezas" ou "cidades fortificadas" é provavelmente um termo militar para um lugar com uma guarnição (cf. 8.14). Geralmente, elas estavam situadas nas fronteiras da terra ou em pontos estratégicos dela. Quando elas caíssem, a terra ficaria indefesa diante de um exército invasor.

A severidade dessa iminente destruição é enfatizada por uma comparação com aquela ocorrida com ***Salmã em Bete-Arbel no dia da batalha***. Não há dúvida de que a atrocidade cometida lá era vividamente relembrada pelos contemporâneos de Oseias, mas o perpetrador, o lugar e o acontecimento não podem ser identificados com qualquer grau de certeza. O nome Salmã não é atestado em nenhum outro lugar. Quanto à forma, é próxima de Salmaneser, e pode ser uma referência a Salmaneser V (727–722 a.C.), ou menos provavelmente, às incursões de Salmaneser III (859–825 a.C.) que fez várias campanhas contra Arão e Israel. Outra possibilidade é o rei moabita Salamanu, mencionado na lista de tributos de Tiglate-Pileser (*ANET* 282) de cerca de 728 a.C., que pode ter atacado os amonitas que viviam na área de Gileade. Bete-Arbel é geralmente identificada como sendo um lugar na Transjordânia, cerca de 30 quilômetros a sudoeste do mar da Galileia e acerca da mesma distância de Bete-Seam no lado oeste do vale do Jordão. Um lugar alternativo, menor, está exatamente a oeste do mar da Galileia (1Mac 9.2). No entanto, não sobreviveu nenhuma informação a respeito de qualquer brutalidade perpetrada nesses lugares. A única coisa incontestável é que nem a Assíria (cf. Na 3.10) nem Moabe (cf. Am 2.1–3) teriam recuado de cometer uma

atrocidade tal como ***uma mãe esmagada com seus filhos/***suas "crianças" (cf. 1.10). (Para o verbo, cf. 13.16; 2Rs 8.12; Is 13.16; Na 3.10.)

10.15 Assim ele fará a você, ó Betel,
por causa da sua imensa iniquidade;
ao amanhecer o rei de Israel
será totalmente destruído.

Assim (uma forma um tanto enfática, "precisamente isso") se refere às atrocidades cometidas em Bete-Arbel, descritas no versículo anterior. A forma verbal ***ele fará*** é um perfeito profético, cujo sujeito, "ele", tem sido identificado de diversas maneiras. O vocativo traduzido ó***, Betel***, com Betel como uma metonímia para aqueles que residiram ou adoraram lá é incerto. Por exemplo, "em Betel" é gramaticalmente possível e encontrado na NASB. Uma abordagem mais antiga é adotar Betel como o sujeito do verbo para dar a ideia de que Betel, representando as aberrações religiosas promovidas no santuário que havia lá, seria responsável por trazer sobre "vocês" (plural), ou seja, Efraim, um destino semelhante ao que é relatado em 10.14 (cf. Vulgata, AV, NJPS), mas então se torna difícil entender a frase "por causa da sua imensa iniquidade". Se Salmã é corretamente identificado como Salmaneser, ele poderia possivelmente ser aquele que também age contra Betel. Mais provavelmente, contudo, a construção é impessoal com ***ele*** sendo igual a "alguém". Mesmo assim, não deve haver dúvida de que o SENHOR é quem está por trás desse fatídico acontecimento que virá sobre o povo ("vocês", plural), de onde quer que ele venha. Em última análise, ele é aquele que está contra Betel, o centro religioso do reino, ***por causa da sua imensa iniquidade*** (literalmente, "a iniquidade das suas iniquidades").

Embora ***ao amanhecer*** possa ser uma característica que lembre o ataque de Salmã a Bete-Arbel, é mais provável que indique o início de uma batalha, quando as tropas se encontram pela primeira vez. O amanhecer vem rapidamente no Oriente, o que significa que uma grande perda será infligida rapidamente logo no início. ***O rei de Israel,*** um título oficial cujo foco está na posição de governo mais do que na pessoa, foi o monarca cuja morte foi antecipada em 10.3 (cf. 10.7, 13b–14). De fato, o rei Oseias foi capturado antes que o cerco a Samaria tivesse se iniciado, logo no início na campanha de Salmaneser contra o restante do reino do norte (2Rs 17.4). Não sabemos se ele foi subsequentemente executado

logo ou se morreu no cativeiro, mas ***completamente destruído*** (cf. 4.5–6; 10.7) mostra que ele teve o mesmo destino do povo: foi desonrado e eliminado. A perda do seu rei eliminou o último elemento de coordenação no movimento de resistência da nação.

REFLEXÃO

- "Vocês confiaram nos seus próprios caminhos" (10.13) resume a insensatez da humanidade em sua rebelião contra Deus quando ela tenta retirá-lo do lugar que é seu por direito como aquele que governa o coração e a vida das pessoas. Os caminhos que Israel preferiu foram principalmente os caminhos das intrigas políticas e da adoração idólatra e em ambos, "afirmando serem sábios, tornaram-se tolos" (Rm 1.22). Essas mesmas atitudes ainda são prevalecentes hoje. Substituir a luz da verdade de Deus pela nossa própria sabedoria ou nossos recursos é condenar a nós mesmos à frustração e ao desespero final, porque deixar o verdadeiro caminho inevitavelmente leva-nos a nos extraviar (cf. 2Pe 2.15). Em vez de confiar em nós mesmos, devemos desenvolver a nossa dependência no SENHOR, pôr a nossa confiança na salvação que ele fornece e aprovar aquilo em que ele se agrada (cf. Jr 9.23–24; 1Co 1.31; 2Co 10.14).

G. RESTAURAÇÃO (11.1–11)

Na última seção dessa divisão de sua profecia, Oseias desvela a identidade e a firmeza do amor de Deus pelo seu povo. O profeta continua com sua técnica literária de fazer uma retrospectiva histórica para contrastar o início no passado tão cheio de potencial e esperança, com a subsequente realidade do desvio e a destruição iminente. Nessa ocasião, no entanto, Oseias varia a sua abordagem ao estender o período de tempo que vai do início em que o juízo mostra-se iminente até o clímax prefigurado da restauração. Isso reflete a perspectiva divina da História, que não é apenas um relato do passado para iluminar o presente ou o futuro imediato. Em vez disso, o modo como Deus trata com o seu povo, e com a humanidade como um todo, não é restringido pelas nossas limitações temporais e se desenvolve de um modo coerente para levar seus propósitos de graça à conclusão. Assim, ao concluir essa porção da sua obra, o profeta é

orientado a finalizar com uma nota de libertação que coroa a obra de salvação. Fica, contudo, claro que essa salvação não acontecerá em lugar do juízo; em vez disso, é salvação depois, de fato, um longo, juízo.

Nessa seção, o SENHOR não é mais retratado como um fazendeiro supervisionando as lavouras e os animais para ver se eles estavam à altura de suas expectativas; ele é agora mostrado como um pai carinhoso cujas expectativas acerca do seu filho foram frustradas pelo comportamento rebelde dele. O profeta, que havia conhecido pessoalmente a profundidade do amor rejeitado, está numa posição privilegiada para retratar a insondável profundeza do amor de Deus que não abandonará aqueles que ele reconheceu como sendo seus. Embora o comportamento deles houvesse tornado o castigo inevitável, Deus trabalhará para atingir seus objetivos, mesmo por meio da imposição do castigo. O exílio não poderia mais ser evitado, mas a expectativa de um retorno depois do exílio é apresentada. As palavras finais de esperança em 11.10–11 espelham o que foi expresso em 3.5. Há sempre dois lados num relacionamento, e isso também é verdadeiro acerca do vínculo que une as partes de uma aliança. Apesar da rebelião do seu povo, o SENHOR continua comprometido com ele e ainda dirá a palavra final sobre o relacionamento deles.

A unidade dessa seção é indicada pela presença de um *inclusion* com a repetição de "do Egito" (11.1, 11; observe também a ocorrência do Egito em 11.5), a menção de "meu filho" (11.1) e "filhos" (11.10) e as referências contrastantes do verbo em "eles foram"/"eles irão" (11.2,10). Essa apresentação da história de Israel, passado e futuro, aponta para uma reversão do trágico comportamento desviado do passado, e para uma restauração final por causa do firme controle que o SENHOR tem sobre o seu povo.

De acordo com a expressão final em 11.11, Deus é o principal agente que fala ao longo de 11.1–11, mas ele se dirige diretamente ao povo apenas em 11.8–9.

(1) Um pai se lembra (11.1–4)

Nessa seção, é a imagem pai-filho que é usada para iluminar o relacionamento Yahweh-Israel. No entanto, uma vez que Israel é retratado como um jovem, o SENHOR é claramente a parte dominante no relacionamento, que com autoridade estrutura a união e que fornece o necessário apoio para o povo. Porém, isso não é feito de uma maneira

autoritária, arrogante; todas as ações do SENHOR são motivadas por ternura e preocupação amorosa. Mesmo assim, o relacionamento não é do tipo que Israel poderia tomar liberdades. O SENHOR não estava disposto a tratá-los dessa maneira sempre. Sua escolha soberana os havia designado para serem seus filhos por meio da adoção e eles deveriam responder com agradecida obediência a tudo que lhes havia sido concedido.

11.1 Quando Israel era um jovem, eu o amei,
e do Egito eu chamei meu filho.

O tom nostálgico que impregna os versículos 9.10–10.15 continua aqui. ***Quando Israel era um jovem*** olha para a fundação da nação no período do êxodo e nos seus anos formativos (2.15; Jr 2.2; Ez 16.22,43, 60). Como um termo para idade, "jovem" pode indicar da infância (cf. Êx 2.6; 1Sm 4.21) até o fim da adolescência (cf. Gn 37.2) e além (Gn 41.12 quando José tinha 30 anos de idade), mas nesse caso a imagem indica os primeiros anos quando o povo ainda estava vulnerável e indefeso, incapaz de se livrar da opressão de sua situação no Egito e, consequentemente também incapaz de suportar as responsabilidades que lhe haviam sido dadas (cf. 11.3). A esse respeito as palavras de Salomão são significativas: "Eu sou meramente um jovem; não sei como ir ou como vir" (1Rs 3.7). "Jovem" implica falta de experiência que exige orientação para tomar decisões corretas ou intervir efetivamente em questões públicas (cf. Jr 1.6–7). Também é possível que a palavra "jovem" seja empregada aqui porque ela, algumas vezes, tem o sentido de "servo" ou "atendente" (cf. Gn 22.3; Ne 4.16). No Egito, Israel não era apenas imaturo, mas também escravo.

Eu o amei aponta para o íntimo e terno relacionamento que o SENHOR estabeleceu (e continua a manter) entre ele mesmo e o povo (cf. 3.1–2; 9.15; 14.4) ao colocar o seu amor neles (cf. Dt 7.7; 10.15). "Amor", num nível humano, indica uma ligação emocional positiva com uma outra pessoa, primariamente dentro do relacionamento familiar. Ele dá origem a uma preocupação especial pelo bem-estar da pessoa que é amada. Assim, numa época em que a situação do povo era desesperadora e não havia nada que recomendasse os israelitas ao SENHOR, ele demonstrou o seu amor por eles ao intervir soberanamente para livrá-los da opressão e para constituí-los como propriedade sua ao tirá-los ***do Egito***.

Eu chamei meu filho não é um convite, mas uma ordem. Além do mais, essa frase vai além de uma diretriz para o povo deixar o Egito. É a soberana

convocação do SENHOR daqueles que ele havia chamado pela qual ele designou para um papel especial no seu serviço (cf. Is 41.9; 43.1; 51.2). Ademais, o que está em vista aqui não é uma obediência zelosa, mas a grata resposta daqueles que agora desfrutam da posição privilegiada num novo e superior relacionamento com o SENHOR. "Meu filho" formalmente concede isso à nação quando foi anunciado em Êxodo 4.22–23: "E você dirá a Faraó: 'Assim diz o SENHOR, Israel é o meu filho primogênito e eu digo a você, deixe meu povo ir para que ele possa me Servir' ". É esse relacionamento que está por trás das ações do SENHOR em relação a Israel no êxodo e depois (cf. Dt 4.37–39; 7.8, 13; 32.6,10–14). Era esse relacionamento que deveria ter informado e motivado a resposta de Israel.

O uso que Mateus faz de 11.1

Tem sido frequentemente sentido que a citação que Mateus faz de Oseias 11.1, "para que se cumpra o que o SENHOR falou por meio do profeta dizendo: 'Do Egito eu chamei meu filho' " (Mt 2.15) é imprópria e que ele não entendeu o sentido do que o profeta disse porque o versículo seguinte (11.2) claramente mostra que Oseias estava preocupado com a experiência histórica de Israel no tempo do êxodo quando o SENHOR resgatou o seu povo do Egito. É, portanto, argumentado que sugerir que essa fosse uma profecia de Cristo que exigia ser cumprida é ler no texto algo que nunca esteve lá.

No seu tratamento dessa questão, Kaiser (1985:47–53) ressalta que essa passagem ocorre numa das mais claras passagens da profecia de Oseias em que, apesar da persistente rejeição do SENHOR por parte do povo, ele manifesta seu amor perseverante por eles e não os rejeita por completo apesar do desvio deles. Do mesmo modo, na narrativa de Mateus há um interesse especial pelo amor protetor de Deus nos anos iniciais da vida de Jesus.

Porém, mais do que isso está envolvido. "Meu filho" é uma designação da comunidade da aliança, encontrada primeiro em Êxodo 4.22–23, mas finalmente e plenamente cumprida na encarnação do Messias e, assim, isso permite que Mateus ligue o tema essencial das duas passagens. Howard chama isso de "correspondência analógica" e a vê como um refinamento da análise tipológica tradicional que tem frequentemente sido prejudicada por supor que a passagem e os acontecimentos descritos em Oseias foram intencionados a prefigurar o Messias para o próprio profeta, ou para os

seus contemporâneos. É apenas à luz dos acontecimentos como eles realmente se tornaram conhecidos que Mateus e aqueles que vieram depois dele e estão na posição privilegiada de ser capaz de olhar para trás e identificar as analogias no modo como o SENHOR agiu nessas duas ocasiões. "Do mesmo modo que a nação foi levada para o Egito e depois tirada de lá, assim também o Messias foi levado para o Egito e depois retirado de lá." E também, em ambas as ocasiões há um pano de fundo de perseguição. O uso que Mateus faz de "cumprir" não se aplica apenas ao cumprimento de predições específicas; ele pode igualmente descrever parte de um processo no qual um acontecimento posterior de natureza semelhante ocorre no desenvolvimento do propósito de Deus.

Além do mais, Kaiser (1985: 51) enfatiza que Mateus não coloca a citação no capítulo 2 do seu Evangelho depois do versículo 20 ou mesmo depois do versículo 22, mas depois do versículo 15. Sua localização antes da narrativa do retorno ao Egito sinaliza o fato de que o ponto focal da narrativa não é a recapitulação do êxodo, mas a permanência do amor preservador de Deus pelo seu filho, seja essa uma referência ao povo como um todo ou ao Filho *par eminence*. Oseias estava preocupado não apenas com um fato no passado de Israel, mas com o significado espiritual do que estava sendo exemplificado ali, e todo o contexto culminando em 11.10–11 da profecia mostra que ele espera demonstrações adicionais do mesmo amor paternal. Que isso também estava na mente de Mateus pode ser inferido do modo em que, em vez de colocar a tradução da Septuaginta "Do Egito eu chamei seus filhos", ele mantém o texto hebraico, "Do Egito eu chamei meu filho".

> 11.2 [Como] eles clamaram por eles
> assim eles se afastaram deles;
> aos baalins eles continuaram a sacrificar,
> e às imagens eles continuaram a queimar incenso.

No entanto, por causa da desobediência do povo, o relacionamento entre o SENHOR e Israel não progrediu suavemente. A existência de uma comparação na primeira parte do versículo é indicada por ***assim***, que introduz a segunda cláusula. A base da comparação é normalmente entendida como sendo a frequência correlata com que as ações ocorriam, mas a natureza precisa do que é descrito não está totalmente clara. O primeiro "eles" em ***eles clamaram por eles*** não está especificado. Ele pode

ser um plural indefinido fazendo com que a construção seja equivalente a um passivo "eles foram chamados", mas o pronome "deles" a seguir torna isso improvável. Outros sugeriram, à luz do restante do versículo, que o que está em vista é um chamado rival feito pelos cananeus em geral, caso em que "deles" poderia ter o sentido de "por causa deles" (cf. Gn 6.13; Êx 3.7; Jz 6.6). De fato, alguns intérpretes encontram uma referência às vozes sedutivas das mulheres moabitas no incidente de Baal-Peor (cf. 9.10; Nm 25.1–2; Andersen, et al. 1980: 578). Contudo, a interpretação mais provável é aquela que é encontrada nos Targuns e na Vulgata e explicitamente representada na ASV, "[os profetas] os chamaram". O SENHOR não chamou o seu povo para si apenas uma vez, mas fez isso numa série de ocasiões por meio dos seus mensageiros (cf. 6.11; 9.8; 12.10; 2Rs 17.13; Jr 7.25; 25.4–7; Zc 1.4). No entanto, quantas vezes ele o chamou desse modo, ***assim eles se afastaram deles***/"para longe da face/da presença deles". O verbo "ir" pode ser usado para uma resposta espiritual (cf. 2.13). Aqui é que o povo, na sua perversidade, rejeitou as advertências proféticas e os apelos para retornar.

Indiferentes às súplicas do SENHOR, eles persistiram nos seus caminhos errados e ***aos baalins eles continuaram a sacrificar***. Os verbos agora estão no imperfeito, o que indica uma ação repetida no passado. "Baalins" (2.13) indica a multiplicidade de deidades pagãs. Desde o incidente do bezerro de ouro no pé do Sinai (Êx 31.1–10), a fascinação pela adoração cananeia se provou difícil demais para ser resistida pelo povo, e ela influenciou a conduta deles em relação a outras questões também. Para "sacrificar", veja 4.13–14 e 8.13. ***Imagens*** (o termo preciso é usado somente aqui em Oseias) são objetos produzidos pela habilidade de um artesão, sejam esculpidos numa pedra ou entalhados em madeira, ou possivelmente moldados com metal. Para ***queimavam incenso*** veja sobre 2.13. O fato de ter rejeitado o SENHOR não deixou um vácuo espiritual, mas os levou a adotar tudo o que ele odiava e que havia proibido.

11.3 Pois eu [fui aquele que] ensinou Efraim a andar;
ele os tomou nos seus braços,
mas eles não sabiam que eu os curava.

Esse versículo começa recolocando o foco no SENHOR. A ingratidão e a incompreensão espiritual de Efraim é contrastada com o cuidado do SENHOR por eles e a atenção com que ele havia feito com que os interesses

deles progredissem. ***Eu [fui aquele que] ensinou Efraim a andar***. Nesse caso, Efraim é todo o reino do norte nos seus melhores dias. A imagem é mais provavelmente a de um pai ensinando seu pequeno filho a andar. Se, no entanto, o termo "jovem" (11.1) ainda controla a imagem metafórica, uma vez que um jovem já teria ultrapassado a fase em que estava aprendendo a andar, essa frase pode ser entendida como "como eu andei à frente de Efraim" para guiá-lo.

O segundo verso pode ser uma expansão profética da descrição, ou pode ser outro caso de troca de pessoa na fala divina (cf. 11.11–12). Igualmente, a alternância entre singular, no primeiro verso, e o plural "os" e "seus" no segundo, não está em contradição com o estilo do profeta no restante do livro. ***Ele os tomou nos seus braços*** é geralmente interpretado como se o SENHOR tivesse levantado e carregado em seus braços uma criança, possivelmente quando ela estava cansada demais para seguir adiante. O verbo, entretanto, não é o mais natural para transmitir essa ideia, e os braços citados podem ser os de Efraim: "ele os apanhou nos seus [de Efraim] braços" para guiá-los e protegê-los.

Apesar desse cuidado, Israel não percebeu ou não reconheceu a atividade do SENHOR em seu favor. ***Mas eles não sabiam que eu os curava***. Para "não sabiam", veja sobre 2.8. Eles obtusamente se recusaram a reconhecer como o SENHOR os havia tratado e cuidado deles. A benevolência dele é descrita sob a imagem de uma cura, num óbvio jogo de palavras entre Efraim (*eprayim*) e "eu os curava" (*r^{e}pāʾt'm*). "Curar" (cf. 5.13; 6.1; 7.1; 14.4) é usado no sentido mais amplo de "restaurar", "tornar são", particularmente aqui no que diz respeito ao relacionamento deles com Deus. "Eu sou o SENHOR que os cura" (Êx 15.26) liga o seu poder restaurador não primariamente com uma doença física, mas com a obediência à aliança e a manutenção de um relacionamento correto com ele. Nesse caso, isso poderia se referir a tudo o que o SENHOR havia feito, sempre perdoando as quebras da aliança e restabelecendo a sorte nacional. No entanto, o povo havia intencionalmente se recusado a admitir o que era óbvio na história dos procedimentos do SENHOR para com eles, porque eles haviam sido cegados pela fascinação de Canaã.

11.4 Com cordas de um homem eu os puxava,
com laços de amor;
e eu me tornei para eles como aqueles que levantam um
jugo de suas queixadas,

e estendi até ele, eu [o] fazia comer.

A interpretação desse versículo depende da continuação da metáfora pai-filho (pelo menos em parte), ou se ela é modificada para a imagem de um animal e o fazendeiro/treinador de animais. Essa decisão depende da palavra hebraica *ʿ”l*, “jugo”, no terceiro verso, que tem as mesmas consoantes de *ʿul*, “uma criança pequena” (cf. NRSV, cf. Is 49.15; 65.20, onde a palavra tem a forma completa). Isso levaria a uma tradução como “eu me tornei para eles como aqueles que levantam uma criança pequena contra o seu próprio queixo/bochecha, e me estendi até ele, e o fiz comer” (cf. REB, NRSV). O plural na frase “aqueles que se levantam” sugere que essa não é uma simples extensão da metáfora do pai-filho. É mais provável que haja uma mudança da imagem do versículo anterior, e que uma linguagem semelhante à de 10.11 seja usada mais uma vez.

“Cordas” e “laços” sugerem as partes de um arreio usado para controlar um animal, embora seja possível que as mães usassem cordas leves nos seus filhos pequenos para impedir que eles se afastassem delas. C***om cordas de um homem***/“ser humano” (*ʾadām*), pode indicar restrições impostas pelo SENHOR ao povo por meio da instrumentalidade de outros homens (cf. “vara de homens” e “açoites dos filhos dos homens”, 2Sm 7.14, NIV, HCSB), ou pode simplesmente sugerir um tratamento humano e terno. ***Eu continuamente os puxava*** aponta para as repetidas tentativas deles para andar por si mesmos e para a influência restritiva do SENHOR educando-os quanto ao modo reto de andar. O verbo indica a ação de agarrar algo com a intenção de puxar ou arrastar (cf. “como amor eterno eu o amei, por isso eu o atraí com amor fiel” Jr 31.3), mas não havia um tratamento severo uma vez que isso era feito ***com laços de amor*** (cf. 11.1).

Levantam um jugo de suas queixadas não descreve uma ação insensível e cruel, mas uma atitude humana de erguer o jugo para reposicioná-lo, para que ele repousasse de modo mais confortável para o animal (“queixadas” aparentemente é usado no sentido de “pescoço”, cf. NIV). Alternativamente, se essa cláusula está em sequência com o verso seguinte, ela pode retratar a retirada do jugo para que o animal possa se alimentar sem impedimento (cf. 10.11), mas uma quebra entre os versos parece mais provável por causa da mudança do plural para o singular. Não está claro se a primeira palavra do último verso é o adjetivo “manso” (Laetsch 1956: 87; McComiskey 1992: 185), ou um verbo ***eu me estendi até ele***, indicando uma ação de terno cuidado do Pai inclinando-se para o

seu filho, possivelmente para ouvir algo que ele havia dito. ***Eu [o] fiz comer*** completa a imagem da amorosa provisão de Deus de todas as necessidades do povo.

REFLEXÃO

- O uso de "pai" como uma metáfora para descrever Deus é restringida ao longo de todo o Antigo Testamento provavelmente porque a influência ideológica dos cultos pagãos poderia levar a ser entendida de maneira incorreta num sentido grosseiramente físico. No Antigo Testamento, a paternidade de Deus não está relacionada nem mesmo ao fato de que ele concede vida a todos os povos ou que ele os sustenta em sua providência. A concepção é reservada para o relacionamento singular do SENHOR com Israel, como seu povo, a quem ele adotou e a quem ele concedeu a posição especial de "primogênito" (Êx 4.22). Ele é o Pai que criou Israel, não por meio de nascimento natural, mas elegendo-os para desempenhar um papel especial no desenvolvimento do seu propósito salvador (cf. Dt 32.6; Sl 100.3).
- A base do amor eletivo de Deus não está aberta ao escrutínio humano. "Eu serei misericordioso com quem eu quiser ser misericordioso e eu mostrarei misericórdia a quem eu mostrar misericórdia" (Êx 33.19). A omissão de várias cláusulas subordinadas revela o argumento circular em: "não foi por causa… que o SENHOR colocou o seu amor em vocês e os escolheu… mas foi porque o SENHOR os ama" (Dt 7.7–8). O amor do SENHOR é explicado pelo amor do SENHOR, fundamentado no seu conselho secreto e, consequentemente, não depende do caráter ou das realizações humanas. Igualmente, portanto, a soberana determinação de Deus é irrevogável, pois ela tem origem unicamente na sua boa vontade. Isso, contudo, não significa que nenhuma resposta seja exigida daqueles a quem ele ama. Pelo contrário, a grandiosa magnitude do dom concedido deve impeli-los a todo e qualquer esforço.

  Como um pai, Deus trata seus filhos de maneira terna e compassiva. "Como uma águia que agita o seu ninho, coloca-se sobre os filhotes, abre as suas asas, apanha-os e os leva sobre elas, o SENHOR sozinho os guiou" (Dt 32.11–12). A sua provisão para eles

foi consistente e compreensiva: liberdade da opressão, advertência contra erro, treinamento para ação, restauração, orientação quanto à conduta, alívio no sofrimento e provisão para sua nutrição física. A ingratidão deles diante de tal benevolência é imensamente perversa.

A punição do pecado pelo SENHOR não contradiz o seu amor, mas é uma expressão dele. Isso foi claramente declarado por Amós quando ele transmitiu a mensagem ao povo de Israel: "Apenas vocês eu conheço dentre todas as famílias da terra; por isso, eu os punirei por todas as suas iniquidades" (Am 3.2). Aqui "conheço" não se refere à mera cognição, mas ao amor eletivo que os constituiu como "meu povo". O privilégio especial é acompanhado pelo aumento da responsabilidade (cf. Rm 2.9; 1Pe 4.17) e também por propostas iniciais e disciplina do amor regenerador (cf. Hb 12.5–7).

(2) A imposição da punição (11.5–7)

Como pai do seu povo, o SENHOR tinha que lidar com eles de uma maneira paciente e bondosa, mas ele ainda tinha expectativas quanto ao comportamento deles, expectativas essas que ele não estava disposto a modificar. Como eles consistentemente continuavam a desafiá-lo e a desconsiderar suas orientações para a conduta pessoal, o SENHOR não permitiria que a situação continuasse indefinidamente do modo como estava e, por isso, tomaria medidas disciplinares contra a intransigência deles. A sentença do SENHOR contra o seu povo seria executada por meio da dominação estrangeira (11.5) e isso envolveria a destruição da terra deles (11.6).

11.5 Ele não retornará para a terra do Egito,
mas a Assíria – ela [será] seu rei,
porque eles se recusaram a retornar.

Ele no primeiro verso do versículo não é uma referência a Oseias, o último rei em Samaria, e ao modo como ele buscou a ajuda do Egito (cf. 12.1), mas a Efraim, o mesmo sujeito dos versículos anteriores. No entanto, esse verso tem causado muita perplexidade por causa da sua aparente contradição de afirmações como "eles mesmos retornarão ao Egito" (8.13) e "Efraim retornará ao Egito" (9.3; cf. 9.6; 11.11). A NRSV lida com esse problema traduzindo "eles deverão retornar para o Egito", que trata o primeiro termo na sentença não como a palavra hebraica "não",

mas um homônimo com uma função afirmativa (cf. "certamente", ESV nota de rodapé). A NIV assume que essa mesma palavra carrega um tom interrogativo e traduz: "Eles não retornarão para o Egito?"[108] É mais provável que, conquanto em outras ocasiões Oseias use o Egito como uma descrição metafórica das condições de opressão e dominação, semelhante àquelas que o povo havia vivenciado lá (cf. 8.13), aqui seja o país em si que esteja em vista. Como haveria refugiados que fugiriam para o Egito (9.6), é explicitamente excluído que o Egito irá controlar o povo; em vez disso, eles cairão debaixo do domínio da ***Assíria***, que nesse ponto da História seria um capataz muito mais rude. ***Ela*** (possivelmente "ela somente") é expresso enfaticamente para excluir alternativas e mal-entendidos. A própria liderança de Efraim havia sido destruída (10.3,15), e assim ele será forçado a ter um soberano estrangeiro como o ***seu rei***. Essa perda da soberania nacional acontecerá ***porque eles se recusaram a retornar*** para o SENHOR em arrependimento. O problema não foi falta de convite para fazer isso, mas o fato de que eles teimosamente e deliberadamente disseram não. Para "retornar" (*šûb*), veja sobre 3.5. A repetição de "retornar" em sentidos diferentes aponta para o papel central do arrependimento. O verbo é empregado novamente em 11.7 e 9.

> 11.6 E uma espada passará como redemoinho contra as cidades dele,
> e ela acabará com as barras dos seus [portões],
> e ela devorará por causa dos planos deles.

Esse versículo descreve três aspectos da agressão inimiga que viria sobre Efraim por ter se recusado a se arrepender. No entanto, o primeiro e o terceiro versos são claros, o segundo é problemático. ***Uma espada*** indica que o dano não viria na forma de um desastre natural, mas que a devastação e a morte viriam como consequência de uma ação militar (cf. 7.16). ***Redemoinho*** (que vem de um raiz que significa "ir ao redor" ou "dançar") apreende os impetuosos golpes das forças invasoras quando elas se encontram com o exército de Israel. A menção de ***suas cidades*** reflete a importância estratégica delas como centros fortificados de resistência (8.14; 10.14), situadas em lugares-chave em toda a terra, onde elas também serviam como a ponto central para as comunidades ao redor, incluindo a vida religiosa delas. A tradução ***contra*** não está totalmente correta; também pode ser "em". Essa decisão depende em parte de como o verso seguinte é entendido.

O segundo verso do versículo fornece detalhes adicionais sobre o massacre causado pela espada, que é uma metonímia para a ação militar em geral. Mas com o que ***ela acabará***? A palavra traduzida como ***as trancas dos seus [portões]*** pode ser entendida de diversas maneiras, como por exemplo "distritos" (NKJV), "membros" (NJPS), "oráculos pelos sacerdotes" (NRSV; cf. REB), ou até mesmo como "jactância" (Garrett 1997:226). Nenhuma dessas opções é completamente destituída de base léxica, mas a maioria das traduções para a nossa língua favorece uma referência às defesas da cidade (NIV, ESV, HCSB).[109] O portão tinha a função de bloquear a entrada sem autorização na cidade e era a parte mais fraca da sua fortificação. Se não houvesse uma barra para segurar os portões firmemente contra a pressão inimiga, então toda a força dos muros da cidade eram irrelevantes e as outras formas de defesa eram inúteis. Uma vez que os portões sucumbissem à ação inimiga, a cidade estaria aberta para os seus atacantes.

Há uma terceira referência ao impacto da invasão militar em ela ***devorará*** (da raiz *ʾākal*, "comer"), que ecoa o "ela acabará" (da raiz *kālâ*) do verso anterior e que também forma um contraste sombrio com a alimentação divinamente imposta anterior (11.4). ***Planos deles*** se refere às frenéticas tentativas para encontrar uma estratégia para resistir à pressão assíria, todas as quais se mostrariam inúteis, porque não haviam sido concebidas em submissão a Deus. O que eles esquematizaram não levaria à segurança, mas a se exporem ainda mais ao perigo e à destruição final.

> 11.7 Mas o meu povo está insistindo em apostatar de mim,
> e em direção ao alto eles clamam por ele;
> ele não os levantará juntos.

Aquele que diz ***meu povo*** deve ser entendido como sendo o SENHOR e não o profeta, por causa da afirmação seguinte de que eles "apostatam de mim", que não pode se referir a Oseias. "Meu povo" mostra que apesar de todo o desvio deles, o SENHOR ainda reconhece o seu relacionamento com o povo, algo que o próprio povo, em sua perversidade, não estava disposto a fazer. Em vez disso o ***povo insiste em apostatar de mim***. O verbo incorpora uma metáfora de algo que está pendurado por ganchos, possivelmente exposto à desgraça pública (cf. 2Sm 21.12), ou ainda algo que está balançando em suspensão (cf. Dt 28.66). De qualquer maneira, o povo é visto de modo depreciativo por estar indefeso e preso pelo desejo

de seguir após deuses pagãos. “Apostatar” é derivada da mesma raiz de “retornar”, que pode ser usada positivamente no sentido de retornar para Deus em arrependimento. Literalmente, a expressão é “meu passo para trás”/“meu retorno”, mas o movimento para trás é usado aqui para descrever a ação do povo em deixar de seguir o SENHOR e os padrões da aliança para aceitar o modo de vida pagão de Canaã (cf. Jr 2.19; Ez 37.28).

O segundo verso do versículo coloca ainda um outro enigma interpretativo. O sentido geral parece claro: apesar das súplicas por ajuda, o povo não conseguirá se livrar do apuro em que se encontra. Mas a quem o clamor deles é dirigido? Literalmente, o verso diz “e para cima (*ʿal*) eles o chamarão”. O seias já havia usado “pra cima” (*ʿal*) num contexto semelhante em 7.16, onde esse termo pode ser tomado como um “para cima” adverbial ou uma referência à deidade. Algumas traduções tomam essa expressão como um clamor a Deus como o “Altíssimo” (NIV, ESV), um clamor que ele rejeita, mas isso leva ao problema de como explicar uma dupla referência que então ocorre em “ao Altíssimo eles clamam por ele”. Possivelmente o sentido é simplesmente ***em direção ao alto***, isto é, na direção dos céus, eles ***clamam por ele***.

Outra interpretação do segundo verso observa que a conjunção inicial ***e*** seguida por um não-verbo indica que o verso deve ser lido como uma descrição de um aspecto coordenado da apostasia do povo. Nesse caso, aqueles a quem eles clamam usando esse título não convencional, seria Baal. Possivelmente, então, ***clamam*** é uma irônica referência ao chamado divino de 11.1, não ecoando aquele do SENHOR, mas dirigido a uma direção totalmente diferente. Embora o povo reconhecesse sua necessidade de ajuda, eles voltam as costas para Yahweh e clamam a Baal. O terceiro verso pode, então, ser entendido como expondo o quão inútil os esforços deles seriam na medida em que Baal é incapaz de ajudá-los.

É mais provável que o terceiro verso do versículo registre que, porque o povo se recusou a se arrepender, o SENHOR não atenderá ao seu pedido de socorro (cf. Is 59.2; Zc 1.4; 7.11–13). ***Ele não os levantará juntos***. “Levantar” pode ser usado no sentido de elevar a um lugar seguro e desse modo efetuar um resgate (cf. “colocar no alto sobre uma rocha”, Sl 27.5). “Juntos” indica “totalidade” ou “inteireza” (cf. 11.8; Sl 33.15) e assim, acompanhado de um negativo, o sentido seria: “ele de modo algum os resgatará”.

REFLEXÃO

- "Insiste em apostatar" (11.7) retrata de modo vívido a incapacidade daqueles que estavam presos pela sua própria perversidade espiritual. Eles se recusavam a responder aos apelos do SENHOR (11.5) e, em vez disso, confiavam nos seus próprios planos (11.6), considerando-os como superiores aos planos de Deus. Individualmente, eles estavam autoiludidos e trazendo dano sobre si mesmos, como um viciado que não reconhece o poder que o vício tem sobre ele e, desse modo, está impotente nas garras dele. Como nação, eles haviam se orgulhado tanto de sua própria perspicácia que rejeitaram o conselho que Deus lhes havia dado. Essa autoconfiança resulta da rebelião da humanidade caída e a sua influência degradante é ainda evidente quando uma nação ou civilização dá as costas para a sua herança cristã e sucumbe às forças que insuflam a sua autoestima e a fazem se considerar mais sábia do que Deus.
- "Ele não os levantará" (11.7) mostra que o SENHOR não responderá aos pedidos atrasados de Israel. A oração ao SENHOR é baseada no relacionamento com ele e aqueles cuja alienação interior dele é tal que seus corações estão voltados para longe dele e que não respondem ao que ele diz não podem esperar que suas orações sejam ouvidas ou respondidas. Eles não podem agir com base na promessa: "Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, vocês pedirão o que quiserem e isso lhes será feito" (Jo 15.7). Em vez disso, aqueles que abandonaram o SENHOR descobrirão que jejuar, fazer sacrifícios e outros rituais são inúteis (cf. Jr 14.12), porque as suas iniquidades se tornaram como um muro entre eles e Deus, e os seus pecados fizeram com que ele escondesse a sua face deles (Is 59.2).

(3) Relutância divina (11.8–9)

A natureza permanente do compromisso do SENHOR já foi indicada quando, apesar do flagrante desvio da nação, ele continuou a considerá-los como "meu povo" (11.7). Agora ele se dirige diretamente a eles, e revela a intensidade do seu apego a eles. Embora ele impiedosamente tenha exposto a profunda disposição interior deles para se rebelar contra ele e ofendê-lo, ainda brota do interior dele amor e terna compaixão.

Estando a ponto de destruí-los completamente, ele recua. Isso fornece o contexto último em que as afirmações anteriores anunciando o juízo devem ser entendidas (cf. 5.6; 8.13; 9.3,6,17).

11.8 Como posso desistir de você, Efraim?
[como] posso entregar você, Israel?
Como eu poderia desistir de você como Admá?
[Como] eu poderia estabelecer você como Zeboim?
Meu coração está em tumulto dentro de mim;
minhas compaixões estão totalmente agitadas.

Perturbado, o SENHOR reflete sobre o comportamento impenitente de Israel, que condena toda a nação à destruição. De modo imprevidente, eles haviam desistido do SENHOR, mas o compromisso dele é mais forte e ele simplesmente não pode abandoná-los às terríveis consequências desse desafio voluntário da parte deles. ***Efraim*** e ***Israel*** devem ser sinônimos nesse contexto (cf. 11.3) e ambos se referem à totalidade do reino do norte, sendo que o último termo particularmente considerando-os como o povo da aliança do SENHOR.

Nos dois usos expressos de ***como?*** cada um desempenha dupla função e devem ser entendidos com o verso seguinte também. "Como?" é uma palavra de lamento (cf. 2Sm 1.19; Mq 2.4) que aqui exprime profunda preocupação com a intransigência deles, e não uma pergunta retórica feita a outros para efeito dramático. Em vez disso, Deus fala consigo mesmo e nesse solilóquio o público de Oseias – e os leitores subsequentes – têm permissão para ouvir a comunicação interior de Deus e assim ter acesso à mente dele. Esse profundo questionamento interior de desapontamento angustiado é, sem dúvida, uma apresentação antropomórfica, mas nem por isso deve ser considerado um relato irreal ou inventado. ***Desistir de você*** e ***entregar você*** requerem um cenário virtual que envolva mais do que uma única incursão inimiga contra a nação, independentemente do quanto ela seja selvagem. O que está em vista aqui é a total entrega do povo aos seus inimigos por parte de Deus para que eles façam o que quiserem com ele.

O argumento é ilustrado por exemplos do passado. Anteriormente, tais vislumbres diziam respeito a incidentes envolvendo Israel, mas agora eles são sobre ***Admá*** e sobre ***Zeboim***, duas das cinco cidades na planície, que provavelmente estavam localizadas no que atualmente é a parte sul do mar Morto (Gn 14.2). Juntamente com as cidades mais conhecidas Sodoma e Gomorra, elas foram completamente destruídas pelo SENHOR (Gn 19.24–

29), embora não sejam especificamente identificadas na narrativa. Mas posteriormente essas quatro cidades são mencionadas por Moisés, quando ele diz que a terra delas havia se tornado "uma ardente desolação de enxofre e sal; nada poderia ser plantado, nada cresceria; nenhuma vegetação cresceria nela por causa da ira e da indignação do SENHOR" (Dt 29.23). Aqui essas duas cidades mais obscuras e não as outras duas mais notórias, Sodoma e Gomorra, são provavelmente mencionadas por causa do som dos seus nomes, e também para relembrar a descrição feita por Moisés do que havia acontecido a elas (embora Oseias sem dúvida também gostasse de confundir os seus ouvintes para que refletissem com mais profundidade sobre o que ele havia dito). A conduta errada dessas cidades da planície as havia justamente exposto à indignação não amortecida de Deus e era o mesmo castigo que aguardava o povo do norte. Porque eles haviam abandonado a aliança do SENHOR e se tornado pagãos virtuais (cf. Dt 29.24–28), e como o justo juiz esse era o único veredito a que o SENHOR poderia chegar. ***Estabelecer*** é não apenas "destinar" alguém a tal e tal fim, mas de fato "impor" isso a alguém.

Porém, as perguntas feitas pelo SENHOR não o revelam como um juiz frio e impiedoso. Os últimos dois versos fazem referência adicional aos seus sentimentos íntimos. Embora "coração" possa descrever o pensamento e a determinação de uma pessoa (cf. 4.11), ele também pode indicar emoções e isso parece ser apropriado aqui por causa da expressão paralela. ***Meu coração*** fala da tristeza que Deus sente quando contempla a imposição sem abrandamento da sentença exigida pela justiça. ***Está em tumulto*** (de *hāpak*) talvez retrate um processo interior de escrutinar cada uma das possibilidades para ver se há um modo mais aceitável de proceder. A mesma raiz (*hāpak*) foi usada para o SENHOR "destruindo" aquelas cidades (Gn 19.25, 29; Dt 29.23), mas o prospecto de um juízo como esse sobre o seu povo causa um impacto no próprio SENHOR, fazendo com que ele sinta intensa perturbação interior (cf. Lm 1.20), antes mesmo que o desastre atinja o povo. ***Dentro de mim*** é literalmente "sobre mim" e descreve a situação emocionalmente carregada que pressiona o espírito daquele que está envolvido.

Minhas compaixões (cf. Is 57.18; Zc 1.13) se refere ao desejo de Deus de confortar e consolar e de não executar o juízo. O verbo ***estão agitadas*** ocorre com um termo semelhante indicando compaixão em Gênesis 43.30 e 1Reis 3.26. "Agitadas" descreve profunda agitação emocional interior,

associada a excitação e veemência de sentimento, ao qual ***totalmente*** (cf. 11.7) acrescenta uma nota de intensidade e totalidade da reação. A justiça exige que o desvio de Israel seja punido, mas o prospecto é tão horrendo que Deus recua ante seu pleno impacto. Essa é uma apresentação altamente antropomórfica da tensão divina que é gerada por essa situação. Uma nova iniciativa de amor se faz necessária, como no capítulo 3, para aliviar a total medida do que era devido.

11.9 Eu não vou executar a ferocidade da minha ira;
não tornarei para destruir Efraim,
pois eu [sou] Deus e não homem,
no meio deles o Santo;
e não entrarei numa cidade.

As tensões demonstradas na divina autorrevelação no versículo anterior são agora resolvidas com uma decidida rejeição da opção de impor o total extermínio que a própria justiça exige. Em vez disso, Deus determina não ***executar***, "fazer", realizar" ***a ferocidade da minha ira*** (cf. Jr 4.26; 12.13). Essa dupla expressão para a ira de Deus pode muito bem refletir o uso de duas raízes em Deuteronômio 29.23,26. Não há negação da existência da ira divina contra o pecado de Israel e essa ira – se fosse o único fator e se ela não sofresse abrandamento – levaria à total destruição. Porém, a realidade da ira divina contra o bezerro de Samaria (cf. 8.5) e o associado desvio do seu povo são contrabalançados por outras considerações que surgem do caráter do próprio Deus. A sua moderação na situação é marcada por quatro negativas, ***não***, indicando que o que parecia uma consequência inevitável e lógica do cenário não vai acontecer. Os versos 3 e 4 do versículo explicam o motivo, porém não há qualquer indicação de como Deus resolveria essa dissonância interior entre o amor e a justiça sem comprometer a sua integridade.

O significado de ***não tornarei para destruir Efraim*** depende de quando se considera que a palavra divina é dita – antes ou depois da queda de Samaria? Para "destruir", veja sobre 9.9 e 13.9. Depois da queda da cidade é possível entender o verbo *šûb*, "retornar", num sentido auxiliar equivalente a "fazer novamente" (cf. *HALOT* 4:1430): "Eu não destruirei novamente Efraim". Essas palavras anteciparam a cena do retorno restaurador de 11.10–11. No entanto, atribuir essas palavras a uma época anterior à queda da cidade é muito mais provável, e nesse caso a

manutenção do sentido "retornar" para o verbo se encaixaria na sugestão anterior da retirada do SENHOR do meio do seu povo (5.15). O caráter dessa intervenção renovada nas questões do norte, por mais severa que fosse, não levaria ao resultado final de uma destruição completa como aquela imposta sobre as cidades da planície. Essa ideia é aparentemente retomada no último verso do versículo.

Pois mostra por que o SENHOR determina agir dessa maneira e manter o seu compromisso com o relacionamento da aliança. ***Eu sou Deus e não homem*** (*ʾīš*). Deus (*ʾēl*, cf. 1.10) enfatiza a sua verdadeira deidade. Como tal, ele é diferente de sua criação (cf. Nm 23.19; 1Sm 15.29). É incerto se o foco aqui está meramente na humanidade como pecadora, de modo que o que está sendo dito é que a sua resposta é digna de Deus e não moldada pelo comportamento corrupto e degradado dos descendentes caídos de Adão. Isso olha para além da diferença intrínseca entre o eterno e incriado Deus e um ser criado. Há modos de agir que estão disponíveis para Deus que estão além da humanidade. Talvez seja relevante o fato de que na passagem de Deuteronômio 29, que forma o pano de fundo interpretativo para esses versículos, conclui nos lembrando que "as coisas secretas pertencem ao SENHOR nosso Deus" (Dt 29.29). Essa não é uma ocasião para explicações, mas para admiração reverente.

A santidade no Antigo Testamento caracteriza o que é separado e ***o Santo*** como um título divino aponta para a singularidade de Deus, aquele que está separado da sua criação, perfeito (cf. Mt 5.48) e bom (cf. Lc 18.19). Sua ação e suas respostas não são condicionadas pela finitude; elas são incomparáveis. Porém, a maravilha do seu relacionamento pactual com o seu povo está no fato de que ele está ***no meio deles*** (cf. Is 12.6; Zc 3.8–10). O seu compromisso não está restrito ao que seus braços podem alcançar, mas é um compromisso em que ele está presente e ativo entre a comunidade dos fiéis e também em cada vida individualmente (cf. Is 57.15). A alteridade de Deus é demonstrada não por comprometer a sua unicidade (e inerente pureza), mas por se manifestar num amor que irá transformar seu povo de tal modo que os seus objetivos sejam alcançados.

A última cláusula do versículo é normalmente considerada como sendo obscura. O texto hebraico é ***e eu não entrarei numa cidade*** (cf. LXX, AV, TNIV), mas não fica imediatamente aparente o que isso quer dizer. Pode estar olhando para trás, para as "cidades" (11.6) para formar um *inclusion* ao redor dessa passagem, em cujo caso é o fato de ele estar vindo em

julgamento que está sob consideração. No entanto, o SENHOR recua dessa consequência e decide não agir em ira. Uma vez que muitos têm entendido que essas e outras interpretações que mantêm esse sentido para "cidade" são forçadas e artificiais, outras opções têm sido propostas. Uma delas é manter as consoantes de "numa cidade" e identificar uma forma de um verbo "queimar, consumir" (cf. 7.4,6) ou um termo relacionado "eliminar", "destruir" ("Eu não vou para destruir", RSV). Muitas traduções para a língua inglesa (p. ex., NIV, ESV) mantêm uma expressão preposicional, mas, menos convincentemente, tomam o substantivo como significando "agitação, ira" (cf. Jr 15.8): "Eu não irei em ira". A melhor abordagem pode muito bem ser encontrada aqui uma outra alusão à destruição das cidades da planície, quando o SENHOR desceu para ver o que estava acontecendo (Gn 18.20–21) e os dois anjos entraram em Sodoma (Gn 19.1). Se o SENHOR entrar numa cidade para examinar cuidadosamente o que está sendo perpetrado ali, a enormidade do que ele encontra poderia precipitar um juízo avassalador, "como Sodoma e Gomorra e as cidades ao redor delas, uma vez que elas, da mesma maneira cometeram imoralidade sexual e praticaram perversões, foram destinadas como um exemplo de serem submetidas à punição do fogo eterno" (Jd 7). É um sinal de abrandamento da sentença que ele não deu esse passo no caso de Samaria.

REFLEXÃO

- As perguntas retóricas feitas em 11.8 (cf. 6.4) tinham o objetivo de elevar a consciência do povo quanto ao "dilema" em que a sua perversa e ingrata rebelião havia colocado o SENHOR. Eles precisavam perceber isso para que não subestimassem a solução que o amor divino encontrou para que a sua justiça e compaixão coexistissem. A ofensividade do pecado não poderia ser desprezada e por isso o perdão e a aceitação não deveriam ser considerados como certos. A geração de Oseias, como também a nossa, precisa compreender que a graça não é barata, embora naquele ponto da História no processo cumulativo da revelação divina o preço do resgate não estivesse plenamente claro. Agora, contudo, sabemos que esse preço foi nada menos do que encarnação e a morte expiatória do Filho de Deus (cf. 1Co 6.20; 7.23; Fp 2.6–8).

- Ao se dirigir ao reino do norte, o SENHOR anuncia princípios que são fundamentais no modo como ele trata o povo da aliança. As suas ações têm a sua origem no que ele é em si mesmo, "Deus e não homem" (11.9). No entanto, porque a humanidade foi criada à sua imagem, não podemos supor que Deus seja completamente diferente do homem. Onde há prova escritural, é legítimo argumentar por analogia, embora tenhamos sempre que ter em mente a inadequação de qualquer fórmula verbal ou descrição metafórica em conexão com Deus. O problema é maior no que diz respeito às emoções divinas. O conceito de um Deus que não se comove pelas nossas fraquezas e que é insensível ao sofrimento humano deve ser considerado estranho à apresentação que o Antigo Testamento (ou a Bíblia) faz de Deus. "Em todas as aflições deles, ele foi afligido" (Is 63.9). Porém, as emoções divinas não tomam Deus de assalto, causando nele uma resposta impensada e impulsiva, como se as emoções fossem reflexos automáticos sobre os quais ele não tem controle. Deus não é uma vítima indefesa de qualquer estímulo externo. Na verdade, ele está não apenas no controle das suas emoções, mas é ele que também controla todo estímulo, bem como dá origem aos estímulos. Seu sentimento é real, mas ele existe em harmonia com todos os atributos do seu ser, de modo que todos os aspectos da resposta que ele dá expressam a totalidade do seu caráter.
- Deus criou a humanidade e a dotou de tal maneira que uma comunicação e comunhão real pudessem existir entre ele e os seres humanos. Esse relacionamento harmonioso, que foi originalmente estabelecido no Éden, foi destruído pelo pecado da humanidade e não será plenamente restaurado até a consumação da redenção no novo céu e na nova terra, onde Deus habitará novamente entre o seu povo sem qualquer restrição (Ap 21.3). Nos tempos do Antigo Testamento essa realidade foi antecipada pela presença da glória no tabernáculo e no templo. Ele estava plenamente presente, embora de modo velado, na encarnação do Filho: "A palavra se fez carne e tabernaculou entre nós" (Jo 1.14; cf. Jo 2.21) e Deus ainda está presente no meio do seu povo por meio da habitação do Espírito Santo (cf. 1Co 3.16–17), embora mesmo assim nossa visão esteja embaçada (1Co 13.12).

- "Eu não entrarei numa cidade" (11.9), mas Samaria não caiu? Na medida em que se trata da percepção humana, o destino dela parece ter sido indistintamente o mesmo que o das cidades da planície. A terra foi anexada, seu povo deportado e outros foram estabelecidos ali (2Rs 17.6,24). Mas o olho de Deus, que tudo vê, alcança mais do que pode ver a visão humana. Ele mostra o seu poder alcançando os seus propósitos em situações que parecem impossíveis. Um remanescente, preservado contra qualquer possibilidade externa, será preservado por ele para cumprir o seu compromisso. Afinal de contas, não foi dado a Samaria ser uma cidade proeminente no programa inicial de proclamação do evangelho (At 1.9; 8.5,14)?

(4) Vislumbre da restauração (11.10–11)

Por autorização divina, o profeta teve permissão para saltar anos e eras e contemplar um tempo futuro, para ver as circunstâncias em que o SENHOR restaurará o seu povo. Essa apresentação tem um toque de humor por comparar o povo a uma revoada de pássaros que foram assustados pelo rugido de um leão. Há, no entanto, uma mensagem séria por trás dessa imagem: de que a dignidade e o efetivo comando de Deus, e da obediência do seu povo, sem importar o quanto eles estivessem surpresos. Embora seja geralmente afirmado que esses versículos são o produto de uma atividade redacional posterior, não há qualquer evidência que garanta que eles são outra coisa que não a própria expectativa de Oseias do que iria acontecer quando o estágio final do plano divino de salvar o seu povo fosse ativado. O processo de lidar com aqueles que haviam se recusado a retornar (11.5) e que insistiam na apostasia (11.7) não termina no castigo da aniquilação mas, depois que eles tiverem passado por um duro juízo, haverá oportunidade para restauração. Novamente, o profeta parece não ter consciência de como isso será alcançado; ele está satisfeito com o conhecimento de que o SENHOR assegura que é isso o que ele fará.

11.10 Após o SENHOR eles irão,
como um leão ele rugirá;
pois ele mesmo rugirá,
e assim do oeste os filhos estremecerão.

Eles refere-se aos israelitas, assim como ***filhos*** no fim do versículo. Eles são retratados como andando ***após o SENHOR*** (cf. 1.2; 2.5), em vez

de para longe dos seus mensageiros (cf. 11.2), finalmente agindo em obediência às suas ordens, em vez de intencionalmente desconsiderando os seus mandamentos. ***Como um leão ele rugirá*** é uma clara e retumbante declaração da autoridade do SENHOR (cf. Jr 25.30; Am 1.2). Embora nunca sem um elemento de ameaça, o rugido do leão é também empregado para revelar a sua presença e reivindicar o seu território. Assim, a símile não focaliza na ferocidade (cf. 5.14; 13.7–8; Mq 5.8), mas na soberana majestade daquele cuja palavra não pode ser ignorada. Como resultado da intervenção divina, o povo de Deus mudará a sua conduta e não mais se precipitará por um caminho que eles mesmos escolheram, mas respeitosamente responderão à convocação do seu Deus.

Pois introduz uma explicação adicional sobre o cenário estabelecido no verso anterior; enfatizando que a ação do SENHOR será pessoal e esmagadora: ***ele mesmo rugirá***. Como consequência, aqueles que são ***filhos*** (cf. 11.1) ***estremecerão***, ou "virão tremendo", em que a ideia de movimento é subentendida pela preposição "do" (cf. 3.5 "para"). O temor deles não levará à desobediência, mas a uma resposta apavorada. ***Do oeste*** é literalmente "do mar", um termo que, dada a orientação de Israel, é equivalente a oeste. A referência a uma área próxima ao Mediterrâneo (em vez de à Assíria ao norte ou ao Egito no sul) não se origina diretamente de qualquer coisa que tenha sido dita na profecia até o momento, mas parece refletir a consciência geral de Oseias da natureza ampla da dispersão do povo.

11.11 Eles estremecerão como pássaros do Egito,
e como uma pomba da terra da Assíria;
e eu os farei habitar em suas casas,
declara o SENHOR.

O aspecto significativo da resposta do povo é acentuado pela repetição do verbo "estremecer" do versículo anterior. Se 11.10 retoma a imagem do leão que é encontrada em outras passagens, nesse versículo é o uso de Oseias dos pássaros que é levado à conclusão (cf. 7.12). ***Eles estremecerão como pássaros*** retrata o povo como um bando de pássaros agitados, voando ao redor perturbados, mas ainda assim de modo geral se movendo para longe ***do Egito*** (correspondendo à libertação inicial de lá, 11.1) e ***da terra da Assíria***. A invasão da terra deles levaria alguns a se dirigirem ao Egito como refugiados e levaria outros a serem deportados cativos para a

Assíria. Para onde quer que fossem, vivenciariam opressão, o que o SENHOR agora age para reverter.

A comparação com ***uma pomba*** nesse caso não focaliza na credulidade dela (cf. 7.11), mas em quão facilmente ela pode se assustar e se agitar. Porém, esse pânico é incomum no sentido de que leva para um movimento para longe desses lugares de exploração a escravidão. Embora o povo logo vivenciaria a imposição do juízo (cf. 11.5), esse não seria o último episódio da história da nação deles.

Além do mais, o movimento deles consistiria de mais do que mero retorno. A iniciativa divina garantiria a total restauração: ***eu os farei habitar em suas casas***, quando as cidades arrazadas (11.6) forem restauradas. O escopo dessa promessa se estende para todo o território, tanto às pessoas como à nação como um todo. Ecoando a promessa de 2.23, haverá um novo estabelecimento na terra como a sua herança dada por Deus e o lugar da sua comunhão com ele.

Toda essa cena vem com a garantia divina de ***declara o SENHOR***. Essa fórmula para atestação ocorre frequentemente em outros profetas, mas raramente em Oseias (em toda a profecia apenas em 2.13,16,21). Aqui ela acrescenta uma nota de certeza à promessa de restauração imediatamente anterior e, em termos da estrutura da escrita da profecia de Oseias, também marca a conclusão de uma seção importante da sua apresentação. Ele aqui mais uma vez cruzou o caminho do pecado passando pelo castigo até a restauração futura. Seja visto como uma esposa adúltera (capítulos 1–3), ou como um filho desobediente (11.2,7), o povo desfruta de verdadeira paz pela iniciativa e ação do seu Deus fiel ao compromisso.

REFLEXÃO

- Diferentes pontos de vista são mantidos acerca de como e quando a restauração descrita em 11.10–11 ocorrerá. A catástrofe que estava prestes a atingir a nação era que o exílio e a reversão dessa situação inevitavelmente envolveriam o retorno para a terra. Depois do exílio, o SENHOR conclamou novamente o seu povo de todos os lugares para onde eles haviam sido espalhados (cf. Sl 107.3) e isso indubitavelmente constituiu um cumprimento parcial do que é vislumbrado aqui. No entanto, o retorno da Babilônia não cumpriu extensivamente a bênção associada ao SENHOR reunindo os banidos

de Israel, ajuntando os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra (Is 11.12; cf. Jr 29.14; Ez 20.34).

- O objetivo do SENHOR em restaurar a sorte do seu povo, embora retratado em termos geográficos e territoriais, não é, em último sentido, sobre a ocupação de um território, mas sobre a comunhão consigo. Isso é claramente afirmado em Deuteronômio 30.4–10, em que o retorno para a terra das partes mais distantes do céu não é o fim do processo de restauração, mas o meio pelo qual o povo será levado a uma dedicada e amorosa obediência no seu relacionamento com o SENHOR. Quando os símbolos dos tempos do Antigo Testamento são mais do que cumpridos no Novo Testamento, um relacionamento renovado com Deus é unicamente alcançado pela fé em Cristo, e a plena comunhão com Deus é realizada na nova e celestial Jerusalém. Isso não subverte os termos das promessas originais, como alguns supõem, mas mais que cumpri-las plenamente, ultrapassa a mera aparência exterior em que elas foram apresentadas e revela a sublime e gloriosa realidade da herança celestial assegurada por Cristo. Ocupar uma das moradas preparadas na casa do Pai (cf. Jo 14.2–3) torna efetiva e transcende qualquer habitação usada para vislumbrar a bênção descrita em 11.11.
- A restauração é uma realização exclusivamente divina à qual a única resposta correta é a aceitação respeitosa.

IV. A RESOLUÇÃO FINAL (11.12–14.9)

ESBOÇO

A. Filhos de Jacó (11.12–12.14)
   1. A queixa do SENHOR (11.12–12.2)
   2. Retrato de família (12.3–6)
   3. A ganância de Efraim (12.7–8)
   4. O testemunho do SENHOR (12.9–14)

B. A culpa de Efraim (13.1–16)
   1. O passado, o presente e o futuro de Efraim (13.1–3)

2. Juízo selvagem (13.4–8)
3. Instabilidade (13.9–11)
4. Lutando contra o Sheol (13.12–14)
5. A condenação de Samaria (13.15–16)

C. Restauração (14.1–9)
1. A súplica do arrependido (14.1–3)
2. A resposta divina (14.4–8)
3. Conselho final (14.9)

Nessa divisão final da sua profecia, Oseias mais uma vez trata dos temas principais da sua mensagem, estruturando-os ao redor da abominação dos pecados de Israel (capítulo 12), a determinação do SENHOR de puni-los pela sua persistente rebelião (capítulo 13) e a promessa aparentemente contraintuitiva da decisão do misericordioso SENHOR de restaurar seu povo à comunhão com ele (capítulo 14). Essa sequência é a continuação do padrão básico da apresentação de Oseias, em que a realidade do juízo iminente é afirmada juntamente com o propósito final do SENHOR de levar o seu povo a um arrependimento por meio da imposição da sentença pelo pecado deles e assim restaurá-los a uma posição de favor e conceder a eles novamente as bênçãos da aliança. Há precursores dessa esperança final em 12.6,9 – e possivelmente em 13.14 – antes de ela ser plenamente apresentada no capítulo 14.

As quebras importantes dentro dessa divisão da profecia são fornecidas pela evidente mudança temática entre 11.11 e 11.12, que também é indicada por um marcador massorético de parágrafo. A quebra no fim de 12.14 é determinada mais pelo *inclusion* a ser detectado entre 13.1 e 13.16, ambos os quais tratam da condenação de Efraim/Samaria. O versículo final (14.9) é obviamente um recurso literário usado para a conclusão do livro como um todo e por isso não está diretamente ligado aos versículos imediatamente precedentes (14.1–8) que são consequentemente identificados como uma seção separada. Isso também se reflete no tom positivo desses versículos, os quais contêm o apelo final ao arrependimento e a visão do que Deus no tempo devido fará por meio do seu povo e para ele.

Aqueles que veem o livro como o produto de um redator posterior enfatizam que a profecia carece de contextos históricos inequívocos, uma característica que contrasta com a maior parte de Isaías 1–39 ou Jeremias.

Assim, eles argumentam que a intenção primária do livro é comunicar esperança a um público posterior, possivelmente no exílio ou depois do exílio. Conquanto seja correto identificar a esperança como um dos temas substanciais dessa divisão da profecia – na verdade, do livro como um todo – não há necessidade de atribuir a origem desses capítulos a uma data posterior ao tempo de Oseias. Em termos gerais, essa divisão de encaixa muito bem nos últimos anos do ministério de Oseias, durante o reinado do rei Oseias, o último monarca do que havia restado do reino do norte (cf. 12.1). Cegos quanto ao verdadeiro significado dos acontecimentos que os atingiram, a comunidade como um todo estava cambaleando rumo ao seu fim. Palavras de esperança para um tempo posterior à catástrofe teriam imediatamente animado aqueles que compartilhavam da perspectiva de Oseias. Além do mais, essa mensagem sobre o motivo pelo qual o juízo do SENHOR caiu sobre a terra e como ele estava determinado a restaurar o seu povo, serviria para sustentar aqueles que sobreviveriam à calamidade iminente ao dar a eles um estímulo para perseverarem em meio às dificuldades que enfrentariam, bem como uma estrutura dentro da qual eles deveriam organizar a sua vida. Desse modo, Oseias como um profeta escritor, estendeu seu ministério para além dos seus contemporâneos imediatos e deixou uma herança para as futuras gerações.

A. FILHOS DE JACÓ (11.12–12.14)

Essa seção consiste de um sermão profético que está principalmente preocupado com a aplicação do que está registrado em Gênesis sobre Jacó ao caráter e às circunstâncias dos seus descendentes muitos séculos depois. A apresentação de Oseias propõe que seus contemporâneos reconheçam sua linhagem e se familiarizem com as narrativas patriarcais que descrevem a história de Jacó. Isso fornece uma oportunidade adicional para tirar lições do passado, embora agora relembrando pessoas em vez de lugares históricos.

Ligações temáticas ao longo da seção são encontradas nas repetidas referências a Jacó (12.2–4,12), ao Egito (12.9,13) e no uso da raiz *ʾwn* numa variedade de sentidos (12.3,8,11). Uma outra conexão é encontrada no termo “engano” (*mirmâ*) que forma o elemento inicial da queixa que o SENHOR tem contra o seu povo (11.12). E também, ao relembrar o comportamento de Jacó em 12.3–6, é feita menção ao modo fraudulento com que ele tratou seu irmão. Muito embora a palavra “fraude” não ocorra

nesses versículos, ela é encontrada no pano de fundo da narrativa de Gênesis quando Isaque diz a Esaú: "Seu irmão veio com fraude/fraudulentamente e tomou a sua bênção" (Gn 27.35). Esse comportamento fraudulento continuou a caracterizar Efraim nas suas relações comerciais e sociais (12.7–8).

Então, por causa dos descaminhos deles, o SENHOR os lembra de como ele os havia tratado ao salvá-los do Egito (12.9) e advertindo-os continuamente por meio dos profetas sobre como eles deveriam se comportar (12.10). Os versículos finais do capítulo (12.11–14) são provavelmente exemplos desse ministério, dado com a intenção de alertar o povo quanto ao perigo em que se encontravam, e fazê-los retomar a confiança unicamente no SENHOR.

(1) A queixa do SENHOR (11.12–12.2)

A apresentação que Oseias faz de um tempo da restauração futura em 11.1–11 é agora seguida pela confrontação com a maneira como o povo da aliança estava se comportando. Uma característica digna de nota desses versículos é o fato de que Judá é incluído na denúncia feita pelo SENHOR (cf. 1.7; 5.14; 6.11). As duas nações eram na verdade uma única no que dizia respeito aos privilégios espirituais que haviam sido concedidos a eles e, mesmo assim, lamentavelmente, ambas igualmente não conseguiam viver de acordo com a posição divinamente dada a eles. Portanto, nenhuma das duas escaparia da justa e apropriada resposta pela sua falta de fidelidade.

11.12 Efraim me cercou com mentiras,
e a casa de Israel com engano,
e Judá está continuamente vagueando com El,
e sendo fiel àqueles aos quais [ele considera] santos.

Dando continuidade à ideia de que Deus está "no meio deles" (11.9), como o Santo, aquele que fala aqui, identificado como ***me***, é o SENHOR e não o profeta. Esse versículo resume a percepção do SENHOR de como a nação está se conduzindo, conduta sobre a qual o profeta elabora subsequentemente. Uma vez que essa seção surge depois da ascensão de Peca em 740 a.C. (na verdade, mais provavelmente pelo menos uma década depois, durante o reinado do rei Oseias), ***Efraim*** e ***a casa de Israel*** não se referem a partes diferentes do norte (cf. 5.5), mas nesse caso são

termos sinônimos para o remanescente do reino. A acusação feita pelo SENHOR contra eles diz respeito ao seu comportamento ambíguo, primariamente nas suas atividades religiosas, embora em 12.7 sua conduta social e comercial também seja examinada.

Mentiras (*kaḥaš*, cf. 4.2; 7.3; 10.13) indica lidar falsamente com alguém apresentando como se fosse verdadeiro algo que não é. A raiz hebraica por trás dessa palavra tem o mesmo significado do termo "falsidade" (12.1), embora esse último aponte mais para o ato de enganar, enquanto "mentiras" descreve um conjunto de circunstâncias em que algo que é falso é deliberada e conscientemente defendido como se fosse verdadeiro. Essas "mentiras" incluem tanto as falsas promessas de lealdade deles ao SENHOR (cf. 5.7; 6.7) quanto o relacionamento inconstante e desleal deles com outras pessoas. ***Engano*** (*mirmâ*) se refere a procedimentos e palavras ardilosos que traiçoeiramente corrompem um relacionamento. O uso do termo aqui abre o caminho para a descrição de 12.7 (cf. Jr 5.27; 9.6; Am 8.5). No que diz respeito à atitude deles quanto ao Rei da aliança, é equivalente à traição. Além do mais, não está em vista aqui um desvio isolado. O SENHOR descreve a si mesmo como estando cercado ("Efraim me ***cercou***") por esse comportamento falso. Isso pode muito bem ser uma referência aos rituais sincretistas que eles celebravam nos seus santuários.

A interpretação da segunda parte do versículo é complicada por incertezas quanto à sua tradução. Um modo literal de traduzir é "mas Judá ainda está vagueando com El e está estabelecido com os santos". As diversas versões na nossa língua variam quanto ao entendimento da conjunção inicial. Ou Judá é elogiado por permanecer fiel ao SENHOR ("mas Judá ainda anda com Deus e é fiel ao Santo", ESV; cf. NKJV, NRSV), ou condenado por ser infiel a ele ("e Judá é rebelde contra Deus, mesmo contra o Santo fiel", NIV). "Vaguear" pode indicar liberdade de movimento na esfera da comunhão com Deus, ou, ainda, mais provavelmente, um comportamento sem limites (Jr 2.31; também Gn 27.40; Sl 55.3)."Ainda" indica basicamente "continuidade" e aqui indica que o comportamento de Judá é contínuo. "Estabelecido" implica relacionamento fixo e estável; de fato, o verbo pode ser traduzido como "permanece fiel".

No entanto, nenhum dos dois estilos da tradução do verbo resolvem a dificuldade principal que é determinar se *ʾēl*, "deus" ou "Deus", e "santos" referem-se ao SENHOR ou ao culto cananeu. O termo "santos" pode ser

tomado como um plural majestático descritivo do verdadeiro Deus (cf. Pv 9.10; 30.3), do mesmo modo como o termo plural Elohim é a expressão idiomática comum em hebraico para Deus. Além do mais, há uma conexão semelhante em 11.9 entre Deus (*ʾēl*) e "o Santo" (*qādôš*, uma forma singular). Mesmo assim, é um substantivo gramaticalmente no singular (*ʾēl*) que deve ser traduzido aqui como "Deus", e isso tornaria a descrição no plural um tanto artificial. A tradução mais óbvia "santos" pode se referir aos anjos, aos adoradores fiéis (Sl 34.9), aos prostitutos cultuais ou às muitas deidades do panteão cananeu que constituíam a corte de El. Uma posição plausível mais simples é tomar o termo como sendo gramaticalmente neutro, e como uma referência às "coisas santas" ou aos ídolos do culto cananeu. Isso pode ser combinado com ambos os entendimentos de *ʾēl*, como "e Judá ainda se rebela sob Deus, ainda é fiel aos ídolos que ele considera serem santos" (REB), ou em "Judá ainda vagueia com El e é fiel aos santos" (HCSB). Talvez a combinação dessas duas traduções seja o mais próximo que se possa chegar do sentido original: ***e Judá está continuamente vagueando com El, e sendo fiel àqueles aos quais [ele considera] santos.*** Seguindo Garrett (1997:230), os dois versos podem, então, ser interpretados como intencionalmente ambíguos de modo a indicar a devoção hesitante de Judá em que os termos que concebivelmente poderiam ser aplicados a Yahweh, são usados para disfarçar um anelo pelos deuses de Canaã.

Judá, portanto, é acusado por ter as mesmas características do caráter perverso da sua vizinha do norte e isso se encaixa exatamente com as mudanças acontecidas em Judá nos tempos de Acaz. "Ele andou nos caminhos dos reis de Israel e até mesmo fez com que seu filho passasse pelo fogo segundo as práticas abomináveis das nações, as quais o SENHOR havia expulsado de diante dos filhos de Israel. E ele sacrificou e queimou incenso nos lugares altos e debaixo de toda árvore verdejante" (2Rs 16.3–4). Acaz também colocou um altar construído num estilo estrangeiro no Templo e levou o altar de bronze para um lugar obscuro (2Rs 16.10–15). Bem poderia Oseias, embora fosse um profeta do norte, ter tomado conhecimento do rápido declínio na situação religiosa no sul.

12.1 Efraim está se alimentando de vento
e perseguindo o vento leste todo o dia.
Ele multiplica falsidade e devastação,
e eles fazem uma aliança com a Assíria

e óleo é levado para o Egito.

Oseias, porém, não precisava olhar para o sul para encontrar práticas para criticar; elas eram óbvias em todo o território do norte. Efraim não era apenas intencionalmente infiel ao SENHOR, mas a nação também demonstrava grosseira estupidez em suas políticas internacionais. ***Se alimentando de vento/***" pastando o vento" indica uma ação tola e fútil. Quem pode obter nutrição do vento? Ou, talvez a ideia seja de alguém que "pastoreia" o vento, isto é, que tenta prender o vento para usá-lo segundo o seu propósito. Ainda mais do que isso, ele está tolamente ***perseguindo o vento leste***, como se pudesse controlá-lo (cf. o uso anterior de Oseias de "semear o vento" em 8.7), o que era ainda mais estéril porque o vento leste, soprando do deserto, era conhecido por causar ressecamento (13.15; Ez 17.10; 19.12). Caçar esse vento e prendê-lo seria uma ação positivamente destrutiva. Essa conduta aberrante não era ocasional, mas ocorria ***todo o dia*** como uma questão de procedimento aceito. A menção aqui ao "vento" e ao "vento leste" antecipa a recorrência deles em 13.15 e isso forma um *inclusion* que serve para indicar a unidade do material desses dois capítulos.

Tanto a política doméstica quanto a internacional promovidas por Efraim são censuradas nas três cláusulas seguintes, que listam as ações que estão por trás da descrição metafórica precedente. Na primeira cláusula, ***multiplica*** resume um tema anterior (cf. 4.7; 8.11; 10.1), enfatizando que esse comportamento é endêmico. Para ***falsidade*** (kāzāb) veja o comentário sobre 11.12. Esse termo aqui aparece ligado a ***devastação*** (cf. 7.13 para ambos os termos). A combinação retrata a inevitável consequência de praticar a fraude. A vida econômica e social da terra se desintegra quando não há integridade de palavra e conduta, e tudo o que resta é hostilidade e destruição.

Os dois últimos versos do versículo descrevem a política externa de Efraim. ***Eles fazem*** (literalmente "cortam", o termo-padrão para um juramento solene por meio do qual uma aliança é selada, cf. Jr 34.18–19) ***uma aliança com a Assíria***, o que presumivelmente aponta para um tratado em que eles se comprometeram a serem fiéis súditos dos assírios (cf. 2.18; 5.13; 6.7; 7.11), o que havia acontecido há pouco tempo na nomeação do rei Oseias (2Rs 17.3). No entanto, quando eles pensam que se beneficiariam com isso, ***o óleo é levado para o Egito***. "Óleo" aqui é óleo de oliva (cf. 2.5), um produto valioso no comércio internacional da

época e algo que era produzido em abundância em Israel (cf. Dt 8.8), mas a ideia aqui vai além de mero acordo comercial. Esse óleo era enviado como suborno para induzir os egípcios a apoiar uma aliança contra a Assíria. A nação estava tentando cavalgar em dois cavalos ao mesmo tempo – uma estratégia que inevitavelmente leva ao desastre. Possivelmente, essa descrição reflita a existência de várias facções dentro da corte de Samaria, que estavam ora de um lado e ora de outro, procurando sempre obter o comando e orientar os negócios da nação. É altamente provável que haja uma referência aqui aos acontecimentos descritos em 2Reis 17, "E o rei da Assíria descobriu uma conspiração da parte do rei Oseias, pois ele mandou mensageiros a Sô, rei do Egito, e não pagou o tributo ao rei da Assíria [como ele havia feito] ano após ano" (2Rs 17.4a). Num nível mundano, confrontar o poder dos assírios era insensato. Confiar em alianças internacionais para acertar a situação deles era igualmente uma afronta ao SENHOR, cuja ajuda eles persistiam em ignorar.

> 12.2 E [há] uma queixa que o SENHOR tem contra Judá
> e [que é] chamar Jacó para prestar contas dos seus caminhos –
> de acordo com os seus feitos ele retribuirá.

Particularmente quando as referências a Judá em 11.12 são interpretadas positivamente, os comentaristas se surpreendem com a menção de ***Judá*** aqui e consequentemente defendem a troca por "Israel", embora não haja qualquer evidência textual para apoiar isso (cf. 1.7). Todo o povo havia herdado os erros da nação como um todo, embora o declínio nos dois reinos não tivesse acontecido no mesmo ritmo. Eles tinham um pai comum em ***Jacó***, e assim a conduta, primeiramente do norte e depois do sul, passa a ser revisada nesse ponto.

E [há] uma queixa lembra a Judá também que há uma crise muito mais séria que os confronta do que lidar com as pressões da agressão assíria. O SENHOR havia sido ultrajado pelo comportamento deles e os confronta com a sua "queixa"/"acusação" (cf. 4.1), porque eles haviam infringido as suas prerrogativas como Rei deles. A ação do Soberano deles de chamar ***Jacó para prestar contas*** (cf. 1.4; 8.13), era uma questão obviamente séria, que não poderia ser evitada. O castigo ameaçado é expresso em termos muitos semelhantes aos de 4.9, exceto de que aqui há proporcionalidade da resposta, que é enfatizada pelo uso de ***dos seus caminhos. Caminhos*** (cf. 4.9) refere-se ao estilo de vida que eles haviam

adotado em sua rebeldia, e que foi descrito em 11.2. ***Seus feitos*** aponta para todos os atos particulares de rebelião nos quais eles se envolveram (4.9; 5.4; 7.2; 9.15). ***Retribuirá*** (da raiz *šûb*, cf. 3.5) significa "fazer retornar" e forma um *inclusion* entre esse verso e 12.14. Os últimos versos desse versículo são expressos de modo concêntrico com os termos exteriores "chamar para prestar contas" e "retribuir" tendo maior ênfase, em vez dos termos repetidos que estão no centro da construção: "seus caminhos" e "seus feitos". Não deve haver qualquer dúvida sobre a realidade da iminente intervenção do SENHOR, embora não seja declarado exatamente o que vai impor.

REFLEXÃO

- A menção de Judá em 11.12 e 12.2 demonstra que o SENHOR julga imparcialmente quando trata com a humanidade (cf. Rm 2.11; Cl 3.25). Ninguém, seja quem for, está isento de ter as suas más ações expostas. Argumentar que a nossa ofensa não é tão grande quanto a de outros não desvia o seu escrutínio, pois "todos prestarão contas" (Rm 2.6). Devemos, portanto, atentar para a advertência de Pedro: "E se vocês chamam de Pai aquele que julga todas as coisas imparcialmente de acordo com as obras de cada um, conduzam-se com temor ao longo do seu tempo na terra" (1Pe 1.17).
- "Pelos seus caminhos… seus feitos" (12.2) afirma que o SENHOR age imparcialmente na administração da sua justiça. "Ele retribuirá a cada um de acordo com as suas obras" (Rm 2.6; cf. Sl 62.12; Mt 16.27; Gl 6.7).
- As negociações de Efraim com a Assíria e com o Egito fornecem um claro exemplo de incompatibilidade de servir a dois senhores ao mesmo tempo (cf. Lc 16.13). Se essa insensatez é tão evidente na esfera política, muito mais o é na esfera espiritual.

(2) Retrato de família (12.3–6)

Nesses versículos a menção a Jacó como uma designação para toda a nação em 12.2, é explorada ainda mais por Oseias na apresentação da conduta desse reverenciado ancestral da nação. O uso que o profeta faz da história pessoal de Jacó mostra que tanto ele quanto seus contemporâneos conheciam as narrativas de Gênesis, embora as alusões não estejam na

mesma ordem. Assim como Oseias usou o Decálogo em 4.2 numa ordem diferente da encontrada em Êxodo 20, o que não implica a existência de uma outra tradição em Israel naquela época, do mesmo modo a diferença entre essa passagem e a narrativa do Gênesis não indica que havia uma tradição textual diferente paralela. A intenção de Oseias não era relatar a história, mas aplicar episódios significativos à situação dos seus próprios dias. Ao adaptar o material para se adequar aos seus propósitos, ele o usa para lembrar à nação – particularmente o norte – que eles haviam herdado a fraqueza de caráter do antepassado deles e que ainda estavam demonstrando um comportamento como o dele. Se, contudo, eles se arrependessem, então poderiam, como Jacó, obter a aceitação divina (12.6).

12.3 No ventre ele agarrou o seu irmão pelo calcanhar,
e no seu vigor viril ele lutou com Deus.

A ausência de uma fórmula de transição indica que o tema desse versículo ainda é o mesmo de 12.2, ou seja, Jacó, embora nesse caso seja o próprio patriarca que está em vista e não os seus descendentes. ***No ventre*** considera o comportamento de Jacó antes mesmo do seu nascimento quando ***ele agarrou o seu irmão pelo calcanhar*** (cf. Gn 25.26). Seu irmão gêmeo, Esaú, nasceu primeiro, mas com Jacó agarrando o seu calcanhar. Foi desse incidente que Jacó recebeu o seu nome. Embora muito antes do nascimento de Jacó já existissem nomes semelhantes ao seu em todo o mundo semita, o componente verbal desses nomes veio da raiz *ʿāqab*, que significa "vigiar, proteger", de modo que o sentido transmitido era "que Deus proteja" (*HALOT* 422). Há, no entanto, um verbo homônimo, *ʿāqab*, derivado da palavra para "calcanhar", que significa "enganar". Aparentemente, a ideia é a de ir atrás de uma pessoa para enganá-la, porque não se pode agarrar o calcanhar de um pessoa pela frente. Ao ouvir o nome "agarrador de calcanhar", o público de Oseias se lembraria do caráter trapaceiro de Jacó, sempre procurando obter vantagem para si mesmo.

A segunda metade do versículo incorpora uma referência ao nome dado ao patriarca quando ele já estava bem mais velho. O verbo ***ele lutou*** tem a mesma raiz (*śārâ*) da que é incorporada ao nome Israel, e o incidente a que ele alude é o encontro de Jacó com o anjo em Peniel, consequência do qual ele passou a ser chamado Israel, que significa "ele lutou com Deus" ou

“que Deus lute [por ele]” (Gn 32.28). No início do segundo verso, a raiz *ʾwn* ocorre (cf. 12.8,11). Seu sentido aqui parece ser determinado pelo seu uso em Gênesis 49.3, onde Jacó o utiliza para descrever Rúben como sendo “as primícias da minha força/masculinidade” (*ʾwn*). O termo teria adicionalmente se recomendado a Oseias pela semelhança com a *ʾāwen*, “iniquidade” (cf. 12.11; e Bete-Áven, 4.15). Como no início do primeiro verso “no ventre” indica um estágio da vida de Jacó, do mesmo modo aqui ***no seu vigor viril*** aponta para um incidente posterior, quando ele já era adulto.

Mas essas referências a Jacó são positivas ou negativas? O comportamento desse ancestral está sendo elogiado como um exemplo a ser seguido? Jacó é visto aqui como empenhando-se, mesmo antes do nascimento, para receber a bênção de Deus concedida ao primogênito? Se isso for verdade, Israel está sendo admoestado a dar a mesma prioridade a estar num reto relacionamento com Deus. Alternativamente, a ideia pode ser a de que mesmo depois de ter-se comportado de maneira altiva e maldosa, Jacó recebeu a bênção divina gratuitamente, e que seus descendentes devem, portanto, viver de maneira obediente e agradecida pelo vínculo da aliança que foi subsequentemente estendido a eles e não buscarem estabelecer-se por meios e alianças mundanas.

Parece evidente que ambas as ações são vistas aqui de modo negativo por Oseias. Elas são indicativos da natureza impulsiva e competitiva de Jacó que o levou a ultrapassar os limites de uma conduta apropriada. Ele pode ter recebido a bênção em Peniel, mas foi deixado com o quadril deslocado, mancando para ir ao encontro do seu irmão Esaú (Gn 32.25,31).

12.4 E ele lutou com um anjo e prevaleceu;
ele chorou e suplicou a ele que fosse benevolente.
[Em] Betel ele o encontraria,
e ali ele falaria conosco.

Várias dificuldades surgem em conexão com esse versículo. Como não é mostrada nenhuma mudança de sujeito, ao que tudo indica parece que é Jacó que ainda está sendo descrito. ***Anjo*** é usado para se referir a um indivíduo que é simplesmente chamado “um homem” em Gênesis 32.24–25, mas que em certo sentido também é Deus (“Eu vi Deus face a face”, Gn 32.30). Provavelmente a conjunção ***e*** no início apresente uma versão expandida do que acabou de ser descrito, em vez de um estágio

subsequente da história. A repetição do verbo ***lutou*** envolve um jogo de palavras com uma raiz semelhante que transmitiria a ideia de "ele é senhor absoluto". "Com um anjo" é, literalmente, "para um anjo", em que a preposição "para" (não "com" como no verso anterior) apresenta uma certa dificuldade. ***Prevaleceu***, no entanto, reflete a linguagem de Gênesis 32.28.

Ele chorou e suplicou a ele que fosse benevolente. Isso não está registrado em conexão com a luta de Jacó com o homem no vau do Jaboque em Gênesis 32. Conquanto isso possa ser explicado pela suposição de que Oseias teve acesso a informações que não estão registradas em Gênesis, é muito mais provável que o seu resumo da vida de Jacó seja construído quiasticamente (Holladay 1966), em que o segundo verso de 14.4 equivale ao primeiro verso de 12.3, ambos descrevendo o relacionamento entre Jacó e Esaú. Certamente, no estágio seguinte da interação de Jacó com seu irmão, ambos choraram (Gn 33.4) e Jacó buscou a benevolência do irmão (Gn 33.8,10; "benevolência" vem da mesma raiz usada aqui).

É possível, portanto, organizar os versos como abaixo com Jacó como o sujeito de cada verso:

(a) No ventre ele agarrou o seu irmão pelo calcanhar,
  (b) e no seu vigor viril ele lutou com Deus.
  (b') E ele lutou com um anjo e prevaleceu;
(a') ele chorou e suplicou a ele [isto é, a seu irmão] que fosse benevolente.

A série de verbos que tem "ele" como seu sujeito continua nos dois últimos versos do versículo 4, mas a menção de Betel no início do terceiro verso de 12.4 deixa aberta a possibilidade de que Jacó não seja mais o sujeito dos verbos subsequentes. As versões para a nossa língua geralmente traduzem os dois verbos no tempo passado, "ele encontrou" e "ele falou", mas o hebraico aqui muda para formas imperfeitas, que têm uma aplicação temporal mais ampla. Bem como ser usado na poesia para um tempo passado simples, o imperfeito pode indicar repetidas ocorrências passadas ou algo que é verdadeiro no presente. De qualquer modo, a mudança no tempo verbal indica que Oseias não está olhando as questões da mesma perspectiva dos versos anteriores.

De fato, Holladay argumenta fortemente que "o que temos aqui é uma mudança completa no tom, na forma e na cor do oráculo. Houve uma grande reversão. As posições foram invertidas. Estamos olhando agora Jacó-Israel de um ângulo totalmente novo. Oseias fez essa mudança de modo sutil, mas inequívoco" (Holladay 1966:58). Um modo em que isso é sinalizado na cláusula é a posição inicial de ***Betel*** no texto, abandonando o uso depreciativo anterior de Bete-Áven para se referir à cidade. Para o que Oseias está agora querendo chamar a atenção envolve Betel no seu papel legítimo, e a importância de Betel para o que ele tem a dizer é também indicada pela repetição envolvida em ***ali***. As referências históricas são o encontro do SENHOR com Jacó em Betel como registrado em Gênesis 28.10–22, quando ele estava a caminho de Arã, e em Gênesis 35.1–15, depois do seu retorno.

O verbo ***encontraria*** pode ser usado no sentido de "encontrar acidentalmente" e isso talvez seja mais apropriado se Jacó for o sujeito (mais diretamente em referência a Gn 28.10–22 do que a Gn 35.1–15, mas ainda possível). No entanto, como ressalta Kaiser (1985:42), em vários contextos (Dt 32.10; Sl 89.21; Jr 2.2) "encontrar" é um termo técnico para a eleição de Deus, quando ele deliberadamente procura por aquele que ele escolheu. Portanto, é provável que o sujeito nesse ponto mude para "Deus" e o modo como ele concedeu a sua bênção a Jacó totalmente à parte do – e até mesmo apesar do – próprio esforço de Jacó para ter sucesso de qualquer modo que ele achasse que poderia consegui-la.

O que dizer então sobre a cláusula seguinte, ***e ali ele falaria conosco***? Há base suficiente para pensar que Oseias está aqui aplicando aos seus contemporâneos a lição que deve ser aprendida de Jacó e os desafia quanto a eles poderem dizer o mesmo que havia acontecido em Betel nos seus próprios dias. "Falaria conosco" indica que as estipulações da aliança que Deus havia feito com Jacó ainda se estendiam a Israel como seus descendentes (cf. Kaiser 1985). Ambas as leituras ressaltam a incapacidade de Jacó de lidar com a situação de crise por meio da fraude; apenas pela aceitação da graciosa provisão de Deus é que ele conseguiria sobreviver. Do mesmo modo, os contemporâneos de Oseias devem priorizar apresentarem-se retos diante de Deus ao humildemente aceitar o que ele graciosamente havia concedido a eles. Nisso eles poderiam participar da esperança que Jacó veio a conhecer.

12.5 E o SENHOR, o Deus dos exércitos –

o SENHOR [é] o seu nome memorial.

Esse versículo em forma de hino irrompe no sermão do profeta sobre a história para lembrar o povo do caráter de Deus a quem eles terão de prestar contas (cf. Am 4.13; 5.8–9; 9.6). Dar nome ao SENHOR esclarece as referências inespecíficas no versículo anterior, e também a reverência com que as pessoas devem se conduzir diante dele. O título inteiro, ***o Senhor, o Deus dos exércitos***, que Oseias usa apenas nessa passagem, muda a perspectiva de uma localidade específica (Betel) para a soberania universal do SENHOR (cf. 2Sm 5.10). Os "exércitos" são exércitos angelicais por meio dos quais o SENHOR executa os seus propósitos sobre toda a terra. Conquanto "o SENHOR" ou Yahweh lembre a intimidade de Deus na aliança, o outro termo indica o seu poder ilimitado e sua majestade. Além do mais, não é a palavra comum para "nome" (*šēm*; contraste com Am 4.13; 5.8; 9.6) que é empregada nesse versículo, mas ***nome memorial*** (*zēker*, "recordação"; cf. 14.7; Êx 3.15), apontando para a importância de manter em mente a singularidade do caráter de Yahweh, sua fidelidade imutável e a efetividade de sua intervenção.

12.6 E, [quanto a] você, você deveria voltar no seu Deus.
Mantenha o amor fiel e a justiça,
e espere no seu Deus continuamente.

O profeta agora se volta para o povo com um enfático ***[quanto a] você***, um coletivo singular, que muda o foco para Efraim. Ele os exorta a seguirem até o fim a aplicação prática da confissão teológica que eles fazem quanto ao SENHOR. Para admoestações semelhantes em conexão com queixas, veja 10.12 e Miqueias 6.8. Oseias ensina que deve haver um comprometimento pessoal renovado. A exortação, ***você deve voltar*** requer o reconhecimento da sua conduta desviada, particularmente o vício pela religião cananeia, a qual eles são exortados a abandonar, para que possam voltar para o SENHOR em arrependimento. Se eles são verdadeiramente filhos de Jacó, deveriam responder espiritualmente como ele fez quando o SENHOR ordenou a ele, "retorna para a terra dos seus pais e para a sua parentela, e eu estarei com você" (Gn 31.3). A expressão ***no seu Deus*** (cf. 1.7) não é a "para o seu Deus" (cf. NIV, NRSV) que seria esperada (14.1–2; Jl 2.12–13). Ela pode indicar "com a ajuda do seu Deus" (uma expressão idiomática semelhante àquela encontrada em 1.7; cf. NKJV, ESV), ou "no que diz respeito ao seu Deus" e se refere à promessa divina a Jacó: "Veja,

eu estou com você e o guardarei aonde quer que vá e eu o trarei de volta a esta terra, pois eu não o deixarei até que eu tenha cumprido tudo o que eu disse a você" (Gn 28.15).

O compromisso pessoal renovado com o Rei da aliança seria evidenciado pela manutenção do tipo de conduta que ele havia estipulado na sua lei. Há dois aspectos nisso: o comportamento deles em relação a Deus, e o seu comportamento em relação aos seus compatriotas (cf. Mq 6.8). ***Amor fiel*** (cf. 2.19; 4.1; 6.4,6) provavelmente aponta mais para o apego básico do coração deles ao SENHOR, enquanto ***justiça***/"julgamento" requer uma sociedade organizada na qual os direitos dos outros são respeitados (cf. 2.19). Jacó era uma pessoa cujo caráter ganancioso precisava ser lembrado disso. Ele havia sido levado a colocar a sua confiança na promessa divina, e os seus descendentes deveriam fazer o mesmo.

Além do mais, um retorno a um relacionamento verdadeiro com o SENHOR não deveria ser meramente um rompante de entusiasmo religioso passageiro, mas uma dependência constante dele e uma submissão contínua da sua cronologia: ***espera no seu Deus continuamente***. Isso descreve uma experiência ardente e positiva (cf. "porta de esperança", 2.15), mas não meramente passiva. "Espera no SENHOR e guarda os seus caminhos" (Sl 37.34) expressa a natureza dupla da expectativa fiel.

REFLEXÃO

- Oseias não hesita em usar as narrativas históricas de Gênesis para ensinar lições espirituais. Aqui ele focaliza na necessidade de uma transformação espiritual como aquela registrada na história de Jacó. Ele havia começado a sua vida confiando na sua própria esperteza e perspicácia, mas não foi essa manipulação ou esforço humano que fez com que ele fosse por fim abençoado. Ao contrário disso, a bênção veio pela iniciativa divina do Deus que o encontrou (12.4). Essa é a essência da mensagem de "a graça de Deus que foi dada a você em Jesus Cristo" (1Co 1.4). "Pela graça vocês foram salvos, por meio da fé. E isso não vem de vocês; é um dom de Deus, não das obras, para que ninguém possa se gloriar" (Ef 2.8–9).
- O "nome memorial" de Deus (12.5) é revelado por causa do esquecimento humano. Precisamos constantemente ser lembrados para que não "nos esqueçamos de todos os seus benefícios" (Sl

103.2), mas também mais especificamente para que não ignoremos que é ele quem nos concede esses benefícios. O nome "o SENHOR" nos lembra do seu compromisso com a aliança que ele tem com o seu povo (cf. Is 49.15) e "Deus dos exércitos" aponta para o seu poder e sua autoridade sem limites que garantem que possui a capacidade de cumprir as suas promessas. Cada nome de Deus é uma revelação sucinta do seu caráter e uma garantia do seu favor.

- A impaciência humana e a falta de perspectiva sobre quando e como Deus age devem ser remediadas pela espera (12.6). "O SENHOR é bom para aqueles que esperam por ele, para a alma que o busca" (Lm 3.5), mesmo quando as perspectivas são sombrias e quando não há uma trégua imediata. Essa espera reconhece o propósito e a bondade soberana de Deus, e assim é uma atitude de antecipação e tensa ansiedade, embora "gemamos interiormente enquanto esperamos ansiosamente" (Rm 8.23; cf. Hb 9.28). A fé dá lugar à paciência, porque é certo que vale a pena esperar pelo cumprimento da promessa (Tt 2.13). Além do mais, esperar não é um exercício passivo, mas estimula a apresentar diligência espiritual para estar pronto para a volta do SENHOR (2Pe 3.14).

(3) A ganância de Efraim (12.7–8)

Oseias continua a colocar diante das pessoas do norte a perspectiva de Deus sobre o comportamento delas. Apesar das lições que foram apresentadas a Israel extraídas da história do seu venerável ancestral, e apesar do convite do SENHOR para que elas retornem em arrependimento, a conduta delas continuava descaradamente provocativa. Na vida diária, elas haviam adotado as práticas econômicas de Canaã, e os seus negócios eram caracterizados por uma conduta trapaceira. Elas estavam orgulhosas da sua esperteza em extrair o melhor de cada oportunidade, e assim repudiavam qualquer sugestão de que estavam agindo de maneira injusta ou opressiva. Possivelmente, no fundo houvesse ainda a imagem do jovem Jacó que era totalmente sem escrúpulos nos seus negócios com outros (cf. Gn 25.29–34; 27.35).

12.7 Canaã! Na sua terra [existem] balanças enganosas;
ele ama explorar.

Em hebraico, ***Canaã*** é um termo ambíguo. Embora ele possa se referir a toda a área conhecida no passado como Palestina, é mais propriamente uma referência à região costeira da Fenícia e aos assentamentos no vale do Jordão (cf. Nm 13.29; Is 23.11). Além do mais, embora o termo possa se referir ao país ou aos seus habitantes, a mesma palavra também é um substantivo comum para "mercador" ou "negociante" (cf. Sf 1.11). Certamente, nesse caso, Oseias começa por dirigir a atenção do seu público para longe deles mesmos, para os habitantes originais da terra, ou talvez para a principal ocupação deles. É o versículo seguinte que revela o pleno alcance de sua mensagem: Efraim está agindo como os cananeus. A conduta do povo conflita com a posição e o compromisso pactual deles, de modo que a linha divisória entre eles e o seus vizinhos ímpios havia se tornado indefinida. Como virtuais cananeus, eles agora haviam se tornado passíveis de receber o mesmo tratamento dado aos habitantes originais da terra (Gn 15.16)?

Balanças enganosas dá um exemplo específico de conduta fraudulenta (Pv 11.1; 20.23; Am 8.5–6). "Enganosas" relembra o uso do termo em 11.12 e também o veredito de Isaque sobre a conduta de Jacó em Gênesis 27.35. Aqui a imagem é de um conjunto de balanças que consistiam de uma barra, cujo centro estava posicionado sobre um eixo, tendo em cada extremidade um prato. Num desses pratos eram colocadas pedras de peso conhecido, e, no outro, o objeto que estava sendo pesado. Nos tempos antigos era difícil padronizar os pesos que eram utilizados, e assim a fraude era comum.

O segundo verso do versículo contém um afirmação mais generalizada sobre a conduta incorreta deles. ***Ele ama*** aponta para o fato de que essas ações eram deliberadas; na verdade, elas eram algo de que se orgulhar. ***Explorar*** ou "oprimir" (cf. 5.11) descreve a ação de importunar ameaçadoramente aqueles que não têm a capacidade ou os recursos para fazer valer os seus direitos. O SENHOR não tolerava esse comportamento no meio do seu povo, fosse praticado contra um compatriota israelita ou contra um residente estrangeiro. "Você não explorará um trabalhador contratado que é pobre e necessitado, seja um dos seus irmãos ou um dos estrangeiros que residem na sua terra dentro dos seus portões" (Dt 24.14). A existência dessa extorsão dos desprivilegiados (cf. Jr 7.6; Zc 7.10) era um sintoma da falta de fidelidade ao SENHOR, por causa da rejeição

subjacente de um modo de vida em conformidade com a aliança que era agradável a ele.

12.8 E Efraim disse: “Certamente me tornei rico;
encontrei a riqueza por mim mesmo;
[em] todos os meus esforços eles não encontrarão em mim
qualquer iniquidade, o que [é] pecado”.

Agora a verdadeira identidade daquele que estava sendo descrito é revelada, e Oseias faz isso dramaticamente ao imaginativamente retratar a descrição que o próprio Efraim faz da sua conduta. Outros não precisam condená-lo; ele mesmo faz isso pela sua tola jactância. ***Certamente me tornei rico*** reflete a atitude autoconfiante de uma nação que está desfrutando de afluência. ***Encontrei*** repete o verbo de 12.4, mas diferentemente do encontro espiritual mencionado ali, aqui é ***riqueza*** material (da raiz *ʾwn*, cf. 12.3) que é o foco. A perspectiva da sociedade efraimita é resumida no acréscimo de ***por mim mesmo,*** que declara que a prosperidade deles é uma realização própria e é apropriada de modo egoísta para seu próprio desfrute (cf. 2.5). Essa atitude violava diretamente a advertência feita por Moisés ao povo para que quando eles entrassem na terra e prosperassem: “Cuidado para que vocês não digam no seu coração: ‘Meu poder e a força das minhas mãos fizeram para mim esta riqueza’ ” (Dt 8.17; cf. 8.11–20). Eles não reconheciam o papel de Deus na conquista do sucesso e do bem-estar nacional.

A jactância de Efraim continua. ***Em todos os meus esforços*** aponta para o empenho fatigante da comunidade que considera que as suas conquistas são meramente produtos do seu próprio trabalho árduo. A repetição do verbo de “eu encontrei riqueza por mim mesmo” em ***eles não encontrarão em mim*** é outro exemplo do uso que Oseias faz de recursos retóricos para enfatizar um contraste. ***Qualquer iniquidade que é pecado*** parece ser um subterfúgio cuidadosamente usado por um legalista. “Iniquidade” é o desvio de um padrão, desonestidade (cf. 7.1). Efraim afirma que ele tem “riqueza” (*ʾôn*) não “iniquidade” (*ʿāwōn*), mas Efraim não diz que os outros não encontrarão qualquer iniquidade nas suas práticas. Pelo contrário, ele qualifica sua afirmação acrescentando ***que é pecado***, ou “que é um pecado”. Oseias usa com frequência a raiz dessa palavra (cf. 4.7), mas não exatamente essa forma. Efraim protesta contra uma descrição por demais severa do seu comportamento. Ele havia tirado todas as vantagens

da situação, mas era injustificado rotular a sua conduta “pecado”. O seu desvio é renomeado por ele para abrandar o seu significado e negar que ele se constitua num crime.

REFLEXÃO

- A aliança criava e regulamentava relacionamentos complementares: de um lado entre uma pessoa e o SENHOR, e do outro lado entre uma pessoa com todos aqueles que na comunidade da aliança professavam fidelidade ao mesmo Soberano. Era uma transgressão grosseira dos vínculos de amor da aliança que alguém usasse o sua posição social, seu poder ou sua riqueza para explorar outros menos favorecidos. Esse tipo de extorsão era uma afronta ao próprio Rei. “Aquele que explorar uma [pessoa] pobre mostra desprezo pelo seu Criador, mas aquele que é misericordioso com o necessitado o honra [i.e., a Deus]” (Pv 14.31). As mesmas obrigações sociais e econômicas não são menos obrigatórias nos tempos do Novo Testamento (cf. Tg 5.1–6).
- A riqueza pessoal atrai admiração, mas deve-se ter cuidado sobre como essa riqueza foi acumulada e como ela é usada. Uma pessoa pode congratular-se pelas suas conquistas e outros se juntarão a ela louvando-a, mas todos devem reconhecer a transitoriedade de qualquer fortuna deste mundo, pois nada poderá ser levado quando a pessoa morrer (Sl 49.16–20). Ainda mais, depois da morte será feito um exame por aquele que conhece os corações e “o que as pessoas têm em alta estima é abominação aos olhos de Deus” (Lc 16.14–15). É necessário entendimento espiritual para reconhecer as próprias necessidades e acumular tesouro nos céus (cf. Mt 19.21; Lc 12.33; 18.22). Há muitos que, como Efraim, estão espiritualmente cegos pela riqueza, incluindo a igreja de Laodiceia (Ap 3.17). A prosperidade econômica não pode ser interpretada como um sinal de aprovação divina do estilo de vida de uma pessoa ou de uma nação na ausência de coração submisso a Deus e obediência à sua palavra.

(4) O testemunho do SENHOR (12.9–14)

A estrutura do material de Oseias no restante desse capítulo tem sido analisada de diversas maneiras. Uma análise mais consistente é encontrar

aqui um exemplo dos argumentos apresentados pelos profetas – e particularmente pelo próprio Oseias – para contradizer as ilusões complacentes de uma comunidade que está satisfeita consigo mesma. Ele começa por citar o direito que o SENHOR tem de exigir obediência da parte deles e o modo como ele os disciplinará (12.9). A seguir, ele ressalta como o SENHOR nunca havia deixado o reino do norte sem ministério profético para lembrá-los do que era requerido deles (12.10). A transição em 12.11 é, de certo modo, abrupta, e Hubbard (1989:209) sugere que ela pode ser abrandada ao tratar 12.11–13 como ilustrações específicas de como os profetas cumpriram a missão deles descrita em 12.10 ao apresentar a sua mensagem em termos do que estava acontecendo no momento (12.11) e as lições que podem ser aprendidas de Jacó (12.12) e do êxodo (12.13), mas finalizando com uma advertência solene sobre o juízo iminente (12.14).

(a) Conduta fiel (12.9–10)

Aqueles cujas vidas revelam que na prática eles se esqueceram do SENHOR precisam ser lembrados de quem ele é e o que ele exige deles. Contra a autossatisfação introvertida de Efraim, Oseias apresenta a própria declaração do SENHOR da sua soberania. Efraim deve se lembrar que tudo o que eles são e tudo o que eles possuem teve origem na intervenção salvadora do SENHOR no tempo do êxodo (12.9) e que desde então ele tem fielmente enviado profetas para continuar a lembrá-los das suas obrigações sob a aliança (12.10).

12.9 Mas eu [sou] o SENHOR, o Deus de vocês
desde a terra do Egito;
E eu farei com que novamente vocês habitem em tendas
como nos dias da festa marcada.

O versículo inicia com ***mas*** para apresentar o outro lado do relacionamento da aliança. Oseias cita as palavras do SENHOR fazendo a reivindicação fundamental: ***eu sou o Senhor, o Deus de vocês***. Essa expressão é reminiscente do preâmbulo da aliança que estabelece o direito do SENHOR de governar sobre o seu povo (“Eu [sou] o SENHOR, o Deus de vocês, que os tirou do Egito, da casa da escravidão”, Êx 20.2; cf. Dt 5.6; Sl 81.10). Os israelitas podiam congratular a si mesmos pela sua astúcia e sucesso, mas isso os lembra que é a avaliação divina que eles terão de

enfrentar. A expressão ***desde a terra do Egito*** (cf. 2.15) é efetivamente uma expressão temporal (cf. Nm 14.19), que também afirma o seu soberano direito de exigir deles um comportamento apropriado, porque ele é aquele que os redimiu da opressão do Egito e que estabeleceu a sua aliança com eles. Porém, a omissão da expressão "que os tirou" encontrada em Êxodo 20.2 estende a ideia de um lembrete resumido de tudo o que havia acontecido naquele distante passado para uma declaração da constância da provisão do SENHOR nos séculos subsequentes e até o tempo presente. Independentemente do quanto a conduta deles tivesse variado ao longo dos séculos, a conduta do SENHOR havia sido constante e ele não havia feito concessões quanto ao seu direito sobre eles.

Novamente na segunda parte do versículo mostra que ele também procura tirar lições dos acontecimentos passados. ***Como nos dias da festa marcada*** (cf. 2.11) provavelmente se refere à celebração da festa dos Tabernáculos/Cabanas (cf. 9.1) quando os israelitas construíam abrigos rústicos e habitavam neles para lembrar os dias que eles haviam passado no deserto (Lv 23.39–43). Embora essa festa fosse uma ocasião de regozijo (Lv 23.40; Dt 16.14–15), essa declaração não é um promessa direta de um retorno aos tempos de prosperidade, ou da continuação do ciclo anual das suas festas. O foco está em ***eu te farei com que vocês habitem em tendas***, em que o SENHOR usa a comparação para ilustrar o juízo que ele imporá sobre eles. Habitar em tendas aponta para uma reversão da prosperidade e da abundância a respeito das quais eles se congratulavam. Em vez disso, eles seriam retirados à força da terra e retornariam às condições de privação e dificuldade do deserto. Mas está implícito aqui igualmente, como estava na primeira menção ao deserto em 2.14, a ideia de restabelecimento. As tendas na festa eram um símbolo da reconhecida dependência deles de Deus durante o tempo em que eles habitaram no deserto e, embora o tratamento que eles receberam possa parecer duro, deveria instilar neles uma renovada confiança nele, e não na sua astúcia comercial ou nos seus planos ardilosos.

12.10 E eu falei aos profetas,
e eu [fui aquele que] multiplicou as visões
e por meio dos profetas continuei a falar em parábolas.

Em três cláusulas coordenadas, o SENHOR da aliança coloca diante da comunidade, que havia renegado o seu compromisso, como ele havia

fielmente afirmado o seu direito à obediência deles. No período que se seguiu ao êxodo, ele nunca se manteve silente, deixando o povo descobrir por si só o que eles deveriam crer e como eles deveriam agir. Em vez disso, ele se comunicou com eles e os lembrou incessantemente das obrigações que eles tinham (cf. 2Cr 36.15; Jr 7.25). ***Eu falei aos profetas***. Como o próprio Oseias era contado entre esses profetas, essa seção implicitamente defende o seu direito de ser ouvido como um porta-voz divino. "Aos" é uma preposição inesperada, mas ela enfatiza a transmissão divina da mensagem aos profetas como destinatários, enquanto a expressão seguinte ***por meio dos profetas***/"pela mão/agência dos profetas", dirige a atenção para eles como o canal por meio do qual a mensagem chegava ao povo (cf. 6.5). Embora essas revelações expusessem os erros da nação e mesmo que os seus apelos a uma renovação da sua fidelidade perturbassem o sentimento de autossatisfação deles, essas advertências eram uma evidência da contínua preocupação de Deus com eles e era um privilégio para eles receberem-nas.

Ainda mais, não houve qualquer hesitação da parte de Deus em se revelar. ***Eu*** (um enfático "eu" como em 2.8) ***multipliquei as visões*** pode ser uma referência às revelações divinas que consistiam apenas em palavras (cf. 2Sm 7.17), mas provavelmente também às apresentações interiores de material essencialmente visual cujo conteúdo eles então precisavam colocar em palavras e transmitir ao povo. A característica que é enfatizada é que o conteúdo se originou de Deus e não de mera iniciativa humana. ***Continuei a falar em parábolas***/"comparações", aponta para a variedade de formas nas quais a mensagem divina tinha vindo. Isso pode significar que os profetas usaram linguagem enigmática, mas é mais provável que a ideia aqui seja a do uso de ilustrações e figuras de linguagem para atrair atenção e facilitar a compreensão.

REFLEXÃO

- Deus não deixa a humanidade sem o aviso de que ele exige obediência e adoração de todas as pessoas. Para aqueles que não têm o privilégio de ouvir a sua palavra, ele testifica por meio do reino natural, que ele criou e que ele governa. "Mesmo assim ele não deixa a si mesmo sem testemunho, [no sentido de que] ele faz o bem dando a vocês chuvas dos céus e estações frutíferas, satisfazendo os seus corações com alimento e alegria" (At 14.17; cf. At 17.27; Rm 1.19–

20). Na terras e nas sociedades onde a palavra de Deus chegou, esse testemunho é mediado pela proclamação da verdade. É um privilégio especial concedido à comunidade da aliança que o testemunho da palavra e que o convite de salvação que vem do evangelho seja preservado e apresentado no meio dela. É verdade que ao povo de Deus no Antigo Testamento foram "confiadas as próprias palavras de Deus" (Rm 3.2) e esse direito inato chegou imutável aos tempos do Novo Testamento, quando a proclamação da palavra foi confiada aos ministros do evangelho (cf. 1Tm 5.17; 2Tm 4.2; 1Pe 1.12).

(b) Ministério profético (12.11–14)

A conexão de pensamento nesse ponto não é clara, e a sugestão de Hubbard mencionada acima (p. 352) é tão viável quanto qualquer outra. Esses versículos fornecem exemplos típicos das mensagens proféticas que o SENHOR mencionou em 12.10. Certamente há nessa unidade uma mudança da fala divina direta para a apresentação profética da verdade. Porém, se essas forem verdadeiramente exemplos de fala profética, isso aumenta a dificuldade de interpretar a mensagem deles, porque ela é apresentada isolada de um contexto específico.

12.11 [Havia] iniquidade [em] Gileade?
Certamente elas se tornaram nada.
Em Gilgal eles sacrificaram bois,
até mesmo os seus altares [serão]como montes de pedras
ao lado dos sulcos no campo.

Dois nomes de lugares são mencionados para representar a nação como um todo. Para os detalhes das suas respectivas localidades, veja sobre 6.8 e 4.15. A escolha de ***Gileade*** e ***Gilgal*** foi motivada tanto pelo efeito aliterado dos seus nomes quanto pela sua amplitude geográfica. Gileade estava localizada na Transjordânia, enquanto Gilgal ficava perto do fronteira sul do reino do norte. O que era verdadeiro a respeito delas seria igualmente verdadeiro a respeito da nação como um todo.

A estrutura desse versículo tem sido analisada de diversas maneiras. A primeira cláusula pode ser uma condição, "se há fraude em Gileade" (ESV) ou uma pergunta (NASB, NIV), embora haja pouca diferença quanto ao significado entre essas traduções. Uma pergunta retórica (6.4) seria uma

forte afirmação de que a iniquidade estava em Gileade. O verbo da segunda cláusula normalmente indicaria uma ação no passado ("eles se tornaram nada"), ou poderia ser uma descrição do caráter deles no presente ("eles são inúteis"), embora possa ser também um perfeito profético, que é usado para fazer uma afirmação enfática, "eles virão a ser nada". Se considerarmos que esse versículo foi transmitido por Oseias no período final do seu ministério, Gileade já estava ocupada pelos assírios, e por isso é impróprio tomar a referência em ambas as cláusulas como sendo ao passado – ao passado mais recente.

Oseias havia anteriormente mencionado a ***iniquidade*** (*ʾāwen*, cf. 6.8) de Gileade, que envolvia a conduta assassina dos seus habitantes. À luz do restante desse versículo, esse termo pode aqui indicar idolatria (ele é usado em conexão com falsa adoração em 1Sm 15.23; Is 66.3; Zc 10.2). Adicionalmente, *ʾāwen* é empregado para efeito retórico, pois repete as consoantes de "vigor viril" (12.3) e "riqueza" (12.8). ***Certamente*** afirma a certeza da ligação entre o comportamento anterior deles e o fato de que ***eles se tornaram nada*** (*šāw*, cf. 5.11; 10.4). Esse último termo transmite a ideia de ineficácia e falsidade (*NIDOTTE* 4:53) seja em relação a um discurso falso (Êx 20.7) ou à idolatria (Sl 24.4; 31.6). Ele está ligado com "iniquidade" em Isaías 1.13 numa descrição de louvor vazio, inaceitável. Oseias insistiu com seu público para que aprendesse a lição dos acontecimentos que estavam tomando lugar nesse momento, considerando a calamidade que já havia atingido Gileade. A devastação do território na parte leste do Jordão era consequência das suas práticas religiosas adulteradas.

Oseias, então, conclama os seus ouvintes a olharem para o que ainda estava acontecendo ***em Gilgal***. Possivelmente, a segunda parte do versículo continua com outra pergunta retórica: "eles sacrificaram bois em Gileade?" De qualquer modo, essa é a descrição de um ritual pervertido, provavelmente parte da adoração sincretista que supostamente era para o SENHOR. Consequentemente a ameaça é feita: ***seus altares [serão] como montes de pedras ao lado dos sulcos no campo***. Essa descrição permite ainda um outro jogo de palavras na repetição das consoantes *gl* em Gileade, Gilgal e "montes de pedras" (*gall'm*, cf. Andersen, et al. 1980:620). Os fazendeiros ajuntavam as pedras do solo que cultivavam e as colocavam em montes na beira do campo; assim, a imagem é a de um monte de pedras inútil. Possivelmente haja aqui insinuações de destruição

quando os lugares usados para os rituais vazios recebessem o merecido destino. Mais significativo, no entanto, é o fato de que Gileade ecoa o nome *Galeed* (“monte de pedras como um testemunho”) que Jacó usou em Gênesis 31.46 e que conduz ao versículo seguinte.

12.12 E Jacó fugiu para o distrito de Arã,
e Israel trabalhou por um esposa
e por uma esposa ele guardou [carneiros].

Embora possa haver uma ligação com a história de Jacó relatada em 12.3–4, é melhor tratar a mensagem profética de 12.12–13 como uma passagem independente da anterior, muito embora desenvolva a ideia de similaridade de comportamento entre o povo e o seu ancestral para ilustrar outra lição a ser aprendida. ***Jacó*** e ***Israel*** são dois nomes para o patriarca (cf. 12.3). ***Fugiu*** indica um movimento rápido de uma localidade para outra por pressões das circunstâncias. Aqui Oseias alude a como o erro de Jacó causou-lhe uma dificuldade quando seu irmão Esaú lhe fez uma ameça de morte (Gn 27.41), e por isso Jacó teve que deixar a sua casa rapidamente. ***Distrito de Arã*** é literalmente “campo de Arã” (a área na curva oeste do Eufrates) e por isso retoma a menção aos sulcos no campo do verso anterior. A referência é ao fato de Jacó habitar com Labão, para quem ele trabalhou para pagar o dote para se casar com Raquel – e também recebendo Lia (Gn 29.15–30). Labão o colocou como responsável pelos seus rebanhos. O verbo “guardar” ou “vigiar” fornece uma ligação desse versículo com o seguinte (cf. Mays 1969:169), entre a maneira como Jacó obteve sua(s) esposa(s) e o modo como Yahweh obteve a sua (12.13).

12.13 Mas por meio de um profeta o SENHOR tirou Israel do Egito,
e por meio de um profeta ele foi guardado.

O comportamento de Jacó e o do SENHOR não constituem um paralelo perfeito. As ações de Jacó o levaram a uma vida de medo, exílio e virtual escravidão como resultado de ter enganado Esaú. A ação do SENHOR obteve exatamente o oposto – ele libertou o povo da escravidão, medo e exílio no Egito. ***Mas*** tem a função adversativa de mostrar que o que Jacó teve que fazer por si mesmo, o SENHOR fez ***por meio de um profeta***. Os profetas designados por essa frase foram presumivelmente Moisés, no primeiro verso, e Samuel, no segundo verso, que num período posterior foi usado poderosamente pelo SENHOR quando a nação estava à beira de

sucumbir diante da ameaça estrangeira (1Sm 7.13). Contudo, a exata identificação dos profetas em vista não é o elemento mais importante nesse caso, mas o fato de que o SENHOR agiu por meio deles. O uso de ***Israel*** compreende Jacó como um indivíduo e se estende para os seus descendentes. Desse modo Israel ***foi guardado***, cuidado e preservado pelo SENHOR (a mesma palavra usada no versículo anterior).

A mensagem é a de que, enquanto a confiança de Jacó na sua própria perspicácia e astúcia apenas o conduziu ao trabalho fatigante e virtual escravidão, o tratamento que o SENHOR deu ao seu povo levou à libertação e preservação. A comunidade está sendo exortada a não imitar os erros de Jacó, mas a se beneficiar da provisão do SENHOR para Israel.

12.14 Efraim provocou [com] amargura,
e ele deixará seu sangue de [culpa] sobre ele,
e a sua rejeição o seu Senhor retribuirá.

Infelizmente, Efraim foi incapaz de aprender as lições da História, seja da recente ou da mais distante. O povo desprezou o ministério profético que os advertia sobre os resultados calamitosos da sua desobediência. Não era apenas Oseias que estava desapontado com a conduta deles. O uso absoluto do verbo ***provocou*** sem um objeto direto sugere que o impacto desse ato repercutiu tanto em Oseias quanto no SENHOR. Oseias sofreu duramente por causa do seu chamado profético – e foi rejeitado. Porém, a chave para entender a resposta do SENHOR não é a atitude do povo em relação ao profeta, mas a atitude deles em relação a eles mesmos. O SENHOR havia os abençoado abundantemente – e havia sido rejeitado. Foi esse repúdio de sua autoridade e a rejeição e o que isso acarreta para o seu nome que é o aspecto primário da resposta do SENHOR. O verbo "provocou" é usado repetidamente em 1 e 2Reis para o impacto que a adoração idólatra do povo causou em Deus e a sua reação furiosa a eles (p. ex., 1Rs 14.9). ***Amargura*** (cf. Jr. 6.26; 31.15) é um acusativo modal com um plural de intensidade, que descreve o quão profundamente a conduta deles havia afetado o SENHOR.

Seu sangue de culpa;/"sangues", é uma referência ao crimes aos quais era aplicada a pena de morte, especialmente os assassinatos (cf. 1.4; 4.2; 6.8). Não há qualquer promessa de abrandamento. Não há prospecto de perdão. A nação terá de suportar a penalidade por toda a sua conduta desviada. Evitando deliberadamente o nome pessoal de Deus na aliança,

Oseias retarda o uso de ***seu Senhor*** (*ʾădōnāyw*) até o fim do versículo, onde ele funciona como o sujeito de ambos os verbos anteriores. É apenas aqui que Oseias usa o termo Adonai, mas ele claramente ressalta quem era o superior na situação. É o Soberano de Efraim que judicialmente ***deixará o sangue da sua culpa sobre ele***. Sua culpa foi demonstrada e a sentença será imposta. ***A sua rejeição*** se refere à conduta vergonhosa de Efraim e o desprezo que ele demonstrou pelo SENHOR (cf. Jr 6.10). Esse desprezo será devolvido a ele quando Efraim passar pela punição e for tratado com desprezo pelas nações (cf. Sl 79.12; Ne 3.32; Dn 11.18). ***Retribuirá*** ou "fazer voltar" estabelece a equidade do veredito divino.

REFLEXÃO

- A discussão sobre a queda de Gileade (12.11) é um exemplo de um acontecimento recente que é usado como modelo de um princípio fundamental da Escritura: a certeza da punição divina que vem sobre aqueles que desprezam as ordenanças de Deus. Os acontecimentos atuais podem também fornecer muitas ilustrações das verdades espirituais básicas, mas deve haver cuidado ao aplicá-los, porque inferências erradas podem ser prontamente feitas (cf. Lc 13.1–5).
- Os incidentes da vida de Jacó mencionados em 12.12 agem como uma advertência contra a adoração de heróis espirituais ao nos lembrar o quão infamemente ele teve que fugir da sua terra e como ele foi explorado por Labão. Assim como os judeus dos tempos de Jesus criam que seu relacionamento com Deus era verdadeiro porque podiam dizer, "Abraão é nosso Pai" (Jo 8.39), muitos creem que os seus ancestrais ou a apreciação que eles sentem pela fé demonstrada por outros constituem uma base adequada para seu relacionamento pessoal com Deus. Porém, nenhum mero indivíduo já conseguiu resolver os seus próprios problemas ou os problemas da sua geração, especialmente quando se trata de assegurar a aceitação por parte de Deus. Muito diferente é a provisão para aqueles que "pelo poder de Deus estão sendo guardados por meio da fé para uma salvação que será revelada nos últimos dias" (1Pe 1.5).

B. A CULPA DE EFRAIM (13.1–16)

Esse capítulo leva a condenação que Oseias faz da conduta de Efraim a um clímax. O *inclusion* que é formado por "ele se tornou culpado" (13.1) e "ela sofrerá pela sua culpa" (13.16), ambas formas do mesmo verbo, põe o foco firmemente na culpa da nação, primeiramente na sua origem e finalmente em suas consequências. O fato de o último capítulo terminar com a fala dirigida a Samaria, provavelmente indica que essa mensagem se originou durante a fase final do ministério de Oseias, quando tudo o que restava na terra era a capital e o encrave ao seu redor. Conquanto não haja evidência de que essas palavras tenham sido pronunciadas enquanto a cidade estava sendo sitiada, elas devem certamente ser identificadas com os anos imediatamente anteriores a quando Salmaneser "invadiu toda a terra e foi a Samaria" (2Rs 17.5).

(1) O passado, o presente e o futuro de Efraim (13.1–3)

Em três imagens sucessivas, Oseias retrata o passado, o presente e o futuro do reino do norte. Seu declínio havia se iniciado com a adoração a Baal (13.1); ele era caracterizado no presente pela crescente confiança na grosseira idolatria (13.2); e isso levaria inevitavelmente ao seu total desaparecimento (13.3).

13.1 Quando Efraim falava, [havia] tremor;
ele [foi aquele que] levantou [a sua face] em Israel,
e ele se tornou culpado por meio de Baal e morreu.

Efraim aqui se refere à tribo, muito embora nos últimos anos do ministério de Oseias o território que estava associado com essa tribo era virtualmente tudo o que havia restado do reino de Israel (cf. 2Rs 15.29). Oseias começa, no entanto, relembrando os primeiros dias quando Efraim havia desfrutado de um papel dominante no norte. Embora Josué fosse da tribo de Efraim (Nm 13.8,16; 1Cr 7.27), é improvável que o período referido aqui fosse tão antigo. Em vez disso, esse período começa na divisão do reino unido, quando outro efraimita, Jeroboão I (1Rs 11.26) liderou a revolta do sul. Consequentemente, a tribo de Efraim estava no centro da nação, tanto geograficamente quanto politicamente, e quando ele ***falava*** a reação de todos os que ouviam era de ***tremor*** (possivelmente "horror", um significado desse termo encontrado nos rolos de Qunram e também aqui na Vulgata). ***Ele [foi aquele que] levantou [a sua face] em***

Israel. Houve um tempo, particularmente durante a dinastia de Omri e Jeú, em que Efraim se tornou orgulhoso de sua autossuficiência (cf. 12.8).

Mas as questões não se restringiam à política e à economia. ***Ele se tornou culpado por meio de Baal*** (*ʾāšam*, cf. 13.16). Embora "por meio de Baal" também possa ser traduzido como "em Baal", em cujo caso ele significaria Baal-Peor (cf. 9.10), o profeta está nesse ponto considerando os acontecimentos dos séculos subsequentes. É improvável que essa referência seja apenas à religião sincretista introduzida por Jeroboão I (1Rs 12.16,26–30), embora a promoção feita pelo estado desse amálgama sem dúvida pavimentou o caminho para um declínio religioso mais profundo ao deixar o povo insensível à verdade. Os bezerros de Jeroboão representavam Deus de modo enganoso e levaram Israel a modos pagãos de pensamento. A culminância dessa degeneração ocorreu sob o reinado de Acabe, que "estabeleceu um altar para Baal na casa de Baal que ele construiu em Samaria" e também um a Aserá (cf. 4.12; 1Rs 16.32–33). Embora Elias tivesse purgado a terra do culto aberto a Baal, o dano já havia sido feito. A dinastia seguinte, fundada por Jeú, não restaurou a verdadeira adoração ao SENHOR, mas preservou os bezerros (2Rs 10.28–31) e por isso a nação se atolou num lamaçal espiritual, indo cada vez mais para longe de Deus.

Consequentemente, Oseias conclui que, em tudo isso, Efraim ***morreu***. Isso não se refere à vitalidade econômica ou militar da nação, mas à sua vida como o povo da aliança a quem o SENHOR havia concedido o papel especial de serem suas testemunhas em toda a terra. Por meio da sua persistente violação das exigências da aliança, a apostasia do povo por meio do culto a Baal os havia deixado, espiritualmente falando, como mortos-vivos (cf. Dt 30.15–20; Wijngaards 1967:238).

13.2 E agora eles pecam mais e mais,
e fazem para si mesmos uma imagem de metal,
ídolos de prata de acordo com o entendimento deles,
obra de artífice, todos eles.
Com respeito a eles, eles estão dizendo:
"Deixe que as pessoas que sacrificam beijem os bezerros".

E agora se refere à situação do norte nos dias de Oseias. A nação espiritualmente morta não compreendia as sérias implicações da sua conduta e, assim, obstinadamente se empenhava em mais iniquidade. Isso intensificou a degradação na terra e apressou a sua inevitável condenação,

pois ***eles pecam mais e mais*** (literalmente, "eles acrescentam com respeito a pecar"), particularmente no que dizia respeito à idolatria. Com frequência, isso envolvia fazer ***uma imagem de metal*** pelo derramamento de metal derretido num molde (cf. Êx 32.4,8), enquanto ídolos é um termo geral para artefatos feitos com diversos materiais (4.17; 8.4). O uso de ***prata*** pode indicar que esse metal era considerado mais valioso do que ouro nos tempos de Oseias (cf. 2.8; 8.4). Mais estava envolvido do que os bezerros de Jeroboão I; a imagem é de uma terra em que a fabricação de ídolos era comum (cf. Am 8.14).

Entendimento vai além da mera aquisição de conhecimento factual; ele se relaciona com a percepção obtida pela observação. Isso pode descrever o discernimento religioso deles, pois agiam de maneira diferente de Moisés, que havia elaborado tudo de acordo com o padrão mostrado a ele no Sinai (Êx 25.40; Hb 8.5). Em vez disso, eles se conduziam pelas suas próprias ideias sobre como deveriam adorar a Deus. Alternativamente, "entendimento" pode estar relacionado à habilidade técnica e artística que estava incorporada no que eles produziam. De qualquer modo, os ídolos eram ***obra de artífice*** (cf. 8.6) – e apenas isso. ***Todos eles***, seja individualmente ou todos juntos, eram meramente itens limitados pelos horizontes e pela imaginação humanos. Independentemente do seu custo ou beleza, esses produtos – frutos da atmosfera espiritual promovida pela elite governante e aceitos pela nação – eram apenas objetos de zombaria.

É essa zombaria que Oseias incorpora na terceira e obscura parte do versículo. A expressão inicial ***com respeito a eles*** é naturalmente uma referência aos ídolos, em vez de ser uma referência aos adoradores desses ídolos. ***Eles estão dizendo*** descreve a fala corrente das pessoas quando veneram os ídolos pagãos, ou mais provavelmente as instruções dos sacerdotes que supervisionavam as cerimônias. A frase seguinte é literalmente "aqueles que sacrificam dentre a humanidade". Conquanto isso possa ser tomado como uma oposição a "eles", os que falam, e assim caracterize os adoradores como oferecendo sacrifício humano (cf. LXX, NIV, REB, ESV), é mais provável que a expressão hebraica signifique aquelas pessoas dentre a humanidade que se envolvem em sacrifício (cf. AV, NASB). Parte da estranheza da expressão deriva provavalmente do fato de Oseias estar sobrepondo nessa apresentação os termos "humanidade/povo" (*ʾādām*) e "bezerros" para enfatizar o absurdo irracional do que estava sendo praticado. Para a adoração dos bezerros,

veja sobre 8.5–6. O sacrifício era um dos elementos mais importantes nesses ritos, que eram comuns nos altares em Israel, porém havia ainda a exigência adicional no ritual de que todo aquele que fosse sacrificar deveria ***beijar os bezerros***, um ato de adoração e devoção demonstrado aos ídolos (cf. "toda boca que não o beijou", 1Rs 19.18). A reverência a um objeto sem vida que eles mesmos trouxeram à existência era uma clara evidência da grotesca falta de sensibilidade religiosa e moral deles.

13.3 Portanto, eles serão como uma nuvem da manhã,
e como o orvalho [que] cedo desaparece,
como palha [que] é soprada da eira,
e como fumaça que sai por uma abertura.

Portanto apresenta o resultado inevitável de um caminho de tamanha insensatez e obstinação pactual. A descrição de Oseias é do futuro que espera não os ídolos, mas aqueles que os adoram. Ele emprega quatro símiles que individual e cumulativamente são um reforço habilidoso da sua mensagem de que os idólatras estão destinados a desaparecer sem deixar rastro. ***Como uma nuvem da manhã*** e ***como o orvalho que cedo desparece*** lembram a descrição do comportamento de Efraim em 6.4. Anteriormente, o povo havia sido caracterizado como aqueles cujo amor logo desaparece; agora aqui é declarado que eles mesmos irão desaparecer. Oseias não apenas repete um efeito literário agradável; há uma verdade teológica por trás dele. Amor instável leva a um destino instável. Mas nós devemos também estar alertas para o fato de que no desenvolvimento temático do profeta a imagem do orvalho ainda não está completa (cf. 14.5).

Palha que é soprada da eira é outra imagem para o que é leve e sem valor (cf. 9.1–2; Sl 1.4). "Soprada" não transmite a ideia de uma brisa leve que deixa restos de palha, mas uma ventania tempestuosa que, depois que passa, nada mais pode ser visto (cf. Sl 103.16). É um anacronismo traduzir "uma abertura" como "uma chaminé" (NKJV, NLT, REB). Essa é a referência a uma gelosia, ou a um orifício frouxamente coberto no teto de um edifício. De qualquer maneira, a ideia é a de que quando há uma forte rajada de vento, ele dispersa a ***fumaça*** de um fogo ou de lamparinas acesas dentro de um edifício. Do mesmo modo, não apenas a riqueza deles, mas o próprio povo irá desaparecer – totalmente.

REFLEXÃO

- Quando uma pessoa ou uma nação deixam de reconhecer Deus como ele verdadeiramente é, pode haver continuação da vida física, mas não há vida espiritual. As consequências individuais e sociais dessa existência de seguir adiante nesse tipo de morte em vida leva a uma desintegração maior. "Aqueles que estão mortos nas suas transgressões e pecados" (cf. Ef 2.1) não existem numa forma moralmente neutra, assegurando para si mesmos o futuro que quiserem. Pelo contrário, eles estão "seguindo o curso desse mundo, seguindo o príncipe da potestade do ar, do espírito que está agora agindo nos filhos da desobediência" (Ef 2.2). A menos que Deus, em sua graça, intervenha para evitar a derrocada, essa morte em vida levará inexoravelmente à morte eterna sob a maldição do Deus ofendido.

(2) Juízo selvagem (13.4–8)

A fala divina que inicia aqui vai até 13.14. Inicialmente, ela envolve um contraste entre o caráter e o comprometimento do SENHOR (13.4–5) e a ingratidão e o esquecimento arrogantes por parte dos seus parceiros na aliança (13.6). Embora a provisão para eles tenha sido liberal e abundante, a negação incompreensível da bondade do SENHOR leva à uma reafirmação do juízo do qual o SENHOR os deveria ter salvado em vez de se voltar contra aqueles que persistentemente o rejeitaram. A imagem de ser estropiado por vários animais selvagens (13.7–8) é a de um ataque furioso e irrestrito, o que permite o epiteto de "selvagem".

A reação divina à intransigência de Israel nos relembra que Deus não pode ser escarnecido, e que nenhuma nação, civilização, igreja ou pessoa pode negá-lo e permanecer impune. Naturalmente recuamos da realidade do juízo divino que está claramente presente aqui, porque sabemos que nós igualmente somos pecadores e erramos. Porém, esses inescapáveis fatos são colocados diante de nós para tornar claro a urgência com que devemos buscar o único caminho que o SENHOR forneceu para escapar da sua condenação, que é seu veredito de justificação total quanto a nós e ao nosso comportamento.

13.4 Mas eu [sou] o SENHOR, seu Deus,
desde a terra do Egito,

e deuses além de mim vocês não devem conhecer,
e não há salvador exceto eu.

As palavras pelas quais o SENHOR declara quem ele é em 12.9 são ampliadas aqui, mas com o mesmo propósito – a realidade do SENHOR e do seu poder sobre a insensatez do povo que o rejeita e está enfeitiçado pelos seus substitutos pagãos. ***Eu [sou] o SENHOR, seu Deus*** é uma forma abreviada do prólogo pactual encontrado em Êxodo 20.1, que afirma a sua dignidade e o seu direito sobre eles como o seu Redentor. Pode ser que as palavras "que os tirou da terra do Egito, da casa da escravidão" sejam abreviadas aqui na expressão ***da terra do Egito***, ou que, o que é mais provável, essas palavras apontem para a perpetuação do relacionamento desde aquele tempo (cf. 12.9), enfatizando para o povo que o SENHOR, de sua parte, havia continuado a estender sua bondade pactual ao longo de todos esses anos.

Contudo, diferente da passagem anterior (12.9), nesse caso há o acréscimo de um lembrete das obrigações de Israel por uma referência ao primeiro mandamento: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20.3). Tem sido argumentado, com certa plausibilidade, que a insistência de Oseias de que o SENHOR é o Deus do êxodo (cf. 11.1–3) pode não ser simplesmente a reafirmação da base fundamental pactual da fé genuína de Israel; ela pode também indicar essa fé como um corretivo para a teologia distorcida perpetuada no sincretismo do culto oficial no norte (cf. Chalmers 2006). O bezerro de Betel não era algum adorno inocente ou neutro de um santuário que, como eles poderiam clamar, permanecia na realidade dedicado ao SENHOR. Ele era uma reintrodução altamente insidiosa e subversiva da ideologia cananeia. Afinal de contas, foi Arão que, quando apresentou o bezerro de ouro aos israelitas no pé do monte Sinai, disse: "Estes [são] seus deuses, ó Israel, que os tiraram da terra do Egito" (Êx 32.4,8), e os mesmos termos foram deliberadamente usados por Jeroboão I quando ele inaugurou a religião estatal no reino do norte: "Vejam seus deuses, ó Israel, que o tiraram da terra do Egito" (1Rs 14.28).

Oseias, então, não está simplesmente repetindo o que havia sido esquecido, mas está opondo-se a uma falsa teologia promovida pela tentativa de adorar a Deus por meio de ídolos. Isso inculcou uma concepção adulterada do SENHOR e uma percepção corrompida de Israel quanto ao vínculo exclusivo que deveria haver entre eles e o SENHOR, que os havia resgatado do Egito, carregado-os nas asas de águias e levando-os

para si mesmo (Êx 19.4). O uso do termo ***conhecer*** (em vez de "ter" como em Êx 20.3) enfatiza que eles deveriam não apenas reconhecer por meio de palavra e ação as reivindicações soberanas do SENHOR, mas que também deveria haver um relacionamento íntimo e fiel entre o povo e o seu Rei (cf. 2.20; 4.1,6; 6.6). Israel alegava que eles ainda viviam debaixo dos termos do vínculo a que eles haviam se comprometido (5.5; 6.3; 8.2), mas o SENHOR rejeitou essa alegação por ser falsa. A evidência do culto idólatra deles substancia a sua acusação.

As implicações redentoras do relacionamento da aliança são ainda mais enfatizadas na frase ***não há salvador exceto eu***. A raiz de "salvar" tem o sentido de libertação de um perigo ou ameaça de qualquer natureza (cf. 1.7). É aplicada ao SENHOR como aquele que age em favor do seu povo quando eles se veem em circunstâncias calamitosas – e o que poderia ser mais calamitoso do que os perigos que estavam ameaçando a nação? A ênfase está no fato de Deus ser o único que poderia reverter as circunstâncias em que eles se encontravam. Seria, portanto, insensatez recusar a ajuda singular dele e substituí-la pela confiança em outros deuses ou nas alianças humanas, confiando, assim, num parceiro que poderia renegar as promessas que havia feito ou descobrir que era incapaz de cumprir a sua parte.

13.5 Eu [sou aquele que] o conheceu no deserto,
numa terra de extrema seca.

O enfático ***eu*** no início do versículo marca não apenas o envolvimento pessoal do SENHOR no que ocorreu depois do êxodo do Egito, mas também a iniciativa que ele demonstrou ao longo de todo esse período. O pronome traduzido como ***o*** é singular e vê o povo de Deus coletivamente quando o SENHOR fala com eles nessa carinhosa reminiscência. Há um jogo de palavras aqui com o verbo "conhecer" do versículo anterior, contrastando a conduta do SENHOR com a falta de resposta do povo. ***Conheceu*** ressalta não apenas a sua iniciativa de estabelecer a aliança (cf. Am 3.2), mas também o seu reconhecimento de um relacionamento contínuo evidenciado na abundante provisão das necessidades deles. ***Deserto*** (cf. 9.10) e ***terra de extrema seca*** (literalmente, "secas", um plural de intensidade) mostra o apoio que foi dado a eles quando estavam enfrentando circunstâncias adversas. A abundância da provisão material não poderia ser explicada como tendo surgido de causas naturais; ela havia

sido soberanamente concedida pelo SENHOR em sua graça. O resultado deveria ser uma irrestrita gratidão por parte do povo.

> 13.6 De acordo com as suas pastagens eles se fartaram;
> eles se fartaram e o coração deles se exaltou.
> Por causa disso, eles me esqueceram.

Havia, no entanto, um nítido contraste entre a generosa provisão de Deus e a resposta do povo. Aqueles que foram tirados da terra do Egito (13.4) e preservados durante a extrema seca da terra (13.5), foram levados para um "lugar de abundância" (Sl 66.12). ***De acordo com as suas pastagens*** focaliza os recursos que Deus lhes havia dado. "Pastagem" era uma terra de pasto para os rebanhos deles e, por sinédoque (a parte pelo todo), aponta para toda a generosidade de Deus para com eles. Na verdade, a imagem pode ser ainda mais ampla com o SENHOR como um divino pastor dispensando cuidado prodigamente ao povo como seu rebanho ("quando eles pastavam", ESV).[16] O SENHOR havia suprido de modo tão abundante as necessidades deles que ***eles se fartaram***. Em termos de prosperidade material, não lhes faltava nada, mas isso não levou a um bem-estar espiritual. A repetição do pensamento de ***eles se fartaram*** ressalta o quão completa havia sido essa provisão que há um contraste nítido com a reação ingrata do povo, pois ***o coração deles se exaltou***. Essa expressão é diferente de "elevando o coração/alma" em louvor ou dependência (como em Sl 25.1; Lm 3.41). Em vez disso, a realidade era que os pensamentos e as emoções deles se tornaram carecterizadas pela arrogância. O verbo está ligado ao de 11.7, e também ocorre na advertência de Deuteronômio de que o coração deles não deveria se exaltar para que eles não se tornassem negligentes (Dt 8.14; cf. Dt 17.20; Sl 131.1). Porém, essa advertência não foi levada a sério e, assim, ***por causa disso*** (cf. 4.3) aponta para as consequências que resultaram da autoestima complacente deles: ***eles me esqueceram*** (cf. 2.13; 8.14).

> 13.7 Então eu me tornei para eles como um leão;
> como um leopardo ao lado do caminho, estou de tocaia.

A conjunção "e" é traduzida como ***então*** porque o que se segue é o resultado do caminho de insensatez no qual o povo havia andado. O Pastor desprezado e esquecido havia se transformado numa ameaça devastadora para as ovelhas. ***Eu me tornei*** indica que povo já havia vivenciado a

punição do SENHOR em parte, mas ainda mais os aguardava. A ferocidade do juízo divino sobre a conduta ingrata e rebelde deles é expressa pelo uso de quatro comparações com animais selvagens. ***Como um leão*** lembra a descrição que o SENHOR faz de si mesmo em 5.14. "Leão" é uma de uma série de palavras hebraicas para esse animal, e essa referência é quase certa – um leão macho que acaba de atingir a idade adulta e que portanto é capaz de um ataque impiedoso e selvagem. Para o ataque de animais como uma maldição da aliança veja *Introdução* p. 32.

Há ainda um outro aspecto do juízo divino que virá sobre o povo, uma vez que o SENHOR se compara a ***um leopardo ao lado do caminho***. Essa comparação enfatiza a natureza repentina e inesperada do ataque (cf. "mais rápidos do que leopardos", Hb 1.8). ***Estou de tocaia*** é a tradução de um verbo que enfatiza prestar atenção cuidadosamente. Quando esse juízo sobre o povo for revertido, a mesma palavra é usada para o cuidado do SENHOR em 14.8, mas aqui ela descreve a espreita de um predador esperando pelo momento exato de saltar de sua emboscada. O verbo *ʾāšûr*, "estou de tocaia", tem o som e a forma muito próxima do substantivo hebraico para Assíria, *ʾaššûr*. De fato, as primeiras versões em grego, siríaco e latim leem "Assíria" aqui, mas é improvável que esse seja o original. Sem dúvida, no entanto, a implicação ficou clara para os contemporâneos de Oseias: o SENHOR estava aguardando o momento certo para enviar a Assíria contra eles mais uma vez.

13.8 Eu os atacarei como uma ursa roubada [de seus filhotes],
e vou rasgar o envoltório do coração deles,
e vou devorá-los ali como um leão;
animais selvagens os despedaçarão.

Eu os atacarei retrata uma situação de confronto contra um forte oponente, ***uma ursa [roubada de seus filhotes]***. O adjetivo "roubada" vem de uma raiz encontrada anteriormente (9.12,14). Não há qualquer indicação da forma precisa da calamidade que havia levado à perda ou morte prematura dos filhotes. É provavelmente uma extrapolação ver os filhotes como uma referência às futuras gerações de israelitas de cujo amor e lealdade o SENHOR foi privado. O fato essencial é que a ursa está num estado de fúria e prestes a despedaçar qualquer um. De fato, a analogia em Amós 5.19, onde o encontro com um urso intensifica a ameaça de um encontro com um leão, provavelmente reflita a imprevisibilidade de um

urso enraivecido (cf. 2Sm 17.8; Pv 17.12). ***Vou rasgar o envoltório do coração deles***. O SENHOR compara a ação que ele tomará com a ferocidade do animal que foi afetado pela perda. Assim, o SENHOR atacará a nação, não apenas para mutilar, mas para infligir ferimento mortal. A menção ao coração indica que a punição condiz com a ofensa daqueles que altivamente exaltaram o coração (13.6).

A selvageria da cena é intensificada pelo uso de outro termo para ***um leão***, que transmite a ideia de um animal "que ruge". A presa foi capturada e o animal a está devorando ("comendo" cf. 2.12) ***ali***, presumivelmente no lugar onde a morte ocorreu, sem se importar em levá-la para a sua toca. Do mesmo modo, o SENHOR agirá exterminando completamente o povo. Isso é enfatizado pela cláusula final: ***animais selvagens os despedaçarão***. Isso pode se referir a animais que se alimentam de carcaça, ou pode ser um resumo da descrição desses dois versículos.

REFLEXÃO

- Quando o SENHOR nos "conhece" por meio da sua soberana eleição, então até mesmo o deserto é transformado pelo seu cuidado providencial. "Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês, que os tirou da terra do Egito. Abram bem a boca e eu as encherei" (Sl 81.10).
- A prosperidade material empurra o desejo espiritual para o segundo plano. Quando comemos e nos fartamos, então o esquecimento se torna um perigo real (cf. Dt 8.11–20). A solução para esse mal-estar espiritual deve ser encontrada numa cuidadosa lembrança de quem o próprio SENHOR é e de tudo o que ele fez. "Bendiga ao SENHOR, ó minha alma, e não se esqueça de nenhum dos seus benefícios" (Sl 103.2). A amplitude da benevolência divina é agora supremamente vista na oferta de si mesmo do Filho, e é com esse conhecimento da nossa propensão a esquecer que ele institui a Ceia do Senhor. "Façam isso em memória de mim" (1Co 11.24). A nossa gratidão pelas misericórdias diárias nunca devem obscurecer nossa gratidão pelo maior de todos os presentes.
- A feroz violência com que o SENHOR trata o seu povo desviado faz às vezes com que nos sintamos desconfortáveis; no entanto, é um ensino importante na Escritura que "é algo terrível cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31), seja isso uma referência ao seu juízo sobre os incrédulos ou a disciplina do seu povo em erro. É significativo

que conquanto Oseias retrate a intensidade do amor de Deus, ele não recua ante a necessidade de fazer uma clara afirmação sobre o impacto da sua ira quando o justo juízo de Deus contra o pecado é revelado (cf. Rm 2.5). É apenas por meio da aceitação da provisão do amor divino para resolver o problema do nosso pecado que um ser humano pode escapar da ira de Deus. Isso requer fé em Jesus Cristo, o Filho enviado pelo Pai para ser a propiciação pelos nossos pecados (1Jo 4.10), ou seja, a oferta de si mesmo como um sacrifício afasta a ira de Deus do pecador e a coloca sobre si como o substituto dele (Rm 3.25; Hb 2.17).

(3) Instabilidade (13.9–11)

O versículo 9 pode ser entendido como um versículo de transição, uma vez que ele tanto olha para trás, para o resultado da confiança de Israel nos falsos deuses, como também antecipa a confiança deles na liderança inadequada como contribuindo para a sua queda (13.10–11). Essas duas características do comportamento nacional juntas estavam focalizadas em algo que não o próprio SENHOR, que era o único que poderia ajudá-los e defendê-los. Porém, nenhum destes substitutos – um falso deus ou um rei humano – poderia fazer o que pode vir somente do SENHOR.

Embora esses versículos censurem Israel pela sua impensada rejeição do SENHOR e pela sua confiança em outros para ajudá-los a resolver as suas dificuldades, o tom não é o de uma forte reprimenda, mas de tristeza. É triste pensar que depois de tudo o que havia sido feito por eles, o povo, na sua obstinação, persistia em agir da mesma maneira. Porém, nem mesmo as lágrimas de Cristo por Jerusalém fizeram com que a cidade abandonasse a sua insensatez (Lc 19.41–44).

13.9 Ele o arruinou, Israel,
que [você está] contra mim, contra o seu ajudador.

Esse versículo tem sido reelaborado de vários modos pelos comentaristas, mas parece ser possível interpretá-lo como ele está. O verbo ***arruinou*** (cf. 9.9; 11.9) pode se referir a vários aspectos da corrupção, destruição ou degradação, mas é significativo que ele seja usado para a aniquiladora destruição do dilúvio (cf. Gn 6.17; 9.15) e também para a destruição das cidades da planície (cf. Gn 13.10; 19.13,29). Ele, portanto,

aponta para a total devastação causada pelo juízo divino, em vez indicar o resultado da ação de alguma força impessoal.

Quem é, então, o sujeito do verbo nesse caso? "Ele" pode indicar um agente inesperado e por isso, a expressão seria equivalente a um passivo (cf. "vocês estão destruídos", NIV). Contudo, a cláusula seguinte pode ser entendida não como expressando uma razão ("Ele o arruinou porque você está contra mim"), mas como um cláusula substantiva que então fornece o sujeito para o verbo.[20] As pessoas haviam se colocado ***contra mim*** por causa da autoconfiança delas (13.4–8) como sintetizado pelos ídolos feitos pelo homem e o sistema de crenças associado a eles (13.1–2). Desse modo, ***Israel***, o povo da aliança, que deveria dar o exemplo, agiu perversamente ***contra o seu ajudador***, pois o SENHOR solenemente havia jurado ajudá-los contra os seus inimigos (cf. Dt 33.7,28,29) e a sua intervenção foi com frequência celebrada nos salmos (p. ex., Sl 33.20; 70.5; 115.9–10; 121.1–2; 124.8). Quando, por causa da desobediência deles, o SENHOR retirou a sua ajuda, então o povo ficou sem qualquer salvador (13.4) e desamparadamente exposto à ruína. No entanto, esse não precisava ser o resultado. Quando o Faraó do Egito, Sisaque, invadiu Judá logo depois da divisão do reino unificado, o povo se humilhou e em resposta ao SENHOR prometeu "eu não os castigarei, mas logo os salvarei. Minha ira não será derramada sobre Jerusalém por meio de Sisaque" (2Cr 12.7). Aqui para Jerusalém entenda-se Samaria e para Sisaque entenda-se Salmanezer, mas a principal diferença ainda é a mesma: falta de humildade diante de Deus e oposição aos seus caminhos.

13.10 Onde está o seu rei? Onde?
E [onde está aquele que] o salvaria em todas as suas cidades?
e seus juízes dos quais você disse:
"Dê-me um rei e líderes"?

O SENHOR continua com um sarcasmo em que desafia o povo quanto às consequências da sua insensatez. Já que eles o abandonaram, não haverá nenhum outro capaz de fornecer liderança em meio à agitação nos últimos anos do reino do norte. Certamente o rei deles não poderia. ***Onde está o seu rei? Onde?*** são duas perguntas retóricas (cf. 6.4) que sarcasticamente relembram o primeiro pedido de Israel por um primeiro rei: "Designe para nós um rei para que nos julgue como todas as outras nações… dê-nos um rei que nos julgue" (1Sm 8.5–6). A busca por ***aquele que o salvaria*** pode

sugerir que os assírios já tivessem capturado o rei Oseias, um fato que ocorreu três anos antes da queda da cidade (2Rs 17.4–5), ou pode simplesmente afirmar que quem quer que clamasse ser o rei deles era ineficiente. O nome de Oseias, o último rei de Israel, incorpora a raiz "salvo" e por isso é obviamente ele que está em vista aqui. Contudo, o SENHOR tinha um histórico conhecido (13.4) que mostrava que ele era o único que poderia efetivamente cumprir a promessa contida no nome do rei Oseias, isto é, "salvação".

Em todas as suas cidades aponta para o papel central que esses povoamentos fortificados desempenhavam na segurança e defesa da terra (cf. 11.6). Porém, mesmo quando o povo estivesse atrás da proteção dos muros das cidades nos quais os líderes políticos gastaram tanto para construir, eles não conseguiriam evitar a agressão assíria. Eles passariam pela experiência do cerco, um dos aspectos mais brutais nos conflitos antigos. ***Juízes*** (cf. 7.7) aponta para aqueles que tinham cargos tanto administrativos quanto judiciais na terra. ***Líderes*** (7.3) eram aqueles que serviam como conselheiros do rei. A menção desses oficiais, bem como do rei, mostra que as deficiências do governo da terra haviam sido cruelmente expostas em todos os níveis da administração, tendo em vista a crise pela qual estavam passando.

13.11 Eu continuei a dar-lhes um rei na minha ira,
e continuei a tirá[-lo]na minha indignação.

O verbos ***continuei a dar*** e ***continuei a tirar*** aparentemente olham para trás, para a sequência de acontecimentos associados com a monarquia. Essa não é a afirmação sobre um único momento de transição na monarquia, mas algo que pode ser entendido como recorrente. O padrão remonta à posse de Saul como rei em Israel a pedido do povo e apesar das advertências de Samuel (1Sm 8). O povo não estava disposto a compreender os perigos que a sua preferência por um governante humano representava para a percepção que eles tinham da soberania de Deus sobre eles. Saul provou ser um desastre, e o mesmo aconteceu com todos os reis e suas dinastias na história no reino do norte. A instabilidade do regime nos seus últimos anos era um aspecto do juízo do SENHOR sobre a nação. Para ***ira*** veja sobre 8.5 e 11.9. ***Indignação*** (cf. 5.10) se refere ao intenso desprazer do SENHOR, que foi demonstrado numa violenta reação.

REFLEXÃO

- O trágico impacto do pecado sobre a humanidade é intensificado quando aqueles que sabem da sua necessidade de ajuda resolutamente rejeitam a oferta do Único que é "socorro sempre presente na tribulação" (Sl 46.1). Mesmo a aflição mais intensa pode não conseguir erradicar nosso desejo perverso de ser independente e autônomo. O orgulho faz valer os seus direitos e não aceitará a ajuda de outro, e especialmente não daquele que teve compaixão das multidões porque elas estavam aflitas e desamparadas (Mt 9.36). Em vez de aceitarem a cura que ele fornece e se submeter ao governo dele, na nossa arrogante autossuficiência buscamos o consolo, quando não uma solução, para os nossos problemas em outros meios. Os políticos e os conselheiros seculares não podem lidar com as nossas necessidades espirituais mais profundas, "pois inútil é a ajuda do homem" (Sl 108.12). O alívio ilusório fornecido pelo álcool e pelas drogas cria uma dependência que agrava a situação. O único e verdadeiro alívio só pode ser encontrado na obra do bom pastor (Jo 10.11) que nos leva a dizer, como Paulo: "A nossa suficiência é de Deus" (2Co 3.5).

(4) Lutando contra o Sheol (13.12–14)

Nesse ponto, o texto massorético marca uma transição importante na profecia. Embora a mudança possa não merecer uma posição tão significativa, deve-se admitir que uma mudança em ênfase claramente ocorre aqui, da causa para a consequência, do retrospecto histórico para a situação no presente, da incapacidade da liderança humana e dos recursos do culto a Baal para o castigo que virá sobre Israel. Apenas de modo secundário esses versículos tratam do comportamento que levou ao veredito.

13.12 Embrulhada está a iniquidade de Efraim;
guardado está o seu pecado.

Esse versículo consiste de cinco palavras hebraicas, tendo Efraim na posição central e ladeado pela descrição da sua iniquidade. Ambos os particípios passivos ***embrulhada*** e ***guardado*** iniciam com o mesmo som agudo *ṣ*, que intensifica o sentido de algo que foi envolvido, bem como

tornando o dito memorável. É possível que esse versículo acuse Efraim de estar tão viciado na sua maldade, que ele deliberadamente tomou medidas para embrulhá-la e evitar que ela seja exposta, com o versículo seguinte declarando o veredito divino sobre esse comportamento (Hubbard 1989:220). Mais provavelmente, "embrulhada" usa a ilustração de um pergaminho que foi cuidadosamente coberto para ser protegido e firmemente amarrado para evitar que seja lido no futuro (cf. Dt 32.34). "Guardado" pode indicar a imagem de um tesouro mantido seguramente escondido, mas o que está em vista nesse caso está longe de ser um tesouro. O SENHOR tem um registro detalhado de toda ***a iniquidade de Efraim*** (cf. 7.1) e do ***seu pecado*** (cf. 12.8). É um erro supor que essas violações da aliança, que não eram nada menos do que violações à majestade do SENHOR, não haviam sido percebidas, justamente por não terem recebido nenhuma retaliação imediata. Um registro foi cuidadosamente mantido, e o pagamento a cada ofensa cometida seria requerido no tempo devido. No futuro da terra há um dia negro de acerto de contas.

13.13 As aflições de uma mulher dando à luz virão sobre ele,
ele é um filho que não é sábio,
pois [é] tempo em que ele não deveria estar inativo,
no nascimento de filhos.

Não há dúvida de que esse versículo prediz as terríveis calamidades que aguardavam Efraim, mas a imagem é desenvolvida de uma maneira incomum. Primeiramente, a situação de Efraim é comparada ao de ***uma mulher dando à luz*** (particípio feminino). ***Aflições***/"dores do parto" são normalmente usadas como uma analogia para uma agonia repentina, inescapável e dominadora associada ao castigo divino (cf. Is 13.8; Jr 13.23). Paulo usa essa mesma imagem para a repentina destruição que o dia do SENHOR trará para os complacentes, justamente quando eles pensarem que desfrutam de paz e segurança (1Ts 5.3). Essa mensagem prenuncia a invasão assíria e o cerco a Samaria.

No entanto, a segunda parte desse versículo elabora sobre o tema do parto e do nascimento, e isso sugere que pode haver mais nessa ilustração do que parece à primeira vista. Efraim não é mais comparado a uma mulher, mas se torna um ***filho*** que está no ***tempo*** de nascer. Entretanto, a criança não se coloca na posição de parto como deveria. ***Ele não deveria estar inativo*** indica que deve ter havido um atraso que deveria ter sido

evitado. Em alguns aspectos, o pensamento lembra a queixa de Ezequias quando ele lamentou a fraqueza de Judá: “os filhos chegam ao momento do parto, mas não há força para dá-los à luz” (2Rs 19.3; Is 37.3). No entanto, o problema aqui não é da falta de força da mãe, mas do fato de ele ser ***um filho que não é sábio*** (cf. 4.11,14; 7.11). Ele é incapaz de reconhecer a natureza crucial do momento e agir de maneira apropriada. Desejando que seja deixado sossegado desfrutando do que teve no passado, ele não toma a decisão certa quanto à sua conduta e bem-estar, e assim o seu futuro está em jogo. A cena é a de uma vida se esvaindo (cf. Moughtin-Mumby 2008:51), mas a metáfora não é plenamente desenvolvida. Não sabemos se a mãe morre ou se o filho nasce morto. Por isso, essas referências a dar à luz podem deixar aberta a possibilidade de que em algum lugar no fundo do cenário há o potencial para uma nova vida vir à existência. Não é sugerido que o povo necessariamente queira isso, mas que o SENHOR soberanamente pode fazer isso. A forma que essa nova vida tem ou como ela será obtida não é revelado, mas o versículo seguinte talvez tenha o propósito de lançar luz sobre essa questão.

13.14 Das garras do Sheol eu os resgatarei;
da morte eu os redimirei.
Onde [estão] as tuas pragas, ó morte?
Onde [está] o seu aguilhão, ó sheol?
A compaixão será escondida dos meus olhos.

O SENHOR continua a falar, mas os intérpretes estão divididos quanto ao significado do que ele diz. Em 13.13, a nação foi levada ao ponto de nascimento, de vir à vida, mas ela ainda permanece sob a ameaça de morte por causa da sua própria incapacidade de se comprometer com a vida. Nessa afirmação altamente acusatória, Deus está dando o golpe final ou ele está oferecendo vida?

Antes de considerarmos o sentido geral desse versículo, vale a pena examinar três termos específicos que há nele. ***Resgatarei*** (*pādā*; cf. 7.13) descreve um processo em que o direito de propriedade ou controle é transferido de uma pessoa para outra por meio do pagamento apropriado. Quando uma pessoa é resgatada, presume-se que ela tenha sido anteriormente privada da sua liberdade, como por exemplo por meio de um rapto ou escravidão, e assim o resgate de pagamento causa a sua libertação.

Quando a mesma transferência é efetuada especificamente por causa das responsabilidades familiares, então o termo apropriado é ***redimirei*** (*gāʾal*, usado apenas aqui em Oseias). Trata-se do conceito de uma obrigação relacional, em vez de pagamento, o que ocorre quando o SENHOR é descrito como Redentor do seu povo que havia passado por momentos difíceis (cf. Êx 6.6; 15.13). Um redentor é aquele que é legalmente autorizado a intervir, que deve possuir recursos suficientes para cumprir as obrigações que são devidas e que está disposto a cumprir essa função (cf. Rt 4.6). Apenas o SENHOR está à altura desses requerimentos do que diz respeito à humanidade caída.

Assim como "redimir", ***Sheol*** parece ter sido um termo exclusivamente hebraico e que não faz parte do vocabulário semítico geral daquele tempo. Por causa disso, Sheol conseguia expressar uma visão específica sobre a vida após a morte que havia sido revelada a Israel naquele estágio da revelação progressiva de Deus. Diferente das elaboradas descrições míticas da vida após a morte encontradas nas religiões dos povos vizinhos, as crenças de Israel eram afirmadas com austeridade, estando restritas ao que havia sido explicitamente comunicado por Deus. Muito teria de aguardar a ressurreição de Cristo, que forneceria uma estrutura mais plena para o entendimento do que estava envolvido. No entanto, apesar de um posicionamento contrário quase unânime dos estudiosos, Israel aceitava pela fé que depois da morte o crente iria estar com Deus (cf. Sl 49.15; 73.23–26). O termo "Sheol" é hoje normalmente transliterado em vez de traduzido, embora "sepultura", como usado na NIV, seja de modo geral um entendimento adequado.[24]

Retornando à consideração do versículo como um todo, é evidente que há três estilos de tradução para seus quatro primeiros versos. (1) Eles podem ser traduzidos como quatro afirmações (AV, NKJV). Isso envolve considerar *ʾĕh'*, no início dos versos 3 e 4, não como "onde?", mas no seu sentido mais comum de "eu serei", para que então a ideia seja "eu serei as suas pragas, ó morte! Eu serei o seu aguilhão, ó Sheol!" No entanto, o sentido interrogativo de *ʾĕh'* foi utilizado em 13.10 e, por isso, essa tradução introduziria uma tensão desnecessária com a alusão de Paulo a essa passagem em 1Coríntios 15.55, onde ele usa dois interrogativos. Por isso, é melhor evitar essa tradução.

(2) Muitos exegetas atuais traduzem os quatro versos como perguntas (cf. RSV, NASB, REB, NLT, ESV). É aceito que os primeiros versos assumem

que Deus tem o poder para agir com compaixão mas, interpretá-los como perguntas retóricas que exigem uma resposta negativa, está suposto que ao perguntar, "Eu os resgatarei do poder do Sheol? Eu os remirei da morte?", Deus faz essas perguntas apenas para rejeitar esse curso de ação. Tratar esses dois versos como interrogativos é gramaticalmente possível porque, como já foi dito, em hebraico, as perguntas não precisam ser indicadas por um ponto de interrogação (cf. 2.2). Os dois versos seguintes, portanto, são tratados como se fossem uma convocação para que a morte e o Sheol venham e imponham todo o mal que puderem a Israel. Algumas traduções chegam a abandonar a forma interrogativa em favor de uma afirmação de intenso desejo: "Ó, por suas pragas, ó morte! Ó, por seu aguilhão, Sheol!" (NEB, cf. GNB). A morte e o Sheol são personificados como se fossem poderes estrangeiros que operam por meio de pragas e do aguilhão para causar a morte. ***Pragas*** se refere às erupções da temida peste bubônica (cf. Lv 26.25, como uma maldição da aliança; 1Sm 5–6; Sl 91.3,6). A natureza precisa do ***aguilhão*** é menos clara. Ele pode ser um termo geral para uma praga destrutiva (cf. Dt 32.34).

É argumentado que apenas uma leitura negativa do texto como essa faz justiça ao contexto de Oseias, que trata do merecido juízo que está vindo sobre o povo. Com base nisso, o quinto verso desse versículo é traduzido como "a compaixão será escondida dos meus olhos". Conquanto o substantivo paralelo *niḥûm'm* tenha sido traduzido como "compaixões" em 11.8, a palavra aqui traduzida como "compaixão" (*nō ḥam*) ocorre apenas nessa passagem. No entanto, a raiz da qual ela deriva é bem atestada, embora com dois sentidos. Ela pode ter o sentido de uma "mudança de ideia" ou, alternativamente, de "conforto", ou "consolação" e por isso pode ser traduzida como "compaixão" (cf. ESV, HCSB, NIV, embora o verso seja tomado com o versículo seguinte). O uso que Paulo faz dessa passagem pode ser entendido como uma inversão do seu sentido. Tomando os versos interrogativamente, "Devo resgatá-los do poder da sepultura, redimi-los da morte?", Geerhardus Vos comentou: "Observem o modo magnífico com que Paulo transformou essa pergunta no seu triunfante oposto em 1Coríntios 15.55" (1975: 290).

(3) No entanto, há ainda lugar para uma terceira posição, que observa a ausência de pontos de interrogação específicos nos primeiros dois versos, e toma-os como duas afirmações, seguidas por duas perguntas. Esse entendimento da passagem é encontrada já na Septuaginta, e é encontrada

hoje na NIV, NJPS, HCSB. As afirmações são promessas de que, independentemente do que acontecesse àquela geração por causa da extensão da rebelião dela, o SENHOR novamente agiria como um redentor ao estilo do êxodo, redimindo e preservando um remanescente do povo ao resgatá-lo do pleno impacto do que estava vindo sobre Israel. As duas perguntas ***Onde [estão] as suas pragas, ó morte? Onde [está] o seu aguilhão, ó Sheol?*** podem, então, ser entendidas como a soberana rejeição da morte e do Sheol (cf. o uso de "onde?" no sarcasmo de 13.10). Eles e os seus armamentos são impotentes quando ele decide o contrário. Nesse caso, o quinto verso do versículo pode ser traduzido seguindo o outro sentido possível de *nōḥam* (cf. o uso do verbo no Sl 110.4) como ***A compaixão estará escondida dos meus olhos***, uma afirmação de que não haveria qualquer mudança na decisão divina sobre a questão. A principal objeção a essa posição é que ela faria com que 13.14 ficasse desconectado do que o precede ou do que o segue. Isso pode ser explicado pelo fato de haver em Oseias tais transições inexplicáveis, e que a mudança em 13.13 talvez não seja tão abrupta quanto normalmente afirmada. Além do mais, Oseias está levando sua profecia à conclusão com uma nota sobre a divina intervenção para salvar, e ele pode muito bem estar antecipando isso aqui.

Nos dias de Oseias a comunidade dos crentes possuía uma consciência, embora incompleta e indistinta quanto aos detalhes, da realidade da nova vida para o crente, mas em primeira instância as afirmações divinas feitas aqui não se relacionam a ***eles*** como indivíduos, mas a Efraim. A morte que está em vista é a perda da existência deles como uma nação da aliança (igreja e estado) que seria completamente eliminada da cena geopolítica tão completamente quanto 13.3 predisse. A promessa feita aqui é a de uma ressurreição coletiva e é semelhante àquela encontrada em 37.1–14 em conexão com a comunidade exilada, porque o SENHOR não havia desistido do seu plano. Da revelação do seu destino coletivo, o povo estava em condições de deduzir algo do que aconteceria no nível individual, mas apenas depois da vinda do Cristo e do cumprimento da sua obra é que seriam revelados os detalhes de como essas promessas seriam finalmente cumpridas.

REFLEXÃO

- Em primeiro lugar, a mensagem de Oseias diz respeito ao destino dos cidadãos do norte. O registro da maldade deles era evidência

conclusiva contra eles (13.12). Além do mais, quando eles foram afligidos pela imposição do castigo divino destinado a gerar uma nova vida pelo arrependimento, eles se recusaram a responder do modo como deveriam (13.13). A falta de sabedoria deles garantiu que o desastre anunciado sobre a nação não seria afastado. Porém, mesmo assim, o SENHOR olhou para além da catástrofe imediata e em sua graça jurou redimir de Israel um remanescente que verdadeiramente seria seu povo, e isso nós podemos ver um exemplo no caso de Ana, da tribo de Aser (Lc 2.36).

- Porém, ao discutir o destino das tribos do norte foi evocado um princípio que tem um significado muito mais amplo. O SENHOR não permitirá que a morte e o Sheol prevaleçam sobre os seus propósitos. O que é dito acerca dessas forças malignas se aplica a muito mais do que à preservação do remanescente de Efraim. Em 1Coríntios 15.55, Paulo alude a isso quando diz que "a morte foi engolida em vitória" (Is 25.8), para mostrar como essa profecia ainda orienta as implicações do resgate e da obra redentora de Cristo e a realidade e extensão da ressurreição. Nesse dia Deus levará ao triunfo o seu plano por meio da impotência da morte e sua extinção por meio da vitória de Cristo.
- Apesar dos erros do seu povo e da agressão pelas forças hostis, é certo que o plano do SENHOR será bem-sucedido e o será de modo irreversível. "Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Rm 11.29). Conquanto nossas deficiências possam nos desencorajar, somos chamados a confiar e esperar nele. Mesmo em face da quebra da aliança por parte daqueles que foram chamados a participar nela, o SENHOR afirma "Não violarei a minha aliança ou mudarei o que saiu dos meus lábios" (Sl 89.34).

(5) A condenação de Samaria (13.15–16)

As palavras nas quais o SENHOR é citado na terceira pessoa são um comentário profético sobre o que foi dito anteriormente. O profeta aceita a inevitabilidade do juízo iminente. Há provavelmente aqui uma contestação do baalismo na afirmação de sua incapacidade de controlar as forças da natureza quando elas são convocadas pelo SENHOR contra seu povo. Embora a adoração de Baal prometesse fertilidade, ela na verdade

levaria à fome e à morte. A conclusão encontra diversos paralelos com o que já foi dito em 11.12–12.1.

13.15 Embora ele mesmo será frutífero entre os seus irmãos,
um vento leste virá,
o vento do SENHOR vindo do deserto,
e ele secará a sua nascente
e sua fonte será secada.
Ele [é aquele que] pilhará o tesouro,
cada objeto desejável.

Há aqui mais uma vez um jogo de palavras com o nome Efraim (*ʾeprayim*, "duplamente fértil"; cf. 9.6) e o verbo ***seja frutífero*** (*yapr'*; cf. Gn 41.52). Essa metáfora, tirada da flora, se refere ao crescimento da nação, particularmente o aumento da população, que havia sido vivenciado (cf. Gn 1.28). ***Entre seus irmãos*** relembra a tradicional posição de influência desfrutada por Efraim entre as tribos do norte (cf. 13.1), em vez de indicar uma comparação com outros povos.

Mas Oseias explora mais uma vez um cenário que foi efetivamente excluído (cf. 8.7). A ideia de que a planta continuará a florescer já havia sido negada por decreto divino e mesmo que Efraim prospere, ele não evitaria o desastre. ***Um vento leste*** relembra Efraim indo atrás do leste (12.1), tentando estabelecer um tratado com a Assíria; esses esforços não evitarão a destruição dele. Isso acontecerá não apenas por causa da inerente insensatez das políticas que eles empregavam, mas por causa da intervenção do SENHOR garantindo esse resultado. ***O vento do Senhor vindo do deserto*** enfatiza o seu papel em enviar os exércitos da Assíria. ***Ele secará a sua nascente*** aponta para o efeito ressecador do vento do deserto sobre os recursos hídricos da terra. ***Sua fonte será secada*** reforça a imagem da desolação da terra pela falta de água. Por trás da imagem de um desastre natural está o impacto dos exércitos invasores, como os últimos dois versos deixam claro.

O ***ele*** enfático (um termo masculino, e não feminino que se refere ao "vento" como na HCSB) marca a transição da metáfora para a realidade. O que é ameaçado aqui não é primeiramente um desastre natural na forma de uma seca, mas a incursão inimiga. A Assíria conquistará o que restar na terra e ***pilhará o tesouro***, os recursos materiais e a riqueza acumulada, nos quais Efraim confiava, e ***cada objeto desejável*** ela saqueará.

13.16 Samaria sofrerá por sua culpa,
pois ela se rebelou contra o seu Deus.
Pela espada eles cairão:
seus jovens serão despedaçados,
e suas mulheres grávidas serão abertas ao meio.

Efraim, tendo rejeitado o SENHOR, vivenciará a plena imposição da maldição da quebra da aliança. Em particular, o impacto sobre a população é enfatizado para intensificar os horrores da invasão e da pilhagem. A menção a ***Samaria*** não é apenas um exemplo de sinédoque (a parte pelo todo), em que a capital representa toda a nação. Da década a partir de 733 a.C., ela havia virtualmente se tornado a própria nação por causa da extensão em que os assírios haviam tomado o controle do território. Por algum tempo, o encrave ao redor da cidade havia sido isentado do pleno impacto da invasão, mas não seria permitido que isso continuasse indefinidamente. ***Samaria sofrerá por sua culpa*** (*ʾašam,* cf. 4.15; 5.15; 10.2; 13.1) enfatiza que não se deve esquecer o motivo por que a cidade será engolfada por esse desastre: ***pois ela rebelou-se contra o seu Deus***. "Rebelar-se" é um termo para desafiar obstinadamente, que intencionalmente infringe as normas conhecidas de um superior (cf. Nm 20.24; Sl 107.11). O uso do verbo "sofrer pela culpa" fecha a moldura temática iniciada por "se tornou culpada" (13.1). A violação voluntária da aliança por Samaria terá consequências inescapáveis no sentido de que a sua posição de culpada será contraposta pela imposição de um castigo apropriado.

O capítulo concluiu com uma terrível aniquilação da população de Samaria pelas atrocidades da guerra. A morte pactual da nação não é um requinte constitucional; é uma sombria e absoluta catástrofe. Isso é o que acontece quando se abandona o SENHOR pelas aparentes vantagens da adoração a Baal. O que havia gerado a perspectiva de fertilidade e vida, na verdade, trouxe exatamente o oposto: desastre e morte. ***Pela espada eles cairão*** provavelmente não está indicando apenas o destino dos homens envolvidos na batalha: toda a comunidade sofrerá, sem exceção para os fracos e os vulneráveis. ***Seus jovens serão despedaçados*** (cf. 10.14). ***Suas mulheres grávidas serão abertas ao meio*** (cf. 13.8; 2Rs 8.12; Am 1.13). Assim era a guerra naquela época. Hoje a única diferença é a escala em que isso acontece. Não há nada que o norte possa fazer a não ser esperar que a sua terra seja invadida e saqueada e que a comunidade seja dizimada,

de modo que não há qualquer esperança de que reste alguém para recomeçar a vida em meio às ruinas.

REFLEXÃO

- "Culpa" (13.1,16) não deve ser entendida simplesmente como sendo a descrição da experiência subjetiva do sentimento de culpa. Na Escritura, o termo é primariamente objetivo, e a culpa existe mesmo que não seja sentida ou não haja reconhecimento. Uma pessoa culpada é aquela que incorreu legal ou moralmente em risco de ser penalizada. A punição, no entanto, não precisa ser aplicada imediatamente, mas não pode haver dúvida de que se um ofensor for denunciado e sentenciado, ele receberá a penalidade apropriada. Se a ofensa for contra Deus, então a retribuição é inevitável e por isso será necessária uma devida retribuição. A única maneira de evitar o sofrimento pessoal por uma conduta rebelde contra Deus é por meio da obra do Servo do SENHOR, que é constituído, ou que constitui a si mesmo, "uma oferta pela culpa" (Is 53.10), e assim está na posição de "fazer que muitos sejam considerados justos, pois suas iniquidades ele mesmo as carregará" por eles (Is 53.11).
- Nosso instinto é recuar diante da terrível descrição do juízo divino, como aqueles encontrados em 13.7–8,16, porém isso não diminui ou abranda o que o SENHOR disse que viria sobre aqueles que se tornam intransigentes na rejeição das suas ofertas de misericórdia. Não é possível conceber quão horrenda e apavorante será a experiência daqueles que dirão "às montanhas e às pedras: 'Caiam sobre nós para esconder-nos do rosto daquele que está assentado no trono e da ira do cordeiro, pois o grande dia da sua ira chegou e quem pode resistir?' " (Ap 6.16–17). A ira do cordeiro nos lembra que não há como fugir dessa realidade ao supor que o amor de Deus fará com que ele evite as suas próprias exigências por justiça. Essas exigências foram cumpridas pelo Cordeiro de Deus "que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29) e se a sua oferta de salvação for rejeitada, então a sua ira será aplicada. Essa terrível apresentação do juízo tem o propósito de levar os imprudentes a pensarem sobre o seu destino eterno e leva aqueles que já foram reconciliados pelo seu sangue a redobrar os seus esforços para livrar do fogo (Jd 23) aqueles que não atentam para o perigo em que estão.

C. RESTAURAÇÃO (14.1–9)

Pela última vez na sua profecia, Oseias faz a mudança de tema deixando a descrição do destino horrível que aguardava a comunidade intransigente para a maravilha da persistência divina em graça. A devastação não será o último ato nesse drama. Muito embora o povo voluntariamente tenha agido falsamente no relacionamento com o SENHOR, ele permaneceu sendo "o Deus deles" (14.1) e não desistiu completamente deles. Quando Oseias pronunciou essas palavras, ele ainda considerava a possibilidade de um arrependimento pessoal de algumas pessoas no meio daquela comunidade sitiada. A ele foi também permitido ver além dessas sinistras nuvens de tempestade que estavam sobre Samaria naquele momento, além até mesmo da destruição e da deportação que logo aconteceriam com ela. Por meio da dura disciplina da invasão e das atrocidades associadas com a implacável conquista pelos seus inimigos, o SENHOR estava criando o cenário para uma mudança de coração que levaria a um retorno geral por meio de uma submissão piedosa (14.1–3). O SENHOR assegura àqueles que se arrependem que ele responderá com grandiosa compaixão e liberalidade para com eles, e que eles desfrutarão de uma vitalidade renovada (14.4–8). O profeta conclui afirmando que aqueles que refletirem sobre isso chegarão a uma maior compreensão sobre o caráter e os propósitos de Deus (14.9).

(1) A súplica do arrependido (14.1–3)

Oseias ensina cuidadosamente a Israel como eles deveriam responder ao modo como o SENHOR estava lidando com eles para que o caminho pudesse ser aberto para que misericórdia divina fluísse. Anteriormente, eles haviam se recusado a retornar (cf. 11.5), mas, em sua providência, Deus havia moldado todos os negócios deles para que chegasse o tempo em que eles seriam levados a reconhecer o erro dos seus caminhos e o buscariam em sincera penitência e com um desejo ardente de se comprometerem com ele.

14.1 Volta, ó Israel, para o SENHOR, seu Deus,
pois você tem tropeçado na sua iniquidade.

Volta é um movimento espiritual básico que é requerido daqueles que se desviaram do caminho da aliança (cf. 3.5; 6.1; 12.6). Ele é expresso na

forma da raiz *šûb*, que ocorre cinco vezes nesse capítulo (14.1–2,4 duas vezes,7). O movimento físico básico que está por trás da metáfora espiritual é "virar-se", de modo a ficar de frente para a direção oposta. A súplica profética é um convite ao povo para confessar que eles haviam deixado o SENHOR – como pode alguém voltar se nunca partiu? – e também para que procurem refletir de modo claro que leve a uma decisão que os motive a uma ação resoluta. A escolha do destino apropriado é o elemento essencial para que uma mudança para uma nova direção seja bem-sucedida, e sobre esse destino não pode haver dúvidas. O movimento deles deve ser ***para o SENHOR, seu Deus*** (cf. 12.9; 13.4). A preposição *ʿad*, "para", transmite a ideia de "ir direto à", não meramente "na direção geral de". Trata-se de uma imagem de comunhão íntima e aceitação amorosa, que não deixa qualquer espaço para mais perambulações. Além do mais, é um tributo ao comprometimento misericordioso e perseverante do SENHOR com a aliança que ele ainda permita ser chamado "seu Deus". Portanto, o povo não foi completamente abandonado, mas é chamado de ***Israel,*** a comunidade da aliança. Embora, como a menção a Efraim em 14.8 mostra, o público inicial de Oseias fosse constituído pelas tribos do norte, ao usar o nome da aliança, o profeta indica que a sua exortação é relevante para todos aqueles que o SENHOR reconhece como estando nesse vínculo com ele.

O arrependimento do povo é necessário porque ele tem ***tropeçado*** (cf. 4.5) ***na sua iniquidade*** (cf. 7.1). A expressão usada aqui, como em 5.5, indica o juízo que eles mesmos trouxeram sobre si por meio de sua obstinada perversidade em seguir caminhos impróprios de sua própria maquinação. Não era, portanto, de admirar que nas áreas econômica, política e religiosa eles tivessem descoberto que as coisas estavam correndo mal, e que eles tivessem encontrado obstáculos que os levaram a perder o pé. Na raiz da derrocada deles estava a falta de consideração pelas normas da aliança. Por isso, agora eles devem abandonar a sua rebelião e se permitirem ser regulados e guiados pelo SENHOR.

14.2 Tomem com vocês palavras,
e voltem para o SENHOR.
Digam a ele: "Completamente perdoe a iniquidade,
e receba o bom,
e assim nós entregaremos [como] touros os nossos lábios".

Oseias deixa de tratar com a comunidade como se fosse uma única entidade e por meio do uso de três plurais imperativos insiste com cada membro do seu público (no presente e no futuro) a responder com a ação apropriada. A orientação para quando eles se aproximarem do SENHOR é ***tomem com vocês palavras***. O profeta não tem em mente o uso de palavras lisonjeiras, facilmente ditas e sem significado. Em vez disso, o que ele recomenda deve ser entendido em contraste com o mero ritual com que o povo se satisfazia anteriormente (cf. 6.6). O que ele defende aqui é uma abordagem ponderada, não impensada. A ordem "tomem" sugere que antes deve ser devidamente considerado o que eles dirão no momento solene quando eles voltarem ***para o SENHOR*** (cf. 14.1) em arrependimento. Um exemplo do que o profeta considera apropriado deve ser encontrado na parte final desse versículo e em 14.3.

Na parte inicial dessa oração-modelo, Oseias recomenda aos seus ouvintes o uso de três petições positivas. A primeiras delas começa com a palavra "toda", mas como ela é excepcionalmente colocada no começo da cláusula, antes mesmo do verbo e não antes do substantivo "iniquidade", a tradução ***completamente*** é apropriada. A ordem das palavras demonstra a necessidade de um relacionamento radicalmente reconstruído por meio da eliminação de qualquer traço de culpa e possibilidade de punição que venha da ***iniquidade*** (cf. 14.1). "Ela envolve o profundo reconhecimento, não meramente do pecado, mas da pecaminosidade" (Vos 1975:291). ***Perdoe*** emprega a expressão idiomática hebraica comum para "levantar, tirar" (cf. Êx 34.7; Mq 7.18), como se um fardo fosse retirado de sobre os seus ombros e qualquer barreira que estivesse no caminho para impedir a aceitação deles pelo Rei fosse removida por ele. Eles deveriam implorar a Deus para que ele fizesse isso, pois ele é o único que pode obter o resultado esperado.

Depois Oseias exorta o povo a implorar que o SENHOR ***receba o bom***. É incerto se "bom" é usado como um título para Deus, ou seja, "Receba[-nos], ó bom", ou se "bom" é equivalente a um advérbio que descreve a maneira com que se implora para que o SENHOR os receba, isto é, "receba[-nos] graciosamente" (cf. NKJV, NASB, NIV, NLT), ou se "bom" é uma descrição da confissão que eles estão fazendo a ele, como se dissessem: "aceite a nossa genuína e sincera confissão, porque ela é boa" (cf. NJPS, NRSV, ESV, HCSB). A fragilidade das duas primeiras possibilidades está no fato de ser necessário o acréscimo do pronome "nos", que se torna um dos

componentes principais do que é dito. Possivelmente a terceira opção deva ser a preferida. Ela incorporaria a recomendação feita em 6.6 de que a primeira coisa ao se aproximar de Deus deve ser amor fiel e o reconhecimento contrito dele, em vez de sacrifícios abundantes, mas vazios (cf. Mq 6.6–8).

Em terceiro lugar, é estabelecido como eles deveriam se comprometer a responder ao perdão e à aceitação divinos. ***Nos entregaremos*** emprega um termo que pode indicar o pagamento feito para compensar uma perda (cf. Êx 21.36; 22.3–6), ou o cumprimento de um voto por meio de uma oferta de gratidão (cf. Dt 23.21; Sl 22.25; 50.14). O ofertante reconhece que esse é um pagamento que ele é obrigado a fazer. Mas que pagamento é esse? Há duas palavras sem qualquer relação gramatical indicada entre elas: "touros" e "nossos lábios". ***Touros*** eram os animais apropriados para o sacrifício e a combinação das palavras como "touros [dos] nossos lábios" a ideia de "touros de acordo com o voto dos nossos lábios" pode ser obtida. Uma alternativa frequente é ler a expressão "touros dos nossos lábios" como "fruto dos nossos lábios", quando se reconsidera o significado de uma letra. Porém, o mais provável é que a segunda palavra esteja em aposição à primeira e tem o propósito de esclarecê-la. Eles apresentarão não sacrifícios de animais, mas sim a oferta dos seus lábios ao confessar sinceramente o SENHOR, orar a ele e louvá-lo em adoração e ação de graças (cf. Sl 51.14–17). Eles agora reconhecem que é isso o que ele verdadeiramente deseja (contrastar com 5.6).

14.3 "A Assíria não pode nos salvar;
num cavalo nós não cavalgaremos;
e não diremos mais: 'Nossos deuses',
para a obra das nossas mãos –
porque [é] somente em ti que ao órfão é demonstrada
compaixão."

A mudança de perspectiva que é encorporada nesse modelo de oração é agora apresentada por meio de três declarações negativas que o profeta propõe que o povo empregue quando repudiarem os métodos aos quais eles anteriormente haviam recorrido. Eles não mais confiarão em alianças internacionais, no poder militar ou no paganismo e na idolatria para proteção e bênçãos. Quando eles voltarem para o SENHOR como o único e verdadeiro provedor, devem admitir que a sua conduta passada era fútil e errada.

A Assíria (colocada no início para ênfase) ***não pode nos salvar*** (para "salvar" veja sobre 13.4) é mais do que uma declaração política de que a "Assíria não nos salvará". Ela representa o povo tomando consciência no que dizia respeito ao mundo político de intrigas e alianças nos quais eles anteriormente haviam colocado suas esperanças (8.9; 12.1), e percebendo que ela era incapaz de cumprir o que havia prometido. A Assíria parece ter sido um candidato improvável para uma aliança porque o seu expansionismo havia desestabilizado completamente as nações ao leste do Mediterrâneo. Mas uma maneira possível de lidar com a ameaça do agressor havia sido colaborar com ele. Porém, nesse momento eles percebem que essa postura simplesmente os havia colocado no caminho de uma morte lenta, porque a insaciável exigência assíria por tributo exauria a economia e a força militar dos seus estados-satélites. A paz e a segurança eram obtidas à custa do empobrecimento e da opressão. Assim, o povo admite a insensatez de uma libertação meramente política, e reconhece o SENHOR como o único verdadeiro salvador.

Em segundo lugar, eles assumem que ***num cavalo nós não cavalgaremos***. A importância primária do cavalo é que ele era um animal militar (cf. 1.7; Jl 2.4). Essa é a refutação da política adotada no passado de confiar nas suas próprias estratégias militares e nos seus recursos para garantir a sua segurança nacional (Os 8.14; 10.13–14). Além disso, isso pode sugerir que eles não buscarão a ajuda do Egito, que era um dos grandes competidores no mercado internacional de armas por ser um fornecedor de cavalos (cf. Dt 17.6; Is 31.1–3). Agora, em fé, eles passam a confiar em Deus, e não nos armamentos, para a sua segurança. "Alguns confiam em carruagens e outros em cavalos, mas nós confiamos no nome do SENHOR, nosso Deus" (Sl 20.7; cf. Sl 33.17–18).

Além disso, eles rejeitam o paganismo e a idolatria. ***E não diremos mais: "Nossos deuses", para a obra das nossas mãos***. Eles não negam que tivessem feitos ídolos (cf. 8.6; 13.2) e que os tivessem adorado. Nesse momento, no entanto, o SENHOR os havia levado ao reconhecimento de que a fascinação deles por tudo o que era cananeu havia impedido a plena comunhão com ele. Assim, eles admitem a total inadequação da sua conduta e, reconhecendo o dano que ela havia causado ao relacionamento deles com Deus, renunciam a ela, para que pudessem desfrutar da bênção divina uma vez mais.

Em última análise, no entanto, a base da oração deles não deve ser a sua resolução de corrigir o seu comportamento, mas, pela fé, a sua consciência do caráter do Deus ao qual eles estão se dirigindo: ***porque somente em ti que ao órfão é demonstrada compaixão***. "Ao órfão é demonstrada compaixão" ou "O órfão recebe compaixão" (HCSB) são preferíveis à tradução usual "O órfão encontra compaixão", que sugere que isso possa ser uma recompensa concedida pela atividade dele. "Órfão" define aquele que é destituído de qualquer relação familiar e, portanto, está indefeso e vulnerável e tem o seu futuro comprometido. Porém, mesmo que pessoas nessa condição sejam exploradas pelos seus compatriotas, a postura do SENHOR era totalmente diferente. Assim como o filho pródigo se conscientizou de que não era mais digno de ser chamado de filho pelo seu pai (Lc 15.19), do mesmo modo, quando Israel chegar à plena consciência do lugar a que a sua rejeição rebelde do cuidado do seu Pai os havia levado (11.1–7), eles reconhecerão que eles na verdade fizeram-se órfãos. Lo-Ruchama (1.6) percebe que apenas pela graça de Deus é que ela pode se tornar Ruchama, aquela que recebe a compaixão divina (2.1,23) e, por isso, ela se volta sem reservas para aquele que é o "ajudador dos órfãos" (Sl 10.8; cf. 27.10; 68.5).

REFLEXÃO

- Duas súplicas ecoam por todas as páginas da Escritura: "venham" (cf. Mt 11.28) e "voltem" (cf. Dt 4.30; 30.1–2; Lm 3.40; Jl 2.12; Am 4.6,8,10–11). Essa última exortação é dirigida particularmente àqueles que, embora tenham ouvido sobre a bondade do SENHOR e tenham vivenciado um pouco do seu favor, ainda assim deram suas costas a ele e vaguearam por caminhos que lhes pareciam melhores, mas que de fato levam à morte (cf. Pv 14.12). É uma das características do amor de Deus não desistir daqueles que se desviaram para longe do seu caminho, mas continuar a vê-los com compaixão e adverti-los a reconsiderarem e se arrependerem. Assim como o pai esperava ansiosamente pelo retorno do seu filho pródigo e foi alegremente ao encontro dele no caminho quando ele voltou (Lc 15.20), do mesmo modo o Pai espera pelo retorno daqueles seus filhos desviados. Assim como o pai da parábola que nem permitiu que seu filho terminasse o seu discurso preparado para vesti-lo e deixá-lo pronto para a celebração do seu retorno, do mesmo modo o

Pai mostra compaixão àqueles que o temem e reconhecem a sua própria fraqueza (cf. Sl 103.13–14).

- Um acordo com um agressor impiedoso como a Assíria poderia, no máximo, trazer um descanso temporário. O adversário não havia mudado o seu caráter ou abandonado seus objetivos, e seria viver uma utopia supor algo diferente. Do mesmo modo, o cristão ainda está envolvido numa batalha espiritual com um inimigo astuto e implacável que intenta enganar os descuidados (2Co 2.11). Ceder um espaço a Satanás e seus aliados é flertar com o desastre e se arriscar ao naufrágio da fé (1Tm 1.19). A ordem da Escritura é "levante-se contra a astúcia do maligno" (Ef 6.11) e "resista ao maligno" e, então, é prometido que "ele fugirá de vocês" (Tg 4.7). Contudo, haverá sucesso apenas se houver verdadeira submissão ao Salvador, que envia o Espírito Santo para que proporcione aos seus discípulos todos os recursos de que eles precisam.
- A compaixão de Deus para com os órfãos encontra a sua expressão suprema na promessa de Cristo: "Eu não vou deixar vocês órfãos" (Jo 14.18), sem compaixão, desprotegidos, desamparados. Ele nunca deixa ou abandona o seu rebanho, mas constantemente provê consolo e todos os recursos de que eles precisam para enfrentar e superar todos os desafios que os confrontam. "Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20).

(2) A resposta divina (14.4–8)

Nessa passagem, o SENHOR é claramente aquele que fala, que se compromete a responder com compaixão à oração de arrependimento que o povo fará (14.1–3). Ele os curará e restabelecerá ao gozo do seu amor (14.4), abundantemente provendo todas as suas necessidades (14.5–7). Em 14.8 há uma descrição final do favor do SENHOR a Efraim restaurado. Não mais escravizado à idolatria, ele assim recebe a provisão perpétua daquele que demonstra verdadeira preocupação por ele.

14.4 Eu curarei o desvio deles;
eu os amarei espontaneamente,
pois minha ira foi desviada dele.

O castigo divino foi descrito como ferir (5.12–14; 13.7–8) e por isso é apropriado que a sua reversão seja apresentada como ***eu curarei*** (cf. 5.13;

6.1; 7.1; 11.3). Além do mais, o tratamento do médico divino vai além da cura dos ferimentos físicos e das perdas sofridas na terra; ele envolve a restauração de tudo o que ao longo dos anos os gafanhotos devoraram (cf. Jl 2.25). Ele trata do problema espiritual fundamental, que era ***o desvio deles*** (cf. 11.7). Esse termo também deriva da raiz *šûb*, "voltar" (cf. 14.1), mas aqui ele descreve o fato de eles se voltarem da apostasia e da rebelião contra Deus. Ele, no entanto, lida agora com a persistente propensão deles para se desviarem (cf. 5.4; 7.2; 11.5) e todas as desgraças que isso havia trazido para eles.

Há uma reversão da sentença imposta a eles anteriormente: "Eu não mais os amarei" (9.15). Ao dizer, ***eu os amarei*** (cf. 11.1), Deus demonstra que o seu relacionamento restaurado com o seu povo não seria distante e frio, mas pessoal e cordial, plenamente restaurado e sem quaisquer reservas. Mesmo que ele os tenha punido, isso, também, havia sido uma ação de amor, que ele nunca retirou completamente (cf. 3.1; Sl 89.33). Assim, o que está em vista primariamente é um tempo em que o povo desfrutará novamente sem restrições do acesso a ele e às bênçãos que ele concede. Além do mais, a ação de Deus ocorre ***espontaneamente***. O termo pode descrever uma oferta voluntária (cf. Lv 7.16) e é usado adverbialmente para caracterizar a natureza sincera da ação de Deus. Ele não é coagido por qualquer pressão ou estímulo externo e nem seu amor é movido por qualquer valor da parte deles (nem mesmo o arrependimento). A sua origem é, como sempre foi, a insondável determinação de Deus (cf. Dt 7.7–10).

Essa mudança em relação ao seu povo ocorrerá porque ***minha ira foi desviada dele***. "Minha ira" é a resposta indignada do SENHOR à afronta da sua majestade causada pela infidelidade e desvio deles (cf. Dt 7.3–4; 29.19). O verbo "foi desviada" é mais uma vez *šûb*, a mesma raiz que é usada para indicar "voltar" em arrependimento (14.1). A ira do SENHOR não mais está "acesa contra eles" (8.5), mas, tendo cumprido o propósito da sua punição e restaurando o coração deles, ela se acalma.

14.5 Eu serei como o orvalho para Israel:
ele brotará como o lírio,
e ele fincará suas raízes como o Líbano.

A linguagem extravagante usada para retratar o relacionamento espiritual restaurado emprega metáforas retiradas da prosperidade material

e da fertilidade da terra prometida (cf. Jl 3.18; Am 9.13–14; Mq 7.14). Em ***Eu serei*** o SENHOR afirma que ele é a única fonte da reversão do destino deles. Ele não virá mais sobre eles como um leão ou um urso (13.7–8), mas ***como o orvalho*** que silenciosa e cuidadosamente fornece a hidratação necessária para a vida e para o crescimento durante a estação da seca. Anteriormente a metáfora do orvalho foi usada para ressaltar como a fidelidade de Israel era efêmera (6.4) e também para o modo como eles seriam eliminados completamente no dia do juízo (13.3). Aqui essa mesma imagem é usada para descrever a graciosa reversão, com um foco na renovação diária causada pelas constantes propriedades restauradoras do orvalho, como encontrada na bênção de Isaque a Jacó: "Que o SENHOR lhe dê o orvalho do céu" (Gn 27.28; cf. Dt 33.28). ***Para Israel***, o povo da promessa da aliança, o SENHOR trará cada influência revigorante necessária para promover a novidade de vida.

Como resultado, o povo ***brotará***, o mesmo verbo que foi usado na imagem do "brotar" do juízo como uma planta nociva em 10.4, mas aqui a imagem é usada positivamente, para indicar o desenvolvimento e a floração de uma planta (cf. Is 35.1). Mais provavelmente, a flor mencionada aqui é o ***lírio***, que cresce na Galileia e no monte Carmelo (King 1988:121) e que era conhecida pelo seu rápido crescimento e sua beleza (cf. Mt 6.28–29). Além disso, eles não vivenciarão mais a infertilidade do juízo que faz com que a raiz da planta seque (9.16). Em vez disso, ***ele fincará suas raízes***. Essa frase incomum, quase violenta, descreve o crescimento forçado, que é comparado ao crescimento das árvores no Líbano, cujas raízes penetram profundamente no solo – uma imagem de estabilidade e permanência.

Três versículos sucessivos terminam mencionando o ***Líbano***. Essa não era uma nação-estado nos tempos bíblicos, mas um termo geográfico para a região montanhosa que se estendia ao norte da região da Galileia, paralelo à costa do Mediterrâneo, por cerca de 160 quilômetros. Havia duas cadeias de montanhas, uma em frente à outra, com um longo e fértil vale entre elas. A área era conhecida pela sua fertilidade e especialmente pelas suas florestas e pela qualidade da madeira que elas produziam (cf. Sl 72.16; 92.12; Is 35.2).

14.6 Seus galhos se estenderão,
e sua beleza será como a da oliveira,
a sua fragrância como Líbano.

Três outras afirmações adicionais ampliam em termos hiperbólicos a imagem de um crescimento abundante de uma árvore que ilustra o modo como o povo restaurado prosperará, especialmente simbolizando como eles se desenvolverão espiritualmente. O termo ***galhos*** ocorre apenas seis vezes no Antigo Testamento, descrevendo um ramo (Ez 17.22), ou o segundo crescimento do tronco de uma árvore (Jó 14.7) ou as ramagens de uma videira (Sl 80.11). A imagem pode continuar sendo a do cedro de 14.5. Como as suas raízes estão firmemente fincadas no solo, novos galhos brotam e crescem. Alternativamente, ***como a da oliveira*** também pode ser tomada com o primeiro verso do versículo. De qualquer modo, a metáfora descreve nova vida surgindo abundantemente, resultando na ***beleza*** – pode até mesmo haver aqui tons reais de "majestade" – da árvore frutífera (cf. Sl 52.8; Jr 11.16). O azeite de oliva era um dos produtos mais importantes da terra (cf. 2.5,22) e a folhagem abundante da árvore também fornecia muita sombra necessária. A beleza da cena é completada pela menção da ***sua fragrância***, provavelmente uma referência às flores e aos arbustos encontrados no ***Líbano*** (cf. Ct 4.11).

14.7 Aqueles que habitam à sua sombra voltarão;
eles darão vida ao cereal.
Eles brotarão como a videira;
sua fama [será] como a do vinho do Líbano.

No primeiro verso desse versículo há um jogo de palavras entre "voltarão" (*yāšub*) e "aqueles que habitam" (*yōšᵉbê*), uma ação levando à outra. "Voltarão" é a tradução de *šûb*, "voltar-se", mas há dois modos em que esse verbo pode ser traduzido. Ele pode ser entendido como empregado na sua função auxiliar (cf. 3.5; 11.9), que indica repetição da ação de um verbo que o acompanha: "eles [isto é, o povo restaurado] irá habitar novamente debaixo da minha sombra" (cf. NIV, NRSV). Se a alteração "minha sombra" for adotada, então essa é uma predição de que a comunidade da aliança desfrutará do ambiente favorável da sombra fornecida por Deus, quando ele os protege e faz com que floresçam (cf. Sl 91.1; 121.5). E ainda a ideia do SENHOR como uma árvore que fornece sombra leva naturalmente ao pensamento de 14.8.

No entanto, dois fatores militam contra essa interpretação. "Aqueles que habitam" é uma forma no particípio, em vez de uma forma finita que o uso auxiliar de *šûb* normalmente exigiria. Além disso, nos versículos

anteriores Israel é que foi comparado a uma árvore ou a uma planta, não o SENHOR. Portanto, é preferível traduzir ***aqueles que habitam à sua sombra*** como sendo a descrição de pessoas que, pela fé, se uniram ao povo de Deus e que desfrutam da "sombra"/"proteção" fornecida pela comunidade de Israel ("sua"). Pelo fato de elas aceitarem Israel pelo que ela representa, eles também ***retornarão***. Essa seria uma referência à reorientação espiritual causada pelo arrependimento (retorno do exílio, retomando 11.11, é possível, embora menos provável) desse grupo também. Há base para argumentar que essa mensagem olha para a incorporação futura dos gentios à nova comunidade israelita.

O verbo em ***eles darão vida ao cereal*** não sugere que a comunidade restaurada viverá ou florescerá como o cereal, como muitas traduções interpretam, mas que eles dão vida a ele. Essa parece ser a imagem do povo revitalizado que revigora todos os aspectos da sua existência. ***Eles brotarão*** (cf. 14.5) ***como uma videira***, um símbolo frequente para Israel (cf. 10.1). Embora o juízo irá privar Israel das suas vinhas (2.12), na terra renovada o SENHOR garantirá uma prolífica produção delas. ***Sua fama***, a reputação pela qual ele (isto é, Israel) é lembrado (cf. 12.5), será divinamente estabelecida. Não vemos em outros lugares ***o vinho do Líbano***, mas a implicação do versículo é que houve uma vindima renovada. A comparação é um tanto incomum, mas parece ter sido retirada da símile anterior do vinho e para ecoar as referências ao Líbano no fim dos dois versículos anteriores.

14.8 Ó Efraim, o que tenho eu ainda com os ídolos?
Eu [sou aquele que] respondeu e cuidarei dele.
Eu [sou] como o cipreste perene;
em mim o seu fruto é encontrado.

A menção a ***Efraim*** muda o foco da fala divina do futuro mais distante para a situação do momento no encrave remanescente no reino do norte. O primeiro verso do versículo pode ser entendido de duas maneiras. Seguindo uma tradição judaica, Efraim pode ser tomado como aquele que pronuncia as seguintes palavras: "Efraim [dirá]: o que tenho eu mais com os ídolos?" (cf. NKJV, NJPS). Isso projeta essas palavras no futuro e as vê como um aspecto da resposta arrependida de Efraim quando eles renunciam à idolatria (cf. 14.3). No entanto, o suplemento não é insignificante e a conexão com os versos seguintes não é suave. Parece ser

preferível tomar Efraim como um vocativo e assim entender essas palavras como sendo ditas pelo SENHOR (NASB, NIV, ESV).[41]

Essa pergunta retórica (cf. 6.4) incorpora o apelo final do SENHOR à nação rebelde: ***O que tenho eu ainda com os ídolos?*** A expressão idiomática não implica que houvesse algum modo no qual o SENHOR e os ídolos (para o termo, cf. 4.17) pudessem ter estado legitimamente associados. Ela é na verdade um repúdio enfático do que ele teve que suportar pacientemente até o momento. De fato, o SENHOR declara: "Eu não terei nada mais a ver com os ídolos" (cf. HCSB); minha paciência se esgotou. Essa interpretação faz justiça à expressão "nada mais" (*ʿôd*), em vez de simplesmente traduzir como "O que tenho eu com os ídolos?" (ESV) e assim tomar essa expressão apenas como um repúdio da idolatria.

Contra a impotência dos ídolos, o SENHOR afirma: ***Eu sou aquele que respondeu***. O uso enfático de "eu" (cf. 2.8) separa o SENHOR de qualquer outra suposta deidade a quem o povo havia orado. Apenas ele poderia "responder" (que é o mesmo termo para "responder" em 2.21–22). Isso ele tem feito e continuará a fazer porque, como o Deus da aliança deles, ele havia se comprometido e jurado ***eu cuidarei dele***. Isso é uma reversão da ameaça anterior envolvendo o mesmo termo, não mais à espreita para atacar (13.7), mas de modo detalhado e altruísta cuidando de toda situação e suprindo cada necessidade deles.

O surpreendente impacto do que é dito em ***eu sou como cipreste perene*** está hoje amplamente perdido. No entanto, a comparação de Deus com uma árvore ocorre apenas aqui no Antigo Testamento, porque isso poderia prontamente ser mal entendido como dando validade aos cultos de fertilidade, em que os ciprestes perenes representavam a deusa Aserá. Embora a identificação específica da árvore mencionada aqui não seja possível (poderia também ser uma faia, um pinheiro ou um zimbro), o fato de ele ser perene é que é significativo como um símbolo de vida e vigor sem-fim. Essa ousada apropriação do simbolismo pagão afirma que o que era incorretamente buscado no perverso culto pagão aos deuses ímpios é genuinamente encontrado no próprio SENHOR.

O último verso dá a certeza da fertilidade. ***Em mim o seu fruto é encontrado***. Embora árvores perenes fossem adequadas como uma imagem de vida, elas não dão frutos e por isso a comparação precisa ser suplementada com a promessa de fecundidade. "Em mim" ecoa como um contraste com "não de mim" em 8.4 e enfatiza que o SENHOR é a

verdadeira fonte da vitalidade e prosperidade do seu povo. Isso inclui tanto a provisão que ele faz para eles e como eles usam esses dons de sua provisão para honrá-lo. Em "fruto" há ainda outra alusão em forma de trocadilho ao nome de Efraim (cf. a nota sobre 14.2): em Deus ele finalmente alcançou o seu pleno potencial de vida e bênção.

REFLEXÃO

- "Minha ira foi desviada dele" (14.4) afirma a realidade sob a qual o derramamento da bênção divina é baseada, mas ela não explica como ela será derramada. Ela não é a consequência de um capricho divino nem a consequência de uma mudança de atitude da parte do povo. Está baseada na realidade eterna do amor eletivo de Deus, que soberanamente escolhe aqueles que ele chama para serem seus e que providencia a salvação em Jesus Cristo, o justo, que "é a propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 2.2). "E isto é amor, não que nós tenhamos amado a Deus, mas que ele nos amou e enviou seu Filho para ser a propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.10). É na cruz que o espontâneo (14.4) e irrestrito amor de Deus é plenamente revelado.
- Ao confiar em Deus, Efraim produzirá tudo o que Deus deseja do seu povo. O mesmo requerimento de fecundidade ainda se aplica àqueles que confiam em Deus. "E nisso é glorificado o meu Pai: que vocês produzam muito fruto… Eu escolhi vocês e os apontei para que vocês vão e deem fruto e que o fruto de vocês seja duradouro" (Jo 15.8,16). Isso pode ser alcançado unicamente pela lembrança de "em mim" e assim buscar o fruto que o Espírito produz no coração e vida renovados (Gl 5.22–23).

(3) Conselho final (14.9)

O último versículo compartilha muitas expressões com a linguagem considerada como sendo típica da literatura de sabedoria: sábio, compreender, discernir (da mesma raiz), conhecer, caminhos, reto. No entanto, ideias semelhantes podem ser também encontradas em Deuteronômio e são na verdade parte do vocabulário geral de Israel. Por exemplo, a frequência com que a frase "andar nos caminhos do SENHOR" ocorre em Deuteronômio (Dt 8.6; 10.12; 11.22; 19.9; 26.17; 28.9; 30.16)

significa que ela não pode ser considerada como exclusivamente característica da literatura de sabedoria.

Conquanto 14.9 esteja separado do que o precede, há ainda ligações com o livro em geral. Por exemplo, a referência ao "sábio" contrasta com a insensatez demonstrada por Israel no passado (cf. 13.13 e a estupidez do povo). Assim, embora muitos tenham considerado esse pós-escrito como sendo de um relator posterior, possivelmente pós-exílio, o texto em si não fornece qualquer razão para essa avaliação. O versículo não apresenta nenhuma das características de um cólofon de um escriba, uma nota técnica conclusiva apensada com informações sobre questões como a origem ou a transmissão do texto. Ele pode ser claramente entendido como um recurso usado por Oseias para concluir suas memórias proféticas, recomendando-o à atenção dos seus leitores, no presente e no futuro, e lembrando-os das sérias consequências da reação deles à palavra que ele havia transmitido do SENHOR.

14.9 Quem for sábio, que entenda essas coisas;
[quem quer] que possui entendimento, que os conheça;
pois os caminhos do SENHOR são retos
e os justos andarão neles,
mas os rebeldes neles tropeçarão.

A exortação para que se estude essa mensagem e obtenha discernimento é semelhante à do salmo 107.43. ***Essas coisas*** são as declarações e ensinamentos contidos nessa profecia. Quando Israel obedientemente seguiu o SENHOR, eles foram caracterizados como "sábios" e "possuindo entendimento" (Dt 4.6). ***Entendimento*** (cf. 4.14) é mais do que o mero acúmulo de informação, mas significa a habilidade de compreender a implicação prática do que está sendo observado. Não é uma questão de ler ou ouvir a profecia que Oseias tem em mente, mas a compreensão da mensagem contida nela. Isso fará com que aquele que tem entendimento ***conheça***. Essa é a última menção a um dos termos-chave de Oseias. Ele também vai além do conhecimento fatual para um conhecimento interior da verdade e dependência dela, e especialmente a dependência daquele que está por trás da verdade, o próprio SENHOR da aliança (cf. 4.1).

A razão por que é importante ter uma compreensão que resulta no conhecimento empírico do SENHOR é a bênção que isso traz. ***Os caminhos do SENHOR*** define a conduta e as atitudes que ele requer do seu povo, e

elas são a única maneira de viver que pode trazer a sua proteção e aprovação. “Então, vocês devem cumprir os mandamentos do SENHOR, o Deus de vocês, andar nos caminhos dele e temê-lo” (Dt 8.6). Em outras palavras, os caminhos do Senhor são definidos pelos mandamentos da sua lei, e assim, quando a conduta de Israel estava em desacordo com a aliança, os caminhos deles (4.9; 9.8; 10.13; 12.3) se tornaram objeto da condenação divina. O SENHOR, cujos próprios procedimentos são ***retos*** (Dt 32.4), é aquele que ordena um comportamento semelhante por parte dos seus seguidores.

Como consequência disso, os mandamentos do SENHOR dividem a humanidade. ***Os justos***, aqueles cujo comportamento se conforma à norma instituída por Deus, ***andarão***, isto é, “conduzirão as suas vidas”, com sucesso, porque eles seguem o que Deus deseja e requer deles. Porém, em oposição a estes estão os ***rebeldes*** (cf. 7.13; 8.1). Na literatura de sabedoria, a antítese a “justo” é normalmente o “ímpio” (Stuart 1987:219), mas aqui o uso de “rebeldes” sugere um pano de fundo pactual. Confrontados com a ordem de andar em obediência ao SENHOR, eles rejeitam esse caminho, e por isso ***tropeçarão***. Essa referência forma um *inclusion* ao redor desse capítulo ao ecoar “tropeçou” em 14.1, bem como refletindo outras passagens anteriores (4.5; 5.5). Aqueles que obstinadamente rejeitam as ordens do seu Soberano são incapazes de negociar com sucesso a rota que se encontra diante deles na vida e, por isso, eles mesmos se condenam a serem malsucedidos.

REFLEXÃO

- Deus exige que façamos uma escolha. A Escritura coloca diante de nós os termos dessa escolha, muitas vezes descrevendo-a como uma viagem para um certo destino. Uma rota é prescrita pelo SENHOR. Nesse caminho “reto” pode haver características que são indesejáveis ou até mesmo inexplicáveis para nós. Porém, há uma garantia: esse é o caminho que “conduz à vida” (Mt 7.13).
- A única alternativa é seguir “o caminho que parece melhor ao homem”, mas somos assegurados que esse caminho termina em “morte” (Pv 14.12). Também somos advertidos de que “o caminho do tolo é reto aos seus próprios olhos, mas o homem sábio presta

atenção aos conselhos" (Pv 12.15). Aqui temos os conselhos dados por Oseias. Será que prestamos atenção a eles?[1]

[1] Mackay, J. L. (2015). *Oseias*. (C. A. B. Marra, Org., J. A. dos Santos, Trad.) (1ª edição, p. 1–394). São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã.